

As Crônicas de Arthur
volumo I

O Rei do Inverno

BERNARD CORNWELL

Autor de O Arquete e O Arqueiro



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Converted by [ePubtoPDF](#)

Verbo Ad Verbum



http://br.groups.yahoo.com/group/verbo_ad_verbum/

O Rei do Inverno é para a Judy com amor

PRIMEIRA PARTE

Uma Criança no Inverno

Estas coisas aconteceram há muito, muito tempo, numa terra chamada Grã-Bretanha. O bispo Sansum, que Deus abençoe acima de todos os santos vivos ou mortos, diz que estas memórias deviam arder no fogo do inferno com todo o resto da podridão da humanidade decadente, pois estas são as histórias dos dias que antecederam a descida das grandes trevas sobre a luz de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Estas são as histórias das terras a que chamamos *Lloegyr*, que significa Terras Perdidas, do país que outrora foi nosso, mas ao qual os nossos inimigos chamam agora Inglaterra. Estas são as histórias de Artur, o Senhor da Guerra, o Rei que Nunca Existiu, o Inimigo de Deus e, que o Cristo Vivo me perdoe, o melhor homem que jamais conheci. Como eu chorei por Artur.

Hoje faz frio. As montanhas estão cobertas de uma palidez de morte e as nuvens são negras. Deve nevar antes do cair da noite, mas Sansum vai com certeza nos recusar a bênção de uma fogueira. O frio é bom, diz o santo, para mortificar a carne. Eu já sou velho, mas Sansum, que Deus lhe dê muitos anos, é ainda mais velho e, por isso, não posso valer-me da idade para abrir a arrecadação da lenha.

Sansum vai limitar-se a dizer que o nosso sofrimento é uma oferenda a Deus que sofreu mais do que todos nós. E assim, nós, os seis Irmãos, nada podemos fazer senão passar a noite mal dormida tiritando de frio. E amanhã o poço estará gelado e o Irmão Maelgwyn terá de descer a corrente e partir o gelo com uma pedra para podermos beber.

No entanto, o frio não é o pior tormento do nosso Inverno. O pior é que os caminhos gelados vão impedir Igraine de visitar o mosteiro. Igraine é a nossa rainha, casada com o rei Brochvael. É esbelta e morena, muito nova e dona de uma energia que é como o calor do sol em um dia de Inverno.

Vem aqui rezar para que lhe seja concedida a bênção de um filho. Porém, passa mais tempo conversando comigo do que rezando a Nossa Senhora ou ao Seu abençoado Filho. Conversa comigo, porque gosta de ouvir as histórias sobre o rei Artur. No Verão passado contei-lhe tudo de que me lembrava e, quando já não me lembrava de mais nada, trouxe-me um monte de pergaminhos, um tinteiro feito de chifre e um punhado de penas de ganso para escrever.

Artur usava penas de ganso no elmo. Estas penas não são tão grandes nem tão brancas, mas ontem, ao segurar no ar o feixe de penas contra o céu de Inverno, por um glorioso momento de remorso pareceu-me ver a cara dele abaixo da pluma.

Por esse instante apenas o dragão e o urso rugiram por toda a Grã-Bretanha para aterrorizar de novo os pagãos, mas de repente espirrei e vi que nada mais segurava do que uma mão-cheia de penas cobertas de excrementos de ganso que quase nem serviam para escrever. A tinta é tão má como as penas uma mera mistura de resíduos de lamparina com resina de macieira. Os pergaminhos sempre são melhores. São feitos de peles de cordeiro deixados pelos Romanos e tempos houve em que estavam cobertos de inscrições que nenhum de nós conseguia ler, mas as aias de Igraine raspavam as peles até ficarem totalmente brancas. Diz Sansum que seria melhor utilizar tanta pele de cordeiro para fazer sapatos, mas as peles agora raspadas estão finas demais para isso e, além disso, Sansum não se atreve a ofender Igraine e assim perder a amizade do rei Brochvael.

Este mosteiro encontra-se a meio dia de viagem dos lanceiros inimigos e a nossa pequena arrecadação poderia atrair esses inimigos levando-os atravessando o rio Negro e subir as montanhas até ao vale de Dinnewrac se os guerreiros de Brochvael não tivessem ordens para nos proteger. Todavia, penso que nem sequer a amizade de Brochvael poderia convencer Sansum a aceitar a idéia do Irmão Derfel escrever as histórias dos feitos de Artur, o Inimigo de Deus e, por isso, Igraine e eu mentimos ao santo homem dizendo-lhe que estou fazendo uma tradução do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo para a língua dos Saxões. O santo homem não fala a língua inimiga, nem sequer sabe ler e, por isso, devemos conseguir enganá-lo durante o tempo necessário para esta história ser escrita. Vamos mesmo ter de enganá-lo, pois pouco depois de eu ter começado a escrever nesta mesma pele, o sagrado Sansum entrou na sala. Aproximou-se da janela, observou o céu amortalhado e esfregou as mãos esquálidas.

- Agrada-me este frio - disse ele, sabendo que a mim não agradava nada.

- Sinto-o com mais intensidade na mão que me falta respondi mansamente. - A mão que me falta é a esquerda e uso o coto do pulso para segurar o pergaminho enquanto escrevo.

- Todas as dores são lembranças abençoadas da Paixão do nosso adorador Senhor - disse o bispo, tal como eu esperava e depois encostou-se à mesa para ver o que eu tinha escrito. - Diga-me o que significam as palavras, Derfel, - pediu ele.

- Estou escrevendo a história do nascimento do Deus Menino - menti. Olhou fixamente para a pele e colocou uma unha imunda sobre o seu próprio nome. Ele consegue decifrar algumas letras e o seu nome deve ter ressaltado tão nitidamente do pergaminho como um corvo na neve. Depois resmungou como uma criança perversa e enrolou nos dedos uma madeixa do meu cabelo branco.

- Eu não estava presente no nascimento de Nosso Senhor, Derfel, e, no entanto, este é o meu nome. Está escrevendo heresia, ó meu sapo do inferno?

- Senhor - disse eu, submisso, enquanto ele mantinha a cara em cima do trabalho - comecei o Evangelho dizendo que é apenas pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo e com a permissão do Seu mais sagrado santo, Sansum - aqui percorri o seu nome com o dedo - que me é possível escrever a boa nova sobre Jesus Cristo.

Ele deu-me um puxão ao cabelo, arrancando algum, e afastou-se.

- Você é um filho de uma puta saxônia - disse ainda, - e nunca nenhum Saxão foi de confiança. Tenha cuidado, Saxão! Não me ofenda.

- Generoso Mestre - comecei, mas ele já havia saído.

Houve tempos em que ele, de joelho em terra, me beijava a espada, mas agora ele é um santo e eu sou apenas o mais miserável dos pecadores. E por sinal um pecador cheio de frio, pois lá fora o dia

está inerte, cinzento e ameaçador. A primeira nevasca não tarda a cair.

E também nevava quando a história de Artur começou. Foi há muito tempo, no último ano do reinado do Rei Supremo Uther. Segundo a forma como os Romanos calculavam o tempo, estava-se no ano 1233 depois da fundação da sua cidade, se bem que nós na Grã-Bretanha datemos normalmente os nossos anos a partir do Ano Negro, quando os Romanos acabaram com os druidas em *Ynys Mon*. Por esse cálculo a história de Artur começa no ano 420, embora Sansum, que Deus o abençoe, conte os anos da nossa era a partir da data do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, que ele acredita ter acontecido 480 Invernos antes destas coisas começarem. Mas, seja como for que se contem os anos, foi há muito tempo, há muito, muito tempo, numa terra chamada Grã-Bretanha e eu estava lá.

E foi assim que aconteceu.

Começou com um nascimento.

Numa noite gélida, quando o reino jazia branco e silencioso sob uma Lua em quarto minguante. E, no aposento, Norwenna gritou. E voltou a gritar.

Era meia-noite. O céu estava limpo, seco e estrelado. A terra estava gelada como o ferro e os rios congelados. A lua em quarto minguante era um mau presságio e sob a sua luz lúgubre as extensas terras do lado ocidental pareciam tremeluzir com um brilho mortiço e gélido. Havia três dias que não nevava, mas também não houvera degelo, por isso o mundo cobria-se todo de branco exceto onde o vento tinha libertado da neve as árvores, que agora estavam negras e emaranhadas contra a terra fustigada pelo Inverno. A respiração embaciava, mas não se agitava, pois não havia vento naquela noite clara. A terra parecia inerte, completamente sem vida, como se tivesse sido abandonada por Belenos, o Rei do Sol e

deixada a flutuar no frio eterno do vazio entre os mundos. E estava mesmo frio, um frio cortante de morte. Eram longos os pingentes de gelo suspensos dos beirais da ampla entrada de Caer Cadarn e do portão em arco por onde bem cedo naquele dia o séquito do Rei Supremo tinha passado, lutando contra a neve acumulada, para trazer a nossa princesa para aquele edifício digno de reis. Caer Cadarn era onde estava a pedra real, era o local da aclamação e por isso, insistia o Rei Supremo, era o único local onde o seu herdeiro poderia nascer.

Norwenna gritou outra vez.

Nunca vi uma criança nascendo e, se Deus quiser, nunca verei. Já vi uma égua parir e bezerros chegando a este mundo, já ouvi o choro brando de um cachorrinho e já senti os estremecimentos de um gato recém-nascido, mas nunca vi o sangue e a mucosidade que acompanha os gritos de uma mulher. E como Norwenna gritava, embora tentasse evitá-lo, pelo menos foi o que disseram as aias mais tarde. Às vezes os gritos estridentes paravam de repente e o silêncio ficava pairando por todo o forte e o Rei Supremo levantava a cabeça enorme do meio das peles e escutava atento como se estivesse em um bosque e os Saxões andassem por perto, mas fazia-o agora na esperança de que aquele súbito silêncio marcasse o momento do nascimento de um novo herdeiro para o seu reino. Ele escutava, e no silêncio que reinava naquele compartimento ouvíamos o som desagradável da respiração medonha da sua nora.

Por um momento, um momento apenas, ouviu-se o vagido e o Rei Supremo virou-se como se fosse dizer alguma coisa, mas depois os gritos recomeçaram e de novo a sua cabeça se afundou nas pesadas peles, vendo-se apenas os olhos reluzindo na gruta escura formada pela gola e pelo capuz de pêlo.

- Não devia estar aí fora na muralha, Senhor Supremo! - disse o bispo Bedwin.

Uther acenou com uma mão enluvada, como que sugerindo que Bedwin podia ir para dentro, onde ardiam as fogueiras, mas ele, Uther, o Rei Supremo, o Pendragon da Grã-Bretanha, dali não sairia. Queria estar na muralha de *Caer Cadarn* para poder espriar o olhar pela terra gelada a meia altura, onde os demônios estavam à espreita.

Mas Bedwin estava certo, o Rei Supremo não devia ter estado de sentinela contra os demônios naquela noite agreste. Apesar de Uther estar velho e doente, a segurança do reino dependia do seu corpo cansado e da sua mente lenta e triste. Seis meses antes ele era ainda um homem robusto, mas entretanto chegara a notícia da morte do seu herdeiro Mordred, o mais amado dos seus filhos e o único que sobreviviera aos que a sua mulher legítima lhe dera, fora atingido por um machado saxão e esvaíra-se em sangue por trás do monte do Cavalo Branco. Aquela morte deixara o reino sem um herdeiro e um reino sem herdeiro é um reino amaldiçoado, mas naquela noite, se os Deuses quisessem, o herdeiro de Uther nasceria da viúva de Mordred. A não ser, claro, que a criança fosse uma menina e nesse caso toda a dor teria sido em vão e o reino estaria condenado.

A cabeça enorme de Uther levantou-se de entre as peles cobertas de gelo nos lugares tocados pela respiração.

- Está sendo feito tudo o que é possível, Bedwin? - perguntou Uther.

- Tudo, Senhor Supremo, tudo - respondeu Bedwin. Era o conselheiro de maior confiança do rei e, tal como a princesa Norwenna, era cristão. Norwenna protestando por ter de sair da sua confortável casa romana perto de *Lindinis*, tinha dito aos gritos ao sogro que só iria para *Caer Cadarn* se ele promettesse manter afastadas as velhas feiticeiras dos Deuses. Ela insistira em um nascimento cristão e Uther, desesperado por um herdeiro, concordara com as suas exigências. Naquele momento os padres de Bedwin entoavam as suas preces numa câmara ao lado do

apósito onde se tinha espalhado água benta, onde uma cruz tinha sido pendurada sobre a cama onde Norwenna daria à luz e uma outra colocada por baixo do seu corpo.

- Rezamos à abençoada Virgem Maria - explicou Bedwin - que sem macular o Seu corpo sagrado com conhecimentos carnaís, se tornou a santa mãe de Cristo e...

- Chega - resmungou Uther. O Rei Supremo não era cristão e não gostava que tentassem convertê-lo, embora aceitasse que o Deus cristão tinha provavelmente tanto poder como os outros Deuses. Os acontecimentos daquela noite testavam essa tolerância até o limite.

E era por isso que eu ali estava. Eu era uma criança quase me tornando um homem, um imberbe errante encolhido devido ao gelo ao lado da cadeira do rei nas muralhas de *Caer Cadarn*. Viera de *Ynys Wydryn*, a casa de Merlim, que ficava na linha do horizonte, a norte. A minha tarefa, caso me ordenassem, era ir buscar Morgana e as suas ajudantes que esperavam numa pocilga de porcos cheia de lama no sopé da encosta do lado ocidental de *Caer Cadarn*. A princesa Norwenna podia querer a Mãe de Cristo como sua parteira, mas Uther tinha preparado os velhos Deuses para o caso daquele novo Deus falhar.

E o Deus cristão falhou mesmo. Os gritos de Norwenna diminuíram, mas as suas lamúrias tornaram-se mais desesperadas até que, finalmente, a mulher do bispo Bedwin saiu do quarto e se ajoelhou tremendo ao lado da cadeira do Rei Supremo.

Ellin disse que o bebê não queria sair e que temia que a mãe estivesse morrendo.

Uther afastou com a mão este último comentário. A mãe nada valia, só a criança importava, e isso se fosse um rapaz.

- Senhor Supremo... - começou nervosa Ellin, mas Uther já não a ouvia. Bateu-me levemente na cabeça.

- Vá, rapaz - disse ele e eu desenrosquei-me e, saindo da sua sombra, saltei para o interior do forte e corri pelo meio dos edifícios batidos pela luz pálida da Lua.

Os guardas no portão oeste viram-me passar correndo e pouco depois descia aos escorregões e trambolhões a gelada estrada de oeste. Arrastei-me pela neve, rasguei o casaco no cepo de uma árvore e caí pesadamente sobre uns espinheiros cobertos pela neve, mas não sentia nada, exceto o grande peso do destino de um reino sobre os meus ombros.

- Lady Morgana! - gritei quando me aproximava da cabana. - Lady Morgana!

Ela devia estar à espera, pois a porta da cabana abriu-se imediatamente e a máscara de ouro que lhe cobria o rosto brilhou ao luar.

- Vai - guinchou-me ela - vai!

Dei meia volta e comecei novamente a subir o monte com um bando de órfãos de Merlim à minha volta tentando trepar pela neve. Levavam potes de cozinha que batiam uns nos outros enquanto eles corriam, se bem que quando a encosta se tornou mais íngreme e traiçoeira eles foram obrigados a atirar os potes para a frente e trepar atrás deles. Morgana seguia mais devagar, ajudada pela escrava Sebile que levava todas as ervas e objetos de feitiço necessários.

- Acenda as fogueiras, Derfel! - gritou Morgana para cima.

- As fogueiras! - gritei sem fôlego enquanto atravessava a toda a pressa o portão. - Acendam as fogueiras nas muralhas! As fogueiras!

O bispo Bedwin protestou contra a chegada de Morgana, mas o Rei Supremo virou-se para o seu conselheiro com tanta cólera que o

bispo se entregou com resignação à sua velha fé. Ordenou aos padres e monges que saíssem da capela provisória e disse-lhes para levarem os tições para todas as muralhas e acenderem fogueiras com os tições e a madeira e os ramos arrancados das choupanas que se amontoavam dentro do forte do lado norte. As fogueiras crepitaram, as chamas ergueram-se na noite e a fumaça pairou suspensa no ar formando um dossel que iria confundir os espíritos do mal e afastá-los daquele lugar onde uma princesa e o seu bebê estavam quase morrendo. Nós, os mais novos, corríamos à volta das muralhas batendo com os potes, fazendo grande algazarra para os maus espíritos ficarem ainda mais desorientados.

- Gritem - ordenei às crianças de *Ynys Wydryn*, e a nós juntaram-se mais crianças das cabanas da fortaleza que ajudavam a fazer barulho. Os guardas batiam com as hastes das lanças contra os escudos e os padres amontoavam mais madeira nas piras em chamas enquanto os restantes desafiávamos aos berros os fantasmas do mal que se arrastavam pela noite para amaldiçoar o parto de Norwenna.

Morgana, Sebile, Nimue e uma garota entraram no quarto. Norwenna gritou.

Não se sabe se chorava alto em protesto contra a vinda das mulheres de Merlim ou se chorava porque aquela criança teimosa estava dilacerando o seu corpo. Ouviram-se mais gritos quando Morgana expulsou as criadas cristãs. Morgana atirou as duas cruzes para a neve e lançou um punhado de artemísia, a erva da mulher, para a fogueira. Mais tarde, Nimue me disse que punham pepitas de ferro na cama úmida para assustar os espíritos do mal que já estivessem ali e que colocavam sete pedras-d'água à volta da cabeça da mulher, que não parava de estremecer, para chamar os espíritos do bem que vinham dos Deuses.

Sebile, a escrava de Morgana, colocou um ramo de vidoeiro por cima da porta e agitou outro sobre o corpo da princesa, contorcido

pela dor. Nimue acocorou-se e urinou na soleira da porta para afastar daquele quarto as fadas malvadas, e salpicou a palha da cama de Norwenna com alguma dessa urina, como mais uma precaução contra o roubo da alma da criança no momento em que nascesse. Morgana, com a máscara de ouro brilhando à luz das chamas, afastou as mãos de Norwenna com uma sapatada para poder enfiar um feitiço feito com um âmbar raro entre os seios da princesa. A menina, uma das crianças abandonadas de Merlim, esperava aterrorizada no fundo da cama.

A fumaça das fogueiras acabadas de acender ofuscava as estrelas. Havia criaturas alertas nos bosques, perto de *Caer Cadarn*, que uivavam devido ao barulho que pairava sobre elas, enquanto Uther, o Rei Supremo levantava os olhos para a lua prestes a desaparecer e rezava para que não tivesse mandado buscar Morgana tarde demais. Morgana era filha natural de Uther, a primeira dos quatro bastardos que o Rei Supremo tinha dado a Igraine de Gwynedd. Uther preferiria sem dúvida que ali estivesse Merlim, mas ele tinha partido há muitos meses, partido para lugar nenhum, apenas ido. Por vezes parecia-nos que tinha ido embora para sempre e Morgana, que tinha aprendido tudo o que sabia com Merlim, teve de substituí-lo naquela noite fria em que nós batíamos com os potes e gritávamos até ficarmos roucos para afastar os demônios malévolos de *Caer Cadarn*. Até Uther fazia barulho, apesar do som do seu bastão a bater na beira da muralha ser muito fraco. O bispo Bedwin estava de joelhos, rezando, enquanto a sua mulher, expulsa do quarto, chorava, gemia e pedia ao Deus cristão que perdoasse as bruxas pagãs.

Mas a feitiçaria funcionou, pois a criança nasceu viva.

O grito que Norwenna deu no momento em que a criança nasceu foi pior do que qualquer dos anteriores. Foi o guincho de um animal atormentado, um lamento para fazer a noite soluçar. Mais tarde Nimue disse-me que Morgana tinha causado aquela dor introduzindo a mão no canal por onde nascem as crianças e

puxando com toda a força o bebê para este mundo. A criança saiu toda ensanguentada daquela mãe em suplício e Morgana gritou para a menina assustada que pegasse a criança enquanto Nimue cortava o cordão. Era importante que o bebê fosse segurado pela primeira vez por uma virgem, razão pela qual a menina fora levada para o quarto, mas ela estava assustada e não se aproximava da palha ensanguentada onde Norwenna respirava agora com esforço e onde a criança recém-nascida e manchada de sangue jazia como se tivesse nascido morta.

- Segure ele! - gritou Morgana, mas a menina fugiu banhada em lágrimas e, por isso, Nimue arrancou o bebê da cama e limpou-lhe a boca para ele poder apanhar a primeira golfada de ar.

Todos os presságios eram maus. A lua aureolada estava pálida e a virgem tinha fugido correndo do bebê, que nesse momento começou a chorar bem alto. Uther ouviu o barulho e eu o vi fechar os olhos e rezar aos Deuses para que aquela criança fosse um rapaz.

- Devo ir lá? - perguntou, hesitante, o bispo Bedwin.

- Vá - disse Uther com brusquidão e o bispo desceu com dificuldade a escada de madeira e, arregaçando a batina, correu pela neve já pisada até à porta do quarto.

Ali chegando, ficou-se por alguns segundos e, depois, voltou a correr para a muralha abanando os braços no ar.

- Boas notícias, Grande Senhor, boas notícias! - gritava Bedwin enquanto trepava desastradamente as escadas. - Excelentes notícias, até!

- Um rapaz! - Uther antecipou as notícias pronunciando as palavras muito devagar.

- Um rapaz! - confirmou Bedwin. - Um belo rapaz!

Eu estava anichado perto do Rei Supremo e vi lágrimas aflorarem aos seus olhos que olhavam fixamente para o céu.

- Um herdeiro - disse Uther num tom de admiração como se não ousasse acreditar que os Deuses o tinham favorecido. Limpou as lágrimas com a mão coberta por uma luva de pele. - O reino está salvo, Bedwin.

- Graças a Deus, Senhor Supremo, está salvo - concordou Bedwin.

- Um rapaz - disse Uther e, então, de repente, o seu corpo foi sacudido por uma tosse violenta, que o deixou quase sem fôlego. - Um rapaz - disse outra vez quando a respiração estava já mais regular.

Algum tempo depois chegou Morgana. Subiu a escada e prostrou o seu corpo atarracado frente ao Rei Supremo. A máscara de ouro reluzia, escondendo o horror estampado no seu rosto. Uther tocou-lhe no ombro com o bastão.

- Levante-se, Morgana - disse ele e, depois, procurou desajeitadamente por baixo da capa por um pregador de ouro para recompensá-la.

Mas Morgana não o aceitou.

- O rapaz - disse de um modo sinistro - está aleijado. Tem um pé torcido.

Vi Bedwin fazer o sinal da cruz, pois um príncipe aleijado era o pior de todos os presságios daquela gélida noite.

- É muito mau? - perguntou Uther.

- É só o pé - disse Morgana na sua voz áspera. - A perna está perfeita, Grande Senhor, mas o príncipe nunca irá correr.

Uther deu uma sonora gargalhada, das profundezas do manto de peles que o envolvia.

Norwenna e a criança vieram para a nossa casa em *Ynys Wydryn*. Foram trazidos em um carro de bois pela ponte do lado leste até o sopé do Tor e lá, do cume ventoso, eu vi a mãe doente e a criança aleijada serem tirados da cama de peles e serem levados numa padiola de tecido pelo atalho acima até à paliçada. Estava muito frio naquele dia, um frio cortante de neve que penetrava até os pulmões, gretava a pele e fazia Norwenna chorar enquanto era carregada com o seu bebê enfaixado e passava pelo portão do Tor em *Ynys Wydryn*.

E foi assim que Mordred, Príncipe Herdeiro de Dumnónia entrou no reino de Merlim.

Ynys Wydryn, apesar do seu nome que significa Ilha de Vidro, não era uma verdadeira ilha. Era mais um alto promontório que avançava sobre uma desolada enseada pantanosa e lodaçais rodeados por salgueiros onde cresciam juncos em abundância. Era um lugar rico devido aos patos, aos peixes, à argila e à pedra de cal que podiam facilmente ser apanhadas nos montes à volta do pântano com ondas, atravessado por caminhos de madeira onde alguns visitantes descuidados se afogavam quando soprava um vento forte de oeste que formava ondas altas que se espraíavam pelas extensas e verdejantes terras pantanosas. Para oeste, onde o terreno se elevava, havia pomares de maçãs e campos de trigo, e para norte, onde montes brancos orlavam os pântanos, havia rebanhos de vacas e carneiros. Toda aquela terra era boa, e no seu coração estava *Ynys Wydryn*.

E todo aquele território pertencia a Lorde Merlim. Chamava-se Avalon e tinha sido governado pelo seu pai e pelo pai do seu pai e todos os servos e escravos que se viam do cume do Tor trabalhavam para Merlim. Fora aquela terra com os seus produtos apanhados com rede ou com armadilhas na enseada com ondas ou

cultivados no solo fértil dos vales do rio que dera a Merlim a riqueza e a liberdade para ser um druida. A Grã-Bretanha já tinha sido a terra dos druidas, mas os Romanos primeiro trucidaram-nos e depois subjugaram a religião, pelo que, mesmo nesta época, depois de duas gerações sem o governo de Roma, persiste apenas uma mão-cheia dos velhos sacerdotes. Os cristãos tornaram-lhes o lugar e a Cristandade envolve agora a velha fé como uma imensa onda conduzida pelo vento espalhando-se pelos canaviais de Avalon infestados pelos demônios.

A ilha de Avalon, *Ynys Wydryn*, era composta por um grupo de montes cobertos de erva, mas todos desnudos, exceto o Tor que era o mais alto e o mais íngreme. No cume foi construída a casa de Merlim e, por trás deste, havia alguns edifícios menores protegidos por uma paliçada de madeira precariamente colocada no topo das íngremes encostas do Tor cobertas de erva, dispostos em terraços vindos já

dos Velhos Tempos, antes dos Romanos chegarem. Um caminho estreito acompanhava os velhos terraços serpenteando em direção ao cocuruto, e aqueles que visitavam o Tor em busca da cura ou de profecias eram obrigados a seguir esse caminho que servia para confundir os espíritos do mal que, de outra forma, trariam a desarmonia à fortaleza de Merlim. Havia mais dois caminhos que desciam a direito as encostas do Tor: um para leste onde a ponte levava a *Ynys Wydryn*; o outro, a oeste do portão que dava para o mar, conduzia à aldeia no sopé do Tor onde viviam pescadores, caçadores de patos, cesteiros e pastores. Eram essas as entradas habituais para o Tor e Morgana mantinha-as livres dos espíritos do mal graças a rezas e feitiçarias constantes.

Morgana dispensava uma atenção especial ao caminho de oeste, pois este levava não só à aldeia como também ao santuário cristão de *Ynys Wydryn*. O bisavô

de Merlim deixara os cristãos vir para a ilha durante os tempos romanos e nada os conseguira expulsar de lá desde então. Nós, as crianças do Tor, éramos encorajadas a atirar pedras nos monges e a lançar excrementos de animais por cima da sua cerca de madeira ou a rir dos peregrinos que passavam correndo pelo pequeno portão para venerar um espinheiro que crescera junto à impressionante igreja de pedra construída pelos Romanos e que ainda dominava o agregado cristão. Houve um ano em que Merlim mandou erguer um espinheiro idêntico no Tor e todos nós o veneramos com cânticos, danças e vênias. Os cristãos da aldeia disseram que seríamos abatidos pelo seu Deus, mas nada aconteceu. No fim queimamos o nosso espinheiro e misturamos as cinzas com a comida dos porcos, mas mesmo assim o Deus cristão nos ignorou.

Os cristãos apregoavam que o seu espinheiro era mágico e que tinha sido trazido para *Ynys Wydryn* por um estrangeiro que vira o Deus cristão pregado numa árvore. Que Deus me perdoe, mas nesses tempos já tão distantes eu escarnecia dessas histórias.

Nessa época eu não entendia o que tinha o espinheiro a ver com a morte de um Deus, mas agora entendo, embora possa afirmar que o Espinheiro Sagrado, se é que ainda existe em *Ynys Wydryn*, não é a árvore que brotou do bastão de José de Arimatéia.

Sei que é assim porque, numa noite escura de Inverno em que Merlim me mandou buscar um frasco de água limpa à nascente sagrada que ficava no sopé do Tor do lado sul, eu vi os monges cristãos enterrando um pequeno arbusto de espinheiro para substituir a árvore que tinha morrido dentro da cerca deles. O Espinheiro Sagrado estava sempre morrendo, embora eu não saiba se era por causa dos excrementos de vaca que nós lhe atirávamos ou simplesmente porque a pobre árvore ficava soterrada pelas tiras de tecido que os peregrinos lhe amarravam. De qualquer forma, os monges do Espinheiro Sagrado ficaram ricos à custa das generosas ofertas dos peregrinos.

Os monges de *Ynys Wydryn* ficaram muito satisfeitos por Norwenna ter vindo para o nosso terreiro, pois agora tinham uma razão para subir a íngreme ladeira e trazer as suas rezas para o seio da fortaleza de Merlim. Apesar do desaire da Virgem Maria em dar-lhe o filho, a princesa Norwenna era ainda uma cristã irredutível e de língua afiada e exigiu que os monges fossem autorizados a entrar todas as manhãs.

Não sei se Merlim os autorizaria, e certamente que Nimue amaldiçoou Morgana por ter dado permissão, mas Merlim não estava em *Ynys Wydryn*. Não víamos o nosso mestre há mais de um ano, mas a vida no seu estranho baluarte continuava, mesmo sem ele.

E era mesmo estranho esse baluarte. Merlim era o mais excêntrico de todos os habitantes de *Ynys Wydryn*, mas à sua volta e para seu prazer, juntou uma tribo de criaturas mutiladas, desfiguradas, retorcidas e meio dementes. O capitão deste conjunto de pessoas e comandante da sua guarda era Druidan, um anão. Não era mais alto do que uma criança de cinco anos, mas tinha a fúria de um guerreiro adulto e todos os dias se equipava com caneleiras, couraça, elmo, capa e armas. Queixava-se do destino que lhe tinha tolhido o crescimento e vingava-se nas únicas criaturas ainda menores do que ele: os órfãos que Merlim acolhia tão descuidadamente. Poucas eram as meninas de Merlim que Druidan não perseguia fanaticamente, apesar de ter levado uma grande sova quando tentou levar Nímue à força para a cama. Merlim batera-lhe na cabeça partindo-lhe as orelhas, arrebetando-lhe os lábios e deixando-o com os olhos todos pisados, enquanto as crianças e os guardas da paliçada aplaudiam. Os guardas que Druidan comandava eram todos coxos, cegos ou loucos, alguns eram até

isso tudo ao mesmo tempo, mas nenhum era louco o bastante para gostar de Druidan.

Nimue, minha amiga e companheira de infância, era irlandesa. Os Irlandeses eram Bretões, mas nunca tinham sido governados pelos Romanos e por essa razão consideravam-se melhores do que os Bretões da ilha maior que por eles tinham sido assaltados, saqueados, escravizados e colonizados. Se os Saxões não tivessem sido inimigos tão terríveis, os Irlandeses seriam considerados as piores das criaturas de Deus, embora, de vez em quando se fizessem alianças com eles contra outras tribos bretãs. Nimue tinha sido capturada e levada da família durante um ataque que Uther levava a cabo contra os grupos de colonos irlandeses fixados em Demétia, que se estendia ao longo do extenso mar e era banhada pelo rio Severn. Nesse ataque foram feitos dezesseis cativos que foram mandados como escravos para Dumnónia, mas quando os navios atravessavam o mar Severn foram atingidos por uma grande tempestade que fez naufragar em *Ynys Wair* o navio que carregava os cativos.

Apenas Nimue se salvou e dizia-se que saíra do mar sem sequer se molhar. Merlim apregoava que isso era um sinal de que Nimue era amada por Manawydan, o Deus do Mar, apesar da própria Nimue insistir que fora Don, a mais poderosa das Deusas, que lhe salvara a vida. Merlim quis chamá-la Vivien, um nome dedicado a Manawydan, mas Nimue ignorou-o e manteve o seu próprio nome. Nimue conseguia quase sempre o que pretendia. Cresceu no asilo de loucos de Merlim, dona de uma curiosidade aguçada e de uma grande autoconfiança e quando, com treze ou catorze anos, Merlim a chamou para a sua própria cama, ela foi, como se sempre tivesse sabido que o seu destino seria tornar-se amante dele e, desta forma e por esta ordem das coisas, a segunda pessoa mais importante de toda *Ynys Wydryn*.

Todavia, Morgana não abdicou deste posto sem luta. De todas as estranhas criaturas que habitavam a casa de Merlim, Morgana era a mais grotesca. Era viúva e tinha trinta anos quando se tornou protetora de Norwenna e de Mordred, e a nomeação era apropriada pois ela própria era também de alta linhagem. Era a primeira de

quatro bastardos, três meninas e um rapaz , que Igraine de Gwynedd tivera do Rei Supremo Uther. O seu irmão era Artur e com tal linhagem e tal irmão se pensaria que alguns homens ambiciosos tudo fariam para pedir a mão da viúva, embora, quando era ainda uma jovem noiva, Morgana tenha ficado presa numa casa a arder, o que lhe matou o marido e a deixou marcada por horríveis cicatrizes. A chamas consumiram-lhe a orelha esquerda, cegaram-lhe o olho esquerdo, crestaram-lhe o cabelo do lado esquerdo, mutilaram-lhe a perna esquerda e deformaram-lhe o braço esquerdo. Nimue disse-me que quando Morgana estava nua toda a parte esquerda do seu corpo aparecia enrugada, esfoliada e desfigurada, engelhada em certos lugares, esticada em outros, mas horrível toda ela. Nimue disse-me que era como uma maçã podre, mas ainda pior. Morgana era uma criatura de pesadelo, mas para Merlim era a senhora certa para a sua casa e treinou-a para ser a sua profetisa. Ordenou a um dos ourives do Rei Supremo que lhe fizesse uma máscara que lhe assentasse como um elmo na cabeça devastada. A máscara de ouro tinha um orifício para o seu único olho e uma ranhura para a boca retorcida. Era feita de ouro muito fino gravado com espirais e dragões, e, na frente, tinha uma imagem de Cernunnos, o Deus com Chifres, protetor de Merlim. Morgana, com o rosto dourado, vestia sempre de preto, usava uma luva na mão esquerda atrofiada e era muito conhecida por ter o dom da cura e da profecia.

Era também a mulher com o pior gênio que jamais conheci.

Sebile era a escrava e companheira de Morgana. Sebile era uma raridade, uma beldade de cabelos cor de ouro. Era uma saxônica capturada num ataque que, depois de uma temporada durante a qual foi violada por quase todo o exército, chegou em estado de choque a *Ynys Wydryn* onde Morgana lhe curou a mente. Mesmo assim, ela era ainda demente não uma doida perversa, apenas uma louca para além das fantasias da loucura. Deitava-se com todos os homens, não porque quisesse, mas porque receava não querer, e nada do que Morgana fizesse poderia impedi-la. Dava à

luz ano após ano, apesar de sobreviverem poucas dessas crianças de cabelo louro.

As que sobreviviam Merlim vendia-as como escravas a homens que apreciavam crianças com o cabelo cor de ouro. Ele divertia-se com Sebile, apesar de nada na sua loucura falar dos Deuses.

Eu gostava de Sebile pois também eu era saxão e Sebile falava comigo na minha língua materna e, por isso, eu cresci em *Ynys Wydryn* falando tanto o saxônico como a língua dos Bretões. Eu também devia ter sido escravo, mas quando era criança, ainda menor do que o anão Druidan, um destacamento atacou Silúria, na costa norte de Dumnónia, e levou o aglomerado onde a minha mãe estava escravizada. O rei Gundleus de Silúria comandava o ataque. A minha mãe, que eu achava parecida com Sebile, foi violada enquanto eu fui levado para o poço da morte onde Tanaburs, o druida de Silúria, estava sacrificando uma dúzia de cativos para agradecer ao Grande Deus Bei o avultado saque que tinham conseguido com aquele ataque. Meu Deus, como me lembro dessa noite. As fogueiras, os gritos, os estupros embriagados, as danças selvagens e o momento em que Tanaburs me empurrou violentamente com a sua vara afiada para dentro do poço escuro. Sobrevivi, e saí do poço da morte tão calmamente como Nimue saíra do mar assassino. Quando Merlim me encontrou disse que eu era uma criança do Deus Bei. Pôs-me o nome de Derfel, deu-me abrigo e deixou-me crescer livre.

O Tor estava cheio de crianças assim, que foram arrebatadas aos Deuses.

Merlim acreditava que éramos especiais e que devíamos crescer numa nova ordem de druidas e sacerdotisas que poderiam ajudá-lo a restabelecer a verdadeira religião numa Grã-Bretanha que sofria a influência maligna de Roma. Ele, porém, nunca tinha tempo para nos ensinar e, por isso, a maior parte de nós cresceu para se tornar agricultor, pescador ou dona de casa. Durante o tempo que passei

no Tor só Nimue parecia marcada pelos Deuses e estava tornando-se uma sacerdotisa. Eu nada mais queria senão ser um guerreiro.

Pellinore fez-me ambicionar sê-lo. Pellinore era a minha preferida de todas as criaturas de Merlim. Ele era um rei, mas os Saxões tiraram-lhe as terras e os olhos e os Deuses tiraram-lhe a razão . Devia ter sido mandado para a Ilha dos Mortos, para onde eram mandados os loucos perigosos, mas Merlim ordenou que ficasse no Tor, fechado em um pequeno compartimento parecido com aquele onde Druidan tinha os seus porcos. Andava sempre nu, com uma longa cabeleira branca que lhe chegava aos joelhos e, apesar das cavidades dos olhos estarem vazias, ele chorava. Estava sempre delirando, acusando o universo da sua desdita e Merlim escutava essa loucura e dela retirava mensagens dos Deuses. Todos temiam Pellinore. Ele era completamente doido e selvagem. Uma vez cozinhou um dos filhos de Sebile na fogueira. No entanto, por estranho que pareça e eu não perceba porquê, Pellinore gostava de mim. Eu deslizava por entre as barras do seu cárcere e ele acarinhava-me e contava-me histórias de combates e caçadas selvagens. A mim nunca me pareceu louco nem me fez mal nenhum e também nunca fez mal a Nimue, mas, tal como Merlim dizia sempre, nós dois éramos especialmente amados pelo Deus Bei.

Bei podia ter-nos amado, mas Guendoloen nos odiava. Era a mulher de Merlim e já estava velha e desdentada. Tal como Morgana, tinha muito jeito para as ervas e feitiçarias, mas Merlim rejeitara-a quando a doença lhe desfigurara o rosto.

Isso acontecera muito antes de eu chegar ao Tor, durante um período a que todos chamavam os Maus Tempos, quando Merlim voltara do Norte louco e choroso. Mas mesmo quando recuperou a sua capacidade mental não aceitou Guendoloen de volta, apesar de a ter autorizado vivendo numa pequena cabana ao lado da paliçada, onde ela passava os dias lançando feitiços contra o marido e nos insultando a todos aos gritos. Odiava Druidan acima de tudo. Às vezes atacava-o com línguas de fogo e Druidan corria ligeiro por

entre as cabanas com ela correndo atrás dele. Nós, as crianças, estávamos sempre a instigá-la, gritando e pedindo o sangue do anão, mas ele conseguia sempre fugir.

Foi, então, para este estranho lugar que Norwenna veio com o Príncipe Herdeiro Mordred, e apesar de eu ter dado a entender que era um lugar horroroso, ele era na verdade um bom refúgio. Nós éramos as crianças privilegiadas de Lorde Merlim, vivíamos livres, trabalhávamos pouco, ríamos e *Ynys Wydryn*, a Ilha de Vidro, era um lugar alegre.

Norwenna chegou no Inverno, quando os pântanos de Avalon estavam cobertos de gelo. Havia um carpinteiro em *Ynys Wydryn* chamado Gwlyddyn cuja mulher tinha um filho com a mesma idade de Mordred, que nos fez trenós e, quando descíamos as encostas nevadas do Tor, enchíamos o ar de gritos estridentes. Ralla, a mulher de Gwlyddyn, foi nomeada ama de leite de Mordred e o príncipe, apesar do pé

aleijado, cresceu forte com o leite dela. Até a saúde de Norwenna melhorou, quando o frio penetrante começou a diminuir e as primeiras campânulas brancas de Inverno floresceram nos bosques de abrolhos em volta da Primavera sagrada que já

despontava no sopé do Tor. A princesa nunca mais se fortalecia, mas Morgana e Guendoloen davam-lhe ervas, os monges rezavam e parecia que, finalmente, a doença estava passando. Todas as semanas um mensageiro levava notícias ao avô, o Rei Supremo, e cada boa notícia era recompensada com alguma peça em ouro ou talvez um frasco de chifre cheio de sal ou uma garrafa de um vinho raro que Druidan roubava.

Esperávamos o regresso de Merlim, mas ele não voltava e o Tor parecia vazio sem ele, ainda que a nossa vida quotidiana mal tivesse mudado.

Tínhamos de manter as despensas cheias, matar as ratazanas e trazer água da nascente pelo monte acima três vezes ao dia. Gudovan, o escriba de Merlim, mantinha um registro dos pagamentos dos inquilinos enquanto Hywel, o administrador, percorria todas as propriedades para ter certeza de que nenhuma família enganava o seu senhor ausente. Tanto Gudovan como Hywel eram homens sóbrios, práticos e trabalhadores, a prova disso, segundo Nimue me disse, é que as excentricidades de Merlim acabavam onde os rendimentos começavam. Foi Gudovan quem me ensinou a ler e a escrever. Eu não queria aprender essas coisas que nada tinham a ver com ser guerreiro, mas Nimue insistira comigo.

- Você é órfão de pai - disse-me - e tem de avançar pelos seus próprios méritos.

- Quero ser soldado.

- E será - prometeu-me ela. - Mas só se aprender a ler e a escrever.

E foi tal o peso da sua jovem autoridade sobre mim que acreditei nela e aprendi a ler e a escrever muito antes de descobrir que nenhum soldado precisava disso. Assim Gudovan ensinou-me as letras e Hywel, o administrador, ensinou-me a lutar. Treinou-me com o bastão, o cacete do aldeão que podia abrir o crânio de uma pessoa, mas que também podia imitar o golpe de uma espada ou a estocada de uma lança. Antes de perder a perna com um golpe de um machado saxão, Hywel tinha sido um guerreiro famoso do exército de Uther e ele me obrigou a treinar até os meus braços estarem suficientemente fortes para brandir uma pesada espada com a mesma velocidade com que brandia um bastão. Hywel disse-me que muitos guerreiros apostavam na força bruta e na bebida em vez de apostarem na habilidade. Disse-me também que eu enfrentaria homens caindo de bêbados, capazes de matar um touro só

com o hálito, mas um homem sóbrio que conhecesse os nove golpes da espada conseguiria sempre vencer tamanhos brutamontes.

- Eu estava bêbado - admitiu ele - quando Octha, o Saxão, me arrancou a perna. Agora, mais depressa, rapaz, mais depressa! A sua espada tem de confundi-los!

Mais depressa!

Ele me ensinou bem e os primeiros a sabê-lo foram os filhos dos monges de uma das aldeolas do vale, em *Ynys Wydryn*. Eles ressentiam-se de nós, as crianças privilegiadas do Tor, pois nós passávamos o tempo sem fazer nada, correndo livremente de um lado para o outro, enquanto eles trabalhavam, e, para se vingarem, perseguiam-nos e tentavam nos surrar. Um dia, levei o meu bastão para a aldeia e deixei três cristãos sangrando. Sempre fui alto para a minha idade e os Deuses fizeram-me forte como um touro. Assim, atribuí-lhes a minha vitória apesar de Hywel me castigar por isso.

- Os privilegiados, - disse ele, - nunca devem tirar vantagem dos seus inferiores, - mas acho que mesmo assim ficou contente, pois levou-me à caça no dia seguinte e eu matei o meu primeiro javali com a lança de um adulto. Foi num bosque brumoso perto do rio Cam e eu tinha apenas doze anos. Hywel untou o meu rosto com o sangue do javali, deu-me os dentes para eu usar como um colar e depois levou a carcaça para o seu Templo de Mitra, onde deu uma festa para todos os velhos guerreiros que prestavam culto àqueles soldados de Deus. Não me deixaram participar nessa festa, mas Hywel prometeu-me que um dia, quando eu tivesse a barba grande e tivesse matado um saxão em combate, ele me iniciaria nos mistérios de Mitra.

Três anos mais tarde eu ainda sonhava em matar saxões. Algumas pessoas deviam achar estranho que eu, um jovem saxão, com o cabelo da cor dos saxões, fosse tão fervorosamente britânico na

minha fidelidade, mas desde a primeira infância eu fora criado entre os Bretões e os meus amigos, os meus amores, a língua que usava todos os dias, as histórias, as inimizades e os sonhos eram todos britânicos. E

nem a cor do meu cabelo era assim tão incomum. Os Romanos tinham deixado a Grã-Bretanha povoada com toda a espécie de seres estranhos. De fato, o louco Pellinore falara-me uma vez de dois irmãos que eram pretos como o carvão e até eu conhecer Sagramor, o comandante númida de Artur, eu pensava que as palavras dele não passavam de histórias tecidas pela sua loucura.

O Tor ficou cheio de gente quando Mordred e a mãe chegaram, pois Norwenna trouxe não só as suas servas como também um exército de guerreiros cuja tarefa era proteger a vida do Príncipe Herdeiro. Dormíamos quatro ou cinco em cada cabana, posto que nenhum de nós, a não ser Nimue e Morgana, tinha autorização para entrar nos aposentos interiores da casa. Pertenciam a Merlim e só Nimue podia lá dormir. Norwenna e a sua corte viviam na própria casa, que ficava cheia de fumaça por causa das duas fogueiras acesas dia e noite. A casa era suportada por vinte postes de carvalho, tinha paredes de vime e gesso e um telhado de colmo. O chão era de terra coberto com junco que às vezes começava a arder e provocava o pânico até

as chamas serem apagadas. Os aposentos de Merlim eram separados do resto da casa por uma parede interna também feita de vime e gesso e que tinha apenas uma pequena porta de madeira. Todos nós sabíamos que Merlim dormia, estudava e sonhava naqueles aposentos que culminavam numa torre de madeira construída no ponto mais alto do Tor. O que acontecia dentro da torre era um mistério para todos exceto para Merlim, Morgana e Nimue, e nenhum deles alguma vez desvendaria esse mistério. Mas as pessoas da região, que conseguiam ver a Torre de Merlim a quilômetros de distância, juravam que a torre estava repleta de tesouros roubados dos túmulos do Povo Antigo.

O chefe da guarda de Mordred era um cristão chamado Ligessac, um homem alto, delgado, muito ambicioso e muito hábil com o arco. Conseguia quebrar um galho a cinquenta passos de distância quando estava sóbrio, ainda que raramente o estivesse. Ensinou-me um pouco da sua destreza, mas rapidamente ficava aborrecido com a companhia de um rapaz e preferia jogar com os seus homens. No entanto, contou-me a verdadeira história da morte do Príncipe Mordred e a razão pela qual o Rei Supremo Uther amaldiçoara Artur.

A culpa não foi de Artur disse Ligessac enquanto atirava uma pedra para o seu tabuleiro. Todos os soldados tinham o seu próprio tabuleiro, alguns muito bonitos feitos de osso.

- Um seis - disse ele enquanto eu esperava para ouvir o resto da história de Artur.

- Dobro - disse Menw, um dos guardas do príncipe, e depois fez rolar a sua própria pedra. A pedra bateu nas arestas do tabuleiro e decidiu-se pelo um. Ele só

precisava de um dois para ganhar, por isso recolhia agora as suas pedras, não parando de praguejar.

Ligessac mandou Menw ir buscar a bolsa para lhe pagar o que tinha ganho e, depois, disse-me como Uther tinha mandado chamar Artur em Armórica para ajudá-lo a vencer um grande exército de saxões que tinha entrado muito dentro do nosso território. Ligessac disse que Artur trouxera os seus guerreiros, mas nenhum dos seus famosos cavalos, pois o chamamento fora urgente e não houvera tempo para arranjar barcos suficientes para os homens e para os cavalos.

- Não que os cavalos lhe fizessem falta - disse Ligessac com espanto, -

porque apanhou os filhos da puta dos saxões numa armadilha no vale do Cavalo Branco. Depois Mordred decidiu que sabia mais do que Artur. Ele queria as todas honras, entende? - Ligessac limpou o nariz na manga e olhou em redor para ter certeza de que ninguém o estava ouvindo. - Nessa ocasião, Mordred estava bêbado e metade dos seus homens deliravam, completamente nus, e juravam que conseguiriam matar um número de homens dez vezes superior ao seu. Devíamos ter esperado por Artur, mas o príncipe ordenou que atacássemos.

- Estava lá? - perguntei com espanto de adolescente. Ele assentiu com um aceno.

- Com Mordred. Santo Deus, mas como eles lutaram. Cercaram-nos e, de repente, éramos cinquenta bretões caindo como tordos ou ficando rapidamente sóbrios. Eu atirava setas o mais depressa que podia, os nossos lanceiros tentaram fazer uma muralha de escudos, mas os guerreiros deles avançavam sobre nós dizimando-nos com as espadas e os machados. Os seus tambores continuavam a rufar, os seus feiticeiros gritando e eu já me considerava um homem morto. Acabaram-se as setas e mudei para a lança. Não ficaram mais do que vinte de nós vivos e todos no limite das nossas forças. O estandarte com o dragão tinha sido capturado, Mordred esvaía-se em sangue e nós, os que sobrávamos, juntamo-nos todos à espera do fim e foi então que chegaram os homens de Artur. - Fez uma pausa e, depois, abanou a cabeça com pesar. - Sabes, meu rapaz, os bardos dizem que, naquele dia, Mordred inundou o chão com sangue saxão, mas não foi Mordred, foi Artur. Ele matou e tornou a matar. Recuperou o estandarte, chacinou os feiticeiros, queimou os tambores de guerra, perseguiu os sobreviventes até ao anoitecer e matou o seu chefe militar em *Edwy's Hangstone* à luz do luar. E é por isso que agora os Saxões são vizinhos cautelosos, meu *rapaz*, não porque Mordred os derrotou, mas porque pensam que Artur voltou para a Grã-Bretanha.

- Mas não voltou - disse eu tristemente.

- O Rei Supremo não permitirá que ele volte. O Rei Supremo o culpa. -

Ligessac fez uma pausa e olhou novamente à sua volta, para o caso de estar sendo ouvido. - O Rei Supremo considera que Artur queria que Mordred morresse para ele próprio ser o rei, mas não é verdade. Artur não é assim.

- Como ele é? perguntei.

Ligessac encolheu os ombros como que sugerindo que a resposta era difícil, mas, então, antes que pudesse dizer fosse o que fosse, viu Menw regressar.

- Nem uma palavra, rapaz - avisou-me ele. - Nem uma palavra.

Todos nós ouvíamos histórias semelhantes, apesar de Ligessac ser o primeiro homem que conheci que afirmou ter estado na batalha do Monte do Cavalo Branco. Mais tarde cheguei à conclusão de que ele nunca estivera lá e que estava apenas inventando uma história para conseguir a admiração de um rapaz crédulo, ainda que a sua narrativa fosse suficientemente exata. Mordred fora um louco bêbado, Artur fora o vencedor, mas mesmo assim Uther desterrara-o. Ambos eram filhos de Uther, mas Mordred era o herdeiro amado e Artur o bastardo arrogante. No entanto, o desterro de Artur não podia pôr fim às crenças que existiam em Dumnónia de que o bastardo era a maior esperança do seu país, o jovem guerreiro de além-mar que nos salvaria dos Saxões e recuperaria as Terras Perdidas de *Lloegyr*.

A segunda parte do Inverno foi moderada. Foram vistos lobos do outro lado do paredão de terra que protegia a ponte de terra de *Ynys Wydryn*, mas nenhum se aproximou do Tor, apesar de algumas das crianças mais novas fazerem feitiços com patas de lobos que escondiam debaixo da cabana de Druidan, na esperança de que uma dessas feras saltasse a paliçada de dentes arreganhados e levasse o anão para lhe servir de jantar. Os feitiços

não funcionaram e, quando o Inverno começou a afastar-se começamos a preparar-nos para o grande festival da Primavera de Beltain com as suas grandes fogueiras e os festejos da meia-noite, mas eis que uma excitação ainda maior atinge o Tor.

Chegou Gundleus da Silúria.

O bispo Bedwin chegou primeiro. Era o conselheiro de maior confiança de Uther e a sua chegada prometia grande agitação. As criadas de Norwenna saíram do quarto e foram colocados tapetes fiados sobre o junco, sinal indubitável de que alguém muito importante vinha de visita. Todos pensávamos que devia ser o próprio Uther, mas o estandarte que apareceu na ponte de terra uma semana antes de Beltain exibia a raposa de Gundleus e não o dragão de Uther. Estava uma manhã resplandecente quando vi os cavaleiros desmontar no sopé do Tor. O vento batia-lhes nas capas e fustigava o estandarte já puído onde vi a máscara de raposa, que eu odiava, o que me fez gritar em protesto e fazer o sinal para afastar o mal.

- O que é? - perguntou Nimue. Ela estava ao meu lado na plataforma de guarda do lado leste.

- É o estandarte de Gundleus - disse eu.

Vi a surpresa nos olhos de Nimue, pois Gundleus era o rei da Silúria e era aliado do rei Gorfyddyd de Powys, inimigo declarado de Dumnónia.

- Tem certeza? perguntou-me ela.

- Ele levou a minha mãe - disse eu - e o seu druida me atirou para o poço da morte.

Cuspi por cima da paliçada na direção daquele punhado de homens que começara a subir o Tor, que era íngreme demais para os cavalos. Entre eles lá estava Tanaburs, o druida de Gundleus e o

meu espírito do mal. Era um velho alto com uma barba entrançada e longa cabeleira branca, com a parte da frente do crânio rapada, num corte adotado pelos druidas e padres cristãos. A meio do monte atirou a capa para o lado e iniciou uma dança de proteção não fosse Merlim ter deixado espíritos guardando o portão. Nimue ao ver o velhote saltando numa perna só e sem firmeza na encosta íngreme, cuspiu para o ar e correu para os aposentos de Merlim. Corri atrás dela, mas ela empurrou-me para o lado e disse que eu não entenderia o perigo.

- Perigo? - perguntei, mas ela já tinha desaparecido. Parecia não haver perigo, pois Bedwin ordenara que o portão fosse todo aberto e tentava agora organizar as boas-vindas no meio daquele caos de excitação que era o topo do Tor. Nesse dia Morgana estava fora, meditando no templo dos sonhos nos montes de leste, mas todos os outros habitantes do Tor se apressaram para ver os visitantes. Druidan e Ligessac dispuseram em filas os seus homens, Pellinore latia nu, olhando as nuvens.

Guendoloen, desdentada, cuspiu pragas contra o bispo Bedwin enquanto algumas crianças lutavam para conseguir ver melhor os visitantes. A recepção deveria ter sido digna, mas Lunete, uma criança irlandesa abandonada pelos pais e um ano mais nova do que Nimue, abriu a pocilga de Druidan e assim Tanaburs, o primeiro a entrar pelo portão da paliçada, foi recebido por um frenesim de guinchos.

Era preciso mais do que bácoros em pânico para assustar um druida.

Tanaburs, vestido com uma túnica cinzenta imunda bordada com lebres e quartos crescentes, ficou na entrada e ergueu as duas mãos acima da cabeça tosquiada.

Trazia um bastão com a ponta em forma de lua que rodou três vezes no ar, no sentido percorrido pelo sol, posto o que, uivou na

direção da Torre de Merlim. Um dos bácoros cambaleou, tentou equilibrar-se na entrada enlameada acabou por se precipitar monte abaixo. Tanaburs, imóvel, uivou outra vez, verificando se no Tor não existiam inimigos ocultos.

Durante alguns segundos reinou o silêncio quebrado apenas pelo sacudir do estandarte ao vento e pela respiração pesada dos guerreiros que subiram o monte atrás do druida. Gudovan, o escriba de Merlim, viera pôr-se ao meu lado, com as mãos embrulhadas em tiras de pano sujas de tinta para se proteger do frio.

- Quem é? - perguntou e, depois, estremeceu ao ouvir um grito penetrante e choroso respondendo ao desafio de Tanaburs. O grito veio de dentro da casa e eu sabia que era Nimue.

Tanaburs pareceu ficar furioso. Ladrou como uma raposa, tocou nos órgãos genitais, fez o sinal para afastar o mal e começou a saltar só numa perna em direção à

casa. Parou ao fim de cinco passos, uivou de novo em tom de desafio, mas desta vez, lá de dentro, não veio nenhum grito como resposta, por isso ele pôs a outra perna no chão e acenou para o seu senhor.

- É seguro! - disse Tanaburs. Venha, meu Rei e Senhor, venha!

- Rei? - perguntou-me Gudovan.

Disse-lhe quem eram os visitantes e depois perguntei porque razão Gundleus, um inimigo, tinha vindo ao Tor. Gudovan catou um piolho por baixo da camisa e encolheu os ombros.

- Política, rapaz, política.

- Conte-me pedi-lhe.

Gudovan suspirou como se a minha pergunta fosse a prova da mais crassa estupidez. Esta era a sua reação a qualquer pergunta, mas depois deu-me resposta.

- Norwenna está em condições de contrair matrimônio, Mordred é um bebê

que precisa ser protegido, e quem pode proteger melhor um bebê do que um rei? E

quem melhor do que um rei inimigo que se pode tornar amigo de Dumnónia? É, na realidade, muito simples, meu rapaz. Se pensasse durante um minuto teria conseguido encontrar a resposta sem me ter feito perder tempo. Soprou-me levemente no ouvido como retribuição. E não se esqueça, ele vai ter de desistir de Ladwys durante algum tempo.

- Ladwys? - perguntei.

- A amante dele, seu estúpido. Julga que algum rei dorme sozinho? Mas há

quem diga que Gundleus está tão apaixonado por Ladwys que até casou com ela!

Dizem que a levou para *Lleu's Mound* e mandou o seu druida uni-los, mas eu não acredito que ele fosse assim tão tolo. Ela não é de alta linhagem. Não devia ir hoje contar as rendas que Hywel pediu?

Ignorei a pergunta e olhei para Gundleus e os seus guardas, que transpunham cuidadosamente a traiçoeira entrada escorregadia devido à lama.

O rei da Silúria era um homem alto e bem feito, talvez com trinta anos. Era ainda um jovem quando os seus bandidos capturaram a minha mãe e me atiraram para o poço da morte, mas aqueles cerca de doze anos que passaram desde essa noite escura e sangrenta

tinham sido generosos para com ele, pois estava ainda atraente, com um longo cabelo negro e uma barba bifurcada que ainda nada tinha de grisalha. Trazia uma capa de pele de raposa, botas de couro que lhe chegavam aos joelhos, uma túnica castanho-avermelhada e uma espada numa bainha vermelha. Os seus guardas vestiam-se de maneira idêntica e eram todos homens altos que se elevavam acima da miserável coleção de portadores de lanças aleijados de Druidan.

Os silurianos usavam espadas, mas nenhum trazia lanças ou escudos, prova de que tinham vindo em paz.

Afastei-me quando Tanaburs passou. Eu era uma criança que ainda mal sabia andar, quando ele me atirara para o poço e não havia qualquer chance de o velho reconhecer em mim o rapaz que enganara a morte, nem eu tinha razão para o temer depois de ele não ter conseguido me matar. Mesmo assim afastei-me do druida siluriano. Tinha olhos azuis, um nariz adunco e uma boca descaída pingando baba.

Trazia pequenos ossos pendurados nas pontas do cabelo branco longo e liso, que batiam uns nos outros enquanto caminhava arrastando os pés à frente do seu rei. O

bispo Bedwin aproximou-se de Gundleus, proclamando as boas-vindas e dizendo quão honrado Tor estava com a sua visita real. Dois dos guardas silurianos carregavam uma pesada caixa que devia conter presentes para Norwenna.

A delegação desapareceu no interior da casa. O estandarte com a raposa estava enterrado na terra fora da porta onde os homens de Ligessac barravam a entrada a qualquer outra pessoa, mas nós, os que crescemos no Tor, sabíamos como entrar sorrateiramente na casa de Merlim. Corri para o lado sul, trepei a pilha de toros e afastei uma das cortinas de couro que protegiam as janelas. Depois saltei para o chão e escondi-me por trás das arcas de verga que

continham os panos para os dias de festa. Uma das escravas de Norwenna viu-me entrar e provavelmente alguns dos homens de Gundleus também, mas ninguém se deu ao trabalho de me expulsar.

Norwenna estava sentada em uma cadeira de madeira no centro do aposento.

A princesa viúva não era bonita, tinha um rosto redondo como a lua, uns olhos vorazes e pequenos, uma boca carrancuda e uma pele marcada por alguma doença de infância, mas nada disso importava. Os grandes homens não casam com as princesas pelo seu aspecto, mas sim pelo poder que trazem nos seus dotes. Contudo, Norwenna tinha-se preparado cuidadosamente para esta visita. As suas criadas tinham-lhe vestido uma capa de lã tingida de um azul pálido que caía no chão à sua volta.

Tinham-lhe entrançado o cabelo negro e enrolado as tranças à volta da cabeça antes de lhes colocarem rebentos de abrunhos. Usava um pesado colar de ouro à volta do pescoço, três pulseiras douradas no pulso e uma cruz de madeira maciça entre os seios. Estava muito nervosa, pois a sua mão livre estava sempre mexendo na cruz de madeira, enquanto no outro braço, enfaixado em fino linho e embrulhado numa capa tingida de uma rara cor dourada repousava o Príncipe Herdeiro de Dumnónia, Mordred.

O rei Gundleus mal olhou para Norwenna. Refastelou-se na cadeira em frente a ela e parecia extremamente entediado com aquele processo. Tanaburs andava apressadamente de um pilar para o outro, cuspindo e murmurando feitiçarias por entre os dentes. Quando passou perto do meu esconderijo, encolhi-me até o cheiro dele ter desaparecido. As chamas crepitavam nas lareiras nas duas extremidades do aposento, com a fumaça se misturando e agitando-se até ao teto enegrecido pela fuligem. Não havia sinal de Nimue.

Foi servido aos visitantes vinho, peixe defumado e bolos de aveia. Depois o bispo Bedwin fez um discurso explicando a Norwenna que Gundleus, rei da Silúria, em missão de paz com o Rei Supremo, passara por acaso perto de *Ynys Wydryn* e achara que seria cortês fazer essa visita ao Príncipe Mordred e à sua mãe. O rei trouxera alguns presentes para o príncipe, disse Bedwin, depois do que Gundleus acenou descuidadamente para que os homens que traziam a caixa se aproximassem. Os dois guardas levaram a arca para junto de Norwenna. A princesa ainda não tinha dito nada, e nem sequer agora, que os presentes estavam sendo colocados no tapete a seus pés, disse uma palavra.

Havia uma fina pele de lobo, mais duas peles, uma outra de castor e uma pele curtida de veado, um pequeno colar de ouro, alguns pregadores, um copo feito de chifre adornado com fios de prata encanastrados, um frasco romano de vidro verde pálido com um bico maravilhosamente delicado e uma asa em forma de coroa. A arca vazia foi dali levada e seguiu-se um silêncio incômodo, ninguém sabendo muito bem o que dizer. Gundleus fez um gesto descuidado na direção dos presentes, o bispo Bedwin irradiava felicidade, Tanaburs escarrou ruidosamente como proteção para um pilar enquanto Norwenna olhava hesitante para os presentes do rei que, afinal, nem eram muito generosos. A pele de veado devia dar para fazer um bom par de luvas, as outras peles eram boas, apesar de Norwenna ter provavelmente muitas e melhores nos seus cestos de vime, e o colar que usava era quatro vezes mais pesado do que o que estava a seus pés. Os pregadores de Gundleus eram feitos de ouro fino e o copo de chifre estava lascado. Apenas o frasco romano era verdadeiramente precioso.

Bedwin quebrou aquele silêncio embaraçoso.

- Os presentes são magníficos! Raros e magníficos. Foi verdadeiramente generoso, Senhor.

Norwenna concordou e assentiu obedientemente com a cabeça. O menino começou a chorar e Ralla, a ama de leite, levou-o para a sombra atrás dos pilares, onde lhe deu o peito, silenciando-o.

- O Príncipe Herdeiro está bem? - perguntou Gundleus, falando pela primeira vez desde que entrara no aposento.

- Graças a Deus e a todos os Seus Santos está - respondeu Norwenna.

- O pé esquerdo? - perguntou Gundleus sem tato nenhum. - Poderá melhorar?

- O pé não vai impedi-lo de montar a cavalo, empunhar uma espada ou sentar-se num trono - respondeu Norwenna com firmeza.

- Claro que não, claro que não - disse Gundleus, lançando um olhar na direção da criança esfomeada. Sorriu, esticou os seus longos braços e olhou em volta do aposento. Nada dissera sobre casamento, mas também não o faria naquele momento nem ali. Se quisesse casar com Norwenna pediria a sua mão a Uther, não a ela. Aquela visita era apenas uma oportunidade para inspecionar a noiva. Lançou a Norwenna um breve olhar desinteressado e, depois, olhou mais uma vez fixamente em redor do aposento mergulhado na penumbra. - É esta a toca de Merlim? Onde está ele?

Ninguém respondeu. Tanaburs estava esgaravatando debaixo de um dos tapetes e eu supus que estivesse enterrando algum feitiço no chão do aposento. Mais tarde, quando a delegação siluriana já tinha partido, fui procurar e encontrei um pequeno osso de javali esculpido que atirei para a fogueira. As chamas ficaram azuis e crepitaram furiosamente e Nimue disse que eu agira acertadamente.

- Achamos que Lorde Merlim está na Irlanda - respondeu, finalmente, o bispo Bedwin. - Ou talvez nas regiões selvagens do Norte - acrescentou de forma vaga.

- Ou talvez morto? - sugeriu Gundleus.

- Peço a Deus que não - disse o bispo fervorosamente.

- É mesmo? Gundleus virou-se na cadeira para encarar o rosto idoso de Bedwin. - Aprova Merlim, Eminência?

- Ele é um amigo, Senhor - disse Bedwin. Era um homem digno e categórico, sempre ansioso por manter a paz entre as religiões.

- Lorde Merlim é um druida, Eminência, e odeia cristãos - Gundleus estava tentando provocar Bedwin.

- Agora há muitos cristãos na Grã-Bretanha - disse Bedwin - e poucos druidas.

Acho que nós, os da verdadeira fé, nada temos a temer.

- Ouviu isto, Tanaburs? - Gundleus chamou o seu druida. - O bispo não tem medo de você!

Tanaburs não respondeu. Na sua busca pelo aposento tinha chegado à

barreira-fantasma que guardava a porta dos aposentos de Merlim. A vedação era uma coisa simples: apenas duas caveiras colocadas uma de cada lado da porta, mas apenas um druida se atreveria a transpor a barreira invisível e mesmo um druida recearia uma barreira-fantasma colocada por Merlim.

- Vão pernoitar aqui? - perguntou o bispo Bedwin a Gundleus, tentando desviar o assunto de Merlim.

- Não - respondeu Gundleus rudemente, levantando-se. Pensei que se preparava para sair, mas em vez disso passou o olhar por Norwenna e fixou-o na porta pequena e escura guardada pelas

caveiras, à frente da qual Tanaburs tremia como um cão de caça a farejar um javali invisível.

- O que há depois desta porta? perguntou o rei.

- Os aposentos de Lorde Merlim, Senhor - disse Bedwin.

- O antro dos segredos? - perguntou Gundleus cruelmente.

- Quartos, nada mais - disse Bedwin desdenhosamente. Tanaburs levantou o seu bastão com a ponta em forma de lua e segurou-o, tremendo, na direção da barreira-fantasma. O rei Gundleus observava a atuação do seu druida e, depois, bebeu o vinho e atirou o copo de chifre para o chão.

- Afinal, acho que, vou dormir aqui - disse o rei. - Mas primeiro vamos inspecionar os quartos.

Fez um gesto com a mão para que Tanaburs avançasse, mas o druida estava nervoso. Merlim era o maior druida da Grã-Bretanha, temido até mesmo do outro lado do mar da Irlanda, e ninguém se intrometia, por pouco que fosse, na sua vida.

Contudo o grande homem já não era visto há muito tempo e algumas pessoas diziam à boca pequena que a morte do príncipe Mordred fora um sinal de que o poder de Merlim estava diminuindo. E Tanaburs, tal como o seu senhor, estava certamente fascinado com o que estava por trás da porta, pois podia haver lá segredos que tornariam Tanaburs tão poderoso e sábio como o próprio grande Merlim.

- Abra a porta! - ordenou Gundleus a Tanaburs.

A extremidade do bastão-lua moveu-se receosamente na direção de uma das caveiras, hesitante, e depois tocou a cabeça de osso amarelado. Nada aconteceu.

Tanaburs cuspiu na caveira e derrubou-a antes de espetá-la e puxar para trás o bastão como se estivesse citucando uma cobra em hibernação. Mais uma vez nada aconteceu. Tentou, então, chegar com a mão livre ao trinco da porta de madeira.

Nisto parou aterrorizado.

Um grito ecoara na escuridão enfumaçada do aposento. Um grito penetrante e pavoroso como o de uma donzela sendo torturada, e esse som horrível arremessou o druida para trás. Norwenna gritou de pavor e fez o sinal da cruz. Mordred começou a chorar e nada do que Ralla fizesse o sossegava. Gundleus hesitou perante aquele barulho, mas depois, quando terminou, desatou a rir às gargalhadas.

- Um guerreiro - anunciou a todos os que ali estavam não se assusta com o grito de uma donzela. Caminhou em direção à porta, ignorando o bispo Bedwin que gesticulava como se tentasse impedir o avanço do rei, mas sem o tocar realmente.

Um barulho de coisas partidas soou vindo da porta guardada por um fantasma. Foi um violento som de estilhaços e foi tão repentino que todos saltaram alarmados. No início pensei que a porta tinha caído perante o avanço do rei, depois vi que uma lança tinha trespassado a porta. A cabeça prateada da lança aparecia, orgulhosa por ter passado através do velho carvalho enegrecido pela fumaça, e eu tentei imaginar que força brutal fora necessária para fazer aquele ferro aguçado penetrar tão espessa barreira.

O aparecimento repentino da lança fez que até mesmo Gundleus hesitasse, mas o seu orgulho estava ameaçado e ele não iria recuar à frente dos seus guerreiros.

Fez o sinal para afastar o mal, cuspiu na lança, avançou para a porta, levantou o trinco e empurrou-a, abrindo-a.

Mas logo recuou com o horror estampado no rosto. Eu estava olhando para ele e vi o medo vivo nos seus olhos. Afastou-se mais um passo da porta aberta e depois ouvi o chorar penetrante de Nimue enquanto ela entrava no aposento.

Tanaburs fazia movimentos insistentes com o bastão, Bedwin rezava e o menino chorava enquanto Norwenna se virara na cadeira com a angústia no olhar.

Nimue atravessou a porta e, ao ver a minha amiga, até eu estremeci. Estava nua e o seu magro corpo de pele clara estava coberto de sangue que gotejava do cabelo e escorria em arroios, descendo pelos seios pequenos até às coxas. A cabeça estava coroada por uma máscara da morte, a pele morena do rosto de um homem imolado, acima do seu próprio rosto como um elmo com relevos e que se segurava porque a pele dos braços do homem morto estava amarrada à volta do pescoço delicado de Nimue. A máscara parecia ter uma medonha vida própria, pois contraía-se à medida que ela caminhava na direção do rei da Silúria. A pele amarelada e seca do corpo do homem morto caía solta pelas costas de Nimue abaixo enquanto ela avançava com passo irregular. Só se via o branco dos olhos no seu rosto ensanguentado e, enquanto avançava contorcendo-se, ia lançando pragas numa linguagem mais indecorosa do que o linguajar de qualquer soldado. Nas mãos empunhava duas víboras com os corpos negros reluzentes e as cabeças frementes buscando o rei.

Gundleus recuou, fazendo o sinal para afastar o mal, mas depois lembrou-se que era um homem, um rei e um guerreiro e, por isso, levou a mão aos copos da espada. Foi então que Nimue sacudiu a cabeça e a máscara da morte lhe escorregou do cabelo, preso ao alto. Só então vimos que não era o cabelo dela, mas sim um morcego que, subitamente, estendeu as asas pretas enrugadas e mostrou, rosnando, a boca vermelha a Gundleus.

O morcego fez Norwenna gritar e correr a buscar o menino enquanto todos nós olhávamos com horror para a criatura presa ao cabelo de Nimue. Sacudia-se e agitava as asas tentando voar, rosnava e estrebuchava. As cobras contorciam-se e, de repente, o aposento ficou vazio. Norwenna foi a primeira a fugir, seguiu-se Tanaburs, e depois todos, incluindo o rei, correram para os alvares da manhã pela porta leste.

Nimue ficou imóvel enquanto eles fugiam, depois os seus olhos giraram e ela pestanejou. Avançou até à lareira e, descuidadamente, atirou as duas cobras para as chamas onde sibilaram, chicoteando e chiando antes de morrer. Libertou o morcego, que voou para as traves do teto e, depois, desamarrou a máscara de morte do pescoço e enrolou-a num feixe antes de pegar o delicado frasco romano de entre os presentes que Gundleus trouxera. Olhou fixamente para o frasco e o seu corpo hirsuto contorceu-se ao atirar violentamente o tesouro contra um pilar de carvalho, onde se despedaçou em cacos verde pálidos.

- Derfel? - disse ela, quebrando o silêncio que se seguira. - Sei que está aqui.

- Nimue? - disse eu nervoso e depois levantei-me e saí de trás do meu esconderijo. Estava aterrorizado. A gordura de cobra sibilava na fogueira e o morcego rumorejava no teto.

Nimue sorriu-me.

- Preciso de água, Derfel - disse ela.

- Água? - perguntei estupidamente.

- Para me lavar e tirar o sangue de galinha - explicou Nimue.

- Galinha?

- Água - disse de novo. - Há um jarro perto da porta. Traga-me alguma água.

- Dali? - perguntei atônito, porque o gesto dela parecia implicar que eu teria de trazer a água dos aposentos de Merlim.

- Por que não? - perguntou ela, depois passou pela porta ainda empalada com a grande lança e eu peguei o pesado jarro e a segui, encontrando-a em pé diante de uma chapa de cobre que refletia o seu corpo nu. Não parecia estar com vergonha, talvez porque todos tínhamos corrido nus quando crianças, mas eu estava desconfortavelmente ciente de que já não éramos crianças.

- Aqui? - perguntei.

Nimue acenou afirmativamente. Pousei o jarro no chão e dirigi-me de novo para a porta.

- Fique - disse ela - por favor, fique. E feche a porta.

Tive de arrancar a lança da porta antes de poder fechá-la. Prefери não perguntar como tinha conseguido fazer a cabeça da lança penetrar no carvalho, pois ela não estava disposta a responder a perguntas, por isso fiquei em silêncio enquanto libertava a arma e Nimue limpava o sangue da sua pele clara. Depois embrulhou-se num manto preto.

- Venha aqui - disse ela, quando acabou.

Atravessei obedientemente o quarto até um leito de peles e cobertores de lã

em cima de um pequeno estrado de madeira onde evidentemente ela dormia. A cama tinha um sobrecéu de um tecido escuro e bolorento e foi nessa escuridão que me sentei e a aconcheguei nos meus braços. Podia sentir-lhe as costelas através da suavidade do manto de lã. Ela chorava. Eu não sabia porquê e limitei-me, por

isso, a abraçá-la desajeitadamente e a olhar em volta do aposento de Merlim.

Era um lugar extraordinário. Havia muitas arcas de madeira e cestos de vime empilhados para formar recantos e corredores por onde espiava uma tribo de gatinhos escanzelados. Em alguns lugares as pilhas de cestos tinham caído como se alguém tivesse andado à procura de um objeto que estivesse numa das caixas de baixo e não se preocupando em desmanchar a pilha, tivesse apenas derrubado todo o monte de cestos. Havia pó por todo o lado.

Duvidava que os juncos do chão tivessem sido mudados nos últimos anos, apesar de em alguns lugares terem sido cobertos com tapetes ou cobertores que tinham definhado. O fedor no quarto era excessivo: um cheiro de pó, mijo de gato, umidade, coisas apodrecidas e bolor misturava-se com os mais sutis aromas das ervas penduradas nas vigas do telhado. Havia uma mesa ao lado da porta cheia de pergaminhos enrolados e a desfazerem-se. Numa prateleira coberta de pó, por cima da mesa, havia caveiras de animais e, quando os meus olhos se habituaram àquela escuridão sepulcral, vi que entre elas estavam pelo menos duas caveiras humanas.

Escudos desmerecidos estavam amontoados contra um grande vaso de argila onde estava enterrado um feixe de lanças cheio de teias de aranha. Havia uma espada pendurada na parede. Havia também um fogareiro fumegante em cima de um monte de cinzas junto ao grande espelho de cobre onde, por incrível que pareça, estava pendurado o símbolo dos cristãos, a cruz com a figura retorcida do seu Deus morto ali pregado. A cruz estava envolvida em visco branco como precaução contra o seu mal inerente. Um grande emaranhado de chifres de veado estava pendurado numa trave do teto ao lado de ramos de visco branco seco e de uma ninhada pendente de morcegos empoleirados cujos excrementos formavam pequenos montículos no chão. Morcegos numa casa era o pior dos presságios, mas suponho que pessoas tão poderosas

como Merlim e Nimue não precisavam se preocupar com tão prosaicas ameaças. Havia uma segunda mesa cheia de bacias, almofarizes, pilões, uma balança de metal, frascos e boiões selados com cera que mais tarde descobri que continham orvalho colhido dos túmulos de homens assassinados, o pó de crânios esmagados e infusões de beladona, mandrágora e pilrito, enquanto numa curiosa urna de pedra junto à mesa se acumulava uma amálgama de pedras-d'água, pães de fada, dardos de gnomos, amotites e pedras de bruxa velha, tudo misturado com penas, conchas do mar e pinhas. Nunca vira um quarto tão repleto, tão imundo ou tão fascinante e perguntava-me se o aposento para lá da porta, a Torre de Merlim, seria tão horivelmente espantoso.

Nimue parara de chorar e estava agora imóvel nos meus braços. Devia ter sentido a minha admiração e a minha reação súbita ao observar o quarto.

- Ele não joga nada fora - disse ela com uma voz cansada, - nada.

Eu não falei, apenas a acalmei acariciando-a. Ela ficou-se por um momento, exausta, mas quando a minha mão tocou no manto sobre um dos seus pequenos seios, afastou-se zangada.

- Se é isso que quer - disse ela - vá procurar Sebile.

Apertou o manto à sua volta quando desceu da cama em cima do estrado e atravessou o quarto aproximando-se da mesa atravancada com os instrumentos de Merlim. Balbuciei uma desculpa embaraçada.

- Não quero saber - disse, rejeitando as minhas desculpas. Ouviam-se vozes lá fora no Tor e mais vozes no grande aposento ao lado, mas ninguém ousou perturbar-nos. Nimue procurava alguma coisa por entre as bacias, os boiões e as grandes colheres espalhadas por cima da mesa e encontrou o que queria. Era uma faca de pedra preta, com uma lâmina de dois gumes tão afiados que eram quase brancos como osso. Voltou para junto da cama bolorenta e ajoelhou-

se no estrado de forma a poder olhar diretamente para o meu rosto. O manto tinha-se aberto e eu estava nervosamente consciente do seu corpo nu semiculto nas sombras, mas ela olhava-me fixamente nos olhos e eu nada podia fazer senão retribuir aquele olhar.

Não falou durante muito tempo e, no silêncio, eu quase podia ouvir o meu coração bater. Ela parecia estar tomando uma decisão, uma dessas decisões tão ameaçadoras que mudariam para sempre o equilíbrio de uma vida e, por isso, esperei temeroso e impossibilitado de me mexer da minha posição incômoda.

O seu cabelo negro estava todo despenteado, emoldurando-lhe o rosto em forma de cunha. Nimue não era bonita nem feia, mas o seu rosto possuía uma vivacidade e uma energia que dispensavam qualquer beleza formal. Tinha a testa alta e larga, os olhos negros e ferozes, o nariz pontiagudo, a boca grande e o queixo fino.

Era a mulher mais inteligente que alguma vez conheci, mas, mesmo nessa época em que pouco mais era do que uma criança, invadia-a uma tristeza gerada por essa inteligência. Ela sabia demais. Já nascera sabendo ou então os Deuses haviam-lhe dado esses conhecimentos quando evitaram que se afogasse. Quando criança tinha feito muitos disparates e travessuras. Agora, porém, privada da orientação de Merlim, mas tendo sobre os seus ombros as responsabilidades dele, ela estava mudando. É

claro que eu também estava mudando, mas a minha mudança era previsível: um rapaz ossudo tornando-se num jovem alto e espadaúdo.

Nimue estava passando da infância para a autoridade. Essa autoridade brotava do seu sonho, um sonho que partilhava com Merlim, mas com o qual ela nunca conseguiria se comprometer da forma que Merlim o fazia. Nimue era de extremos, com ela era tudo ou nada. Preferiria ver toda a terra morrer num vácuo gelado sem Deuses, a entregar-se àqueles que apagariam a sua imagem de

britânica perfeita devotada aos seus Deuses britânicos. Naquele momento, ajoelhada à minha frente, eu sabia que ela estava decidindo se eu merecia fazer parte desse fervoroso sonho.

Ela tomou a sua decisão e aproximou-se mais de mim.

- Me dê a sua mão esquerda - disse. Eu ergui a mão.

Ela levantou-me a palma da mão com a sua mão esquerda e depois disse uma fórmula mágica. Reconheci os nomes de *Camulos*, o Deus da Guerra; de *Manawydan fab Llyr*, o próprio Deus do Mar de Nimue; de *Agrona*, a Deusa da Mortandade e de *Aranrhod* a Dourada, a Deusa da Aurora, mas a maior parte das palavras e dos nomes eram-me estranhos e eram ditos numa voz tão hipnótica que fiquei muito calmo e reconfortado sem dar muita importância ao que Nimue dizia ou fazia, até que, de repente, ela me golpeou a mão e eu, surpreendido, gritei. Ela mandou-me calar. Por um segundo, apenas via na minha mão um fino corte de faca, depois o sangue começou a brotar.

Ela cortou a sua própria palma da mão esquerda da mesma maneira que tinha cortado a minha e pôs o seu corte sobre o meu, entrelaçando os meus dedos inertes nos seus próprios dedos. Deixou cair a faca e puxou a ponta do manto que enrolou com força à volta das duas mãos sangrando.

Derfel disse suavemente enquanto a tua mão e a minha mão estiverem marcadas pelas cicatrizes nós seremos um só. Concordas?

Olhei-a nos olhos e percebi que aquilo não era uma coisa sem significado, não era nenhum jogo de crianças, mas um juramento que me prenderia durante toda esta vida, e talvez durante a próxima. Por um instante fiquei aterrorizado com tudo o que viria a acontecer, mas depois assenti com um aceno de cabeça e, nem sei como, consegui falar.

- Concordo - articulei.

- E enquanto você tiver essa cicatriz, Derfel, a sua vida me pertence
- disse ela, - e enquanto eu tiver esta cicatriz a minha vida te pertence. Compreende o que eu disse?

- Sim - respondi.

A minha mão latejava. Naquele sangrento aperto de mão, sentia a minha mão quente e inchada e sentia a dela pequena e fria.

- Um dia, Derfel, disse Nimue – eu o chamarei e, se você não vier, a cicatriz vai marcá-lo perante os Deuses como um falso amigo, um traidor e um inimigo.

- Sim - disse eu.

Olhou para mim em silêncio durante alguns segundos e, depois, subiu para o monte de peles e cobertores onde se enrolou nos meus braços. Era incômodo deitar-nos ali juntos, pois as nossas mãos esquerdas ainda estavam presas uma à outra, mas conseguimos arranjar uma posição confortável e ali ficamos deitados e quietos.

Ouviam-se vozes lá fora e o pó flutuava naquele quarto alto e escuro onde os morcegos dormiam e os gatos caçavam. Estava frio, mas Nimue puxou uma pele para cima de nós e adormeceu com o seu corpo magro entorpecendo o meu braço direito.

Eu fiquei acordado, receoso e confuso com o que a faca tinha originado entre nós. Ela acordou no meio da tarde.

- Gundleus já foi embora - disse ela com sonolência, apesar de eu não saber como ela sabia.

Depois soltou-se do meu abraço e das peles emaranhadas antes de desembrulhar o manto que estava ainda enrolado à volta das nossas mãos. O sangue tinha formado uma crosta que saiu das

nossas feridas, provocando dor, quando separamos as mãos. Nimue dirigiu-se ao vaso com as lanças e trouxe uma mão-cheia de teias de aranha que colocou por cima da minha palma da mão ensanguentada.

- Vai sarar depressa - disse descuidadamente e, mantendo a sua própria mão embrulhada num pedaço de tecido, procurou algum pão e um pedaço de queijo.

- Não tem fome? - perguntou ela.

- Sempre.

Partilhamos a refeição. O pão estava seco e duro e o queijo tinha sido mordiscado pelos ratos. Pelo menos Nimue pensava que tivessem sido os ratos.

- Talvez os morcegos tenham cortado o queijo com os dentes - disse ela. - Os morcegos comem queijo?

- Não sei - respondi, mas depois hesitei. - Era um morcego domesticado?

Eu me referia ao animal que ela prendera ao cabelo. É claro que eu já tinha visto coisas assim antes, mas nem Merlim nem os seus acólitos falavam delas, mas eu tinha a impressão de que a estranha cerimônia com as nossas mãos ensanguentadas me faria merecer a confiança de Nimue.

E assim foi, pois ela abanou a cabeça.

- É um velho truque para assustar os tolos - disse ela desdenhosamente. - Foi Merlim quem me ensinou. Põem-se linhas nos pés do morcego, linhas como as dos falcões, depois ata-se as linhas ao cabelo. - Passou a mão pelo cabelo negro e depois riu. - E assustou Tanaburs! Imagine só! E é ele um druida!

Eu não fiquei nada divertido. Queria acreditar na magia dela e não vê-la explicada como um truque feito com trelas de falcões.

- E as cobras? perguntei.

- Merlim as guarda num cesto e eu tenho de alimentá-las. - Ela encolheu os ombros, depois viu o meu desapontamento. - O que foi?

- Foi tudo uma trapaça? - perguntei.

Ela franziu as sobrancelhas e ficou-se em silêncio durante muito tempo.

Pensei que nem sequer fosse responder, mas, finalmente, explicou-se e, à medida que a ouvia, ia percebendo que estava ouvindo as coisas que Merlim lhe ensinara. Ela disse que a magia acontecia nos momentos em que as vidas dos Deuses e dos homens se tocavam, mas que esses momentos não eram comandados pelo homem.

- Eu não posso estalar os dedos e encher o quarto de brumas - disse ela. -

Mas já vi isso acontecer. Não posso fazer os mortos levantarem-se, se bem que Merlim diga que já viu isso ser feito. Não posso ordenar que um raio de luz mate Gundleus, apesar de desejar poder fazê-lo, porque só os Deuses podem fazê-lo. Mas houve um tempo, Derfel, em que podíamos fazer essas coisas, quando vivíamos com os Deuses, lhes agradávamos e podíamos usar o seu poder para manter a Grã-Bretanha da forma que eles queriam. Nós cumpríamos as suas ordens, entende, mas as suas ordens eram os nossos desejos.

Apertou as duas mãos uma contra a outra para demonstrar o que dizia, mas estremeceu, pois a pressão magoou-lhe a palma da mão esquerda por causa do corte.

- Mas, então, vieram os Romanos e quebraram o pacto - disse ela.

- Porquê? - interrompi-a impaciente, pois já tinha ouvido demais sobre aquele assunto.

Merlim estava sempre a dizer como Roma tinha quebrado o laço entre a Grã-Bretanha e os seus Deuses, mas nunca explicara como isso poderia ter acontecido se os Deuses tinham tanto poder.

- Porque é que não derrotamos os Romanos? - perguntei a Nimue.

- Porque os Deuses não quiseram que assim fosse. Alguns Deuses são maus, Derfel. Além disso, eles não têm qualquer dever para conosco, só nós é que temos para com eles. Talvez isso os divertisse. Ou talvez os nossos antepassados tenham quebrado o pacto e os Deuses tenham mandado os Romanos para puni-los. Não sabemos, o que sabemos é que os Romanos foram embora e Merlim diz que temos uma oportunidade, apenas uma oportunidade de restaurar a Grã-Bretanha. - Ela falava com a voz baixa, mas intensa. - Temos de refazer a velha Grã-Bretanha, a verdadeira Grã-Bretanha, a terra dos Deuses e dos homens, e, se o fizermos, Derfel, se o fizermos, então teremos de novo o poder dos Deuses.

Eu queria acreditar nela. Como eu queria acreditar que as nossas curtas vidas, dominadas pelas doenças e perseguidas pela morte, poderiam receber uma nova esperança graças à boa vontade de criaturas sobrenaturais possuidoras de uma força gloriosa.

- Mas tem de trapaçar para conseguir? - perguntei não escondendo a minha desilusão.

- Oh, Derfel. - Nimue deixou cair os ombros. - Repare! Nem todas as pessoas conseguem sentir a presença dos Deuses. Por isso, aquelas que o conseguem têm um dever especial. Se eu mostrar fraqueza, se mostrar um momento de descrença, então que esperança há para as pessoas que querem acreditar? Não são truques, são... fez uma pausa, procurando a palavra certa ...

insígnias. Tal e qual como a coroa de Uther, os seus colares, o seu estandarte e a sua pedra em *Caer Cadarn*. Essas coisas nos dizem que Uther é o Rei Supremo e como tal o tratamos. Quando Merlim anda por entre o seu povo, também tem que usar as suas insígnias. As insígnias dizem às pessoas que ele toca os Deuses e as pessoas temem-no por isso. - Apontou para a porta estilhada com o buraco da lança. - Quando atravessei aquela porta, nua, com duas cobras e um morcego escondido por baixo da pele de um homem morto, eu estava enfrentando um rei, o seu druida e os seus guerreiros. Uma menina, Derfel, contra um rei, um druida e um exército real. Quem ganhou?

- Você.

- Então, o truque funcionou, mas não foi o meu poder que o fez funcionar. Foi o poder dos Deuses. Mas eu tinha de acreditar nesse poder para o fazer funcionar. E

acreditar, Derfel, é aquilo a que deve dedicar sua vida. - Falava agora com uma rara e intensa paixão. - Em todos os minutos de todos os dias e em todos os momentos de todas as noites deve estar aberto para os Deuses, e se estiver, então eles virão. É

claro que não virão sempre que você os quiser, mas se nunca os chamar eles nunca responderão. Porém, quando respondem, Derfel, oh, quando respondem, é tão espantoso e tão aterrador. É como ter asas que te fazem voar alto até à glória.

Os olhos dela brilhavam enquanto falava. Nunca a ouvira falar destas coisas.

Ainda não há muito tempo ela fora uma criança, mas agora que se deitara na cama de Merlim e aceitara os seus ensinamentos e o seu poder, eu ressentia-me disso. Tinha ciúmes, estava zangado e não compreendia. Ela estava crescendo e afastando-se de mim e eu nada podia fazer para evitar.

- Eu estou aberto para os Deuses - disse eu com ressentimento. -
- Acredito neles. Quero a sua ajuda.

Ela tocou o meu rosto com a mão enfaixada.

- Você vai ser um guerreiro, Derfel, um grande guerreiro. É uma boa
pessoa, honesto, firme como a Torre de Merlim e não há em você
qualquer sinal de loucura.

Nem o menor traço de loucura, nem sequer um pingo desesperado
de loucura. Acha que eu quero seguir Merlim?

- Acho - disse eu, magoado. - Sei que é isso que quer. É claro que
eu estava magoado por ela não se querer dedicar a mim.

Ela respirou fundo e olhou para o teto coberto de sombras onde dois
pombos que tinham entrado por um dos buracos da fumaça
passeavam agora ao longo de uma trave.

- Às vezes - disse ela - acho que gostaria de casar, ter filhos, vê-los
crescer, eu própria envelhecer e morrer, mas de todas estas coisas,
Derfel - olhou outra vez para mim só vou ter a última. - Não suporto
pensar no que me acontecerá. Não suporto pensar em suportar as
Três Chagas da Sabedoria, mas eu tenho de fazer.

Devo fazê-lo!

- As Três Chagas? - perguntei, nunca tendo ouvido falar delas.

- A Chaga do Corpo - explicou Nimue, - a Chaga do Orgulho - e
tocou entre as suas pernas - e a Chaga da Mente, que é a loucura. -
Fez uma pausa e um olhar de terror perpassou-lhe o rosto. - Merlim
sofreu as três, por isso ele é um homem tão sábio. Morgana teve a
pior Chaga do Corpo que alguém possa imaginar, mas nunca sofreu
as outras duas chagas e é por essa razão que nunca vai pertencer
realmente aos Deuses. Eu não sofri nenhuma das três, mas vou

sofrer. Tenho de sofrer! - Falava agora arrebatadamente. - Tenho de sofrer, porque fui escolhida.

- Porque é que eu não fui escolhido? - perguntei eu. Ela abanou a cabeça.

- Você não entende, Derfel. Ninguém me escolheu, senão eu. Você mesmo tem de escolher. Podia acontecer com qualquer um de nós aqui. É por isso que Merlim recolhe crianças abandonadas, porque acredita que as crianças órfãs poderão ter poderes especiais, mas poucas os têm.

- E você tem - disse eu.

- Eu vejo os Deuses por todo o lado - disse Nimue simplesmente. - E eles me vêem.

- Eu nunca vi um Deus - disse eu teimosamente. Ela sorriu do meu ressentimento.

- Mas há de ver - disse ela. - Porque deve pensar na Grã-Bretanha, Derfel, como se ela estivesse atada com as fitas de uma bruma delicada. Apenas alguns fios tênues aqui e ali, arrastados pelo vento e enfraquecendo, mas esses fios são os Deuses e, se conseguirmos encontrá-los, agradar-lhes e fazer esta terra pertencer-lhes de novo, então os fios vão ficar mais grossos e vão juntar-se para formar uma grande e maravilhosa bruma que cobrirá toda a terra e nos protegerá do que existe lá

fora. É por isso que vivemos aqui no Tor. Merlim sabe que os Deuses adoram este lugar e aqui a bruma sagrada é espessa, mas a nossa tarefa é espalhá-la.

- É isso que Merlim está fazendo?

Ela sorriu.

- Neste preciso momento, Derfel, Merlim está dormindo. E eu também tenho de dormir. Você não tem trabalho para fazer ?

- As rendas para contar - disse eu, contrafeito.

Os armazéns da parte baixa estavam cheios de peixe defumado, enguias defumadas, jarros de sal, cestos de vime, tecidos de lã, lingotes de chumbo, barris de carvão e até pedaços de âmbar e âmbar negro. Eram as rendas de Inverno pagas em Beltain que Hywel tinha de verificar, registrar e depois dividir em duas partes: a parte de Merlim e o quinhão que seria entregue aos cobradores de impostos do Rei Supremo.

- Então, vá contá-las - disse Nimue, como se nada de estranho tivesse acontecido entre nós, apesar de ter se aproximado e ter me dado um beijo fraternal.

- Vá - repetiu ela e eu saí aos tropeções dos aposentos de Merlim tendo de enfrentar os olhares curiosos e ressentidos das criadas de Norwenna que tinham voltado para o grande quarto.

Chegou o equinócio. Os cristãos celebraram a festa da morte do seu Deus enquanto nós acendíamos as grandes fogueiras de Beltain. As nossas chamas troavam na escuridão para trazer vida nova ao mundo que renascia. Viram-se os primeiros assaltantes saxões ao longe, a leste, mas nenhum se aproximou de *Ynys Wydryn*. Também nunca mais vimos Gundleus da Silúria. Gudovan, o escrivão, supunha que a proposta de casamento dera em nada e, melancolicamente, previa uma nova guerra contra os reinos do Norte.

Merlim não regressou nem tivemos notícias dele.

Começaram a nascer os dentes do príncipe Mordred. O primeiro a aparecer foi na gengiva inferior, um bom presságio de uma longa vida. Mordred usava os dentes novos para morder os mamilos de Ralla até fazê-los sangrar, se bem que ela continuasse a amamentá-

lo para que o seu filho rechonchudo sugasse sangue do príncipe juntamente com o leite da sua mãe. Os espíritos de Nimue iluminavam-se à

medida que os dias cresciam. As cicatrizes nas nossas mãos passaram de cor de rosa a brancas e, depois, a linhas que pareciam sombras. Nimue nunca falou delas.

O Rei Supremo passou uma semana em *Caer Cadarn* e o Príncipe Herdeiro foi levado lá para ser inspecionado pelo avô. Uther deve ter aprovado o que viu e os presságios da Primavera foram todos favoráveis, pois três semanas depois de Beltain soube-se que o futuro do reino, o futuro de Norwenna e o futuro de Mordred seriam decididos num grande Conselho Supremo, o primeiro sendo realizado na Grã-Bretanha desde há mais de sessenta anos.

Estávamos na Primavera, as folhas vestiam-se de verde e brotavam grandes esperanças da terra renovada.

O Conselho Supremo teve lugar em *Glevum*, uma cidade romana que se estendia na margem do rio Severn, mesmo do outro lado da fronteira do norte entre *Dumnónia* e *Gwent*. Uther foi levado até lá numa carroça puxada por quatro bois, cada animal enfeitado com raminhos de mimosas, os tradicionais raminhos de Maio e selados com tecidos verdes. O Rei Supremo desfrutava da lenta viagem pelo seu reino em início de Verão, talvez porque soubesse que esta seria a última vez que veria a beleza da Grã-Bretanha antes de partir para a Gruta de Cruachan e passar sob a ponte da espada para o Outro Mundo. As sebes de arbustos, por entre as quais os seus bois marchavam lentamente, estavam salpicadas de branco com os pilriteiros, os bosques estavam carregados de campainhas enquanto as papoulas resplandeciam por entre o trigo, o centeio e a cevada e pelos campos de feno quase pronto sendo colhido onde os pintos-bravos não paravam de piar. O Rei Supremo viajava devagar, parando frequentemente em aldeolas e fazendas onde inspecionava os terrenos e a casa da fazenda e dava conselhos a homens que

sabiam melhor do que ele como construir um tanque de pisoar ou como capar um porco. Tomou banho nas nascentes de água quente em *Aquae Sulis* e sentia-se tão recuperado da viagem quando saiu da cidade que andou mais de um quilômetro e meio a pé antes de o ajudarem a subir de novo para a carroça revestida de peles. Acompanhavam-no os seus bardos, os seus conselheiros, o seu médico, o seu coro, uma comitiva de servos e uma escolta de guerreiros comandados por Owain, o seu campeão e chefe da guarda. Todos traziam flores e os guerreiros mantinham os escudos virados de pernas para o ar para mostrar que marchavam em paz, apesar de Uther estar velho demais e ser cauteloso demais para não deixar de se certificar de que, todos os dias, os seus lanceiros se mantinham bem alerta.

Eu fui a *Glevum*. Não tinha nada para fazer lá, mas Uther convocara Morgana para o Conselho Supremo. Normalmente as mulheres não eram bem aceitas em nenhum Conselho, supremo ou não, mas Uther achava que ninguém falava tão bem por Merlim como Morgana e, então, no seu desespero perante a ausência de Merlim, convocou-a. Além disso, ela era filha natural de Uther, e o Rei Supremo gostava de dizer que havia mais inteligência na cabeça dourada de Morgana do que em todos os cérebros juntos de metade dos seus conselheiros. Morgana era também responsável pela saúde de Norwenna e era o futuro de Norwenna que estava sendo decidido, ainda que a própria Norwenna não tivesse sido convocada nem consultada. Ela ficara em *Ynys Wydryn* sob os cuidados de Gundoloen, a mulher de Merlim. Morgana não levaria ninguém a *Glevum*, exceto a sua escrava Sebile, mas, no último instante, Nimue, calmamente, anunciou que também ela viajaria para *Glevum* e que eu a acompanharia.

É claro que Morgana provocou um grande reboiço, mas Nimue enfrentou a indignação da mulher mais velha com uma calma irritante.

- Recebi instruções - disse ela a Morgana e quando Morgana, com uma voz esganiçada, lhe perguntou de quem, Nimue limitou-se a sorrir.

Morgana tinha o dobro do tamanho e o dobro da idade de Nimue, mas quando Merlim levava Nimue para a sua cama todo o poder de *Ynys Wydryn* passara para ela e, face a essa autoridade, a mulher mais velha ficava sem nada poder fazer.

Ainda se opôs à minha ida. Exigiu saber por que razão Nimue não levava Lunete, a outra menina irlandesa, uma das crianças abandonadas de Merlim. Morgana dizia que um rapaz como eu não era boa companhia para uma jovem, e quando Nimue nada mais fez do que sorrir de novo, Morgana, a transbordar de cólera, disse que iria contar a Merlim do afeto de Nimue por mim e que isso seria o fim dela. Perante esta ameaça idiota Nimue limitou-se a rir e a afastar-se.

Eu não me preocupei com a discussão. Só queria ir a *Glevum* para ver o torneio, ouvir os bardos, ver as danças e, acima de tudo, estar com Nimue.

E lá fomos nós, um quarteto mal afinado, para *Glevum*. Morgana, com o bastão de espinheiro negro na mão e a máscara de ouro a luzir ao sol de Verão, caminhava pesada e ruidosamente à frente e o seu coxear fazia de cada passo um enfático gesto de desaprovação perante a companhia de Nimue. Sebile, a escrava saxônica, caminhava depressa, dois passos atrás da sua ama dobrada sob o fardo de mantas para as camas, ervas secas e potes. Nimue e eu caminhávamos atrás, descalços, de cabeça descoberta e sem nenhuma carga. Nimue levava uma longa capa preta sobre uma túnica branca amarrada na cintura com uma corda, das usadas pelos escravos. Tinha o longo cabelo negro apanhado ao alto com ganchos e não usava nenhuma jóia, nem sequer um alfinete de osso para apertar a capa. Morgana tinha à volta do pescoço um pesado colar de ouro e a sua capa castanho-escura estava apertada

sobre o peito com dois pregadores de ouro, um com a forma de um veado com três chifres e o outro era o pesado ornamento em forma de dragão que Uther lhe dera em *Caer Cadarn*.

Gostei muito da viagem. Demoramos três dias; seguíamos em passo lento, pois Morgana caminhava de forma desastrada, mas o sol iluminava-nos e a estrada romana facilitou a nossa viagem. Quando escurecia procurávamos a casa de um chefe mais próxima e dormíamos como convidados de honra nos seus celeiros cheios de palha. Havia poucos viajantes e todos davam lugar ao brasão brilhante da máscara dourada de Morgana, pois esse era o símbolo da sua alta condição social. Avisaram-nos sobre homens sem dono e sem terra que assaltavam os mercadores nas estradas, mas nenhum nos ameaçou, talvez porque os soldados de Uther se tenham preparado para o Conselho Supremo, esquadrinhando os bosques e os montes à procura de salteadores. Nós passamos por mais de uma dúzia de corpos já em decomposição espetados em estacas nas beiras das estradas como avisos. Os servos e escravos que encontrávamos ajoelhavam-se perante Morgana, os mercadores davam-lhe o lugar e apenas um viajante ousou desafiar a nossa autoridade. Foi um padre de longa barba e olhar feroz, com o seu séquito andrajoso de mulheres despenteadas. O grupo cristão dançava rua abaixo, glorificando o seu Deus pregado na cruz, mas quando o padre viu a máscara dourada cobrindo o rosto de Morgana e os três chifres do veado e o dragão de asas amplas dos pregadores dela, começou falando em tom declamatório dizendo que ela era a criatura do Diabo. O padre deve ter pensado que uma criatura tão desfigurada e coxeando tanto seria presa fácil para o seu escárnio, mas um pregador errante acompanhado pela mulher e por prostitutas sagradas não era desafio para a filha de Igraine, protegida de Merlim e irmã de Artur. Morgana limitou-se a desferir-lhe um golpe na orelha com o seu pesado bastão, um golpe que o atirou para o lado, fazendo-o cair numa vala cheia de urtigas, e depois seguiu o seu caminho sem sequer olhar para trás. As mulheres do padre fugiram gritando. Algumas rezavam, outras

lançavam-lhe pragas, mas Nimue deslizou por entre a sua malevolência como um espírito.

Eu não levava nenhuma arma, exceto um bastão e uma faca considerados como acessórios indispensáveis de todo o guerreiro. Eu queria levar uma espada e uma lança, para parecer um adulto, mas Hywel, zombando de mim, dissera que um homem não se faz pelas suas vontades, mas sim pelos seus feitos. Para minha proteção deu-me um colar grosso de bronze rematado com a figura do Deus chifrudo de Merlim, dizendo que ninguém ousaria desafiar Merlim. Mesmo assim, sem as armas de um homem, eu me sentia inútil. Perguntei a Nimue por que razão estava ali.

- Porque você é o meu amigo jurado, pequeno - disse Nimue. Eu já era mais alto do que ela, mas ela usava essa palavra afetuosamente. - E porque você e eu somos os escolhidos de Bei e, se ele nos escolheu, então temos de nos escolher um ao outro.

- Então porque vamos para *Glevum*? - quis saber.

- Porque Merlim nos quer lá, claro.

- Ele vai estar lá? - perguntei ansioso. Merlim estava ausente há já muito tempo e, sem ele, *Ynys Wydryn* era como um céu sem sol.

- Não - disse ela calmamente, apesar de eu não saber como é que ela conhecia a vontade de Merlim em relação a este assunto, pois Merlim estava muito longe e a convocação do Conselho Supremo tinha sido feita muito depois de ele ter partido.

- E o que vamos fazer quando chegarmos em *Glevum*?

- Logo saberemos quando lá chegarmos - disse ela de forma misteriosa, não explicando mais nada.

Visto que eu crescera habituado ao cheiro pestilento e excessivo da água das fossas, *Glevum* parecia-me maravilhosamente estranha.

Além de algumas fazendas que eram parte das propriedades de Merlim, era a primeira vez que eu ia a um local verdadeiramente romano e fiquei de boca aberta como um pintainho acabado de sair do ovo perante o que via. As estradas eram pavimentadas com pedras calibradas e, apesar de algumas terem se soltado ao longo dos anos após a partida dos Romanos, os homens do rei Tewdric fizeram o seu melhor para reparar os estragos arrancando as ervas daninhas e limpando a sujeira, fazendo as nove estradas da cidade parecerem rios de pedra na estação seca. Era difícil andar nessas estradas e ver os cavalos tentando galgar aquelas pedras traiçoeiras fez-me rir, a mim e à Nimue. Os edifícios eram tão esquisitos como as estradas. Nós fazíamos as nossas casas com madeira, colmo, argila e vimes, mas estes edifícios romanos estavam todos juntos e eram feitos de pedra e pequenos tijolos muito estranhos, apesar de, ao longo dos anos alguns terem caído, deixando buracos nas longas filas de casas baixinhas que, curiosamente, eram cobertas com telhas de argila cozida. Dentro da cidade rodeada por muralhas podia fazer-se a travessia do rio Severn. Esta cidade ficava entre dois reinos e perto de um terceiro e, por isso, era um famoso entreposto comercial. Havia oleiros trabalhando nas casas, ourives inclinados sobre as suas mesas de trabalho e vitelos mugindo no matadouro por trás do mercado cheio de aldeões a vender manteiga, nozes, couro, peixe defumado, mel, tecidos tingidos e lã acabada de tosquiar. O melhor de tudo, pelo menos para os meus olhos deslumbrados, eram os soldados do rei Tewdric. Nimue disse-me que eles eram romanos, ou pelo menos bretões ensinados à maneira romana. Todos tinham a barba curta e usavam como os Romanos robustas sandálias de couro e calções de lã por baixo de um saiote de couro curto. Os soldados de categoria superior tinham placas de bronze cosidas nos saiotes e, quando andavam, as placas da armadura faziam um barulho parecido com as campainhas das vacas. Cada homem trazia uma couraça muito bem polida, uma capa comprida castanho-avermelhada e um elmo de couro cosido em cima. Alguns dos elmos tinham penas tingidas de várias cores. Os soldados traziam espadas curtas, mas com lâmina larga, lanças compridas com as

hastes bem polidas e escudos retangulares feitos de madeira e couro e com um touro, o símbolo de Tewdric, pintado.

Os escudos eram todos do mesmo tamanho, as lanças todas do mesmo comprimento e os soldados marchavam todos a passo certo, o que a princípio me fez rir, apesar de, depois, acabar por me habituar.

No centro da cidade, onde as quatro estradas que vinham dos quatro portões da cidade se encontravam formando uma grande praça, havia um edifício enorme, verdadeiramente incrível. Até mesmo Nimue ficou de boca aberta, pois certamente nenhuma pessoa conseguia construir tal edifício: assim tão alto, tão branco e com as esquinas tão bem delineadas. O telhado muito alto era sustentado por colunas e em todo o espaço triangular entre o topo do telhado e o topo das colunas havia figuras fantásticas esculpidas em pedra branca que mostravam homens prodigiosos esmagando os inimigos sob os cascos dos seus cavalos. Os homens de pedra traziam lanças de pedra e usavam elmos de pedra com plumas de pedra altaneiras. Algumas das figuras tinham desaparecido ou tinham rachado com a geada. Mesmo assim, aquilo, para mim, era um milagre, se bem que Nimue, depois de ter olhado fixamente para o edifício, cuspiu para afastar o mal.

- Não gosta? - perguntei-lhe com ressentimento.

- Os Romanos tentaram ser deuses - disse ela, - e é por isso que os Deuses os humilharam. O Conselho não devia se realizar aqui.

No entanto, o Conselho Supremo fora convocado para *Glevum* e Nimue nada podia fazer. Ali, rodeado por muralhas romanas de terra e madeira, seria decidido o destino do reino de Uther.

Quando chegamos à cidade, o Rei Supremo já estava lá. Estava alojado num outro edifício alto que ficava em frente ao edifício das colunas. Não se mostrou nem surpreso nem aborrecido com a vinda de Nimue, talvez por pensar que ela viera apenas acompanhar

Morgana, e disponibilizou apenas um quarto para todos nós nos fundos da casa onde vinha parar a fumaça das cozinhas e onde os escravos se engalfinhavam em constantes brigas. Os soldados do Rei Supremo pareciam imundos ao lado dos homens reluzentes de Tewdric. Os nossos soldados usavam o cabelo comprido e a barba cortada à toa, tinham as capas todas de cores diferentes, puídas e remendadas e traziam espadas pesadas e compridas, lanças com hastes irregulares e escudos redondos com o dragão de Uther, que era um símbolo tosco ao lado dos touros de Tewdric cuidadosamente pintados.

Durante os primeiros dois dias sucederam-se os festejos. Campeões dos dois reinos fizeram simulacros de combates fora das muralhas, se bem que quando Owain, o campeão de Uther, entrou na arena, o rei Tewdric teve de obrigar dois dos seus melhores homens a lutar com ele. O famoso herói de *Dumnónia* tinha a reputação ser invencível, e parecia sê-lo quando estava no meio da arena com o sol de Verão reluzindo na sua longa espada. Era um homem enorme com os braços cheios de tatuagens, um peito nu muito peludo e uma barba hirsuta decorada com anéis de guerreiro feitos das armas dos inimigos que vencera. A sua luta contra os dois campeões de Tewdric era para ser uma simulação, mas não se vislumbrava qualquer simulação quando os heróis de Gwent se revezavam para o atacar. Os três homens lutavam como se estivessem cheios de ódio e trocavam golpes de espada que se deviam ter ouvido na distante *Powys* e, depois de alguns minutos, o suor misturava-se com o sangue, as lâminas das espadas estavam amassadas e todos três coxeavam, mas Owain ainda ganhava a luta. Apesar do seu tamanho, era rápido com a espada e os seus golpes eram bastante pesados. A multidão que se tinha juntado vinda dos arredores e que não pertencia nem ao reino de Uther nem ao de Tewdric, ululava como bestas selvagens para incitar os homens ao massacre, e Tewdric, ao ver aquele entusiasmo, atirou o seu bastão para acabar o combate.

- Lembrem-se de que somos amigos - disse ele aos três homens, e Uther, sentado um degrau acima de Tewdric como convinha ao Rei Supremo, meneou a cabeça, em sinal de assentimento.

Uther tinha um ar pesado e doente. Tinha o corpo inchado pelo excesso de líquidos, o rosto amarelado e apático e respirava com esforço. Fora levado para o campo de batalha numa liteira e estava sentado no seu trono envolvido num manto muito pesado que escondia o seu cinto cravejado de pedras preciosas e o seu colar cintilante. O rei Tewdric vestia-se como um romano, na verdade o seu avô fora mesmo romano, o que talvez explicasse o seu nome que parecia estrangeiro. O rei usava o cabelo cortado muito curto, não tinha barba e usava uma toga branca amarrada de forma confusa num ombro. Era alto, magro e gracioso nos movimentos e, apesar de ser ainda um homem novo, o aspecto triste e circunspecto do seu rosto faziam-no parecer muito mais velho. A sua rainha, Enid, usava o cabelo entrançado, formando uma estranha espiral precariamente segura no alto da cabeça, obrigando-a a caminhar com a inépcia angular de um potro recém-nascido. Tinha o rosto coberto com uma pasta branca que lhe dava uma expressão vaga de perplexo aborrecimento. O seu filho Meurig, o Príncipe Herdeiro de Gwent, era uma endiabrada criança de dez anos que se sentava aos pés da mãe e que apanhava uma bofetada do pai cada vez que metia o dedo no nariz.

Depois da luta houve um concurso de harpistas e bardos. Cynyr, o bardo de Gwent, cantou a notável história da vitória de Uther sobre os Saxões em *Caer Idern*.

Mais tarde percebi que Tewdric deve tê-lo mandado cantar em homenagem ao Rei Supremo, e certamente que a atuação agradou a Uther que sorria à medida que os versos se iam desenrolando e assentia com a cabeça cada vez que um determinado guerreiro era louvado. Cynyr declamava a vitória numa voz vibrante e quando chegou aos versos que diziam como Owain tinha matado mais de mil saxões, virou-se para o cansado lutador e um dos campeões de

Tewdric, que apenas uma hora antes tentara derrubar o homenzarrão, levantou-se e ergueu o braço de Owain que segurava a espada. A multidão berrou e depois começou a rir quando Cynyr começou falando como uma mulher para descrever os Saxões implorando por piedade. Cynyr começou a correr à volta do campo com pequenos passos apavorados, inclinando-se como se se estivesse se escondendo, e a multidão adorou. Eu também gostei, pois quase se podiam ver os odiados Saxões encolhendo-se aterrorizados, sentir o cheiro pestilento do seu sangue e ouvir as asas dos corvos que vinham, vorazes, comer-lhes a carne.

Depois Cynyr endireitou-se e deixou cair o manto, revelando o seu corpo nu pintado de azul e cantou a música de homenagem dos Deuses que viram o seu campeão, Uther, o Rei Supremo de *Dumnónia*, o Pendragon da Grã-Bretanha, derrotar reis, chefes e campeões inimigos. Depois, ainda nu, o bardo ajoelhou-se ante o trono de Uther.

Uther procurou desajeitadamente por baixo da sua capa de peles até

encontrar um colar de ouro amarelo que atirou na direção de Cynyr. Atirou-o com pouca força e o colar caiu na beira do estrado de madeira onde estavam sentados os dois reis. Nimue empalideceu perante o mau presságio, mas Tewdric apanhou calmamente o colar e levou-o ao bardo de cabelo branco, fazendo-o levantar com as próprias mãos.

Depois dos bardos terem cantado, e precisamente na altura em que o sol estava se pondo por trás do escuro veio de montes baixos do lado ocidental, que marcava o início dos domínios silurianos, uma procissão de donzelas trouxe flores para as rainhas, mas só havia uma rainha no estrado, Enid. Durante alguns segundos as meninas que traziam os ramos de flores destinados à rainha de Uther ficaram sem saber o que fazer, mas Uther moveu-se e apontou para Morgana, que ocupava o seu lugar ao lado do estrado. Então as

meninas desviaram-se para o lado e colocaram as íris, as ulmárias e as orquídeas em frente dela.

- Ela parece uma tarte coroada com salsa - disse-me Nimue ao ouvido com uma voz sibilante.

Na noite anterior ao Conselho Supremo houve um serviço cristão no salão do grandioso edifício do centro da cidade. Tewdric era um cristão entusiasta e os seus seguidores encheram o salão iluminado por tochas chamejantes colocadas em argolas de ferro nas paredes. Chovera nessa noite e o salão cheio de gente tresandava a suor, lã úmida e fumaça de lenha. As mulheres ficavam no lado esquerdo do salão e os homens no lado direito, mas Nimue ignorou muito calmamente aquela disposição e subiu para um pedestal que ficava por trás da escura multidão de homens com capas e sem chapéus. Havia outros pedestais, a maior parte deles com estátuas, mas o nosso plinto estava vazio e tinha espaço suficiente para nos sentarmos para assistir aos rituais cristãos. A princípio eu estava mais admirado com o amplo interior do salão, que era mais alto, mais largo e mais comprido do que todos os salões de festas que eu já vira; era tão grande que viviam lá dentro pardais que deviam considerar o edifício romano um verdadeiro mundo. O céu dos pardais era um telhado curvo suportado por colunas baixas de tijolo outrora revestidas com camadas de estuque onde tinham sido pintadas algumas figuras. Ainda restavam alguns fragmentos das pinturas: conseguia ver o contorno vermelho de um veado correndo, uma criatura do mar com chifres e uma cauda bifurcada e duas mulheres segurando uma taça com duas asas iguais.

Uther não estava no salão, mas os guerreiros cristãos assistiram e o bispo Bedwin, conselheiro do Rei Supremo, ajudou nas cerimônias, a que Nimue e eu assistíamos do nosso ninho altaneiro como duas crianças travessas escutando atrás das portas as conversas das pessoas mais velhas. O rei Tewdric estava lá e com ele alguns dos reis e príncipes que estariam presentes no Conselho Supremo do dia seguinte. Essas pessoas importantes tinham assento na parte

da frente do salão, mas a luz do fogo brilhava não à volta deles, mas sim à volta dos padres cristãos reunidos ao redor de uma mesa. Foi a primeira vez que vi tais criaturas nos seus ritos.

- O que é exatamente um bispo? - perguntei a Nimue.

- É como um druida - disse ela, e, na realidade, os padres cristãos usavam o cabelo rapado à frente. - Só que eles não têm formação e não sabem nada -

acrescentou Nimue com ironia.

- Eles são todos bispos? - perguntei, pois havia muitos homens de cabelo rapado andando de um lado para o outro, para cima e para baixo e à volta da mesa iluminada ao fundo do salão.

- Não. Alguns são só padres. Sabem ainda menos do que os bispos.

- Ela riu.

- Não há sacerdotisas? - perguntei.

- Na religião deles - disse com desdém, - as mulheres têm de obedecer aos homens.

Cuspiu para afugentar esse mal e alguns dos guerreiros ali à volta lançaram-lhe olhares desaprovadores. Nimue ignorou-os. Estava envolta no seu manto negro com os braços à volta dos joelhos dobrados. Morgana proibira-nos de assistir às cerimônias cristãs, mas Nimue já não obedecia às ordens de Morgana. À luz do fogo, o seu rosto magro ensombrava-se e os seus olhos faiscavam.

Os padres estranhos entoavam cânticos na língua grega que a nós nada dizia.

Estavam sempre inclinando-se e, perante isso, a multidão ajoelhava-se e levantava-se de novo com esforço. Cada movimento para baixo era marcado no lado direito do salão por um barulho

desleixado, quando cem ou mais espadas batiam no chão coberto com ladrilhos. Os padres, tal como os druidas, levantavam muito os braços quando rezavam. Usavam túnicas estranhas, parecidas com a toga de Tewdric e cobertas com capas curtas decoradas. Cantavam e a multidão cantava em resposta e algumas das mulheres atrás da frágil rainha Enid de rosto branco começaram a soltar gritos agudos e a tremer em êxtase, mas os padres ignoravam a agitação e continuavam a entoar os cânticos. Havia uma cruz muito simples em cima da mesa, diante da qual se inclinavam e à qual Nimue fez o sinal para afastar o mal enquanto murmurava por entre dentes uma reza protetora. Rapidamente nos aborrecemos com tudo aquilo e eu só queria escapulir para ter certeza que arranjaríamos um bom lugar para conseguir comer alguma coisa do grande banquete que teria lugar depois da cerimônia, na casa de Uther. Mas, depois, a linguagem da noite mudou para a língua falada na Grã-Bretanha quando um jovem padre se dirigiu à multidão.

O jovem padre era Sansum, e aquela noite foi a primeira vez que eu vi o santo. Era muito novo, muito mais novo do que os bispos, mas era considerado um homem de futuro, a esperança do porvir cristão, e os bispos deram-lhe deliberadamente a honra de pregar aquele sermão, como forma de o ajudarem a progredir na carreira.

Sansum foi sempre um homem magro, baixo, com um queixo sem barba e aguçado e uma testa recolhida, acima da qual o seu cabelo tonsurado se elevava hirsuto e negro como uma sebe de espinheiros, apesar da sebe ter sido mais aparada em cima do que nos lados, deixando-o assim com uns tufo de cabelo negro e espetado mesmo em cima das orelhas.

- Parece *Lughtigern* - murmurou Nimue e eu ri alto, pois *Lughtigern* é o Lorde

Rato das histórias das crianças, uma criatura com muita garganta, mas que foge sempre que o gato aparece. No entanto, este Lorde

Rato tonsurado sabia mesmo pregar. Eu nunca tinha ouvido o Evangelho sagrado de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por vezes estremeço, quando penso quão mal recebi aquele primeiro sermão. Porém, jamais esquecerei o modo como ele o pronunciou. Sansum estava em cima de uma plataforma para que pudesse ver e ser visto, e, às vezes, no entusiasmo da sua pregação, quase caía e tinha ser segurado pelos outros padres. Eu estava à espera que ele caísse, no entanto ele conseguia sempre recuperar o equilíbrio.

A sua pregação começou de uma forma muito convencional. Agradeceu a Deus a presença dos grandes reis e dos poderosos príncipes que tinham vindo escutar o Evangelho, depois teceu alguns elogios ao rei Tewdric antes de se lançar numa censura que expunha a visão cristã do estado em que estava a Grã-Bretanha.

Mais tarde percebi que se tratava mais de um discurso político do que de um sermão.

Sansum disse que a ilha da Grã-Bretanha era amada por Deus. Era uma terra especial, separada de outras terras e rodeada por um mar resplandecente para defendê-la das pestes, das heresias e dos inimigos. E continuou, dizendo que a Grã-Bretanha também era abençoada por grandes governantes e guerreiros poderosos.

Todavia, ultimamente a ilha fora despedaçada por estranhos, e os seus campos, celeiros e aldeias foram devastados pela espada. Os Sais pagãos, os Saxões, estavam se apoderando da terra dos nossos antepassados e a transformando em lixo.

Sansum declarava que os terríveis Sais profanavam os túmulos dos nossos pais, violavam as nossas mulheres e assassinavam as nossas crianças e que coisas como estas não podiam acontecer, a não ser que fossem a vontade de Deus, e perguntava por que razão viraria Deus as costas aos seus filhos, tão amados e tão especiais.

Porque, dizia ele, os seus filhos recusaram-se ouvindo a Sua mensagem sagrada. Os seus filhos da Grã-Bretanha ainda se

inclinavam perante um pedaço de madeira ou uma pedra. Ainda existiam as chamadas matas sagradas e os seus santuários ainda tinham as caveiras dos mortos e eram lavados com o sangue dos sacrifícios. Sansum dizia que estas coisas poderiam não ser vistas nas cidades, pois a maior parte delas estava cheia de cristãos, mas avisou-nos de que as aldeias estavam infestadas de pagãos. Já deviam ser poucos os druidas na Grã-Bretanha, no entanto em todos os vales e fazendas havia homens e mulheres que agiam como druidas, que sacrificavam seres vivos a uma pedra morta e que usavam feitiçarias e amuletos para iludir os simplórios. Até os cristãos e neste momento Sansum lançou um olhar carrancudo à sua congregação levavam as suas doenças a bruxas idólatras e os seus sonhos a profetisas pagãs, e enquanto estas práticas do mal fossem encorajadas Deus amaldiçoaria a Grã-Bretanha com violações, assassínios e Saxões. Fez uma pausa para respirar e eu toquei no colar que trazia à volta do pescoço porque sabia que aquele Lorde Rato palavroso era inimigo do meu mestre Merlim e da minha amiga Nimue. Pecamos! gritou Sansum de repente, abrindo os braços e balançando na beira da plataforma; e todos tínhamos de nos arrepender. E continuou, dizendo que os reis da Grã-Bretanha deviam amar Cristo e a sua abençoada Mãe, e que só quando toda a raça britânica estivesse unida em Deus é que Deus uniria toda a Grã-Bretanha. Por esta altura a multidão respondia ao seu sermão, concordando e implorando misericórdia ao seu Deus, gritando e pedindo a morte dos druidas e dos seus seguidores. Era terrífico.

- Vamos - murmurou Nimue, - já ouvi o suficiente.

Descemos do pedestal e abrimos caminho por entre a multidão que enchia o vestíbulo por baixo dos pilares exteriores do salão. Para minha vergonha segurei a capa junto ao queixo sem barba para que ninguém visse o meu colar, enquanto seguia Nimue pelas escadas que levavam a praça batida pelo vento e iluminada com tochas a toda a volta. Caía uma chuva miudinha de Oeste que fazia as pedras da praça brilhar à luz dos archotes. Os guardas uniformizados de Tewdric estavam imóveis à volta da praça quando

Nimue me levou até o centro daquele espaço amplo, onde parou e, de repente, desatou a rir. A princípio era um riso abafado, depois um riso de zombaria que logo se tornou em gargalhadas ferozes de escárnio, que depois se transformaram em gritos de provocação que vibravam pelos telhados de *Glevum*, ecoavam pelos céus e acabavam num grito louco e furioso, tão feroz como o grito de morte de um animal apanhado numa armadilha. Ela descrevia círculos enquanto gritava, seguindo a rota do Sol, de Norte para Este, para Sul e para Oeste e de novo para Norte, e nem um só soldado se moveu. Alguns dos cristãos no pórtico do grande edifício olharam para nós enfurecidos, mas não interferiram. Até os cristãos reconheciam alguém tocado pelos Deuses e nenhum se atreveu a pôr a mão em Nimue.

Quando já não tinha fôlego, Nimue deixou-se cair nas pedras, em silêncio, uma figura minúscula anichada por baixo da capa preta, uma coisa sem forma tremendo a meus pés.

- Oh, pequeno - disse finalmente numa voz cansada - oh, meu pequenino.

- O que foi? - perguntei.

Confesso que estava mais tentado pelo cheirinho de porco assado que vinha da casa de Uther do que por qualquer tipo de transe que tanto cansara Nimue. Ela levantou a mão esquerda com a cicatriz e eu ajudei-a a pôr-se de pé.

- Temos uma chance - disse ela em voz baixa e assustada - apenas uma oportunidade e, se a perdermos, os Deuses nos deixarão. Seremos abandonados pelos Deuses e deixados às feras. E aqueles malucos, o Lorde Rato e os seus seguidores, vão arruinar essa chance, a não ser que lutemos contra eles. E eles são tantos e nós tão poucos.

Olhava para o meu rosto, gritando de desespero. Eu não sabia o que dizer.

Não tinha muitos conhecimentos do mundo espiritual apesar ser uma das crianças enjeitadas de Merlim e o filho dileto de Bei.

- Bei vai nos ajudar, não vai? - perguntei, sem saber o que fazer. - Ele nos ama, não ama?

- Ele nos ama! - Ela arrancou a sua mão da minha. – Ele nos ama! - repetiu com desprezo. - Não é tarefa dos Deuses nos amar. Você ama os porcos do Druidan?

Por que razão, em nome de Bei, deveria um deus nos amar. O que você sabe do amor, Derfel, filho de um saxão?

- Sei que te amo - disse eu.

Ainda agora coro quando penso num jovem desesperado à procura do afeto de uma mulher. Precisei de toda a força do meu corpo para dizer aquilo, de todos os pedacinhos de coragem que eu esperava ter e, depois de ter deixado escapar aquelas palavras, corei à luz do fogo varrido pela chuva e desejei ter ficado calado.

Nimue me sorriu.

- Eu sei - disse ela - eu sei. Agora vamos. Temos um banquete para a ceia.

Nestes dias, nestes dias que me restam e que eu passo a escrever neste mosteiro nos montes de Powys, às vezes fecho os olhos e vejo Nimue. Não aquilo em que ela se tornou, mas como era na época: tão cheia de fogo, tão viva, tão confiante.

Sei que ganhei Cristo e que através da Sua bênção ganhei o mundo todo, mas não tem conta tudo o que perdi, tudo o que todos nós perdemos. Perdemos tudo.

O banquete foi magnífico.

O Conselho Supremo começou no meio da manhã, depois dos cristãos realizarem mais uma cerimônia. Eu achava que realizavam cerimônias demais, pois todas as horas do dia pareciam exigir uma nova adoração da cruz, mas o atraso serviu para dar tempo aos príncipes e aos guerreiros para se recompor da noite de bebida, gabarolice e lutas. O Conselho Supremo teve lugar no grande salão que estava de novo iluminado por tochas, pois apesar do sol da Primavera brilhar, as poucas janelas do salão eram pequenas e estavam muito altas, menos apropriadas para deixar o sol entrar do que para deixar a fumaça sair, apesar de nem para isso serem muito boas.

Uther, o Rei Supremo, estava sentado numa tribuna acima do estrado reservado aos reis, príncipes herdeiros e príncipes. Tewdric de Gwent, o anfitrião do Conselho, sentava-se abaixo de Uther e do outro lado do trono de Tewdric havia uma dúzia de outros tronos, ocupados nesse dia por reis ou príncipes que pagavam tributo a Uther ou a Tewdric. Estavam lá o príncipe Cadwy de Isca, o rei Melwas de Belgae e o príncipe Gereint, Senhor das Pedras, enquanto o distante Kernow, o reino selvagem da extremidade ocidental da Grã-Bretanha, enviara o seu Príncipe Herdeiro, o príncipe Tristan, que se sentava enrolado em peles de lobo na extremidade do estrado ao lado de dois tronos vazios.

Na verdade, os tronos nada mais eram do que cadeiras trazidas da sala do banquete disfarçadas com xairéis, e no chão à frente de cada cadeira e encostados ao estrado estavam os escudos dos reinos. Tempos houvera em que eram trinta e três os escudos encostados ao estrado, mas agora as tribos da Grã-Bretanha lutavam umas contra as outras e alguns dos reinos tinham sido enterrados em Loegyr pelas lâminas saxônicas. Um dos objetivos deste Conselho Supremo era estabelecer a paz entre os reinos britânicos restantes, uma paz que já estava ameaçada pois *Powys* e *Silúria* não compareceram ao Conselho. Os seus tronos estavam vazios, testemunho mudo de que continuava a existir a hostilidade destes reinos em relação a *Gwent* e a *Dumnónia*.

Em frente aos reis e aos príncipes, e depois de um pequeno espaço aberto deixado para os discursos, estavam sentados os conselheiros e os magistrados-chefes dos reinos. Alguns dos grupos de conselheiros, como os de *Gwent* e os de *Dumnónia*, eram enormes, enquanto outros se reduziam a uma mão-cheia de homens.

Os magistrados e os conselheiros sentavam-se no chão, que estava decorado com milhares de minúsculas pedrinhas coloridas ordenadas de modo a formar uma imagem enorme que aparecia por entre os corpos sentados. Todos os conselheiros tinham trazido cobertores para fazerem de almofadas, pois sabiam que as deliberações do Conselho Supremo podiam durar até depois do anoitecer. Além dos conselheiros e presentes apenas como observadores estavam os guerreiros armados, alguns com os seus cães de caça favoritos ao lado, presos com as trelas. Eu fiquei ao lado desses guerreiros armados. O meu colar de bronze com a figura da cabeça de Cernunnos dava-me toda a autoridade de que eu precisava para estar presente.

Haviam duas mulheres no Conselho, apenas duas, e mesmo assim a sua presença causara rumores de protesto entre os homens que aguardavam, até que um pestanejar de olhos de Uther acalmou o murmúrio de descontentamento.

Morgana estava sentada à frente de Uther. Os conselheiros afastaram-se cautelosamente dela e assim ela estava sentada sozinha até Nimue entrar com ousadia pela porta do salão e abrir caminho através de todos aqueles homens sentados para arranjar um lugar ao lado dela. Nimue entrara com tanta calma e tanta firmeza que ninguém tentou impedi-la. Depois de se sentar olhou para Uther, o Rei Supremo, como que a desafiá-lo a expulsá-la, mas o rei ignorou a sua chegada.

Morgana também ignorou a sua jovem rival que se sentou muito quieta e muito direita.

Vestia a sua túnica branca de linho com o cinto de escrava de couro muito fino e, entre aqueles homens de cabelo grisalho e grossas capas parecia delicada e vulnerável.

O Conselho Supremo começou, tal como começam todos os conselhos, com uma oração. Se Merlim estivesse presente invocaria os Deuses, mas em vez disso o bispo Conrad de Gwent ofereceu uma oração ao Deus cristão. Vi Sansum sentado entre as fileiras dos conselheiros de Gwent e notei o feroz olhar de ódio que lançou às duas mulheres, quando elas não inclinaram a cabeça enquanto o bispo rezava.

Sansum sabia que as mulheres tinham vindo no lugar de Merlim.

Depois da oração foi lançado um desafio por Owain, o campeão de *Dumnónia* que tinha lutado com os dois melhores homens de Tewdric dois dias antes. Merlim sempre chamara a Owain animal, e realmente ele parecia mesmo um animal, ali de pé

em frente ao Rei Supremo, ainda com crostas de sangue na cara por causa da luta, com a espada na mão e uma capa grossa de pele de lobo enrolada à volta dos músculos dos seus ombros espadaúdos.

- Há aqui algum homem - rosnou ele - que dispute o direito de Uther ao Trono Supremo?

Ninguém disputava. Owain, de alguma forma desapontado por lhe ser negada a oportunidade de matar alguém que o desafiasse, embainhou a espada e sentou-se desconfortavelmente entre os conselheiros, pois preferia ficar em pé ao lado dos seus guerreiros.

Em seguida foram dadas notícias da Grã-Bretanha. O bispo Bedwin, falando em nome do Rei Supremo, informou que a ameaça saxônica a Leste de *Dumnónia* fora cerceada, se bem que por um preço alto demais para ser contemplado. O príncipe Mordred, Príncipe Herdeiro de *Dumnónia* e um guerreiro cuja fama alcançara os

confins da terra, fora morto na hora da vitória. O rosto de Uther não demonstrou a menor emoção ao escutar a já tão contada e recontada história da morte do seu filho.

O nome de Artur não foi mencionado, apesar de ter sido Artur quem arrebatara a vitória ao inepto comando de Mordred e todos naquela sala sabiam. Bedwin informou que os saxões vencidos vieram dos territórios outrora governados pela tribo Catuvelane e que, apesar de não terem sido expulsos de todo aquele velho território, eles tinham concordado em pagar um tributo anual em ouro, trigo e bois ao Rei Supremo. Acrescentou ainda que se rezasse a Deus para que a paz fosse duradoura.

- Rezemos a Deus - interveio o rei Tewdric - para que os Saxões sejam expulsos daquelas terras!

As suas palavras levaram os guerreiros na parte de trás e nos lados do salão a bater com as hastes das lanças no pavimento e pelo menos uma lança partiu os pequenos ladrilhos. Os cães uivaram.

Quando os ruidosos aplausos terminaram, Bedwin continuou calmamente dizendo que a norte de *Dumnónia* reinava a paz graças ao sensato tratado de amizade entre o rei Supremo e o nobre Rei Tewdric. A Oeste, e aqui Bedwin fez uma pausa para conceder um sorriso ao jovem e atraente príncipe Tristan, também havia paz.

- O reino de *Kernow* - disse Bedwin - fecha-se sobre si próprio. Soubemos que o rei Mark tem uma nova mulher e rezamos para que ela, tal como as suas distintas antecessoras, mantenha o seu senhor completamente ocupado.

Este comentário provocou um burburinho de risos.

- Qual é esta mulher? - perguntou Uther de repente. - A quarta ou a quinta?

- Creio que até mesmo o meu pai já perdeu a conta, Senhor Supremo - disse Tristan e o salão retumbou com gargalhadas.

Partiram-se mais ladrilhos sob os batimentos das lanças e um dos pequenos fragmentos deslizou pelo chão e cravou-se no meu pé.

Depois falou Agrícola. O seu nome era romano e era famoso pela sua adesão aos métodos romanos. Agrícola era o comandante de Tewdric e, apesar de já estar velho, era temido pela sua destreza no campo de batalha. A idade não fizera vergar a sua figura alta apesar de lhe ter deixado o cabelo curto tão cinzento como a lâmina de uma espada. O seu rosto cheio de cicatrizes estava muito bem barbeado, usava um uniforme romano e debaixo do braço trazia um elmo prateado ornamentado com crina de cavalo tingida que formava uma crista escarlate. Também ele informou que os Saxões a Leste do reino do seu Senhor tinham sido vencidos, mas as notícias que vinham das Terras Perdidas de *Lloegyr* eram inquietantes, pois ouvira dizer que tinham chegado mais barcos vindos dos territórios saxões pelo mar germânico e acrescentou em tom de aviso que mais barcos na costa saxônica significavam mais guerreiros pressionando para Oeste e entrando na Grã-Bretanha. Agrícola também nos avisou sobre um novo chefe saxão chamado Aelle que lutava pelo poder entre os Sais. Foi a primeira vez que ouvi o nome de Aelle e só os Deuses sabiam então o quanto ele nos viria assombrar no decorrer dos anos.

Agrícola continuou dizendo que os Saxões podiam estar temporariamente calmos, mas que isso não trouxera paz ao reino de Gwent. Grupos guerreiros tinham vindo de *Powys* para Sul enquanto outros tinham marchado da *Silúria* para Oeste para atacar o território de Tewdric. Tinham sido enviados mensageiros a esses dois reinos, convidando os seus monarcas a comparecer ao Conselho, mas, e aqui Agrícola fez um gesto na direção das duas cadeiras vazias no estrado real, nem Gorfyddyd de *Powys* nem Gundleus da *Silúria* tinham aceitado o convite. Tewdric não conseguia esconder o seu desapontamento, pois tinha esperado

sinceramente que *Gwent* e *Dumnónia* pudessem celebrar a paz com os seus dois vizinhos do Norte. Eu supunha que aquela esperança de paz tinha também sido o motivo do convite de Uther a Gundleus para visitar Norwenna na Primavera, mas os tronos vazios pareciam falar apenas da continuação das hostilidades. Se fosse para não haver paz, avisou Agrícola severamente, então o rei de *Gwent* não teria outra alternativa senão lutar contra Gorfyddyd de *Powys* e o seu aliado, Gundleus da *Silúria*. Uther assentiu com um meneio de cabeça, dando o seu consentimento à ameaça.

Agrícola continuou o seu relatório dizendo que de que em algum lugar mais a norte, haviam chegado notícias de que Leodegan, rei de *Henis Wyren*, tinha sido afastado do seu reino por Diwrnach, o invasor irlandês que dera o nome de *Lleyn* aos seus territórios recém-conquistados. Agrícola acrescentou que o desalojado Leodegan se tinha refugiado junto do rei Gorfyddyd de *Powys*, porque Cadwallon de *Gwynedd* não o aceitara. Soaram mais risos com esta notícia, pois o rei Leodegan era famoso pela sua tolice.

- Também ouvi - continuou Agrícola quando as gargalhadas abrandaram -

que estão entrando mais invasores irlandeses por Demétia e que estão pressionando bastante as fronteiras ocidentais de *Powys* e da *Silúria*.

- Só eu falarei por *Silúria* - interveio uma voz forte vinda da porta - e mais ninguém.

Houve um grande reboliço quando todos os homens da sala se viraram para olhar para a porta. Gundleus viera.

O rei da *Silúria* entrou na sala como um herói. Não havia hesitação nem pedidos de desculpa no seu comportamento, apesar dos seus guerreiros terem atacado muitas vezes as terras de Tewdric, tal como tinham atacado mais para Sul, atravessando o mar Severn para perturbar o país de Uther.

Tinha um ar tão confiante que tive de fazer um esforço para me lembrar como tinha fugido de Nimue na casa de Merlim. Atrás de Gundleus, arrastando os pés e babando-se todo, vinha Tanaburs, o *Druida*, e mais uma vez escondi-me quando me lembrei do poço da morte. Merlim dissera-me uma vez que o fracasso de Tanaburs em me matar tinha colocado a sua alma nas minhas mãos, mas mesmo assim tremi de medo quando vi o velho entrar na sala com o cabelo dando estalidos por causa dos pequenos ossos que tinha amarrados aos rabichos.

Atrás de Tanaburs, com as espadas enfiadas nas bainhas de tecido vermelho, entrou a passos largos o séquito de Gundleus. Usavam o cabelo e os bigodes entrançados e a barba comprida. Ficaram em pé com os outros guerreiros, afastando-os para o lado para formarem uma frente de batalha de homens orgulhosos no Conselho Supremo dos seus inimigos, enquanto Tanaburs, enrolado na sua imunda túnica cinzenta enfeitada com quartos crescentes e lebres correndo, encontrou um espaço entre os conselheiros. Owain, farejando sangue, levantou-se para barrar o caminho de Gundleus, mas Gundleus ofereceu ao campeão do Rei Supremo os copos da sua espada para mostrar que viera em paz, depois prostrou-se no chão de mosaico em frente ao trono de Uther.

- Levante-se, Gundleus Meilyr, rei da *Silúria* - ordenou Uther, erguendo a mão em seguida num gesto de boas-vindas. Gundleus subiu o estrado e beijou-lhe a mão antes de tirar de trás das costas o escudo com o seu brasão, a máscara de uma raposa. Colocou-o junto aos outros escudos, sentou-se no seu trono e olhou a toda a volta do salão como se estivesse muito contente por estar presente. Acenou com a cabeça a conhecidos, fez esgares de surpresa ao ver alguns e sorriu a outros. Todos os homens que cumprimentou eram seus inimigos, mesmo assim sentou-se na cadeira com uma atitude desleixada, como se estivesse sentado em sua própria casa.

Até pôs uma perna por cima do braço da cadeira. Ergueu o sobrolho quando viu as duas mulheres e penso ter detectado um olhar

carrancudo quando ele reconheceu Nimue, mas esse olhar desapareceu quando pestanejou e continuou a olhar para a multidão. Tewdric convidou-o cordialmente a dar notícias do seu reino ao Conselho Supremo, mas Gundleus limitou-se a sorrir e a dizer que tudo estava bem na *Silúria*.

Não os aborreço mais com outros assuntos tratados nesse dia. Formaram-se nuvens sobre Glevum enquanto se resolviam disputas, se arranjavam casamentos e se ditavam sentenças. Gundleus, apesar de nunca admitir as suas transgressões, consentiu em pagar a Tewdric um feudo de vacas, ovelhas e ouro, com a mesma compensação para o Rei Supremo, e foram resolvidas de forma idêntica muitas outras queixas menores. As argumentações eram longas e as defesas complicadas, mas um a um os assuntos foram sendo resolvidos. Tewdric fez a maior parte do trabalho, apesar de nunca deixar de olhar de lado para o Rei Supremo para detectar qualquer gesto que deixasse entrever a decisão de Uther. Além destes gestos Uther quase não se mexia, a não ser quando um escravo lhe trazia água, pão ou um remédio que Morgana fizera com pata de potro embebido em hidromel para lhe acalmar a tosse.

Saiu do estrado apenas uma vez para mijar contra a parede dos fundos enquanto Tewdric, sempre paciente e sempre cuidadoso, considerava uma disputa de fronteiras entre dois chefes do seu próprio reino. Uther cuspiu na sua urina para afastar o mal, depois subiu de novo para o estrado enquanto Tewdric ditava a sua sentença, que, tal como todas as outras, foi registrada em pergaminhos por três escribas sentados a uma mesa atrás do estrado.

Uther estava guardando a pouca energia que lhe restava para a questão mais importante do dia, que veio depois do escurecer. Como estava escuro, os servos de Tewdric trouxeram mais uma dúzia de tochas para o salão. Tinha também começado a chover muito e o salão ficou gelado, pois a água entrava pelos buracos do

teto, pingando para o chão ou correndo em arroios pelas paredes de tijolo abaixo. De repente, o frio era tanto que se encheu uma braseira, uma grande bacia de ferro, com cepos de madeira e que foi colocada acesa aos pés do Rei Supremo. Removeram-se os escudos reais e deslocou-se o trono de Tewdric para o lado para que o calor da braseira chegasse até Uther. A fumaça da lenha espalhou-se pela sala, formando redemoinhos nas sombras do teto alto como se procurasse uma saída que o levasse para a chuva forte que caía lá fora.

Finalmente Uther levantou-se para falar ao Conselho Supremo. Como tinha dificuldade em manter-se em pé, encostou-se a uma grande lança enquanto falava com franqueza sobre o seu reino. Disse que a *Dumnónia* tinha um novo Príncipe Herdeiro e que se devia agradecer aos Deuses por essa graça, mas o Príncipe Herdeiro era débil, ainda um bebê e tinha um pé defeituoso. Levantaram-se murmúrios que faziam eco da confirmação dos rumores sobre esse mau presságio, mas que abrandaram quando Uther levantou a mão pedindo silêncio. A fumaça envolvia-o, dando-lhe um aspecto espectral, como se a sua alma já estivesse revestida pelo corpo-sombra do Outro Mundo. O ouro brilhava em volta do seu pescoço e dos pulsos, e uma pequena fita de ouro, a coroa do Rei Supremo, cingia os seus ralos cabelos brancos.

- Estou velho - disse ele, - e não vou viver muito tempo. - Acalmou os protestos com outro débil aceno da mão. - Eu não digo que o meu reino esteja acima de qualquer outro deste país, mas digo que se *Dumnónia* cair nas mãos dos Saxões, então toda a Grã-Bretanha cairá. Se *Dumnónia* cair perdemos os nossos laços com *Armórica* e com os nossos irmãos de além-mar. Se *Dumnónia* cair, então os Saxões terão dividido a Grã-Bretanha e um país dividido não consegue sobreviver.

Fez uma pausa e, por um momento, pensei que estivesse cansado demais para continuar; mas depois, a grande cabeça de touro ergueu-se e ele voltou a falar.

- Os Saxões não podem chegar ao mar *Severn*! - disse, clamando em alta voz aquele credo que durante tantos anos tinha estado bem no centro das suas ambições.

Enquanto os Saxões estivessem rodeados por Bretões havia sempre a possibilidade de algum dia serem empurrados de volta para o mar Germânico, mas se chegassem à nossa costa ocidental então teriam separado *Dumnónia* de *Gwent* e os Bretões do Sul dos Bretões do Norte.

- Os homens de *Gwent* - continuou Uther - são os nossos melhores guerreiros

- e aqui acenou com a cabeça em honra de Agrícola, - mas não é segredo para ninguém que *Gwent* vive do pão que *Dumnónia* lhe envia. *Dumnónia* tem ser mantida ou a Grã-Bretanha estará perdida. Eu tenho um neto e o reino lhe pertence! O reino será governado por Mordred quando eu morrer. É esta a minha lei.

Nesse momento bateu com a lança no estrado e por um momento a antiga força do Pendragon brilhou-lhe nos olhos. Independentemente do que mais ali ficasse decidido o reino não sairia da família de Uther, pois aquela era a lei de Uther e todos os presentes sabiam. Faltava apenas decidir como seria protegida a criança estropiada até ter idade suficiente para assumir a realeza.

E assim começaram as conversações, embora todos soubessem o que fora decidido. Por que outra razão estaria Gundleus sentado no seu trono daquela forma tão desleixada e tão seguro de si? No entanto, alguns homens ainda avançaram o nome de outros candidatos à mão de Norwenna. O príncipe Gereint, o Senhor das Pedras, que defendia as terras da fronteira entre *Dumnónia* e os Saxões, propôs Meurig Tewdric, o Príncipe Herdeiro de *Gwent*, mas todos os presentes sabiam que a proposta era apenas uma forma de lisonjear Tewdric e que nunca seria aceita, porque Meurig era apenas uma criança sempre com o dedo no nariz e sem qualquer

chance de defender *Dumnónia* dos Saxões. Gereint, tendo cumprido o seu dever, sentou-se e escutou com atenção enquanto um dos conselheiros de Tewdric propunha o príncipe Cuneglas, o filho mais velho de Gorfyddyd e, por isso, o Príncipe Herdeiro de *Powys*.

O conselheiro afirmava que um casamento com o Príncipe Herdeiro do inimigo forjaria a paz entre *Powys* e *Dumnónia*, os dois reinos britânicos mais poderosos. Mas esta sugestão foi implacavelmente rejeitada pelo bispo Bedwin que sabia que o seu senhor nunca legaria o seu reino ao filho do pior inimigo de Tewdric.

Tristan, príncipe de Kernow, era outro candidato, mas ele colocou objeções pois sabia muito bem que ninguém em *Dumnónia* confiaria em seu pai, o rei Mark. Foi então sugerido Meriadoc, príncipe de *Stronggore*, mas *Stronggore* já estava meio perdido para os Saxões e se um homem não conseguia defender o seu próprio reino, como poderia defender ainda outro? Alguém perguntou porque não alguém das casas reais de *Armórica*, mas ninguém sabia se os príncipes do outro lado do mar abandonariam as suas novas terras da Bretanha para defender *Dumnónia*.

Gundleus. E voltou-se a Gundleus.

Mas, então, Agrícola proferiu o nome que quase todos os homens no salão tanto queriam como temiam ouvir. O velho soldado levantou-se, com a sua armadura romana brilhando e os ombros firmes, e olhou diretamente nos olhos remelosos de Uther, o Pendragon.

- Artur - disse Agrícola. - Proponho Artur.

Artur. O nome ressoou pelo salão e, depois, o eco moribundo foi abafado pelo barulho repentino de bordões batendo no chão. Os lanceiros que aplaudiam eram guerreiros de *Dumnónia*, homens que tinham seguido Artur na batalha e que conheciam o seu valor, mas a rebelião foi breve.

Uther, o Pendragon, Rei Supremo de Grã-Bretanha, levantou a sua própria lança e baixou-a de uma só vez. Fez-se imediatamente silêncio, no qual apenas Agrícola ainda se atreveu a desafiar o Rei Supremo.

- Proponho que Artur case com Norwenna - disse respeitosamente, e até

mesmo eu, novo como era, sabia que Agrícola devia estar falando pelo seu senhor, o rei Tewdric, e isso baralhou-me pois pensara que Gundleus era o candidato de Tewdric.

Se Gundleus pudesse ser separado da sua amizade com *Powys*, então a nova aliança entre *Dumnónia*, *Gwent* e *Silúria* defenderia todas as terras das duas margens do mar Severn e essa tripla aliança seria um Baluarte contra *Powys* e contra os Saxões. Eu deveria saber, claro, que Tewdric, ao sugerir Artur estava à espera de uma recusa que teria ser recompensada com um favor.

- Artur Neb - disse Uther, e esta última palavra foi pronunciada com um suspiro de surpresa e horror - não é de alta linhagem.

Não podia haver argumento contra tal decreto e Agrícola, aceitando a sua derrota, fez uma vênia e sentou-se. *Neb* significava "ninguém", e Uther estava negando ser o pai de Artur, declarando desse modo que Artur não tinha sangue real e que, portanto, não podia casar com Norwenna. Um bispo de Belgae argumentou por Artur protestando que os reis já tinham sido escolhidos de entre a nobreza e que os costumes que tinham servido para o passado deviam servir para o futuro, mas a sua objeção impertinente foi mitigada por um olhar feroz de Uther. A chuva entrava em turbilhões por uma das altas janelas e sibilava no fogo.

O bispo Bedwin levantou-se de novo. Parecia que até àquele momento toda a conversa sobre o futuro de Norwenna tinha sido tempo perdido, pelo menos nenhuma das alternativas tinha

fundamento e qualquer homem de bom senso podia assim entender o raciocínio por detrás da anúncio que Bedwin então fez.

- Gundleus da *Silúria*, - disse Bedwin suavemente, era um homem sem mulher. Houve murmúrios na sala quando aqueles homens se lembraram dos rumores do casamento escandaloso de Gundleus com a sua amada de baixa linhagem, Ladwys, mas Bedwin ignorou os distúrbios com jovialidade. E continuou, dizendo que algumas semanas antes Gundleus visitara Uther e fizera as pazes com o Rei Supremo e era agora do gosto de Uther que Gundleus casasse com Norwenna e se tornasse o protetor, e repetiu a palavra, o protetor do reino de Mordred. Como garantia da sua boa fé Gundleus pagara um preço em ouro ao rei Uther e esse preço fora aceito como apropriado. Poderia haver alguém, admitiu o bispo Bedwin com desenvoltura, que não confiasse num homem que até há tão pouco tempo fora um inimigo, mas, como mais uma garantia da sua mudança de atitude, Gundleus da *Silúria* concordara em abandonar a sua antiga reivindicação em relação ao reino de *Gwent*, e, mais ainda, se converteria ao cristianismo e seria publicamente batizado na manhã seguinte no rio Severn sob as muralhas de Glevum. Todos os cristãos presentes gritaram aleluia, mas eu não tirava os olhos do Druida Tanaburs, imaginando por que razão aquele velho louco malvado não dava sinais de desaprovação enquanto o seu mestre repudiava publicamente a antiga religião.

Também me perguntava por que os adultos recebiam tão rapidamente um antigo inimigo, mas era óbvio que estavam desesperados. Um reino estava sendo passado para uma criança estropiada e Gundleus, apesar do seu passado traiçoeiro, era um guerreiro famoso. Se ele provasse ser verdadeiro, então a paz de Dumnónia e Gwent estava assegurada. No entanto, Uther não era tolo e, por isso, fez o melhor que pôde para proteger o seu neto, caso Gundleus provasse ser falso. Uther decretou que *Dumnónia* seria governada por um conselho até Mordred ter idade para empunhar a espada. Gundleus presidiria ao conselho e teria como conselheiros meia dúzia de homens que teriam como chefe o bispo

Bedwin. Tewdric de Gwent, um aliado firme de *Dumnónia*, foi convidado a enviar dois dos seus homens, e o conselho, assim composto, teria a última palavra sobre o governo do reino. Gundleus não ficou satisfeito com esta decisão. Ele não tinha pago dois cestos de ouro para se sentar num conselho de velhos, mas era esperto demais para protestar. Calou-se enquanto o reino da sua noiva e do seu enteado era rodeado de regras.

E foram estabelecidas ainda mais regras. Uther disse que Mordred teria três protetores ajuramentados; homens obrigados por juramentos de morte a defender com a própria vida a vida do rapaz. Se algum homem ofendesse Mordred, então os ajuramentados vingariam a ofensa ou sacrificariam as suas próprias vidas. Gundleus manteve-se sentado e imóvel enquanto o édito era lavrado, mas moveu-se desconfortavelmente quando os ajuramentados foram nomeados. Um era o rei Tewdric de *Gwent*, o segundo era Owain, o Campeão de *Dumnónia* e o terceiro era Merlim, Lorde de *Avalon*.

Merlim. As pessoas naquela sala estiveram à espera de ouvir aquele nome tal como tinham estado à espera de ouvir o nome de Artur. Normalmente Uther não tomava grandes decisões sem o conselho de Merlim. No entanto, Merlim não estava presente. Havia meses que Merlim não era visto em *Dumnónia*. Pelo que se sabia, Merlim até podia estar morto.

Foi então que Uther olhou para Morgana pela primeira vez. Ela deve ter-se contorcido toda, quando a paternidade do seu irmão foi negada e, conseqüentemente, a dela própria, mas fora convocada para o Conselho Supremo não como filha bastarda de Uther, mas sim como profetisa da confiança de Merlim. Depois de Tewdric e Owain terem feito os seus juramentos de morte, Uther olhou para a mulher estropiada e só

com um olho. Os cristãos presentes na sala fizeram o sinal da cruz, que era a forma de se protegerem contra os maus espíritos.

- Então? incitou-a Uther.

Morgana estava nervosa. O que precisavam dela era uma garantia de que Merlim, o seu companheiro nos mistérios, aceitasse o grande encargo imposto pelo juramento. Ela estava ali como sacerdotisa, não como conselheira, e devia ter respondido como sacerdotisa. Mas não o fez e a sua resposta foi insuficiente.

- O meu Mestre, Merlim, ficará honrado com a nomeação, Senhor Supremo -

disse ela.

Nimue gritou. O som foi tão repentino e arrepiante que por toda a sala os homens estremeceram e agarraram as lanças com firmeza e até os pêlos dos dorsos dos cães de caça se eriçaram. Depois o grito extinguiu-se deixando o silêncio entre os homens. A fumaça arrastava-se furiosamente pelo teto escuro do salão cujas telhas eram fustigadas pela chuva e, depois, na esteira do grito e bem longe naquela noite abalada pela tempestade, ouviu-se o som de trovões.

- Trovões! - Os cristãos fizeram outra vez o sinal da cruz, mas ninguém ali duvidava do sinal. Taranis, o Deus do Trovão, falara, prova de que os Deuses tinham entrado no Conselho Supremo e, além disso, tinham vindo por ordem de uma menina que, apesar do frio que obrigou os homens a vestirem as capas, nada mais usava além de uma túnica branca e uma correia de escravos.

Ninguém se mexeu, ninguém falou, ninguém ficou sequer inquieto. Os copos de chifre com hidromel estavam pousados e os homens deixaram de catar os piolhos.

Ali já não havia reis nem guerreiros. Não havia bispos nem padres tonsurados nem sábios. Havia apenas uma multidão muda e apavorada que olhava com receio para a jovem que se levantou e soltou o cabelo, deixando-o cair longo e negro pelas costas magras

abaixo. Morgana baixou os olhos para o chão, Tanaburs estava boquiaberto e o bispo Bedwin declamava orações em voz baixa enquanto Nimue caminhava para o espaço reservado aos discursos, ao lado da braseira. Ergueu os braços ao alto e começou a andar à roda muito devagar, seguindo a rota do Sol, para que todos os homens vissem o seu rosto. Era um rosto marcado pelo horror. Só se via o branco dos olhos, nada mais, e a língua pendia de uma boca distorcida. Ela rodou uma e outra vez, cada vez mais depressa, e juro que a multidão foi atravessada por um arrepio comunal. Ela tremia agora enquanto girava, aproximando-se cada vez mais da grande fogueira até quase cair em cima das chamas, mas, de repente, elevou-se no ar e gritou antes *de* cair no chão, em cima dos ladrilhos. Depois, como um animal, começou a correr de gatas, buscando o seu caminho para trás e para a frente ao longo da linha de escudos que fora dividida para deixar o calor do fogo aquecer as pernas do Rei Supremo e, quando chegou ao escudo com uma raposa de Gundleus, empinou-se qual cobra admirável e cuspiu uma vez.

O cuspo atingiu a raposa.

Gundleus tentou levantar-se do trono, mas Tewdric impediu-o. Tanaburs levantou-se também com grande esforço, mas Nimue virou-se para ele, ainda com os olhos em alvo, e soltou um grito. Apontou para ele, o grito ainda ululava e ecoava pelo grande salão romano e o poder da sua magia fez Tanaburs afundar-se outra vez no chão. Depois Nimue estremeceu, os olhos rolaram e já se podiam ver outra vez as suas pupilas castanhas. Pestanejou perante a sala cheia de gente como se estivesse surpresa de se encontrar ali e, depois, com as costas voltadas para o Rei Supremo ficou completamente imóvel. Aquela quietude mostrava que ela estava possuída pelos Deuses e que, quando falasse, falaria por eles.

- Merlim está vivo? - perguntou Tewdric respeitosamente.

- É claro que está vivo - a voz de Nimue estava cheia de desprezo e não deu nenhum título ao rei que a tinha questionado. Ela estava com os Deuses e não precisava mostrar respeito por meros mortais.

- Onde está ele?

- Partiu - disse Nimue, virando-se para fitar o rei que usava toga, em cima do estrado.

- Partiu para onde?

- Foi procurar a Sabedoria da Grã-Bretanha - disse Nimue. Todos tentavam escutar o que ela dizia, pois, finalmente, ouviam-se notícias reais. Pude ver Sansum, o Lorde Rato, contorcer-se na sua necessidade desesperada de protestar contra aquela interferência pagã no Conselho Supremo, mas enquanto o rei Tewdric estivesse interrogando a menina um simples padre não podia interferir.

- O que é a Sabedoria da Grã-Bretanha? - perguntou o rei Uther.

Nimue rodou de novo, dando uma volta completa, mas rodou apenas para poder ordenar os pensamentos pois a resposta foi dada numa voz cantada e hipnótica.

- A Sabedoria da Grã-Bretanha é o saber dos nossos antepassados, as ofertas dos nossos Deuses, as Treze Riquezas dos Treze Tesouros que, quando reunidos, nos darão o poder de reclamar a nossa terra.

Fez uma pausa e quando falou de novo a voz voltara ao seu timbre normal.

- Merlim luta para unir de novo esta terra, uma terra britânica - e aqui Nimue rodopiou para fitar diretamente os olhos pequenos, brilhantes e indignados de Sansum

- com Deuses britânicos. - Voltou-se de novo para o Rei Supremo. - E se Lorde Merlim falhar, Uther de *Dumnónia*, morreremos todos.

Levantaram-se murmúrios por todo o salão. Sansum e os cristãos começaram a protestar, mas Tewdric, o rei cristão, fez-lhes sinal para que se calassem.

- Essas palavras são de Merlim? - perguntou ele a Nimue. Nimue encolheu os ombros, como se aquela pergunta fosse irrelevante.

- Não, são minhas - respondeu com insolência.

Uther não tinha dúvidas de que Nimue, apenas uma criança entrando na idade adulta, não falava por si, mas sim pelo seu mestre e, por isso, inclinou-se para a frente e mostrou-lhe um semblante severo.

- Pergunte a Merlim se ele aceita o meu juramento. Pergunte-lhe! Ele protegerá o meu neto?

Nimue fez uma longa pausa. Penso que ela sentiu a verdade da Grã-Bretanha antes de qualquer um de nós, antes mesmo de Merlim e certamente muito antes de Artur, se é que Artur alguma vez conheceu essa verdade. Mas algum instinto não a deixou dizer essa verdade àquele homem velho, teimoso e prestes a morrer.

- Merlim, meu Senhor - disse ela finalmente com uma voz cansada que indicava que cumprira um dever necessário, mas que era perda de tempo, - promete neste momento, pela vida da sua alma, que aceitará o juramento de morte para proteger o teu neto.

- Desde que... - Morgana deixou-nos a todos atónitos com a sua interjeição.

Pôs-se de pé, com um aspecto atarracado e soturno ao lado de Nimue. A luz do fogo fazia brilhar o seu elmo de ouro.

- Desde que... - gritou de novo e, depois, pôs-se a balançar de um lado para o outro no meio da fumaça da braseira como se a sugerir que os Deuses estavam tomando conta do seu corpo. - Desde que, diz Merlim, Artur partilhe o juramento. Artur e os seus homens devem ser os protetores do teu neto. Merlim falou!

Ela proferiu aquelas palavras com a dignidade de alguém acostumado sendo oráculo e profetisa, mas eu, e não sei se mais alguém, não ouvi nenhum trovão na noite batida pela chuva.

Gundleus levantou-se, protestando contra a declaração de Morgana. Já tinha suportado que um conselho de seis homens e um trio de ajuramentados fossem impostos ao seu poder, mas agora fora proposto que o seu novo reino suportasse um bando de guerreiros possivelmente inimigos.

- Não - gritou de novo, mas Tewdric ignorou o protesto descendo do estrado para se colocar ao lado de Morgana e encarar o Rei Supremo. Assim, ficou claro para a maior parte dos presentes que Morgana, mesmo que tivesse falado pela voz de Merlim, dissera o que Tewdric queria que ela dissesse. O rei Tewdric de Gwent podia ser um bom cristão, mas era melhor político e sabia exatamente quando ter os velhos Deuses apoiando os seus pedidos.

- Artur Neb e os seus guerreiros - disse Tewdric ao Rei Supremo -

representarão uma maior segurança para a vida do teu neto do que qualquer juramento meu, ainda que, e Deus sabe-o, o meu juramento seja solene.

O príncipe Gereint, sobrinho de Uther e, depois de Owain, o segundo mais poderoso senhor da guerra de Dumnónia, podia protestar contra a nomeação de Artur, mas o Senhor das Pedras era um homem honesto de ambição limitada que duvidava da sua habilidade para chefiar todos os exércitos de *Dumnónia*. Por isso, ficou de pé

ao lado de Tewdric e deu-lhe também o seu apoio. Owain, chefe da Guarda Real de Uther e campeão do Rei Supremo, parecia menos satisfeito com a nomeação de um rival, mas, mesmo assim, também ele se pôs ao lado de Tewdric e rosnou o seu assentimento.

Uther ainda hesitava. Três era um número da sorte e três ajuramentados deviam chegar; acrescentar um quarto podia desagradar aos Deuses, mas Uther devia um favor a Tewdric por ter rejeitado a sua proposta de Artur para marido de Norwenna e, nesse momento, o Rei Supremo pagava a sua dívida.

- Artur deve aceitar o juramento - concordou, e só os Deuses sabiam como foi duro para ele nomear assim o homem que acreditava ter sido o responsável pela morte do seu amado filho, mas nomeou-o e todo o salão aclamou. Apenas os silurianos de Gundleus ficaram em silêncio enquanto as lanças estilhaçavam o pavimento e os vivas dos guerreiros ecoavam na escuridão fumarenta e cavernosa.

E, assim, chegado ao fim o Conselho Supremo, Artur, filho de ninguém, foi escolhido para ser um dos protetores ajuramentados de Mordred.

Norwenna e Gundleus casaram duas semanas após o Conselho Supremo ter terminado. A cerimônia teve lugar numa capela cristã em Abona, uma cidade portuária na nossa costa norte junto ao mar Severn, em frente a *Silúria*, e não pode ter sido uma ocasião especial pois Norwenna regressou a *Ynys Wydryn* nessa mesma noite.

Ninguém do Tor esteve presente na cerimônia, apesar de alguns monges de *Ynys Wydryn* e as respectivas mulheres terem acompanhado a princesa. Voltou para nós como rainha Norwenna da *Silúria*, se bem que essa honra não lhe trouxesse nem novos guardas nem mais aias. Gundleus fez-se de novo ao mar rumo ao seu próprio país onde, segundo ouvimos, havia escaramuças contra

Ui Liatháin, o Blackshieid irlandês que colonizara o antigo reino britânico de Dyfed que os Blackshields chamavam *Demétia*.

Termos uma rainha entre nós não alterou em quase nada a nossa vida. Podia parecer que nós, os do Tor, comparados com as gentes do sopé do monte, não tínhamos nada para fazer, mas ainda tínhamos os nossos deveres. Cortávamos feno e o espalhávamos em camadas para secar, acabávamos de tosquiar as ovelhas e colocávamos o linho acabado de cortar em tanques de maceração malcheirosos para fazer o linho propriamente dito. Todas as mulheres de *Ynys Wydryn* tinham roca e fuso onde fiavam a lã recém-tosquiada e apenas a rainha, Morgana e Nimue eram poupadas desta interminável tarefa. Druidan capava porcos, Pellinore comandava exércitos imaginários e Hywel, o administrador, preparava as suas varas para marcar e contabilizar as rendas de Verão. Merlim não regressou a Avalon, nem recebemos notícias dele. Uther descansava no seu palácio em Durnovária, enquanto Mordred, o seu herdeiro, crescia sob os cuidados de Morgana e Guendoloen.

Artur estava na *Armórica*. Disseram-nos que, acabaria por vir para *Dumnónia*, mas só depois de cumprir o seu dever para com Ban, cujo reino de Benoic era vizinho de Broceliande, o reino do rei Budic que era casado com Anna, irmã de Artur. Aqueles reinos da Bretanha eram um mistério para nós, pois ninguém de *Ynys Wydryn* tinha jamais atravessado o mar para explorar os lugares onde tantos bretões tinham se refugiado dos Saxões. Sabíamos que Artur era o senhor da guerra de Ban e que tinha devastado o país a ocidente de Benoic para não dar tréguas ao inimigo, pois as nossas noites de Inverno eram animadas pelas histórias das proezas de Artur contadas pelos viajantes, tal como eles ficavam roídos de inveja com as histórias do rei Ban. O rei de Benoic era casado com uma rainha chamada Elaine e ambos construíram um reino espantoso onde a justiça era rápida e certa e onde, em tempo de Inverno, até mesmo o servo mais pobre era alimentado com produtos dos armazéns reais. Tudo parecia bom demais para ser verdade. Mas,

mais tarde, eu visitei o reino de Ban e descobri que as histórias não eram exageradas. Ban edificara a sua capital numa ilha-fortaleza, *Ynys Trebes*, famosa pelos seus bardos. O rei esbanjava afeto e dinheiro na cidade que tinha a reputação ser mais bonita do que a própria Roma. Dizia-se que havia nascentes de água em *Ynys Trebes* a partir das quais Ban mandou fazer canais e diques para que todos os chefes de família tivesse água limpa não muito longe da porta, as balanças dos mercadores eram testadas para haver exatidão, o palácio do rei estava dia e noite aberto para alguém que viesse em busca da reparação de alguma injustiça, e todas as religiões foram ordenadas vivendo em paz ou então os seus templos e igrejas seriam destruídos e transformados em pó.

Ynys Trebes era um refúgio de paz, mas apenas enquanto os soldados de Ban mantivessem o inimigo afastado das suas muralhas. E essa era a razão pela qual o rei Ban se mostrava tão relutante em deixar Artur partir para a Grã-Bretanha. E talvez Artur também não quisesse vir para *Dumnónia* enquanto Uther fosse vivo.

Em *Dumnónia* aquele Verão foi ditoso. Juntamos o feno seco em grandes medas que erguemos sobre grossas camadas de fetos que impediriam a umidade de subir e manteriam as ratazanas em apuros. O centeio e a cevada amadureceram nos campos que cobriam toda a terra entre os charcos de *Avalon* e *Caer Cadarn*, as maçãs cresciam bastas nos pomares de leste, enquanto as enguias e os lúcios engordavam nos nossos lagos e enseadas. Não houve epidemias nem lobos e foram poucos os saxões. De vez em quando viam-se piras de fumaça distantes no horizonte a Sudeste e supunha-se que um ataque de piratas saxões apoiado por barcos tinha incendiado alguma aldeia, mas depois do terceiro fogo o príncipe Gereint conduziu um grupo guerreiro para vingar *Dumnónia* e os ataques pararam. O chefe saxão até

pagou o seu tributo pontualmente, apesar daquele ter sido o último tributo que recebemos de um saxão em mais de um ano e sem dúvida que a maior parte desse pagamento fora pilhado das aldeias

das nossas próprias fronteiras. Mesmo assim esse Verão foi um bom período e, diziam os homens, Artur morreria de tédio se trouxesse os seus famosos soldados a cavalo para a pacífica *Dumnónia*. Até *Powys* estava calma. O rei Gorfyddyd perdera a aliança da *Silúria*, mas em vez de se virar contra Gundleus ignorou o casamento dumnoniano e concentrou as suas lanças contra os Saxões que ameaçavam o seu território a Norte. Gwynedd, o reino a norte de *Powys*, estava enredado com os terríveis soldados irlandeses de Diwrnach de Lley, mas em *Dumnónia*, o mais abençoado dos reinos da Grã-Bretanha, havia paz e céus cálidos.

No entanto, foi nesse Verão, nesse idílico Verão quente que matei o meu primeiro inimigo e me tornei, assim, um homem.

É que a paz não dura para sempre e a nossa foi quebrada da forma mais cruel. Uther, o Rei Supremo e Pendragon da Grã-Bretanha, morreu. Nós sabíamos que ele estava doente, sabíamos que em breve morreria, até sabíamos que ele fizera tudo o que pudera para preparar a sua própria morte, no entanto, ainda, pensávamos que esse momento nunca chegaria. Ele fora rei durante tanto tempo e sob o seu governo *Dumnónia* prosperara; parecera-nos que nada mudaria. Mas eis que mesmo antes das colheitas, Pendragon morreu. Nimue disse que ouviu o grito de uma lebre ao sol do meio-dia no preciso momento da morte, enquanto Morgana, privada do pai, se fechou na sua cabana e chorou como uma criança.

O corpo de Uther foi cremado à maneira antiga. Bedwin preferia dar ao Rei Supremo um enterro cristão, mas o resto do conselho recusou aprovar tal sacrilégio e, por isso, o seu corpo inchado foi colocado numa pira funerária no cume de *Caer Maes* e aí incendiado. A sua espada foi derretida pelo ferreiro Ystrwth e o aço derretido foi lançado num lago para que Gofannon, o Deus ferreiro do Outro Mundo, pudesse de novo forjar a espada para a alma renascida de Uther. O metal ardente sibilava ao bater na água e o vapor pairava em nuvem espessa enquanto as videntes se inclinavam sobre o lago para predizer o futuro do reino através das

tortuosas formas adotadas pelo metal ao esfriar. Deram boas notícias, mas apesar disso o bispo Bedwin foi cuidadoso ao mandar os seus mais velozes mensageiros para Sul até à Armórica para convocarem Artur e homens mais lentos para Norte até à Silúria, para dizerem a Gundleus que o reino do seu enteado estava agora precisando do seu protetor oficial.

A pira funerária de Uther ardeu durante três noites. Só depois se permitiu que as chamas morressem, um processo acelerado por uma poderosa tempestade que varreu a terra vinda do mar Ocidental. No Céu amontoaram-se grandes nuvens, os relâmpagos devastaram a terra do homem morto e chuvas pesadas castigaram as amplas colheitas que cresciam. Em *Ynys Wydryn* escondemo-nos nas cabanas ouvindo a chuva barulhenta e os trovões retumbando e vendo a água que caía em cascatas dos telhados de colmo. Foi durante essa tempestade que o mensageiro do bispo Bedwin trouxe a Mordred o estandarte maior com o dragão do reino . O

mensageiro teve de gritar como um louco para atrair a atenção de alguém do lado de dentro da paliçada, mas finalmente Hywel e eu abrimos o portão e assim que a tempestade passou e o vento amainou colocamos a bandeira em frente à casa de Merlim como sinal de que Mordred era agora rei de *Dumnónia*. O bebê não era o Rei Supremo, claro, pois essa era uma honra apenas concedida a um rei reconhecido por outros reis como estando acima de todos eles, nem era o Pendragon pois esse título pertencia apenas a um Rei Supremo que tivesse ganho a sua posição durante uma batalha. Na realidade, Mordred ainda nem era o verdadeiro rei de *Dumnónia*, nem o seria até ser levado até *Caer Cadarn* e aí proclamado rei com a espada, entre vivas, sobre a pedra real do reino, mas era o dono do estandarte e, por isso, o dragão vermelho tremulava ao vento em frente à casa de Merlim.

O estandarte era um quadrado de linho branco que, tanto de altura como de largura, tinha o tamanho da lança de um guerreiro.

Mantinha-se esticado entre ramos de salgueiro enfiados nas bainhas e presos a um bastão de elmo coroadado com a figura dourada de um dragão. O dragão bordado no estandarte era feito de lã vermelha que com a chuva desbotou, manchando o linho de cor-de-rosa. A chegada do estandarte foi seguida, alguns dias depois, pela Guarda do Rei, cem homens chefiados por Owain, o campeão, cuja tarefa era proteger Mordred, rei de *Dumnónia*. Owain trouxe a sugestão do bispo Bedwin de que Norwenna e Mordred deviam mudar para Sul, para *Durnovária*, uma sugestão que Norwenna aceitou avidamente, pois preferia criar o filho numa comunidade cristã em vez de no ambiente evidentemente pagão do Tor, mas antes que se pudessem fazer os preparativos chegaram más notícias do norte do país. Gorfyddyd de *Powys*, sabendo da notícia da morte do Rei Supremo, mandara os seus lanceiros atacar *Gwent* e os homens de *Powys* andavam agora queimando, pilhando e capturando pessoas no interior do território de Tewdric. Agrícola, o comandante romano de Tewdric, respondia aos ataques, mas os saxões traiçoeiros, sem dúvida aliados a Gorfyddyd, trouxeram os seus próprios grupos guerreiros para *Gwent* e, de repente, o nosso velho aliado viu-se a lutar pela própria existência do seu reino. Owain, devia escoltar Norwenna e o menino até *Durnovária*, mas em vez disso levou os seus guerreiros para norte para ajudar o rei Tewdric. Ligessac, que era mais uma vez o comandante da guarda de Mordred, insistiu que o menino estaria mais seguro atrás da ponte de terra de *Ynys Wydryn* facilmente defendida do que em *Caer Cadarn* ou *Durnovária*, e assim Norwenna permaneceu relutantemente no Tor.

Retivemos o fôlego para ver que lado Gundleus da *Silúria* escolheria e a resposta não demorou. Lutaria por Tewdric contra o seu antigo aliado Gorfyddyd.

Gundleus mandou uma mensagem a Norwenna dizendo que as suas tropas atravessariam a montanha para atacar os homens de Gorfyddyd pela retaguarda e que assim que os grupos guerreiros de

Powys fossem vencidos ele viria para Sul para proteger a sua noiva e o seu real filho.

Aguardamos notícias, observando os montes distantes dia e noite, em busca de sinais que nos diriam se houvera algum desastre ou se os inimigos estavam se aproximando. No entanto, e apesar das incertezas da guerra, aqueles foram dias felizes. O Sol curava a terra fustigada pela tempestade e secava os cereais, enquanto Norwenna, mesmo estando presa no Tor pagão, parecia mais confiante agora que o seu filho era rei. Mordred foi sempre uma criança terrível, de cabelo ruivo e um coração teimoso, mas naqueles dias amenos ele parecia bem feliz quando brincava com a mãe ou com Ralla, a sua ama de leite e o seu filho de cabelo negro. O marido de Ralla, Gwlyddyn, o carpinteiro, fez para Mordred um conjunto de animais: patos, porcos, vacas e veados, e o rei adorava brincar com eles mesmo sendo ainda muito novo para saber o que eram. Norwenna estava feliz quando o filho estava feliz. Eu costumava vê-la fazendo cócegas em Mordred para fazê-lo rir, embalá-lo quando ele se magoava e dando-lhe sempre o seu amor. Ela o chamava de seu pequenino rei, o seu mais-que-tudo, o seu milagre e Mordred ria e aquecia o coração infeliz da mãe.

Ele gatinhava nu ao sol e todos podíamos ver como o seu pé esquerdo estava deformado e crescia virado para dentro como um punho fechado, mas tirando isso ele crescia forte com o leite de Ralla e o amor da sua mãe. Foi batizado na igreja de pedra ao lado do Espinheiro Sagrado.

Chegaram notícias da guerra e eram boas. O príncipe Gereint tinha dizimado um grupo guerreiro saxão na fronteira leste de *Dumnónia*, enquanto mais ao norte Tewdric destruíra uma outra força de assaltantes saxões. Agrícola, chefiando o resto do exército de Gwent e aliado a Owain de *Dumnónia* rechaçara os invasores de Gorfyddyd de novo para os montes de *Powys*. Depois veio um mensageiro de Gundleus que disse que Gorfyddyd de *Powys* queria a paz e o mensageiro atirou duas espadas capturadas powysianas

aos pés de Norwenna como sinal da vitória do seu marido. E o melhor, informou o homem, é que Gundleus de *Silúria* vinha agora para Sul para buscar a sua noiva e o seu precioso filho. Gundleus dizia que era tempo de Mordred ser proclamado rei em *Caer Cadarn*. Nada podia ser mais doce aos ouvidos de Norwenna e, na sua alegria, deu ao mensageiro uma grossa pulseira de ouro antes de mandá-lo para Sul, para levar a mensagem do seu marido a Bedwin e ao conselho.

- Diga a Bedwin - ordenou ela ao mensageiro - que devemos aclamar Mordred antes das colheitas. Que Deus dê asas ao teu cavalo!

O mensageiro cavalgou para Sul e Norwenna começou a preparar-se para a cerimônia de aclamação em *Caer Cadarn*. Ordenou aos monges do Espinheiro Sagrado para se prepararem para viajar com ela, embora tivesse terminantemente proibido Morgana e Nimue de comparecerem porque, como ela própria afirmou, daquele dia em diante *Dumnónia* seria um reino cristão e as bruxas pagãs seriam afastadas do trono de seu filho. A vitória de Gundleus animara Norwenna, encorajando-a a exercer uma autoridade que Uther nunca lhe teria permitido.

Esperamos que Morgana e Nimue protestassem contra a sua exclusão da cerimônia de aclamação, mas ambas aceitaram a proibição com uma calma surpreendente. Na realidade Morgana apenas encolheu os ombros negros, embora nessa noite levasse um caldeirão de bronze para os aposentos de Merlim e aí se isolasse com Nimue. Norwenna, que convidara o monge principal do Espinheiro Sagrado e a sua mulher para jantar, comentou que as bruxas estavam preparando o mal e todos os presentes na sala riram. Os cristãos sentiam-se vitoriosos.

Eu não estava certo da sua vitória. Nimue e Morgana não gostavam uma da outra, mas agora estavam fechadas juntas e eu suspeitava que só um assunto da mais extrema gravidade podia provocar tal

reconciliação. Mas Norwenna não tinha dúvidas. A morte de Uther e a vitória do seu marido traziam-lhe uma liberdade abençoada e em breve deixaria o Tor e assumiria o seu lugar de direito como mãe do rei numa corte cristã onde o seu filho cresceria à imagem de Cristo. Nunca estivera tão feliz como estava nessa noite em que governava de forma suprema: uma cristã dentro da casa pagã de Merlim.

Mas, entretanto, Morgana e Nimue reapareceram.

Fez-se silêncio na sala quando as duas mulheres se dirigiram à cadeira de Norwenna, junto à qual, com a devida humildade, elas se ajoelharam. O monge, um homem pequeno, mas de ar severo e barba eriçada, que fora curtidor antes de se converter a Cristo e que ainda tresandava a excremento de animal, de que precisava na sua antiga atividade, perguntou ao que vinham. A mulher dele defendeu-se do mal fazendo o sinal da cruz, apesar de também cuspir, para jogar pelo seguro.

Morgana respondeu ao monge de trás da sua máscara de ouro. Falou com uma deferência não usual, dizendo que o mensageiro de Gundleus mentira. Morgana continuou dizendo que ela e Nimue tinham espreitado para o caldeirão e tinham visto a verdade refletida no espelho de água. Não havia vitória nenhuma no Norte nem nenhuma derrota, mas Morgana avisou que o inimigo estava mais próximo de *Ynys Wydryn* do que algum de nós podia imaginar e que todos devíamos estar prontos para deixar o Tor ao amanhecer e procurar segurança no interior da *Dumnónia*. Morgana falou calma e profundamente e quando terminou fez uma vênica à rainha e depois inclinou-se desajeitadamente para a frente para beijar a bainha do vestido azul de Norwenna.

Norwenna agarrou no vestido e afastou-o. Ouvira em silêncio a severa profecia, mas depois começou a chorar e com as lágrimas repentinas veio a cólera.

- Você não passa de uma bruxa estropiada - gritou para Morgana - e quer que o seu irmão bastardo seja rei. Isso não acontecerá! Ouviu? Isso não vai acontecer. O

meu menino é o rei!

- Senhora - Nimue tentou intervir, mas foi imediatamente interrompida.

- Você não é nada! - Norwenna virou-se furiosa para Nimue. - Não passa de uma filha do diabo, histérica e perversa. Rogou uma praga no meu filho! Sei que rogou!

Ele nasceu com o pé torto porque você assistiu ao nascimento. Oh, meu Deus! O meu filho!

Ela gritava, chorava e batia com os punhos na mesa enquanto lançava todo o seu ódio sobre Nimue e Morgana.

- Agora, saiam! As duas! Saiam!

Fez-se silêncio na sala, quando Nimue e Morgana saíram para a noite.

E na manhã seguinte parecia que Norwenna estava certa, pois não havia sinais de fogo nos montes a norte. Na verdade, era o mais bonito dia daquele bonito Verão. A terra estava pesada com o aproximar das colheitas, os montes cobertos pelo calor sonolento e o céu quase sem nuvens. Centáureas azuis e papoulas cresciam nos matagais de espinheiros no sopé do Tor e as borboletas brancas deslocavam-se suavemente com as correntes de ar quente que subiam as nossas encostas verdejantes. Norwenna, absorta da beleza do dia, entoou as suas orações matinais com os monges visitantes e, depois, decretou que se mudaria do Tor e esperaria a chegada do marido nos aposentos dos peregrinos na capela do Espinheiro Sagrado.

- Vivi tempo demais no meio do mal - anunciou de modo imponente, ao mesmo tempo que o guarda da muralha de leste gritava um aviso.

- Cavaleiros! - gritou o guarda. - Cavaleiros!

Norwenna correu para a cerca onde se juntava uma multidão para ver um grande número de homens armados atravessando a ponte de terra que fazia a ligação entre a estrada romana e os montes verdejantes de *Ynys Wydryn*. Ligessac, comandante da guarda de Mordred, parecia saber quem estava chegando, pois deu ordens aos seus homens para que deixassem entrar os cavaleiros pela muralha de terra. Os cavaleiros entraram pelo portão da muralha e dirigiram-se para nós atrás de um brilhante estandarte que mostrava a divisa vermelha da raposa. Era o próprio Gundleus e Norwenna riu de alegria ao ver o marido cavalgar vitorioso da guerra, com o despontar de um novo reino cristão a brilhar na ponta da sua lança.

- Veja! - ela virou-se para Morgana. - Veja, o seu caldeirão mentiu. Há mesmo vitória!

Mordred começou a chorar com toda aquela agitação e Norwenna ordenou bruscamente que o entregassem a Ralla. Em seguida mandou buscar a sua melhor capa e que lhe fosse colocado o aro de ouro na cabeça, e assim, vestida como uma rainha, ficou à espera do seu rei em frente à porta da casa de Merlim.

Ligessac abriu o portão do Tor. A decrepita guarda de Druidan formou uma linha bastante torta enquanto o pobre Pellinore, completamente doido, guinchava na sua jaula à espera de notícias. Nimue correu para os aposentos de Merlim enquanto eu fui buscar Hywel, o administrador de Merlim, que eu sabia ia querer dar as boas-vindas ao rei.

Os vinte cavaleiros silurianos desmontaram no sopé do Tor. Vinham da guerra e, por isso, traziam lanças, escudos e espadas. Hywel, só com uma perna, apoiado na sua própria grande espada, franziu as

sobrancelhas quando viu que o druida Tanaburs fazia parte do grupo siluriano.

- Pensei que Gundleus tinha abandonado a velha fé! - disse o administrador.

- E eu pensei que ele tinha abandonado Ladwys! - resmungou Gudovan, o escriba, que depois apontou com o queixo para os cavaleiros que tinham começado a subir o estreito e íngreme caminho do Tor. – Está vendo? - disse Gudovan, e havia mesmo uma mulher entre os homens com armaduras de couro. A mulher estava vestida de homem, mas trazia soltos os longos cabelos negros. Trazia uma espada, mas não trazia escudo e Gudovan soltou uma risada abafada ao vê-la. - A nossa rainha vai ter a sua tarefa reduzida competindo com este diabinho de Satã.

- Quem é Satã? - perguntei e Gudovan deu-me uma sapatada na cabeça por fazê-lo perder tempo com perguntas estúpidas.

Hywel tinha o semblante carregado e a mão apertava os copos da espada enquanto os guerreiros silurianos se aproximavam dos últimos degraus íngremes que conduziam ao portão onde os nossos guardas tão diferentes uns dos outros esperavam em duas filas irregulares. Depois o instinto de Hywel, ainda tão aguçado como quando ele era guerreiro, acendeu-lhe o receio.

- Ligessac! - gritou ele. - Feche o portão! Feche-o! Já!

Mas, em vez disso Ligessac puxou a espada. Depois voltou-se e pôs a mão no ouvido como se não tivesse ouvido bem Hywel.

- Feche o portão! - gritou Hywel.

Um dos homens de Ligessac moveu-se para obedecer à ordem, mas Ligessac impediu o homem e olhou para Norwenna à espera de ordens.

Norwenna virou-se para Hywel lançando-lhe um olhar carregado e mostrando o seu descontentamento pela ordem dada.

- É o meu marido que está chegando - disse ela - não um inimigo.

Olhou de novo para Ligessac.

- Deixe o portão aberto - ordenou autoritariamente, e Ligessac fez uma vênica obedecendo.

Hywel praguejou e, depois, desceu desajeitadamente da muralha e foi aos saltos e apoiando-se na muleta até à cabana de Morgana enquanto eu me limitei a olhar para o portão vazio e iluminado pelo sol, imaginando o que iria acontecer. Hywel sentira algo de anormal no ar de Verão, mas como, nunca descobri.

Gundleus chegou ao portão aberto. Cuspiu na soleira, depois sorriu para Norwenna que o esperava a alguns passos do portão. Ela levantou os braços rechonchudos para saudar o seu Senhor que estava transpirando e sem fôlego, e não admirava, pois tinha subido o íngreme Tor vestido com todo o seu equipamento de guerra. Envergava uma couraça de couro, polainas almofadadas, botas, um elmo de ferro ornamentado com uma cauda de raposa e uma grossa capa vermelha à volta dos ombros. Trazia o escudo com o brasão da raposa do lado esquerdo, a espada à

ilharga e uma pesada lança de combate na mão direita. Ligessac ajoelhou-se e ofereceu ao rei os copos da sua espada desembainhada e Gundleus deu um passo em frente para tocar o punho da espada com a mão coberta com uma luva de couro.

Hywel tinha ido à cabana de Morgana, mas nesse preciso momento Sebile saiu correndo da cabana segurando Mordred nos braços. Sebile? Não era Ralla?

Fiquei confuso, e Norwenna também deve ter ficado quando a escrava saxônica correu para o lado dela com o pequeno Mordred

envolvido no seu rico vestido de tecido dourado. Norwenna, porém, não teve tempo para interrogar Sebile, pois Gundleus caminhava agora a passos largos para ela.

- Ofereço-te a minha espada, querida rainha! - disse ele numa voz sonora, e Norwenna sorriu, feliz, talvez porque ainda não tivesse reparado nem em Tanaburs nem em Ladwys que entraram pelo portão aberto de Merlim juntamente com os guerreiros de Gundleus.

Gundleus enterrou a lança na erva e desembainhou a espada, mas em vez de oferecê-la a Norwenna com os copos virados para ela, elevou a ponta da lâmina afiada até ao seu rosto. Norwenna, sem saber o que fazer, tentou tocar na ponta brilhante da espada.

- Alegro-me com o seu regresso, meu Senhor - disse ela respeitosamente e, depois, ajoelhou-se aos pés dele como mandava a tradição.

- Beije a espada que defenderá o reino do teu filho - ordenou Gundleus, e Norwenna inclinou-se acanhadamente para a frente para tocar o aço oferecido com os seus lábios finos.

Beijou a espada como lhe tinha sido ordenado, e assim que os seus lábios tocaram o aço cinzento Gundleus enterrou a lança bem fundo. Ele ria enquanto matava a noiva, ria enquanto fazia a espada deslizar pelo queixo dela e penetrar na cavidade da garganta e continuava a rir enquanto empurrava a longa lâmina, atravessando a resistência sufocante do seu corpo contorcido. Norwenna não teve tempo de gritar nem voz para gritar quando a lâmina lhe rasgou a garganta e se enterrou no coração. Gundleus grunhia enquanto enterrava a espada. Atirara o pesado escudo de guerra para o chão para ter as duas mãos enluvadas livres para empurrar a espada para baixo, torcendo a lâmina. Havia sangue na espada, sangue na erva, sangue na capa azul da rainha moribunda e ainda mais sangue quando Gundleus puxou brusca e violentamente a longa lâmina. O corpo de Norwenna, privado do apoio da espada, tombou para o lado, estremeceu por alguns segundos e depois ficou completamente imóvel.

Sebile deixou cair a criança e fugiu gritando. Mordred chorava alto, mas a espada de Gundleus cortou abruptamente o choro do bebê . Apunhalou-o apenas uma vez com a lâmina vermelha de sangue e rapidamente o tecido vermelho ficou totalmente manchado de escarlate. Tanto sangue de uma criança tão pequena.

Aconteceu tudo tão depressa. Gudovan, ao meu lado, estava de boca aberta, sem poder acreditar no que via, enquanto Ladwys, que era uma bela mulher alta, de longos cabelos, olhos negros e um rosto nitidamente arrogante, ria com a vitória do seu amante. Tanaburs, com um olho fechado e uma mão levantada para o céu, saltava numa perna só, sinais de que estava em comunhão sagrada com os Deuses enquanto lançava os seus feitiços da morte. Os guardas de Gundleus espalhavam-se por todo o lado com as lanças

na horizontal para transformar esses feitiços da morte em realidade. Ligessac juntara-se aos soldados silurianos e ajudava os lanceiros a massacrar os seus próprios homens. Alguns dumnonianos tentaram lutar, mas tinham sido mobilizados para respeitar Gundleus e não para se oporem a ele e, por isso, os lanceiros silurianos acabaram rapidamente com os guardas de Mordred e ainda mais rapidamente com os miseráveis soldados de Druidan. Pela primeira vez na minha vida adulta vi homens morrendo nas pontas das lanças e ouvi os gritos terríveis dados por um homem quando a sua alma é mandada por uma lança para o Outro Mundo.

Durante alguns segundos fiquei sem saber o que fazer, completamente em pânico. Norwenna e Mordred estavam mortos, o Tor gritava e o inimigo corria em direção à casa e à Torre de Merlim. Morgana e Hywel apareceram ao lado da torre, mas enquanto Hywel saltou para a frente empunhando a espada, Morgana fugiu pelo portão que dava para o mar. Uma multidão de mulheres, crianças e escravos fugiram com ela; um enorme e aterrorizado grupo de pessoas que Gundleus pareceu contente em deixar escapar. Ralla, Sebile e os deformados guardas de Druidan que conseguiram evitar os cruéis guerreiros silurianos também fugiram com eles. Pellinore, completamente nu, saltava na sua jaula dando gargalhadas e delirando com todo aquele horror.

Eu saltei das muralhas e corri para a casa. Não era a coragem que me levava a fazê-lo, era o amor que sentia por Nimue. Queria ter certeza que ela estava a salvo antes de eu próprio fugir do Tor. Os guardas de Ligessac estavam mortos e os homens de Gundleus começavam a pilhar as cabanas quando eu passei pela porta e corri em direção aos aposentos de Merlim. Porém, antes de conseguir chegar à

pequena porta preta tropecei no cabo de uma lança, caí pesadamente no chão e, depois, uma pequena mão agarrou-me pelo colarinho e, com uma força impressionante, arrastou-me para o

meu antigo esconderijo, por trás dos cestos com os panos para as festas.

- Não pode ajudá-la, seu tolo - disse a voz de Druidan ao meu ouvido. - Agora, fique calado e quieto!

Passados alguns segundos, Gundleus e Tanaburs entraram na sala e eu nada mais podia fazer senão ver o rei, o seu druida e três homens com um elmo encaminhando-se para a porta de Merlim. Sabia o que ia acontecer e não podia evitar, pois Druidan tapou-me a boca com a sua pequena, mas pesada mão para que eu não gritasse. Duvidava que Druidan tivesse corrido para a casa para salvar Nimue.

Provavelmente tinha vindo para pegar todo o ouro que pudesse antes de fugir com o resto dos seus homens, mas a sua presença tinha, pelo menos, salvado a minha vida.

Mas não salvou Nimue.

Tanaburs deu um pontapé na barreira-fantasma e, depois, empurrou a porta, abrindo-a. Gundleus meteu-se lá dentro, seguido pelos seus lanceiros.

Ouvi Nimue gritar. Não sei se estava usando truques para defender o quarto de Merlim ou se já tinha abandonado toda a esperança. Mas sei que o orgulho e o poder a fizeram ficar para proteger os segredos do seu mestre e agora estava pagando por esse orgulho. Ouvi Gundleus rir, depois pouco mais ouvi exceto o som dos silurianos mexendo nas caixas, nos pacotes e nos cestos de Merlim. Nimue choramingava, Gundleus deu um grito de triunfo e, depois, de repente, ouvi Nimue gritar de dor.

- Isto vai ensiná-la a cuspir no meu escudo, menina - disse Gundleus a Nimue que soluçava indefesa.

- Já foi violada - disse Druidan ao meu ouvido com um prazer perverso.

Mais lanceiros de Gundleus passaram correndo pela sala e entraram no quarto de Merlim. Druidan tinha aberto um buraco na parede de vime com a sua lança e agora ordenava-me que passasse pelo buraco e o seguisse pelo monte abaixo, mas eu não iria enquanto Nimue ainda vivesse.

- Não demora nada vão remexer nestes cestos - avisou-me o anão, mas mesmo assim eu disse que não ia com ele.

- Você é ainda mais tolo do que eu pensava, rapaz - disse Druidan. Depois passou pelo buraco e desatou a correr na direção de um espaço escondido entre uma cabana e uma capoeira.

Eu fui salvo por Ligessac. Não por ele ter me visto, mas porque disse aos silurianos que não havia nada nos cestos que me escondiam exceto panos para banquetes.

- Todo o tesouro está lá dentro - disse ele aos seus novos aliados, e eu me encolhi, não me atrevendo a mexer, enquanto os soldados vitoriosos de Gundleus saqueavam os aposentos de Merlim. Só os Deuses sabem o que eles encontraram: peles de homens mortos, ossos velhos, feitiçarias novas e antigos dardos de gnomos, mas que constituíam um precioso tesouro. E só os Deuses sabiam o que eles tinham feito a Nimue, pois ela nunca o diria, embora nem precisasse. Fizeram o que os soldados sempre fazem às mulheres que capturam e, quando terminaram, deixaram-na sangrando e meio louca.

Deixaram-na também para morrer, pois após terem saqueado o quarto do tesouro e o terem encontrado cheio de porcarias bolorentas e apenas um pouco de ouro, agarraram num tição da lareira e atiraram-no para os cestos partidos. A fumaça começou a sair por debaixo da porta. Atiraram outro tição ardendo para os

cestos onde eu estava escondido, depois os homens de Gundleus fugiram dali para fora.

Alguns levavam ouro, outros tinham encontrado alguns objetos de prata, mas a maioria fugiu com as mãos vazias. Quando o último homem saiu, tapei a boca com uma ponta do meu colete de couro e corri por entre a fumaçada sufocante para a porta de Merlim, e encontrei Nimue dentro do quarto.

- Anda - disse-lhe desesperado.

O ar estava cheio de fumaça enquanto as chamas consumiam selvaticamente os cestos onde havia gatos gritando e morcegos esvoaçando de um lado para o outro em pânico.

Nimue não se mexia. Estava deitada de barriga para baixo, com as mãos cobrindo o rosto, nua e cheia de sangue nas pernas. Estava chorando.

Corri para a porta que levava à Torre de Merlim, pensando que podíamos fugir por ali, mas quando abri a porta vi que nas paredes não havia nenhuma porta nem nenhuma janela. Também descobri que a torre, longe ser uma sala do tesouro, estava praticamente vazia. O chão era de terra completamente vazio, as paredes de vimes e não tinha telhado. Era um aposento aberto para o céu, mas a metade da altura daquele funil, apoiada num par de vigas e para onde se subia por uma resistente escada, havia uma plataforma que a fumaça obscurecia rapidamente. A torre era um aposento dos sonhos, um lugar sagrado onde chegariam em forma de eco os murmúrios dos Deuses. Olhei para a plataforma dos sonhos durante um segundo, mas logo apareceu mais fumaça por trás de mim, subindo pela torre dos sonhos e eu corri outra vez para onde estava Nimue, agarrei a capa preta dela que estava em cima da cama em desalinho e enrolei o tecido de lã à volta dela como se fosse um animal ferido. Agarrei as pontas da capa e, segurando o seu pequeno corpo como se fosse uma trouxa, atravessei com muito

esforço o quarto dirigindo-me para a porta que parecia tão distante. O fogo rugia, com as labaredas esfomeadas a regalar-se com a madeira seca e eu sentia os olhos lacrimejando e os pulmões inflamados pela fumaça cerrada que se espalhava até à porta principal dos aposentos. Por isso arrastei Nimue com o corpo batendo no chão de terra atrás de mim, até onde Druidan tinha feito o buraco na parede. O meu coração batia forte por causa do terror que sentia quando espreitei pelo buraco da parede, mas não vi nenhum inimigo. Alarguei mais o buraco a pontapés, dobrando os ramos de salgueiro e partindo pedaços da cobertura de estuque e, depois, fiz um esforço sobre-humano para passar pelo buraco arrastando Nimue atrás de mim. Ela protestou quase sem se ouvir, quando a puxei bruscamente pelo tosco buraco, mas o ar fresco pareceu fazê-la voltar à vida, pois, finalmente fez um esforço para se recompor.

Foi então que eu vi, quando ela tirou as mãos do rosto, porque é que o seu último grito fora tão terrível. Gundleus arrancara-lhe um dos olhos. A cavidade do olho era um poço de sangue sobre o qual ela colocou de novo a mão ensanguentada. A luta para passar no buraco defeituoso deixara-a nua. Arranquei, por isso, a capa que ficara presa num ramo quebrado e enrolei-lha à volta dos ombros antes de lhe segurar com força a mão, livre e correr para a cabana mais próxima. Um dos homens de Gundleus viu-nos e, depois, o próprio Gundleus reconheceu Nimue e gritou que a bruxa devia ser atirada viva para as chamas. O grito de perseguição foi ficando cada vez mais alto, transformando-se numa grande algazarra que parecia o som de caçadores perseguindo até à morte um javali ferido, e teríamos certamente sido apanhados se alguns dos outros fugitivos não tivessem rasgado uma abertura na paliçada do lado sul do Tor. Corri para o novo buraco, dando de cara com Hywel, o bom Hywel, que ali jazia morto com a muleta ao lado, com a cabeça cortada e a espada ainda na mão. Arranquei-lhe a espada da mão e continuei a puxar Nimue.

Chegamos à íngreme encosta do lado sul e atiramo-nos para o chão, começando os dois gritando enquanto escorregávamos pela erva em precipício. Nimue estava cega de um olho e completamente enlouquecida pela dor que sentia e eu estava completamente aterrorizado. No entanto, sem saber como, consegui agarrar a espada de guerra de Hywel e ajudar Nimue a levantar-se ao chegarmos ao sopé do Tor.

Passamos correndo aos tropeções pelo poço sagrado, pelo pomar dos cristãos, por um matagal de amieiros e descemos até ao local onde eu sabia que estava atracado, ao lado da cabana de um pescador, o barco dos pântanos de Hywel. Atirei Nimue para o pequeno barco feito de feixes de juncos, cortei o cabo com a minha nova espada e empurrei o barco afastando-o da plataforma de madeira, só então percebendo que não tinha a vara para guiar o tosco barco pelo complexo labirinto de canais e lagos que compunham o pântano. Usei então a espada. A lâmina de Hywel era uma péssima vara, mas era tudo o que eu tinha, até o primeiro perseguidor de Gundleus chegar à

margem de canaviais e, incapaz de nos seguir pela água devido à glutinosa lama do pântano, nos ter atirado a lança.

A lança sibilou ao passar por mim. Durante um segundo não consegui me mexer, trespassado pela visão daquela pesada vara com a sua cabeça brilhante sendo lançada contra nós, mas depois a arma passou ao meu lado enterrando a lâmina na borda de cana do barco. Agarrei a haste da lança que abanava e usei-a como vara para conduzir rapidamente o barco em direção aos cursos de água. Ali estávamos seguros. Alguns dos homens de Gundleus corriam por um passadiço de madeira paralelo ao curso que seguíamos, mas afastei-me rapidamente deles. Outros saltaram para pequenos botes só para uma pessoa, servindo-se das espadas como remos, mas nenhum bote daquele tipo conseguia igualar em velocidade um barco de juncos, por isso os deixamos muito para trás. Ligessac

lançou uma seta ardendo, mas já estávamos fora do alcance dele e o seu míssil mergulhou sem ruído na água escura.

Para trás dos nossos perseguidores frustrados, no alto do verde Tor, as chamas devoravam as cabanas, a casa e a torre, fazendo elevar-se no céu azul de Verão colunas de fumaça cinzenta.

- Duas chagas - Nimue falou pela primeira vez desde que a tinha arrebatado das chamas.

- O quê? - perguntei, virando-me para ela.

Estava enroscada na proa, com a capa preta enrolada à volta do corpo franzino e com uma mão sobre o olho vazio.

- Já sofri duas Chagas da Sabedoria, Derfel - disse ela numa voz de assombro enlouquecido. - A Chaga do Corpo e a Chaga do Orgulho. Agora tenho de enfrentar a loucura e, então, serei tão sábia como Merlim.

Tentou sorrir, mas havia uma ferocidade histérica na sua voz, o que me fez pensar se ela não estaria já sob o feitiço da loucura.

- Mordred está morto - disse-lhe eu, - assim como Norwenna e Hywel. O Tor está queimando.

Todo o nosso mundo estava sendo destruído. No entanto, Nimue parecia estranhamente inabalável com aquela calamidade. Pelo contrário, ela quase parecia exultar por ter já suportado dois dos três testes da sabedoria.

Passei por uma linha de armadilhas para peixes e, depois, virei para o lago de Lissa, um grande lago escuro na ponta sul dos pântanos. Dirigia-me para a Aldeia de Ermid, uma aldeola de casebres de madeira onde Ermid, o chefe de uma tribo local, tinha a sua família. Eu sabia que Ermid não estava na povoação, pois tinha ido para Norte com Owain, mas o seu povo nos ajudaria e eu também sabia

que o nosso barco chegaria à povoação muito antes dos cavaleiros mais velozes de Gundleus conseguirem contornar, mesmo que galopando, o lago, os canaviais e os pântanos.

Teriam de ir quase até à estrada

Fosse, a grande estrada romana que saía do Tor para Leste, antes de contornarem a extremidade leste do lago e galoparem até à Aldeia de Ermid. Por essa hora já nós teríamos fugido para Sul. Eu via outros barcos à minha frente no lago e supus que os fugitivos do Tor estavam sendo levados para um lugar seguro pelos pescadores de *Ynys Wydryn*.

Contei a Nimue o meu plano de alcançar a Aldeia de Ermid e depois continuar para Sul até ao cair da noite ou até encontrarmos amigos.

- Muito bem - disse ela completamente indiferente, apesar de eu não estar certo de que ela tivesse entendido o que eu dissera. - Meu bom Derfel - acrescentou ela. - Agora sei por que razão os Deuses me fizeram confiar em você.

- Você confia em mim - disse eu amargamente, e empurrei a lança até ao fundo do lago lamacento para impelir o barco para a frente - porque eu te amo e isso te dá poder sobre mim.

- Muito bem - disse ela outra vez, e nada mais disse até o nosso barco de canas deslizar até ao cais de desembarque sombreado pelas árvores, abaixo da paliçada de Ermid, onde, enquanto puxava ainda mais o barco para as sombras do ancoradouro, vi os outros fugitivos do Tor. Estava lá Morgana com Sebile, e também, Ralla que chorava com o seu filho a salvo nos braços ao lado de Gwlyddyn, o marido.

Também estava lá Lunete, a menina irlandesa que correu chorando para a margem para ajudar Nimue. Contei a Morgana da morte de Hywel e ela disse que vira Guendoloen, a mulher de Merlim, sendo retalhada por um siluriano. Gudovan estava salvo, mas ninguém

sabia o que acontecera ao pobre Pellinore ou a Druidan. Nenhum dos guardas de Norwenna tinha sobrevivido, apesar de uma mão-cheia dos miseráveis soldados de Druidan ter alcançado a segurança incerta da Aldeia de Ermid, tal como três das aias de Norwenna, que não paravam de chorar, e uma dúzia das crianças abandonadas de Merlim.

- Temos de partir imediatamente - disse eu a Morgana. - Eles estão atrás de Nimue.

As servas de Ermid puseram uma ligadura no olho de Nimue e deram-lhe roupa para vestir.

- Não é atrás de Nimue que eles estão, idiota - disse-me Morgana com brusquidão, - mas sim de Mordred.

- Mordred morreu! - protestei, mas Morgana respondeu virando-se e pegando o bebê que Ralla tinha nos braços. Puxou o tecido castanho do corpo da criança e eu vi o pé torcido.

- Por acaso acha, meu idiota - disse-me Morgana - que eu permitiria que matassem o nosso rei?

Olhei para Ralla e Gwlyddyn, perguntando-me como podiam ter deixado morrer o próprio filho. Foi Gwlyddyn quem respondeu ao meu olhar mudo.

- Ele é um rei - explicou ele simplesmente, apontando para Mordred - ao passo que o nosso menino era apenas o filho de um carpinteiro.

- E não demora - disse Morgana furiosa - Gundleus vai descobrir que a criança que matou tem os dois pés perfeitos, e, então, vai trazer todos os homens que puder para nos procurar. Vamos para o Sul.

Não estávamos em segurança na Aldeia de Ermid. O chefe e os seus guerreiros tinham ido para a guerra, deixando apenas uma

mão-cheia de servos e de crianças na aldeola.

Partimos pouco depois do meio-dia, mergulhando nos bosques verdes a sul da povoação de Ermid. Um dos batedores de Ermid conduziu-nos por caminhos estreitos e caminhos secretos. Éramos um grupo de trinta pessoas, a maior parte mulheres e crianças, só com meia dúzia de homens capazes de carregar armas e desses apenas Gwlyddyn já tinha matado homens numa batalha. Os poucos loucos sobreviventes de Druidan não serviriam para nada e eu nunca tinha lutado com fúria, se bem que fosse agora guardando a retaguarda com a espada de Hywel enfiada no meu cinto de corda e a pesada lança siluriana apertada na mão direita.

Passamos devagar pelos carvalhos e aveleiras. Da Aldeia de Ermid até *Caer Cadarn* não eram mais do que quatro horas a pé, se bem que nos fosse levar muito mais tempo, pois viajávamos em segredo, por caminhos indiretos e as crianças obrigavam-nos a reduzir o passo. Morgana não dissera que tentaria chegar até *Caer Cadarn*, mas eu sabia que o santuário real era o seu provável destino, pois lá

podíamos encontrar soldados dumnonianos. Mas Gundleus chegara sem dúvida à

mesma conclusão e ele estava tão desesperado como nós. Morgana, que possuía uma sagaz capacidade de compreensão da maldade deste mundo, supunha que o rei siluriano estivera preparando-se para esta guerra desde o Conselho Supremo, esperando apenas a morte de Uther para atacar, aliando-se a Gorfyddyd. Fôramos todos enganados. Considerávamos Gundleus um amigo e, por isso, ninguém tinha mantido guarda nas suas fronteiras e, agora, Gundleus procurava chegar a nada menos do que ao próprio trono de *Dumnónia*. Mas, disse-nos Morgana, para ele ganhar esse trono precisaria de mais do que um monte de cavaleiros, razão pela qual os seus lanceiros deviam estar vindo apressadamente pela comprida estrada romana que partia da costa norte de *Dumnónia*, para se encontrar com o seu rei. Os silurianos

andavam à solta pelo nosso país, mas antes de Gundleus estar certo da sua vitória tinha de matar Mordred. Ele tinha de nos encontrar ou então todo o seu audacioso plano falharia.

O grande bosque amortecia os nossos passos. De vez em quando um pombo fazia barulho por entre as folhas das árvores, outras vezes, não muito longe, um pica-pau matraqueava um tronco de árvore. A determinada altura ouviu-se um grande barulho e o som de passadas por entre a vegetação rasteira, ali bem perto. Paramos todos, completamente imóveis, temendo um cavaleiro siluriano, mas era apenas um javali de longas presas que andava por ali aos tropeções, que olhou para nós e depois foi embora. Mordred chorava e não aceitava o peito de Ralla. Algumas das crianças menores também choravam de medo e cansaço, mas calaram-se quando Morgana ameaçou transformá-los em sapos fedorentos.

Nimue coxeava à minha frente. Eu sabia que ela estava sofrendo, mas que não se queixaria. Às vezes chorava baixinho e nada do que Lunete dissesse a confortava. Lunete era uma menina magra e morena, da mesma idade de Nimue e até

parecida com ela na aparência, mas não tinha os conhecimentos de Nimue nem o seu espírito visionário. Nimue conseguia olhar para um regato e vê-lo como a casa dos espíritos da água, enquanto Lunete o veria apenas como um bom lugar para lavar roupa. Algum tempo depois Lunete ficou para trás para caminhar a meu lado.

- O que nos vai acontecer agora, Derfel? - perguntou.

- Não sei.

- Será que Merlim vai voltar?

- Espero que sim - disse eu. - Ou talvez Artur volte. - Falei com uma esperança fervorosa, mas incrédula, porque o que nós precisávamos era de um milagre. Mas, em vez disso, parecia que estávamos vivendo um pesadelo em pleno dia, pois quando, ao fim

de duas horas de caminhada, fomos obrigados a sair do bosque para atravessar um ribeiro profundo e sinuoso que corria por entre pastagens salpicadas de flores, vimos mais piras fumegantes no horizonte distante, para leste, embora não soubéssemos se os fogos tinham sido ateados por assaltantes silurianos ou por saxões que podiam estar a tirar vantagem da nossa fraqueza.

Um veado saiu correndo do bosque alguns metros para leste do lugar onde nos encontrávamos.

Para baixo sibilou a voz do batedor e todos afundamos na erva, na orla do bosque. Ralla obrigou Mordred a mamar para silenciá-lo e ele retaliou mordendo-a com tanta força que o sangue lhe pingou até à cintura, mas nem ela nem Mordred fizeram barulho quando o cavaleiro que assustara o veado apareceu no limiar do arvoredor. O cavaleiro estava também a leste, mas muito mais perto do que as piras, tão perto que se podia ver a máscara de raposa no seu escudo redondo. Trazia uma longa lança e uma corneta que fez soar depois de olhar durante muito tempo na nossa direção. Todos temíamos que aquele sinal significasse que o cavaleiro tinha nos visto e que num instante aparecesse um grande grupo de cavaleiros silurianos, mas quando o homem conduziu de novo o cavalo para o meio das árvores, percebemos que aquele lento sinal da corneta significava que não nos tinha visto. Lá ao longe soou outra corneta e, depois, fez-se silêncio.

Esperamos longos minutos. As abelhas zumbiam por entre os pastos que guarneciam o rio. Todos olhávamos para a linha de árvores, temendo ver mais cavaleiros armados, mas não apareceu nenhum inimigo e, passado algum tempo, o nosso guia disse em surdina que teríamos de rastejar até ao ribeiro, atravessá-lo e rastejar outra vez até às árvores da margem oposta.

Foi difícil e lenta o deslocamento, principalmente para Morgana com a sua perna esquerda torcida, mas pelo menos tivemos a oportunidade de beber água enquanto atravessávamos o ribeiro,

chapinhando. Já no bosque do outro lado do ribeiro, prosseguimos com as roupas encharcadas, mas também com um sentimento de alívio de que talvez tivéssemos deixado os nossos inimigos para trás. Mas não as nossas preocupações.

- Será que vão nos transformar em escravos? - perguntou-me Lunete.

Tal como muitos de nós, ela tinha sido inicialmente capturada para o mercado de escravos de *Dumnónia* e só a intervenção de Merlim a tinha mantido em liberdade.

Agora temia que a perda da proteção de Merlim a levasse à morte.

- Acho que não - disse eu. - Só se Gundleus ou os Saxões nos capturarem.

Você seria levada como escrava, mas eu provavelmente seria morto.

Senti-me muito corajoso ao dizer aquilo. Lunete meteu o braço no meu, buscando conforto, e eu me senti lisonjeado com o gesto dela. Era uma menina bonita e até àquele dia tinha sempre me tratado com desdém, preferindo a companhia dos jovens pescadores estouvados de *Ynys Wydryn*.

- Eu quero que Merlim volte - disse ela. - Não quero deixar o Tor.

- Lá, agora, não há mais nada - respondi. - Vamos ter de encontrar um novo lugar para viver. Ou então voltar e reconstruir o Tor, se pudermos.

Mas só, pensei eu, se *Dumnónia* sobreviver. Talvez, naquele preciso momento, naquela tarde infestada pelo fumaça, o reino estivesse morrendo.

Perguntava-me como pudera ser tão cego que não vira os horrores que a morte de Uther traria. Os reinos precisam de reis e sem eles nada mais são do que terras vazias convidando as lanças dos conquistadores.

No meio da tarde atravessamos um ribeiro mais largo, quase um rio, tão profundo que a água me chegava ao peito enquanto a atravessava com dificuldade. Já

na outra margem, sequei a espada de Hywel o melhor que pude. Era uma bela espada, feita pelos famosos ferreiros de *Gwent* e decorada com desenhos ondulados e círculos interligados. A lâmina era reta e estendia-se da minha garganta até às pontas dos dedos quando eu esticava o braço. A peça em cruz era feita de ferro grosso com remates redondos, enquanto os copos eram de madeira de macieira, fixados ao espigão e depois envolvidos em longas tiras de couro fino que tinham sido oleadas para ficarem mais suaves. O botão do punho era uma bola redonda envolvida em arame de prata que estava sempre se soltando. Acabei por tirar o arame e fazer uma tosca pulseira para Lunete.

A sul do rio havia mais um vasto pasto, onde bois castrados pastavam, deslocando-se pesadamente enquanto observavam a nossa passagem. Talvez foi o movimento dos bois que atraiu os problemas, pois pouco tempo depois de termos entrado no bosque para lá do pasto ouvi cascos soando bem alto atrás de nós. Mandei um aviso para a frente e, depois, voltei-me, com a espada e a lança nas mãos, para observar o caminho.

Naquele lugar os ramos das árvores cresciam muito baixos, tão baixos que um cavaleiro não podia cavalgar pelo caminho. Fosse quem fosse que nos perseguisse teria de abandonar os cavalos e seguir-nos a pé. Nós não seguíamos pelos caminhos mais largos do bosque, mas sim pelos trilhos mais escondidos que abriam caminhos estreitos por entre as árvores, tão estreitos que os nossos perseguidores, tal como nós, teriam de seguir em fila. Eu temia que

fossem batedores silurianos mandados à frente do pequeno batalhão de Gundleus. Quem mais estaria interessado em saber o que teria levado os bois da margem do rio a moverem-se naquela tarde indolente? Gwlyddyn chegou perto de mim e tirou-me a pesada lança da mão. Ouviu as passadas distantes, depois acenou com a cabeça como se estivesse satisfeito.

- São só dois - disse calmamente. - Deixaram os cavalos e vêm a pé. Eu fico com o primeiro e você aguenta o segundo até eu poder matá-lo. - Falava de uma forma tão extraordinariamente calma que ajudou a abrandar o meu medo.

- E lembre-se, Derfel - acrescentou, - eles também estão assustados. -

Empurrou-me para as sombras e, depois, agachou-se no caminho por trás da massa de raízes de uma faia tombada.

- Abaixar-se - disse-me com uma voz sibilante. - Esconda-se! Baixe-me e, de repente, todo o terror brotou de novo dentro de mim.

Tinha as mãos transpirando, a perna direita tremendo, a garganta seca, queria vomitar e sentia as entranhas desfazerem-se. Hywel ensinara-me bem, mas eu nunca enfrentara um homem que quisesse me matar. Ouvia os homens aproximando-se, mas não conseguia vê-los e o meu mais forte instinto era virar-me e correr atrás das mulheres. Mas fiquei ali. Não tinha escolha. Desde a infância que ouvia histórias de guerreiros e sempre me tinham ensinado que um homem nunca dava meia volta e desatava a correr. Um homem lutava pelo seu Senhor, um homem enfrentava corajosamente o seu inimigo e um homem nunca fugia. Agora o meu Senhor estava mamando no peito de Ralla e eu enfrentava os seus inimigos, mas como eu queria ser uma criança e desatar a correr! E se houvesse mais do que dois lanceiros inimigos? E

mesmo que só fossem dois seriam obrigatoriamente guerreiros experientes, habilidosos, insensíveis e que não temiam a própria

morte.

- Calma, rapaz, calma - disse Gwlyddyn suavemente.

Ele lutara nas batalhas de Uther. Enfrentara os Saxões e erguera a sua lança contra os homens de *Powys*. Agora, no interior da sua terra natal, estava inclinado sobre um emaranhado de raízes com um meio sorriso no rosto e a minha longa lança nas suas mãos morenas e robustas.

- Esta é a vingança pelo meu filho - disse-me de modo sinistro - e os Deuses estão do nosso lado.

Eu estava acorocado atrás de espinheiros e flanqueado por fetos. As minhas roupas molhadas estavam pesadas e eram desconfortáveis. Olhei para as árvores cobertas de líquenes e emaranhadas de folhas. Um pica-pau matraqueou perto dali e eu dei um salto, assustado. O meu esconderijo era melhor do que o de Gwlyddyn, mas mesmo assim sentia-me exposto, e muito mais me senti quando, finalmente, os nossos dois perseguidores apareceram a apenas uma dúzia de passos do meu abrigo de folhagem.

Eram dois lanceiros ágeis, ainda novos, com couraças de couro, polainas de tiras e longas capas castanho-avermelhadas atiradas sobre os ombros. Usavam a barba entrançada bem longa e o cabelo negro amarrado atrás com tiras de couro.

Ambos traziam longas lanças e o segundo tinha também uma espada à cinta, apesar de ainda não a ter desembainhado. Sustive a respiração.

O homem da frente levantou um braço e ambos estacaram, ficando durante algum tempo à escuta antes de continuarem. O rosto do homem mais próximo estava coberto de cicatrizes de uma antiga luta e tinha a boca aberta, revelando as falhas nos dentes amarelados. Parecia imensamente forte, experiente e assustador e, de repente, senti-me completamente dominado por um desejo

terrível de fugir, mas, depois, a cicatriz da minha mão esquerda, a cicatriz que Nimue fizera, latejou e aquela pulsação quente incutiu-me uma grande coragem.

- O que ouvimos foi um veado - disse o segundo homem depreciativamente.

Os dois avançavam em passo furtivo, pousando os pés com cuidado e observando as folhas à sua frente à espera do menor movimento.

- Não, o que ouvimos foi uma criança - insistiu o primeiro homem. Estava dois passos à frente do outro que, aos meus olhos assustados, parecia ainda mais alto e mais ameaçador do que o companheiro.

- Os filhos da puta desapareceram - disse o segundo homem. Vi o suor escorrer-lhe do rosto e reparei que apertava repetidamente a haste de freixo da sua lança, percebendo que ele estava nervoso. Eu repetia vezes sem conta o nome de Bei na minha cabeça, pedindo coragem ao Deus e pedindo-lhe que fizesse de mim um homem. O inimigo estava agora a meia dúzia de passos, continuando a avançar, e à

nossa volta o bosque verde estava quente e esbaforido e eu conseguia sentir o cheiro dos dois homens, o cheiro do couro e o cheiro que vinha dos seus cavalos enquanto o suor me escorria para os olhos e eu quase gritava de terror. Mas, nisto, Gwlyddyn saltou do seu esconderijo e deu um grito de guerra precipitando-se sobre eles.

Eu precipitei-me com ele e, de repente, libertei-me completamente do medo quando a louca alegria da batalha, conferida por Deus, me invadiu pela primeira vez.

Mais tarde, muito mais tarde, aprendi que a alegria e o medo são exatamente a mesma coisa e que é a ação que faz passar do medo à alegria, mas naquela tarde de Verão senti-me subitamente

exaltado. Que Deus e os seus anjos me perdoem, mas nesse dia descobri a alegria que existe na batalha e durante muito tempo ansiei por ela tal como um homem sequioso anseia por água. Corri para a frente, gritando como Gwlyddyn, mas não estava louco ao ponto de segui-lo às cegas. Desviei-me para o lado direito do estreito caminho para poder passar por ele quando ele atingiu o siluriano que estava mais próximo.

O homem tentou esquivar-se da lança de Gwlyddyn, mas o carpinteiro esperava o golpe baixo da haste de freixo e levantou a sua própria arma acima dela empurrando-a. Aconteceu tudo num ápice! Num momento o siluriano era uma figura ameaçadora vestido para a guerra e, no momento seguinte, estava arquejando e contraindo-se enquanto Gwlyddyn enterrava profundamente a pesada lança no seu peito, trespassando a armadura de couro. E eu já tinha passado por ele, gritando e agitando no ar a espada de Hywel. Nesse momento não sentia medo, talvez porque a alma de Hywel morto tivesse voltado do Outro Mundo para me possuir, porque, de repente, eu sabia exatamente o que tinha de fazer e o meu grito de guerra era um grito de triunfo.

O segundo homem era de mais rija têmpera do que o companheiro moribundo e, por isso, tinha-se colocado na posição característica de um lanceiro, o que lhe permitiria saltar para a frente com um ímpeto mortal. Eu saltei sobre ele e, quando a lança se dirigiu a mim sob a forma de uma brilhante estocada de aço batida pelo sol, enrolei-me para o lado e desviei o golpe com a minha espada, não com muita força para não perder o controle do aço, mas o suficiente para fazer a arma do homem passar ao meu lado direito enquanto eu fazia rodar a espada. ” *Está tudo nos pulsos, rapaz, tudo nos pulsos*”, ouvi Hywel dizer e gritei o seu nome quando enfiei com força a espada no lado do pescoço do siluriano.

Foi tudo muito rápido, muito rápido. O pulso manobra a espada, mas o braço dá-lhe força e, nessa tarde, o meu braço possuía a força portentosa de Hywel. O aço da minha espada enterrou-se no

pescoço do siluriano como machado em madeira apodrecida. Como eu era inexperiente, a princípio pensei que o homem não tinha morrido e puxei a espada para o golpear de novo. Dei o segundo golpe e vi o sangue avivar o dia e o homem cair para o lado, ao mesmo tempo que ouvia a sua respiração ofegante e o seu esforço moribundo para puxar a lança para um segundo golpe, mas, nessa altura, a vida sumiu-lhe na garganta e o sangue jorrou de novo em torrente pelo seu peito envolto na armadura de couro e ele afundou no solo coberto de folhas.

E eu fiquei ali tremendo. De repente quis chorar. Não fazia idéia do que tinha feito. Não sentia a vitória, só culpa, e fiquei completamente imóvel, em estado de choque, com a espada ainda cravada na garganta do homem onde já pousavam as primeiras moscas. Não conseguia me mexer.

Um pássaro piou alto nos ramos das árvores e, depois, Gwlyddyn pôs o seu braço forte à volta dos meus ombros e as lágrimas correram-me pela cara abaixo.

- Você é um bom homem - disse Gwlyddyn e eu virei-me para ele e abracei-o como uma criança se agarra ao pai.

- Muito bem - repetia ele sem parar, - muito bem.

Ele afagou-me desajeitadamente até que, por fim, funguei para parar de chorar.

- Desculpe - ouvi-me dizer.

- Desculpar? - e riu. - Porquê? Hywel sempre disse que você era o melhor de todos os que ele treinou e eu devia ter acreditado. Você é rápido. Agora vamos, temos de ver o que ganhamos.

Peguei a bainha da espada da minha vítima feita de couro esticado com varas de salgueiro e vi que servia mais ou menos para a espada de Hywel, depois revistamos os dois corpos e conseguimos

um pequeno saque: uma maçã verde, uma velha moeda já lisa de tanto uso, duas capas, as armas, algumas tiras de couro e uma faca com cabo de osso. Gwlyddyn não sabia se devíamos voltar atrás para ir buscar os dois cavalos, mas depois decidi que não tínhamos tempo. Eu não me importei. A minha visão podia estar embaciada pelas lágrimas, mas eu estava vivo, tinha morto um homem, tinha defendido o meu rei e, subitamente, senti-me muito contente, quase delirante, enquanto Gwlyddyn me guiou até os fugitivos assustados e me levantou o braço em sinal de que tinha lutado bem

- Fizeram barulho que se fartaram, - disse Morgana com rispidez. - Não demora nada termos metade da *Silúria* no nosso encalço. Agora vamos! Mexam-se!

Nimue não parecia interessada na minha vitória, mas Lunete quis que eu lhe contasse tudo e eu, ao contar, exagerei tanto no inimigo como na luta, e a admiração de Lunete gerou ainda mais exagero. Estava outra vez de braço dado comigo e eu olhei para o seu rosto de olhos negros e pensei como é que nunca tinha realmente notado como ela era bonita. Tal como Nimue tinha um rosto em forma de cunha, mas enquanto Nimue possuía uma sabedoria circunspecta, Lunete era agradável e possuía uma excitação traquina. A sua proximidade deu-me nova confiança enquanto continuávamos a andar naquela longa tarde até que, finalmente, viramos para Leste na direção dos montes sobre os quais a fortaleza de *Caer Cadarn* se erguia como um garboso cavaleiro.

Uma hora mais tarde estávamos no limiar do bosque em frente a *Caer Cadarn*. Já era tarde, mas estávamos em pleno Verão e o Sol ainda ia alto no céu, banhando com a sua luz suave as muralhas oeste de *Caer Cadarn*, tingindo-as de um brilho esverdeado. Estávamos a pouco mais de um quilómetro da fortaleza, mas ainda assim suficientemente perto para ver as paliçadas amarelas no alto das muralhas, suficientemente perto para ver que não havia guardas

nessas muralhas e que não saía fumaça da pequena aldeia que existia lá dentro.

Mas também não havia nenhum inimigo à vista, pelo que Morgana decidiu atravessar a terra aberta e subir o caminho oeste até à fortaleza do rei. Gwlyddyn argumentou que devíamos ficar na floresta até o cair da noite, ou então ir para Lindinis, a povoação mais próxima, mas Gwlyddyn era um carpinteiro e Morgana uma senhora de alta linhagem, pelo que ele se rendeu aos desejos dela.

Saímos para a terra de pastagens e as nossas sombras espalharam-se à

nossa frente. A erva fora comida por veados ou pelos bois, mas à medida que caminhávamos sentíamos que era macia e fresca. Nimue, que parecia estar ainda naquele transe provocado pela dor, tirara os sapatos emprestados e caminhava descalça. Um falcão voou por cima de nós e, depois, uma lebre, assustada com o nosso súbito aparecimento, saltou de um buraco de erva e fugiu com ligeireza.

Seguimos um caminho ladeado por centáureas azuis, margaridas, tasneiras e cornisos. Atrás de nós, escurecidos pela obliquidade do Sol sobre o Oeste, os bosques pareciam escuros. Estávamos cansados e esfarrapados, mas o fim da viagem estava à vista e alguns de nós até parecíamos alegres. Trazíamos Mordred para o local onde nascera, para o monte real de *Dumnónia*, mas antes de chegarmos a meio daquele glorioso refúgio de verdura, o inimigo apareceu por trás de nós.

O bando de guerreiros de Gundleus apareceu. Não apenas os cavaleiros que tinham atacado *Ynys Wydryn* nessa manhã, mas também os lanceiros. Gundleus sempre soubera para onde nós vínhamos e, por isso, trouxera os cavaleiros sobreviventes e mais de cem lanceiros para aquele lugar sagrado dos reis de *Dumnónia*. E, mesmo que não fosse obrigado a seguir o rei menino, ainda

assim Gundleus viria a *Caer Cadarn*, pois não queria nada menos do que a coroa de *Dumnónia*, e era em *Caer Cadarn* que essa coroa era outorgada ao governante. Quem reinasse em *Caer Cadarn*, reinava em *Dumnónia*, e o velho ditado continuava, e quem reinasse em *Dumnónia* reinava na Grã-Bretanha.

Os cavaleiros silurianos cavalgavam à frente dos lanceiros. Levariam apenas alguns minutos para chegar até nós e eu sabia que nenhum de nós, nem mesmo os corredores mais velozes, podia chegar às longas encostas da fortaleza antes daqueles cavaleiros se precipitarem sobre nós com as suas espadas contundentes e as lanças penetrantes. Fui para o lado de Nimue e vi que o seu rosto magro estava cansado e contorcido e que o olho que ainda lhe restava estava ferido e cheio de lágrimas.

- Nimue - disse eu.

- Está tudo bem, Derfel - Ela parecia aborrecida por eu querer tomar conta dela.

Cheguei à conclusão de que estava mesmo louca. De todos os seres vivos que sobreviveram àquele dia terrível, ela tinha sobrevivido à pior experiência de todas e isso levava-a para um lugar que eu não conseguia alcançar nem compreender.

- Eu te amo - disse-lhe eu, tentando tocar-lhe a alma com ternura.

- A mim? Não é à Lunete? - disse Nimue furiosa.

Não olhava para mim, mas sim na direção da fortaleza. Virei-me para olhar para os cavaleiros que se aproximavam e que haviam formado uma longa fila como que decididos a fazer uma limpeza geral. Traziam as capas nas garupas dos cavalos, as espadas embainhadas penduradas ao lado das botas que balançavam, e o sol refletia-se nas pontas das lanças e iluminava o estandarte da raposa. Gundleus cavalgava atrás do estandarte, trazendo na cabeça o elmo de ferro com a cauda de raposa ao alto. Ladwys

vinha ao lado dele, com uma espada na mão, enquanto Tanaburs, com a longa túnica adejando ao vento, montava um cavalo cinzento ao lado do seu rei. Eu ia morrer, pensei, justamente no dia em que me tornara homem e ao perceber isso me pareceu cruel demais.

- Corram! - gritou Morgana de repente. - Corram!

Pensei que ela tinha entrado em pânico e não queria obedecer, pois achava que seria mais nobre ficar e morrer como um homem do que ser golpeado por trás como um fugitivo. Depois vi que ela não estava em pânico e que, afinal, *Caer Cadarn* não estava deserta, mas sim que os portões tinham se aberto e que uma torrente de homens corria e cavalgava pelo caminho abaixo. Os cavaleiros estavam vestidos como os de Gundleus, mas estes traziam nos braços os escudos com o dragão de Mordred.

Puxei Nimue pelo braço enquanto os cavalos dumnonianos cavalgavam velozmente na nossa direção. Havia uma dúzia de cavaleiros não eram muitos, mas eram suficientes para dificultar o avanço dos homens de Gundleus enquanto atrás dos cavaleiros vinha um bando de lanceiros dumnonianos.

- Cinquenta lanças - disse Gwlyddyn. Estivera contando os homens do grupo de salvamento. - Não podemos vencê-los com cinquenta lanceiros - acrescentou de forma sinistra, - mas talvez possamos nos proteger.

Gundleus chegava à mesma conclusão e chefiava agora os seus cavaleiros conduzindo-os de maneira a formarem uma curva larga que os levaria a flanquear os lanceiros dumnonianos que se aproximavam. Queria cortar-nos a retirada, pois assim que juntasse os seus inimigos num só espaço, podia matar a todos quer fôssemos sete ou setenta. Gundleus estava em vantagem numérica e, tendo saído da fortaleza, os dumnonianos tinham sacrificado a sua vantagem em altura.

Os cavaleiros dumnonianos passaram por nós atreadores, arrancando os cascos dos cavalos pedaços de erva do pasto viçoso. Estes não eram os fabulosos cavaleiros de Artur, os homens blindados que, como meteoritos, atingiam em cheio o seu objetivo, mas batedores pouco armados, que normalmente desmontariam antes de entrar na batalha, mas que agora formavam um escudo protetor entre nós e os lanceiros silurianos. Momentos depois chegaram os nossos lanceiros e fizeram a sua muralha de escudos.

Aquela muralha deu-nos uma nova confiança, uma confiança que quase tocou as raías da imprudência quando vimos quem chefiava o grupo de salvamento.

Era Owain, o poderoso Owain, o campeão do rei e o maior lutador de toda a Grã-Bretanha. Pensávamos que Owain estava longe, lutando ao lado dos homens de Gwent nas montanhas de *Powys*, mas, afinal ele estava ali em *Caer Cadarn*.

No entanto, a verdade é que Gundleus ainda mantinha a vantagem. Éramos doze cavaleiros, cinquenta lanceiros e trinta fugitivos cansados, todos juntos num espaço aberto onde Gundleus tinha reunido quase o dobro de cavaleiros e o dobro de lanceiros.

O sol ainda brilhava. Deviam faltar duas horas para o crepúsculo e quatro para ser noite fechada, o que dava a Gundleus tempo mais do que suficiente para acabar a sua carnificina, se bem que primeiro tivesse tentado persuadir-nos com palavras. Chegou-se mais à frente, esplêndido no seu cavalo que espumava de cansaço e com o escudo virado em sinal de tréguas.

- Homens de *Dumnónia* - disse ele, - entreguem-me a criança e eu vou embora!

Ninguém respondeu. Owain escondera-se no centro da nossa muralha de escudos para que Gundleus, não vendo um chefe, se dirigisse a todos nós.

- É uma criança aleijada - disse o rei siluriano. - Amaldiçoada pelos Deuses.

Acham que um país governado por um rei coxo pode ser bafejado pela sorte? Querem as colheitas atacadas pelo míldio? Querem que seus filhos nasçam doentes? Querem o gado morrendo com as epidemias? Querem que os Saxões sejam os senhores desta terra? O que mais poderá trazer um rei aleijado senão má sorte?

Ninguém respondeu. No entanto, sabe Deus quantos homens nas nossas fileiras não terão temido que Gundleus estivesse falando a verdade.

O rei siluriano tirou o elmo da cabeça e sorriu perante o nosso estado lamentável.

- Todos viverão - prometeu ele, - desde que me entreguem a criança.

Esperou por uma resposta que não veio.

- Quem os chefia? - perguntou por fim.

- Eu! - Owain, finalmente, passou por entre as fileiras para ocupar o seu lugar à frente da nossa linha de escudos.

- Owain - Gundleus reconheceu-o, e pareceu-me detectar um brilho de medo nos olhos de Gundleus.

Tal como nós ele não sabia que Owain tinha regressado ao coração de *Dumnónia*. No entanto, Gundleus estava ainda confiante na sua vitória, mesmo sabendo que com Owain entre os seus inimigos essa vitória seria muito mais difícil.

- Lorde Owain - disse Gundleus dando a Owain o título apropriado, - filho de Eilynnon e neto de Culvas. Eu o saúdo!

Gundleus ergueu a ponta da lança para o Sol.

- Você tem um filho, Lorde Owain.

- Muitos homens têm filhos - respondeu Owain descuidadamente. - O que você tem com isso?

- Quer que seu filho fique órfão de pai? - perguntou Gundleus. - Quer ver as suas terras devastadas? A sua casa queimada? Quer que a sua mulher sirva de brinquedo para os meus homens?

- A minha mulher - disse Owain - é capaz de levar a melhor sobre todos os seus homens e sobre você também. Quer brinquedos, Gundleus? Volte para a sua puta - apontou com o queixo na direção de Ladwys - e se você não partilha a sua puta com os seus homens então *Dumnónia* pode dispensar à *Silúria* algumas ovelhas que se sintam solitárias.

A provocação de Owain animou-nos.

Ele parecia indomado com a sua longa espada massiva e o seu escudo revestido a ferro. Lutava sempre de cabeça descoberta, desdenhando o elmo, e os seus braços cheios de músculos estavam tatuados com o dragão de *Dumnónia* e o seu próprio símbolo que era um javali com longas presas.

- Entregue-me a criança! - Gundleus ignorou os insultos, sabendo que eram apenas provocações de um homem prestes a enfrentar uma batalha. - De-me o rei aleijado!

- Me dê a sua puta, Gundleus - retrucou Owain. – Você não é homem suficiente para ela. Dê-me-a e pode ir em paz.

Gundleus cuspiu.

- Os bardos hão-de cantar a sua morte, Owain. A canção do sangrar do porco.

Owain enterrou a sua pesada espada no solo com o cabo para baixo.

- O porco vai ficar aqui, Gundleus Meilyr, rei da *Silúria* - gritou ele - e aqui o porco ou morre ou mija sobre o seu cadáver. Agora vá embora!

Gundleus sorriu, encolheu os ombros e virou o cavalo. Também virou o seu escudo, mostrando que teríamos luta.

Foi a minha primeira batalha.

Os cavaleiros dumnonianos cerraram fileiras atrás da nossa linha de lanças para proteger as mulheres e as crianças enquanto pudessem. Nós, os restantes, dispusemo-nos na linha de batalha, observando enquanto os nossos inimigos faziam o mesmo. Ligessac, o traidor, estava entre as fileiras silurianas. Tanaburs executava os rituais, saltando numa perna, com uma mão levantada e um olho fechado à frente da muralha de escudos de Gundleus enquanto esta avançava lentamente sobre a erva.

Só depois de Tanaburs ter terminado o seu feitiço protetor é que os silurianos começaram a lançar-nos insultos. Avisaram-nos do massacre que estava para acontecer e alardearam quantos de nós iam matar. Contudo, reparei que avançavam devagar e que todos pararam quando estavam apenas a cinquenta passos de distância. Alguns dos nossos homens escarneceram da covardia deles, mas Owain resmungou que nos calássemos.

As duas frentes de batalha encaravam-se. Nenhuma se moveu.

Era necessária muita coragem para atacar uma linha de escudos e lanças.

Era por isso que tantos homens bebiam antes da luta. Eu já vira exércitos parados durante horas enquanto reuniam coragem para atacar, e quanto mais velho é o guerreiro mais coragem é

necessária. As tropas jovens atacam e morrem, mas os homens mais velhos sabem quão terrível uma muralha de escudos inimiga pode ser.

Eu não tinha escudo, mas estava protegido pelos escudos dos que estavam ao meu lado e os escudos deles tocavam outros e assim sucessivamente, de forma a que cada atacante fosse recebido por uma muralha de madeira revestida de couro, mas com lanças de pontas afiadas bem levantadas.

Os silurianos começaram a bater com as hastes das lanças nos escudos. O

som matraqueado tinha a intenção de nos perturbar e conseguiu, se bem que nenhum dos nossos mostrasse medo. Limitamo-nos a amontoar-nos em desordem à espera do ataque.

- Primeiro vai haver falsos ataques, rapaz - avisou-me o meu vizinho.

Mal ele tinha acabado de falar um grupo de silurianos correu, saindo aos gritos da sua linha e lançando com violência as longas lanças para o centro da nossa defesa. Os nossos homens inclinaram-se, as lanças bateram nos nossos escudos e, de repente, toda a linha siluriana começou a avançar, mas Owain ordenou imediatamente que a nossa linha se levantasse e marchasse também e esse movimento deliberado travou o ataque ameaçador do inimigo. Os nossos homens, cujos escudos tinham sido atingidos pelas lanças inimigas, soltaram as armas e, depois, voltaram à muralha de escudos.

- Recuar! - ordenou Owain.

Ele estava tentando recuar vagarosamente, procurando atravessar o resto do pasto que faltava até *Caer Cadarn*, esperando que os silurianos não conseguissem ganhar coragem para atacar enquanto nós completávamos aquela longa e lastimável jornada. Para nos dar

mais coragem, Owain deu largos passos à frente da nossa linha e gritou para Gundleus para que lutasse com ele de homem para homem.

- Por acaso você é uma mulher, Gundleus? - perguntou o campeão do nosso rei. - Perdeu a coragem? Hidromel demais? Por que não volta para o seu tear, mulher?

Volte para os seus bordados! Volte para a tua roca!

Nós fomos recuando, recuando, recuando cada vez mais, mas de repente um ataque dos nossos inimigos obrigou-nos a parar e a esconder-nos atrás dos nossos escudos quando as lanças foram atiradas. Uma delas passou por cima da minha cabeça, como uma súbita rajada de vento, mas mais uma vez o ataque não passara de uma simulação, para nos provocar o pânico. Ligessac disparava setas, mas devia estar bêbado, pois os seus disparos passavam bem acima das nossas cabeças.

Owain serviu de alvo para uma dúzia de setas, mas a maior parte não acertou e as outras ele desviou desdenhosamente com a sua própria lança ou com o escudo, antes de zombar dos atiradores.

- Quem lhes ensinou a ser lanceiros? As suas mães? - E cuspiu na direção do inimigo. - Vamos Gundleus! Lute comigo! Mostre aos seus moços de cozinha que é

um rei e não um rato!

Os silurianos batiam com as hastes das lanças nos escudos para abafar os insultos de Owain. Ele virou-lhes as costas, mostrando o seu desprezo e recuou devagar para a nossa linha de escudos.

- Para trás - disse-nos suavemente - para trás.

Depois dois dos silurianos atiraram as armas e os escudos para o chão e rasgaram as roupas para lutar nus. O meu vizinho cuspiu.

- Agora vai haver problemas - avisou-me de modo sinistro.

Os homens nus deviam estar bêbados ou então estavam tão inebriados pelos Deuses que acreditavam que nenhuma espada inimiga poderia feri-los. Eu já ouvira falar desse tipo de homens e sabia que o seu exemplo suicida era normalmente o sinal de um ataque sério. Agarrei minha espada e tentei fazer um juramento de que morreria com dignidade, mas na verdade queria mais chorar com pena de tudo o que estava acontecendo. Tinha me tornado homem nesse dia e agora ia morrer. Ia juntar-me a Uther e a Hywel no Outro Mundo e ali esperar durante anos de trevas até a minha alma encontrar outro corpo humano no qual pudesse regressar a este mundo verdejante.

Os dois homens desamarraram o cabelo, pegaram as lanças e as espadas e começaram a dançar na frente da linha siluriana. Uivavam enquanto se preparavam para o delírio da batalha, naquele estado de êxtase descuidado que levava um homem a tentar qualquer façanha. Gundleus montado no cavalo por trás do estandarte sorria para os homens que tinham o corpo todo tatuado com figuras azuis. As crianças choravam atrás de nós e as mulheres rezavam aos Deuses enquanto os homens dançavam cada vez mais perto, com as lanças e as espadas rodopiando à luz do sol daquele fim de tarde. Homens como aqueles não precisavam de escudos nem de roupas nem de armaduras. Os Deuses eram a sua proteção e a glória a sua recompensa e, se conseguissem matar Owain, os bardos cantariam a sua vitória durante longos anos. Avançaram um de cada lado do nosso campeão que equilibrava a sua lança enquanto se preparava para enfrentar o ataque enlouquecido que marcaria também o início do ataque de toda a linha inimiga.

E foi então que a corneta soou.

A corneta soltou uma nota clara e fria como eu nunca tinha ouvido. Havia pureza naquela corneta, uma pureza fria e firme como não

existia em toda a terra.

Soou a primeira vez, soou a segunda, e o segundo toque foi suficiente para fazer parar até os homens nus e fazê-los olhar para leste, de onde viera o som.

Eu também olhei.

E fiquei deslumbrado. Era como se um novo sol se tivesse levantado naquele dia já chegando ao fim. A luz espalhava-se pelas pastagens, cegando-nos, confundindo-nos, mas depois a luz deslocou-se suavemente e vi que era apenas o reflexo do verdadeiro sol num escudo tão polido que parecia um espelho. Mas aquele escudo era segurado por um homem como eu nunca tinha visto antes: um homem magnífico, um homem montado num cavalo magnífico e acompanhado por outros homens como ele. Uma horda, de homens surpreendentes, homens emplumados, homens vestidos de armaduras, homens saídos dos sonhos dos Deuses para virem para aquele campo assassino, e sobre as cabeças emplumadas desses homens flutuava ao vento um estandarte que eu viria a amar mais do que qualquer outro em toda a terra de Deus. Era o estandarte do urso.

A corneta soou uma terceira vez e, de súbito, eu senti que ia viver e comecei a chorar de alegria. Todos os nossos lanceiros choravam e gritavam ao mesmo tempo e a terra estremecia sob os cascos dos cavalos daqueles homens que pareciam deuses e que vinham para nos salvar.

Artur tinha, finalmente, chegado.

SEGUNDA PARTE

O Noivado da Princesa

Igraine não está satisfeita. Ela quer histórias sobre a infância de Artur. Ouviu falar de uma espada numa pedra e quer que eu escreva

sobre isso. Diz-me que ele foi gerado numa rainha por um espírito e que na noite do seu nascimento os céus ribombaram com os trovões. Talvez ela tenha razão , talvez os céus tivessem troado, mas todas as pessoas com quem eu falara não tinham ouvido nada. Quanto à espada na pedra, bem, havia uma espada e havia uma pedra, mas o seu lugar na história é

muito mais recente. A espada chamava-se *Caledfwlch*, que significa "raio forte" apesar de Igraine preferir chamar-lhe Excalibur e é assim que eu também a chamarei, porque Artur nunca se importou com o nome da sua longa espada. Também nunca se importou com a sua infância, pois eu nunca o ouvi falar nela. Uma vez fiz-lhe perguntas sobre os seus tempos de criança e ele não respondeu.

- O que significa o ovo para a águia? - perguntou-me e, depois, disse-me que nascera, vivera e se tornara soldado e que isso era tudo o que eu precisava saber.

Mas por Igraine, minha justa e generosa protetora, vou escrever o pouco que fiquei sabendo a seu respeito. Artur, apesar do desmentido de Uther em Glevum, era filho do Rei Supremo, se bem que poucas vantagens isso lhe trouxesse, pois Uther concebeu tantos bastardos como um gato faz gatinhos. A mãe de Artur chamava-se Igraine, como a minha preciosa rainha. Ela veio de *Caer Gei* em *Gwynedd* e diz-se que era filha de Cunedda, rei de Gwynedd e Rei Supremo antes de Uther, mas Igraine não era princesa, pois a sua mãe não era a mulher de Cunedda, sendo sim casada com um chefe militar de *Henis Wyren*. Tudo o que Artur alguma vez disse de Igraine de Gwynedd, que morreu quando ele começava a tornar-se um homem, é que ela era a mãe mais bonita, mais inteligente e mais maravilhosa que algum rapaz podia desejar.

Mas, e segundo Cei, que conhecia bem Igraine, a beleza dela era aguçada por um talento cheio de rancor. Cei é o filho de Ector Ednywain, o chefe de *Caer Gei*, que levou Igraine e os seus quatro bastardos para sua casa, quando Uther os rejeitou.

Essa rejeição aconteceu no ano em que Artur nasceu e Igraine nunca perdoou ao filho por isso. Costumava dizer que Artur era um filho a mais e que estava convencida de que teria sido a amante de Uther para sempre se Artur não tivesse nascido.

Artur era o quarto filho de Igraine a sobreviver à infância. As outras três crianças eram todas meninas e é evidente que Uther gostava que os seus bastardos fossem meninas, pois eram menos capazes de fazer exigências sobre o seu patrimônio quando crescessem. Cei e Artur cresceram juntos e Cei diz, mas sempre sem Artur ouvir, que tanto ele como Artur tinham medo de Igraine. Disse-me que Artur era um rapaz obediente e esforçado que sempre lutara para ser o melhor em tudo, desde a leitura até à luta com a espada, mas nada do que conseguia alcançar agradava à mãe, embora Artur sempre a tivesse adorado e defendido e tivesse chorado, inconsolável, quando ela morreu de uma febre. Artur tinha então treze anos e Ector, o seu protetor, apelou a Uther para que ajudasse os quatro pobres órfãos de Igraine. Uther levou-os para *Caer Cadarn*, provavelmente porque pensou que as filhas seriam peças úteis no jogo dos casamentos dinásticos. O casamento de Morgana com um príncipe de Kernow durou pouco devido ao fogo, mas Morgause casou com o rei Lot de Lothian e Anna desposou o rei Budic Camran da Bretanha. Estes dois últimos não eram casamentos importantes, pois nenhum dos reis estava suficientemente perto para enviar reforços para *Dumnónia* em tempo de guerra, mas ambos serviram os seus pequenos propósitos. Artur, sendo rapaz, não tinha essa utilidade, pelo que foi para a corte de Uther e aprendeu a usar a espada e a lança. Também conheceu Merlim, embora nunca nenhum deles tivesse falado muito sobre o que se passara entre ambos naqueles meses antes de Artur, sem esperança de receber qualquer nomeação de Uther, seguir a sua irmã Anna até à Bretanha. Aí, durante o tumulto de Gaul, Artur mostrou-se um grande soldado e Anna, sempre consciente de que um irmão guerreiro era um parente valioso, informou Uther das suas proezas. E foi por isso que Uther trouxe Artur de novo para a Grã-

Bretanha para a campanha que acabou com a morte do seu filho. O resto todos sabem.

Agora já contei a Igraine tudo o que sabia sobre a infância de Artur e sem dúvida que ela vai embelezar a história com as lendas que as pessoas contam sobre ele. Igraine leva estas peles uma a uma e Dafydd Gruffud, o oficial de justiça, que fala a língua saxônica, transcreve-as para a língua própria da Grã-Bretanha. Não acredito que quer ele quer Igraine deixem de alterar estas palavras com as suas próprias fantasias. Há momentos em que gostaria de me atrever a contar esta história na língua britânica, mas o bispo Sansum, a quem Deus estima acima de todos os santos, ainda suspeita do que escrevo. Às vezes tenta acabar com este meu trabalho, quando não manda os descendentes de Satanás para me estorvarem. Um dia foram as minhas penas que desapareceram todas, num outro dia encontrei urina no tinteiro, mas Igraine repõe sempre tudo e Sansum, a não ser que aprenda a ler e a dominar a língua saxônica, não pode confirmar as suas suspeitas de que este trabalho não é, na verdade, um Evangelho em saxão.

Igraine insiste para que eu escreva mais e mais depressa, e roga-me que conte a verdade sobre Artur, mas depois queixa-se, quando essa verdade não corresponde aos contos de fadas que ouve na cozinha de *Caer* ou no seu quarto de vestir. O que ela quer é ouvir falar das caçadas a monstros que mudam de forma, mas eu não posso inventar o que não vi. É verdade, que Deus me perdoe, que mudei algumas coisas, mas nada de importante. Assim, quando Artur nos salvou na batalha em frente a *Caer Cadarn*, percebi ele viria muito antes de ele aparecer, pois Owain e os seus homens sempre souberam que Artur e os seus cavaleiros, acabados de chegar da Bretanha, estavam escondidos nos bosques a norte de *Caer Cadarn*, tal como sabiam que o bando de guerreiros de Gundleus estava se aproximando. O erro de Gundleus foi incendiar o Tor, pois a fumaça serviu de sinal de aviso para a parte sul do país e os batedores armados de Owain estavam observando os movimentos dos homens de Gundleus desde o meio-dia. Owain,

tendo ajudado Agrícola a superar a invasão de Gorfyddyd, tinha regressado rapidamente para Sul para saudar Artur, não só pela amizade que os unia, mas sobretudo para estar presente quando um senhor da guerra rival chegasse ao reino, e foi uma sorte para nós que Owain tivesse regressado. Ainda assim, a batalha nunca poderia ter acontecido da forma como a descrevi. Se Owain não tivesse sabido que Artur estava perto, teria entregue Mordred ao seu cavaleiro mais veloz para levar a criança para um lugar seguro, mesmo que todos nós morrêssemos sob as lanças de Gundleus. É claro que eu podia ter escrito essa verdade, mas os bardos mostraram-me como moldar uma história de forma a manter os ouvintes à espera da parte que mais querem ouvir, e acho que a história só

tem a ganhar se guardarmos a notícia da chegada de Artur até ao último minuto. É um pequeno pecado, este de moldar as histórias, mas Deus sabe que Sansum nunca me perdoaria.

Continua o Inverno aqui em *Dinnewrac* e o frio é cada vez mais cortante, mas o rei Brochvael ordenou que Sansum acendesse as lareiras depois do irmão Aron ter sido encontrado morto pelo frio na sua cela. O santo recusou, até que o rei mandou lenha do seu *Caer* e, por isso, agora temos lareiras, apesar de não serem muitas nem muito grandes. Todavia, mesmo uma pequena fogueira torna a escrita mais fácil e ultimamente o abençoado santo Sansum tem sido menos metedizo. Dois noviços juntaram-se ao nosso pequeno rebanho, dois rapazolas que não paravam de falar, e Sansum tomara a seu cargo a tarefa de treiná-los à maneira do Nosso Mais Precioso Salvador. É tal o cuidado do santo com as suas almas imortais que até insiste para os rapazes partilharem da sua cela e parece um homem mais feliz na companhia deles.

Agradeço a Deus que assim seja, e também a dádiva do fogo e a força que me dá

para continuar esta história de Artur, o Rei que Nunca Existiu, o Inimigo de Deus e o nosso Senhor das Batalhas.

Não quero tornar-me aborrecido com os detalhes da luta em frente a *Caer Cadarn*. Foi um tumulto, não uma batalha, e só escapou uma mão-cheia de silurianos.

Ligessac, o traidor, foi um dos que escapou, mas a maior parte dos homens de Gundleus foi capturada. Morreram muitos inimigos, incluindo os dois lutadores nus que tombaram sob a lança de Owain. Gundleus, Ladwys e Tanaburs foram todos apanhados vivos. Eu não matei ninguém. Nem sequer amassei a minha espada.

Também não me lembro de muito do que se passou naquele tumulto, pois tudo o que queria fazer era olhar para Artur.

Ele montava *Llamrei*, a sua égua, um animal enorme e negro com topetes felpudos e ferraduras de ferro apertadas aos cascos com tiras de couro. Todos os homens de Artur cavalgavam animais igualmente corpulentos e de narinas rasgadas para poderem respirar com mais facilidade. Os animais pareciam ainda mais assustadores devido aos extraordinários escudos de couro rígido pendurados à frente para lhes proteger o peito dos golpes das lanças. Os escudos eram tão espessos e incômodos que os cavalos não podiam baixar as cabeças para pastar no fim da batalha e Artur ordenou a um dos seus lacaios que tirasse o escudo para que *Llamrei* pudesse comer. Cada um dos cavalos precisava de dois lacaios: um para tratar do escudo do cavalo, do tecido que o cobria e da sela, e o outro para guiar o cavalo pelo freio, enquanto um terceiro servo carregava a lança e o escudo do guerreiro. Artur tinha uma longa e pesada lança chamada *Rhongomyniad* enquanto o escudo, o *Wynebgwrthucher*, era feito de tábuas de salgueiro cobertas com uma camada de prata batida, tão polida que ofuscava. Pendurada à ilharga trazia a faca chamada *Carnwenhau* e a famosa espada *Excalibur* na sua bainha preta adornada com fios de ouro cruzados.

De início não conseguia ver-lhe o rosto, pois tinha a cabeça coberta por um elmo com grandes peças de proteção das faces que lhe escondiam as feições. O elmo com as fendas para os olhos e o buraco escuro para a boca, era feito de ferro polido decorado com espirais em prata e tinha no alto uma grande pluma de penas brancas de ganso. Havia naquele elmo lívido alguma coisa que lembrava a morte. Era em forma de uma caveira e o seu aspecto terrível deixava adivinhar que quem o usava era um morto-vivo. A sua capa era branca, tal como a pluma. Trazia a capa, que ele exigia sempre limpa, sobre os ombros para afastar o sol da sua cota com armadura de lâminas metálicas em forma de escamas. Eu nunca tinha visto armaduras daquelas, embora Hywel me tivesse falado delas e, ao ver Artur, senti um desejo irresistível de ter uma cota assim. A armadura era romana, feita de centenas de placas de ferro que não eram maiores do que a ponta do polegar, cosidas em filas sobrepostas por cima de uma cota de couro até o joelho. As placas eram quadradas em cima, com dois buracos para o fio de coser, e pontiagudas em baixo e as escamas eram sobrepostas de forma a que uma lança encontrasse sempre duas camadas de ferro antes de bater no couro resistente por trás das escamas. A rígida armadura tilintava quando Artur se mexia, e não era apenas som de ferro, pois os seus ferreiros tinham acrescentado uma fila de placas de ouro à volta do pescoço e espalhado escamas de prata por entre o ferro polido, para que toda a cota parecesse cintilar. Exigia horas de polimento diariamente para evitar que o ferro enferrujasse e depois de cada batalha faltavam sempre algumas placas que teriam que ser reforçadas. Eram poucos os ferreiros que conseguiam fazer uma cota daquelas e muito poucos homens tinham possibilidade de comprar uma, mas Artur tinha tirado a sua de um chefe militar franco que matara na Armórica. Além do elmo, da capa e da cota de escamas, usava botas de couro, luvas de couro e cinto de couro onde estava suspensa a *Excalibur* na sua bainha adornada com a cruz que, supostamente, protegia de todos os males quem a usava. Para mim, deslumbrado com a sua chegada, ele parecia um deus branco e reluzente descendo à

terra, e não conseguia tirar os olhos dele.

Abraçou Owain e os ouvi rir. Owain era um homem alto, mas Artur conseguia olhá-lo nos olhos, apesar de não ser avantajado como Owain. Owain era só músculos e corpulência, enquanto Artur era um homem magro, mas de rija têmpera. Owain deu fortes palmadas nas costas de Artur e este retribuiu o gesto de afeto antes de se dirigirem, cada um com o braço nas costas do outro, para onde Ralla estava com Mordred no colo.

Artur ajoelhou-se perante o seu rei e, com uma delicadeza surpreendente para um homem com tão pesada armadura, levantou uma mão enluvada para segurar a bainha do manto do bebê, e empurrando para trás as peças protetoras do rosto, beijou o manto. Mordred reagiu gritando e debatendo-se.

Artur levantou-se e estendeu os braços na direção de Morgana. Ela era mais velha do que o irmão, que ainda só tinha vinte e cinco ou vinte e seis anos, mas, quando ele lhe estendeu os braços, começou a chorar por trás da sua máscara de ouro que tocou de leve no elmo de Artur quando se abraçaram. Ele apertou-a contra o peito e deu-lhe palmadinhas nas costas.

- Querida Morgana - ouvi-o dizer, - doce e querida Morgana. - Nunca tinha percebido como Morgana se sentia sozinha até a ver chorar nos braços do irmão.

Ele afastou-a com delicadeza e, depois, com as duas mãos, tirou o elmo cinza-prateado da cabeça.

- Tenho um presente para você - disse ele a Morgana, - pelo menos penso que tenho, a não ser que Hygwydd o tenha roubado. Onde está, Hygwydd?

O servo Hygwydd correu para ele e pegou o elmo com a pluma branca, entregando ao seu senhor um colar de dentes de urso,

embutidos em encaixes de ouro presos a uma corrente também de ouro que Artur colocou no pescoço da irmã.

- Uma coisa bonita para a minha adorável irmã - disse.

Depois insistiu em saber quem era Ralla e, quando lhe contaram a história da morte do seu filho, o rosto dele mostrou tanta dor e simpatia que Ralla começou a chorar e Artur a abraçou num impulso, quase esmagando o rei menino contra o peito protegido pela armadura. A seguir Gwlyddyn foi-lhe apresentado e contou a Artur como eu tinha morto um siluriano para proteger Mordred. Então, Artur virou-se para me agradecer.

E, pela primeira vez, olhei diretamente para o seu rosto.

Era um rosto que irradiava bondade. Essa foi a minha primeira impressão.

Não, isso é o que Igraine quer que eu escreva. Na verdade, a primeira coisa em que reparei foi que ele suava muito, suava de mais por estar metido naquela armadura de metal num dia de Verão, mas depois do suor reparei como ele tinha um ar bondoso.

Confiava-se em Artur à primeira vista. Era por isso que as mulheres sempre gostaram de Artur, não por ele ser bonito, pois não era assim tão belo, mas porque olhava para as pessoas com um interesse genuíno e uma clara benevolência. Tinha um rosto forte e ossudo cheio de entusiasmo e um vasto cabelo castanho-escuro que, na primeira vez que o vi, estava empastado e colado à cabeça devido ao revestimento de couro do elmo. Tinha olhos castanhos, um nariz comprido e um maxilar firme e sem barba, mas a sua característica mais notável era a boca, invulgarmente grande e adornada por uma dentadura sem falhas. Ele orgulhava-se dos seus dentes e todos os dias os limpava com sal, quando o conseguia encontrar, ou só com água quando não conseguia. Era um rosto grande e vigoroso, no entanto o que mais me impressionou nele foi aquele olhar bondoso e o humor endiabrado do seu olhar. Havia um

ar de satisfação em Artur, alguma coisa no seu rosto irradiava uma felicidade que nos abrangia na sua aura.

Naquele momento, e também mais tarde, reparei como homens e mulheres ficavam mais alegres quando Artur estava perto deles. Todos ficavam mais otimistas, ouviam-se mais risos e, quando ele partia, seguia-se um profundo marasmo. No entanto Artur não era um homem de espírito nem um contador de histórias, era simplesmente Artur, um bom homem com uma confiança contagiante, uma vontade impaciente e uma determinação de ferro. A princípio não se notava essa solidez e o próprio Artur fingia que ela não existia, mas existia. Os túmulos nos campos de batalha testemunhavam essa solidez.

- Gwlyddyn disse-me que você era saxão! - disse ele, trocista.

- Meu senhor - foi tudo o que consegui dizer, caindo de joelhos. Ele inclinou-se e levantou-me pelos ombros. O seu toque era firme.

- Eu não sou rei, Derfel - disse, - não se ajoelhe perante mim, eu é que devia ajoelhar-me perante você por ter arriscado a sua vida para salvar o nosso rei. - Sorriu.

- Por isso, eu te agradeço.

Ele tinha a capacidade de nos fazer sentir que ninguém no mundo era tão importante para ele como nós. Comecei a adorá-lo a partir desse instante.

- Quantos anos tem? - perguntou-me.

- Quinze, acho eu.

- Mas já parece ter vinte. - Sorriu. - Quem te ensinou a lutar?

- Hywel - respondi. - O administrador de Merlim.

- Ah! O melhor professor de todos! Também fui ensinado por ele. E como está

o bom Hywel? - A pergunta foi feita com ansiedade, mas eu não tive nem palavras nem coragem para responder.

- Morto. - Morgana respondeu por mim. - Assassinado por Gundleus. E cuspiu pelo orifício da boca da sua máscara na direção do rei capturado e bem guardado a alguns passos dela.

- Hywel morto? - Artur dirigiu-me a pergunta, olhos nos olhos, e eu assenti inclinando a cabeça, mas tive de pestanejar para as lágrimas não correrem. Nesse instante, Artur abraçou-me. – Você é um bom homem, Derfel, e eu te devo uma recompensa por ter salvo a vida do nosso rei. O que quer?

- Ser um guerreiro, Senhor - disse eu. Ele sorriu e afastou-se de mim.

- Você é um homem de sorte, Derfel, porque é aquilo que quer ser. Lorde Owain? - Virou-se para o corpulento campeão cheio de tatuagens. - Tem serventia para este bom guerreiro saxão?

- Tenho, sim - concordou Owain de imediato.

- Então, aqui tem o seu homem - disse Artur. Mas deve ter sentido o meu desapontamento, pois virou-se para trás e pôs-me a mão no ombro.

- Por agora, Derfel - disse suavemente, - eu emprego cavaleiros e não lanceiros. Deixa que Owain seja o teu senhor, pois não há ninguém melhor para te ensinar o ofício de soldado.

Apertou-me o ombro com a mão enluvada e, depois, virou-se e acenou com a mão para que os dois guardas ao lado de Gundleus se afastassem. Juntara-se uma multidão à volta do rei capturado que estava sob os estandartes dos vencedores. Os cavaleiros de

Artur, com elmos de ferro, armaduras de couro revestidas de ferro e capas de linho ou lã, misturados com os lanceiros de Owain e com os fugitivos do Tor, todos espalhados pelo espaço verde das pastagens, onde agora Artur encarava Gundleus.

Gundleus endireitou as costas. Estava desarmado, mas não abandonava o seu orgulho e nem sequer estremeceu quando Artur se aproximou.

Artur caminhou em silêncio, parando a dois passos do rei capturado. A multidão conteve a respiração. Gundleus estava coberto pela sombra do estandarte de Artur que ostentava um urso preto sobre um fundo branco.

O urso flutuava ao vento entre o estandarte do dragão de Mordred, que fora recuperado, e o estandarte do javali de Owain, enquanto aos pés de Gundleus estava caído o seu próprio estandarte da raposa. Os vencedores tinham-no pisado, cuspidos e urinados sobre ele. Gundleus viu Artur desembainhar *Excalibur*. O aço da lâmina era de um tom azulado e estava tão polido como a cota de escamas, o elmo e o escudo.

Esperávamos o golpe fatal, mas, em vez disso, Artur pôs um joelho em terra e levantou os copos da *Excalibur* para Gundleus.

- Senhor - disse ele humildemente, e a multidão, que antecipara a morte de Gundleus, sobressaltou-se.

Gundleus hesitou por um momento, depois tocou no botão do punho da espada. Não disse uma palavra. Talvez estivesse atônito demais para falar. Artur levantou-se e embainhou a espada.

- Eu fiz um juramento para proteger o meu rei - disse ele - não para matar reis.

O que vai lhe acontecer, Gundleus Meilyr, não cabe a mim decidir, mas será mantido como prisioneiro até a decisão ser tomada.

- Quem tomará essa decisão? - perguntou Gundleus.

Artur hesitou, claramente indeciso quanto à resposta. Muitos dos nossos guerreiros gritavam pedindo a morte de Gundleus, Morgana instigava o irmão a vingar Norwenna enquanto Nimue gritava que lhe desse o rei cativo para ela se vingar, mas Artur abanou a cabeça. Muito mais tarde explicou-me que Gundleus era primo de Gorfyddyd, rei de *Powys*, e esse fato fazia da morte de Gundleus um assunto de estado, não de vingança.

- Eu queria paz e a paz raramente surge da vingança - admitiu ele, - mas talvez devia tê-lo morto. Não que isso fizesse muita diferença.

Mas agora, enfrentando Gundleus, à luz do sol em declínio às portas de *Caer Cadarn*, limitou-se a dizer que o destino de Gundleus estava nas mãos do conselho de *Dumnónia*.

- E quanto a Ladwys? - perguntou Gundleus, fazendo um gesto na direção da mulher alta, de rosto pálido de morte que estava perto dele com o terror estampado no olhar. - Peço que permitam que ela fique comigo - acrescentou ele.

- Essa puta é minha - disse Owain bruscamente. Ladwys sacudiu a cabeça e aproximou-se mais de Gundleus.

- Ela é minha mulher! - protestou Gundleus a Artur, confirmando assim os velhos rumores de que tinha realmente casado com a sua amada de baixa linhagem.

Isso também significava que ele casara falsamente com Norwenna, embora esse pecado, comparado com o resto que lhe fizera, fosse muito pequeno.

- Mulher ou não - insistiu Owain - ela é minha.

Ele viu a hesitação de Artur.

- Até que o conselho decida de outro modo - acrescentou, fazendo deliberadamente eco da invocação de Artur dessa autoridade superior.

Artur pareceu perturbado com a reivindicação de Owain, mas a sua posição em *Dumnónia* era ainda incerta, pois apesar de ter sido nomeado protetor de Mordred e um dos senhores da guerra do reino, isso só lhe conferia autoridade igual à de Owain. Todos nós havíamos notado como Artur tomara o comando durante o tumulto siluriano, mas Owain, ao exigir Ladwys para sua escrava, estava lembrando a Artur que possuía um poder igual ao seu. O momento foi embaraçoso até que Artur sacrificou Ladwys à unidade dumnoniana.

- Owain já decidiu a questão - disse ele a Gundleus, virando-se em seguida para não testemunhar o efeito das suas palavras nos amantes.

Ladwys gritou, protestando, mas depois ficou-se em silêncio enquanto um dos homens de Owain a arrastava dali.

Tanaburs ria da angústia de Ladwys. Visto que era um druida, nenhum mal lhe seria infligido. Era prisioneiro, mas livre para partir, embora tivesse de deixar o campo sem comida nem bênção e completamente sozinho. Porém, encorajado pelos acontecimentos do dia, não o podia deixar partir sem falar e, por isso, seguiu-o pelo pasto por onde estavam espalhados os mortos silurianos.

- Tanaburs! - chamei-o.

O druida virou-se e viu-me desembainhar a espada.

- Cuidado, rapaz - disse ele e fez um sinal de aviso com o seu bastão com a ponta em forma de lua.

Eu devia ter sentido medo, mas senti um novo espírito de guerreiro crescer dentro de mim enquanto me aproximava mais dele e

encostava a espada à sua barba branca emaranhada. Ele inclinou a cabeça para trás, quando sentiu o toque do aço, fazendo chocalhar os ossos amarelos amarrados ao cabelo. O seu rosto era moreno e crivado de rugas e manchas, os olhos eram vermelhos e o nariz torcido.

- Eu devia matá-lo - disse eu.

- E será perseguido pela maldição da Grã-Bretanha. A sua alma nunca chegará ao Outro Mundo, sofrerá tormentos ocultos sem conta e esses tormentos serão da minha autoria.

Cuspiu na minha direção e depois, tentou afastar a lâmina da barba, mas eu segurei com firmeza os copos da espada e ele, subitamente, pareceu assustado ao perceber a a força que eu tinha.

Alguns espectadores curiosos tinham-me seguido e tentaram avisar-me do destino terrível que me atormentaria se eu matasse um druida, mas eu não tencionava matar o velho. Queria apenas assustá-lo.

- Há dez anos ou mais - disse eu – você entrou na herdade de Madog. Madog era o homem que escravizara a minha mãe e cuja herdade fora atacada pelo jovem Gundleus.

Tanaburs acenou afirmativamente, quando se lembrou desse ataque.

- É verdade. Um bom dia, esse! Pilhamos muito ouro e muitos escravos!

- E voê fez um poço da morte - disse eu.

- E então? - Encolheu os ombros e olhou-me de soslaio. - Tinha de agradecer aos Deuses pela boa sorte.

Eu sorri e deixei a ponta da espada tocar-lhe a garganta.

- E então, Druida, é que eu sobrevivi, eu sobrevivi.

Tanaburs demorou alguns segundos para entender o que eu acabara de dizer, mas depois empalideceu e estremeceu, pois sabia que eu era a única pessoa de toda a Grã-Bretanha que tinha o poder de matá-lo. Ele sacrificara-me aos Deuses, mas o seu descuido em não se certificar do destino da oferenda que lhes tinha feito significava que os Deuses tinham deixado à minha guarda o poder sobre a sua vida.

Gritou aterrorizado, pensando que a minha espada se ia enterrar na sua garganta, mas eu afastei o aço da sua barba imunda e ri dele. Ele virou-se e fugiu aos tropeções, correndo pelos campos fora. Estava desesperado para escapar, mas antes de chegar ao bosque, para onde tinha fugido o punhado de sobreviventes silurianos, ele virou-se e apontou-me uma mão ossuda.

- A sua mãe está viva, rapaz! - gritou ele. - Ela está viva!

Depois desapareceu.

Eu fiquei ali de boca aberta, com a espada na mão. Não fui assaltado por nenhuma emoção em particular, pois quase não me lembrava da minha mãe e não tinha qualquer recordação de ter existido amor entre nós. Porém, só o pensar que ela estava viva abalou todo o meu mundo tão violentamente como o tinha abalado a destruição da casa de Merlim, nessa manhã. Abanei a cabeça. Como podia Tanaburs lembrar-se de uma escrava entre tantas? O que ele dissera era com certeza falso, apenas palavras para me perturbar, nada mais. Embainhei por isso a espada e dirigi-me vagarosamente para a fortaleza

Gundleus foi colocado sob vigilância num dos aposentos fora da casa principal em *Caer Cadarn*. Houve uma grande festa nessa noite, mas, como havia muita gente na fortaleza, as porções de carne eram poucas e foram cozidas à pressa.

Durante a maior parte da noite, velhos amigos trocaram notícias sobre a Grã-Bretanha e a Bretanha, pois muitos dos seguidores de Artur eram originários de *Dumnónia* ou de outros reinos britânicos. Os nomes dos homens de Artur confundiam-se na mente, pois havia mais de setenta cavaleiros no seu bando, e ainda lacaios, servos, mulheres e um grupo de crianças. Houve tempos em que os nomes dos guerreiros de Artur se tornaram familiares, mas nessa noite nada significavam para mim Dagonet, Aglaval, Cei, Lanval, os irmãos Balan e Balin, Gawain e Agravam, Blaise, Illtyd, Eiddilig e Bedwyr. Reparei em Morfans porque era o homem mais feio que eu já vira, tão feio que até tinha orgulho no seu olhar vesgo, no pescoço flácido e inchado, nos lábios leporinos e no queixo que não chegava a existir. Também reparei em Sagramor, pois era negro e eu nunca tinha visto, nem sequer imaginado, homens assim. Era um homem alto, magro e amargamente lacônico. No entanto, quando o persuadiam a contar uma história e ele a contava em britânico, mas com um sotaque horrível, conseguia enfeitiçar toda a sala.

E é claro que também reparei em Ailleann. Era uma mulher esbelta e de cabelo negro, alguns anos mais velha do que Artur, com um rosto fino, sério e afável que lhe dava um ar de grande sabedoria. Nessa noite usava jóias reais e uma túnica de linho tingido de vermelho-ferrugem, com um pesado cinto de prata e mangas largas e compridas debruadas com pele de lontra. Trazia um colar de ouro pesado e reluzente em redor do seu longo pescoço, pulseiras de ouro nos pulsos e, no peito, um pregador esmaltado em forma de urso, o símbolo de Artur. Movimentava-se graciosamente, falava pouco e olhava para Artur com um olhar protetor. Tudo me fazia crer que devia ser uma rainha, ou, pelo menos, uma princesa, exceto o fato de transportar tigelas de comida e copos de hidromel como uma simples serva.

- Ailleann é uma escrava, meu rapaz - disse Morfans, *o Feio*.

Ele estava acocorado à minha frente no chão da sala e vira-me a observar aquela mulher alta deslocando-se de um local iluminado

para as sombras tremeluzentes da sala.

- Escrava de quem? - perguntei.

- De quem acha que é? - E em seguida meteu uma costeleta de porco na boca e separou a succulenta carne do osso com os dois dentes que lhe restavam. - De Artur - continuou ele depois de ter atirado o osso a um dos muitos cães que ali estavam. - E, claro, que além de escrava é também sua amante. - Arrotou e, depois, bebeu de um copo de chifre. - Ela foi-lhe oferecida pelo cunhado, o rei Budic. Já faz muito tempo. Ela é bem mais velha do que Artur e acho que Budic pensava que ele não a manteria por muito tempo, mas quando Artur se afeiçoa a alguém parece durar para sempre. Aqueles rapazes gêmeos são filhos dela - e apontou com a barba engordurada para o fundo da sala onde dois rapazes com cerca de nove anos e ar macabúzio estavam sentados no chão imundo com as respectivas tigelas de comida à sua frente.

- São filhos de Artur? - perguntei.

- E de mais ninguém - disse Morfans com ironia. - Amhar e Loholt é como se chamam e o pai adora-os. Nada é bom demais para aqueles bastardos daqueles filhos da puta, e é exatamente isso que eles são, meu rapaz, uns bastardos, uns filhos da puta. Uns filhos da puta que não servem para nada. - Havia puro ódio na sua voz. - Há

que dizê-lo, meu filho, Artur Uther é um grande homem. É o melhor soldado que já

conheci, o homem mais generoso e o senhor mais justo, mas quando se trata de educar os filhos, eu era capaz de fazer melhor, mesmo tendo uma porca como mãe.

Olhei outra vez para Ailleann.

- São casados?

Morfans deu uma gargalhada.

- Claro que não! Mas ela o tem feito feliz durante estes dez anos. Lembre-se que chegará o dia em que ele a mandará embora tal como o seu pai fez com a sua mãe. Artur casará com qualquer coisa que venha da realeza, que não terá metade da amabilidade de Ailleann, mas é isso que os homens como Artur têm de fazer. Têm de casar bem. Não é como você e eu, rapaz. Nós podemos casar com o que quisermos, desde que não seja da realeza. Ouça o que te digo!

Sorriu com ironia quando, lá fora, um grito de mulher rasgou a noite. Owain deixara a sala e Ladwys estava evidentemente aprendendo os seus novos deveres.

Artur estremeceu com esse som e Ailleann levantou a elegante cabeça e olhou-o com o semblante carregado; mas, além deles, a única pessoa que percebeu a angústia de Ladwys foi Nimue. O seu rosto coberto com a ligadura estava triste e deformado, mas o grito a fez sorrir por causa do tormento que sabia que o som provocaria em Gundleus. Nimue não sentia piedade, nem uma só gota. Ela já tinha pedido permissão a Artur e a Owain para ser ela própria a matar Gundleus e eles haviam recusado.

Porém, enquanto Nimue vivesse, Gundleus saberia o que era o medo.

No dia seguinte, Artur levou um grupo de cavaleiros a *Ynys Wydryn* e regressou nessa noite informando que a casa e todas as cabanas do Tor tinham desaparecido consumidas pelas chamas. Os cavaleiros também regressaram trazendo o pobre louco Pellinore e um Druidan indignado que se abrigara num poço que pertencia aos monges do Espinheiro Sagrado. Artur anunciou a sua intenção de reconstruir a casa de Merlim, embora não soubéssemos como o faria sem dinheiro e sem um exército de trabalhadores, e Gwlyddyn foi formalmente nomeado construtor real de Mordred e foram-lhe

dadas instruções para começar a cortar árvores para refazer os edifícios do Tor. Pellinore foi fechado num armazém feito de pedra, vazio, junto à vivenda romana em Lindinis, que era a aldeia mais próxima de *Caer Cadarn* e o local onde se abrigaram as mulheres, as crianças e os escravos que seguiam os homens de Artur. Artur organizou tudo. Foi sempre um homem inquieto que detestava estar sem fazer nada e, naqueles primeiros dias após a captura de Gundleus, trabalhou desde o amanhecer até muito depois do Sol pôr. Passou a maior parte do tempo preparando o sustento dos seus seguidores; as terras reais tinham ser distribuídas por eles e as casas tinham ser alargadas para as suas famílias, tudo sem provocar o desagrado das pessoas que já viviam em Lindinis. A própria vivenda pertencera a Uther e, agora, Artur ficara com ela para si. Para ele nenhuma tarefa era demasiado banal e, uma manhã, cheguei a encontrá-lo tentando levantar uma chapa de chumbo.

- Me dê uma ajuda, Derfel! - pediu. Senti-me lisonjeado por ele se lembrar do meu nome e corri para ajudá-lo a levantar o pesado objeto. - Bom material, este! -

disse ele alegremente. Ele estava de tronco nu e ficou com a pele suja por causa do chumbo que tencionava cortar em tiras para revestir a calha de pedra que outrora transportara água de uma nascente até ao interior da vivenda. - Os Romanos levaram o chumbo todo quando foram embora explicou e é por isso que as condutas de água não funcionam. Devíamos pôr as minas para funcionar de novo. - Pousou a sua ponta da chapa de chumbo e limpou a testa. - Pôr as minas a funcionar, reconstruir as pontes, calcetar os vaus, cavar represas e descobrir uma forma de convencer os Sais a voltar para casa. É trabalho suficiente para a vida de um homem, não acha?

- Sim, meu Senhor - respondi nervoso, sem entender por que razão um senhor da guerra se ocupava em reparar condutas de água. O conselho ia reunir-se mais tarde, nesse mesmo dia, e eu pensava

que Artur estaria ocupado demais com esse assunto, mas ele parecia mais preocupado com o chumbo do que com assuntos de Estado.

- Não sei se o chumbo é serrado ou se é cortado com uma faca - disse ele pesaroso. - Preciso saber. Vou perguntar a Gwlyddyn. Ele parece saber tudo. Sabia que se quisermos usar troncos de árvores como colunas temos de colocá-los de pernas para o ar?

- Não, meu Senhor.

- Evita que a umidade suba, entende, e que a madeira apodreça. É o que Gwlyddyn diz. Eu gosto deste tipo de conhecimento. São conhecimentos bons, práticos, o tipo de conhecimentos que faz andar o mundo. - Sorriu-me de esguelha. - E

então, está gostando de Owain?

- Ele é bom para mim - respondi, embaraçado com a pergunta. Na verdade eu ainda me sentia nervoso em relação a Owain, apesar de ele nunca ter sido rude comigo.

- Ele tem de te tratar bem - disse Artur. - A reputação de todos os chefes depende de terem bons homens ou não.

- Mas eu preferia servi-lo, Senhor - disse eu abruptamente, com a indiscrição da juventude.

Ele sorriu.

- Servirá, Derfel, servirá. Na devida época. Se passar a prova da luta. - Fez esta observação casualmente, mas mais tarde pensei se ele não estaria prevendo o que estava para vir.

No momento certo passei o exame de Owain, mas foi difícil e talvez Artur quisesse que eu aprendesse essa lição antes de me juntar ao seu bando de guerreiros.

Inclinou-se outra vez para a chapa de chumbo, mas depois endireitou-se, quando se ouviu um grito que atravessou o velho edifício. Era Pellinore, protestando contra a sua prisão.

- Owain diz que devíamos mandar o pobre Pellinore para a ilha dos Mortos -

disse Artur, referindo-se à ilha para onde eram mandados os loucos violentos. - O que você acha?

Fiquei tão admirado por ele ter me perguntado aquilo que a princípio não respondi. Depois balbucieei que Pellinore era amado por Merlim, que Merlim o queria entre os vivos e que eu pensava que os desejos de Merlim deviam ser respeitados.

Artur escutou-me muito sério e pareceu até grato pelo meu conselho. Claro que ele não precisava do meu conselho; estava apenas tentando fazer que eu me sentisse com valor. - Então, Pellinore pode ficar aqui, rapaz. Agora pegue no outro lado.

Levanta!

No dia seguinte Lindinis ficou vazia . Morgana e Nimue regressaram a *Ynys Wydryn* onde planejavam reconstruir o Tor. Nimue ignorou a minha despedida. O olho ainda a fazia sofrer, estava mais amarga e não queria nada da vida senão vingar-se de Gundleus, o que lhe tinha sido negado. Artur foi para Norte para ajudar Tewdric a reforçar a fronteira norte de Gwent enquanto eu fiquei com Owain, que fixara residência na casa principal de *Caer Cadarn*. Eu podia ser um guerreiro, mas naquela altura do Verão era mais importante juntar-me aos que faziam a colheita do que ficar de guarda nas muralhas da fortaleza. Por isso, durante dias pus de lado a minha espada, o elmo, o escudo e a couraça de couro que herdara de um siluriano morto e fui para os campos do rei ajudar os servos a colher o centeio, a cevada e o trigo. Era um trabalho árduo feito com uma foice de cabo curto que precisava ser constantemente afiada num objeto próprio para tal: era um bastão de madeira que, primeiro, era

mergulhado em banha de porco e depois revestido com areia fina que servia para afiar a lâmina da foice, que para mim nunca estava suficientemente afiada e, na condição física em que eu me encontrava, ter de estar sempre me dobrando para puxar os cereais com força me fez ficar com dores nas costas e com os músculos doloridos. Eu nunca tinha trabalhado tanto e tão duramente no Tor, mas agora tinha deixado o mundo privilegiado de Merlim e fazia parte das tropas de Owain.

Fizemos medas com os cereais cortados nos campos. Depois, transportamos vários montes de palha de centeio em carroças para *Caer Cadarn* e para *Lindinis*. A palha foi usada para reparar os telhados de colmo e encher de novo os colchões.

Assim, durante alguns ditosos dias as nossas camas estiveram livres dos piolhos e das pulgas, apesar dessa bênção não durar muito. Foi nessa época que cresceu a minha primeira barba, meia dúzia de pêlos dourados dos quais eu me sentia excessivamente orgulhoso. Passava os dias fazendo trabalhos nos campos que me deixavam as costas partidas e ainda tinha de aguentar duas horas de treino militar todas as noites. Hywel ensinara-me bem, mas Owain queria melhor.

- Aquele siluriano que matou - disse-me Owain uma noite em que eu, nas muralhas de *Caer Cadarn*, transpirava depois de uma luta de bastão com um guerreiro chamado Mapon, - aposto o soldo de um mês contra um rato morto em como o matou com o gume da espada.

Não aceitei a aposta, mas confirmei que tinha realmente dado um golpe com a espada como se fosse um machado. Owain riu, depois dispensou Mapon com um aceno de mão.

- Hywel ensinava sempre a lutar com o gume da espada - disse Owain. -

Observe Artur na próxima vez que ele lutar. Golpeia, golpeia, como um homem ceifando o feno. - E, dizendo isto, desembainhou a sua própria espada. - Use a ponta, rapaz. Usa sempre a ponta. Mata mais depressa. - E lançou-se na minha direção, fazendo-me desviar desesperado. - Se usa a orla da espada, significa que está em campo aberto. A muralha de escudos se desfez e, se foi a sua muralha de escudos que se desfez, então você é um homem morto, por mais hábil que seja. Mas, se a muralha de escudos se mantém firme, isso significa que está ombro com ombro e não tem espaço para girar a espada, apenas para dar uma estocada. - Impeliu de novo a espada na minha direção, fazendo-me desviar. - Porque acha que os Romanos tinham espadas pequenas?

- Não sei, meu Senhor.

- Porque uma espada pequena apunhala melhor do que uma comprida, só

por isso - disse ele. - Não que eu queira convencê-lo a mudar de espada, mas lembre-se de apunhalar. A ponta ganha sempre, sempre.

Virou-se para se afastar, mas, de repente, voltou-se de novo para dar uma estocada e, não sei como, consegui afastar a lâmina da espada com o toco bastão.

- Você é rápido - disse ele - e isso é bom. Vai conseguir rapaz, desde que se mantenha sóbrio.

Embainhou a espada e olhou para Leste. Fixava as manchas de fumaça cinzentas e distantes que traíam a presença de grupos de ataque, mas estávamos na época das colheitas, tanto para os Saxões como para nós, e os soldados deles tinham coisas melhores para fazer do que atravessar a nossa distante fronteira.

- Então o que acha de Artur, rapaz ? - perguntou Owain de repente.

- Gosto dele - respondi acanhado, tão nervoso com esta pergunta como tinha ficado com a de Artur sobre Owain.

A grande cabeça desgrenhada de Owain, tão parecida com a do seu velho amigo Uther, virou-se para mim.

- Sim, ele é muito simpático - disse de má vontade. - Eu sempre gostei de Artur. Todos gostam de Artur, mas só os Deuses sabem se alguém o entende. Exceto Merlim. Acha que Merlim está vivo?

- Eu sei que está - respondi fervorosamente, nada sabendo na verdade.

- Ainda bem - disse Owain.

Eu viera do Tor e Owain supôs que eu tinha algum tipo de conhecimento mágico negado a outros homens. Também se tinha espalhado entre os seus guerreiros que eu escapara do poço da morte de um druida e, por isso, aos olhos deles, eu era alguém com uma sorte favorável.

- Eu gosto de Merlim - continuou Owain - apesar de ele ter dado aquela espada a Artur.

- A *Caledfwlch*? - perguntei, usando o verdadeiro nome da *Excalibur*.

- Não sabia? - perguntou Owain, atônito.

Ele captara a surpresa na minha voz e não era de admirar, pois Merlim nunca falara de ter feito tal oferta. Às vezes falava de Artur, que conhecera no pouco tempo em que Artur estivera na corte de Uther, mas Merlim usava sempre um tom terno, mas depreciativo, como se Artur fosse um pupilo lento, mas com muita vontade, cujas façanhas posteriores foram maiores do que Merlim alguma vez esperara. No entanto, o fato de ele ter dado a Artur a famosa

espada mostrava que a opinião de Merlim sobre ele era muito mais importante do que queria dar a entender.

- A *Caledfwlch* - explicou-me Owain - foi forjada no Outro Mundo por Gofannon. - Gofannon era o Deus Ferreiro. - Merlim encontrou-a na Irlanda onde a espada se chamava *Cadalcholg*. Ganhou-a numa luta de sonhos com um outro druida.

Os druidas irlandeses dizem que, quando aquele que usa a *Cadalchog* se encontra em graves dificuldades, pode enterrar a espada no chão e Gofannon deixará o Outro Mundo e virá em seu auxílio. - Sacudiu a cabeça, não por descrédito, mas por espanto.

- Agora pergunto, porque é que Merlim fez tal oferta a Artur?

- E porque não? - perguntei cautelosamente, pois senti inveja na pergunta de Owain.

- Porque Artur não acredita nos Deuses - disse Owain, - é por isso. Nem sequer acredita no Deus maricas que os cristãos adoram. Pelo que sei, Artur não acredita em nada a não ser em grandes cavalos, e só os Deuses sabem para que é

que eles servem.

- Eles assustam - disse eu, querendo ser leal a Artur.

- Sim, eles assustam - concordou Owain, - mas só se nunca se viu nenhum antes. Mas também são lentos, comem o dobro ou o triplo de um cavalo normal, precisam de dois lacaios, os cascos fendem como manteiga aquecida se não se lhes amarrarem aquelas ferraduras toscas e também nunca atacam uma muralha de escudos.

- Não?

- Nenhum cavalo o faz! - disse Owain desdenhosamente. - Mantém firme a tua guarda e verá que qualquer cavalo do mundo se afastará de uma linha de lanças firmes. Os cavalos não são necessários na guerra, rapaz, exceto para levar os batedores bem longe.

- Então porque... - comecei.

- Porque - Owain antecipou a minha pergunta - o ponto principal de uma batalha, rapaz, é desfazer a muralha de escudos do inimigo. Tudo o resto é fácil e os cavalos de Artur assustam as linhas de batalha. Mas virá o dia em que um inimigo aguentará firme e, então, que os Deuses ajudem esses cavalos. E que os Deuses ajudem também Artur, se ele abandonar o seu monte de carne de cavalo e tentar lutar a pé usando aquela cota de malha de peixe. O único metal que um guerreiro precisa é

a sua espada e o pedaço de ferro na ponta da lança, o resto é só peso, rapaz, peso morto.

Olhou para o anexo do forte onde Ladwys estava agarrada à cerca que rodeava a prisão de Gundleus.

- Artur não vai ficar aqui muito tempo - disse ele confiante. - Uma derrota e volta para Armórica onde eles se impressionam com grandes cavalos, roupas de peixe e espadas incomuns.

Cuspiu e eu soube que, apesar de Owain dizer que gostava de Artur, havia ali mais qualquer coisa, alguma coisa mais profunda do que inveja. Owain sabia que tinha um rival, mas ele, tal como Artur, estava à espera da sua vez e aquela inimizade mútua preocupava-me, pois eu gostava dos dois. Owain riu da angústia de Ladwys.

- Eu diria que ela é uma cabra leal - disse o homenzarrão mas eu ainda a domo. - Aquela é a sua mulher? - e apontou com a cabeça na direção de Lunete que carregava uma vasilha de água para as cabanas dos guerreiros.

- É - disse eu, corando ante a confissão.

Lunete, tal como a minha nova barba, era um sinal de virilidade e eu sentia-me pouco à vontade em relação às duas coisas. Lunete decidira ficar comigo em vez de regressar com Nimue ao que sobrara de *Ynys Wydryn*. A decisão fora inteiramente de Lunete e eu ainda me sentia nervoso com tudo o que rodeava a nossa relação, apesar de Lunete parecer não ter qualquer dúvida. Ela ocupara um canto da cabana, varrera-o, dividira-o com uma armação de vimes e, agora, falava com confiança sobre o nosso futuro em conjunto. Eu tinha pensado que ela queria ficar com Nimue, mas desde a violação Nimue estava sempre muito calada e afastada de todos. Na verdade, tornara-se hostil, não falando com ninguém senão para recusar as conversas.

Morgana estava cuidando do olho dela e o mesmo ourives que fizera a máscara de Morgana oferecera-se para fazer uma bola de ouro para substituir o olho perdido.

Lunete, tal como todos nós, começara a ter um pouco de medo dessa nova e amarga Nimue.

- É uma menina bonita - disse Owain mesquinhamente, referindo-se a Lunete.

- Mas as meninas vivem com os guerreiros apenas por uma razão, rapaz, para ficarem ricas. Por isso, assegure-se de que a faz feliz ou ela vai tornar a sua vida num inferno.

Tão certo como dois e dois serem quatro.

Owain procurou nos bolsos do casaco e encontrou um pequeno anel de ouro.

- Dê-lhe isto - disse ele. Agradei, gaguejando.

Os chefes dos guerreiros costumavam dar presentes aos seus seguidores, mas este anel era um presente generoso demais, pois eu ainda nem sequer tinha lutado por Owain. Lunete gostou do anel que, juntamente com o fio de prata que eu tirara do botão do punho da minha espada, constituiu o princípio do seu tesouro. Ela gravou uma cruz num dos lados do anel, não porque fosse cristã, mas porque a cruz fazia do anel um anel do amor e mostrava que ela passara de menina a mulher.

Alguns homens também usavam anéis do amor, mas eu suspirava pelos simples aros de arame de ferro que os guerreiros vitoriosos faziam das pontas das lanças dos inimigos derrotados. Owain tinha vários anéis desses pendurados na barba e os dedos também cheios deles. Eu já reparara que Artur não usava nenhum.

Quando acabamos a nossa colheita nos campos em redor de *Caer Cadarn*, fomos por toda a *Dumnónia* para recolher os impostos, que eram pagos em cereais.

Visitávamos reis e chefes que pagavam tributo e éramos sempre acompanhados por um empregado da tesouraria de Mordred que marcava na talha os rendimentos. Era estranho pensar que agora Mordred é que era o rei e que já não era o erário de Uther que nós enchíamos, mas até mesmo um rei menino precisava de dinheiro para pagar às tropas de Artur e aos outros soldados que mantinham as fronteiras de *Dumnónia* protegidas. Alguns dos homens de Owain foram enviados para reforçar a guarda permanente da fortaleza-fronteira de Gereint, em *Durocbrivis*, enquanto alguns de nós se tornavam coletores de impostos durante algum tempo.

Eu estava admirado por Owain, o famoso amante de uma boa batalha, não ter ido para *Durocbrivis* nem para *Gwent* e que tivesse preferido ficar com a banal tarefa de coletar impostos. A mim, aquele trabalho parecia trabalho de subalterno, mas eu era apenas um rapaz que quase nem barba tinha e que não entendia a cabeça de Owain.

Para Owain os impostos eram mais importantes do que qualquer saxão. Os impostos, como eu viria a aprender, eram a melhor fonte de riqueza para homens que não queriam trabalhar, e aquela época dos impostos, agora que Uther tinha morrido, era a oportunidade de Owain. Em cada casa ele fazia um relatório de más colheitas, lançando por isso um imposto baixo, ao mesmo tempo que ia enchendo a sua própria bolsa com os subornos que lhe iam sendo oferecidos em troca desses falsos relatórios.

Pelo menos isso ele não escondia.

- Uther nunca me deixaria escapar por isto - disse-me um dia em que seguíamos ao longo da costa sul em direção à cidade romana de Isca. Falava com afeto do rei já morto. - Uther era um velho espertalhão e fazia sempre um cálculo sólido de quanto devia receber, mas o que é que Mordred sabe disso?

Olhou para o seu lado esquerdo, íamos atravessando uma extensa charneca no alto de um grande monte e a Sul víamos o mar reluzente e sem barcos onde soprava um vento forte que salpicava de branco as ondas cinzentas. A Leste, onde terminava um extenso banco de seixos, estendia-se um enorme cabo onde as ondas se quebravam em espuma. O cabo era quase uma ilha, apenas ligado à terra por uma passagem estreita de pedras e seixos.

- Sabe o que é aquilo? - perguntou-me Owain, apontando com o queixo para o cabo.

- Não, meu Senhor.

- A ilha dos Mortos - disse, cuspiendo para afastar a má sorte. Parei e olhei para aquele local horrível que era o centro dos pesadelos dumnonianos. O cabo era a ilha dos loucos, o lugar a que Pellinore pertencia, assim como todas as outras almas doidas e violentas que, depois de terem atravessado a passagem guardada eram consideradas pessoas já mortas. A ilha estava sob a proteção de Crom Dubh, o Deus negro aleijado, e havia quem dissesse que a

Gruta de *Cruachan*, a boca do Outro Mundo, ficava na extremidade da ilha. Fiquei parado contemplando a ilha com pavor, até que Owain me bateu no ombro.

- Você nunca vai precisar se preocupar com a ilha dos Mortos, rapaz. Tem uma excelente cabeça em cima dos ombros.

Depois, virou-se para oeste.

- Onde vamos ficar esta noite? - perguntou a Lwellwyn, o empregado da tesouraria, cuja mula levava os registros falsificados do ano.

- Na casa do príncipe Cadwy de Isca - respondeu Lwellwyn.

- Ah, Cadwy! Gosto dele. O que é que levamos desse tratante no ano passado?

Lwellwyn nem precisou consultar as varas com os registros, começou a referir sem parar uma lista de couro, lã, escravos, lingotes de estanho, peixe seco, sal e milho moído.

- No entanto, a maior parte dos impostos foi paga em ouro - acrescentou ele.

- Agora, ainda gosto mais dele! - disse Owain. - Quanto é que ele vai pagar, Lwellwyn?

Lwellwyn estimou uma quantia que correspondia a metade do que Cadwy pagara no ano anterior e foi precisamente esse o montante combinado antes da refeição da noite em casa do príncipe Cadwy. Era uma casa imponente construída pelos Romanos, com um pórtico sustentado por colunas virado para um extenso vale arborizado, que se estendia até à foz do rio Exe. Cadwy era um príncipe dos Dumnonii, a tribo que dera o nome ao nosso país, e o principado de Cadwy permitia-lhe pertencer à segunda categoria na hierarquia do reino. Os reis pertenciam à primeira categoria, os

príncipes como Gereint e Cadwy e os reis que pagavam tributo como Melwas de Belgae vinham a seguir e, depois deles, vinham os chefes como Merlim, mas como Merlim de Avalon era também druida não pertencia à hierarquia. Cadwy era príncipe e um chefe e governava uma tribo que se espalhava pelo território entre Isca e a fronteira de Kernow. Tempos houvera em que todas as tribos da Grã-Bretanha estavam separadas e em que um homem de Catuvellani teria um aspecto muito diferente de um homem de Belgae, mas os Romanos deixaram-nos todos muito parecidos. Apenas algumas tribos, como a de Cadwy, mantinham ainda o seu aspecto distinto. A tribo de Cadwy julgava-se superior aos outros bretões e para marcar a diferença tatuavam-se no rosto com os símbolos da sua tribo e do seu clã. Em cada vale existia um clã que normalmente não tinha mais de doze famílias. Era grande a rivalidade entre os clãs, mas insignificante comparada com a rivalidade entre a tribo do príncipe Cadwy e o resto da Grã-Bretanha. A capital da tribo era Isca, a cidade romana, cercada de boas muralhas e com edifícios de pedra tão grandiosos como os de Glevum, se bem que Cadwy preferisse viver fora da cidade nas suas próprias terras. A maioria das pessoas da cidade seguiam os modelos romanos e renunciavam às tatuagens, mas, para lá das muralhas, nos vales das terras de Cadwy onde as regras romanas não tinham conseguido implantar-se, todos os homens, mulheres e crianças ostentavam nas faces as tatuagens azuis. Era também uma terra muito rica, mas o príncipe Cadwy tinha vontade de a tornar ainda mais rica.

- Andou ultimamente pelo brejo? - perguntou ele a Owain nessa noite.

Estava uma noite quente e agradável e o jantar tinha sido servido no pórtico aberto de onde se viam as propriedades de Cadwy.

- Não - respondeu Owain.

Cadwy resmungou. Eu vira-o no Conselho Supremo de Uther, mas aquela era a minha primeira oportunidade de ver de perto o homem que tinha a responsabilidade de defender *Dumnónia* de ataques de Kernow ou da distante Irlanda. O príncipe era um homem de meia-idade, careca, baixo, gordo e com as marcas tribais nas bochechas, braços e pernas. Usava roupa britânica, mas gostava da sua vivenda romana com a sua pavimentação típica, as colunas e a água canalizada que corria por calhas de pedra através do pátio central até ao pórtico, onde formava um pequeno lava-pés antes de correr por um dique de mármore até ao regato que ficava ao longe, no vale. Cheguei à conclusão de que Cadwy tinha uma boa vida. As colheitas eram abundantes, as ovelhas e as vacas estavam gordas e as muitas mulheres que tinha estavam felizes. Estava também longe da ameaça dos Saxões, mas mesmo assim mostrava-se descontente.

- Há dinheiro no brejo - disse ele a Owain. - Estanho.

- Estanho? - disse Owain com uma voz de escárnio.

Cadwy assentiu solenemente com a cabeça. Estava bastante bêbado, mas também o estavam a maioria dos homens à volta da mesa baixa onde a refeição tinha sido servida. Eram todos guerreiros, homens de Cadwy ou de Owain, mas eu, como era mais novo, tinha de ficar de pé atrás do divã de Owain, como seu escudeiro.

- Estanho - disse Cadwy de novo - e talvez ouro. Mas muito estanho.

A conversa era privada, pois a refeição estava chegando ao fim e Cadwy providenciara escravas para os guerreiros. Ninguém prestava atenção aos dois chefes, exceto eu e o escudeiro de Cadwy, que era um rapaz meio apalermado que olhava de boca aberta e expressão pouco inteligente para as palhaçadas das escravas. Eu estava ouvindo o que Owain e Cadwy diziam, mas

estava tão quieto e tão reto que eles, provavelmente, se esqueceram da minha presença.

- Pode não querer estanho - disse Cadwy a Owain, - mas há muita gente que quer. Não se pode fazer bronze sem estanho e pagam um bom preço por ele na *Armórica*, para não falar no Norte do país.

Fez um movimento seco e brusco com a mão na direção do resto de *Dumnónia* e, depois, deu um arroteio que pareceu surpreendê-lo. Acalmou a barriga com uma golada de bom vinho e franziu as sobrancelhas como se não se lembrasse do que estava a falar.

- Estanho - disse, por fim, lembrando-se.

- Então fale-me disso - disse Owain.

Estava observando um dos seus homens que tinha despido uma das escravas e que, agora, lhe untava a barriga com manteiga.

- O estanho não é meu - disse Cadwy energicamente.

- Deve ser de alguém - disse Owain. - Quer que pergunte a Lwellwyn? É um filho da puta muito esperto no que toca a dinheiro e a posses.

O homem de Owain batia com força com a mão na barriga da menina, espalhando manteiga por toda a mesa baixa e provocando ataques de risos. A menina queixou-se, mas o homem mandou-a se calar e começou a vazar manteiga e gordura de porco pelo resto do corpo dela.

- O caso é que - disse Cadwy energicamente, para desviar a atenção de Owain da menina nua, - Uther permitiu que aqui entrasse um bando de homens vindos de Kernow. Vieram para trabalhar nas velhas minas romanas, porque nenhum dos nossos homens o sabia fazer. Esses filhos da puta deviam, note bem,

deviam mandar o aluguel para a sua tesouraria, mas estão mandando o estanho para Kernow. Sei que isso é mesmo verdade.

Nesse momento Owain começou a prestar atenção.

- Kernow?

- Tirando dinheiro da nossa terra, é o que eles estão fazendo. Da nossa terra!

- disse Cadwy com indignação.

Kernow era um reino afastado, um local misterioso na extremidade da península, a oeste de *Dumnónia*, que nunca fora governado pelos Romanos. A maior parte do tempo estavam em paz conosco, mas de vez em quando o rei Mark agitava-se e saía da cama da sua última mulher para enviar um grupo de ataque, atravessando o rio Tamar.

- O que é que os homens de Kernow estão a fazer aqui? - perguntou Owain com uma voz tão indignada como o seu anfitrião.

- Já disse. Roubando nosso dinheiro. E não só. Desapareceram-me algumas vacas, ovelhas e até escravos. Esses mineiros estão ficando muito petulantes e não pagam o que deviam pagar. Mas não se pode provar nada disso. Nem mesmo o seu Lwellwyn, que é tão esperto, pode olhar para um buraco no meio do brejo e dizer-me que quantidade de estanho dali deve ser extraído num ano. - Cadwy matou uma traça com uma forte palmada e, depois, abanou a cabeça taciturno. - Eles pensam que estão acima da lei. Esse é que é o problema. Só porque Uther os protegia, pensam que estão acima da lei.

Owain encolheu os ombros. A sua atenção voltou-se de novo para a menina besuntada com manteiga que era agora perseguida pelo terraço, mais abaixo, por meia dúzia de homens completamente

bêbados. A gordura que tinha espalhada pelo corpo tornava difícil apanhá-la e aquela caça ridícula fazia os outros homens rirem até

as lágrimas. Eu tinha de fazer um grande esforço para não rir. Owain olhou de novo para Cadwy.

- Então vá lá e mate alguns desses filhos da puta, meu Príncipe e Senhor -

disse, como se essa fosse a solução mais fácil do mundo.

- Não posso - disse Cadwy.

- E porque não?

- Uther dava-lhes proteção. Se eu atacá-los, eles vão se queixar ao conselho e ao rei Mark e eu serei obrigado a pagar o *sarhaed*.

Sarhaed era o preço de sangue imposto a um homem pela lei. O *sarhaed* de um rei era impossível de se pagar, o de um escravo era barato, mas um bom mineiro devia ter um preço suficientemente alto para causar dano até a um príncipe rico como Cadwy.

- E como é que eles iam saber que foi você que os atacou? - perguntou Owain com desdém.

Como resposta, Cadwy limitou-se a tocar na bochecha, sugerindo que as tatuagens azuis trairiam os seus homens.

Owain concordou com um aceno. A menina coberta de manteiga tinha, por fim, sido apanhada e estava agora rodeada pelos seus captores no meio de alguns arbustos que cresciam no terraço mais abaixo. Owain esmigalhou um pedaço de pão, depois olhou de novo para Cadwy.

- Então?

- Então - disse Cadwy manhosamente - se eu conseguisse encontrar um bando de homens que pudesse desbastar um pouco esses filhos da puta, seria uma boa ajuda. Isso ia levá-los a procurarem a minha proteção, entende? E o meu preço seria o estanho que eles mandam para o rei Mark. E o seu preço... - fez uma pausa para ter certeza que Owain não estava surpreso com a sugestão - seria metade do valor desse estanho.

- Quanto? - perguntou Owain rapidamente.

Os dois homens falavam baixo e eu tinha de me concentrar para ouvir o que diziam no meio de toda aquela algazarra de risadas e gritos dos guerreiros.

- Cinquenta peças de ouro por ano. Como esta - disse Cadwy, tirando de uma bolsa um lingote de ouro do tamanho do punho de uma espada e atirando-o por cima da mesa.

- Tanto? - até Owain ficou admirado.

- O brejo é um local de riqueza - disse Cadwy de um modo sinistro. - Muita riqueza.

Owain espalhou o olhar pelo vale de Cadwy até onde a lua se refletia no rio distante, tão uniforme e prateado como a lâmina de uma espada.

- Quantos mineiros há? - perguntou finalmente ao príncipe.

- A povoação mais próxima - disse Cadwy - deve ter setenta ou oitenta homens. E, claro que também há alguns escravos e mulheres.

- E quantas povoações?

- Três, mas as outras duas estão muito afastadas. Estou preocupado só com esta.

- Apenas vinte soldados - disse Owain cautelosamente.

- Durante a noite? - sugeriu Cadwy. - Eles nunca foram atacados, por isso não vão estar de vigia.

Owain beberricou o vinho do seu copo de chifre.

- Setenta peças de ouro - disse, determinado, - não cinquenta.

O príncipe Cadwy pensou durante um segundo e, depois, assentiu com a cabeça, aceitando o preço. Owain sorriu ironicamente.

- Porque não, hem?

Escondeu na mão o lingote de ouro e, rápido como uma cobra, virou-se para olhar para mim. Eu não me mexi nem tirei os olhos de uma das meninas que, nua, se enrolava à volta de um dos guerreiros tatuados de Cadwy.

- Está acordado, Derfel? - disse Owain com brusquidão. Dei um salto como se tivesse me assustado.

- Senhor? - respondi, fingindo que a minha mente tinha andado vagueando durante os últimos minutos.

- Lindo menino - disse Owain, satisfeito por eu não ter ouvido nada.

- Quer uma daquelas meninas, não quer?

Corei.

- Não, meu Senhor.

Owain soltou uma gargalhada.

- Ele acabou de arranjar uma linda irlandesa - disse, virando-se para Cadwy. -

Por isso está sendo fiel. Mas depressa aprende. Quando chegar ao Outro Mundo, meu rapaz - virou-se outra vez para mim - não vai lamentar os homens que não matou, mas vai lamentar as mulheres a que renunciou - disse com suavidade.

Durante os meus primeiros dias ao seu serviço eu tinha medo dele, mas Owain, sabe-se lá porquê, gostava de mim e tratava-me bem. Olhou de novo para Cadwy e disse brandamente:

- Amanhã à noite, amanhã à noite.

Eu tinha ido do Tor de Merlim para o grupo de guerreiros de Owain e isso era como passar deste mundo para o outro. Olhei para a lua e pensei nos homens de cabelo comprido de Gundleus massacrando os guardas no Tor e nos habitantes do brejo que, na noite seguinte, iam sofrer a mesma barbaridade e sabia que nada podia fazer para o evitar, sabendo embora que o massacre devia ser evitado. Mas o destino, tal como Merlim sempre nos ensinara, é inflexível. Merlim gostava de afirmar que a vida é uma brincadeira dos Deuses e que não existia justiça. Uma vez disse-me que eu tinha de aprender a rir, senão ia me matar de chorar.

Os nossos escudos foram untados com pez para se confundirem com os escudos pretos dos assaltantes irlandeses de Oengus Mac Airem, cujos barcos de proa pontiaguda atacavam a costa norte de *Dumnónia*. Um guia local de bochechas tatuadas guiou-nos durante toda a tarde por entre vales profundos e exuberantes que subiam suavemente em direção ao grande vulto ermo do brejo que, de vez em quando, se vislumbrava através de alguma falha entre as pesadas árvores. Eram bosques muito agradáveis cheios de veados e cortados por ribeiros que corriam rápidos e gelados do alto planalto do brejo em direção ao mar.

Ao cair da noite estávamos já muito perto e, depois de escurecer, seguimos por um trilho de cabras até ao ponto mais elevado. Era um local misterioso. O Povo Antigo vivera ali e deixara os seus

círculos de pedras sagrados nos vales enquanto os cumes estavam coroados por amontoados de rochas cinzentas enquanto nos lugares mais baixos abundavam os charcos traiçoeiros por entre os quais o nosso guia nos levou sem cometer falhas.

Owain disse-nos que as pessoas do brejo andavam fomentando rebeliões contra o rei Mordred e que a religião deles os tinha ensinado a temer homens com escudos pretos. Era uma boa mentira e seria capaz de acreditar se não tivesse ouvido a conversa dele com o príncipe Cadwy na noite anterior. Além disso, Owain prometeu-nos ouro se cumpríssemos convenientemente a nossa tarefa e, depois, avisou-nos que a matança daquela noite tinha ser mantida em segredo, pois não tínhamos ordens do conselho para aplicar tal castigo. A caminho do brejo, bem no interior do denso bosque e construído debaixo de uns carvalhos, encontramos um velho santuário, em cuja parede existiam nichos com caveiras cobertas de musgo, em frente às quais Owain nos obrigou a fazer um juramento de morte de que guardaríamos o segredo.

Por toda a Grã-Bretanha existiam daqueles santuários antigos e escondidos, que provavam o quanto os druidas tinham se espalhado antes da chegada dos Romanos, e onde as pessoas das aldeias ainda iam procurar a ajuda dos Deuses. Nessa tarde, sob os enormes carvalhos cobertos de líquenes, ajoelhamo-nos frente às caveiras e tocamos os copos da espada de Owain e aqueles que estavam se iniciando nos segredos de Mitra receberam o beijo de Owain. Assim, abençoados pelos Deuses e depois de termos feito o juramento sobre a matança, continuamos a nossa marcha, esperando que a noite caísse.

Chegamos a um local imundo. Fogueiras enormes de fundição vomitavam fagulhas e fumaça para os céus. Havia um punhado de cabanas espalhadas entre as fogueiras e à volta de uma abertura escura que indicava o lugar onde os homens escavavam a terra. Viam-se também grandes montes de carvão vegetal que pareciam picos rochosos e negros, enquanto pelo vale se espalhava um

cheiro que eu nunca tinha sentido. Na verdade, na minha fértil imaginação, a aldeia mineira daquela montanha mais parecia o reino de Annawn, o Outro Mundo, do que uma povoação humana.

Quando nos aproximamos, os cães ladraram, mas ninguém da povoação fez caso do barulho. Não havia qualquer vedação, nem sequer um banco de terra para proteger o local. Havia cavalos de raça pequena presos a estacas, perto de várias carroças, que começaram a relinchar quando nos aproximamos. Mesmo assim, ninguém saiu das cabanas baixas para averiguar a causa da agitação. As cabanas eram circulares, feitas de pedra e com telhados de erva, mas no centro da povoação havia dois velhos edifícios romanos altos, quadrados e sólidos.

- Dois homens para cada um, se não mais - disse Owain com a voz sibilante, lembrando-nos quantos homens cada um de nós tinha de matar. - E não estou contando os escravos e as mulheres. Avancem rápido, matem rápido e estejam sempre atentos à sua retaguarda. E mantenham-se juntos!

Dividimo-nos em dois grupos. Eu estava com Owain, cuja barba reluzia com a luz das fogueiras que se refletia nos seus anéis de ferro de guerreiro. Os cães ladraram, os cavalos relincharam até que, por fim, um galispo cantou e um homem saiu devagar de dentro de uma cabana para ver o que podia ter perturbado o gado, mas já era tarde demais. A matança tinha começado.

Assisti a muitas matanças como esta. Nas aldeias saxônicas teríamos incendiado as cabanas antes de começar a carnificina, mas aquelas cabanas de pedra e erva não pegariam fogo, sendo por isso obrigados a entrar nelas armados com as lanças e as espadas. Agarramos toros de madeira de uma fogueira e atiramos-os para dentro das cabanas antes de entrarmos, para haver luz suficiente para a chacina. Às vezes as chamas eram suficientes para fazer os habitantes saírem das cabanas. Do lado de fora, as

espadas aguardavam-nos e cortavam como machados de carnicheiro.

Se o fogo não obrigasse a família a sair, Owain ordenava que dois de nós entrássemos enquanto os outros ficavam de guarda à porta. Eu receava a minha vez, mas sabia que ela havia de chegar e sabia também que não me atreveria a desobedecer à ordem. Estava ligado por um juramento àquele trabalho sangrento e, se recusasse, teria a minha morte garantida.

Os gritos começaram. Nas primeiras cabanas o trabalho foi fácil, pois as pessoas estavam dormindo ou mal acordadas, mas à medida que fomos penetrando mais no interior da povoação a resistência tornou-se mais feroz. Dois homens atacaram-nos com machados, mas foram fácil e displicentemente mortos pelos nossos lanceiros. As mulheres fugiam com as crianças nos braços. Um cão atacou Owain e morreu, ganindo, com a espinha partida. Vi uma mulher correndo com uma criança num braço e segurando a mão sangrenta de outra criança e, de repente, lembrei-me de Tanaburs gritando que a minha mãe ainda estava viva. Estremeci quando percebi que o velho druida devia ter me rogado uma praga quando ameacei a sua vida, e que, apesar da minha boa sorte manter a praga à distância, eu sentia a sua malevolência rodeando-me como um inimigo oculto. Toquei na cicatriz da minha mão esquerda e supliquei a Bei que aniquilasse a praga de Tanaburs.

- Derfel! Licat! - gritou Owain e eu, como bom soldado obedeci às suas ordens.

Baixei o escudo, atirei um tição de fogo para dentro da cabana e dobrei-me para passar pela pequena porta. Quando entrei, as crianças gritavam e um homem seminu saltou na minha direção empunhando uma faca e obrigando-me a desviar bruscamente para o lado. Caí sobre uma criança quando tentei lançar uma estocada com a minha lança sobre o pai dela. A lâmina roçou nas costelas do homem e ele teria caído em cima de mim e enterrado a faca na

minha garganta se Licat não o tivesse morto. O homem dobrou-se, apertando a barriga e, depois, arquejou quando Licat arrancou a ponta da lança e puxou da sua própria faca para começar a matar as crianças que gritavam desesperadas. Esquivei-me para fora, com a ponta da minha lança manchada de sangue, para dizer a Owain que só havia um homem lá dentro.

- Vamos! - gritou Owain. - Demetia! Demetia! - esse era o nosso grito de guerra da noite, o nome do reino do irlandês Oengus Mac Airem, a oeste da *Silúria*.

As cabanas já estavam todas vazias e começamos a perseguir os mineiros pelos recantos sem luz da povoação. Os fugitivos corriam por todo o lado, mas alguns homens ficaram para trás e tentaram lutar contra nós. Um grupo corajoso formou até

uma defeituosa linha de batalha e atacou-nos com lanças, picaretas e machados, mas os homens de Owain enfrentaram aquele ataque obtuso com uma terrível eficiência, deixando os escudos pretos absorver o ataque e usando depois as lanças e as espadas para abater os atacantes. Eu fui um desses homens eficientes. Que Deus me perdoe, mas nessa noite matei o meu segundo homem e talvez até o terceiro. No primeiro espetei a lança na garganta, no segundo na virilha. Não usei a espada, pois achei que a lâmina de Hywel não era um instrumento apropriado para o desígnio dessa noite.

Tudo terminou rapidamente. De repente tudo desapareceu da povoação exceto os mortos, os moribundos e alguns homens, mulheres e crianças que tentavam se esconder. Matamos tudo o que encontramos. Matamos os animais, queimamos as carroças que usavam para buscar o carvão vegetal nos vales, destruímos os telhados das cabanas, pisamos as hortas e, por fim, saqueamos a aldeia à procura de tesouros.

Alguém atirou algumas setas vindas da linha do horizonte, mas nenhum de nós foi atingido.

Havia um barril de moedas romanas, lingotes de ouro e barras de prata na cabana do chefe. Era a cabana maior, com aproximadamente seis metros de um lado ao outro, e dentro da cabana, à luz dos nossos tições, vimos o chefe morto, estatelado no chão com a cara amarelada e de barriga aberta. Uma das suas mulheres e dois dos seus filhos jaziam mortos no meio do sangue dele. Uma terceira criança, uma menina, estava debaixo de uma pele de animal ensopada em sangue e pareceu-me ver a sua mão mexendo quando um dos nossos homens tropeçou nela, mas fingi que estava morta e deixei-a em paz. Um grito de outra criança ecoou na noite quando o seu esconderijo foi descoberto e uma espada a trespasssou.

Que Deus e os seus anjos me perdoem, mas só confessei o crime dessa noite a uma pessoa, uma pessoa que não era padre nem tinha o poder de me conceder o perdão de Cristo. Eu sei que, no purgatório ou talvez no inferno, vou encontrar essas crianças assassinadas. A minha alma será dada aos seus pais e às suas mães e nas mãos deles servirá de brinquedo. Mas eu merecerei o castigo.

Porém, que escolha tinha eu? Era jovem, queria viver, tinha feito o juramento e seguia o meu chefe. Não matei ninguém que não tivesse me atacado, mas que desculpa é essa face a tão grandes pecados? Para os meus companheiros não parecia pecado algum: estavam apenas matando criaturas de outra tribo, de outra nação, na verdade, e, para eles, essa era justificativa suficiente. Mas eu fora criado no Tor, onde existiam pessoas de todas as tribos e de todas as raças, e embora o próprio Merlim fosse um chefe de tribo e um protetor atroz de quem se podia vangloriar ser bretão, nunca ensinou a odiar as outras tribos. Os seus ensinamentos tornaram-me incapaz dos assassinatos irracionais de pessoas estranhas pela simples razão de serem estranhas.

No entanto, incapaz ou não, o certo é que matei e que Deus me perdoe por isso e por todos os outros pecados, numerosos demais

para me lembrar.

Partimos antes do amanhecer. O vale ficou cheio de fumaça, encharcado em sangue e com um aspecto terrível. O brejo tresandava a morte, assombrado pelos prantos das viúvas e dos órfãos. Owain deu-me um lingote de ouro, duas barras de prata e uma mão-cheia de moedas e, que Deus me perdoe, eu aceitei e guardei tudo o que ele me deu.

O Outono traz mais batalhas, pois durante toda a Primavera e o Verão os barcos trazem novos saxões até à nossa costa leste, e é durante o Outono que esses recém-chegados tentam encontrar as suas novas terras. É o último lance da guerra antes do Inverno aferrolhar a terra.

E foi no Outono do ano da morte de Uther que eu lutei pela primeira vez contra os Saxões, pois assim que voltamos do ocidente, depois da coleta dos impostos, soubemos dos ataques saxões a leste. Owain colocou-nos sob o comando do seu capitão, um homem chamado Griffid Annan e enviou-nos para ajudar Melwas, o rei de Belgae, um monarca que pagava tributos a *Dumnónia*. A tarefa de Melwas era defender a nossa costa sul contra os invasores saís que, nesse terrível ano da morte de Uther, haviam decidido voltar a entrar em guerra. Owain ficou em *Caer Cadarn*, pois estava ocorrendo uma severa disputa no conselho do reino sobre quem seria responsável pela educação de Mordred. O bispo Bedwin queria criar o rei em sua casa, mas os não cristãos, em maioria no conselho, não queriam que Mordred crescesse cristão, tal como Bedwin e o seu grupo não queriam que o rei menino crescesse pagão.

Owain, que afirmava venerar de igual forma todos os Deuses, propôs-se como um meio-termo.

- Não interessa em que Deus um rei acredita - disse-nos ele antes de partirmos, - porque um rei tem ser ensinado a lutar não a rezar.

Nós o deixamos defendendo a sua causa enquanto fomos matar saxões.

Griffid Annan, o nosso capitão, era um homem magro e lúgubre que considerava que o que Owain queria na realidade era evitar que Artur educasse Mordred.

- Não é que Owain não goste de Artur - apressou-se a acrescentar, - mas se o rei pertencer a Artur, então *Dumnónia* também pertence.

- E isso é assim tão mau? - perguntei.

- É melhor para você e para mim, meu rapaz, que a terra pertença a Owain.

Griffid enrolou nos dedos um dos colares de ouro que trazia ao pescoço, para mostrar o que queria dizer. Todos me chamavam de rapaz, mas só porque eu era o mais novo do exército e ainda não tinha sido ferido numa batalha contra outros guerreiros. Também acreditavam que a minha presença nas suas fileiras lhes trazia boa sorte por eu ter escapado do poço da morte de um druida. Todos os homens de Owain, como todos os soldados em geral, eram extremamente supersticiosos.

Prestavam atenção a todos os presságios, traziam todos uma pata de coelho ou uma pedra de relâmpago e todas as suas ações obedeciam a um ritual. Por isso, nenhum homem calçava a bota direita antes da esquerda ou afiava uma lança à sua própria sombra. Havia uma mão-cheia de cristãos nas nossas fileiras e eu pensara que não temeriam tanto os Deuses, os espíritos e os fantasmas, mas afinal mostraram ser tão supersticiosos como todos nós.

Venta, a capital do rei Melwas, era uma cidade pobre de fronteira. As oficinas da cidade tinham fechado há muito e as paredes dos grandes edifícios romanos estavam marcadas pelas vezes em que a cidade fora atacada e saqueada pelos Saxões. O rei Melwas vivia aterrorizado, pois temia que a cidade estivesse para ser saqueada

de novo. Disse-nos que os Saxões tinham um novo chefe ávido de terras e terrível nas batalhas.

- Porque Owain não veio - perguntou com petulância. - Ou então Artur? Eles querem me destruir, é isso?

Era um homem gordo, muito desconfiado e com o pior hálito do mundo. Era mais o rei de uma tribo do que de um país, o que o fazia pertencer à segunda categoria na hierarquia, se bem que, ao olhar para ele, se pensasse que Melwas era apenas um servo e um servo rezingão.

- Vocês não são muitos, não é? - queixou-se a Griffid. - Ainda bem que aumentei o recrutamento de soldados.

O grupo de soldados recrutados formava o exército de cidadãos do rei Melwas e todos os homens robustos da sua tribo deviam integrá-lo, mas alguns escapuliram e a maioria dos homens mais ricos da tribo mandaram escravos como substitutos. Todavia Melwas tinha conseguido reunir uma força de mais de trezentos homens, trazendo cada um a sua própria comida e as suas próprias armas. Alguns dos soldados recrutados já tinham sido guerreiros e vinham equipados com boas lanças de guerra e escudos cuidadosamente conservados, mas a maioria não tinha armadura e alguns não tinham nada senão simples bastões ou picaretas afiadas como armas. Muitas mulheres e crianças acompanhavam o grupo de soldados, não querendo ficar sozinhas em casa quando pairava a ameaça de os Saxões atacarem.

Melwas insistiu em que ele e os seus guerreiros ficariam para defender as muralhas esboroadas de Venta, o que significava que Griffid teria de chefiar aquele grupo de soldados contra o inimigo. Melwas não fazia idéia de onde estavam os Saxões e, por isso, Griffid, sem poder fazer nada, levou-nos às cegas para o interior dos bosques a leste de Venta. Parecíamos mais uma simples multidão do que um grupo guerreiro. Só a visão de um veado provocava uma

perseguição louca e uma algazarra que alertaria qualquer inimigo num raio de quinze quilômetros, e a perseguição terminava sempre com o grupo de soldados espalhado por todo o bosque.

Perdemos quase cinquenta homens dessa forma, ou porque a sua perseguição descuidada os fazia cair nas mãos dos Saxões ou porque se perdiam e decidiam voltar para casa.

Havia muitos saxões nos bosques, ainda que a princípio não víssemos nenhum. Às vezes encontrávamos as fogueiras dos seus acampamentos ainda quentes e encontramos também uma pequena povoação pertencente a Belgae que fora atacada e incendiada. Os homens e os velhos ainda estavam lá, todos mortos, mas os jovens e as mulheres tinham sido levados como escravos. O cheiro dos mortos fez diminuir a coragem dos soldados restantes e manteve-os juntos enquanto Griffid nos fazia avançar para leste.

Defrontamos o nosso primeiro grupo guerreiro saxão num vasto vale de um rio onde um grupo dos invasores estava construindo uma povoação. Quando chegamos, tinham construído metade de uma paliçada de madeira e assentado as colunas de madeira do seu edifício principal, mas o nosso aparecimento à entrada do bosque fê-los largar as ferramentas e pegar as lanças. Nós éramos mais do que eles, três para um, mas mesmo assim Griffid não nos podia persuadir a atacar a linha de escudos bem preparada e protegida por lanças bem afiadas. Nós, os mais novos, sentíamos-nos muito fortes e até provocávamos os saxões como se fôssemos maluquinhos, mas nunca éramos em número suficiente para atacar e eles ignoravam os nossos insultos, enquanto o resto dos homens de Griffid bebia hidromel e amaldiçoava a nossa impaciência. Para mim, que estava ansioso por ter um anel de guerreiro feito de ferro saxão, parecia uma loucura não atacar, mas eu tinha ainda de experimentar a carnificina provocada pelo ataque a duas muralhas de escudos impenetráveis e também ainda não tinha aprendido como é difícil persuadir homens a oferecer os seus corpos àquele trabalho medonho. Griffid fez, sem grande empenho, alguns

esforços para encorajar um ataque, mas logo se contentava em beber o seu hidromel e lançar insultos, e assim enfrentamos o inimigo durante três horas ou mais sem avançar mais do que alguns passos.

O receio de Griffid deu-me pelo menos oportunidade para observar os Saxões que, na verdade, não eram assim tão diferentes de nós. Tinham o cabelo mais loiro, os olhos de um azul pálido, a pele mais áspera do que a nossa e gostavam de usar muitas peles por cima das roupas, mas, tirando isso, vestiam-se como nós. As únicas diferenças em relação às armas é que a maior parte deles tinha uma faca com uma grande lâmina que podia ser cruel nas lutas em espaços reduzidos e muitos deles usavam machados com amplas lâminas que, com um golpe, rachavam um escudo.

Alguns dos nossos homens andavam tão impressionados com os machados que eles próprios traziam armas dessas, mas tanto Owain como Artur desprezavam essas armas dizendo que eram toscas. Owain costumava dizer que com um machado não se consegue desviar um golpe e, aos seus olhos, uma arma não prestava se não servisse tanto para atacar como para defender. Os sacerdotes saxões eram muito diferentes dos nossos homens sagrados, pois esses feiticeiros estrangeiros usavam peles de animais e estrume de vaca para espetar o cabelo. Nesse dia, no vale do rio, um desses sacerdotes Sais sacrificou uma cabra para tentar descobrir se deviam ou não lutar contra nós. Primeiro o sacerdote partiu uma das patas traseiras do animal, depois apunhalou-o no pescoço e deixou-o fugir arrastando a perna quebrada. O animal lá foi cambaleando, sangrando e guinchando ao longo da linha de batalha deles e, depois, virou-se na nossa direção antes de cair na erva. Aquele era evidentemente um mau presságio, pois a linha de escudos saxônica perdeu o seu ar de desafio e bateram simplesmente em retirada, passando pelos edifícios meio-construídos, atravessando um baixio e fugindo para o meio do bosque. Levaram as mulheres, as crianças, os escravos, os porcos

e as ovelhas. Consideramos aquilo uma vitória, comemos a cabra e saltamos a paliçada. Não havia nada para pilhar.

O nosso grupo de soldados estava agora esfomeado, pois, tal como todos os grupos de soldados, tinham comido todas as provisões durante os primeiros dias e agora nada tinham para comer a não ser as avelãs que arrancavam das árvores do bosque. A falta de comida significava que não tínhamos outra escolha senão regressar.

O grupo de soldados esfomeados, ansiosos por chegar em casa, seguia destacado na dianteira enquanto nós, os guerreiros, seguíamos mais devagar. Griffid ia relutante, pois regressava sem ouro nem escravos, apesar de, na verdade, ter conseguido tanto como a maior parte dos grupos guerreiros que perambulavam pelas terras em disputa.

E é então que, quando estávamos quase chegando ao país já nosso conhecido, nos defrontamos com um grupo guerreiro saxão que vinha do lado oposto. Deviam ter defrontado uma parte do nosso grupo de soldados, pois iam carregados de armas e levavam as mulheres que tinham capturado.

O encontro foi uma surpresa para ambos os lados. Eu estava na retaguarda da coluna de Griffid e só ouvi o início da luta que começou quando a nossa vanguarda saiu do arvoredo e encontrou meia dúzia de saxões atravessando um regato. Os nossos homens atacaram e, depois, os lanceiros de ambos os lados apressaram-se a juntar-se àquela luta accidental. Não havia nenhuma muralha de escudos, apenas uma rixa sangrenta num regato pouco profundo e, mais uma vez, tal como naquele dia em que matara o meu primeiro inimigo nos bosques a sul de *Ynys Wydryn*, senti o júbilo da batalha a invadir-me. Concluí que devia ser também aquilo que Nimue sentia quando os Deuses entravam nela. Ela dissera que era como ter asas que nos elevavam à glória e foi exatamente isso que eu senti naquele dia de Outono. Enfrentei o meu primeiro saxão correndo diretamente para ele com a lança na horizontal. Vi o medo

estampado nos seus olhos e soube que ele era um homem morto. A minha lança penetrou rapidamente na sua barriga. Então, desembainhei a espada de Hywel, a que eu agora chamava *Hywelbane*, e acabei com ele com um golpe lateral. Depois entrei regato adentro e matei mais dois. Gritava como um espírito do mal, bradando aos saxões, na sua própria língua, para virem provar a morte. Nisto, um guerreiro enorme aceitou o meu convite e atacou-me com um dos terríveis machados descomunais. Só que um machado era peso morto a mais. Quando se lançava um golpe, não se podia retroceder para lançar mais golpes, e eu venci aquele homem enorme com um só golpe de espada de que Owain se orgulharia. Só daquele homem do machado tirei eu três colares de ouro, quatro pregadores e uma faca com o cabo cravejado de pedras preciosas e guardei a lâmina do seu machado para fazer os meus primeiros anéis de batalha.

Os saxões fugiram, deixando atrás de si oito mortos e outros tantos feridos.

Eu matara nada menos do que quatro inimigos, uma proeza notada pelos meus companheiros. Exultei com o respeito neles infundido, embora mais tarde, quando já

era mais velho e mais sensato, atribuisse a matança desproporcionada daquele dia à

mera estupidez da juventude. Os jovens precipitam-se muitas vezes enquanto os mais sensatos atuam com perseverança. Perdemos três homens, um deles foi Licat, o homem que me salvara a vida no brejo. Recuperei a minha lança, tirei mais dois colares de prata do pescoço do homem que eu matara no regato e depois fiquei vendo os feridos serem despachados para o Outro Mundo onde se tornariam escravos dos nossos lutadores mortos. Encontramos seis cativas britânicas apinhadas no meio das árvores. Eram mulheres que tinham acompanhado o nosso grupo de soldados para a guerra e que tinham sido capturadas por aqueles saxões. Foi uma dessas

mulheres que descobriu o último guerreiro inimigo ainda escondido no meio de uns espinheiros na beira do regato. Ela gritou-lhe e tentou apunhalá-lo com uma faca, mas ele fugiu para o regato, onde eu o capturei. Era apenas um jovem imberbe, talvez da minha idade, e tremia de medo.

- Como você se chama? - perguntei-lhe, com a lâmina da minha espada coberta de sangue encostada à sua garganta.

Ele estava estatelado na água.

- Wlenca - respondeu ele.

Depois contou-me que viera para a Grã-Bretanha apenas algumas semanas antes, se bem que, quando lhe perguntei de onde tinha vindo, não soubesse dizer senão que tinha vindo de casa. A língua que falava não era bem igual à minha, mas as diferenças eram pequenas e eu entendia-o bem. Disse-me que o rei do seu povo era um grande chefe chamado Cerdic que andava agora conquistando terras na costa sul da Grã-Bretanha. Continuou dizendo que Cerdic, para estabelecer a sua nova colônia, precisara lutar contra Aesc, um rei saxão que governava as terras de Kentish. Essa foi a primeira vez que percebi que, tal como nós britânicos, os Saxões também lutavam entre si. Parece que Cerdic ganhara essa guerra contra Aesc e que agora andava sondando a *Dumnónia*.

A mulher que descobrira Wlenca estava acorada ali perto e sibilava ameaças contra ele, mas uma das outras mulheres declarou que Wlenca não participara nas violações que se seguiram à captura. Griffid, sentindo-se aliviado por ter alguma pilhagem para levar, declarou que Wlenca viveria. Assim, o saxão foi despido, posto sob a guarda de uma mulher e começou a caminhar para oeste em direção à escravatura.

Aquela foi a última expedição do ano e, apesar de nós a termos proclamado como uma grande vitória, nada era comparada com as proezas de Artur. Ele tinha não só afastado os Saxões de Aelle do

norte de *Gwent*, como também tinha derrotado as forças de *Powys*, tendo, durante essa batalha, decepado o braço do rei Gorfyddyd que segurava o escudo. O rei inimigo escapara, mas, mesmo assim, fora uma grande vitória e todos em *Gwent* e *Dumnónia* enalteciam Artur. Owain não ficou muito satisfeito.

Lunete, pelo contrário, ficou delirante. Eu trouxera-lhe ouro e prata, o suficiente para poder usar uma túnica de pele de urso no Inverno e ter a sua própria escrava, uma criança de Kernow que Lunete comprou de Owain. A criança trabalhava do nascer até o pôr do Sol e passava a noite chorando num canto da cabana a que agora chamávamos casa. Quando a criança chorava demais, Lunete batia-lhe e, quando eu tentava defender a menina, Lunete batia em mim. Os homens de Owain tinham saído todos dos pequenos abrigos dos guerreiros em *Caer Cadarn* e tinham-se mudado para a povoação mais confortável de Lindinis, onde Lunete e eu tínhamos uma cabana de paredes de vime e telhado de colmo dentro das pequenas muralhas de terra construídas pelos Romanos. *Caer Cadarn* ficava a aproximadamente dez quilômetros e era ocupada apenas quando algum inimigo se aproximava demais ou quando se celebrava alguma importante ocasião real. Tivemos uma dessas ocasiões nesse Inverno, no dia em que Mordred fez um ano e quando, por acaso, os problemas de *Dumnónia* lhe caíram sobre os ombros. Ou talvez não fosse por acaso, pois Mordred sempre fora de má sorte e a sua aclamação estava condenada a ser atingida pela tragédia

A cerimônia teve lugar logo depois do Solstício. Mordred ia ser aclamado rei e todos os homens importantes de *Dumnónia* se juntaram em *Caer Cadarn* para a ocasião. Nimue chegou um dia mais cedo e visitou a nossa cabana, que Lunete decorara com azevinho e heras para o solstício. Nimue transpôs a soleira da cabana que tinha uns traços riscados para manter os espíritos do mal afastados, e sentou-se junto à nossa lareira, puxando para trás o capuz da capa.

Sorri, ao ver que ela tinha um olho de ouro.

- Estou gostando - disse eu.

- É oco - disse ela, batendo no olho com uma unha.

Lunete gritava com a escrava por ter deixado queimar a sopa de semente de cevada e Nimue estremeceu perante tal manifestação de cólera.

- Você não é feliz - disse-me ela.

- Sou, sou - insisti, pois os jovens detestam admitir quando erram. Nimue deu uma olhada pelo interior desarrumado e escurecida pela fumaça da nossa cabana, como se estivesse sentindo os estados de espírito dos seus habitantes.

- Lunete não é a mulher certa para você - disse ela calmamente enquanto apanhava indolentemente do chão cheio de lixo metade de uma casca de ovo e a esmagava para que nenhum espírito do mal pudesse se esconder ali. - A tua cabeça anda sempre nas nuvens, Derfel - continuou, atirando os fragmentos da casca de ovo para as chamas - enquanto Lunete tem os pés bem fixos na terra. Ela quer ser rica, você quer ser honrado. É impossível associar as duas coisas.

Encolheu os ombros, como se isso não fosse importante e contou-me as novidades de *Ynys Wydryn*. Merlim ainda não tinha voltado e ninguém sabia onde estava, mas Artur mandara o dinheiro capturado, quando derrotara o rei Gorfyddyd, para pagar a reconstrução do Tor e Gwlyddyn estava dirigindo a construção de uma casa maior. Pellmore estava vivo, tal como Druidan e Gudovan, o Escrivão. Nimue disse-me também que Norwenna fora enterrada num túmulo junto ao Espinheiro Sagrado, onde era venerada como uma santa.

- O que é um santo? - perguntei.

- Um cristão morto - disse ela sem mais explicações. - Todos devem ser santos.

- E você? - perguntei-lhe.

- Estou viva - respondeu, com uma voz inexpressiva.

- Está feliz?

- Lá está você sempre perguntando essas coisas estúpidas. Se eu quisesse ser feliz, Derfel, estaria aqui contigo, cozinhando o pão e lavando a roupa da cama.

- Então porque não está?

Ela cuspiu para o fogo para afastar a minha estupidez.

- Gundleus está vivo - disse apaticamente, mudando de assunto.

- Está preso em *Corinium* - disse eu, como se ela não soubesse já onde estava o seu inimigo.

- Gravei o nome dele numa pedra - disse ela e, depois, lançou-me um olhar dourado. - Ele me engravidou quando me violou, mas eu matei aquela coisa má com morrão.

Morrão era um pulgão preto que crescia no centeio e que as mulheres usavam para abortar. Merlim também o usava como meio para entrar num estado de sonho e falar com os Deuses. Uma vez experimentei e fiquei doente vários dias.

Lunete insistiu em mostrar a Nimue todas as suas coisas novas: a trempe, o caldeirão e a peneira, as jóias e a capa, a camisa de linho fino e o jarro de prata batida com a imagem de um cavaleiro romano nu caçando um veado. Nimue fingiu ficar impressionada e pediu-me para acompanhá-la até *Caer Cadarn* onde ia pernoitar.

- Lunete é uma tola - disse.

Caminhávamos ao longo da margem do ribeiro que corria para o rio Cam. As folhas acastanhadas e quebradiças estalavam debaixo dos nossos pés. Tinha havido geada e o dia estava muito frio. Nimue parecia mais irritada do que nunca e, por isso mesmo, parecia também mais bonita. A tragédia condizia com Nimue, ela sabia-o e procurava-a.

- Você está se tornando conhecido - disse, fixando os anéis de ferro de guerreiro que eu trazia na mão esquerda.

Eu não usava anéis na mão direita para poder agarrar bem a espada e a lança, mas agora usava quatro anéis de ferro na mão esquerda.

- Pura sorte - expliquei-lhe.

- Não, não é sorte. - Ela levantou a mão esquerda para eu ver a cicatriz. -

Quando você luta, Derfel, eu luto com você. Vai ser um grande guerreiro e vai precisar de ser.

- Vou?

Ela tremeu. O céu estava cinzento, tinha a mesma cor de uma espada não polida, embora o horizonte a oeste estivesse raiado com uma luz acre e amarelada. As árvores ostentavam a cor escura do Inverno e também a erva estava taciturnamente escura. a fumaça das fogueiras das aldeias mantinha-se rente ao chão como se temesse o céu frio e vazio.

- Sabe porque razão Merlim deixou *Ynys Wydryn*? - perguntou-me ela, de repente, surpreendendo-me com a pergunta.

- Para encontrar a Sabedoria da Grã-Bretanha - respondi, repetindo o que ela dissera no Conselho Supremo em *Glevum*.

- Mas porquê agora? Porque não há dez anos? - perguntou-me Nimue, respondendo em seguida à sua própria pergunta: - Ele partiu agora, Derfel, porque estamos entrando em tempos ruins. Tudo o que é bom vai ser mau, tudo o que é mau vai piorar. Todos na Grã-Bretanha estão reunindo forças, porque sabem que a grande luta está para vir. Às vezes penso que os Deuses estão brincando conosco. Estão lançando todos os dados ao mesmo tempo para ver como o jogo vai acabar. Os Saxões estão cada vez mais fortes e em breve vão atacar em guerrilhas, não em grupos de guerra. Os cristãos - cuspiu para o regato para afastar o mal - dizem que, muito em breve, fará quinhentos anos que o seu miserável Deus nasceu e afirmam que o seu tempo de triunfo está chegando. - Cuspiu outra vez. - E para nós, os Bretões? Andamos lutando uns contra os outros, roubando uns aos outros, construindo salões de festas quando devíamos estar forjando espadas e lanças.

Vamos ser postos à prova, Derfel, e é por isso que Merlim está reunindo todas as suas forças, pois se os reis não nos salvarem, então Merlim terá de persuadir os Deuses a virem ajudar-nos.

Ela parou ao lado de um pequeno lago do regato e olhou para a água escura onde já se sentia aquela quietude gélida que sobrevêm ao congelamento. A água nas pegadas dos animais deixadas à beira do lago já tinha gelado.

- E Artur? - perguntei. - Ele não vai nos salvar?

Ela esboçou um sorriso.

- Artur é para Merlim o que você é para mim. Artur é a espada de Merlim, mas nenhum de nós pode controlá-los. Nós lhes damos poder - estendeu a mão esquerda, a da cicatriz, e tocou o botão do punho da minha espada - e depois os deixamos ir.

Temos de confiar em que farão o que estiver certo.

- Pode confiar em mim - disse eu.

Ela suspirou, tal como sempre acontecia, quando eu fazia afirmações deste gênero, depois sacudiu a cabeça.

- Quando a Prova da Grã-Bretanha chegar, Derfel... e ela chegará... nenhum de nós saberá o quão forte se mostrará a nossa espada.

Virou-se e contemplou as muralhas de *Caer Cadarn* que brilhavam com os estandartes de todos os senhores e chefes que tinham vindo para testemunhar a aclamação de Mordred no dia seguinte.

- Loucos - disse ela amargamente. - Todos loucos.

Artur chegou no dia seguinte. Chegou pouco depois do amanhecer, tendo vindo a cavalo de *Ynys Wydryn* com Morgana. Vinha acompanhado apenas por dois guerreiros, montados os três nos seus grandes cavalos, apesar de não trazerem nem armadura nem escudos. Artur nem sequer trazia o seu estandarte. Mostrava-se muito descontraído, quase como se para ele aquela cerimônia não fosse objeto de interesse, mas apenas de curiosidade. Agrícola, o senhor da guerra romano de Tewdric, viera no lugar do seu senhor, que tinha sido acometido de febres, e também ele parecia manter-se à parte da cerimônia, mas todas as outras pessoas em *Caer Cadarn* estavam tensas, preocupadas que os presságios do dia se revelassem mesmo maus.

O príncipe Cadwy de Isca estava presente, com as tatuagens azuis nas bochechas. O

príncipe Gereint, Senhor das Pedras, viera da fronteira saxônica e o rei Melwas da arruinada Venta. Toda a nobreza de *Dumnónia*, mais de cem homens, esperava no forte. Chuvara durante a noite, deixando *Caer Cadarn* coberto de lama e escorregadio, mas a primeira luz do dia trouxe um vento vivificante vindo de oeste e, na altura em que Owain saiu do salão com o infante real, o sol já brilhava nos montes que circundavam os acessos leste a *Caer Cadarn*.

Morgana decidira qual seria a hora da cerimônia, lendo-a nos prenúncios do fogo, da água e da terra. Segundo as profecias, seria uma cerimônia matinal, pois nada de bom advém de diligências feitas quando o Sol já está em declínio, mas a multidão tinha de esperar até Morgana estar segura de que a hora exata estava iminente antes do processo poder ter início no círculo de pedras que coroava o alto de *Caer Cadarn*. As pedras do círculo não eram grandes, nenhuma delas era maior do que uma criança dobrada, enquanto, no centro, onde Morgana se afadigava em calcular a incidência dos pálidos raios de sol, se erguia a pedra real de *Dumnónia*. Era um seixo cinzento liso, indiferenciável de muitos outros. No entanto, e segundo o que nos ensinaram, fora nessa pedra que o Deus Bei tinha ungido o seu filho humano Beli Mawr, antepassado de todos os reis de *Dumnónia*. Quando Morgana terminou os seus cálculos, Balise foi levado ao centro do círculo. Balise era um antigo druida que vivia no bosque a oeste de *Caer Cadarn* e que, na ausência de Merlim, fora persuadido a comparecer e a invocar as bênçãos dos Deuses. Era uma criatura toda curvada e cheia de piolhos, embrulhada em trapos e peles de cabra, tão sujo que era impossível dizer onde acabava a barba e começavam os trapos. Contudo, tinham-me dito, que fora Balise quem ensinara a Merlim muitas das suas habilidades. O velhote levantou o seu bastão para o sol pálido, resmungou algumas rezas e cuspiu, andando em círculo no sentido da rota do Sol antes de sucumbir a um terrível ataque de tosse. Foi aos tropeções até uma cadeira perto do círculo, sentando-se ofegante enquanto a sua companheira, uma anciã que, no aspecto, quase não se distinguia do próprio Balise, lhe esfregava debilmente as costas.

O bispo Bedwin rezou uma oração ao Deus cristão e em seguida o rei menino foi exibido à volta da parte exterior do círculo. Mordred fora colocado num escudo de guerra e envolvido em peles e, desta forma, foi exibido perante todos os guerreiros, chefes e príncipes que, à medida que o menino ia passando iam se ajoelhando para lhe prestar homenagem. Um rei adulto teria andado à volta do círculo, neste caso, eram dois guerreiros dumnonianos que

carregavam Mordred. Atrás da criança, com a sua longa espada desembainhada, caminhava Owain, o campeão do rei. Mordred era levado contra o Sol, a única época na vida de um rei em que ele andava contra a ordem natural das coisas, mas essa desditosa direção era deliberadamente escolhida para mostrar que um rei que descendia dos Deuses estava acima dessas regras insignificantes como, por exemplo, andar em círculo seguindo sempre a rota do Sol.

Mordred foi depois colocado no seu escudo em cima da pedra central enquanto lhe eram trazidas ofertas. Uma criança colocou um pão em frente dele, símbolo do seu dever de alimentar o povo, uma segunda criança trouxe-lhe um chicote para mostrar que ele tinha ser um magistrado para o seu país e, por último, foi colocada uma espada a seus pés para simbolizar o seu papel de defensor de *Dumnónia*. Mordred chorou do princípio ao fim da cerimônia e dava tantos pontapés que quase tombava do escudo. Os pontapés desnudaram o seu pé aleijado e isso, pensei eu, tinha ser um mau presságio, mas os celebrantes ignoraram o membro aleijado enquanto os homens importantes do reino se aproximavam um a um para depositarem as suas ofertas. Traziam ouro e prata, pedras preciosas, moedas, âmbar negro e âmbar. Artur ofereceu à criança uma estátua dourada de um falcão, presente este que fez os espectadores abrir a boca de espanto perante tanta beleza, mas Agrícola trouxe o presente mais valioso de todos, colocando a armadura de guerra real do rei Gorfyddyd de *Powys* aos pés do menino. Artur capturara a armadura ornamentada com ouro depois de ter expulsado Gorfyddyd do seu acampamento e, no regresso, presenteara o rei Tewdric com a armadura e, agora, o rei Tewdric, através do seu senhor da guerra, devolvia o tesouro a *Dumnónia*.

O bebê rabugento foi finalmente levantado da pedra e entregue à sua nova ama, uma escrava da casa de Owain. Era chegado o momento de Owain. Todos os outros homens importantes traziam capas e peles por causa do frio do dia, mas Owain avançou envergando apenas as calças e as botas. O seu peito e os seus

braços tatuados estavam tão nus como a espada desembainhada que, com o devido cerimonial, pousou em cima da pedra real. Depois, deliberadamente e com o desdém estampado no rosto, andou à volta do círculo cuspindo na direção de todos os presentes. Era um desafio. Se algum homem julgasse que Mordred não devia ser rei, então tudo o que tinha a fazer era avançar e arrancar a espada desembainhada da pedra. Depois tinha de lutar contra Owain. Owain pavoneou-se, escarneceu e convidou ao desafio, mas ninguém se mexeu. Só depois de ter dado duas voltas no circuito é que Owain voltou para junto da pedra e pegou na espada.

Todos aplaudiram, pois *Dumnónia* tinha de novo um rei. Os guerreiros que rodeavam as muralhas de *Caer Cadarn* batiam com as hastes das lanças nos escudos.

Era necessário um último ritual. O bispo Bedwin tentara proibi-lo, mas o conselho ignorara-o. Reparei que Artur se afastou, mas todos os outros, até o bispo Bedwin, ficaram ali para ver um cativo, nu e assustado, ser levado até à pedra real.

Era Wlenca, o rapaz saxão que eu capturara. Duvido que ele soubesse o que estava acontecendo, mas devia temer o pior.

Morgana tentou fazer despertar Balise, mas o velho druida estava fraco demais para representar o seu papel, pelo que a própria Morgana se dirigiu a Wlenca, que não parava de tremer. O saxão estava desamarrado e podia ter tentado fugir, apesar dos Deuses saberem que não havia fuga possível por entre a multidão armada que o rodeava, mas ele optou por ficar parado enquanto Morgana se aproximava.

Talvez a máscara de ouro e o coxear dela o tenham imobilizado, e ele não se mexeu até ela ter mergulhado a mão esquerda aleijada e enluvada numa taça e, depois de um momento de deliberação, o ter tocado um pouco acima da barriga. Ao sentir esse toque Wlenca deu um salto de susto, mas depois ficou outra vez quieto. Morgana

mergulhara a mão numa taça de sangue de cabra que agora deixava a sua marca vermelha na barriga magra e pálida de Wlenca.

Morgana afastou-se. A multidão estava muito quieta, silenciosa e apreensiva, pois aquele era um pavoroso momento de verdade. Os Deuses iam falar a *Dumnónia*.

Owain entrou no círculo. Tinha-se descartado da espada e, em vez dela, trazia a sua lança de haste negra. Olhava fixamente para o rapaz saxão aterrorizado, que parecia estar rezando aos seus próprios Deuses, mas eles não tinham qualquer poder em *Caer Cadarn*.

Owain movia-se devagar. Desviou os olhos do olhar de Wlenca por apenas um segundo, exatamente o tempo que precisou para colocar a ponta da lança sobre a marca na barriga do saxão, voltando a fixar os olhos do cativo. Estavam ambos imóveis. Havia lágrimas nos olhos de Wlenca, que sacudiu levemente a cabeça num apelo mudo por misericórdia, mas Owain ignorou o apelo. Esperou até que Wlenca ficasse quieto de novo. A ponta da lança permanecia em cima da marca de sangue e nenhum dos dois homens, se mexia. O vento revolia-lhes o cabelo e levantava as capas úmidas dos espectadores.

Owain enterrou a lança. Deu uma só, mas vigorosa estocada que fez a lança penetrar profundamente no corpo de Wlenca. Depois puxou a lâmina e correu para trás para deixar o saxão sangrando sozinho no círculo real.

Wlenca gritou. A ferida era terrível, feita deliberadamente para provocar uma morte lenta e com tanta dor que levava à loucura, mas a partir das convulsões de morte do moribundo, um adivinho experimentado como Balise ou Morgana podia predizer o futuro do reino. Balise despertou do seu torpor e observou atento enquanto o saxão cambaleava com uma mão agarrada à barriga, flectindo o

corpo para a frente, para tentar combater a dor terrível. Nimue inclinava-se avidamente para a frente, pois aquela era a primeira vez que testemunhava a mais poderosa de todas as adivinhações e queria aprender o segredo. Confesso que eu não pude conter um esgar, não pelo horror da cerimônia, mas porque tinha simpatizado com Wlenca e vira no seu rosto largo de olhos azuis uma imagem de como eu próprio era. No entanto conformei-me, pois sabia que o seu sacrifício significava que ele seria oferecido a um guerreiro no Outro Mundo onde, um dia, eu e ele nos encontraríamos de novo.

Os gritos de Wlenca calaram-se, transformando-se numa palpitação violenta.

O seu rosto ficara amarelo, trêmulo, mas ele conseguiu manter-se de pé, cambaleando na direção leste. Chegou ao círculo de pedras e, por um segundo, pareceu que ia cair, mas um espasmo de dor fê-lo arquear-se, andando ainda para a frente. Rodou em círculo, salpicando tudo de sangue, e deu alguns passos para norte.

Por fim, tombou. Sacudia-se todo em agonia e cada espasmo significava alguma coisa para Balise e Morgana. Morgana correu para frente para observá-lo mais de perto enquanto ele se torcia, contraía e estremecia. Por alguns segundos as pernas agitaram-se e, depois, as entranhas rebentaram-lhe, atirou a cabeça para trás e da garganta saiu-lhe um som sufocante. Ao morrer o saxão derramou uma grande quantidade de sangue que quase chegou aos pés de Morgana.

Alguma coisa na atitude de Morgana nos disse que o augúrio era mau e o seu estado de espírito amargo espalhou-se pela multidão que esperava pela tão receada declaração. Morgana recuou, para se inclinar ao lado de Balise, que pairou rouca e irreverentemente. Nimue fora inspecionar o rastro de sangue e o corpo e, depois, juntou-se a Morgana e a Balise enquanto a multidão esperava. E a multidão esperou.

Finalmente Morgana aproximou-se de novo do corpo. Dirigiu as suas palavras a Owain, o campeão do rei que estava ao lado do rei menino, mas todos se inclinaram para ouvir o que ela tinha a dizer.

- O rei Mordred - disse ela - terá uma vida longa. Será um chefe guerreiro e conhecerá a vitória.

A multidão suspirou de alívio. O augúrio podia ser traduzido como favorável, embora eu pense que todos soubessem o que tinha ficado por dizer e alguns dos presentes ainda se lembravam da aclamação de Uther, quando o rastro de sangue e as contorções do homem moribundo previram com exatidão um reinado de glória.

Contudo, mesmo sem glória, havia alguma esperança no augúrio da morte de Wlenca.

Com esta morte terminou a aclamação de Mordred. Pobre Norwenna, enterrada debaixo do Espinheiro Sagrado de *Ynys Wydryn*, teria feito tudo de forma tão diferente. No entanto, mesmo com mil bispos e uma infinidade de santos rezando para que Mordred subisse ao trono, os augúrios teriam sido os mesmos. Pois Mordred, o nosso rei, era aleijado e nenhum druida nem nenhum bispo podia mudar essa realidade.

Tristan de *Kernow* chegou nessa tarde. Estávamos no salão grande, na festa de Mordred, um acontecimento notável pela sua falta de alegria, mas a chegada de Tristan o deixou menos animado. Ninguém reparara na sua chegada até ele se aproximar da lareira central e as chamas se refletirem na sua couraça de couro e no elmo de ferro. O príncipe era conhecido como um amigo de *Dumnónia* e o bispo Bedwin saudou-o como tal, mas a resposta de Tristan foi desembainhar a espada.

O gesto congregou todas as atenções, pois nenhum homem devia entrar armado num salão de festas, e muito menos num salão onde se celebrava a aclamação de um rei. Alguns homens já estavam

bêbados, mas até esses fitavam em silêncio o jovem príncipe de cabelo negro.

Bedwin tentou ignorar a espada desembainhada.

- Veio para a aclamação, Senhor? Atrasou-se, sem dúvida. É difícil viajar no Inverno. Venha, sente-se aqui. Ao lado de Agrícola de Gwent. Há carne de veado.

- Venho para resolver uma disputa - disse Tristan, muito alto. Deixara os seus seis guardas à porta do salão por onde se via cair uma chuva gelada. Os guardas eram homens de ar ameaçador com as armaduras molhadas e as capas gotejando, com os escudos na posição correta e as lanças afiadas.

- Uma disputa? - disse Bedwin como se até essa idéia fosse impensável. -

Certamente não neste dia auspicioso!

Alguns dos guerreiros presentes no salão rosnaram desafios. Estavam suficientemente bêbados para se divertirem com uma boa disputa, mas Tristan ignorou-os.

- Quem fala por *Dumnónia*? - perguntou ele.

Houve um momento de hesitação. Owain, Artur, Gereint e Bedwin tinham todos autoridade, mas nenhum era hierarquicamente superior aos outros. O príncipe Gereint, um homem que nunca tomava a iniciativa, afastou a questão encolhendo os ombros. Owain olhava de modo sinistro para Tristan, enquanto Artur respeitosamente deferiu para Bedwin que, muito acanhadamente, lembrou que ele, como conselheiro chefe do reino, podia falar como qualquer homem em nome do rei Mordred.

- Então, diga ao rei Mordred - disse Tristan - que haverá sangue entre o meu e o seu país, a não ser que eu receba justiça.

Bedwin ficou alarmado e as suas mãos agitavam-se em movimentos lentos enquanto tentava pensar no que dizer. Nada lhe ocorreu e acabou por ser Owain a responder.

- Diga o que tem a dizer - disse ele terminantemente.

- O Rei Supremo Uther - disse Tristan - deu proteção a um grupo de pessoas pertencentes ao povo de meu pai. Eles vieram para este país a pedido de Uther para trabalhar nas minas e para viver em paz com os seus vizinhos. No entanto, no fim do Verão passado alguns desses vizinhos foram às minas e o que lhes ofereceram foi a espada, o fogo e a carnificina. Diga ao seu rei que foram cinquenta e oito mortos e que o *sarhaed* deles será o valor da vida deles mais a vida do homem que ordenou que os matassem, senão viremos nós com as nossas espadas e os nossos escudos para receber o valor devido.

Owain soltou uma gargalhada.

- Um país pequeno como *Kernow*? Estamos tão assustados!

Os guerreiros à minha volta gritaram com desdém. *Kernow* era um país pequeno incapaz de fazer frente às forças de *Dumnónia*. O bispo Bedwin tentou fazer parar a algazarra, mas a sala estava cheia de homens bêbados e gabarolas que se recusaram a acalmar até ao momento em que o próprio Owain pediu silêncio.

- Eu soube, príncipe - disse Owain - que foram os Irlandeses, os Blackshield de Oengus Mac Airem quem lançou o ataque ao brejo.

Tristan cuspiu para o chão.

- Se foram eles, então voaram para atravessar o país e fazer isso, pois ninguém os viu passar e não roubaram nem um só ovo de um dumnoniano.

- Isso é porque eles temem *Dumnónia*, mas não temem *Kernow* - disse Owain e toda a sala irrompeu novamente em gargalhadas.

Artur esperou até o riso esmorecer.

- Sabe de algum homem além de Oengus Mac Airem que possa ter atacado o seu povo? - perguntou com cortesia.

Tristan virou-se e procurou entre os homens acorados no chão do salão.

Viu a cabeça careca do príncipe Cadwy de *Isca* e apontou para ele com a espada.

- Pergunte àquele. Melhor ainda - elevou a voz para aquietar o escárnio -

pergunte a testemunha que eu tenho lá fora.

Cadwy levantou-se gritando que lhe permitissem ir buscar a sua espada enquanto os seus guerreiros tatuados ameaçavam todo o país de *Kernow* com um massacre.

Artur bateu com a mão na mesa de honra. O som ecoou pelo salão, conseguindo que se fizesse silêncio. Agrícola de *Gwent*, sentado ao lado de Artur, mantinha os olhos baixos, pois aquela disputa não lhe dizia respeito, mas duvidou que um só detalhe daquele confronto escapasse ao seu espírito sutil.

- Se algum homem derramar sangue esta noite - disse Artur - será declarado meu inimigo. - Esperou que Cadwy e os seus homens se calassem e olhou de novo para Tristan. - Traga a testemunha, Senhor.

- Isto é um tribunal? - objetou Owain.

- Deixe a testemunha entrar - insistiu Artur.

- Isto é uma festa! - protestou Owain.

- Deixe a testemunha entrar, deixem-no vir, - o bispo Bedwin queria que toda aquela desagradável questão terminasse e concordar com

Artur parecia ser a forma mais rápida de a resolver.

Os homens que estavam nos cantos da sala aproximaram-se para assistir a todo aquele teatro, mas começaram a rir quando a testemunha de Tristan apareceu, pois tratava-se apenas de uma menininha, talvez com nove anos, que se encaminhou calmamente e com as costas muito retas até o seu príncipe, que lhe pôs um braço ao redor dos ombros.

- Sarlinna ferch Edain. - Ele disse o nome da criança e, depois, apertou-lhe o ombro, tranquilizando-a. - Fale.

Sarlinna molhou os lábios. Escolheu falar diretamente à Artur, talvez porque ele tivesse o rosto mais amável de todos os homens sentados na mesa de honra.

- O meu pai foi morto, a minha mãe foi morta, os meus irmãos e irmãs foram mortos... - ela falava como se tivesse decorado as palavras, embora nenhum dos presentes duvidasse da sua veracidade. - A minha irmã bebê foi morta - continuou ela e o meu gatinho foi morto - apareceu uma primeira lágrima - e eu vi tudo.

Artur abanou a cabeça mostrando simpatia. Agrícola de *Gwent* passou a mão pelo cabelo curto e grisalho e, depois, olhou para as vigas enegrecidas pela fuligem.

Owain reclinou-se na cadeira e levou à boca uma taça de chifre enquanto o bispo Bedwin parecia preocupado.

- Viu mesmo os assassinos? - perguntou o bispo à criança.

- Sim, Senhor. - Sarlina, agora que já não estava dizendo palavras que preparara e treinara, mostrava-se mais nervosa.

- Mas era noite, minha filha - objetou Bedwin. - O ataque não foi de noite, Senhor? - perguntou ele a Tristan.

Todos os senhores de *Dumnónia* tinham ouvido falar do ataque no brejo, mas tinham acreditado na alegação de Owain de que o massacre fora obra dos irlandeses Blackshield de Oengus.

- Como podia a criança ver de noite? - perguntou Bedwin. Tristan encorajou a criança dando-lhe palmadinhas nas costas.

- Diga ao senhor bispo o que aconteceu - instruiu-a ele.

- Os homens atiraram fogo para dentro da nossa cabana, Senhor - disse Sarlina em voz baixa.

- Mas não foi fogo suficiente - resmungou um homem no meio das sombras e a sala riu.

- Como sobreviveu, Sarlinna? - perguntou-lhe Artur com suavidade quando os risos se extinguíram.

- Me escondi debaixo de uma pele de animal, Senhor.

Artur sorriu.

- Fez muito bem. Mas viu o homem que matou a sua mãe e o seu pai? Fez uma pausa. - E o seu gatinho?

Ela assentiu com a cabeça. Os seus olhos brilhavam, cheios de lágrimas, na sala pouco iluminada.

- Eu o vi, Senhor - disse ela serenamente.

- Então diga-nos como ele era - pediu Artur.

Sarlinna trazia um vestidinho cinzento por baixo de uma capa preta e, então, arregaçou as mangas do vestido descobrindo a pele clara dos braços.

- Os braços do homem tinham desenhos de um dragão, Senhor. E de um javali. Aqui. E mostrou nos seus pequenos braços os locais

das tatuagens. - Depois olhou para Owain. - E tinha anéis na barba.

Depois calou-se, mas também não precisava dizer mais nada. Só um homem usava anéis de guerreiro na barba e todos os presentes tinham visto os braços de Owain enterrando a lança no diafragma de Wlenca nessa manhã, e todos sabiam que esses braços tinham tatuagens do dragão de *Dumnónia* e do seu próprio símbolo, um javali de longas presas.

Fez-se silêncio. Um toro estalou na fogueira, soltando uma baforada de fumaça para as traves do teto. Uma lufada de vento fez a chuva vergastar o colmo espesso do telhado e agitou as chamas das velas espalhadas pela sala. Agrícola olhava para o suporte de prata do seu copo de chifre como se nunca tivesse visto um objeto desses. Em algum lugar na sala um homem arrotou, e esse som pareceu incitar Owain a virar a sua grande cabeça desgrehada para a criança.

- Ela mente - disse ele bruscamente - e crianças que mentem deviam apanhar uma boa sova até sangrarem.

Sarlinna começou a chorar e, depois, enterrou o rosto na capa úmida de Tristan. O bispo Bedwin franziu o sobrolho.

- Owain, é verdade que visitou o príncipe Cadwy no fim do Verão, não é?

- E então? - Owain irritou-se. - E então? - rugiu de novo, desta vez como um desafio para toda a sala. - Aqui estão os meus guerreiros!
- Fez um sinal na nossa direção, sentados todos juntos no flanco direito da sala. - Perguntem-lhes! Perguntem-lhes! A criança está mentindo! Juro que mente!

Gerou-se um certo reboiço na sala enquanto os homens desafiavam Tristan cuspidando para o chão. Sarlinna chorava tanto que o príncipe se inclinou e lhe pegou no colo, abraçando-a enquanto Bedwin tentava recuperar o controle da assistência.

- Se Owain jura que não o fez - gritou o bispo - então a criança mente.

Os guerreiros resmungaram, concordando.

Reparei que Artur me observava. Baixei os olhos para a minha tigela de carne de veado.

O bispo Bedwin já desejava não ter convidado a criança a entrar na sala.

Passou a mão pela barba e abanou a cabeça com lassidão.

- A palavra de uma criança não tem qualquer peso perante a lei - disse ele lamentosamente. - Uma criança não se encontra entre os que têm o Dom da Palavra.

Quem tinha o Dom da Palavra eram as nove testemunhas cuja palavra tinha o peso da verdade perante a lei; um Lorde, um druida, um padre, um pai falando dos seus filhos, um magistrado, o doador de uma oferta falando da sua oferta, uma donzela falando da sua virgindade, um pastor falando dos seus animais e um condenado dizendo as suas últimas palavras. Em parte alguma da lista aparecia mencionada uma criança falando do massacre da sua família.

- Lorde Owain - disse o bispo Bedwin a Tristan - é um dos que têm o Dom da Palavra.

Tristan empalideceu, mas não recuava.

- Eu acredito na criança - disse ele - e amanhã, depois do nascer do Sol, virei buscar a resposta de *Dumnónia* e, se essa resposta negar a justiça a *Kernow*, o meu pai fará justiça pelas suas próprias mãos.

- O que acontece com o seu pai? - troçou Owain. - Perdeu o interesse na sua última mulher, foi? Por isso quer ser vencido numa batalha, é?

Tristan saiu da sala entre gargalhadas, gargalhadas essas que aumentaram quando os homens começaram a imaginar um país tão pequeno como *Kernow* declarando guerra à toda poderosa *Dumnónia*. Eu não me juntei ao coro de gargalhadas, e preferi terminar o meu estufado, dizendo a mim próprio que precisava da comida se queria me manter quente durante o meu turno de guarda que teria início no final da festa. Também não bebi hidromel, por isso ainda estava sóbrio quando fui buscar a minha capa, a lança, a espada e o elmo e fui para a muralha do lado norte.

Já não chovia e as nuvens afastavam-se, revelando uma brilhante meia-lua por entre o tremeluzir das estrelas, mas havia mais nuvens amontoando-se a Oeste, por cima do mar Severn. Eu tremia de frio enquanto andava de um lado para o outro da muralha.

E foi onde Artur me encontrou.

Sabia que ele viria. Desejava que ele viesse, mas senti medo quando o vi atravessar o recinto e subir o pequeno conjunto de escadas de madeira que levavam à

muralha de terra e pedra mais baixa. No início ele não disse nada, limitando-se a debruçar-se nos parapeitos de madeira a olhar para a pequena mancha de luz que iluminava *Ynys Wydryn*. Trazia a sua capa branca, puxando-a para cima para que a bainha não arrastasse pela lama. Amarrara as pontas da capa à volta da cinta, acima da bainha da espada ornamentada com losangos.

- Não vou perguntar - falou por fim, a respiração condensando com o ar da noite - o que aconteceu naquele brejo, porque não quero levar nenhum homem, muito menos um homem que eu prezo, a quebrar um juramento de morte.

- Sim, meu Senhor - disse eu, perguntando-me como é que ele sabia que tínhamos feito um juramento de morte naquela noite escura.

- Por isso, vamos antes conversar. - Sorriu-me e fez um gesto em direção à

muralha. - Uma sentinela que anda de um lado para o outro mantém-se quente. Tenho ouvido dizer que você é um bom soldado.

- Tonto, Senhor.

- E também tenho ouvido que você é bem sucedido. Muito bem. - Calou-se quando passamos por um dos meus companheiros que estava encostado ao parapeito.

O homem olhou para mim, quando passei, e o seu rosto mostrou receio de que eu pudesse trair as tropas de Owain. Artur afastou o capuz do rosto. Andava com passos largos e firmes e eu tinha de me apressar para conseguir acompanhá-lo.

- Qual pensa que é o trabalho de um soldado, Derfel? - perguntou-me daquela forma íntima que nos fazia sentir que ele estava mais interessado em nós do que em qualquer outra pessoa do mundo.

- Combater em batalhas, meu Senhor - respondi. Ele abanou a cabeça.

- Combater em batalhas, Derfel - corrigiu-me - em nome das pessoas que não podem lutar por elas próprias. Aprendi isso na Bretanha. Este mundo miserável está

cheio de pessoas fracas, pessoas sem força, pessoas esfomeadas, pessoas tristes, pessoas doentes, pessoas pobres e a coisa mais fácil do mundo é desprezar os fracos, especialmente quando se é soldado. Se for um guerreiro e quiser a filha de um homem, se apodera dela; se quiser a terra desse homem, mata-o. Afinal você é um soldado e tem uma lança e uma espada e ele é apenas um homem fraco e pobre, com uma charrua partida e um boi doente... sim, o que é que pode te impedir?

Não esperava resposta para a pergunta, limitou-se a continuar andando em silêncio. Tínhamos chegado ao portão oeste e as escadas de toros rachados que levavam à plataforma sobre o portão estavam ficando brancas com a geada. Subimo-as lado a lado.

- Mas a verdade, Derfel - disse Artur quando chegamos à alta plataforma - é

que nós só somos soldados, porque o homem fraco nos faz soldados. Ele cultiva o cereal que nos alimenta, ele curte o couro que nos protege e ele corta os freixos com que se fazem as hastes das nossas lanças. Devemos-lhe o nosso serviço.

- Sim, meu Senhor - disse eu, olhando com ele para a interminável extensão de planície à nossa frente. A noite não estava tão gélida como a noite em que Mordred nascera, mas estava muito fria e o vento tornava-a ainda pior.

- Todas as coisas têm um propósito - disse Artur - até mesmo ser soldado.

Sorriu, como se pedindo desculpas por ser tão sincero; no entanto não precisava se desculpar, pois eu aprendia muito com as suas palavras. Eu sonhara ser um soldado por causa da alta posição social de um guerreiro e porque sempre me parecera que era melhor pegar uma lança do que um ancinho, mas eu nunca pensara em mais nada senão nessas ambições egoístas. Artur pensara muito mais e trouxe para *Dumnónia* uma visão clara de onde a sua espada e a sua lança deviam levá-lo.

- Temos uma oportunidade - disse Artur encostando-se à alta muralha enquanto falava - de construir uma *Dumnónia* onde podemos servir o nosso povo. Não lhes podemos dar alegria e eu não sei como garantir-lhes uma boa colheita que os faça enriquecer, mas sei que podemos mantê-los em segurança, e um homem em segurança, um homem que saiba que os seus filhos vão crescer sem serem capturados como escravos e que o valor da sua filha

como noiva não vai ser arruinado pela violação de um soldado, é um homem com mais possibilidades de ser feliz do que um homem que viva sob a ameaça da guerra. Não acha que é justo?

- Sim, meu Senhor.

Esfregou as mãos enluvadas para combater o frio. As minhas mãos estavam embrulhadas em trapos, que tornavam mais difícil segurar a lança, principalmente porque também estava tentando aquecê-las por baixo da capa. Atrás de nós, no salão da festa, ouviam-se as sonoras gargalhadas dos homens. A comida fora tão má como qualquer outra comida nas festas feitas no Inverno, mas correria hidromel e vinho com fartura, se bem que Artur estivesse tão sóbrio como eu próprio. Observei o seu perfil enquanto ele olhava para as nuvens. A lua escurecia-lhe os maxilares chupados e fazia o seu rosto parecer mais ossudo.

- Odeio a guerra - disse Artur de repente.

- Odeia? - O meu tom era de surpresa, mas eu era ainda suficientemente jovem para me divertir com a guerra.

- Claro que sim! - Sorriu-me. - Por acaso sou bom na guerra e talvez você

também seja, mas isso só significa que temos de saber utilizar a nossa habilidade de forma sensata. Sabe o que aconteceu em *Gwent* no Outono passado?

- Feriu Gorfyddyd - disse eu avidamente - arrancando-lhe o braço.

- Isso mesmo - disse ele, quase num tom de surpresa. - Os meus cavalos não são de muita utilidade num país montanhoso e não servem para nada em bosques, por isso os levei para o norte para as planícies de cultivo de *Powys*. Gorfyddyd estava tentando derrubar as muralhas de Tewdric e eu comecei a incendiar as medas de feno e os celeiros de Gorfyddyd. Queimamos e matamos.

Fizemos tudo bem, não porque quiséssemos, mas porque tinha ser feito. E funcionou. Afastei Gorfyddyd das muralhas de Tewdric e o fiz regressar às planícies de cultivo onde os meus cavalos podiam vencê-lo. E venceram. Nós o atacamos ao amanhecer e ele lutou bem, mas perdeu a batalha assim como o braço esquerdo e aí, Derfel, foi o fim da matança. Serviu ao seu propósito, entende? O propósito da matança era convencer Powys de que era melhor para eles estarem em paz com *Dumnónia* do que em guerra. E agora haverá paz.

- Haverá mesmo? - perguntei com hesitação.

A maior parte de nós estava plenamente convencida de que o degelo da Primavera só traria um novo ataque do irritado rei Gorfyddyd de *Powys*.

- O filho de Gorfyddyd é um homem sensato - disse Artur. - Chama-se Cuneglas e quer a paz, e nós temos de dar ao príncipe Cuneglas tempo para convencer o pai de que perderá mais do que um braço se voltar a entrar em guerra conosco. E quando Gorfyddyd estiver convencido de que a paz é melhor do que a guerra, ele irá convocar um conselho e nós comparecemos, fazemos muito barulho e no fim, Derfel, eu caso com Ceinwyn, a filha de Gorfyddyd. - Lançou-me um olhar rápido, mas um tanto embaraçado. - Chamam-lhe *Seren*, a estrela! A estrela de *Powys*.

Dizem que é muito bonita. - Ele mostrava-se satisfeito com essa perspectiva e, de alguma forma, o seu agrado surpreendeu-me, mas até aí eu ainda não tinha admitido que Artur fosse vaidoso. - Esperemos que ela seja tão bonita como uma estrela. Mas bonita ou não, casarei com ela e pacificaremos a *Silúria*. Então os Saxões enfrentarão uma Grã-Bretanha unida. *Powys*, *Gwent*, *Dumnónia* e *Silúria*: os países todos juntos, todos lutando contra o mesmo inimigo e todos em paz entre si.

- Ri, não para ele, mas com ele, pela sua profecia ambiciosa ser tão real.

- Como sabe? - perguntei.

- Porque Cuneglas ofereceu os termos da paz, claro, e você não pode dizer isto a ninguém, Derfel, senão pode não acontecer. Nem mesmo o pai dele sabe ainda.

Por isso, isto é um segredo que fica só entre nós dois.

- Sim, meu Senhor - disse eu.

Senti-me imensamente privilegiado por me ter sido contado um segredo tão importante, mas claro que era exatamente assim que Artur queria que eu me sentisse.

Ele sabia sempre como manipular os homens, e sabia principalmente como manipular homens jovens e idealistas.

- Mas para que serve a paz - perguntou-me - se lutarmos entre nós? A nossa tarefa é dar a Mordred um reino rico e pacífico, e para isso temos de construir um reino bom e justo. - Olhava para mim e havia sinceridade na sua voz afável e profunda.

- Não teremos paz se rompermos nossos tratados, e o tratado que permitia aos homens de *Kernow* explorar as nossas minas de estanho era um bom tratado. Não tenho dúvidas de que estavam nos enganando, todos os homens enganam, quando têm de entregar o seu dinheiro aos reis, mas será que isso era razão para matá-los, matar os filhos deles e até os gatinhos dos filhos deles? Por isso, Derfel, a não ser que acabemos com estes disparates agora mesmo, na próxima Primavera teremos guerra em vez de paz. O rei Mark vai atacar. Não vencerá, mas o seu orgulho levará a que os seus homens matem muitos dos nossos agricultores e nós teremos de enviar um grupo de guerreiros para *Kernow*. *Kernow* é

um péssimo território para a luta, péssimo, mas, no fim, ganharemos. O nosso orgulho ficará satisfeito, mas a que preço?

Trezentos agricultores mortos? Quantas cabeças de gado perdidas? E se Gorfyddyd vir que estamos travando uma guerra na nossa costa ocidental, se sentirá tentado a tirar vantagem da nossa fraqueza atacando ao norte. Podemos fazer a paz, Derfel, mas só se formos suficientemente fortes para fazer a guerra. Se parecermos fracos, então os nossos inimigos vão nos atacar como abutres. E quantos saxões enfrentaremos no próximo ano? Será que podemos mesmo dispensar homens que vão atravessar o Tamar para matar alguns agricultores em *Kernow*?

- Senhor - comecei e estava quase dizendo a verdade, mas Artur calou-me.

Os homens no salão estavam cantando o Canto de Guerra de Beli Mawr e batendo com os pés no chão de terra aclamando a grande matança, antecipando sem dúvida outra carnificina em *Kernow*.

- Não deve dizer uma palavra do que se passou no brejo - avisou-me Artur. -

Os juramentos são sagrados, mesmo para aqueles que se perguntam se realmente existe algum Deus que se preocupe em fazê-los valer. Suponhamos apenas, Derfel, que a menina de Tristan estava dizendo a verdade. O que é que isso significa?

Eu olhei para a noite gelada.

- Guerra com *Kernow* - disse tristemente.

- Não - disse Artur. - Significa que amanhã de manhã, quando Tristan regressar, alguém tem ser desafiado para se chegar à verdade. As pessoas dizem que, nestes confrontos, os Deuses favorecem sempre os honestos.

- Eu sabia o que ele estava dizendo e abanei a cabeça.

- Tristan não vai desafiar Owain - disse eu.

- Não se ele tiver o bom senso que parece ter - concordou Artur. - Até para os Deuses seria difícil fazer com que Tristan vencesse a espada de Owain. Por isso, se queremos paz e todas as coisas boas que se seguirão à paz, outra pessoa terá ser o campeão de Tristan. Não te parece certo?

Olhei para ele, horrorizado com o que pensei que ele estava tentando dizer.

- O senhor? - perguntei, por fim.

Ele encolheu os ombros sob a capa branca.

- Não sei quem mais poderia ser - disse suavemente. - Mas há uma coisa que pode fazer por mim.

- Qualquer coisa, meu Senhor - disse eu. - Qualquer coisa. - Nesse momento pensei que até teria concordado em lutar contra Owain por ele.

- Quando um homem vai para uma batalha, Derfel - disse ele com cuidado -

deve saber se a sua causa é correta. Talvez os Blackshield irlandeses tivessem levado os seus escudos por terra sem que ninguém os tivesse visto. Ou talvez os seus druidas os tenham feito voar. Ou talvez amanhã os Deuses, se tiverem algum interesse, pensem que eu luto por uma boa causa. O que acha?

Ele fez a pergunta tão inocentemente como se estivesse perguntando sobre o tempo. Eu olhei para ele, completamente dominado e desejando desesperadamente que evitasse aquele desafio contra o melhor espadachim de *Dumnónia*.

- Então? - incitou-me ele.

- Os Deuses... - comecei, mas depois senti que era difícil para mim falar, porque Owain fora bom para mim. O campeão não era um homem honesto, mas podia contar pelos dedos quantos homens honestos eu tinha conhecido e, apesar das suas trapaças, gostava dele. No entanto, gostava muito mais daquele homem honesto que tinha diante de mim. Fiz a pausa também para determinar se as minhas palavras quebrariam ou não o juramento, depois decidi que não quebravam. - Os Deuses irão apoiá-lo, Senhor - disse eu, por fim.

Ele sorriu tristemente.

- Obrigado, Derfel.

- Mas porquê? - perguntei abruptamente.

Ele suspirou e olhou de novo para a terra iluminada pela lua.

- Quando Uther morreu - disse ele, depois de um longo tempo - a terra mergulhou num caos. Isso acontece a uma terra sem rei e nós estamos sem rei neste momento. Temos Mordred, mas ele é uma criança, por isso alguém tem de exercer o poder até ele chegar à idade de poder fazê-lo. Só um homem tem de exercer o poder, Derfel, não três ou quatro ou dez, só um. Quem me dera que assim não fosse. Eu preferia envelhecer tendo Owain como o meu amigo dileto, mas não pode ser. Pelo rei Mordred, o poder tem de ser devida e justamente exercido e, depois, ser-lhe entregue intacto. Isso significa que não podemos permitir eternas disputas entre homens que querem o poder do rei para si próprios. Um homem tem de ser um rei sem o ser e esse homem tem de renunciar aos poderes do reino, quando Mordred chegar à idade certa.

E isso é o que fazem os soldados, lembra-se? Eles lutam nas batalhas pelas pessoas que são fracas demais para lutar por si próprias. - E, sorrindo, acrescentou: - Eles também se apoderam

daquilo que querem, e amanhã eu vou querer uma coisa de Owain. Eu quero a sua honra e, por isso, vou tê-la. - Encolheu os ombros. - Amanhã

lutarei por Mordred e por aquela criança. E você, Derfel - bateu-me com força no peito

- vai arranjar-lhe um gatinho. - Bateu com os pés no chão para combater o frio e olhou para Oeste. - Acha que, de manhã, aquelas nuvens vão trazer chuva ou neve?

- Não sei, meu Senhor.

- Esperemos que sim. É verdade, soube que conversou com aquele pobre saxão que mataram para ver o futuro. Pois então diga-me tudo o que ele te disse.

Quanto mais soubermos dos nossos inimigos, melhor.

Acompanhou-me de volta ao meu posto, ouviu tudo o que eu tinha a dizer sobre Cerdic, o novo chefe saxão na costa sul e, depois, foi deitar-se. Parecia pouco preocupado com o que poderia acontecer na manhã seguinte, mas eu estava aterrorizado por ele. Lembrei-me de Owain vencendo o ataque combinado dos dois campeões de Tewdric e tentei rezar às estrelas, que são as casas dos Deuses, mas não conseguia vê-las, porque os meus olhos estavam rasos de lágrimas.

A noite foi longa e gélida. Mas eu desejava que a madrugada não chegasse.

O desejo de Artur realizou-se, pois ao amanhecer começou a chover.

Rapidamente se transformou num terrível temporal de chuva torrencial e persistente que, sob a forma de véus cinzentos, atravessava tempestuosamente o extenso vale entre *Caer Cadarn* e

Ynys Wydryn. As valas transbordavam. A água caía em torrentes das muralhas e formava grandes poças sob os beirais do edifício principal. Saía fumaça pelos buracos dos telhados de colmo húmidos e as sentinelas encolhiam-se debaixo das capas encharcadas.

Tristan, que passara a noite na pequena aldeia a leste de *Caer Cadarn*, subia com dificuldade o caminho enlameado que conduzia ao forte. Os seus seis guardas e a pequena órfã acompanhavam-no. Escorregavam na lama sempre que não conseguiam encontrar apoios para os pés nos tufo de erva que cresciam na beira do caminho. O portão estava aberto e nenhuma sentinela se mexeu para obstruir a passagem ao príncipe de Kernow, quando ele passou chapinhando na lama em direção à porta do salão principal, onde não havia ninguém para recebê-lo.

O interior do salão era um autêntico caos: homens dormindo curando as bebedeiras da noite, restos de comida, cães comendo a carne podre, brasas cinzentas encharcadas e o vômito congelando sobre os juncos do chão. Tristan deu um pontapé

num dos homens que estavam dormindo, acordando-o e mandando-o chamar o bispo Bedwin ou alguma outra pessoa com autoridade.

- Se é que alguém tem autoridade neste país - disse ele. Bedwin, envergando uma pesada capa para se proteger da chuva forte, conseguiu passar, cambaleando e escorregando na lama traiçoeira.

- Meu Senhor - disse ele, arfando, ao entrar no duvidoso abrigo proporcionado pelo salão, - apresento-lhe as minhas desculpas. Não lhe esperava tão cedo. Um tempo inclemente, este, não é? - Torceu a água das abas da capa. - Ainda assim, é melhor a chuva do que a neve, não é verdade?

Tristan não respondeu.

Bedwin ficou perturbado com o silêncio do seu convidado.

- Talvez um pouco de pão? Ou vinho quente? Tenho certeza que haverá

papas de aveia.

Olhou à volta procurando alguém que levasse as ordens à cozinha, mas ali só

havia homens dormindo e ressonando, completamente imóveis.

- Minha pequenina - Bedwin retraiu-se por causa da dor de cabeça, quando se inclinou junto a Sarlinna, - deve estar com fome, não deve?

- Viemos à procura de justiça e não de comida - disse Tristan bruscamente.

- Ah, sim. Claro. Claro.

Bedwin tirou o capuz da cabeça de cabelo tonsurado e coçou a barba por causa de um piolho incômodo .

- Justiça - disse ele com um ar vago, depois assentiu vigorosamente com a cabeça. - Pensei no assunto, Senhor, realmente pensei, e cheguei à Conclusão de que a guerra não é desejável. Não concorda? - Esperou, mas o rosto de Tristan não mostrou nenhuma reação. - É um desperdício e embora não possa considerar Lorde Owain culpado, confesso que falhamos no nosso dever de proteger seus conterrâneos no brejo. Falhamos redondamente. Falhamos de forma bem triste e, por isso, Príncipe e Senhor, se agradar a seu pai, vamos, com certeza, fazer o pagamento do *sarhaed*, mas não pelo gatinho.

E Bedwin soltou uma risada abafada.

Tristan fez uma careta.

- E quanto ao homem que ordenou a matança?

Bedwin encolheu os ombros.

- Que homem? Não sei de homem nenhum.

- Owain - disse Tristan. - Que certamente aceitou ouro de Cadwy.

Bedwin sacudiu a cabeça.

- Não! Não! Não! Não pode ser. Não. Juro, Senhor, que não sei da culpa de nenhum homem. - Lançou a Tristan um olhar de súplica. - Meu Príncipe e Senhor, me magoaria muito ver nossos países em guerra. Já ofereci o que posso oferecer e rezarei pelos seus mortos, mas não posso anular o juramento de inocência de um homem.

- Eu posso - disse Artur.

Ele mantivera-se à espera atrás da divisória de madeira da cozinha, ao fundo do salão. Eu estava com ele, quando entrou no salão onde a sua capa branca parecia brilhar na obscuridade.

Bedwin pestanejou.

- Lorde Artur?

Artur avançou por entre os corpos que se mexiam e gemiam.

- Se o homem que matou os mineiros de Kernow não for punido, Bedwin, ele pode voltar a matar. Não concorda?

Bedwin encolheu os ombros, abriu os braços e voltou a encolher os ombros.

Tristan franziu o sobrolho, sem estar certo do desfecho a que levariam as palavras de Artur.

Artur deteve-se junto a uma das colunas centrais do salão.

- E por que razão deve o reino pagar *sarhaed* quando não foi o reino quem provocou a carnificina? - perguntou. - Por que razão deve o tesouro do meu Senhor Mordred ser esvaziado por causa da ofensa de outro homem?

Bedwin fez um gesto a Artur para que se calasse.

- Nós não sabemos quem é o assassino - insistiu ele.

- Então temos de provar a sua identidade - disse Artur - simplesmente.

- Não podemos! - protestou Bedwin irritado. - A criança não possui o Dom da Palavra! E Lorde Owain, se é a ele que se refere, jurou que está inocente. Ele tem o Dom da Palavra. Por isso, porquê levar a cabo a farsa de um julgamento? A sua palavra é suficiente.

- Num tribunal de palavras, sim - disse Artur. - Mas também há o tribunal de espadas e, pela minha espada, Bedwin - aqui ele fez uma pausa e desembainhou a *Excalibur*, que brilhou na penumbra - eu mantenho que Owain, Campeão de *Dumnónia*, causou danos aos nossos primos de *Kernow* e que ele, e mais ninguém, deve pagar o preço.

Enterrou a ponta da *Excalibur* na terra através dos juncos imundos e ali a deixou balançando. Por um segundo pensei se os Deuses do Outro Mundo apareceriam de repente para ajudar Artur, mas só se ouvia o som do vento e da chuva e dos homens acabados de acordar respirando com dificuldade.

Bedwin também mal podia respirar. Durante alguns segundos ficou completamente sem fala.

- Você... - conseguiu finalmente dizer, mas depois nada mais disse. Tristan, com o seu belo rosto pálido batido pela luz descorada, abanou a cabeça.

- Se alguém tem de competir num tribunal de espadas - disse ele a Artur -

deixe que seja eu.

Artur sorriu.

- Eu pedi primeiro, Tristan - disse ele, suavemente.

- Não! - Bedwin encontrou as palavras. - Não pode ser!

Artur fez um gesto na direção da espada.

- Quer arrancá-la, Bedwin?

- Não!

Bedwin estava muito aflito, antevendo a morte da melhor esperança do reino, mas antes de poder dizer mais alguma coisa o próprio Owain entrou de rompante pela porta do salão. Tinha o cabelo comprido e a barba espessa molhados e o peito nu reluzia por causa da chuva.

Balançou o olhar de Bedwin para Tristan e para Artur e, depois, para a espada enterrada no chão. Parecia confuso.

- Está louco? - perguntou ele a Artur.

- A minha espada - disse Artur brandamente - mantém a sua culpa no caso entre *Kernow* e *Dumnónia*.

- Ele está louco - disse Owain para os seus guerreiros que estavam se amontoando atrás dele.

O campeão tinha os olhos vermelhos e um ar cansado. Tinha bebido demais durante a noite, tinha dormido mal, mas o desafio pareceu dar-lhe uma nova energia.

Cuspiu na direção de Artur.

- Vou voltar para a cama daquela puta siluriana - disse ele - e, quando acordar, quero que isto tenha sido apenas um sonho.

- Você é um covarde, um assassino e um mentiroso - disse Artur calmamente, quando Owain se virou para sair e essas palavras fizeram os homens no salão arfar mais uma vez.

Owain voltou a entrar no salão.

- E você não passa de uma cria de urso - disse ele a Artur. Caminhou a passos largos até à *Excalibur* e derrubou-a, mostrando formalmente que aceitava o desafio. - Pois a sua morte, filho de um urso, fará parte do meu sonho. Lá fora.

Fez um movimento brusco com a cabeça, apontando para a chuva.
O

combate não podia se realizar dentro de casa, pois o salão de festas ficaria amaldiçoado por uma sorte abominável. Os homens tinham, por isso, de lutar sob a chuva de Inverno.

Todo o forte estava agora em reboição. Muitas das pessoas que viviam em *Lindinis* tinham dormido em *Caer Cadarn* nessa noite e toda a fortaleza entrou em ebulição quando as pessoas começaram a acordar para assistir ao combate. Lunete, Nimue e Morgana estavam lá, na verdade todas as pessoas de *Caer Cadarn* se apressavam para ver a luta que, tal como exigia a tradição, teve lugar dentro do círculo de pedras real. Agrícola, com uma capa vermelha sobre a sua esplêndida armadura romana, estava entre Bedwin e o príncipe Gereint enquanto o rei Melwas, com um pedaço de pão na mão, assistia de olhos bem abertos no meio dos seus guardas.

Tristan colocou-se do lado mais afastado do círculo, onde eu também ocupei o meu lugar. Owain viu-me ali e supôs que eu o

tinha traído. Vociferou que a minha vida seguiria a de Artur para o Outro Mundo, mas Artur declarou que a minha vida estava sob a sua responsabilidade.

- Ele quebrou o juramento! - gritou Owain, apontando para mim.

- Juro - disse Artur - que ele não quebrou juramento nenhum.

Tirou a sua capa branca, dobrou-a cuidadosamente e colocou-a em cima de uma das pedras. Usava calças, botas e um fino colete de couro sobre uma camisa de lã. Owain estava nu da cintura para cima. As calças tinham linhas cruzadas de couro e usava botas ferradas. Artur sentou-se na pedra e tirou as botas, preferindo lutar descalço.

- Isso não é necessário - disse-lhe Tristan.

- Lamentavelmente, é - disse Artur. Depois, levantou-se e desembainhou a *Excalibur*.

- Vai usar a sua espada mágica? - zombou Owain. - Tem medo de lutar com uma arma mortal?

Artur embainhou de novo a espada e colocou-a sobre a capa.

- Derfel! - E, virando-se para mim, perguntou: - Essa é a espada de Hywel?

- Sim, meu Senhor.

- Pode me emprestá-la? perguntou. - Prometo que a devolvo.

- Veja se vive para manter a promessa, Senhor - disse eu, puxando *Hywelbane* da sua bainha e entregando-a com os copos virados para ele.

Ele agarrou a espada, depois pediu-me para ir correndo ao salão buscar um punhado de cinzas arenosas com as quais, quando

regressei, esfregou o couro oleado dos copos. Virou-se para Owain.

- Lorde Owain - disse ele cortesmente - se preferir lutar quando estiver mais descansado, eu posso esperar.

- Filho de um urso! - Owain cuspiu. - Tem certeza que não quer vestir sua armadura de peixe?

- Enferruja com a chuva - respondeu Artur calmamente.

- Um soldado leal ao tempo escarneceu - Owain e, depois, para praticar, fez sibilar o ar com dois golpes da sua longa espada. Na linha de escudos ele preferia lutar com uma espada curta; mas, fosse qual fosse o comprimento da lâmina, Owain era um homem a temer. - Estou pronto, filho de um urso - disse, em tom de desafio.

Eu fiquei ao lado de Tristan e dos seus guardas, enquanto Bedwin fazia um último e inútil esforço para evitar o combate. Ninguém tinha dúvidas sobre qual seria o resultado. Artur era um homem alto, mas muito magro, comparado com a corpulência musciosa de Owain e nunca ninguém vira Owain perder um combate. No entanto Artur parecia notavelmente calmo, quando ocupou o seu lugar na parte do círculo virada a Oeste e encarou Owain, que fora se colocar na parte este, mais acima na encosta.

- Submetem-se ao julgamento do tribunal de espadas? - perguntou Bedwin aos dois homens, e os dois assentiram com a cabeça.

- Então que Deus os abençoe e dê a vitória à verdade - disse Bedwin.

Fez o sinal da cruz e, depois, saiu do círculo com o seu rosto de velho denotando apreensão.

Owain, como se esperava, lançou-se sobre Artur, mas a meio caminho do círculo, ao lado da pedra do rei, escorregou na lama e, de repente, era Artur quem atacava. Eu esperara que Artur lutasse

calmamente, usando os conhecimentos que Hywel lhe ensinara, mas nessa manhã, enquanto a chuva desabava torrencial do céu de Inverno, vi como Artur se transfigurava ao combater. Transformava-se num demônio. A sua energia fluía numa só direção a morte enquanto ele lançava sobre Owain golpes rápidos e pesados que faziam o homenzarrão recuar e voltar a recuar.

As espadas ressoavam com fragor. Artur cuspia na direção de Owain, amaldiçoando-o, insultando-o, não parando de golpear com o gume da espada e nunca dando a Owain uma oportunidade de se recuperar de um ataque.

Owain lutava com valentia. Nenhum outro homem conseguiria aguentar aquele ataque aberto e mortífero. As botas escorregavam na lama e mais de uma vez teve de se defender dos ataques de Artur de joelhos, mas conseguia sempre levantar-se, mesmo estando ainda sendo empurrado para trás. Quando Owain escorregou pela quarta vez, compreendi, em parte, a confiança de Artur. Ele desejara chuva para tornar o piso traiçoeiro e acho que sabia que Owain estaria cansado da festa que entrara noite dentro. Mesmo assim, não conseguia quebrar aquela guarda persistente, ainda que tivesse conseguido empurrar o campeão até ao local onde o sangue de Wlenca era ainda bem visível, como uma mancha mais escura de lama encharcada.

E ali, ao lado do sangue do saxão, a sorte de Owain mudou. Artur escorregou e, apesar de se recuperar de imediato, aquele momento de hesitação, foi a abertura que Owain precisava, desferindo uma estocada com a rapidez de um chicote. Artur desviou-se, mas a espada de Owain deslizou pelo colete de couro, fazendo brotar da cintura de Artur o primeiro sangue do combate. Artur desviou-se mais uma vez, depois outra e desta vez recuou perante as estocadas firmes e rápidas que perfurariam, sem dúvida, o coração de um boi. Os homens de Owain berravam, apoiando-o enquanto o campeão, farejando a vitória, tentou atirar todo o seu corpanzil para cima de Artur, para derrubar na lama o seu oponente, muito mais

leve do que ele. Mas Artur estava pronto para essa manobra e deu um passo para o lado, subindo para a pedra real e desferindo um golpe com a parte de trás da sua espada, fendendo a nuca de Owain. A ferida, tal como todas as feridas na cabeça, sangrava copiosamente e o sangue, ensopando o cabelo de Owain, começou a escorrer-lhe pelas costas abaixo diluindo-se com a chuva. Os seus homens calaram-se.

Artur saltou da pedra, atacando de novo e, mais uma vez, Owain se colocou na defensiva. Ambos os homens estavam ofegantes, salpicados de lama, sangrando e cansados demais para lançarem mais insultos um ao outro. A chuva soltou-lhes o cabelo, deixando-o solto e ensopado, enquanto Artur desferia golpes para a direita e para a esquerda com o mesmo ritmo rápido com que tinha iniciado o combate. Eram tão rápidos que Owain nada mais podia fazer do que contar os ataques. Lembrei-me da descrição desdenhosa que Owain fizera do estilo de combate de Artur. Nas suas palavras, Artur lutando parecia um ceifador de feno dando cutiladas apressadas para escapar ao mau tempo. Uma vez, uma vez apenas é que Artur conseguiu fazer a sua lâmina atravessar a guarda de Owain, mas o golpe foi semidesviado, retirando-lhe força, e a espada foi parada pelos anéis de ferro pendurados na barba de Owain.

Owain desviou a lâmina e tentou de novo atirar Artur ao chão com todo o peso do seu corpo. Caíram os dois e, por um segundo, pareceu que Owain apanhara Artur, mas, não sei como, Artur conseguiu escapar e pôr-se de pé.

Artur esperou que Owain se levantasse. Ambos respiravam com dificuldade e entreolharam-se durante alguns segundos, avaliando as suas chances. Depois, Artur avançou, atacando de novo. Golpeava e voltava a golpear, tal como tinha feito antes, e Owain continuava a desviar os golpes selvagens. Artur escorregou uma segunda vez.

Gritou de medo enquanto caía, e ao seu grito respondeu um berro de triunfo, quando Owain puxou o braço para trás para desferir o golpe mortal. Mas Owain viu de imediato que Artur não tinha escorregado, mas apenas fingido, para que Owain abrisse a guarda. E, então, foi Artur quem deu a estocada. Foi a sua primeira estocada do combate e a última. Owain estava de costas para mim e eu estava com os olhos meio tapados para não ver a morte de Artur. Mas, em vez disso, à minha frente, vi a ponta brilhante da Hywelbane saindo pelas costas molhadas e raiadas de sangue de Owain. A estocada de Artur tinha trespassado o corpo do campeão. Owain pareceu ficar congelado e o braço da espada, de repente, ficou frouxo, sem força. Depois a espada caiu da mão inerte para cima da lama.

Durante um segundo, o tempo de uma pulsação, Artur deixou a Hywelbane na barriga de Owain. Depois, com um esforço tremendo que exigia a força de todos os músculos do seu corpo, torceu a lâmina e arrancou-a. E ele gritava enquanto arrancava o aço do corpo de Owain, gritava enquanto a lâmina vencida a sucção da carne e dilacerava as entranhas, os músculos, a pele e a carne, e gritava ainda enquanto puxava a espada para a luz cinzenta do dia. A força necessária para arrancar o aço do pesado corpo de Owain denotava que a espada efetuava um movimento para trás, espalhando o sangue por todo o círculo enlameado.

Owain, com a descrença estampada no rosto e as tripas espalhando-se pela lama, tombou finalmente.

Depois, a Hywelbane foi mais uma vez enterrada no pescoço do campeão.

Abateu-se o silêncio em *Caer Cadarn*.

Artur afastou-se do corpo. Virou-se, seguindo a rota do Sol, para olhar para os rostos de todos os homens à volta do círculo. O rosto do próprio Artur ostentava uma expressão dura como pedra. Não

havia nele um rastro sequer de bondade, só o rosto de um lutador que triunfara. Era um rosto terrível, com os fortes maxilares crispados de ódio. Nós, aqueles que só conhecíamos Artur como um homem avassaladoramente atencioso, estávamos chocados com a mudança.

- Algum homem aqui presente - disse ele em voz alta - quer disputar o julgamento?

Ninguém quis. A chuva escorria das capas e diluía o sangue de Owain. Artur dirigiu-se aos lanceiros do campeão morto.

- Agora é a sua oportunidade - cuspiu na direção deles - de vingar o seu Senhor. Se o não fizerem, pertencem-me.

Posto que nenhum o conseguiu encarar nos olhos, ele afastou-se, passou por cima do senhor da guerra que jazia morto e encarou Tristan.

- *Kernow* aceita o julgamento, Príncipe e Senhor? - Tristan, lívido, assentiu com a cabeça.

- Aceita, meu Senhor.

- O *sarhaed* - decretou Artur - será pago com os bens de Owain. - Virou-se de novo, para olhar para os guerreiros. - Quem comanda agora os homens de Owain?

Griffid Annan avançou nervoso.

- Sou eu, Senhor.

- Daqui a uma hora venha me encontrar, para eu te dar algumas ordens. E se algum de vocês tocar em Derfel, o meu companheiro, arderá numa pira funerária.

Todos baixaram os olhos, não conseguindo encará-lo. Artur pegou uma mão-cheia de lama para limpar o sangue da espada e depois entregou-a.

- Limpe-a bem, Derfel.

- Sim, meu Senhor.

- E obrigado. É uma boa espada. - De repente, fechou os olhos. - Que Deus me perdoe, mas eu gostei disto. Agora já fiz a minha parte, e você? Já fez a sua?

- Eu? - Olhei para ele de boca aberta.

- Um gatinho - disse ele pacientemente - para Sarlinna.

- Já tenho um, Senhor - disse eu.

- Então vá buscá-lo - disse ele - e venha ao salão para tomar o almoço. Tem mulher?

- Tenho, Senhor.

- Diga-lhe que partimos amanhã, quando o conselho tiver terminado de resolver esta questão.

Olhei para ele, mal acreditando na minha sorte.

- Quer dizer... comecei eu.

- Quero dizer - interrompeu-me ele impacientemente - que de agora em diante você serve a mim.

- Sim, meu Senhor! - disse eu. - Sim, meu Senhor!

Ele pegou *Excalibur*, a capa e as botas e, com Sarlinna pela mão, afastou-se do rival que acabara de matar. E eu tinha encontrado o meu Senhor.

Lunete não queria viajar para Norte, para *Corinium*, onde Artur ia passar o Inverno com os seus homens. Não queria deixar os amigos e, além disso, disse-me ainda, como se só naquele momento se tivesse lembrado, que estava grávida. Eu recebi a notícia com um silêncio incrédulo.

- Ouviu? - disse ela com brusquidão. - Estou grávida. Não posso ir. E porque é que temos de ir? Éramos felizes aqui. Owain era um bom amo e você tinha que estragar tudo. Porque não vai sozinho? - Estava acocorada junto à lareira da nossa cabana, tentando receber todo o calor que podia das chamas fracas. – Eu te odeio -

disse por fim, e tentou, em vão, tirar do dedo o nosso anel do amor.

- Grávida? - perguntei abalado.

- Mas talvez nem é seu! - gritou Lunete.

Depois desistiu de tentar arrancar o anel do dedo inchado e, em vez disso, atirou-me violentamente uma acha da fogueira. A nossa escrava gemia de angústia no fundo da cabana e Lunete atirou-lhe também um toro de lenha.

- Mas eu tenho de ir - insisti. - Tenho de ir com Artur.

- E me abandona? - guinchou ela. - Quer que eu me transforme numa puta? É

isso que quer?

Atirou-me outro pedaço de madeira e eu abandonei a luta. Estávamos no dia seguinte ao combate de Artur com Owain e tínhamos todos voltado a *Lindinis*, onde o conselho de *Dumnónia* estava reunido na vivenda de Artur, que, conseqüentemente, estava rodeada por suplicantes com a família e os amigos. Aquela gente ávida esperava junto aos portões da frente. Nos fundos, onde antigamente existira o jardim, havia agora um amontoado de

depósitos de armas e armazéns. Os antigos guerreiros de Owain esperavam ali por mim. Escolheram bem o lugar para a emboscada, pois aquele era um local que não se via dos edifícios, por causa dos arbustos de azevinho.

Lunete ainda gritava comigo enquanto eu subia, chamando-me de traidor e covarde.

- Ela sabe bem o que você é, saxão - disse Griffid Annan, cuspiendo na minha direção.

Os seus homens bloquearam-me o caminho. Estavam ali cerca de doze lanceiros, todos meus antigos companheiros, mas que agora me encaravam com implacáveis rostos de hostilidade. Artur podia ter colocado a minha vida sob a sua proteção, mas ali, escondido das janelas da vivenda, ninguém saberia como eu tinha acabado morto no meio da lama.

- Quebrou o seu juramento - acusou-me Griffid.

- Não quebrei nada - afirmei eu.

Minac, um velho guerreiro com bastante ouro dado por Owain à volta do pescoço e dos pulsos, colocou a lança na horizontal.

- Não se preocupe com a tua menina - disse ele num tom obsceno - muitos de nós sabem como cuidar das jovens viúvas.

Desembainhei a Hywelbane. Atrás de mim estavam as mulheres que tinham saído das cabanas para ver os seus homens vingar a morte do seu amo. Lunete estava entre elas, insultando-me como todas as outras.

- Fizemos um novo juramento - disse Minac - e, ao contrário de você, nós mantemos os nossos juramentos. - Avançou pelo caminho abaixo com Griffid a seu lado. Os outros lanceiros juntaram-se atrás dos seus chefes, enquanto, atrás de mim, as mulheres se

aproximavam cada vez mais. Algumas até puseram de lado os sempre presentes fuso e roca e começaram a apedrejar-me, empurrando-me para a lança de Griffid. Segurei com firmeza a *Hywelbane*, que ainda estava com a lâmina amassada por causa da luta de Artur com Owain e rezei aos Deuses para que me dessem uma morte com dignidade.

- Seu saxão! - disse Griffid, usando o pior insulto que conseguiu encontrar.

Avançava com grande cautela, pois conhecia a minha habilidade com a espada. -

Traidor saxão! - disse ele e, depois, recuou quando uma pesada pedra caiu entre nós na lama do caminho, salpicando tudo. Olhou para trás de mim e eu vi o medo aflorar no seu rosto ao mesmo tempo que baixava a espada.

- Os seus nomes - a voz de Nimue sibilou atrás de mim - estão gravados na pedra. Griffid Annan, Mapon Ellchyd, Minac Cadan... - e enumerou os nomes dos lanceiros um a um e, cada vez que pronunciava um nome, cuspiu na direção da pedra amaldiçoada que atirara para o caminho. As lanças caíram.

Afastei-me para deixar passar Nimue. Estava envolvida numa capa preta com um capuz que mantinha o seu rosto na sombra onde brilhava malevolente o seu olho dourado. Parou ao meu lado e, de repente, virou-se e apontou um bastão com um ramo de visco branco amarrado na direção das mulheres que me tinham atirado pedras.

- Querem os seus filhos transformados em ratos? - perguntou Nimue às mulheres. - Querem que o seu leite seque e que a sua urina arda como fogo? Então vão embora!

As mulheres agarraram as crianças e fugiram, indo esconder-se nas cabanas.

Griffid sabia que Nimue era a amada de Merlim e possuía o poder do druida, e tremia de medo ante as pragas dela.

- Por misericórdia - disse ele, quando Nimue se virou para encará-lo. Ela passou diante da ponta da lança dele, agora virada para baixo, e bateu-lhe com força na face com o bastão.

- Para baixo - disse ela. - Todos vocês! Para baixo! Deitados! Caras no chão!

Deitados! Deu com o bastão em Minac. Deite-se no chão.

Eles deitaram-se na lama, de barriga para baixo, e ela passou por cima das costas de cada um deles. As pisadas eram leves, mas as pragas eram pesadas.

- As suas mortes estão nas minhas mãos - disse-lhes ela. - As suas vidas me pertencem. Vou usar as suas almas como brinquetes. A cada madrugada que acordarem vivos vão agradecer a minha misericórdia, e a cada crepúsculo vão rezar para que eu não veja as suas caras imundas nos meus sonhos. Griffid Annan, jure fidelidade a Derfel. Beije a espada dele. De joelhos, cão! De joelhos!

Eu protestei dizendo que aqueles homens não me deviam fidelidade, mas Nimue virou-se para mim furiosa e ordenou-me que estendesse a minha espada.

Depois, um a um, com os rostos cheios de lama e terror, os meus antigos companheiros ajoelharam-se e beijaram a ponta da *Hywelbane*. O juramento não me dava direitos de soberania sobre aqueles homens, mas tornava impossível que algum deles me atacasse sem pôr em perigo a sua alma, pois Nimue disse-lhes que, se quebrassem o juramento, as suas almas estariam condenadas a ficar para sempre na escuridão do Outro Mundo, nunca mais encontrando outros corpos nesta verdejante terra iluminada pelo Sol. Um dos lanceiros, um cristão, desafiou Nimue dizendo que o juramento não tinha qualquer significado. No entanto, a sua

coragem desapareceu quando ela arrancou o olho de ouro e o segurou virado para ele, sibilando uma praga.

Assaltado por um terror abjeto, o homem caiu de joelhos e beijou a minha espada como todos os outros. Depois de proferidos os juramentos, Nimue ordenou-lhes que se deitassem de novo na lama. Voltou a meter a bola de ouro no orifício e afastamo-nos, deixando-os ali estendidos na lama.

Nimue desatou a rir quando eles já não nos podiam ver.

- Me diverti demais com isto! - disse ela, notando-se na sua voz alguma da antiga travessura de criança. – Me diverti mesmo! Como eu odeio os homens, Derfel.

- Todos os homens?

- Os homens vestidos de couro e com lanças. - Encolheu os ombros. - A você

não. Mas aos outros, odeio-os a todos. - Virou-se e cuspiu para o caminho que deixávamos para trás. - Como os Deuses devem rir desses homens que se pavoneiam todos. - Puxou para trás o capuz e olhou para mim. - Quer que Lunete vá contigo para *Cornium*?

- Eu jurei protegê-la - respondi tristemente - e ela diz que está grávida.

- Isso significa que quer que ela te acompanhe?

- Sim - disse eu mas querendo dizer não.

- Acho que está sendo tolo - disse Nimue, - mas Lunete fará aquilo que eu mandar. Mas te digo, Derfel, que se não a deixar agora, ela vai deixá-lo quando tiver oportunidade.

Pôs-me a mão no braço para que eu parasse. Tínhamo-nos aproximado do átrio da vivenda onde a multidão de suplicantes esperava para ver Artur.

- Sabia - perguntou-me Nimue em voz baixa - que Artur está pensando em libertar Gundleus?

- Não! - Fiquei chocado com a novidade.

- Pois está. Acha que, agora, Gundleus vai honrar a paz e acha que ele é o melhor homem para governar a *Silúria*. Artur não o libertará sem o acordo de Tewdric.

Por isso, não vai ser já. Mas quando isso acontecer, Derfel, eu vou matar Gundleus.

Ela falou com a terrível simplicidade da verdade e eu pensei como a ferocidade lhe dava a beleza que a natureza lhe negara. Depois, espraizou o olhar pela terra fria e molhada na direção do distante talude de *Caer Cadarn*.

- Artur sonha com a paz, mas nunca haverá paz. Nunca! A Grã-Bretanha, Derfel, é um caldeirão e Artur vai agitá-lo até aos limites do horror.

- Está enganada - disse eu, lealmente.

Nimue escarneceu do que eu dissera com uma careta e, depois, sem mais nenhuma palavra, virou-se e meteu-se pelo caminho abaixo em direção às cabanas dos soldados.

Abri caminho através dos suplicantes até à vivenda. Artur ergueu os olhos quando entrei e acenou-me com a mão, num gesto informal de boas-vindas, voltando a dar atenção a um homem que se queixava de que o vizinho tinha deslocado as pedras que marcavam os limites entre as suas terras. Bedwin e Gereint estavam sentados à mesa com Artur, enquanto ao lado dele, e em pé, estavam

Agrícola e o príncipe Tristan, mais parecendo dois guardas. Alguns conselheiros e magistrados do reino estavam sentados no chão, que, curiosamente, estava quente graças aos espaços que os Romanos deixavam por baixo do chão das suas vivendas e que se podiam encher com ar quente de uma caldeira de aquecimento. Alguns ladrilhos rachados deixavam que alguma fumaça se espalhasse pela grande sala. Os suplicantes eram recebidos um a um e a justiça era proferida. Quase todos os casos podiam ter sido tratados no tribunal dos magistrados de *Lindinis*, que ficava a apenas alguns metros da vivenda, mas muitas pessoas, principalmente os habitantes pagãos da aldeia, consideravam que uma decisão tomada em Conselho Real era mais segura do que um julgamento feito num tribunal estabelecido pelos Romanos. Por isso guardavam os seus ressentimentos e as suas contendas até um conselho estar reunido convenientemente perto.

Artur, representando Mordred, o rei menino, lidava com todos eles com paciência. E estava muito calmo quando a verdadeira questão do dia começou. Essa questão era solucionar as emaranhadas sequelas deixadas pela luta do dia anterior.

Os guerreiros de Owain foram dados ao príncipe Gereint, com a recomendação de Artur de que fossem divididos por vários grupos de soldados. Um dos capitães de Gereint, um homem chamado Llywarch, foi nomeado para o lugar de Owain, como comandante da guarda do rei. Depois, um magistrado foi encarregado da tarefa de fazer um registro de toda a fortuna de Owain e enviar para *Kernow* a quantia correspondente ao *sarhaed* em dívida. Notei como Artur tratava das questões com brusquidão, não deixando, no entanto, de dar a cada homem presente uma oportunidade de dizer o que pensava. Esse tipo de consulta podia levar a discussões intermináveis, mas Artur possuía o feliz talento de entender rapidamente as questões complicadas e propor acordos que agradavam a todos. Também notei como Gereint e Bedwin estavam satisfeitos por deixarem Artur ocupar o primeiro lugar. Bedwin depositara todas as suas esperanças no futuro de *Dumnónia* na

espada de Artur e era, assim, a pessoa que mais apoiava Artur. Gereint, por seu lado, como era sobrinho de Uther, podia ter se oposto, mas não tinha nenhuma da ambição do tio e estava satisfeito por Artur querer tomar a responsabilidade do governo. *Dumnónia* tinha um novo campeão do rei. Era Artur Uther. E pôde, finalmente, sentir-se o alívio na sala.

Ao príncipe Cadwy de *Isca* foi ordenado que contribuísse para o *sarhaed* devido a *Kernow*. Ele protestou contra esta decisão, mas recuou perante a fúria de Artur e concordou resignado em pagar um quarto do preço de *Kernow*. Suspeito de que Artur teria preferido impor-lhe um castigo mais severo, mas eu estava obrigado por juramento a não revelar a parte de Cadwy no ataque ao brejo e não havia mais provas da cumplicidade dele, pelo que Cadwy escapou de uma sentença mais pesada.

O príncipe Tristan aprovou as decisões de Artur com um aceno de cabeça.

A questão seguinte era tratar do futuro do nosso rei. Mordred estava vivendo na casa de Owain e agora precisava de um novo lar. Bedwin propôs um homem chamado Nabur, que era o chefe dos magistrados de *Durnovária*. Um outro conselheiro protestou imediatamente, condenando Nabur por ser cristão.

Artur bateu de leve na mesa para acabar com uma cáustica discussão antes mesmo de ela começar.

- Nabur está presente? - perguntou ele.

Um homem alto levantou-se ao fundo da sala.

- Eu sou Nabur. - Tinha a barba bem aparada e usava uma toga romana.

Nabur Lwyd apresentou-se formalmente.

Era um jovem com um rosto esguio e sério e com o cabelo recuado na testa o que lhe dava um ar de bispo ou de druida.

- Você tem filhos, Nabur?

- Três vivos, Senhor. Dois rapazes e uma menina. A menina é da idade do nosso rei Mordred.

- E existe algum druida ou algum bardo em *Durnovária*?

Nabur assentiu com a cabeça.

- Derella, o *Bardo*.

Artur falou em privado com Bedwin, que acenou com a cabeça em sinal de assentimento e, depois, Artur sorriu para Nabur.

- Tomaria o rei ao seu cuidado?

- Com todo o prazer, Senhor.

- Pode ensinar-lhe a sua religião, Nabur Lwyd, mas apenas quando Derella estiver presente, e Derella deve tornar-se o tutor do rapaz quando este tiver cinco anos. Receberá do erário régio metade do rendimento de um rei e serão sempre necessários vinte guardas junto do rei Mordred. O preço da sua vida é a sua alma e a alma de toda a sua família. Concorda?

Nabur empalideceu quando lhe disseram que a mulher e os filhos morreriam se ele deixasse que matassem Mordred, mas mesmo assim concordou com um aceno.

E não admira. Ser o tutor do rei dava a Nabur um lugar muito próximo do centro do poder de *Dumnónia*.

- Concordo, Senhor - disse ele.

A última questão do conselho era sobre o destino de Ladwys, a mulher amante de Gundleus e escrava de Owain. Ela foi trazida para a sala onde permaneceu de pé com um ar de desafio diante de Artur.

- Hoje - disse-lhe Artur - vou para Norte, para *Corinium* onde o seu marido é

nosso cativo. Quer vir?

- Para me humilhar ainda mais? - perguntou Ladwys. Owain, apesar de toda a sua brutalidade, nunca conseguira quebrar a sua forte personalidade.

Artur franziu o sobrolho perante o tom hostil da voz dela.

- Para poder estar com ele, Senhora - disse com suavidade. A prisão do seu marido não é rigorosa, ele tem uma casa como esta, ainda que esteja publicamente sob guarda. Mas pode viver com ele em privado e em paz, se assim desejar.

As lágrimas brotaram dos olhos de Ladwys.

- Ele talvez não me queira. Fui manchada.

Artur encolheu os ombros.

- Não posso falar por Gundleus, quero apenas a sua decisão. Se escolher ficar aqui, pode ficar. A morte de Owain significa que é livre.

Ela pareceu ficar perplexa com a generosidade de Artur, mas conseguiu acenar, aquiescente.

- Irei, Senhor.

- Muito bem!

Artur levantou-se e levou a cadeira para um lado da sala onde delicadamente, convidou Ladwys a sentar-se. Depois encarou os conselheiros, os lanceiros e os chefes reunidos.

- Tenho uma coisa a dizer-lhes, apenas uma coisa, mas todos devem compreender o que tenho a dizer e devem repeti-lo aos seus homens, às suas famílias, às suas tribos e aos seus clãs. O nosso rei é Mordred, nenhum outro senão Mordred, e é a Mordred que devemos a nossa fidelidade e as nossas espadas. Mas nos próximos anos o reino vai enfrentar inimigos, como acontece a todos os reinos, e serão necessárias, como sempre, decisões firmes. Quando essas decisões forem tomadas, alguns dirão que eu estou usurpando o poder do rei. Por isso, agora, perante vocês e perante os nossos amigos de *Gwent* e *Kernow*, - aqui Artur fez um gesto cortês na direção de Agrícola e Tristan - vou jurar pelo que acham mais sagrado que só usarei o poder que me outorgam com um único objetivo, e esse único objetivo é ver Mordred tirar-me o reino, quando atingir a idade certa. Juro.

E calou-se abruptamente.

Houve um reboiço na sala. Até àquele momento ninguém tinha percebido com que rapidez Artur tinha tomado o poder em *Dumnónia*. O fato de ele se sentar à

mesa com Bedwin e o príncipe Gereint sugeria que os três homens tinham poder igual, mas o discurso de Artur anunciava publicamente que só havia um homem comandando, e Bedwin e Gereint, com o seu silêncio, apoiavam a proclamação de Artur. Nem Bedwin nem Gereint ficavam privados do seu poder, mas exerciam-no segundo a vontade de Artur. E a vontade de Artur decretou que Bedwin ficaria para servir de árbitro nas disputas dentro do reino, Gereint guardaria a fronteira saxônica enquanto Artur ia para Norte para enfrentar as forças de *Powys*. Eu sabia, e talvez Bedwin também soubesse, que Artur depositava grandes esperanças na paz com o reino de

Gorfyddyd, mas até essa paz ser acordada ele continuaria a manter uma situação de guerra.

Um grande grupo partiu para Norte nessa tarde. Artur, com os seus dois guerreiros e o seu servo Hygwydd, seguiam na dianteira com Agrícola e os seus homens. Morgana, Ladwys e Lunete iam numa carroça enquanto eu ia a pé com Nimue. Lunete sujeitou-se a ir, completamente dominada pela fúria de Nimue.

Passamos a noite no Tor onde tive oportunidade de ver o bom trabalho que Gwlyddyn estava fazendo. A nova paliçada já estava pronta e uma nova torre estava sendo erguida sobre os alicerces da antiga.

Ralla estava grávida. Pellinore não me reconheceu, limitava-se a andar às voltas na sua jaula como se estivesse de guarda e rosnando ordens para lanceiros invisíveis. Druidan comia Ladwys com os olhos. Gudovan, o escriba, mostrou-me o túmulo de Hywel na parte norte do Tor, e depois levou Artur à capela do Espinheiro Sagrado onde Santa Norwenna estava enterrada ao lado da árvore milagrosa.

Na manhã seguinte despedi-me de Morgana e de Nimue. O Céu estava de novo azul, o vento era frio e eu segui rumo ao Norte com Artur.

Meu filho nasceu na Primavera. Morreu três dias depois. Durante vários dias depois disso via constantemente o seu pequeno rosto vermelho e enrugado e, com a lembrança, vinham-me as lágrimas aos olhos. Ele parecia saudável, mas uma manhã, suspenso pelas suas fraldas da parede da cozinha, para que nem os cães nem os porcos lhe chegassem, morreu. Tal como eu, Lunete chorou, mas também me culpou pela morte do seu bebê, dizendo que o ar de *Corinium* era pestilento, embora ela até

se desse bem na cidade. Gostava dos edifícios romanos, muito limpos, e da sua pequena casa de tijolos numa rua pavimentada

com pedras. Deu início a uma inverossímil amizade com Ailleann, a amante de Artur, e com os gêmeos dela, Amhar e Loholt. Eu gostava muito de Ailleann, mas os dois rapazes eram uns verdadeiros demônios. Artur fazia-lhes todas as vontades, talvez porque se sentisse culpado por eles, tal como ele próprio, não serem filhos legítimos, nascidos para herdar, mas apenas filhos bastardos que teriam de singrar na vida a pulso num mundo muito cruel.

Nunca os vi receber nenhuma disciplina, exceto uma vez em que os encontrei arrancando os olhos de um cachorrinho com uma faca e lhes bati com força. O

cachorrinho ficou cego e eu, por clemência, abati-o rapidamente. Artur compreendeu o meu gesto, mas disse que não me competia bater nos filhos dele. Os seus guerreiros aplaudiram-me e acho que Ailleann também aprovou.

Ela era uma mulher triste. Sabia que os seus dias como companheira de Artur estavam contados, pois o seu homem tornara-se o governante efetivo do reino mais forte da Grã-Bretanha e precisava casar com uma noiva que servisse de apoio ao poder agora conseguido. Eu sabia que essa noiva era Ceinwyn, a estrela e princesa de *Powys*, e suspeitava que Ailleann também soubesse. Ela queria regressar a *Benoic*, mas Artur não permitiria que os seus preciosos filhos deixassem o país. Ailleann sabia que Artur nunca a deixaria passar fome, mas também não iria humilhar a sua real esposa mantendo a amante por perto. À medida que a Primavera cobria as árvores de folhas e espalhava flores pelas terras mais aumentava a tristeza dela.

Os Saxões atacaram na Primavera, mas Artur não foi para a guerra. O rei Melwas defendia a fronteira sul da sua capital Venta enquanto os grupos guerreiros do príncipe Gereint abandonavam *Durocbrivis* para enfrentar os grupos de soldados saxões do terrível rei Aelle.

Gereint passava por um mau bocado e Artur enviou-lhe reforços, mandando Sagramor com trinta cavaleiros, e a intervenção de Sagramor fez inclinar a balança para o nosso lado. Disseram-nos que os Saxões de Aelle acreditavam que o rosto negro de Sagramor fazia dele um monstro enviado do Reino das Trevas e eles não tinham feiticeiros nem espadas que lhe pudessem fazer frente. O Númida empurrou os homens de Aelle para tão longe que estabeleceu uma nova fronteira a um dia inteiro de caminho para lá da antiga fronteira e marcou os seus novos limites com uma fila de cabeças cortadas de saxões. Entrou muito dentro de *Lloegyr* e entregou-se à pilhagem, chegando a levar uma vez os seus cavaleiros até *Londres*, uma cidade que fora a maior de todas as cidades na Grã-Bretanha romana, mas que agora era a imagem da decadência por trás das muralhas em ruínas. Sagramor contou-nos que os bretões sobreviventes que a habitavam eram muito acanhados e lhe suplicaram que não perturbasse a frágil paz que tinham feito com os seus suberanos saxões. E nós continuávamos sem notícias de Merlim.

Em *Gwent* esperava-se que Gorfyddyd de *Powys* atacasse, mas não houve nenhum ataque. Em vez disso, um mensageiro partiu para sul da capital de Gorfyddyd, *Caer Sws*, e duas semanas mais tarde Artur partiu para Norte para se encontrar com o rei inimigo. Eu fui com ele. Era um dos doze guerreiros que marchavam com espadas, mas sem escudos nem lanças de guerra, íamos em missão de paz e Artur estava entusiasmado com essa perspectiva. Levamos Gundleus da *Silúria* conosco e, primeiro, marchamos para *Burrium*, a capital de Tewdric, que era uma cidade romana com muralhas, cheia de depósitos de armas e de fumaça, empestada do cheiro desagradável dos fornos dos ferreiros e, dali, fomos para Norte, acompanhados por Tewdric e os seus servidores. Agrícola estava defendendo a fronteira saxônica de *Gwent*, e Tewdric, tal como Artur, levava apenas uma mão-cheia de guardas, ainda que fosse acompanhado por três padres, entre eles Sansum, o pequeno padre de ar colérico e cabelo negro tonsurado a quem Nimue tinha dado a alcunha de *Lughtigern*, isto é, *Lorde Rato*.

Formávamos um colorido grupo. Os homens de Tewdríc usavam capas vermelhas por cima dos uniformes romanos enquanto Artur tinha equipado cada um dos seus guerreiros com capas novas de cor verde. Viajávamos sob quatro estandartes: o dragão de Mordred por *Dumnónia*, o urso de Artur, a raposa de Gundleus e o touro de Tewdríc. Ao lado de Gundleus cavalgava Ladwys, a única mulher do grupo. Ela estava de novo feliz e Gundleus parecia satisfeito por tê-la outra vez a seu lado. Ele ainda era prisioneiro, mas já voltara usando uma espada e cavalgava num lugar de honra, ao lado de Artur e de Tewdríc. Tewdríc ainda desconfiava de Gundleus, mas Artur tratava-o como a um velho amigo. Afinal, Gundleus fazia parte do seu plano de estabelecer a paz entre os Bretões, uma paz que permitiria a Artur virar as espadas e as lanças contra os Saxões.

Na fronteira de *Powys* fomos recebidos por uma escolta que viera nos homenagear. Foram espalhados juncos pelo chão e um bardo cantava a vitória de Artur sobre os Saxões no Vale do Cavalo Branco. O rei Gorfyddyd não tinha vindo nos receber, mas, em seu lugar, mandara Leodegan, o rei de *Henis Wyren*, cujas terras lhe tinham sido usurpadas pelos Irlandeses e que era agora um eLivros na corte de Gorfyddyd. Leodegan fora escolhido, porque a sua linha de soldados nos prestava honras, apesar de ser um toleirão bem conhecido. Era um homem extraordinariamente alto, muito magro e com um pescoço comprido, cabelo negro muito fino e uma boca caída. Não conseguia ficar quieto. Passava o tempo andando de um lado para o outro aos sacões, piscando os olhos, coçando-se e fazendo barulho.

- O rei pretendia para vir - disse-nos ele, - na realidade, mas não pôde.

Entendem? Mas, de qualquer forma, saudações de Gorfyddyd.

Olhou com inveja, quando Tewdríc compensou o bardo com ouro. Depois soubemos que Leodegan era um homem muito empobrecido e passava a maior parte dos seus dias tentando compensar os

grandes prejuízos que lhe tinham sido infligidos quando Diwrnach, o conquistador irlandês, tomou conta das suas terras.

- Vamos lá? Há alojamento em... - Leodegan fez uma pausa. - Valha-me Deus, esqueci-me, mas o comandante da guarda sabe. Onde está ele? Ali. Qual é

mesmo o nome dele? Bem, não interessa, havemos de chegar lá.

A bandeira da águia de *Powys* e o estandarte de Leodegan, com um veado, juntaram-se aos nossos. Seguimos por uma estrada romana que atravessava direto uma bela região, a mesma região que Artur deixara devastada no Outono passado, se bem que só Leodegan tivesse a falta de tato para mencionar essa campanha.

- É claro que já estive aqui - disse ele a Artur.

Leodegan não tinha cavalo e por isso foi obrigado a seguir apeado ao lado do grupo real.

Artur franziu as sobrancelhas.

- Não sei bem se conheço estas terras - disse, diplomaticamente.

- É claro que conhece, é claro que sim. Não se lembra? A fazenda queimando?

Foi obra sua! - Leodegan sorriu para Artur. - Eles o subestimaram, não foi? E foi isso mesmo que eu disse a Gorfyddyd, na cara dele. O jovem Artur é bom, disse-lhe eu, mas Gorfyddyd não é homem de dar ouvidos ao bom senso. Lutador, sim, mas pensador, não. O filho é melhor, penso eu. Cuneglas é definitivamente melhor. Eu tinha esperanças de que o jovem Cuneglas casasse com uma das minhas filhas, mas Gorfyddyd nem quer ouvir falar disso. Não interessa.

Tropeçou num tufo de erva. A estrada, tal como a Estrada de Fosse perto de *Ynys Wydryn*, elevava-se em talude para que a água da

superfície escorresse para as valas que a ladeavam, mas os anos tinham enchido as valas e espalhado terra pelas pedras da estrada, que estavam agora cheias de ervas. Leodegan insistia em referir outros lugares que Artur deixara devastados, mas depois de algum tempo desistiu de tentar provocar alguma reação e deixou-se ficar para trás, para onde nós, os guardas, caminhávamos atrás dos três padres de Tewdric. Leodegan tentou falar com Agravain, o comandante da guarda de Artur, mas Agravain estava de mau humor e Leodegan finalmente decidiu que eu era o mais simpático do séquito de Artur e, por isso, começou avidamente a fazer-me perguntas sobre a nobreza de *Dumnónia*. Estava tentando descobrir quem era e quem não era casado.

- Então é o príncipe Gereint? É casado? É?

- É sim, meu Senhor.

- E ela tem de boa saúde?

- Que eu saiba, sim.

- E o rei Melwas? Tem rainha?

- Morreu, meu Senhor.

- Ah! Animou-se imediatamente. É que eu tenho filhas, sabe? - explicou ele muito sério. - Duas filhas, e as filhas têm de casar, não têm? Filhas não casadas não servem para nada. Bem, para dizer a verdade, uma das minhas duas flores vai casar.

Guinevere já está apalavrada. Vai casar com Valerin. Conhece Valerin?

- Não, meu Senhor.

- Um bom homem, um bom homem, um bom homem, deveras, mas sem... fez uma pausa, escolhendo a palavra certa. Sem riqueza!

Não tem terras que se vejam, entende? Uns pedacinhos de terra insignificantes a Oeste, penso eu, mas sem dinheiro que valha a pena contar. Não tem rendas, não tem ouro e um homem não vai longe sem rendas e sem ouro. E Guinevere é uma princesa! E depois há a Gwenhwyvach, a irmã, e essa não tem mesmo nenhum casamento à vista. Vive às custas da minha bolsa e os Deuses sabem que ela já está magra demais. Mas Melwas tem uma cama vazia, não é? É uma idéia! No entanto, é uma pena não poder ser Cuneglas.

- Porquê, Senhor?

- Ele parece não querer casar com nenhuma das meninas! - disse Leodegan, com indignação. - Sugeri ao pai dele. Uma sólida aliança, disse eu, juntando os dois reinos, um arranjo ideal! Mas não. Cuneglas está com os olhos postos em Helledd de Elmet e Artur, segundo ouvimos dizer, vai casar com Ceinwyn.

- Não sei, meu Senhor - disse eu, com um ar inocente.

- Ceinwyn é uma menina bonita! É sim senhor! Mas também o é a minha Guinevere, só que ela vai casar com Valerin. Valha-me Deus. Que desperdício! Nada de rendas, nem de ouro, nem de dinheiro, nada a não ser um pasto ensopado e uma mão-cheia de vacas doentes. Ela não vai gostar disso. Ela gosta das suas comodidades, a Guinevere gosta mesmo das suas comodidades, mas Valerin não sabe o que isso significa! Que eu saiba, vive numa cabana de porcos. Mesmo assim, é

um chefe. Lembre-se que quanto mais for para o interior de *Powys* mais homens vai encontrar que se autodenominam chefes. Suspirou. Mas ela é uma princesa! Pensei que um dos rapazes de Cadwallon de Gwynedd pudesse casar com ela, mas Cadwallon é um tipo esquisito. Nunca gostou muito de mim. Nem me ajudou quando vieram os Irlandeses.

Ficou em silêncio matutando naquela grande injustiça. Já tínhamos andado o bastante para Norte para os nomes das pessoas e das terras serem desconhecidos.

Em *Dumnónia* estávamos rodeados por *Gwent*, *Silúria*, *Kernow* e os Saxões, mas ali os homens falavam de *Gwynedd* e *Elmet*, de *Lleyn* e *Ynys Mon*. *Lleyn* fora outrora *Henis Wyren*, o reino de Leodegan, do qual *Ynys Mon*, a ilha de Mona, fizera parte.

Ambos eram agora governados por Diwrnach, um dos Lordes irlandeses de Além-Mar que estavam construindo reinos para si próprios na Grã-Bretanha. Imaginei que Leodegan devia ter sido presa fácil para um homem terrível como Diwrnach, conhecido pela sua crueldade. Até mesmo em *Dumnónia* tínhamos ouvido contar como ele pintava os escudos dos seus grupos de guerra com o sangue dos homens que matavam nas batalhas. Todos diziam que era melhor combater os Saxões do que apanhar Diwrnach pela frente.

Mas nós viajamos para *Caer Sws* para estabelecer a paz e não para falar de guerra. *Caer Sws* revelou-se uma pequena cidade lamacenta à volta de um grande forte romano, situada num vale plano e extenso ao lado de um profundo vau que atravessava o Severn, que ali era conhecido por rio Hafren. A verdadeira capital de *Powys* era *Caer Dolforwyn*, um monte aprazível que tinha no alto uma pedra real, mas *Caer Dolforwyn*, tal como *Caer Cadarn*, não tinha água nem espaço suficiente para acomodar o tribunal, a tesouraria, os depósitos de armas, as cozinhas e os armazéns de um reino. Assim, tal como os assuntos do dia-a-dia de *Dumnónia* eram conduzidos de *Lindinis*, também o governo de *Powys* funcionava a partir de *Caer Sws* e só em tempo de perigo ou de grandes festejos reais é que a corte de Gorfyddyd descia o rio e subia até ao cume do comando em *Caer Dolforwyn*.

Os edifícios romanos de *Caer Sws* tinham praticamente desaparecido, se bem que o salão de festas de Gorfyddyd tivesse

sido construído sobre os alicerces de um desses antigos edifícios. A sala tinha sido flanqueada com duas novas salas construídas especialmente para Artur e Tewdric. Gorfyddyd saudou-nos dentro da sua própria sala. O rei powysiano era um homem amargo cuja manga esquerda estava suspensa e vazia graças à *Excalibur*. Era um homem de meia-idade, de constituição forte e com um rosto desconfiado e uns olhos pequenos que não mostravam qualquer cordialidade, quando abraçou Tewdric e resmungou relutante as boas-vindas.

Avançou carrancudo e silencioso enquanto Artur, que não era rei, se ajoelhava perante ele. Os seus chefes e guerreiros tinham todos grandes bigodes entrançados e pesadas capas pingando, devido à chuva que caía durante todo o dia. A sala cheirava a cães molhados. Não havia mulheres presentes, exceto duas escravas que carregavam jarros com hidromel com que Gorfyddyd enchia muitas vezes o copo de chifre. Mais tarde soubemos que ele se começara a embriagar nas longas semanas que se seguiram a ter perdido o braço graças à *Excalibur*, semanas durante as quais tinha estado com febre, muita gente duvidando que sobrevivesse. O hidromel fermentara até ficar espesso e forte e o seu efeito fora transferir o poder de *Powys* do irritado e confuso Gorfyddyd para os ombros do seu filho Cuneglas, o Príncipe Herdeiro de *Powys*.

Cuneglas era um jovem com um rosto redondo e esperto e com longos bigodes pretos. Ria com facilidade, era descontraído e amável. Era óbvio que ele e Artur eram almas gêmeas. Durante três dias caçaram veados nas montanhas e à noite divertiam-se e ouviam os bardos. Havia poucos cristãos em *Powys*, mas assim que Cuneglas soube que Tewdric era cristão transformou um armazém numa igreja e convidou os padres para pregar. Até o próprio Cuneglas ouviu um dos sermões, se bem que mais tarde tenha abanado a cabeça e dito que preferia os seus próprios Deuses. O rei Gorfyddyd disse que a igreja era um disparate, mas não proibiu o filho de honrar a religião de Tewdric. No entanto Gorfyddyd teve o

cuidado de mandar os seus druidas rodear a igreja provisória com feitiçarias.

- Gorfyddyd não está totalmente convencido de que pretendamos manter a paz - avisou-nos Artur na segunda noite. - Mas Cuneglas convenceu-o. Por isso, pelo amor de Deus, mantenham-se sóbrios, mantenham as espadas embainhadas e não provoquem confusões. Uma faísca que seja e Gorfyddyd nos expulsa imediatamente e volta a entrar em guerra.

No quarto dia o conselho de *Powys* reuniu-se no grande salão. A principal questão do dia era estabelecer a paz, e isso, apesar das reservas de Gorfyddyd, foi feito rapidamente. O rei powysiano sentou-se desleixadamente na cadeira e observou o filho fazer a declaração pública. Cuneglas disse que *Powys*, *Gwent* e *Dumnónia* seriam aliados, uns sangue dos outros, e um ataque a um desses países seria interpretado como um ataque aos outros dois. Gorfyddyd assentiu com a cabeça, apesar de o ter feito sem entusiasmo. Cuneglas continuou dizendo que melhor ainda seria quando ele próprio casasse com Helledd de Elmet, pois também Elmet se juntaria ao pacto e os Saxões ficariam cercados por uma frente de reinos britânicos unidos. A aliança era a grande vantagem que Gorfyddyd recebia por fazer a paz com *Dumnónia*, seria a oportunidade de combater os Saxões, e o preço de Gorfyddyd por essa paz era o reconhecimento de que *Powys* seria o país a liderar essa guerra.

- Ele quer ser Rei Supremo - disse-nos Agravain, rosnando do fundo da sala.

Gorfyddyd também exigiu a reintegração de seu primo, Gundleus da *Silúria*.

Tewdric, que sofrera mais do que qualquer outro os ataques da *Silúria*, estava relutante em deixar Gundleus ocupar de novo o seu trono e nós, os de *Dumnónia*, não queríamos perdoá-lo pelo

assassinato de Norwenna, e eu odiava esse homem pelo que ele tinha feito a Nimue, mas Artur persuadira-nos de que a libertação de Gundleus era um preço bastante razoável a pagar pela paz e, então, o traiçoeiro Gundleus foi devidamente reabilitado. Gorfyddyd podia ter parecido relutante em concluir o tratado, mas deve ter sido persuadido das suas vantagens, pois estava disposto a pagar o preço mais alto de todos pela conclusão com sucesso do mesmo.

Estava disposto a deixar a sua filha Ceinwyn, a estrela de *Powys*, casar com Artur. Gorfyddyd era um homem amargo, desconfiado e severo, mas amava a sua filha de dezessete anos e dedicava-lhe todos os restos de afeto e simpatia que ainda sobravam na sua alma. O fato de estar disposto a deixá-la casar com Artur, que não era rei nem sequer possuía o título de príncipe, era prova da convicção de Gorfyddyd de que os seus guerreiros tinham de deixar de combater os guerreiros bretões. Os esponsais eram também prova de que Gorfyddyd, tal como o seu filho Cuneglas, reconhecia que Artur representava o verdadeiro poder em *Dumnónia* e, por isso, no grande banquete que se seguiu ao conselho, Ceinwyn e Artur foram formalmente prometidos em casamento.

A cerimônia dos esponsais foi considerada suficientemente importante para fazer toda a assembléia mudar-se de *Caer Sws* para um salão de festas mais auspicioso de *Caer Dolforwyn*, a que fora dado o nome de Dolforwyn, um prado no sopé do monte que, bastante apropriadamente, significava o Prado da Donzela.

Chegamos ao pôr do Sol, quando o cume do monte se cobria do fumaça das grandes fogueiras onde eram assados veados e porcos. Ao longe e abaixo de nós, o Severn prateado serpenteava pelo vale, enquanto para Norte as cordilheiras dos grandes montes se estendiam obscuras até Gwynedd, onde começava já a escurecer.

Disseram-nos que num dia claro se podia ver *Cadair Idris* do topo de *Caer Dolforwyn*, mas nessa noite o horizonte estava enevoadado devido à chuva distante. A parte mais baixa das encostas estava

coberta de grandes carvalhos de entre os quais saiu um par de papagaios vermelhos, quando o Sol pintou de escarlate as nuvens a Oeste.

Todos concordamos que ver os dois pássaros voando tão tarde no dia quase terminando era um bom presságio para o que estava para acontecer. Dentro do salão os bardos cantavam a história de Hafren, a donzela que dera o nome a Dolforwyn e que se tinha transformado numa deusa quando a madrasta a tentara afogar no rio que corria no sopé do monte. E os cantares prolongaram-se até o Sol se esconder.

Os esponsais foram realizados à noite, para que a Deusa Lua abençoasse o par. Artur preparou-se para a cerimônia primeiro, deixando a sala durante uma hora antes de regressar em toda a sua glória. Até os guerreiros mais endurecidos ficaram boquiabertos quando ele reentrou na sala, pois trazia a sua armadura completa. A cota de escamas, com as placas de ouro e prata, brilhava com a luz das chamas e as penas de ganso no alto do seu grande elmo com prata embutida, que parecia a cabeça de um morto, roçaram nas vigas do telhado quando ele atravessou a passos largos o corredor central. O seu escudo recoberto de prata ofuscava com a luz que refletia enquanto a capa branca varria o chão atrás de si. Os homens não deviam levar armas para um salão de festa, mas, nessa noite, Artur decidiu usar a *Excalibur* e dirigiu-se com passos imponentes à mesa de honra como um conquistador que vai estabelecer a paz, e até Gorfyddyd de *Powys* abriu a boca de admiração à medida que o seu antigo inimigo avançava em direção ao estrado. Até então Artur tinha sido um pacificador, mas nessa noite queria recordar ao seu futuro sogro o poder que detinha.

Ceinwyn entrou na sala alguns momentos mais tarde. Desde a nossa chegada a *Caer Sws* ela estivera escondida nos aposentos das mulheres e aquele retiro tinha apenas aumentado a expectativa entre os que nunca tinham visto a filha de Gorfyddyd. Confesso que a maioria esperava ficar desapontado com a estrela de *Powys*, mas,

na verdade, ela brilhava mais do que qualquer estrela. Entrou na sala com as suas aias e, ao ver a princesa, os homens ficaram sem fôlego. Até eu fiquei.

Tinha uma tez clara, mais comum entre os Saxões, mas em Ceinwyn essa brancura transformava-se numa beleza pálida e delicada. Parecia muito nova, com um rosto tímido e uma maneira reservada. Usava uma túnica de linho tingida de amarelo dourado com goma de abelha e o vestido tinha estrelas brancas bordadas à volta do pescoço e da bainha. O cabelo cor de ouro era tão claro que parecia brilhar tanto como a armadura de Artur. E era tão magra, que Agravain, sentado ao meu lado no chão do salão, comentou que ela não prestaria para ter filhos.

- Qualquer bebê aceitável morreria ao tentar passar com esforço por aquelas ancas - disse ele amargamente; mesmo assim tive pena de Ailleann que, com certeza, tinha esperanças de que a mulher de Artur nada mais fosse do que uma conveniência dinástica.

A Lua pairava alto sobre o cume de *Caer Dolforwyn* enquanto Ceinwyn caminhava lenta e envergonhadamente em direção a Artur. Nas mãos trazia um cabresto, o presente que trouxe para o seu futuro marido como símbolo de que passava da autoridade do pai para a dele. Artur atrapalhou-se e quase deixou cair o cabresto, quando Ceinwyn o deu, e esse era certamente um mau presságio, mas todos, inclusive Gorfyddyd, riram desse momento e, depois, Iorweth, o druida de *Powys*, prometeu formalmente o casal em casamento.

As tochas tremeluziram quando as mãos de ambos foram unidas e cingidas por uma corrente de erva entrelaçada com nós. O rosto de Artur estava escondido atrás do elmo cinza-prateado, mas Ceinwyn, a doce Ceinwyn, parecia transbordante de alegria! O druida deu a sua bênção invocando *Gwydion*, o Deus da Luz e *Aranrhod*, a Deusa Dourada da Madrugada, para que estas fossem as divindades especiais de Artur e Ceinwyn e para abençoar toda a

Grã-Bretanha com a sua paz. Havia um harpista tocando, homens aplaudindo e Ceinwyn, a amorosa Ceinwyn de prata, chorava e ria ao mesmo tempo, tal era a alegria que lhe invadia a alma. Nessa noite apaixonei-me por Ceinwyn. Foram muitos os homens que se apaixonaram. Ela parecia extraordinariamente feliz, e não era de admirar, pois com Artur escapava do pesadelo de todas as princesas, que era casar pelo seu país em vez de casar pelo seu coração.

Uma princesa teria de dormir com um velho gordo e malcheiroso se isso assegurasse uma fronteira ou estabelecesse uma aliança, mas Ceinwyn encontrara Artur e, sem dúvida nenhuma, ela viu na juventude e na simpatia dele a cura para os seus medos.

Leodegan, o rei eLivros de *Henis Wyren*, chegou ao salão no clímax da cerimônia. O rei eLivros não tinha estado conosco desde o dia em que chegáramos, tendo, em vez disso, ido para a sua própria casa a norte de *Caer Sws*. Agora, ávido por compartilhar da generosidade que sempre se seguia a uma cerimônia de esponsais, ficou no fundo da sala e juntou-se ao aplauso que felicitava a distribuição do ouro e da prata de Artur. Artur conseguira também a permissão do conselho de *Dumnónia* para trazer o equipamento de guerra de Gorfyddyd que capturara no ano anterior, mas esse tesouro fora devolvido em privado, pois nenhum dos presentes precisava se lembrar da derrota powysiana.

Depois dos presentes terem sido oferecidos, Artur tirou o elmo e sentou-se ao lado de Ceinwyn. Falou com ela, inclinando-se para ficar mais perto, tal como sempre fazia, para que ela se sentisse, sem sombra de dúvida, a pessoa mais importante em todo o firmamento. Na verdade, ela tinha o direito de se sentir assim. Muitos de nós ali presentes tínhamos inveja de um amor assim, que parecia tão perfeito, e até mesmo Gorfyddyd, que devia ter-se sentido relutante em perder a filha para um homem que o tinha combatido e aleijado, parecia feliz com a alegria de Ceinwyn.

Mas foi nessa noite feliz, em que a paz tinha finalmente chegado, que Artur separou a Grã-Bretanha.

Nenhum de nós sabia ainda. A distribuição dos presentes dos esponsais foi seguida de cantares e libações. Assistimos a malabarismos, ouvimos o bardo real de Gorfyddyd e berramos as nossas próprias canções. Um dos nossos homens esqueceu-se do aviso de Artur e envolveu-se numa luta com um guerreiro powysiano.

Os dois bêbados foram arrastados para fora do salão, levaram um banho de água gelada e meia hora mais tarde estavam agarrados um ao outro jurando amizade eterna. A certa altura, quando as fogueiras crepitavam alto e a bebida fluía veloz, vi Artur olhar fixamente para o fundo da sala e, curioso, virei-me para ver o que atraía o seu olhar.

Virei-me e vi uma jovem de pé, com a cabeça e os ombros acima da multidão e com um corajoso olhar de desafio estampado no rosto. Esse olhar parecia dizer: se conseguir me dominar, então conseguirá dominar tudo o que existe neste mundo perverso. Parece que ainda a vejo, de pé, entre os seus galgos escoceses que tinham o mesmo corpo magro e esguio, o mesmo nariz comprido e os mesmos olhos caçadores da sua dona. Ela tinha olhos verdes com laivos de crueldade bem no fundo.

Não tinha um rosto delicado, como também não era delicado o seu corpo. Era uma mulher de linhas fortes e bem pronunciadas, o que tornava o seu rosto belo, mas duro, muito duro. O que a fazia bonita era o cabelo e o porte, pois caminhava reta como uma lança e o cabelo caía-lhe sobre os ombros numa cascata de madeixas ruivas.

Aquele cabelo ruivo suavizava-lhe o olhar enquanto a sua risada apanhava os homens tal como o salmão era apanhado nas armadilhas dos cestos. Havia muitas mulheres bonitas e milhares bem mais bonitas, mas duvido que, desde a criação do Mundo,

tenha havido muitas tão inesquecíveis como Guinevere, a filha mais velha de Leodegan, o rei e Livros de *Henis Wyren*.

E teria sido bem melhor, como Merlim sempre dizia, que ela tivesse sido afogada no nascimento.

O grupo real foi caçar veados no dia seguinte. Os galgos de Guinevere abateram um jovem veado ainda sem chifres, se bem que quem ouvisse Artur elogiando os cães pudesse pensar que eles tinham caçado o próprio Veado Selvagem de Dyfed.

Os bardos cantavam o amor, e homens e mulheres ansiavam por ele, mas ninguém sabe o que é o amor até ao momento em que, como uma espada atirada do escuro, ele nos atinge. Artur, por mais que tentasse, não conseguia tirar os olhos de Guinevere. Nos dias que se seguiram à festa dos esponsais, quando já tínhamos voltado a *Caer Sws*, ele passeava e falava com Ceinwyn, mas mal podia esperar para ver Guinevere e ela, sabendo exatamente o jogo que estava fazendo, atormentava-o.

O prometido dela, Valerin, estava na corte e ela andava de braço dado com ele, rindo, mas depois olhava de soslaio, timidamente, para Artur, para quem o mundo parava subitamente de girar. Ele ansiava por Guinevere.

Teria feito diferença se Bedwin tivesse estado lá? Penso que não. Nem sequer Merlim poderia ter evitado o que aconteceu. Tentar seria o mesmo que chamar a chuva de volta às nuvens ou ordenar a um rio que corresse de novo para a sua nascente.

Na segunda noite após a festa, Guinevere, veio às escuras até aos aposentos de Artur e eu, que estava de guarda, ouvi o som dos risos e o murmúrio da conversa deles. Conversaram durante toda a noite e talvez tenham feito mais do que apenas falar não sei, mas conversar, conversaram, e isso eu sei bem, porque estava à porta do aposento e não podia deixar de ouvi-los. Às vezes falavam baixo demais, mas outras vezes eu ouvia Artur explicar, adular, pedir e

insistir. Devem ter falado de amor, mas isso eu não ouvi. O que ouvi foi Artur falando da Grã-Bretanha e do sonho que o fizera atravessar o mar e o trouxera da *Armórica*. Falou dos Saxões, dizendo que eles eram uma praga que tinha ser exterminada se aquela terra algum dia quisesse ser feliz. Falou da guerra e da alegria tremenda que era montar num cavalo com armadura numa batalha. Falava como me falara nas muralhas geladas de *Caer Cadarn*, descrevendo uma terra em paz onde as pessoas não temessem a vinda de lanceiros pela madrugada. Falava apaixonada e insistentemente. Guinevere escutava-o com prazer e garantia-lhe que o seu sonho era inspirado. Artur tecia um futuro a partir do seu sonho e Guinevere era uma parte muito importante do fio que usava para o tecer.

Pobre Ceinwyn! Tinha apenas a sua beleza e a sua juventude, ao passo que Guinevere descobrira a solidão da alma de Artur e prometia curá-lo. Partiu antes do amanhecer, deslizando a sua sombra por *Caer Sws* com uma lua em forma de foice agarrada ao cabelo solto.

No dia seguinte, Artur, cheio de remorsos, foi passear com Ceinwyn e o irmão.

Nesse dia, Guinevere usava um novo e pesado colar de ouro e alguns de nós sentimos pena de Ceinwyn, mas Ceinwyn era quase uma criança e Guinevere uma mulher, e Artur não sabia o que fazer.

Aquele amor era uma loucura. Uma loucura como a de Pellinore. Uma loucura suficiente para condenar Artur à ilha dos Mortos. Tudo se varreu da mente de Artur: a Grã-Bretanha, os Saxões, a nova aliança, toda aquela grande, melindrosa e equilibrada estrutura de paz pela qual tinha trabalhado desde que chegara da *Armórica* entrava agora num redemoinho de destruição pela posse daquela princesa de cabelo ruivo sem terras e sem dinheiro. Sabia o que estava fazendo, mas não conseguia evitá-lo, tal como não conseguia evitar que o Sol nascesse. Estava completamente endemoninhado: pensava nela, falava dela, sonhava com ela, não

conseguia viver sem ela. No entanto, de alguma forma, mas com muita angústia, mantinha a farsa do seu noivado com Ceinwyn. Os preparativos para o casamento estavam sendo feitos. Como símbolo do contributo de Tewdric para o tratado de paz, o casamento devia ser celebrado em *Glevum* e Artur viajaria para lá mais cedo, para preparar tudo. O casamento não podia ter lugar até a Lua aumentar de tamanho.

Agora estava diminuindo e não se podia arriscar nenhum casamento num tempo de tão maus presságios; mas dentro de duas semanas os augúrios seriam bons e Ceinwyn iria para Sul com flores no cabelo.

Mas era o cabelo de Guinevere que Artur usava em redor do pescoço. Era uma trança estreita de cabelo ruivo que ele escondia por dentro da gola, mas que eu vi numa manhã em que lhe fui levar água. Estava de tronco nu afiando a navalha de barbear numa pedra e encolheu os ombros quando viu que eu reparara na trança.

- Acha que o cabelo ruivo traz má sorte, Derfel? - perguntou-me ao ver a minha expressão.

- Todos dizem que sim, meu Senhor.

- Mas será que todos tem razão? - perguntou virado para o espelho de bronze.

- Para endurecer a lâmina de uma espada, Derfel, não se mergulha na água, mas sim na urina de um rapaz de cabelo ruivo. E isso deve trazer sorte, não deve. E se o cabelo ruivo der má sorte? - Fez uma pausa, cuspiu na pedra e manejou a navalha para trás e para a frente. - A nossa tarefa, Derfel, é mudar as coisas, não deixá-las ficar como estão. Por que razão não havemos de fazer que o cabelo ruivo passe a significar boa sorte.

- O senhor pode fazer qualquer coisa. - Ele suspirou.

- Espero que tenha razão , Derfel. Espero que tenha razão. - Olhou com atenção para o espelho, depois estremeceu ao encostar a lâmina na bochecha. - A paz é mais que um casamento, Derfel. Tem de ser! Não se entra em guerra por causa de uma princesa. Se a paz é tão desejada, e é mesmo muito desejada, então não se abandona a paz só porque não se realiza um casamento, não é?

- Não sei, meu Senhor - disse eu.

Eu só sabia que o meu amo estava ensaiando alguns argumentos mentalmente, repetindo-os vezes sem conta até acreditar neles. Estava louco de amor, tão louco que o norte era sul e o calor era frio. Para mim, aquele era um Artur que eu nunca tinha visto, um homem de paixões e, atrevo-me a dizer, de grande egoísmo.

Artur subira tão rapidamente! É verdade que nascera com o sangue de um rei nas veias, mas não lhe fora dado o seu patrimônio e por isso considerava que todos os seus sucessos se deviam só a ele. Orgulhava-se disso e estava convencido de que, devido a esses sucessos, sabia mais do que qualquer outro homem, exceto talvez Merlim, e porque esses conhecimentos eram muitas vezes o que outros homens desejavam incoerentemente, as suas ambições egoístas eram outras tantas vezes consideradas nobres e com grande amplitude de visão, mas em *Caer Sws* as suas ambições chocaram com o que outros homens queriam.

Deixei-o barbeando-se e saí, para o Sol acabado de nascer, onde Agravain estava afiando uma lança.

- Então? - perguntou-me ele.

- Ele não vai casar com Ceinwyn - disse eu.

Onde estávamos não podíamos ser ouvidos dentro dos aposentos, mas mesmo que estivéssemos mais perto Artur não nos teria ouvido. Estava cantando.

Agravain cuspiu para no chão.

- Ele vai casar com quem disseram que ele devia casar - disse ele e, depois, atirou a lança para a erva com a ponta para baixo e encaminhou-se com passos imponentes na direção dos aposentos de Tewdric.

Eu não sabia se Gorfyddyd e Cuneglas sabiam o que se estava acontecendo com Artur, pois eles não estavam, como nós, em contato permanente com Artur. Se Gorfyddyd suspeitasse, pensaria provavelmente que não era caso para preocupação.

Sem dúvida acreditava, se é que acreditava em alguma coisa, que Artur tomaria Guinevere como amante e Ceinwyn como esposa. É claro que era falta de educação chegar a tal acordo na semana dos esponsais, mas a má educação nunca preocupara Gorfyddyd de *Powys*. Ele próprio não tinha educação nenhuma e sabia, tal como todos os reis sabem, que as mulheres servem para constituir dinastias e que as amantes servem para dar prazer. A sua mulher tinha morrido há muito, mas uma sucessão de escravas mantinha a sua cama quente e, para ele, a empobrecida Guinevere nunca seria muito mais do que uma escrava e, por isso, não constituía qualquer ameaça para a sua amada filha. Cuneglas era mais perspicaz e tenho certeza que esse pressentira problemas, mas tinha investido todas as suas energias nesta nova paz e devia ter esperanças de que a obsessão de Artur por Guinevere se dissipasse como uma tempestade de Verão. Ou talvez nem Gorfyddyd nem Cuneglas suspeitassem de nada, pois não tinham mandado Guinevere embora de *Caer Sws*, se bem que isso, e os Deuses sabem-no bem, não tivesse servido para nada. Agravain pensava que esta loucura passaria. Disse-me que uma vez Artur estivera assim obcecado.

- Era uma menina de *Ynys Trebes* - disse-me Agravain - não me lembro do nome. Mella? Messa? Qualquer coisa assim. Uma

coisinha muito linda. Artur ficou embasbacado, arrastando-se atrás dela como um cão atrás de uma carreta funerária.

Mas lembre-se, nessa época ele era um jovem, tão jovem que o pai dela considerava que ele nunca faria alguma coisa que se visse e mandou a sua Mella-Messa para *Broceliande*, casando-a rapidamente com um magistrado cinquenta anos mais velho do que ela. Ela morreu ao dar à luz, mas então Artur já a tinha esquecido. E essas coisas passam, Derfel. Tewdric vai enfiar algum juízo na cabeça de Artur, vai ver.

Tewdric passou toda a manhã fechado com Artur e eu pensei que talvez ele tivesse conseguido meter algum bom senso na cabeça do meu amo, pois Artur parecia recuperado durante o resto do dia. Não olhou nem uma só vez para Guinevere e obrigou-se a ser atencioso para com Ceinwyn e, nessa noite, talvez para agradar a Tewdric, ele e Ceinwyn foram ouvir o sermão de Sansum na pequena igreja provisória.

Pensei que Artur tivesse gostado do sermão do Lorde *Rato*, pois convidou Sansum a ir aos seus aposentos mais tarde e esteve fechado com o padre durante muito tempo.

Na manhã seguinte, Artur apareceu com um rosto duro e severo e anunciou que partiríamos todos nessa mesma manhã. Na verdade, nessa mesma hora. O

combinado era partirmos apenas dentro de dois dias e Gorfyddyd, Cuneglas e Ceinwyn devem ter ficado surpresos, mas Artur convenceu-os de que precisava de mais tempo para preparar o casamento e Gorfyddyd aceitou a desculpa sem reparos.

Cuneglas deve ter pensado que Artur ia embora mais cedo para se afastar da tentação de Guinevere e, por isso, também não protestou. Ordenou até que preparassem pão, queijo, mel e hidromel para a viagem. Ceinwyn, a bela Ceinwyn, despediu-se começando por nós, os guardas. Estávamos todos apaixonados por

ela, o que nos fez sentir remorsos pela loucura de Artur, se bem que muito poucos pudessem fazer alguma coisa para o evitar. Ceinwyn deu a cada um de nós um pequeno presente de ouro e cada um de nós tentou recusar o presente, mas ela insistiu. A mim deu um pregador com desenhos entrelaçados, que eu tentei devolver, mas ela limitou-se a sorrir e cruzou-me os dedos sobre o ouro.

- Tenha cuidado, Senhor - disse ela, muito séria.

- E a Senhora também - respondi fervorosamente.

Ela sorriu e dirigiu-se a Artur, presenteando-o com um pequeno ramo de botões de pilriteiro que lhe proporcionaria uma viagem rápida e segura. Artur prendeu os botões ao cinto da espada e beijou a mão da sua prometida antes de subir para o dorso de *Llamrei*. Cuneglas queria mandar guardas para nos escoltar, mas Artur recusou essa honra.

- Deixe-nos partir, Senhor - disse ele - o mais rápido possível para preparar a nossa felicidade.

Ceinwyn ficou contente com as palavras de Artur e Cuneglas, sempre atencioso, ordenou que abrissem os portões. Artur, como um homem libertado de uma prova difícil, fez *Llamrei* galopar como um louco, saindo de *Caer Sws* e atravessando o profundo vau do Severn. Nós os guardas, que seguíamos a pé, encontramos um ramo de pilriteiro caído na margem mais distante do rio. Agravain apanhou o ramo para que Ceinwyn não o encontrasse.

Sansum veio conosco. A sua presença não foi explicada, ainda que Agravain supusesse que Tewdric dera ordens ao padre para aconselhar Artur a dominar a sua loucura, uma loucura que todos rezávamos para que passasse. Estávamos, porém, muito enganados. A loucura tornara-se irremediável no momento em que Artur olhara para o fundo da sala de *Gorfyddyd* e vira o cabelo ruivo de Guinevere. Sagramor costumava contar-nos uma história antiga sobre uma batalha no velho mundo, uma batalha numa grande

cidade de torres, palácios e templos e, o mais triste, é que essa batalha começara por causa de uma mulher e, por essa mulher, dez mil guerreiros com armaduras de bronze morreram no meio do pó.

Afinal a história não era assim tão antiga.

Pois tinham-se passado apenas duas horas desde que deixáramos *Caer Sws*, quando, numa área coberta apenas por bosques, onde não existiam casas, mas apenas montes escarpados, cursos de água muito rápidos e árvores enormes, encontramos Leodegan de *Henis Wyren* à nossa espera ao lado da vereda. Sem uma palavra, levou-nos por um caminho que descia serpenteante por entre as raízes dos grandes carvalhos até uma clareira ao lado de um lago formado pelo dique construído por um castor. Os bosques estavam carregados de mercuriais vivazes e lírios enquanto as últimas campainhas dançavam tremeluzentes nas sombras. A luz do sol iluminava a erva por entre a qual cresciam primaveras, jarros e violetas e onde, com um brilho mais intenso do que qualquer flor, Guinevere esperava, vestida com uma túnica de linho creme. Tinha primaveras entrançadas nos cabelos ruivos. Usava o colar de ouro de Artur, pulseiras de prata e uma capa curta de lã lilás. Só vê-la deixava qualquer homem sem fôlego. Agravain praguejou em voz baixa.

Artur desmontou e correu para Guinevere. Tomou-a nos braços e nós a ouvimos rir enquanto ele a fazia rodopiar no ar.

- As flores! - gritou ela, levando uma mão à cabeça. Artur pousou-a no chão devagar e, depois, ajoelhou-se para lhe beijar a bainha da túnica.

Em seguida levantou-se, virando-se.

- Sansum!

- Senhor?

- Podeis nos casar agora.

Sansum recusou-se. Cruzou os braços sobre a túnica preta e imunda e empinou o rosto de rato teimoso.

- O senhor está prometido, meu Senhor - insistiu, nervoso.

Eu pensei que Sansum se mostrava uma pessoa nobre, mas, na verdade, tudo tinha sido combinado. Sansum não viera conosco por ordem de Tewdric, mas sim por ordem de Artur e agora o rosto de Artur era a imagem da fúria perante a mudança de opinião do padre.

- Mas nós combinamos! - disse Artur e, quando Sansum se limitou a sacudir com veemência a cabeça tonsurada, Artur tocou nos copos da *Excalibur*. - Posso arrancar-lhe a cabeça, padrecó.

- Os mártires são sempre feitos por tiranos, meu Senhor - disse Sansum, caindo de joelhos na erva florida e inclinando a cabeça para pôr à mostra a nuca imunda. - Estou chegando junto de ti, Senhor - berrou para a erva. - O Teu servo!

Chegando à Tua glória, e que para sempre seja louvado! Vejo os portões do céu abrindo-se! Vejo os anjos à minha espera! Recebe-me, Senhor Jesus, no teu peito abençoado! Estou chegando! Estou chegando!

- Cale-se e levante-se - disse Artur, já cansado daquela ladainha.

Sansum lançou a Artur um olhar manhoso, de soslaio.

- Não vai me dar a bem-aventurança do céu, Senhor?

- Ontem à noite - disse Artur - concordou em nos casar. Por que razão se recusa agora?

Sansum encolheu os ombros.

- Tive de lutar com a minha consciência, Senhor.

Artur entendeu onde ele queria chegar e suspirou.

- Então, qual é o teu preço, padre?

- Um bispado - disse Sansum apressadamente, levantando-se a custo

- Pensei que tinham um Papa que concedesse bispados - disse Artur. -

Simplicius? É esse o nome dele, não é?

- O sagrado e abençoado Simplicius, que Deus o tenha vivo e de perfeita saúde - concordou Sansum. - Mas, Senhor, se me der uma igreja e um trono nessa igreja as pessoas me chamarão de bispo.

- Uma igreja e uma cadeira? - perguntou Artur. - Nada mais?

- E a nomeação para ser o capelão do rei Mordred. Tenho de sê-lo. O seu capelão único e particular, entende? Com um rendimento do erário suficiente para eu ter o meu próprio administrador, o meu porteiro, o meu cozinheiro e um homem para acender as velas. - Sacudiu a erva da batina preta. - E uma lavadeira - acrescentou, apressado.

- É tudo? - perguntou Artur com sarcasmo.

- E um lugar no conselho de *Dumnónia* - disse ainda Sansum como se fosse uma coisa trivial. - Agora é tudo.

- Concedido - disse Artur displicentemente. - Então, o que é que temos de fazer para casar?

Enquanto aquelas negociações se consumavam, eu observava Guinevere. Havia um olhar de triunfo no seu rosto e não era para admirar, pois estava casando muito acima das expectativas do seu pobre pai. O seu pai que, com a boca descaída e tremendo, assistia

a tudo aquilo com um terror abjecto estampado no rosto, pois Sansum podia recusar-se a celebrar a cerimônia. Atrás de Leodegan estava uma menina atarracada que parecia ter a seu cargo o quarteto de galgos escoceses presos com trela de Guinevere e da pouca bagagem que a família real exilada possuía. A menina atarracada era Gwenhwyvach, a irmã mais nova de Guinevere. Também tinham um irmão, se bem que há muito se tivesse retirado para um mosteiro na costa mais bravia de *Strath Clota* onde eremitas cristãos muito estranhos competiam para ver quem deixava crescer o cabelo mais comprido, alimentando-se apenas de ovas de peixe e pregando às focas.

A cerimônia do casamento foi muito curta. Artur e Guinevere colocaram-se de pé por baixo do estandarte enquanto Sansum, de braços estendidos, disse algumas orações em grego. Depois, Leodegan desembainhou a sua espada e tocou as costas da sua filha com a lâmina antes de entregar a arma a Artur como sinal de que Guinevere passara da autoridade do pai para a do marido. Em seguida Sansum borrifou Artur e Guinevere com alguma água do rio, dizendo que desse modo estava purificando-os do pecado e a recebendo-os na família da Sagrada Igreja que por aquele meio reconhecia a união deles como una e indissolúvel, sagrada perante Deus e dedicada à procriação de filhos. Depois, olhou para cada um de nós, os guardas, e pediu que declarássemos que tínhamos testemunhado aquela cerimônia solene.

Todos fizemos a declaração e Artur estava tão feliz que nem percebeu a relutância patente nas nossas vozes; mas ela não passou despercebida a Guinevere. Nada escapava a Guinevere.

- Agora - disse Sansum depois de dar por terminado aquele mesquinho ritual -

está casado, meu Senhor.

Guinevere riu. Artur beijou-a. Ela era tão alta como ele, talvez até um pouco mais alta e confesso que, depois de observá-los com atenção, me pareciam fazer um par magnífico. Mais do que magnífico, pois Guinevere era realmente atraente.

Ceinwyn era bela, mas na presença de Guinevere até o Sol parecia menos brilhante.

Nós, os guardas, estávamos em estado de choque. Não havia nada que pudéssemos ter feito para impedir a consumação da loucura do nosso amo, mas toda aquela pressa nos pareceu tão indecente quanto traiçoeira. Sabíamos que Artur era um homem impulsivo e cheio de entusiasmo, mas deixara-nos completamente atônitos com a rapidez daquela decisão. Pelo contrário, Leodegan não podia estar mais alegre, tagarelando com a filha mais nova, dizendo como agora as finanças da família iam recuperar e como, mais cedo do que alguém podia imaginar, os guerreiros de Artur iam expulsar Diwrnach, o usurpador irlandês, de *Henis Wyren*. Artur ouviu-o vangloriar-se e virou-se rapidamente.

- Duvido que isso seja possível, Pai - disse ele.

- Possível! É claro que é possível! - interveio Guinevere. - Esse pode ser o meu presente de casamento, meu Senhor, a restituição do reino ao meu querido pai.

Agravain cuspiu, mostrando a sua desaprovação, mas Guinevere preferiu ignorar o gesto e caminhou ao longo da fileira de guardas, dando a cada um de nós uma primavera do diadema que lhe adornara o cabelo. Depois, como criminosos fugindo da justiça de um Senhor, apressamo-nos a ir para Sul, para deixar o reino de *Powys* antes que chegasse a vingança de Gorfyddyd.

O destino, tal como Merlim sempre dizia, é inexorável, e muitas foram as consequências daquela cerimônia apressada na clareira salpicada de flores na margem do rio. E muita gente morreu. Seguiram-se tanta dor e tanta angústia, tanto sangue e tantas

lágrimas que formariam um grande rio; no entanto, na devida altura, os turbilhões acalmaram, novos rios se juntaram e as lágrimas correram para o mar imenso, e algumas pessoas até esqueceram como tudo aquilo começara. O tempo de glória acabou por chegar, mas o que devia ter acontecido nunca aconteceu e, de todos aqueles que sofreram por causa desse momento iluminado pelo Sol, Artur foi o que mais sofreu.

Mas nesse dia ele estava feliz e nos apressamos para chegar em casa.

A notícia do casamento espalhou-se por toda a Grã-Bretanha como o som da lança de um deus batendo no escudo. No início, o som deixou todos atordoados e, nesse período de calma, enquanto todos tentavam entender as consequências, chegou uma embaixada de *Powys*. Entre as várias pessoas da embaixada veio Valerin, o chefe que fora prometido a Guinevere. Desafiou Artur para um duelo, mas Artur recusou e, quando Valerin tentou desembainhar a espada, nós, os guardas, tivemos de expulsá-lo de *Lindinis*. Valerin era um homem alto e forte, de barba e cabelo preto, olhar determinado e um nariz partido. A sua dor era terrível, a fúria era ainda pior e sentia-se frustrado pela sua tentativa de vingança não ter funcionado.

Iorweth, o druida, era o chefe da delegação de *Powys*, que fora enviada por Cunedd e não por Gorfyddyd. Gorfyddyd estava embriagado pelo hidromel e pela raiva, mas o filho ainda tinha esperanças de restaurar a paz depois daquela calamidade. O druida Iorweth era um homem sério e sensato e conversou largamente com Artur.

- O casamento, - disse o druida, - não é válido, pois foi celebrado por um padre cristão e os Deuses da Grã-Bretanha não reconhecem a nova religião. Tome Guinevere como sua amante, - insistiu Iorweth - e Ceinwyn como sua esposa.

- Guinevere é minha mulher! - Todos nós ouvimos Artur gritar esta frase.

O bispo Bedwin deu o seu apoio a Iorweth, mas Bedwin também não conseguiu levar Artur a mudar de ideia. Nem a perspectiva de uma guerra faria Artur mudar de ideia. Iorweth aventou essa possibilidade, dizendo que *Dumnónia* tinha insultado *Powys* e que esse insulto teria de ser lavado com sangue, se Artur não mudasse de ideia. Tewdric de Gwent enviara o bispo Conrad para implorar pela paz, suplicando a Artur que renunciasse a Guinevere e casasse com Ceinwyn. Conrad até

ameaçou que Tewdric poderia estabelecer um tratado de paz separado com *Powys*.

- O meu Senhor não lutará contra *Dumnónia*. - Ouvi Conrad assegurar a Bedwin enquanto os dois bispos caminhavam para cima e para baixo no terraço em frente à vivenda de *Lindinis*. - Mas também não lutará por essa meretriz de *Henis Wyren*.

- Meretriz? - perguntou Bedwin, alarmado e chocado com a palavra.

- Talvez não - admitiu Conrad. - Mas digo-lhe uma coisa, meu irmão, Guinevere nunca teve ninguém que lhe pusesse o jugo. Nunca!

Bedwin abanou a cabeça perante tamanha falta de firmeza de Leodegan.

Depois os dois homens afastaram-se e eu já não conseguia ouvi-los. No dia seguinte tanto o bispo Conrad como a embaixada powysiana partiram, e não eram portadores de boas notícias.

Mas Artur acreditava que o tempo da sua felicidade chegara. Insistia em que não haveria guerra, pois Gorfyddyd já perdera um braço e não arriscaria o outro.

Afirmava também que o bom senso de Cuneglas asseguraria a paz. Durante algum tempo, dizia ele, haveria ressentimentos e desconfianças, mas tudo acabaria por passar. Ele pensava que a sua felicidade tinha, de abranger toda a terra.

Foram contratados trabalhadores para aumentar e restaurar a vivenda de *Lindinis*, transformando-a num palácio digno de uma princesa. Artur mandou um mensageiro a Ban de Benoic, pedindo ao seu antigo senhor que lhe enviasse pedreiros e estucadores que soubessem restaurar edifícios romanos. Queria um pomar, um jardim, um lago com peixes; queria termas com água quente; queria um pátio onde os harpistas tocariam. Artur queria um paraíso na terra para a sua noiva, mas outros homens queriam vingança. Nesse Verão soubemos que Tewdric de *Gwent* se encontrara com Cuneglas e que tinham selado um tratado de paz. Soubemos também que uma parte desse tratado dizia respeito a um acordo que permitia aos exércitos de *Powys* marchar livremente pelas estradas romanas que atravessavam *Gwent*. Essas estradas conduziam a um só local: *Dumnónia*.

No entanto, o Verão foi passando e não houve nenhum ataque. Sagramor mantinha os Saxões de Aelle afastados enquanto Artur passava um Verão apaixonado. Eu fazia parte da sua guarda e, por isso, estava com ele dia após dia. Eu devia andar equipado com a espada, o escudo e a lança, mas muitas vezes me vi carregando jarros de vinho e cestas de comida, pois Guinevere gostava de tomar as suas refeições em clareiras escondidas ou junto a regatos secretos, e nós, os lanceiros, éramos mandados levar pratos de prata, copos de chifre, comida e vinho para o local designado. Ela juntou um grupo de senhoras para formarem a sua corte e, assim Deus me ajude, a minha Lunete era uma delas. Lunete tinha resmungado bastante por ter de abandonar a casa de tijolo em *Corinium*, mas levou apenas alguns dias para decidir que um futuro melhor a esperava ao lado de Guinevere. Lunete era bonita e Guinevere afirmava que só se rodearia de pessoas e coisas belas e, por isso, ela e as suas damas vestiam-se com os melhores linhos

enfeitados de ouro, prata, âmbar e âmbar negro. Além disso pagava a harpistas, cantores, dançarinos e poetas para entreterem a sua corte. Faziam jogos nos bosques, onde caçavam umas às outras e se escondiam; e pagavam multas se quebrassem uma das complicadas regras que Guinevere inventava. O dinheiro para esses jogos, assim como o dinheiro que estava sendo gasto na vivenda de *Lindinis*, era fornecido por Leodegan que fora nomeado tesoureiro da casa de Artur.

Leodegan jurava que o dinheiro vinha todo das rendas e talvez Artur acreditasse no seu sogro, se bem que todos nós tivéssemos ouvido histórias pouco claras de que o erário de Mordred estava sendo esvaziado de ouro e sendo cheio das inúteis promessas de pagamento de Leodegan. Artur parecia não se importar. Para ele aquele Verão representava o usufruto antecipado da Grã-Bretanha vivendo em paz, mas para nós, não passava de um paraíso ilusório.

Amhar e Loholt foram trazidos para *Lindinis*, ainda que sua mãe não tivesse sido chamada. Os gêmeos foram apresentados a Guinevere e Artur, penso eu, esperava que eles vivessem no palácio com coluna que estava sendo construído em redor da antiga vivenda. Guinevere aguentou a companhia dos gêmeos por um dia, mas depois disse que a presença deles a incomodava. Não eram divertidos. Disse também que não eram bonitos, tal como a sua irmã Gwenhwyvach também não era bonita e, se não eram bonitos nem divertidos, não tinham lugar na vida de Guinevere.

Disse ainda que, além do mais, os gêmeos pertenciam à antiga vida de Artur e que essa vida estava morta. Ela não os queria e não se importava de dizer isso publicamente. E, apertando a bochecha de Artur, disse:

- Se queremos filhos, meu Príncipe, devemos fazer os nossos próprios filhos.

Guinevere chamava sempre Artur de príncipe. A princípio, Artur reclamava, dizendo que não era príncipe, mas Guinevere insistia que ele era filho de Uther e que, por essa razão, pertencia à realeza. Artur, para não contrariá-la, permitiu que ela o chamasse pelo título, mas, em breve, todos nós fomos obrigados a usar também o título. Guinevere ordenou-nos que o fizéssemos e nós obedecemos.

Nunca ninguém desafiara Artur no tocante a Amhar ou Loholt e conseguira sair vencedor da discussão, mas Guinevere conseguiu-o e, por isso, os gêmeos foram recambiados para junto da mãe, em *Corinium*. As colheitas foram pobres nesse ano, pois as searas ganharam míldio por causa das chuvas tardias que as deixaram murchas e enegrecidas. Corriam rumores de que as colheitas dos Saxões tinham sido melhores, pois as chuvas tinham poupado as terras deles. Por isso Artur levou um grupo guerreiro para Este, para lá de *Durocbrivis*, para localizar e roubar os cereais dos seus armazéns. Penso que ficou contente por escapar às canções e danças de *Caer Cadarn*, e nós ficamos contentes por ele estar nos chefiando outra vez e por estarmos carregando lanças em vez de panos para festas. Foi um ataque bem sucedido, enchemos *Dumnónia* com os cereais que capturamos, o ouro que pilhamos e com os escravos saxões. Leodegan, que agora era membro do conselho de *Dumnónia*, ficou com a tarefa de distribuir gratuitamente os cereais por todas as partes do reino, mas começaram a correr terríveis rumores de que a maior parte dos cereais estava sendo vendida e que o ouro que conseguíramos fora diretamente para a nova casa que Leodegan estava construindo do outro lado do rio, em frente ao palácio de Guinevere.

Por vezes a loucura acaba. São os Deuses quem o ordenam, não os homens.

Artur estivera louco de amor durante todo o Verão, que, apesar das nossas ocupações servis, foi um bom Verão, pois um Artur feliz era um senhor iludido e generoso. Mas quando o Outono trouxe o vento, a chuva e as folhas douradas, ele pareceu acordar do seu sonho de

Verão. Ainda estava apaixonado na verdade, acho que nunca deixou de estar apaixonado por Guinevere, mas nesse Outono percebeu o mal que tinha causado à Grã-Bretanha. Em vez de paz havia uma trégua soturna que ele sabia não poder durar muito.

Cortamos ramos de freixo para as nossas lanças e as cabanas dos ferreiros retiniam com o som dos martelos nas bigornas. Sagramor foi chamado da fronteira saxônica para estar perto do centro do reino. Artur mandou um mensageiro ao rei Gorfyddyd, reconhecendo o mal que tinha feito ao rei e à sua filha e pedindo desculpas, mas implorando que devia haver paz na Grã-Bretanha. Mandou um colar de ouro e pérolas para Ceinwyn, mas Gorfyddyd devolveu o colar enrolado à volta da cabeça cortada do mensageiro. Soubemos que Gorfyddyd tinha deixado de beber e recuperado as rédeas do reino das mãos do seu filho Cuneglas. Essa notícia veio confirmar que nunca haveria paz até que o insulto feito a Ceinwyn fosse vingado pelas longas lanças de *Powys*.

Os viajantes traziam histórias de mortes por todo o lado. Os Senhores de Além-Mar traziam novos guerreiros irlandeses para os seus reinos costeiros. Os Francos reuniam grupos guerreiros junto às fronteiras da Bretanha. As colheitas de *Powys* foram armazenadas e os soldados estavam sendo treinados para lutar com lanças em vez de cortar milho com foices. Cuneglas casara com Helledd de Elmet e estavam chegando homens desse país do norte para engrossar as fileiras dos exércitos de *Powys*. Gundleus, de novo rei da *Silúria* forjava espadas e lanças nos profundos vales do seu país, enquanto a este, nas costas já capturadas pelos Saxões, os barcos não paravam de chegar.

Artur vestiu a sua armadura de escamas. Era apenas a terceira vez que eu a via desde o seu regresso da Bretanha. Depois, com duas vintenas dos seus cavaleiros blindados, cavalgou por toda a *Dumnónia*. Queria mostrar ao reino o seu poder e queria que os viajantes que levavam os seus produtos de um reino para o outro levassem também as histórias do seu heroísmo. Depois, regressou

a *Lindinís* onde Hygwydd, o seu servo, poliu a armadura de escamas, libertando-a de toda a ferrugem.

A primeira derrota deu-se nesse Outono. Houvera uma epidemia em Venta que deixara os homens do rei Melwas enfraquecidos. Cerdic, o novo chefe saxão derrotou o grupo guerreiro de Belgae e capturou um bom pedaço de terra junto ao rio.

O rei Melwas implorou por reforços, mas Artur considerava Cerdic o último dos seus problemas. Os tambores de guerra ressoavam por toda *Lloegyr* ocupada pelos Saxões e pelos reinos britânicos do norte e não se podiam dispensar lanças a Melwas. Além disso, Cerdic parecia muito ocupado com as suas novas terras e não ameaçaria mais *Dumnónia*, pelo que Artur, por agora, deixaria o saxão ficar ali.

- Vamos dar uma oportunidade à paz - disse ele ao conselho.

Mas não havia paz.

No fim do Outono, numa época em que a maioria dos exércitos estavam já

pensando em untar as armas e guardá-las durante os meses mais frios, a força de *Powys* avançou. A Grã-Bretanha estava em guerra.

TERCEIRA PARTE

O Regresso de Merlim

Igraine fala-me de amor. É Primavera aqui em *Dinnewrac* e o Sol enche o mosteiro de um calor ainda débil. Há carneiros pastando nas encostas do lado sul apesar de ontem um lobo ter matado três deles e deixado um rastro de sangue à saída do nosso portão. Os pedintes amontoam-se ao portão à espera de comida e estendem as mãos enfermas quando Igraine vem de visita. Um dos pedintes roubou dos corvos os restos bichosos da carcaça de um cordeiro e

estava ali sentado roendo a pele do animal quando Igraine chegou esta manhã.

Ela perguntou-me se Guinevere era mesmo bonita. Não, respondi, mas muitas mulheres trocariam a sua beleza pelo aspecto de Guinevere. É claro que Igraine queria saber se ela própria era bonita e eu assegurei-lhe que era, mas ela disse que os espelhos no *Caer* do seu marido estavam tão velhos e gastos que era muito difícil saber.

- Não seria maravilhoso - disse ela – nos vermos exatamente como somos?

- Só Deus pode fazê-lo - disse eu. - Apenas Ele.

Ela contraiu o rosto.

- Detesto quando me faz sermões, Derfel. Não condiz contigo. Se Guinevere não era bonita, então como é que Artur se apaixonou por ela?

- O amor não olha só à beleza - disse eu num tom reprovador.

- E eu disse que era assim? - perguntou Igraine, indignada. - Mas disse que Artur se sentiu atraído por Guinevere desde o primeiro momento e, se não foi pela beleza, então foi por quê?

- Só de vê-la - respondi eu - o sangue dele esfumava-se.

Igraine gostou e sorriu.

- Então ela era bonita?

- Ela o desafiou e ele pensou que seria menos homem se não conseguisse capturá-la. Ou talvez os Deuses estivessem brincando.

- Encolhi os ombros, incapaz de arranjar mais razões. - E, além

disso, eu nunca quis dizer que ela não era bonita, só que ela era mais do que apenas bonita. Era a mulher mais atraente que eu já vi.

-Incluindo eu? - perguntou de imediato a minha Rainha.

- Ai de mim! - disse eu. - Estou ficando mal da vista, com a idade.

Ela riu com o meu subterfúgio.

- Guinevere amava Artur? - perguntou.

- Ela amava a idéia que tinha dele. Ela amava a idéia dele ser o campeão de *Dumnónia* e amava-o como ele estava na primeira vez que o viu. Usava a sua armadura, era o grande Artur, o notável Artur, o senhor da guerra, a espada mais temida em toda a Grã-Bretanha e em toda a *Armórica*.

Igraine passou o cordão tarjado da sua túnica branca pelas mãos. Ficou pensativa por um momento.

- Acha que eu esfumaço o sangue de Brochvael? - perguntou ela, ansiosa.

- À noite - disse eu.

- Oh, Derfel - ela suspirou e afastou-se do peitoril da janela, dirigindo-se à

porta de onde podia olhar para a nossa pequena sala. - Alguma vez você esteve apaixonado assim?

- Sim - admiti.

- Por quem - perguntou ela de imediato.

- Não interessa - disse eu.

- Interessa, sim! Insisto. Foi por Nimue? - perguntou.

- Não, não foi por Nimue - disse eu com firmeza. - Com Nimue era diferente.

Eu a amava, mas não estava louco de desejo por ela. Eu só achava que ela era infinitamente... - fiz uma pausa, tentando encontrar a palavra, mas não consegui - ...

maravilhosa - disse, por fim, num tom pouco convincente e não olhando para Igraine para que não visse as minhas lágrimas

Ela esperou por um momento.

- Então por quem esteve apaixonado? Por Lunete?

- Não! Não!

- Então por quem? - insistiu ela.

- A história virá no seu devido tempo - disse eu, - se eu ainda viver

- É claro que viverá. Vamos te mandar comida especial do *Caer*.

- Comida que Sansum, o meu Senhor, me tirará por ser comida indigna para um simples irmão - disse-lhe, não querendo que ela desperdiçasse os seus esforços.

- Então, venha viver no *Caer* - disse ela avidamente. - Por favor!

Eu sorri.

- Eu faria isso de boa vontade, Senhora, mas, ai de mim, fiz um juramento de ficar aqui.

- Pobre Derfel.

Ela voltou para perto da janela e observou o irmão Maelgwyn cavando. Tinha a seu lado o nosso noviço que sobrevivera, o irmão

Tudwal. O outro noviço morreu de uma febre no fim do Inverno, mas Tudwal ainda vive e compartilha da cela do santo. O

santo quer que o rapaz aprenda as letras, principalmente, penso eu, para poder descobrir se eu estou mesmo traduzindo o Evangelho para a língua saxônica, mas o rapaz não é muito inteligente e parece que é melhor cavando do que lendo. Já era hora de termos verdadeiros sábios aqui em *Dinnewrac*, pois esta débil Primavera reacendeu as nossas habituais discussões cheias de rancor sobre a data da Páscoa e não teremos paz enquanto a discussão não acabar.

- Sansum casou mesmo Artur e Guinevere? - perguntou Igraine, interrompendo os meus pensamentos sombrios.

- Sim - respondi, - casou-os mesmo.

- E não foi numa grande igreja? Com as trombetas tocando?

- Foi numa clareira perto de um rio - disse eu com as rãs coaxando e candeias dos salgueiros amontoando-se por trás do dique do castor.

- Nós nos casamos num salão de festas - disse Igraine e a fumaça fazia os meus olhos lacrimejarem. Encolheu os ombros. - Então o que é que mudou na última parte? Que novos moldes deu à história?

Abanei a cabeça.

- Nenhum.

- Mas na aclamação de Mordred - perguntou ela desapontada - a espada estava só pousada na pedra? Não estava enterrada? Tem certeza?

- Estava pousada em cima da pedra. Juro - fiz o sinal da cruz - pelo sangue de Cristo, minha Senhora.

Ela encolheu os ombros.

- Dafydd Gruffud vai traduzir a história da forma que eu quiser e eu gosto da idéia de uma espada enterrada na pedra. Fico contente por ter sido simpático com Cuneglas.

- Ele era um bom homem - disse eu. Era também o avô do marido de Igraine.

- Ceinwyn era mesmo bonita? - perguntou Igraine.

Eu assenti, meneando a cabeça.

- Era, era verdadeiramente bonita. Tinha os olhos azuis.

- Olhos azuis? - Igraine encolheu os ombros perante características tão saxônicas. - O que aconteceu ao pregador que ela te deu?

- Quem me dera saber - respondi, mentindo.

O pregador está na minha cela, bem escondido e a salvo até mesmo das aturadas buscas de Sansum. O santo, que Deus exaltará certamente acima de todos os homens vivos ou mortos, não permite que nós tenhamos qualquer tesouro. Todos os nossos bens devem ser-lhe entregues, é essa a regra. Apesar de eu lhe ter dado tudo, incluindo Hywelbane, ainda tenho, que Deus ne perdoe, o pregador de Ceinwyn.

O ouro foi sendo polido pelos anos, mesmo assim ainda vejo Ceinwyn, quando, na escuridão, tiro o pregador do seu esconderijo e deixo a luz do luar dar brilho aos seus desenhos interligados. Às vezes não, sempre toco-lhe com os lábios. Que velho tolo me tornei. Talvez venha a dar o pregador a Igraine, pois sei que ela o apreciará, mas vou mantê-lo durante mais algum tempo, pois o ouro é como um pedaço de sol neste lugar cinzento e gelado. É claro que, quando Igraine ler isto, vai saber que o pregador existe, mas se ela for tão simpática como sei que é, vai deixar-me ficar com ele como uma pequena lembrança de uma vida de pecador.

- Não gosto de Guinevere - disse Igraine.

- Então, não me saí bem - disse eu.

- Você a fa\ parecer muito dura - disse Igraine.

Quedei-me em silêncio durante um momento, ouvindo apenas os balidos das ovelhas.

- Ela podia ser maravilhosamente simpática - disse eu depois da pausa. - Ela sabia como fazer as pessoas tristes ficarem alegres, mas não tinha paciência para o trivial. Tinha uma visão do mundo que não abrangia aleijados, nem aborrecimentos, nem coisas feias, e ela queria construir um mundo real banindo esses inconvenientes.

Artur também tinha uma visão do mundo, só que a sua visão oferecia ajuda aos aleijados e também ele queria tornar a sua visão

num mundo real.

- Ele queria Camelote - disse Igraine com ar sonhador.

- Nós chamávamos-lhe *Dumnónia* - disse eu severamente.

- Você tenta sugar toda a alegria da história, Derfel - disse Igraine de mau humor, se bem que nunca ficasse realmente zangada comigo. - Eu quero que seja a Camelote do poeta: erva verdejante, torres altas, damas vestidas com togas e guerreiros espalhando flores pelos caminhos por onde elas passavam. Quero menestréis e gargalhadas! Não foi sempre assim?

- Mais ou menos - disse eu - se bem que não me lembre de muitos caminhos juncados de flores. Lembro-me dos guerreiros chegando coxos das batalhas, alguns rastejando e chorando, arrastando as tripas pelo pó do caminho.

- Pare! - disse Igraine. - Então por que é que os bardos lhe chamam Camelote?

- disse ela, desafiando-me.

- Porque os poetas sempre foram uns alienados - disse eu. - Senão por que seriam poetas?

- Não, Derfel! Por que é que Camelote era especial? Diga-me.

- Era especial - respondi - porque Artur fez justiça nessa terra.

Igraine franziu as sobrancelhas.

- É só isso?

- E isto, minha filha - disse eu - é muito mais do que a maioria dos governantes sequer sonha fazer, quanto mais fazê-lo mesmo.

Ela mudou de assunto, encolhendo os ombros.

- Guinevere era inteligente? - perguntou ela.

- Muito - respondi.

Igraine brincava com a cruz que usava ao pescoço.

- Fale-me de Lancelot.

- Espere!

- Quando é que Merlim chega?

- Em breve.

- O santo Sansum tem sido desagradável com você?

- O santo tem o destino das nossas almas imortais na consciência. Ele faz o que tem de fazer.

- Mas ele caiu mesmo de joelhos e gritou por martírio antes de casar Artur e Guinevere?

- Sim, caiu mesmo de joelhos - disse eu - e não pude deixar de sorrir com a lembrança.

Igraine riu.

- Vou pedir a Brochvael para transformar o Lorde *Rato* num verdadeiro mártir, e depois pode ficar mandando em Dinnewrac. Isso lhe agradaria, irmão Derfel?

- Agradaria ter alguma paz para continuar com a minha história - disse eu, ralhando.

- Então o que é que acontece em seguida? - perguntou Igraine avidamente.

- Em seguida vem a *Armórica*. A terra de Além-Mar. A bonita *Ynys Trebes*, o rei Ban, Lancelot, Galaad e Merlim. Meu Deus, que homens eles eram, que dias tivemos, que lutas travamos e que sonhos quebramos. Em *Armórica*.

Mais tarde, muito mais tarde, quando olhávamos para trás, limitávamo-nos a chamar a esses tempos os "maus anos", mas raramente falávamos deles. Artur detestava que lhe lembrassem esses primeiros tempos em *Dumnónia* em que a sua paixão por Guinevere dilacerou a terra, transformando-a num caos. Os seus esposais com Ceinwyn tinham sido como um pregador muito trabalhado preso a uma túnica de um tecido muito fino que, quando se arrancava do vestido, o pano se desfazia em farrapos. Artur culpava-se e não gostava de falar sobre os maus anos.

Durante algum tempo, Tewdric recusou-se a lutar por qualquer dos lados.

Culpava Artur pela paz quebrada e, como castigo, permitiu que Gorfyddyd e Gundleus levassem os seus grupos guerreiros até *Dumnónia* atravessando *Gwent*. Os Saxões pressionavam do lado este, os Irlandeses atacavam vindos do mar Ocidental e, como se estes inimigos não fossem já o suficiente, o príncipe Cadwy de *Isca* revoltou-se contra o governo de Artur. Tewdric tentou ficar longe de tudo isto, mas quando os saxões chefiados por Aelle começaram a atacar ferozmente a sua fronteira, os únicos amigos a quem podia pedir ajuda eram os dumnonianos e, sendo assim, ele se viu obrigado a entrar na guerra pelo lado de Artur. Mas então os lanceiros de *Powys* e da *Silúria* tinham já usado as estradas de Tewdric para capturar os montes a norte de *Ynys Wydryn* e, quando Tewdric declarou estar do lado de *Dumnónia*, ocuparam também *Glevum*.

Eu cresci durante esses anos. Perdi a conta dos homens que matei e dos anéis de guerreiro que forjei. Puseram-me uma alcunha, Cadarn, que significa "o poderoso". Derfel Cadarn, sempre sóbrio

nas batalhas e com uma espada terrivelmente rápida. Houve uma época em que Artur me convidou para ser um dos seus cavaleiros, mas eu preferi ficar em terra firme e assim continuei sendo lanceiro.

Observei Artur durante todo esse tempo e comecei a compreender por que razão ele era visto como um grande soldado. Não era apenas a sua coragem, se bem que fosse muito corajoso, era mais a forma astuciosa como ele expulsava os inimigos. Os nossos exércitos eram instrumentos toscos que marchavam e mudavam de direção com muita lentidão Mas Artur forjou um pequeno grupo de homens que aprendeu a deslocar-se com rapidez. E ele conduzia esses homens, alguns a pé e outros a cavalo, em longas marchas à volta dos flancos inimigos, pelo que apareciam sempre quando não eram esperados. Gostávamos de atacar de madrugada, quando os inimigos estavam ainda bêbados depois de uma noite de orgia, ou então os enganávamos com falsas retiradas e, depois, entrávamos matando pelos flancos não protegidos. Depois de um ano destas batalhas, quando já tínhamos afastado, pelo menos, as forças de Gorfyddyd e de Gundleus de *Glevum* e do norte de *Dumnónia*, Artur nomeou-me capitão e comecei a poder dar ouro aos meus próprios seguidores. Dois anos mais tarde até mereci a honra máxima que um guerreiro pode receber, um convite para desertar para o lado inimigo. De todas as pessoas no mundo, ele veio de Ligessac, o traidor comandante da guarda de Norwenna, que me falou num templo de Mitra onde a sua vida estava protegida, e me ofereceu uma fortuna se eu servisse Gundleus como ele servia. Recusei.

Graças a Deus sempre fui fiel a Artur

Sagramor também era fiel e foi ele quem me iniciou no serviço de Mitra. Mitra era um Deus que os Romanos tinham trazido para a Grã-Bretanha e que deve ter gostado do nosso clima, pois ainda tem poder. É um Deus dos soldados e nenhuma mulher pode ser iniciada nos seus mistérios. A minha iniciação teve lugar no fim do Inverno, quando os soldados têm tempo disponível. Teve lugar nos montes. Sagramor levou-me sozinho para um vale tão profundo que

mesmo ao fim da tarde a geada da manhã ainda cobria a erva. Paramos na entrada de uma gruta onde Sagramor me deu instruções para pousar as armas e me despir. Eu fiquei ali tremendo enquanto o númida me amarrava um pano grosso à volta dos olhos e me dizia que, agora, eu devia obedecer a todas as instruções e que, se hesitasse ou falasse uma vez que fosse, me traria de volta às minhas roupas e às minhas armas e me mandaria embora.

A iniciação consiste num ataque aos sentidos de um homem e, para sobreviver, só pode lembrar-se de uma coisa: obedecer. É por isso que os soldados gostam de Mitra. A batalha ataca os sentidos e o ataque fermenta o medo e a obediência constituía o único fio que levaria do caos do medo à sobrevivência. Na devida altura eu próprio iniciei muitos homens no serviço de Mitra e conheci muito bem os truques, mas nessa primeira vez, quando entrei na gruta não tinha idéia do que me seria infligido. Quando entrei na gruta, Sagramor, ou talvez um outro homem, fez-me girar e voltar a girar, no sentido da rota do sol, com tanta força e tanta violência que até fiquei tonto e, depois, ordenaram-me que andasse para a frente. A fumaça me sufocava, mas eu continuei, seguindo a vertente inclinada do chão de pedra. Uma voz gritou que parasse, outra ordenou que me virasse e uma terceira que me ajoelhasse.

Enfiaram-me qualquer coisa na boca e eu recuei perante o fedor de excrementos humanos que me fez a cabeça rodar.

- Coma! - soou de súbito uma voz, e eu quase vomitei o que tinha na boca até

que percebi que estava apenas mastigando peixe seco.

Bebi um líquido qualquer intragável que me deixou a cabeça mais leve. Devia ser sumo de pilrito misturado com mandrágora ou amanita, porque apesar de ter os olhos bem tapados tive visões de criaturas brilhantes com asas enrugadas e bicos que vinham me picar a carne. Senti as chamas tocarem-me na pele, queimando os

pêlos das pernas e dos braços. Ordenaram-me que andasse outra vez para a frente, depois que parasse e, então, vi toros sendo amontoados numa fogueira e senti o calor aumentando à minha frente. O fogo rugia, as chamas queimavam-me a pele nua e a minha virilidade e, depois, a voz me ordenou que avançasse para a fogueira e eu obedeci, mas afinal enfiei o pé num lago de água gelada que quase me fez gritar pois temia ter entrado num tanque de metal fundido.

Apontaram a ponta de uma espada à minha virilidade, fizeram pressão e ordenaram-me que andasse e, quando o fiz, a ponta da espada desapareceu. Tudo aquilo eram truques, claro, mas as ervas e os fungos misturados na bebida eram o suficiente para intensificar os truques transformando-os em milagres. Na altura em que tinha já seguido todo aquele tortuoso percurso e chegado à câmara quente, cheia de fumaça e de ecos, no coração da cerimônia, já estava completamente em transe devido ao terror e à exaltação. Fui levado até uma pedra da altura de uma mesa e colocaram-me uma faca na mão direita, enquanto a minha mão esquerda foi colocada com a palma virada para baixo sobre uma barriga nua.

- Existe uma criança debaixo da sua mão, sapo miserável - disse a voz, e uma mão deslocou a minha mão direita até a lâmina ficar encostada à garganta da criança - uma criança inocente que não fez mal a ninguém - continuou a voz - uma criança que nada mais merece do que a vida, e você vai matá-la. Mate-a!

A criança gritou alto quando enterrei a faca e senti o sangue quente esguichando na minha mão. A pulsação da barriga sob a minha mão esquerda deu um último espasmo e ficou completamente imóvel. Uma fogueira crepitava perto e a fumaça me entupia as narinas.

Fizeram-me ajoelhar e beber um líquido quente e enjoativo que me abafou a garganta e ardeu no estômago. Só depois, quando aquele copo de chifre de sangue de touro já estava vazio, é que me tiraram a venda dos olhos e vi que tinha matado um cordeiro com a barriga

raspada. Amigos e inimigos agruparam-se à minha volta, congratulando-me, pois agora já tinha entrado a serviço do deus dos soldados.

Tornara-me, assim, membro de uma sociedade secreta que se espalhava por todo o mundo romano e além das suas fronteiras; uma sociedade de homens que tinham provado nas batalhas que eram, não meros soldados, mas verdadeiros guerreiros.

Tornar-se membro do serviço de Mitra era uma verdadeira honra, pois qualquer membro do culto podia proibir a iniciação de outro homem. Alguns homens chefiavam exércitos inteiros e nunca eram selecionados, outros havia que nunca tinham saído das fileiras e eram membros honrados

Agora, que eu era um dos eleitos, trouxeram-me as minhas roupas e as armas. Vesti-me e, depois, disseram-me as palavras secretas que me permitiriam identificar os meus camaradas numa batalha. Se descobrisse que estava lutando com um outro membro de Mitra era obrigado a matá-lo rapidamente por misericórdia e, se um homem desses se tornasse meu prisioneiro, teria de lhe prestar homenagem.

Depois de terminadas as formalidades, fomos para uma segunda gruta, enorme, iluminada por tochas fumegantes e por uma grande fogueira onde estava sendo assada a carcaça de um touro. As fileiras de homens que tinham vindo para a festa prestaram-me grandes homenagens. A maioria dos iniciados deviam contentar-se com os seus camaradas, mas por Derfel Cadarn tinham vindo àquela gruta de Inverno os poderosos de ambos os lados. Estava lá Agrícola de *Gwent* e, com ele, dois dos seus inimigos da *Silúria*, Ligessac e um lanceiro chamado Nasiens, o campeão de Gundleus.

Estavam também presentes alguns dos guerreiros de Artur, alguns dos meus homens e até o bispo Bedwin, o conselheiro de Artur, que

não me parecia nada familiar com aquela couraça enferrujada, o cinturão da espada e a capa de guerreiro.

- Já fui guerreiro - explicou - e também fui iniciado... oh... quando? Há trinta anos. Foi muito antes de me tornar cristão, claro.

- E isto - fiz um gesto com a mão abrangendo toda a gruta onde a cabeça cortada do touro tinha sido levantada num tripé de lanças para pingar o sangue no chão da gruta - não é contra a sua religião?

Bedwin encolheu os ombros.

- Claro que é - disse ele, - mas se não viesse perderia este convívio.
-

Inclinou-se na minha direção e baixou a voz, falando num tom de conspiração. -

Acredito que não vai dizer ao bispo Sansum que eu estou aqui.

Ri só de pensar em alguma vez confiar um segredo ao sempre mal humorado Sansum que zumbia por toda a *Dumnónia*, completamente chupada pela guerra, como uma abelha-obreira. Ele condenava os seus inimigos para sempre e não tinha amigos.

- O jovem Mestre Sansum - disse Bedwin, com a boca cheia de carne e a barba pingando o suco ensanguentado - quer tomar o meu lugar e eu acho que vai conseguir.

- Vai? - perguntei atterrado.

- Porque o quer com toda a força - disse Bedwin - e trabalha afincadamente.

Meu Deus, como aquele homem trabalha! Sabe o que descobri há uns dias atrás? Ele não sabe ler! Nem uma palavra! Mas para se ser um eclesiástico de categoria superior tem de se saber ler. E sabe o

que é que Sansum faz? Manda um escravo ler-lhe em voz alta e decora tudo. - Bedwin acotovelou-me para ter certeza que eu percebera a extraordinária memória de Sansum. - Decora tudo! Salmos, orações, liturgias, os escritos dos nossos avós, tudo de cor! Meu Deus. - Sacudiu a cabeça. Você não é

cristão, não é?

- Não.

- Devia ter isso em consideração. Podemos não oferecer muitos prazeres terrenos, mas as nossas vidas depois da morte valem com certeza a pena. Não que eu tivesse conseguido convencer Uther, mas tenho esperanças com Artur.

Percorri o olhar pela festa.

- Artur não - disse eu, - desapontado pelo meu Senhor não participar no culto.

- Ele foi iniciado - disse Bedwin.

- Mas ele não acredita nos Deuses - disse eu, repetindo a afirmação de Owain.

Bedwin abanou a cabeça.

- Artur acredita, sim. Como pode um homem não acreditar em Deus ou nos deuses? Acha que Artur acredita que fizemos a nós próprios? Ou que o Mundo apareceu por acaso? Artur não é nenhum tolo, Derfel Cadarn. Artur acredita, mas mantém as suas crenças em silêncio. Na forma de pensar dos cristãos ele é um deles, ou pode ser, e os pagãos acreditam no mesmo e, por isso, todos o servem com a maior das boas vontades. E lembre-se, Derfel, Artur é amado por Merlim e Merlim, pode crer, não ama os não crentes.

- Tenho saudades de Merlim.

- Todos temos - disse Bedwin calmamente, - mas podemos sentir algum alívio na sua ausência, pois ele não estaria em nenhum outro lugar senão aqui se a Grã-Bretanha estivesse ameaçada pela destruição. Merlim virá quando for preciso.

- Acha então que ele não é necessário agora? - perguntei irritado. Bedwin limpou a barba com a manga do casaco e bebeu algum vinho.

- Há quem diga - disse baixando a voz - que estaríamos melhor sem Artur.

Que sem Artur estaríamos em paz. Mas, se não houver Artur quem protege Mordred?

Eu? - A idéia o fez sorrir. - Gereint? É um bom homem, há poucos melhores do que ele, mas não é muito esperto e é incapaz de tomar uma decisão e, além disso, não quer governar *Dumnónia*. Ou é Artur ou mais ninguém, Derfel. Ou melhor, ou é Artur ou Gorfyddyd. E esta guerra não está perdida. Os nossos inimigos temem Artur e enquanto ele viver, *Dumnónia* está a salvo. Não, acho que Merlim ainda não é preciso.

Ligessac, o traidor, que era outro cristão que não via nenhum conflito entre a sua religião confessa e os rituais secretos de Mitra, falou comigo no fim da festa. Fui frio com ele, apesar de ele ser um companheiro no serviço de Mitra, mas ele ignorou a minha hostilidade e puxou-me pelo braço para um canto escuro da gruta.

- Artur vai perder. Sabe disso, não sabe? - disse ele.

- Não.

Ligessac tirou um pedaço de carne do meio dos dentes.

- Vão chegar mais homens de Elmet para a guerra - disse ele. *Powys*, *Elmet* e *Silúria* - contou os nomes pelos dedos - unidos contra *Gwent* e *Dumnónia*. Gorfyddyd será o próximo Pendragon. Primeiro expulsamos os Saxões das terras a leste de *Ratae*, depois vimos para sul acabar com *Dumnónia*. Dois anos, talvez.

- O vinho da festa subiu pra sua cabeça, Ligessac.

- E o meu Senhor pagará pelos serviços de um homem como você. - Ligessac estava me trazendo um recado. - O meu Senhor, o rei Gundleus é generoso, Derfel, muito generoso.

- Diga ao seu Rei e Senhor que Nimue de *Ynys Wydryn* há de ter a caveira dele para lhe servir de copo e que sou eu que a levarei.

Afastei-me.

Nessa Primavera a guerra reacendeu-se de novo, se bem que, a princípio, com menos destruição. Artur dera ouro a Oengus Mac Airem, o rei irlandês de *Demétia*, para atacar os limites ocidentais de *Powys* e da *Silúria* e esses ataques escoaram os inimigos das nossas fronteiras a norte. O próprio Artur levou um grupo guerreiro para pacificar o ocidente de *Dumnónia*, onde Cadwy declarara as suas terras tribais um reino independente. Mas, enquanto ele estava lá, os Saxões comandados por Aelle lançaram um poderoso ataque contra as terras de *Gereint*. Mais tarde soubemos que Gorfyddyd tinha pago aos Saxões tal como nós tínhamos pago aos Irlandeses. O dinheiro de *Powys* foi melhor empregado, pois os Saxões atacaram com uma força que obrigou Artur a voltar rapidamente do ocidente onde deixou Cei, o seu companheiro de infância, à frente da luta contra as tribos tatuadas de *Cadwy*. Foi então que, com o exército saxão de Aelle ameaçando capturar *Durocbrivis*, com os exércitos de *Gwent* ocupados contra *Powys* e contra os saxões do norte e com a rebelião não debelada de *Cadwy* sendo encorajada pelo rei Mark de *Kernow*, Ban de Benoic enviou a sua convocação.

Todos sabíamos que o rei Ban só permitira que Artur viesse para *Dumnónia* na condição de regressar a *Armórica* se *Benoic* estivesse em perigo. Agora, reivindicava o mensageiro de Ban, *Benoic* estava em perigo e o rei Ban, insistindo para que Artur cumprisse o seu juramento, exigia o seu regresso.

A notícia chegou quando estávamos em *Durocbrivis*. A cidade fora outrora um próspero aglomerado romano com suntuosas termas, um tribunal construído em mármore e um bom mercado, mas agora era um empobrecido forte de fronteira, olhando para leste sempre por entre os Saxões. Os edifícios fora da muralha de terra da cidade tinham sido queimados pelos bandidos de Aelle e nunca mais tinham sido reconstruídos, enquanto dentro da muralha as grandiosas estruturas romanas estavam em ruínas. O mensageiro de Ban veio nos encontrar no que restava do átrio com arcadas das termas romanas. Era noite e havia uma fogueira acesa no poço da antiga piscina de mergulhos. A fumaça agitava-se pelo teto arqueado onde batia o vento, sugando a fumaça por uma pequena janela. Estávamos comendo a nossa refeição da noite, sentados em círculo no chão frio. Artur levou o mensageiro de Ban para o centro do círculo onde rabiscou um mapa de *Dumnónia* no meio da sujeira. Depois espalhou pedaços de mosaico brancos e vermelhos para mostrar onde estavam colocados os nossos amigos e os nossos inimigos. Por todo o lado os ladrilhos vermelhos de *Dumnónia* estavam sendo espremidos pelos pedaços de pedra brancos. Tínhamos lutado nesse dia e Artur tinha sofrido um golpe de lança num dos malares. Não era uma ferida perigosa, mas suficientemente profunda para lhe formar uma crosta de sangue no rosto. Tinha combatido sem o elmo, dizendo que via melhor sem a viseira de metal, mas se o saxão tivesse dado o golpe dois centímetros acima e um pouco mais para o lado teria enterrado o aço nos miolos de Artur. Combatera apeado, como normalmente fazia, porque estava poupando os pesados cavalos para batalhas mais violentas. Meia dúzia dos seus cavaleiros montavam-nos todos os dias, mas a maior parte desses cavalos de guerra raros e dispendiosos estavam guardados bem no interior de *Dumnónia*, a

salvo dos ataques inimigos. Nesse dia, depois de Artur ter sido ferido, o nosso punhado de cavaleiros pesados tinha derrotado a linha saxônica, matando o chefe e escorraçando os sobreviventes de volta para Leste, mas vemos Artur escapar por pouco deixara-nos muito inquietos. E agora, o mensageiro do Rei Ban, um chefe chamado Bleiddig, vinha apenas aumentar esse pessimismo.

- Compreende - disse Artur a Bleiddig - por que é que não posso partir? Fez um gesto na direção dos pedaços de mosaico vermelhos e brancos.

- Um juramento é um juramento - respondeu Bleiddig rudemente.

- Se o príncipe deixar *Dumnónia* - interveio o príncipe Gereint - *Dumnónia* cai.

Gereint era um homem pesadão e não muito inteligente, mas fiel e honesto.

Como sobrinho de Uther, podia reclamar o trono de *Dumnónia*, mas nunca o fez e sempre foi fiel a Artur, o seu primo bastardo.

- É melhor que caia *Dumnónia* do que *Benoic* - disse Bleiddig, ignorando os murmúrios de fúria que se seguiram.

- Eu fiz um juramento que defenderia Mordred - realçou Artur.

- Fez um juramento que defenderia *Benoic* - respondeu Bleiddig, afastando a objeção de Artur com um encolher de ombros. - Traga a criança com você.

- Eu tenho de devolver a Mordred o seu reino - insistiu Artur. - Se ele partir, o reino perde o seu rei e o seu coração. Mordred fica aqui.

- E quem ameaça tirar-lhe o reino? - perguntou Bleiddig irado. O chefe militar de *Benoic* era um homem enorme, não muito diferente de Owain e evidenciava muita da força bruta de Owain. - Você! -

Apontou com desdém para Artur. - Se tivesse casado com Ceinwyn não haveria guerra! Se tivesse casado com Ceinwyn, então, não apenas *Dumnónia*, mas também *Gwent* e *Powys*, estariam enviando tropas para ajudar o meu Rei!

Os homens começaram a berrar e desembainharam as espadas, mas Artur berrou ainda mais alto pedindo silêncio. Um fio de sangue escorreu-lhe da cicatriz da ferida pela face alongada.

- Quanto tempo temos antes de Benoic cair? - perguntou ele a Bleiddig.

Bleiddig franziu as sobrancelhas. Era óbvio que não podia adivinhar a resposta, mas sugeriu seis meses ou talvez um ano. Disse que os Francos tinham trazido novos exércitos para leste de *Benoic* e Ban não podia combatê-los a todos. O próprio exército de Ban, comandado pelo seu campeão, Bors, estava defendendo a fronteira do norte enquanto os homens que Artur deixara, comandados pelo seu primo Culhwch, defendiam a fronteira do sul. Artur olhava para o mapa que fizera com ladrilhos brancos e vermelhos.

- Três meses - disse ele - e eu irei. Se puder! Três meses. Mas entretanto, Bleiddig, vou mandar um grupo guerreiro de bons homens.

Bleiddig protestou, argumentando que o juramento de Artur exigia a sua presença imediata em *Armórica*, mas Artur não foi demovido. Três meses, disse ele, ou então que não iria de maneira nenhuma e Bleiddig teve de aceitar o compromisso.

Artur fez-me um gesto para que eu fosse com ele até o pátio com uma colunata que ficava ao lado da sala onde nos encontrávamos. Havia tinhas no pequeno pátio que cheiravam mal como latrinas, mas ele pareceu nem notar o fedor.

- Deus sabe, Derfel... - disse, e eu percebi que ele tinha de estar sob uma grande tensão para usar a palavra "Deus", tal como notei que

usou a palavra cristã no singular, se bem que se apressasse a corrigir: - ... os Deuses sabem que não quero perdê-lo, mas preciso mandar alguém que não tenha medo de avançar sobre uma muralha de escudos. Preciso mandar você.

- Príncipe... - comecei.

- Não me chame de príncipe - interrompeu zangado. - Eu não sou príncipe. E

não discuta comigo. Todos discutem comigo. Todos sabem como ganhar esta guerra, menos eu. Melwas grita por mim, Tewdric quer-me no Norte, Cei diz que precisa de mais um cento de lanças e, agora, Ban me quer lá! Se gastasse mais dinheiro com o exército e menos com os poetas não estaria agora em apuros.

- Poetas?

- *Ynys Trebes* é um abrigo de poetas - disse ele amargamente, referindo-se à

ilha-capital do rei Ban. - Poetas! Nós precisamos de lanceiros, não de poetas.

Parou e encostou-se a uma coluna. Nunca o tinha visto tão cansado.

- Não consigo chegar a lugar nenhum - disse ele - enquanto não pararmos de lutar. Se pelo menos pudesse falar com Cuneglas frente a frente, talvez houvesse esperança.

- Não enquanto Gorfyddyd viver - disse eu.

- Não enquanto Gorfyddyd viver - concordou ele e, depois, quedou-se em silêncio e eu sabia que ele estava pensando em Ceinwyn e Guinevere.

O luar entrou por um buraco no telhado e tocou-lhe como um raio prateado no rosto ossudo. Ele fechou os olhos e eu sabia que se culpava pela guerra, mas o que estava feito estava feito. Teria de se criar uma nova paz e só havia um homem capaz de impor essa paz à Grã-Bretanha e esse homem era o próprio Artur. Abriu os olhos e fez uma careta.

- Que cheiro é este? - perguntou, notando-o finalmente.

- Eles branqueiam os tecidos aqui, Senhor - expliquei e apontei para as tinas de madeira cheias de urina e excrementos de galinha para produzir os preciosos tecidos brancos das capas que o próprio Artur preferia.

Em condições normais Artur se sentiria encorajado com tal prova da indústria de uma cidade decadente como *Durocibrivis*, mas nessa noite limitou-se a encolher os ombros para afastar a idéia do cheiro e tocou no sangue vivo da bochecha.

- Mais uma cicatriz - disse, com pesar. - Não demora e terei tantas como você, Derfel.

- Devia usar o elmo, Senhor.

- Quando o uso não enxergo à esquerda nem à direita - disse ele com enfado.

Desencostou-se da coluna e fez-me sinal para que caminhasse com ele em redor da arcada. - Agora, ouça com atenção, Derfel. Lutar contra os Francos é tal e qual como lutar contra os Saxões. São todos germânicos e os Francos não têm nada de especial a não ser gostarem de usar lanças de arremesso junto das armas normais. Por isso, mantenha a cabeça baixa quando eles atacarem pela primeira vez, mas depois é só

muralha de escudos contra muralha de escudos. São lutadores severos, mas bebem demais, normalmente é possível vencê-los

com razoável facilidade. É por isso que mando você. É novo, mas sabes pensar, o que é mais do que a maioria dos nossos soldados conseguem fazer. Eles acham que é suficiente embebedarem-se e esquartejarem tudo o que lhes aparecer pela frente, mas ninguém ganha batalhas assim. - Fez uma pausa e tentou esconder um bocejo. - Desculpe. E pelo que sei, Derfel, Benoic não corre qualquer perigo. Ban é um homem emotivo - descreveu-o amargamente - e entra facilmente em pânico, mas se ele perder *Ynys Trebes* vai ficar com o coração destroçado e eu terei de viver com essa culpa para sempre. Pode confiar em Culhwch, é um bom homem. Bors é um homem competente.

- Mas traiçoeiro - Sagramor falou de entre as sombras ao lado das tinas de branqueamento. Tinha vindo da sala para tomar conta de Artur.

- Isso é injusto - disse Artur.

- Ele é traiçoeiro - insistiu Sagramor no seu sotaque desagradável - porque é

um dos homens de Lancelot.

- Artur - encolheu os ombros.

- Lancelot pode ser uma pessoa difícil - admitiu ele. - É o herdeiro de Ban e gosta das coisas feitas à sua maneira, mas... e depois?... Eu também gosto. - Sorriu e olhou para mim. - Sabe escrever, não sabe?

- Sei, sim, meu Senhor.

Tínhamos passado por Sagramor que se mantinha nas sombras, não tirando os olhos de Artur. Havia gatos passando furtivamente por nós e morcegos revoloteando na parte mais alta da grande sala, cheia de fumaça. Tentei imaginar aquele lugar fedorento cheio de

romanos vestidos com túnicas e iluminados por candeeiros a petróleo, mas essa parecia uma idéia impossível.

- Precisa me escrever dizendo o que está acontecendo - pediu Artur
- para eu não ter de confiar na imaginação de Ban. Como está sua mulher?

- Minha mulher? - sobressaltei-me com a pergunta e, por um momento, pensei que Artur se referia a Canna, uma escrava saxônica que me fazia companhia e que estava me ensinando o seu dialeto, que diferia um pouco do saxão que a minha mãe falava, mas depois percebi que Artur só se podia estar se referindo a Lunete.

- Não sei nada dela, Senhor.

- E também não quer saber, hein? - Dirigiu-me um sorriso irônico, mas divertido e, depois, suspirou.

Lunete estava com Guinevere que, por sua vez, tinha ido para a distante *Durnovária* ocupar o antigo palácio de Inverno de Uther. Guinevere não queria deixar o seu belo palácio perto de *Caer Cadarn*, mas Artur insistira para que fosse mais para o interior do país, para estar a salvo de ataques inimigos.

- Sansum disse-me que Guinevere e todas as suas damas veneram Ísis -

disse Artur.

- Quem? - perguntei.

- Exatamente - ele sorriu. - Ísis é uma deusa estrangeira, Derfel, com os seus próprios mistérios, tem alguma coisa a ver com a Lua, acho eu. Pelo menos foi o que Sansum me disse. Acho que ele também não sabe, mas, mesmo assim, diz que eu tenho de acabar com o culto. Diz que os mistérios de Ísis são inqualificáveis, mas

quando lhe pergunto do que se trata, ele não sabe. Ou então não diz. Não ouviu nada a esse respeito?

- Nada, meu Senhor.

- Mas claro que - disse Artur energicamente - se Guinevere encontra conforto em Ísis, é porque não é uma coisa má. Estou preocupado com ela. Prometi-lhe tanto, entende, e não estou lhe dando nada. Queria colocar de novo o pai dela no seu trono, e vamos conseguir, vamos, mas vai demorar mais tempo do que pensamos.

- Quer lutar contra Diwrnach? - perguntei, aterrado com a idéia.

- Ele é apenas um homem, Derfel, e pode ser morto. Um dia vamos conseguir.

- Virou-se e dirigiu-se para a sala. – Você vai para o Sul. Não posso dispensar mais do que sessenta homens, Deus sabe que não serão suficientes, se Ban estiver realmente com problemas, mas leve-os, Derfel, atravessem o mar e coloque-se sob o comando de Culhwch. Talvez possa ir por *Durnovária*. Mande-me notícias da minha querida Guinevere?

- Sim, meu Senhor - respondi.

- Vou dar um presente para você levar. Talvez aquele colar cravejado de pedras que o chefe saxão trazia. Acha que ela vai gostar? - perguntou ansioso.

- Qualquer mulher gostaria - respondi.

O colar era trabalho feito por saxões, imperfeito e pesado, mas, ainda assim, era bonito. Era um colar de placas douradas, abertas obliquamente como raios de sol e ornamentado com pedras preciosas.

- Muito bem! Leve-o para *Durnovária* por mim, Derfel, e depois vá salvar Benoic.

- Se eu conseguir - disse eu de modo sinistro.

- Se conseguir - ecoou Artur - é por uma questão de consciência.

Acrescentou estas últimas palavras serenamente e deu um pontapé num pedaço de telha de argila que deslizou pelo chão, assustando um gato que arqueou as costas, eriçou o pêlo e sibilou na nossa direção.

- Há três anos - disse ele suavemente - tudo parecia tão fácil.

Mas depois apareceu Guinevere.

No dia seguinte, fui para o Sul com sessenta homens.

- Ele o mandou para me vigiar? - perguntou Guinevere com um sorriso.

- Não, minha Senhora.

- Querido Derfel - escarneceu ela - tão parecido com o meu marido.

Aquilo surpreendeu-me.

- Sou?

- Sim, Derfel, você é. Só que ele é muito mais esperto. Gosta deste lugar? -

Fez um gesto abrangendo todo o pátio.

- É bonito - disse eu.

A vivenda de *Durnovária* era, claro, romana, ainda que no tempo de Uther lhe tivesse servido de palácio de Inverno. Deus sabe que

quando ele o ocupava não era bonito, mas Guinevere tinha restaurado o edifício, devolvendo-lhe alguma da sua antiga elegância. O pátio, tal como o de *Durocobravis*, tinha uma colunata, mas este tinha todas as telhas no lugar e as colunas estavam caiadas. O símbolo de Guinevere estava pintado nas paredes no interior da arcada num padrão repetido de veados coroados com quartos crescentes. O veado era o símbolo de seu pai, a Lua era um suplemento da sua autoria e os medalhões pintados acrescentavam-lhe beleza. Rosas brancas cresciam em canteiros onde existiam também pequenos canais cobertos com azulejos por onde corria água. Dois falcões de caça estavam nos poleiros, virando as cabeças encapuçadas enquanto nós andávamos em redor da arcada romana. Havia estátuas por todo o pátio, todas de homens nus ou mulheres nuas, e em cima de plintos, debaixo da colunata, havia cabeças de bronze com grinaldas de flores. O

pesado colar saxão que eu trouxera em nome de Artur estava agora pendurado à volta do pescoço de uma dessas cabeças de bronze. Guinevere brincara com o presente durante algum tempo e, depois, franzira as sobrancelhas.

- É uma peça tosca, não é? - perguntara-me.

- O príncipe Artur acha que é bonito, Senhora, e digno da senhora.

- Meu querido Artur - dissera descuidadamente.

Depois escolhera a horrível cabeça de bronze de um homem de olhar carrancudo e colocara-lhe o colar à volta do pescoço.

- Isto vai melhorar um pouco o aspecto dele - disse ela, referindo-se à cabeça de bronze. - Eu o chamo de Gorfyddyd. É parecido com Gorfyddyd, não acha?

- Acho, sim, Senhora - respondi.

O busto tinha mesmo alguma coisa do rosto amargo e infeliz de Gorfyddyd.

- Gorfyddyd é um animal - disse Guinevere. Tentou tirar-me a virgindade.

- Tentou? Consegui dizer, depois de me recuperar do choque provocado por aquela revelação.

- Tentou e falhou - disse ela com firmeza. - Estava bêbado. Babou-se todo por cima de mim. Fiquei cheia de baba até aqui. - E indicou, tocando nos seus seios. Ela vestia apenas uma túnica branca de linho que caía em pregas retas dos ombros até os pés. O linho devia ter sido caríssimo, pois o tecido era tão transparente que se eu olhasse para ela, o que tentava evitar, podia ver traços da sua nudez por baixo daquele tecido tão fino. Trazia no pescoço uma imagem dourada do veado coroado com a lua, os brincos eram de âmbar em forma de gotas e com pontas em ouro enquanto na mão esquerda trazia um anel de ouro coroado com o urso de Artur e com uma cruz do amor gravada. - Baba e mais baba - disse ela com prazer. - Por isso, quando ele acabou, ou para ser mais exata, quando acabou de tentar começar e não parava de falar e de se babar, dizendo como pretendia fazer-me sua rainha e como ia me tornar a rainha mais rica da Grã-Bretanha, eu fui ver Iorweth e pedi-lhe para fazer um feitiço contra um apaixonado que eu não queria. É claro que não disse ao druida que se tratava do rei, se bem que talvez ele não se importasse se eu dissesse, pois Iorweth faria qualquer coisa por um sorriso. Assim, fez-me o feitiço e eu o enterrei e depois obriguei o meu pai a dizer a Gorfyddyd que eu tinha enterrado um feitiço de morte contra a filha de um homem que tinha tentado me violar. Gorfyddyd sabia a quem eu me referia e como ele ama loucamente aquela sonsa da Ceinwyn, passou a evitar-me desde então. - Riu e acrescentou: - Os homens são tão idiotas!

- Não o príncipe Artur - disse eu com firmeza, tendo o cuidado de usar o título no qual Guinevere insistia.

- É idiota no que toca a jóias, - dissera ela mordaz e, depois, perguntou-me se Artur tinha me mandado para vigiá-la.

Continuávamos andando em volta da colunata. Estávamos sozinhos. Um guerreiro de nome Lanval era o comandante da guarda da princesa e quisera deixar os seus homens dentro do pátio, mas Guinevere insistira para que saíssem.

- Deixe-os falar sobre nós - disse ela alegremente, mas depois franziu as sobrancelhas. - Às vezes acho que Lanval tem ordens para me vigiar.

- Lanval limita-se a protegê-la, - disse-lhe eu, pois da sua segurança depende a felicidade do príncipe Artur e sobre a felicidade dele apoia-se todo um reino.

- Isso é bonito, Derfel. Gostei. - E disse-o num tom meio zombeteiro.

Continuamos a andar. Uma taça com pétalas de rosa embebidas em água espalhava um aroma agradável pela colunata, que oferecia uma sombra de boas-vindas a quem vinha do sol quente.

- Quer ver Lunete? - perguntou-me Guinevere de repente.

- Duvido que ela queira me ver.

- Provavelmente não. Mas vocês não são casados, não é?

- Não, Senhora, nós nunca casamos.

- Então, não importa, não é? - perguntou ela, mas não disse o que é que não importava e eu não perguntei. - Eu queria vê-lo, Derfel - disse Guinevere, muito séria.

- Sinto-me lisonjeado, Senhora - disse eu.

- As tuas palavras estão cada vez mais bonitas! - Bateu palmas e, depois, franziu o nariz. - Diga-me, Derfel, costuma tomar banho?

Corei.

- Costumo, Senhora.

- Você fede a couro, sangue, suor e pó. Pode ser um aroma agradável, mas não hoje. Está quente demais. Quer que as minhas damas te dêem um banho? Elas o fazem à maneira romana, com muito suor e muita raspadela. É bastante cansativo.

Afastei-me deliberadamente dela.

- Eu procuro um riacho, Senhora.

- Mas eu queria mesmo vê-lo - disse ela. Tornou a aproximar-se mais de mim e até meteu o braço no meu. - Fale-me de Nimue.

- Nimue? - Fiquei surpreso com a pergunta.

- Ela sabe mesmo fazer magia? - perguntou Guinevere avidamente. A princesa era tão alta como eu e o rosto dela, tão belo e tão altivo, estava próximo do meu. A proximidade de Guinevere era avassaladora, era como aquela grande perturbação dos sentidos provocada pela bebida de Mitra. O seu cabelo ruivo cheirava a perfume e os seus surpreendentes olhos verdes tinham sido delineados com um risco preto para parecerem maiores.

- Ela sabe fazer magia? - perguntou Guinevere de novo.

- Acho que sim.

- Acha?! - Afastou-se de mim desapontada. - Só acha?

A cicatriz na minha mão esquerda latejou e eu não sabia o que dizer.

Guinevere riu.

- Diga-me a verdade, Derfel. Preciso saber! - Meteu de novo o braço no meu e conduziu-me para debaixo da sombra da arcada. - Aquele homem horrível, o bispo Sansum, está tentando converter todos ao Cristianismo e eu não vou tolerar isso! Ele quer nos fazer sentir sempre culpados e eu estou sempre dizendo-lhe que não tenho nada do que me sentir culpada, mas os cristãos estão ficando mais poderosos. Estão construindo uma nova igreja aqui! Não, estão fazendo pior do que isso. Venha!

Virou-se impulsivamente e bateu as palmas. Escravos entraram correndo no pátio e Guinevere ordenou que lhe trouxessem a capa e os cães.

- Vou mostrar-lhe uma coisa, Derfel, para ver por si mesmo o que aquele bispo miserável está fazendo ao nosso reino.

Pôs uma capa de lã cor de malva para esconder a túnica de linho transparente e pegou as trelas de uma parelha de galgos escoceses que arfavam ao lado dela com as longas línguas pendendo por entre os dentes aguçados. Os portões da vivenda foram abertos e, com dois escravos atrás e um quarteto dos homens de Lanval formados depressa de cada um dos nossos lados, descemos a rua principal de *Durnovária* elegantemente pavimentada com pedras largas e com valetas para levar a água da chuva até ao rio que corria a leste da cidade. As lojas abertas à frente estavam cheias de mercadorias: sapatos, um açougue, sal, um oleiro. Algumas casas tinham caído, mas a maioria estava em bom estado de conservação, talvez porque a presença de Mordred e Guinevere trouxera uma nova prosperidade à cidade. Havia pedintes, claro, que se arrastavam até muito perto de nós, arriscando-se às hastes das lanças dos guardas, para apanharem as moedas de cobre distribuídas pelos dois escravos de Guinevere. Guinevere, com o cabelo batido pelo sol, caminhava a passos largos pelo monte abaixo quase sem ligar à agitação que a sua presença causava.

- Está vendo aquela casa? - Guinevere apontou para um belo edifício de dois andares do lado norte da rua. - É ali que vive Nabur e onde o nosso pequeno rei vomita e dá puns. - Encolheu os ombros. - Mordred é uma criança particularmente desagradável. Coxeia e nunca pára de gritar. Aí está! Está ouvindo?

Realmente eu ouvia uma criança chorando, se bem que não soubesse se era mesmo Mordred.

- Agora, venhs por aqui - ordenou Guinevere, passando pelo meio de uma pequena multidão que a observava da beira da rua. Depois passou por cima de um monte de pedra partida que estava ao lado da bela casa de Nabur.

Segui-a, e descobri que tínhamos chegado a um terreno para construção, ou melhor, a um lugar onde estavam derrubando um edifício e construindo um outro a partir das ruínas. O edifício que estava sendo destruído fora um templo romano.

- Era aqui que as pessoas veneravam Mercúrio - disse Guinevere. - Mas agora, em vez disso, vamos ter um santuário para um carpinteiro morto. E agora, é

capaz de me dizer como é que um carpinteiro morto vai nos dar boas colheitas!

Estas últimas palavras, manifestamente ditas para mim, foram proferidas num tom suficientemente alto para perturbar o punhado de cristãos que estavam trabalhando na sua nova igreja. Alguns estavam assentando pedra, outros aplainando os umbrais das portadas, enquanto outros derrubavam as paredes antigas para arranjar material para o novo edifício.

- Se quer um casebre para o seu carpinteiro - disse Guinevere com voz vibrante - então por que não tomar conta do antigo edifício? Foi isto mesmo que perguntei a Sansum, mas ele diz que tudo tem ser novo para que os seus preciosos cristãos não tenham de respirar o

ar outrora usado por pagãos. E, baseados nessa crença disparatada, fogamos fora o antigo, que era requintado, e levantamos um edifício nojento cheio de pedras mal aparelhadas e sem elegância nenhuma! - Cuspiu para o pó para afastar o mal.

- Ele diz que é uma capela para Mordred! Acredita? Está decidido a transformar a desditosa criança num cristão lamurioso e é nesta abominação que ele vai fazer.

- Querida Senhora minha! - O bispo Sansum apareceu, vindo de trás de uma das novas paredes que eram realmente defeituosas comparadas com a cuidadosa maçonaria das ruínas do antigo templo. Sansum usava uma toga preta que, tal como o seu cabelo rigorosamente tonsurado, estava esbranquiçada por causa do pó das pedras.

- Nos sentimos admiravelmente honrados com a sua graciosa presença, Senhora - disse ele, inclinando-se perante Guinevere.

- Não estou aqui para honrá-lo, verme. Vim aqui para mostrar a Derfel o morticínio que está fazendo. Como podem adorar alguém aí dentro? - Fez um gesto na direção da igreja meio-construída. - Podiam ter ocupado um estábulo!

- O nosso querido Senhor nasceu num estábulo, Senhora, pelo que me alegro que a nossa humilde igreja a faça lembrar de um.

Fez-lhe outra vênia.

Alguns dos seus trabalhadores juntaram-se ao fundo do seu novo edifício onde começaram a cantar um dos seus cânticos sagrados para afastar a presença maligna dos pagãos.

- Parece mesmo um estábulo - disse Guinevere em tom mordaz. Depois, empurrou o padre ao passar por ele e encaminhou-se a passos largos pelo chão cheio de pedras para uma cabana de

madeira encostada à parede de pedra e tijolo da casa de Nabur. Soltou as trelas dos galgos, deixando-os correr livremente.

- Onde está aquela estátua, Sansum? - fez a pergunta por cima do ombro enquanto dava um pontapé na porta, abrindo-a.

- Ai de mim, graciosa Senhora, apesar de eu ter tentado guardá-la para a senhora, o nosso abençoado Senhor ordenou que fosse fundida. Compreenda, Senhora, é para os pobres.

Ela virou-se para o bispo, furiosa.

- Bronze! Para que serve o bronze para os pobres? Eles o comem?
- Olhou para mim. - Uma estátua de Mercúrio, Derfel, do tamanho de um homem alto. Era um trabalho lindo! Era trabalho romano, não britânico, mas agora desapareceu, fundida num forno cristão, porque vocês - olhou de novo para Sansum com a repugnância que sentia estampada no seu rosto forte - não suportam a beleza. Têm medo dela. São como vermes abatendo árvores e não fazem idéia do que estão fazendo.

Ela enfiou-se na cabana onde, evidentemente, Sansum guardava os objetos de valor que encontrava nas ruínas do templo. Saiu de lá com uma estatueta de bronze que atirou para um dos seus guardas.

- Não é muito - disse ela, - mas, pelo menos, fica a salvo de um carpinteiro verme que nasceu num estábulo.

Sansum, ainda sorrindo apesar de todos os insultos, perguntou-me como iam as lutas no Norte.

- Vamos ganhando devagar - disse eu.

- Diga ao meu Senhor, o príncipe Artur, que rezo por ele.

- Reze antes pelos inimigos dele, sapo - disse Guinevere - e talvez ganhemos mais depressa. - Olhou para os dois cães que estavam

urinando contra as paredes da nova igreja e acrescentou: - O mês passado Cadwy tentou atacar para estes lados e aproximou-se muito.

- Graças a Deus que fomos poupados - acrescentou Sansum devotamente.

- Não graças a você, verme miserável - disse Guinevere. Os cristãos fugiram.

Arregaçaram as saias e abalaram para Leste. Nós, ficamos e Lanval, graças aos Deuses, conseguiu expulsar Cadwy. - Cuspiu na direção da nova igreja. - Na hora certa vamos ficar livres de inimigos e, quando isso acontecer, Derfel, vou derrubar aquele telheiro e construir um templo digno de um verdadeiro Deus.

- Para Ísis? - perguntou Sansum com um ar dissimulado.

- Tenha cuidado, sapo - avisou-o ela, - pois a minha Deusa governa a noite e pode arrebatá-la tua alma para se divertir com ela, se bem que só os deuses saibam para que serviria a tua miserável alma a alguém. Venha, Derfel.

Recolheu os dois galgos e subimos de novo o monte. Guinevere tremia, enfurecida.

- Viu o que ele está fazendo? Derrubando o antigo! Porquê? Para poder nos impor as suas superstições? Porque não pode deixar o que é antigo em paz? Nós não nos importamos que aqueles idiotas adorem um carpinteiro, por que é, então, ele se importa com o que nós adoramos? Quantos mais deuses melhor, é o que eu sempre digo. Porquê ofender alguns deuses exaltando só o seu? Não faz sentido.

- O que é Ísis? - perguntei-lhe, quando viramos no portão da vivenda. Ela lançou-me um olhar divertido.

- Por acaso essa não será uma pergunta do meu adorado esposo?

- É - respondi.

Ela riu.

- Muito bem, Derfel. A verdade é sempre surpreendente. Então Artur está

preocupado com a minha Deusa?

- Ele está preocupado - disse eu, - porque Sansum o preocupa com histórias de mistérios.

Ela sacudiu os ombros, deixando cair a capa nos ladrilhos do pátio para ser apanhada por um escravo.

- Diga a Artur - disse ela - que ele não tem nada com o que se preocupar.

Duvidará ele por acaso do meu afeto?

- Ele a adora - disse eu, com tato.

- E eu a ele. - Sorriu-me. - Diga-lhe isso, Derfel - acrescentou de modo caloroso.

- Direi, Senhora.

- E diga-lhe que ele não tem nada com o que se preocupar em relação a Ísis.

- Agarrou-me impulsivamente na mão. - Venha disse ela, - tal como tinha feito quando me levara ao novo santuário cristão, mas desta vez puxou-me, fazendo-me atravessar o pátio, saltando os pequenos canais de água até uma pequena porta na arcada mais afastada. - Isto - disse ela, largando-me a mão e empurrando a

porta, abrindo-a - é o santuário de Ísis que tanto preocupa o meu querido Senhor.

Hesitei.

- É permitido aos homens entrarem?

- De dia, sim. De noite? Não. - Ela passou pela porta e afastou uma pesada cortina de lã que estava pendurada logo a seguir à porta. Segui-a, afastando a cortina e entrando numa sala preta e sem luz. - Pare! Não se mexa! - avisou-me ela.

A princípio, pensei que estava obedecendo a alguma regra de Ísis, mas à

medida que os meus olhos foram se acostumando à densa obscuridade, vi que ela me mandara parar para que eu não caísse numa piscina de água que havia no chão à

minha frente. A única luz do santuário entrava pelos lados da cortina da porta, mas enquanto esperava percebi uma luz cinzenta infiltrando-se no fundo da sala. Depois vi que Guinevere estava baixando, uma a uma, várias tapeçarias de parede, todas negras, cada uma delas suspensa numa vara com a ajuda de suportes. As tapeçarias eram tão grossas que não passava luz alguma através dos fios sobrepostos em camadas. Por trás das tapeçarias, que agora estavam todas amarrotadas no chão, havia persianas que Guinevere abriu, deixando entrar uma torrente de luz ofuscante.

- Eis os mistérios! - disse ela, junto à grande janela em arco. Estava escarnecendo dos medos de Sansum, mas, na verdade, a sala era verdadeiramente misteriosa, pois era toda negra. O chão era de pedra preta, as paredes e o teto abobadado estavam pintados com piche. No centro do chão negro estava a piscina, pouco funda, cheia de água negra e entre a piscina e a janela que tinha acabado de ser aberta estava um trono baixo e negro feito de pedra.

- Então o que acha, Derfel? - perguntou-me Guinevere.

- Não vejo deusa nenhuma - disse eu, procurando uma estátua de Ísis.

- Ela vem com a Lua - disse Guinevere e eu tentei imaginar a luz da lua cheia entrando em torrentes pela janela dando brilho à água da piscina e tremeluzindo nas paredes negras.

- Fale-me de Nimue - mandou Guinevere - e eu falo de Ísis.

- Nimue é a sacerdotisa de Merlim - disse eu e ouvi o eco surdo da minha voz provocado pelas pedras pintadas de negro - e está aprendendo os segredos dele.

- Que segredos?

- Os segredos dos Deuses antigos, Senhora.

Ela franziu as sobrancelhas.

- Mas como é que ele encontra tais segredos? Pensava que os antigos druidas não escreviam nada. Eles estavam proibidos de escrever, não estavam?

- Estavam, Senhora, mas, mesmo assim, Merlim procura a sabedoria deles.

Guinevere meneou a cabeça como sinal de que tinha compreendido.

- Eu sabia que tínhamos perdido alguma sabedoria. E Merlim vai encontrá-la?

Ainda bem. Isso deve calar aquele sapo do Sansum.

Ela tinha avançado até ao centro da janela e espreiava agora o olhar para lá

dos telhados de telhas e colmo de *Durnovária* e sobre a fortaleza do lado sul e dos outeiros cobertos de erva do anfiteatro que ficava do outro lado, na direção das vastas muralhas de terra de Mai Dun que se erguiam no horizonte. Nuvens brancas amontoavam-se no céu azul, mas o que me tirava o fôlego era ver o Sol trespassando a túnica branca de linho de Guinevere. Era como se a Senhora do meu Senhor, aquela princesa de *Henis Wyren*, estivesse nua, e durante esses momentos, com o sangue latejando nos ouvidos, senti ciúmes do meu Senhor. Será que Guinevere estava ciente da traição do sol? Eu achava que não, mas devia estar errado. Ela estava de costas, mas, de repente, virou-se um pouco para poder olhar para mim.

- Lunete é mágica?

- Não, Senhora - disse eu.

- Mas ela aprendeu com Nimue, não aprendeu?

- Não - respondi. - Ela nunca teve permissão para entrar nos aposentos de Merlim. Ela não tinha interesse.

- Mas você esteve nos aposentos de Merlim?

- Só duas vezes - respondi.

Eu conseguia ver-lhe os seios e deliberadamente baixei os olhos para a piscina escura, mas a piscina refletia a beleza dela e acrescentava um resplendor malicioso e misterioso ao seu corpo longo e flexível. Seguiu-se um silêncio pesado e, ao pensar na nossa última troca de palavras, percebi que Lunete devia ter dito conhecer a magia de Merlim e que, sem dúvida, eu acabara de estragar tudo.

- Talvez Lunete saiba mais do que alguma vez me disse - disse debilmente.

Guinevere encolheu os ombros e virou-se. Levantei de novo os olhos.

- Mas acha que Nimue sabe do que Lunete? - perguntou-me.

- Infinitamente, Senhora.

- Já pedi duas vezes a Nimue para vir aqui - disse Guinevere com rispidez e ela recusou das duas vezes. - Como é que eu faço para ela vir ter comigo?

- A melhor maneira de obrigar Nimue a fazer alguma coisa - disse eu - é

proibindo-a de fazê-lo.

Fez-se novamente silêncio. Ouvia-se perfeitamente os barulhos da cidade: os pregões dos vendedores ambulantes no mercado, o ruído das rodas das carroças nas pedras, o ladrar dos cães, o chocalhar de potes numa cozinha ali perto, mas naquela sala havia silêncio.

- Um dia - disse Guinevere, quebrando o nosso silêncio - vou construir um templo para Ísis ali em cima. - E apontou para as muralhas de *Mai Dun* que enchiam o céu do sul. - Acha que é um lugar sagrado?

- Muito.

- Que bom. - Virou-se de novo para mim, o sol enchia-lhe o cabelo ruivo e iluminava-lhe a pele macia por baixo da túnica. - Eu não quero fazer jogos infantis, Derfel, tentando adivinhar o que Nimue quer. Eu a quero aqui. Preciso de uma sacerdotisa com poder. Preciso de uma amiga dos antigos deuses se quero lutar contra aquele verme do Sansum. Preciso de Nimue, Derfel. Por isso, pelo amor que tem a Artur, diga-me que mensagem traria Nimue até aqui. Diga-me isso e eu digo por que adoro Ísis.

Fiz uma pausa, pensando que isca atrairia Nimue.

- Diga-lhe - disse eu finalmente - que Artur lhe dará Gundleus se ela lhe obedecer. Mas certifique-se de que ele o fará mesmo.

- Obrigada, Derfel. - Ela sorriu e, depois, sentou-se no trono de pedra preta polida. - Ísis é uma deusa das mulheres e o trono é o símbolo dela. Um homem pode sentar-se no trono de um reino, mas Ísis pode determinar quem esse homem é. É por isso que eu a adoro.

Senti o cheiro da traição nas suas palavras.

- O trono deste reino, Senhora - disse eu, repetindo o que Artur afirmava tantas vezes - está preenchido por Mordred.

Guinevere sorriu de escárnio perante tal afirmação.

- Mordred nem é capaz de encher um penico! Mordred é um coxo! Mordred é

uma criança mal-educada que já fareja o poder como um porco fungando uma porca com o cio. - A voz dela era desdenhosa e soava como o estalar de um chicote. - E

desde quando, Derfel, é que o trono é passado de pai para filho? Nunca foi assim nos tempos antigos! O melhor homem da tribo ficava com o poder e assim é que devia ser hoje. - Ela fechou os olhos como se, de repente, se arrependesse da explosão. - É

amigo do meu marido? - perguntou algum tempo depois, já com os olhos abertos.

- Sabe que sim, Senhora.

- Então você e eu somos amigos, Derfel. Nós somos um, porque ambos amamos Artur. E você, meu amigo Derfel Cadarn, acha que

Mordred será um rei melhor do que Artur?

Hesitei, pois ela me convidava a dizer palavras de traição, mas ao mesmo tempo convidava-me falando com honestidade num local sagrado e, por isso, disse-lhe a verdade.

- Não, minha Senhora. O príncipe Artur seria o melhor rei.

- Muito bem. - Ela sorriu. - Então, diga a Artur que ele não tem nada a temer e muito a ganhar por eu adorar Ísis. Diga-lhe que é pelo seu futuro que eu estou aqui adorando Ísis e que nada do que acontece nesta sala pode causar danos. Está claro?

- Direi, Senhora.

Ela fitou-me longamente. Eu fiquei reto como um soldado com a capa tocando no chão negro, com a barba cor de ouro por causa do sol que entrava no santuário.

- Vamos ganhar esta guerra? - perguntou Guinevere depois de algum tempo.

- Vamos, Senhora.

Ela sorriu perante a minha confiança.

- Diga-me porquê.

- Porque *Gwent* aguenta firme como um rochedo a norte - disse eu.

- Porque os Saxões lutam entre eles como nós e, por isso, nunca se coligarão para nos combater. Porque Gundleus da *Silúria* está apavorado, temendo mais uma derrota.

Porque *Cadwy* é uma lesma que será esmagada quando tivermos tempo de sobra.

Porque Gorfyddyd sabe lutar, mas não sabe chefiar exércitos. E, acima de tudo, Senhora, porque temos o príncipe Artur.

- Muito bem - disse ela de novo. Depois levantou-se deixando o Sol trespassar a túnica branca de linho transparente. – Você deve partir, Derfel. Já viu demais. - Corei e ela. - E procure um ribeiro! Porque fede como um saxão!

Procurei um ribeiro e lavei-me. Depois conduzi os meus homens para Sul em direção ao mar.

Eu não gosto do mar.

É frio e traiçoeiro e os seus montes móveis e cinzentos deslocavam-se sem parar vindos do oeste longínquo onde o Sol morre todos os dias. Os marujos disseram-me que em algum lugar, depois daquele horizonte vazio, ficava a terra de *Lyonesse*, mas nunca ninguém a vira ou, com certeza, nunca ninguém voltara de *Lyonesse*. Por isso tinha-se transformado num abrigo abençoado para todos os pobres marujos; uma terra de prazeres terrenos onde não há guerra nem fome e, acima de tudo, não há navios para atravessar o mar rugoso e cinzento com as crespinas brancas polidas pelo vento precipitando-se das montanhas verde-acinzentadas que tão impiedosamente agitavam os nossos pequenos barcos de madeira.

A costa de *Dumnónia* parecia incrivelmente verde. Eu nunca percebera de como gostava daquele local até ao dia em que o deixei pela primeira vez. Os meus homens viajavam em três embarcações, todas com escravos nos remos. Mas quando saímos do rio levantou-se um vento de Oeste. Por isso os remos foram recolhidos enquanto as velas em farrapos arrastavam as toscas embarcações pelos declives das gigantescas ondas. Muitos dos meus homens ficaram enjoados. Eram novos, muitos deles, a maior parte, eram ainda mais nova do que eu, pois a guerra é mesmo um jogo de rapazes, mas alguns eram mais velhos.

Cavan, o meu segundo comandante, estava perto dos quarenta. Tinha uma barba grisalha e um rosto cheio de cicatrizes. Era um irlandês severo que trabalhara com Uther e que agora não via nada

de estranho em ser comandado por um homem com apenas metade da sua idade. Chamava-me de Senhor, supondo que, por eu ter vindo do Tor, era herdeiro de Merlim ou, pelo menos, o magnífico filho do mágico parido por uma escrava saxônica. Penso que Artur devia ter me dado Cavan para o caso da minha autoridade não se mostrar superior à minha idade, mas, com toda a sinceridade, eu nunca tive problemas em comandar homens. Diz-se aos soldados o que têm de fazer, nós próprios também o fazemos, punem-se quando falham, mas, caso contrário, recompensam-se bem e dá-lhes a vitória.

Os meus lanceiros eram todos voluntários e iam para Benoic ou porque queriam me servir ou, e era o mais provável, porque acreditavam que haveria maiores pilhagens e mais glória para sul daquele mar. Viajávamos sem mulheres, cavalos ou servos. Eu dera a Canna a sua liberdade e a mandara para o Tor, esperando que Nimue tomasse conta dela, mas duvidava que tornasse a ver a minha pequena saxã.

Em breve encontraria um marido enquanto eu ia ao encontro da nova Grã-Bretanha, a Bretanha, para ver por mim a fabulosa beleza de *Ynys Trebes*.

Bleiddig, o chefe enviado pelo rei Ban, viajava conosco. Resmungou por eu ser tão novo, mas depois de Cavan ter rosnado que eu provavelmente já matara mais homens do que o próprio Bleiddig, decidiu guardar para si próprio as reservas que tinha a meu respeito. Ainda se queixou que éramos poucos. Disse que os Francos eram numerosos e estavam bem armados e esfomeados pelas terras, que duzentos homens serviriam para alguma coisa, mas sessenta não.

Nessa primeira noite ancoramos na baía de uma ilha. Os mares bramiam ao passar pela boca da baía enquanto na costa havia um grupo de homens andrajosos que gritavam na nossa direção e que, às vezes, lançavam setas com pouca força que caíam não muito

longe dos nossos três barcos. O nosso capitão da marinha temia que estivesse chegando uma tempestade e sacrificou um cabrito que levávamos para bordo e que servia apenas esse objetivo. Ele espalhou o sangue do animal moribundo pela proa do seu navio e, pela manhã, os ventos tinham acalmado, ainda que tivesse aparecido um denso nevoeiro arrastando-se sobre o mar. Nenhum dos capitães dos navios navegaria com o nevoeiro. Por isso, esperamos um dia inteiro e uma noite e, então, sob um céu limpo remamos para Sul. Foi um dia muito longo. Contornamos algumas rochas medonhas coroadas com os esqueletos de navios naufragados. E, então, numa noite quente, com pouco vento e uma maré subindo que ajudava os nossos remadores cansados, deslizamos para um rio largo onde, sob as asas afortunadas de um bando de cisnes, encalhamos a nossa embarcação. Havia um forte próximo, e homens armados aproximaram-se da margem do rio para nos desafiar, mas Bleiddig gritou que éramos amigos. Os homens responderam em inglês, dando-nos as boas-vindas. A luz do crepúsculo dourava os redemoinhos e as correntes do rio.

O local cheirava a peixe, sal e alcatrão. Havia redes pretas penduradas em cavaletes ao lado de barcos de pesca encalhados, fogueiras ardendo sob as tinas do sal, cães correndo para trás e para a frente nas pequenas ondas, ladrando. Um grupo de crianças saiu de algumas cabanas perto da beira-rio para nos ver desembarcar.

Eu ia à frente com o meu escudo com o símbolo do urso de Artur virado de pernas para o ar. Quando passei para lá da linha de algas formada pela maré-cheia enterrei a haste da minha lança na areia e disse uma oração a Bei, o meu protetor, e a *Manawydan*, o Deus do Mar, para que um dia me levassem de volta da *Armórica*, de volta ao meu Senhor, de volta a Artur, na abençoada Grã-Bretanha. Depois fomos para a guerra.

Eu tinha ouvido alguns homens dizer que nenhuma cidade, nem sequer Roma ou Jerusalém, era tão bela como *Ynys Trebes*, e

talvez esses homens estivessem dizendo a verdade, pois, apesar de eu nunca ter visto as outras, vi *Ynys Trebes* e era um local espantoso, uma cidade maravilhosa, o local mais bonito que já

vi. Erguia-se numa ilha escarpada de granito no meio de uma ampla baía pouco profunda que podia estar coberta de espuma ou fustigada por ventos uivantes, mas no interior de *Ynys Trebes* tudo estaria calmo. No Verão a baía podia tornar-se escaldante por causa do calor, mas dentro da capital de Benoic parecia sempre fresco.

Guinevere teria adorado *Ynys Trebes*, pois tudo o que era antigo era guardado como um tesouro e não se permitia que nada de feio estragasse a sua beleza.

Os Romanos estiveram em *Ynys Trebes*, claro, mas não a tinham fortificado, tendo apenas construído duas vivendas no alto da ilha. As vivendas ainda existiam: o rei Ban e a rainha Elaine tinham-nas ligado e aumentado, pilhando edifícios romanos no continente à procura de novas colunas e pedestais, mosaicos e estátuas. Agora o alto da ilha estava coroado por um gracioso palácio, cheio de luz, onde cortinas de linho brancas ondeavam com cada lufada de vento que soprava do mar espelhado de cintilações. Conseguia chegar-se com mais facilidade à ilha de barco, apesar de haver uma passagem que durante a maré alta ficava coberta e durante a maré baixa podia ser traiçoeira por causa das areias movediças. A passagem estava marcada por vergas, mas as enormes vagas da baía escondiam as marcas e só um louco tentaria atravessar a passagem sem contratar os serviços de um guia local para conduzi-lo por entre as areias movediças e pelas enseadas agitadas. Durante as marés baixas *Ynys Trebes* emergia do mar, elevando-se no meio de uma vastidão de areia encrespada cortada por pequenos canais e charcos com água das marés, enquanto durante as marés altas, quando o vento soprava forte vindo de oeste, a cidade era como um gigantesco navio abrindo destemida e ruidosamente o seu caminho pelo mar agitado.

Abaixo do palácio havia um amontoado de edifícios menores que se seguravam nas íngremes encostas de granito como ninhos de aves marítimas.

Havia templos, lojas, igrejas e casas, todas caiadas, todas construídas em pedra, todas ornamentadas com esculturas e decorações que não tinham sido utilizadas no grande palácio de Ban e todas com frente para a estrada pavimentada com pedras que subia em degraus em redor da ilha escarpada até à casa real. No lado este da ilha havia um cais onde podiam ancorar os barcos, se bem que só com mar calmo se pudesse ancorar comodamente, e era por isso que os nossos navios nos tinham deixado num local seguro que ficava a um dia de caminho para oeste. Do outro lado do cais havia um pequeno porto de abrigo que não era mais do que um lago formado pelas marés e protegido por bancos de areia. Na maré baixa o lago ficava separado do mar, enquanto na maré alta a ligação era precária sempre que o vento soprava do norte. Rodeando a base da ilha, exceto nos locais em que o próprio granito era íngreme demais para ser escalado, uma muralha de pedra tentava manter o mundo exterior afastado. Fora de *Ynys Trebes* havia tumultos, inimigos francos, sangue, pobreza e doenças, enquanto dentro da muralha se espalhava o saber, a música, a poesia e a beleza.

Eu não pertencia à querida ilha capital do rei Ban. A minha tarefa era defender *Ynys Trebes* lutando no continente, em *Benoic*, onde os Francos estavam pressionando, entrando nas fazendas que sustentavam a capital gastadora, mas Bleiddig insistira para que eu conhecesse o rei. Por isso, fui guiado pela passagem, atravessando o portão da cidade, decorado com um tritão brandindo um tridente, e seguindo pela estrada íngreme que levava ao grandioso palácio. Os meus homens tinham ficado todos no continente e eu só desejava tê-los trazido para verem as maravilhas daquela cidade: os portões entalhados; as íngremes escadas de pedra que se precipitavam para cima e para baixo no granito da ilha por entre templos e lojas; as casas com varandas ornamentadas com canteiros de flores; as

estátuas e as nascentes que derramavam água limpa e fresca em calhas de mármore onde qualquer pessoa podia encher um balde ou inclinar-se para beber. Bleiddig era o meu guia e não parava de resmungar como a cidade era um desperdício de bom dinheiro que devia antes ser gasto na defesa em terra, mas eu estava siderado. Aquele, pensei, era um lugar pelo qual valia a pena lutar.

Bleiddig conduziu-me até o último portão decorado com um tritão, que dava entrada para o pátio do palácio. Os edifícios cobertos de latadas do palácio preenchiam três lados do pátio enquanto o quarto lado era limitado por uma série de arcos pintados de branco, que se abriam revelando uma ampla vista do mar. Havia guardas com capas brancas em todas as portas, com as hastes das lanças polidas e as cabeças das lanças brilhando.

- Não prestam para nada - murmurou Bleiddig por entre os dentes. - Não conseguem sequer vencer um cachorrinho, mas são bem bonitos.

Um cortesão vestido com uma toga branca recebeu-nos à entrada do palácio e escoltou-nos, levando-nos por sala atrás de sala, todas elas cheias de tesouros raros. Havia estátuas de alabastro, pratos dourados e uma sala com vários espelhos de metal polido alinhados, o que me levou a fazer uma careta quando me vi refletido numa distância sem fim: um soldado barbudo, sujo e com uma capa castanho-avermelhada ficando cada vez menor com as diminuições enrugadas dos espelhos.

Na sala seguinte, pintada de branco e onde se sentia o aroma de flores no ar, havia uma menina tocando harpa. Usava uma túnica curta e nada mais. Sorriu quando nós passamos e continuou a tocar. Tinha os seios dourados pelo sol, o cabelo curto e sorria com facilidade.

- Parece um bordel - confidenciou Bleiddig num murmúrio rouco - e quem me dera que fosse. Serviria para alguma coisa.

O cortesão vestido com uma toga abriu o último par de portas com puxadores de bronze e, fazendo uma vênia, deixou-nos entrar numa sala com vista para o mar.

- Senhor! - inclinou-se perante o único ocupante da sala, - o Chefe Bleiddig e Derfel, um capitão de *Dumnónia*.

Um homem alto e magro com um rosto preocupado e uma cabeça já com pouco cabelo branco levantou-se por trás de uma mesa onde estivera escrevendo num pergaminho. Uma lufada de vento enrolou-lhe o trabalho e ele ficou todo nervoso enquanto não conseguiu prender os cantos do pergaminho com tinteiros e amotites.

- Ah! Bleiddig! - disse o rei avançando para nós. - Vejo que está de volta.

Muito bem. Algumas pessoas nunca voltam. As embarcações não resistem. Devíamos ponderar nisso. Acha que a resposta será embarcações maiores? Ou será que as construímos mal? Não sei se teremos os conhecimentos certos sobre a construção de barcos, ainda que os nossos pescadores jurem que sim, mas alguns deles também não voltam. Um problema. - O rei Ban parou a meio da sala e coçou a têmpora, sujando ainda mais de tinta o cabelo ralo. - Não me ocorre nenhuma idéia de imediato

- anunciou finalmente, depois olhou com atenção para mim. - Drivel, não é?

- Derfel, meu Senhor - disse eu, pondo um joelho em terra.

- Derfel! - Disse o meu nome com espanto. - Derfel! Deixe-me pensar! Derfel.

Suponho que, se esse nome tem algum significado, será "pertence a um druida".

Pertence a algum, Derfel?

- Fui educado por Merlim, Senhor.

- Foi? Foi, mesmo? Caramba! Isso é muito importante. Vejo que temos de falar. Como está o meu querido Merlim?

- Há cinco anos que ninguém o vê, Senhor.

- Então está invisível! Ah! Sempre soube que esse devia ser um dos seus truques. Um truque muito útil além do mais. Tenho de pedir aos meus sábios para investigarem. Levante-se, levante-se. Não suporto que as pessoas se ajoelhem perante mim. Não sou nenhum deus, pelo menos acho que não sou. - O rei examinou-me e pareceu desapontado com o que viu. – Você parece um franco! - disse, num tom de voz que denotava confusão.

- Sou dumnoniano, Senhor - disse eu, orgulhoso.

- Tenho certeza que sim. Um dumnoniano que, espero, veio à frente do meu querido Artur, não é? - perguntou avidamente.

Eu não estava propriamente ansioso por este momento.

- Não, meu Senhor - disse eu. - Artur está cercado por muitos inimigos. Tem de lutar pela sobrevivência do nosso reino e, por isso, mandou-me com alguns homens, todos os que podia dispensar, e eu fiquei de lhe escrever dizendo se necessitaremos mais.

- Vão ser necessários mais, claro que vão - disse Ban tão furiosamente quanto lho permitia a sua voz estridente e aguda. - Meu Deus, se vão. Então trouxe alguns homens? Quantos são esses alguns, precisamente?

- Sessenta, Senhor.

O rei Ban deixou-se cair abruptamente numa cadeira de madeira com embutidos de marfim.

- Sessenta! Eu esperava trezentos! E o próprio Artur em pessoa. Você me parece muito novo para ser capitão - disse ele, hesitante, e depois, de repente, animou-se. - Será que ouvi bem? Disse que sabe escrever?

- Sim, meu Senhor.

- E ler? - insistiu o rei ansioso.

- Também, Senhor.

- Veja, Bleiddig! - gritou o rei numa voz triunfante saltando da cadeira. -

Alguns guerreiros sabem ler e escrever! Isso não os faz menos homens. Isso não os reduz à insignificante condição de eclesiásticos, mulheres, reis ou poetas como você

tão ingenuamente acredita. Ah! Um guerreiro que sabe ler e escrever. Por algum feliz acaso escreve poesia? - perguntou-me.

- Não, meu Senhor.

- Que pena. Nós somos uma comunidade de poetas. Somos uma irmandade!

Denominamo-nos *fili* e a poesia é nossa senhora implacável. É, por assim dizer, a nossa tarefa sagrada. Talvez se sinta inspirado. Venha comigo, meu letrado Derfel.

Ban, tendo já esquecido a ausência de Artur, correu com passos miudinhos e excitados pela sala, fazendo-me sinal para que o seguisse por outro conjunto de grandes portas, passando primeiro por uma sala pequena onde uma segunda harpista, meio nua como a primeira e tão bonita como ela, tocava nas cordas, e entrando depois numa biblioteca.

Eu nunca tinha visto uma biblioteca de verdade e o rei Ban, encantado por me mostrar a sala, observou a minha reação. Fiquei boquiaberto e não admira, pois cada rolo de pergaminho estava atado com uma fita e guardado em caixas feitas por encomenda com uma parte aberta e todas arrumadas umas por cima das outras como os alvéolos de uma colmeia. Havia centenas desses alvéolos, cada um com o seu próprio rolo de pergaminho e cada um com uma etiqueta escrita a tinta com uma caligrafia esmerada.

- Que línguas você fala, Derfel? - perguntou-me.

- Saxão, meu Senhor, e britânico.

- Ah... ele ficou desapontado. Apenas línguas rudes. Eu agora domino o latim, o grego, o britânico, é claro, e um pouco o árabe. Ali o padre Celwin fala dez vezes mais línguas, não é, Celwin?

O rei dirigiu-se ao único ocupante da biblioteca, um velho padre de barba branca com uma grotesca corcunda e um hábito de monge com capuz. O padre levantou uma mão franzina confirmando, mas não levantou os olhos dos pergaminhos estendidos em cima da sua mesa. Por um momento pensei que o padre tinha um cachecol de peles à volta da parte de trás do capuz, mas depois vi que era um gato cinzento, que levantou a cabeça, olhou para mim, bocejou e voltou a adormecer. O rei Ban ignorou a grosseria do padre e conduziu-me ao longo das prateleiras, falando-me dos tesouros que tinha colecionado.

- O que aqui tenho - disse ele com orgulho - é tudo o que os Romanos deixaram e tudo o que os meus amigos se lembram de me mandar. Alguns manuscritos estão velhos demais para serem manuseados, por isso são copiados. Ora vamos ver... O que é isto? Ah, sim, é uma das doze peças de Aristófanes. É claro que tenho todas. Esta é *Os Babilônicos*. Uma comédia passada na Grécia, meu jovem.

- E sem graça nenhuma - disse o velho com brusquidão da sua mesa.

- É extremamente engraçada - disse o rei Ban, imperturbável ante a grosseria do padre, à qual estava evidentemente acostumado. - Talvez os Fili devessem construir um teatro e representá-la. Ah, isto você vai gostar. *A Ars Poética* de Horácio.

Fui eu próprio quem copiou este.

- Não admira que esteja ilegível - interpôs o padre Celwin.

- Obrigo todos os *fili* a estudarem as máximas de Horácio - disse-me o rei.

- E é por isso que todos eles são poetas tão abomináveis - disse o padre, mas ainda sem levantar os olhos dos pergaminhos.

- Ah, Tertuliano! - O rei tirou um rolo de uma caixa e soprou para retirar o pó

do pergaminho. - Uma cópia da sua *Apologeticus*.

- Só lixo - disse Celwin. - Desperdício de tinta preciosa.

- É a própria eloquência! - Ban estava todo entusiasmado. - Eu não sou cristão, Derfel, mas alguns textos cristãos estão cheios de um bom sentido moral.

- Nada disso - defendeu o padre.

- Ah, e esta é uma obra que já deve conhecer - disse o rei, retirando mais um rolo de pergaminho da respectiva caixa. - *Meditações* de Marco Aurélio. É um guia sem igual, meu querido Derfel, de como um homem deve viver a sua vida.

- Banalidades escritas num mau grego por um chato romano - resmungou o padre.

- Provavelmente o maior livro que já foi escrito - disse o rei com um ar sonhador, colocando Marco Aurélio no lugar e retirando uma outra obra. - E esta é

realmente uma curiosidade. A grande dissertação de Aristarco de Samos. Você a conhece, tenho certeza.

- Não, não conheço, Senhor - confessei.

- Talvez não esteja na lista de leitura de todas as pessoas - admitiu tristemente o rei, - mas é estranhamente divertida. Aristarco afirma que é a Terra que gira à volta do Sol e não o Sol à volta da Terra. - Ilustrou esta noção conflituosa com gestos giratórios e extravagantes dos seus longos braços. - Ele diz que anda para trás, vê?

- A mim parece razoável - disse Celwin, sem retirar os olhos do trabalho.

- E Silius Italicus! - O rei fez um gesto indicando um grupo de alvéolos de colméia pergaminhos. - Querido Silius Italicus! Tenho todos os dezoito volumes da sua história da Segunda Guerra Púnica. Tudo em verso, claro. Que tesouro!

- A segunda guerra túrgida - cacarejou o padre.

- E é assim a minha biblioteca - disse Ban, orgulhoso, conduzindo-me para fora da sala. - A glória de *Ynys Trebes*! Ela e os nossos poetas. Desculpe por tê-lo incomodado, padre!

- O camelo acaso se sente incomodado por um gafanhoto? - perguntou o padre Celwin. Depois a porta foi fechada na cara dele e eu segui o rei, passando pela harpista de seios desnudos e voltando para onde Bleiddig continuava à espera.

- O padre Celwin está orientando as pesquisas sobre o tamanho das asas dos anjos - anunciou Ban com orgulho. - Talvez eu lhe devesse

fazer algumas perguntas sobre a invisibilidade. Ele parece saber de tudo. Mas, veja agora, Derfel, por que é que é tão importante que *Ynys Trebes* não caia? Neste pequeno lugar, meu querido colega, está armazenada a sabedoria do nosso mundo, reedificada a partir das suas ruínas e arrumada em segurança. Pergunto-me o que será um camelo. Sabe o que é um camelo, Bleiddig?

- Um tipo de carvão, Senhor. Os ferreiros usam-no para fazer aço.

- Usam mesmo? Que interessante. Mas o carvão não seria incomodado por um gafanhoto, não é? Essa contingência dificilmente ocorreria, então porquê sugeri-la?

Estou perplexo. Tenho de perguntar ao padre Celwin, quando ele estiver com disposição para perguntas, o que é raro. Agora, meu jovem, eu sei que veio para salvar o meu reino e tenho certeza que está ansioso por tratar disso, mas primeiro tem de ficar para jantar. Os meus filhos estão aqui, são os dois guerreiros! Eu tinha esperança de que eles dedicassem suas vidas à poesia e à cultura, mas os tempos exigem guerreiros, não é? Ainda assim, o meu querido Lancelot preza os *fili* tanto quanto eu pelo que há esperança para o nosso futuro. - Fez uma pausa, franziu o nariz e ofereceu-me um amável sorriso. - Penso que vai querer tomar um banho.

- Vou?

- Sim - disse Ban decididamente. - Leonor vai levá-lo aos seus aposentos, preparar seu banho e dar-lhe roupas. - Bateu palmas e a primeira harpista apareceu à

porta. Devia ser ela a tal Leonor.

Eu estava num palácio perto do mar, cheio de luz e beleza, povoado de música, sagrado para a poesia e encantado pelos seus habitantes que a mim pareciam ter vindo de outra época e de outro mundo.

E foi então que conheci Lancelot.

- Você pouco mais é do que um garoto - disse-me Lancelot.

- É verdade, Senhor - disse eu.

- Eu estava comendo lagosta embebida em manteiga derretida e não me lembrava de alguma vez ter comido nada tão delicioso.

- Artur nos insulta ao mandar apenas um garoto - insistiu Lancelot.

- Isso não é verdade, Senhor - disse, com a manteiga escorrendo pela barba.

- Me acusa de mentir? - perguntou o príncipe Lancelot, o Príncipe Herdeiro de *Benoic*.

Eu sorri.

- Acuso, Senhor, de estar enganado.

- Sessenta homens? - escarneceu ele. - Isso é tudo o que Artur consegue arranjar?

- Sim, meu Senhor - respondi.

- Sessenta homens chefiados por um garoto? - disse Lancelot com escárnio.

Ele era apenas um ou dois anos mais velho do que eu, mas possuía a lassitude de um homem muito mais velho em relação ao mundo. Era muito belo, alto e bem constituído, com um rosto estreito e olhos negros, tão notável na sua masculinidade como Guinevere na sua feminilidade. Porém, havia algo de desconcertante, algo que fazia lembrar as serpentes, no olhar distante de Lancelot.

Tinha um cabelo negro todo apanhado em laçadas bem oleadas presas com travessas de ouro, a barba e o bigode asseadamente

aparados e tão oleados que brilhavam, e usava um perfume de lavanda. Era o homem mais belo que eu já vira e, o pior, é que ele sabia e eu não gostei dele desde o primeiro momento em que o vi. Conhecemo-nos no salão de festas de Ban que não era parecido com nenhum outro salão de festas que eu já vira. Este tinha colunas de mármore, cortinas brancas que embaciavam a vista do mar e suaves paredes estucadas decoradas com pinturas de deuses, deusas e animais fabulosos. Servos e guardas alinhavam-se ao longo das paredes daquela sala tão aprazível iluminada por inúmeros pratos de bronze onde boiavam pavios em azeite. Grossas velas de cera de abelha ardiam em cima da mesa coberta com uma toalha branca que eu estava constantemente sujando com pingos de gordura, tal como besuntava a toga que o rei Ban insistira que eu usasse na festa.

Eu estava adorando a comida e detestando a companhia. O padre Celwin estava presente e teria adorado uma oportunidade de falar com ele, mas ele estava aborrecendo um dos três poetas à mesa, todos eles *fili*, o grupo querido do rei Ban, enquanto eu estava abandonado ao fundo da mesa com o príncipe Lancelot. A rainha Elaine sentada ao lado do marido, o rei defendia os poetas das farpas de Celwin, que pareciam muito mais divertidas do que a conversa azeda do príncipe Lancelot.

- Artur nos insulta mesmo - disse Lancelot, voltando à carga.

- Lamento que pense assim, Senhor - respondi eu.

- Você nunca discute, garoto? perguntou.

Olhei-o nos olhos duros e insípidos.

- Acho insensato que guerreiros discutam numa festa, Senhor - disse eu .

-

Então é mesmo um puto covarde! - escarneceu ele.

Suspirei e baixei o tom de voz.

- Quer mesmo uma discussão, Senhor? - perguntei com a paciência chegando ao fim. - Porque, se é isso que quer, então me chame de puto outra vez e eu lhe arranco a cabeça.

Sorri.

- Puto - disse ele um segundo depois.

Olhei-o de novo, perplexo, perguntando-me se ele estaria fazendo algum tipo de jogo cujas regras eu não conseguia adivinhar. Mas, se ele estivesse, então o jogo era mesmo sério.

- Dez vezes a espada negra - disse eu.

- O quê? - Ele franziu as sobrancelhas, não reconhecendo a fórmula de Mitra, o que significava que ele não era meu irmão. - Enlouqueceu? - perguntou e, depois de uma pausa, disse: - Você não passa de um puto tresloucado, além de seres um puto covarde?

Eu lhe bati. Devia ter mantido a calma, mas o meu mal-estar e a minha fúria ultrapassaram toda a prudência. Dei-lhe um golpe para trás com o cotovelo que lhe fez sangrar o nariz, lhe arrebentou o lábio e o atirou da cadeira abaixo, deixando-o estatelado no chão. Em seguida ele tentou atirar-me a cadeira, mas fui mais rápido e estava perto demais para o golpe adquirir alguma força. Dei um pontapé na cadeira, levantei-o, arrastando-o, e encostei-o de costas contra uma coluna onde lhe esmaguei a cabeça contra a pedra e lhe coloquei o meu joelho contra as virilhas. Ele estremeceu.

A mãe gritava enquanto o rei Ban e os poetas convidados se limitavam a olhar para mim boquiabertos. Um guarda de capa branca muito nervoso encostou a ponta da lança à minha garganta.

- Tire isso daí - disse eu ao guarda - ou é um homem morto.

E ele tirou.

- O que é que eu sou, Senhor? - perguntei a Lancelot.

- Um puto - respondeu ele.

Coloquei o antebraço de través na garganta dele, quase o sufocando. Ele debatia-se, mas não conseguia me afastar.

- O que é que eu sou, Senhor? - perguntei de novo.

- Um puto - resmungou ele.

Senti uma mão tocar-me no braço e virei-me, vendo um homem de cabelo loiro e da minha idade que me sorria. Tinha-o visto sentado na outra ponta da mesa e pensava que fosse mais um poeta, mas a minha suposição estava errada.

- Há muito que eu queria fazer o que você está fazendo - disse o jovem, - mas se quer fazer o meu irmão parar de insultá-lo então tem de matá-lo e a honra da família obriga a que eu te mate a seguir e não tenho certeza de querer fazer isso.

Afrouxei o braço da garganta de Lancelot. Durante alguns momentos ele ficou ali, tentando respirar, e depois sacudiu a cabeça, cuspiu na minha direção e dirigiu-se para a mesa. Tinha o nariz sangrando, os lábios inchados e o cabelo tão oleado arrumado, todo em desalinho. O irmão parecia divertido com a luta.

- Sou Galaad - disse - e estou orgulhoso por conhecê-lo! Derfel Cadarn.

Agradei-lhe, e me obriguei a ir até à cadeira do rei Ban, a cujos pés, apesar da sua aversão declarada a gestos de respeito, me ajoelhei.

- Pelo insulto dirigido à sua casa, Senhor - disse eu - peço perdão e submeto-me ao seu castigo.

- Castigo? - disse Ban em tom de surpresa. - Não seja pateta. Foi o vinho.

Vinho a mais. Devíamos juntar água no vinho como faziam os Romanos, não devíamos, padre Celwin?

- Que coisa mais ridícula - disse o velho padre.

- Nada de castigos, Derfel - disse Ban. - E levante-se, não suporto ser adorado. E qual foi a sua ofensa? Apenas ser ávido por uma discussão?! E que mal tem isso? Eu gosto de discussões, não é, padre Celwin? Um jantar sem uma discussão é como um dia sem poesia. - O rei ignorou o comentário amargo do quão abençoado um dia desses seria. - E o meu filho Lancelot é um homem precipitado.

Tem o coração de um guerreiro e a alma de um poeta e eu temo que isso seja uma mistura inflamável. Fique conosco e volte a comer - Ban era um monarca muito generoso, se bem que eu reparasse que a sua rainha, Elaine, estava tudo menos satisfeita com a decisão dele. Ela tinha o cabelo grisalho, mas um rosto sem rugas que possuía uma calma e um encanto que combinavam com a beleza serena de *Ynys Trebes*. No entanto, naquele momento a rainha tinha o semblante carregado, mostrando a sua severa desaprovação.

- Todos os guerreiros dumnonianos são assim mal-educados? - perguntou com azedume.

- Quer que os guerreiros sejam corteses? - replicou Celwin bruscamente. -

Acaso mandou os seus preciosos poetas matar os Francos? E não me refiro a irem recitar-lhes os seus poemas, se bem que, bem vistas as coisas, talvez fosse uma tática bastante eficaz.

Lançou um olhar de esquelha à rainha e os três poetas encolheram os ombros. Celwin tinha de alguma forma escapado à proibição de coisas feias em *Ynys Trebes* pois, sem o hábito de monge com capuz que usava na biblioteca, ele se revelava surpreendentemente feio, com um olho feroz, uma venda bolorenta sobre o outro, uma boca retorcida e irascível, um cabelo liso que crescia para trás de uma linha de tonsura assaz irregular, uma barba imunda escondendo um pouco da tosca cruz de madeira que trazia pendurada sobre o peito côncavo e um corpo todo torcido e arqueado, deformado pela sua prodigiosa corcunda. O gato cinzento que estava enrolado à volta do seu pescoço na biblioteca estava agora enroscado no seu colo comendo pedaços de lagosta.

- Venha para a minha ponta da mesa - disse Galaad - e não se recrimine mais.

- Mas eu me culpo, sim - insisti eu. - A culpa foi minha. Devia ter mantido a calma.

- O meu irmão - disse Galaad quando os lugares foram trocados - ou antes o meu meio-irmão, tem prazer em espicaçar as pessoas. É o seu esporte favorito, mas a maior parte não se atreve a lutar, porque ele é o Príncipe Herdeiro e isso significa que um dia vai ter poderes de vida e de morte. Mas você fez a coisa certa.

- Não, eu fiz foi a coisa errada.

- Não vou discutir contigo. Mas vou levá-lo para terra ainda esta noite.

- Esta noite? - Eu estava surpreso.

- O meu irmão não aceita a derrota facilmente - disse Galaad suavemente. -

Quer uma faca enfiada nas costelas enquanto dorme? Se eu fosse você, Derfel, me juntaria aos homens que tem em terra e dormia em

segurança no meio deles.

Olhei para o fundo da mesa, para onde o belo e moreno Lancelot estava agora sendo consolado pela mãe, que lhe limpava o sangue do rosto com um guardanapo embebido em vinho.

- Meio-irmão? - perguntei a Galaad.

- Nasci da amante do rei, não da sua esposa. - Galaad inclinou-se um pouco mais e explicou calmamente: - Mas meu pai tem sido muito bom para mim e insiste em chamar-me de príncipe.

O rei Ban discutia agora com o padre Celwin algum ponto obscuro da teologia cristã. Ban debatia-se com um entusiasmo cortês enquanto Celwin lhe lançava insultos, mas ambos estavam se divertindo bastante.

- O seu pai me disse que você e Lancelot são ambos guerreiros - disse eu a Galaad.

- Ambos? - Galaad riu. - O meu querido irmão paga a poetas e a bardos para cantarem a sua glorificação como o maior guerreiro da *Armórica*, mas ainda tenho de vê-lo numa linha de escudos.

- Mas eu tenho de combater - disse eu amargamente - para preservar a sua herança.

- O reino está perdido - disse Galaad descuidadamente. - Meu pai gasta muito dinheiro em edifícios e manuscritos em vez de soldados, e aqui, em *Ynys Trebes*, estamos muito longe do nosso povo, pelo que eles preferem retirar-se para *Broceliande* a esperar que nós os ajudemos. Os Francos estão ganhando por todo lado. A sua missão, Derfel, é manter-se vivo e chegar salvo em casa.

A sua honestidade me fez olhar para ele com um novo interesse. Tinha um rosto mais largo, mais franco e mais aberto do que o irmão; o tipo de rosto que se gostaria de ter ao nosso lado direito

numa linha de escudos. O lado direito de um homem era defendido pelo escudo do seu vizinho, por isso era bom estar de bem com esse homem. E eu senti instintivamente que Galaad era uma pessoa de quem se gostaria facilmente.

- Está dizendo que não devíamos lutar contra os Francos? - perguntei-lhe com serenidade.

- Estou dizendo que a luta está perdida, mas é óbvio que fez um juramento perante Artur de que lutaria, e cada momento que *Ynys Trebes* resistir corresponde a um momento de luz num mundo de trevas. Estou tentando convencer meu pai a mandar a sua biblioteca para a Grã-Bretanha, mas acho que ele preferiria arrancar o próprio coração a fazer isso. Porém, quando chegar a hora, tenho certeza que ele vai mandá-la para lá. Agora - afastou a cadeira dourada da mesa, - você e eu temos de partir. - E acrescentou suavemente: - Antes dos *fili* começarem a recitar. A não ser, claro, que goste de versos intermináveis sobre as glórias do luar iluminando camas de juncos. - Levantei-me e bati na mesa com uma das facas especiais que o rei Ban punha à disposição dos seus convidados. Esses convidados olhavam agora para mim com um ar circunspecto.

- Tenho desculpas a pedir - disse eu - não só a todos vocês, mas principalmente ao meu Senhor Lancelot. Um grande guerreiro como ele merecia melhor companhia para o jantar. Agora, perdoem-me, mas preciso descansar.

Lancelot não respondeu. O rei Ban sorriu, a rainha Elaine parecia descontente e Galaad apressou-se a ir, primeiro, para onde estavam as minhas roupas e as minhas armas, e depois até o cais iluminado onde um barco nos aguardava para nos levar até o continente. Galaad, usando ainda a sua toga, levava um saco que atirou para o convés do pequeno barco e que, ao cair no chão, produziu um som metálico.

- O que traz aí, Senhor? - perguntei eu.

- As minhas armas e a minha armadura - disse ele. Desamarrou o cabo do barco e saltou para bordo. - Vou com você. E nada de vassalagens, trate-me por você.

O barco deslizou, afastando-se do cais sob uma vela negra enfunada. A água encrespava-se na proa e esparrinhava suavemente contra o casco enquanto nós entrávamos na baía. Galaad estava despindo a toga, que atirou ao barqueiro, antes de vestir o seu equipamento de guerra, enquanto eu olhava para trás, para o palácio no alto do monte. Estava suspenso no firmamento como um navio celestial navegando nas nuvens, ou talvez como uma estrela descendo à terra. Um lugar de sonhos, um refúgio onde só governava um rei e uma linda rainha e onde os poetas cantavam e os velhos podiam estudar o tamanho das asas dos anjos. *Ynys Trebes* era tão bela, tão absolutamente bela. E, a não ser que pudéssemos salvá-la, absolutamente condenada à destruição.

Lutamos durante dois anos. Dois anos contra todas as probabilidades. Dois anos de esplendor e vileza. Dois anos de carnificinas e festins, de espadas partidas e escudos despedaçados, de vitórias e derrotas. E, durante todos esses meses durante todas essas batalhas tão violentas em que homens corajosos se sufocaram no seu próprio sangue e homens banais foram capazes de ações que nunca haviam sonhado possíveis, eu nunca vi Lancelot. Contudo, os poetas diziam que ele era o herói de *Benoic*, o mais perfeito guerreiro, o lutador dos lutadores. Os poetas diziam que, se *Benoic* continuava incólume, era graças às lutas de Lancelot, não às minhas, não às de Galaad, não às de Culhwch, mas sim às de Lancelot. Mas Lancelot passava a guerra na cama, pedindo à mãe para lhe levar vinho e mel.

Não, nem sempre na cama. Lancelot aparecia por vezes numa luta, mas sempre quilômetros atrás da frente de batalha, para poder voltar sempre em primeiro lugar para *Ynys Trebes* com as suas notícias de vitória. Ele sabia como rasgar uma capa, amassar a lâmina de uma espada, desgrenhar o cabelo oleado e até mesmo

cortar o rosto para poder chegar em casa cambaleando como um herói. Depois, a mãe mandava os *fili* compor uma nova canção e essa canção seria levada para a Grã-Bretanha pelos comerciantes e marinheiros, pelo que, até na distante *Rheged*, a norte de *Elmet*, todos acreditavam que Lancelot era o novo Artur. Os Saxões temiam a sua vinda, enquanto Artur lhe mandou um presente: um cinturão bordado para a espada, com uma fivela ricamente esmaltada.

- Acha que a vida devia ser justa? - perguntou-me Culhwch quando reclamei por causa do presente.

- Não, Senhor - disse eu.

- Então não gaste o seu fôlego com Lancelot - aconselhou-me Culhwch.

Ele era o chefe da cavalaria deixado na *Armórica*, quando Artur partiu para a Grã-Bretanha, e era também primo de Artur, embora não fosse nada parecido com o meu Senhor. Culhwch era um zaragateiro atarracado, de barba farta e braços compridos, que nada mais queria da vida senão um abundante abastecimento de inimigos, bebida e mulheres. Artur deixara-o no comando de trinta homens e cavalos, mas todos os cavalos tinham morrido assim como metade dos homens, agora Culhwch lutava apeado. Juntei os meus homens aos dele e aceitei o seu comando.

Ele mal podia esperar que a guerra acabasse em *Benoic* para poder ir lutar de novo ao lado de Artur. Ele adorava Artur.

Travamos uma guerra muito estranha. Quando Artur estava na *Armórica*, os francos estavam ainda a alguns quilômetros para leste onde a terra era plana e sem árvores e, por isso, ideal para os seus pesados cavaleiros, mas agora o inimigo tinha penetrado nos bosques que cobriam os montes no centro de *Benoic*. O rei Ban, tal como Tewdric de Gwent, confiara nas suas fortificações. Mas, se Gwent estava colocada num local ideal para fortes maciços e

muralhas altas, os bosques e os montes de *Benoic* ofereciam ao inimigo muitos caminhos que passavam pelas fortalezas do alto dos montes, guarnecidas com as forças desmoralizadas de Ban. A nossa missão era dar a essas forças uma nova esperança e o fizemos usando as próprias táticas de Artur de marchas firmes e vigorosas e ataques surpresa. Os montes cobertos por bosques de *Benoic* eram feitos para batalhas desse gênero e os nossos homens eram incomparáveis. Há poucas alegrias que se possam comparar à

luta que se segue a uma emboscada bem lançada, quando o inimigo está ainda estendido e com as armas embainhadas. A longa lâmina da *Hywelbane* ganhou novas cicatrizes.

Os Francos nos temiam. Chamavam-nos de lobos dos matos e nós adotamos o insulto como símbolo e usávamos nos elmos caudas de lobo cinzentas. Gritávamos e uivávamos para assustá-los, para mantê-los acordados noite após noite, os espreitávamos durante dias e lançávamos as nossas emboscadas quando queríamos e não quando eles estavam preparados.

No entanto, o inimigo era muito numeroso e nós éramos poucos e, mês após mês, cada vez menos.

Galaad lutava a nosso lado. Era um grande lutador, mas era também um homem letrado que tinha bebido na biblioteca de seu pai e, à noite, falava de deuses antigos, novas religiões, países estranhos e grandes homens. Lembro-me uma noite em que acampamos numa vivenda em ruínas. Ainda há uma semana ali havia uma pequena aldeia com o seu próprio apisoador, a sua própria olaria e a sua própria leiteria, mas os francos tinham estado ali e agora a vivenda era apenas um monte de ruínas fumegantes salpicadas de sangue, com as paredes caindo e a nascente de água próxima envenenada com os corpos das mulheres e das crianças. As nossas sentinelas estavam guardando os caminhos nos bosques e, por isso, nós nos demos ao luxo de acender uma fogueira onde assamos um par de lebres e um cabrito. E

bebemos água, fingindo que era vinho.

- Falernian - disse Galaad com um ar sonhador, erguendo a caneca de barro para as estrelas como se fosse um copo dourado.

- Quem é? - perguntou Culhwch.

- Falernian, meu querido Culhwch, é um vinho, um vinho romano muito agradável.

Eu nunca gostei de vinho - disse Culhwch, depois bocejou. - É bebida de mulheres. Agora a cerveja saxônica! Aí está uma bebida digna de você.

Minutos depois já estava dormindo.

Galaad não conseguia dormir. O fogo tremeluzia baixo enquanto acima de nós as estrelas brilhavam. Uma delas caiu, rasgando o seu caminho branco e rápido pelo céu. Galaad fez o sinal da cruz, pois era cristão e, para ele, uma estrela cadente era sinal de que um demônio estava caindo do paraíso.

- Outrora era na terra - disse ele.

- O quê? - perguntei.

- O paraíso. Deitou-se para trás, na erva, e pousou a cabeça sobre os braços.

- Doce paraíso.

- Você quer dizer *Ynys Trebes*?

- Não, não. O que eu quero dizer, Derfel, é que quando Deus criou o homem, nos deu um paraíso para viver e me parece que, desde então, temos perdido esse paraíso, palmo a palmo. Acho que em breve terá desaparecido por completo. As trevas estão descendo sobre a terra. - Ficou em silêncio durante alguns momentos.

Depois sentou-se, quando os seus pensamentos lhe deram uma nova energia. -

Pense só nisto, ainda nem há cem anos esta terra estava em paz. Os homens construíam grandes casas. Nós não sabemos construir casas como eles. Eu sei que o meu pai fez um belo palácio, mas foi apenas a partir de peças quebradas de velhos palácios, peças todas juntas e remendadas com pedras. Nós não sabemos construir como os Romanos. Não sabemos construir nem tão alto nem com tanta beleza. Não sabemos fazer estradas, não sabemos fazer canais, não sabemos fazer aquedutos.

Eu nem sequer sabia o que era um aqueduto, mas fiquei em silêncio enquanto Culhwch ressonava com satisfação ao meu lado.

- Os Romanos construíram cidades inteiras - continuou Galaad - lugares tão vastos, Derfel, que levaria uma manhã inteira atravessando a cidade de um lado ao outro e todos os seus passos assentariam em pedras em bom estado. E nesses dias podia andar durante semanas e ainda estaria dentro do território de Roma, sujeito à lei de Roma e ouvindo a língua de Roma. Agora, olhe para isto. - Fez um gesto com a mão indicando a noite. - Só escuridão. E esta escuridão está se espalhando, Derfel.

As trevas estão rastejando por toda a *Armórica*. *Benoic* vai desaparecer e, depois de *Benoic*, *Broceliande* e, depois de *Broceliande*, a Grã-Bretanha. Não vai haver mais leis, nem livros, nem música, nem justiça, apenas homens vis em redor de fogueiras fumarentas planejando quem vão matar no dia seguinte.

- Não enquanto Artur viver - disse eu, teimoso.

- Um homem sozinho contra as trevas? - perguntou Galaad, cético.

- O seu Cristo não era um homem sozinho contra as trevas? - perguntei.

Galaad pensou durante um momento, fitando a fogueira que lhe escurecia o rosto forte.

- Cristo - disse finalmente - foi a nossa última oportunidade. Ele disse para nos amarmos uns aos outros, para fazermos o bem aos outros, para darmos esmolas aos pobres, comida aos que têm fome, roupa a quem andasse nu. E então os homens mataram-No. - Virou-se e olhou-me nos olhos. - Acho que Cristo sabia o que estava para vir e que foi por isso que Ele nos prometeu que, se vivêssemos como ele viveu, então um dia estaríamos com Ele no paraíso. Não na terra, Derfel, mas no paraíso. Lá

em cima - e apontou para as estrelas, - porque sabia que a terra estava condenada.

Estamos nas últimas. Até os teus deuses fugiram de nós. Não foi isso que disse? Que o seu Merlim anda esquadrinhando terras estranhas à procura de pistas que o levem aos antigos deuses, mas para que servirão as pistas? A sua religião morreu há muito tempo, quando os Romanos destruíram *Ynys Mon* e tudo o que sobrou foram fragmentos separados de sabedoria. Os seus deuses desapareceram

- Não - disse eu, lembrando-me de Nimue, que sentia a sua presença, se bem que para mim os deuses sempre tivessem estado distantes. Para mim, *Beí* era como Merlim, só que mais distante, indescritivelmente enorme e muito mais misterioso. Eu pensava em *Beí* como alguém que vivia lá longe, ao Norte, enquanto *Manawydan* devia viver para Oeste onde as águas se agitavam sem parar.

- Os antigos deuses desapareceram - insistiu Galaad. - Abandonaram-nos, porque nós não somos merecedores.

- Artur é merecedor - disse eu teimosamente - e você também.

Ele sacudiu a cabeça.

- Eu sou um pecador tão desprezível, Derfel, que até tenho medo de pensar nisso.

Ri do seu tom abjecto.

- Que disparate - disse eu.

- Eu mato, eu me entrego à luxúria, eu invejo. - Ele estava realmente num estado miserável, mas Galaad, tal como Artur, era um homem que estava sempre julgando a sua própria alma, encontrando sempre nela só fraquezas, e eu nunca conhecera um homem desses que fosse feliz durante muito tempo.

- Só mata os homens que te matariam se não o fizesse.

- E, que Deus me ajude, gosto de fazê-lo. - Fez o sinal da cruz.

- Muito bem - disse eu. - E o que há de errado na luxúria?

- Sobrepõe-se à razão .

- Mas você é razoável.

- Mas eu cobiço, Derfel, oh, como eu cobiço. Há uma menina em *Ynys Trebes*, uma das harpistas de meu pai... - Sacudiu a cabeça desesperadamente.

- Mas controla a sua luxúria - disse eu. - Pode se orgulhar disso.

- E me orgulho. Mas o orgulho é outro pecado.

Sacudi a cabeça perante o desespero de discutir com ele.

- E a inveja? - falei no último dos três pecados que ele citara. - Tem inveja de quem?

- De Lancelot.

- De Lancelot? - Fiquei surpreso.

- Porque ele é o Príncipe Herdeiro e eu não. Porque ele pega o que quer, quando quer e parece não se arrepender de nada do que faz. Aquela harpista? Ele a possuiu. Ela gritou, lutou, mas ninguém se atreveu a impedi-lo, pois ele era Lancelot.

- Nem sequer você?

- Eu o teria morto, mas eu não estava na cidade.

- E seu pai não fez nada para impedi-lo?

- Meu pai estava com os seus livros. Provavelmente pensou que os gritos da menina eram uma gaivota piando no mar ou dois dos seus *fili* discutindo por causa de alguma metáfora.

Cuspi para a fogueira.

- Lancelot é um verme - disse eu.

- Não - insistiu Galaad - ele é apenas Lancelot. Consegue tudo o que quer e passa os dias maquinando como fazê-lo. Mas também sabe ser encantador, razoável, e pode mesmo vir a ser um grande rei.

- Nunca, - disse eu com firmeza.

- É verdade. Se é poder que ele quer, e eu sei que é, e se o receber, então talvez os seus apetites sejam saciados. Ele precisa que gostem dele.

- Mas tem uma maneira muito estranha de demonstrar - disse eu, lembrando-me de como Lancelot tinha me insultado à mesa do pai.

- Desde o princípio que ele sabia que você não iria gostar dele e, por isso, o desafiou. Dessa forma, fazendo de você um inimigo,

consegue explicar a si próprio por que razão não gosta dele. Mas com pessoas que não o ameaçam ele é simpático.

Pode vir a ser um grande rei.

- Ele é um fraco - disse eu com desdém.

Galaad sorriu.

- Derfel, o Forte. Derfel, o Sem Dúvidas. Deve achar que somos todos fracos.

- Não - disse eu. - Mas acho que estamos todos cansados e que amanhã

temos muitos francos para matar. Por isso, vou dormir.

E, no dia seguinte, matamos mesmo francos e, depois, descansamos num dos fortes no alto de um dos montes de Ban antes de, já com as feridas curadas e as espadas afiadas, penetrarmos de novo nos bosques. No entanto, de semana para semana, de mês para mês, lutávamos cada vez mais perto de *Ynys Trebes*. O Rei Ban pediu ao seu vizinho, Budic de *Broceliande*, que lhe enviasse tropas, mas Budic estava fortificando a sua própria fronteira e se recusou a desperdiçar homens para defender uma causa perdida. Ban apelou a Artur e, apesar de Artur mandar um pequeno carregamento de homens, não veio em pessoa. Estava ocupado demais combatendo os Saxões. Recebíamos notícias da Grã-Bretanha, se bem que essas notícias fossem pouco frequentes e muitas vezes vagas. Soubemos no entanto que novas hordas de saxões estavam tentando colonizar as terras do centro e pressionando muito as fronteiras de *Dumnónia*. Gorfyddyd, que era uma grande ameaça quando eu deixara a Grã-Bretanha, andava mais calmo ultimamente graças a uma terrível praga que atingira o seu país. Os viajantes disseram-nos que o próprio Gorfyddyd estava doente e muitos achavam que ele não duraria até o fim do ano. A mesma doença que atacara Gorfyddyd, matara o prometido de

Ceinwyn, um príncipe de Rheged. Eu nem sequer soubera que ela estava prometida de novo e confesso que senti um prazer egoísta por saber que o príncipe morto de Rheged não casaria com a estrela de *Powys*. De Guinevere, Nimue e Merlim, não soube nada.

O reino de Ban se desfez. Não houve homens para fazer as colheitas no último ano e, naquele Inverno em que nos amontoávamos numa fortaleza no sul do reino, vivemos de carne de veado, de raízes, bagas e galinholas. Ainda atacávamos de vez em quando o território franco, mas agora éramos como abelhas tentando matar touros à ferroadada, pois os Francos estavam por todo o lado. Os machados deles retiniam pelas matas no Inverno à medida que limpavam a terra para as suas fazendas, enquanto as paliçadas recém-construídas com troncos brilhantemente rachados reluziam sob o pálido sol de Inverno.

No início da Primavera batemos em retirada perante um exército de guerreiros francos. Eles apareceram com tambores rufando e estandartes feitos de chifres de touro em cima de mastros. Vi uma muralha de escudos de mais de duzentos homens e percebi que os nossos cinquenta sobreviventes nunca poderiam quebrá-la.

Assim, com Culhwch e Galaad ao meu lado, batemos em retirada. Os francos riram de nós e perseguiram-nos com uma chuva das suas leves lanças de arremesso.

O reino de *Benoic* estava agora despido de habitantes. A maioria tinha ido para o reino de *Broceliande*, que lhes prometia terras em troca de serviços militares.

As antigas povoações romanas estavam desertas e os campos entupidos de mato.

Nós, os dumnonianos, partimos para Norte com as lanças arrastando pelo chão, para defender a última fortaleza do reino de Ban: a própria *Ynys Trebes*.

A ilha-cidade estava cheia de fugitivos. Em cada casa dormiam vinte pessoas.

As crianças choravam e as famílias brigavam. Barcos de pesca levavam fugitivos quer para oeste, para *Broceliande*, quer para norte, para a Grã-Bretanha, mas nunca havia barcos suficientes e, quando os exércitos francos apareceram na costa em frente à

ilha, Ban ordenou que os barcos que ainda restavam ficassem ancorados no pequeno e tosco porto de *Ynys Trebes*. Ele os queria lá para que pudessem abastecer a guarnição militar quando o cerco começasse, mas os capitães da marinha são uma raça teimosa e, quando a ordem para que ficassem chegou, muitos deles, ignorando-a, içaram as âncoras e zarparam vazios rumo ao norte. Restava apenas uma mão-cheia de barcos.

Lancelot foi nomeado comandante da cidade e as mulheres aplaudiam quando ele descia a estrada em caracol da ilha. Os cidadãos acreditavam que tudo iria ficar bem agora, pois o maior de todos os soldados estava no comando. Ele aceitava a adulação com graciosidade e fazia discursos nos quais prometia construir uma nova ponte para *Ynys Trebes* com as cabeças dos francos mortos. O príncipe parecia mesmo um herói, pois usava uma armadura de escamas na qual cada placa de metal tinha sido esmaltada de branco, a armadura rebrilhava ao sol daquele início de Primavera. Lancelot afirmava que a armadura pertencera a Agamémnon, um herói da Antiguidade, mas Galaad garantiu-me que se tratava de um trabalho romano. As botas de Lancelot eram feitas de couro vermelho, a capa era azul-escura e, à ilharga, presa ao cinturão bordado da espada, que fora presente de Artur, usava *Tanlladwyr*, "a matadora resplandecente", a sua espada. O elmo era preto, ornamentado com as asas abertas de uma águia pesqueira.

- Então ele pode fugir a voar - comentou amargamente Cavan, o meu severo irlandês.

Lancelot convocou um conselho de guerra que teve lugar na sala beijada pelo vento ao lado da biblioteca de Ban. A maré estava baixa e o mar afastara-se dos bancos de areia da baía onde grupos de francos tentavam descobrir um caminho seguro que os levasse à cidade. Galaad tinha enterrado vergas falsas atravessando a baía, tentando levar o inimigo a cair nas areias movediças ou levá-lo até bancos de areia firmes que seriam os primeiros a ser atingidos quando a maré voltasse e se arremessasse pela baía. Lancelot, com as costas voltadas para o inimigo, falou-nos da sua estratégia. O seu pai estava sentado de um lado, a mãe do outro, e ambos acenavam com a cabeça perante a sabedoria do filho.

Lancelot anunciou que a defesa de *Ynys Trebes* era muito simples. Tudo o que tínhamos de fazer era aguentar as muralhas da ilha contra o inimigo. Mais nada.

Os Francos tinham poucos barcos, não podiam voar, por isso tinham de caminhar até

Ynys Trebes e essa era uma viagem que só podiam fazer com a maré baixa e, mesmo assim, só depois de terem descoberto o caminho seguro que atravessava a planície das marés. Quando chegassem à cidade estariam cansados e nunca seriam capazes de escalar as muralhas de pedra.

- Aguentem as muralhas - disse Lancelot - e estaremos em segurança. Os barcos podem nos abastecer. *Ynys Trebes* não pode cair nunca!

- Isso mesmo! Isso mesmo! - disse o rei Ban, animado pelo otimismo do filho.

- Quanta comida temos? - perguntou Culhwch resmungando.

Lancelot lançou-lhe um olhar compassivo e respondeu:

- O mar está cheio de peixe. São aquelas coisinhas que brilham, Lorde Culhwch, com caudas e barbatanas, e que se comem.

- Eu não sabia - disse Culhwch com o rosto muito sério. - Tenho andado muito ocupado matando francos.

Ouviu-se um murmúrio de risos entre alguns dos soldados convocados para a reunião. Uma dúzia deles tinha andado, como nós, a lutar no continente, mas os restantes eram íntimos do príncipe Lancelot e tinham sido promovidos a capitães para este cerco. Bors, primo de Lancelot, era o capitão de *Benoic* e comandante da guarda do palácio. Este, pelo menos, tinha visto algumas batalhas e merecido a reputação de guerreiro, se bem que, agora, ali sentado com as pernas esticadas, uniforme romano e o cabelo negro oleado, penteado e acamado como o do seu primo Lancelot, parecesse completamente exausto.

- Quantas lanças temos? - perguntei.

Lancelot me ignorara até então. Eu sabia que ele não tinha esquecido o nosso encontro dois anos atrás, mas, mesmo assim, sorriu perante a minha pergunta.

- Temos quatrocentos e vinte homens armados, cada um deles com uma lança. Consegue chegar à resposta?

Retribui-lhe o sorriso meloso.

- As lanças se quebram, Senhor, e homens defendendo muralhas atiram lanças como dardos. Quando tiverem atirado as quatrocentas e vinte lanças, o que é

que atiramos a seguir?

- Poetas - resmungou Culhwch, por sorte baixo demais para Ban ouvir.

- Há algumas de reserva - disse Lancelot com desenvoltura - e, além disso, usaremos as lanças que os francos nos atirarem.

- Poetas, com certeza - disse Culhwch.

- Disse alguma coisa, Lorde Culhwch?

- Arrotei, Senhor. Mas enquanto tenho a sua preciosa atenção, temos arqueiros?

- Alguns.

- Muitos?

- Dez.

- Que os Deuses nos protejam - disse Culhwch, deixando-se escorregar pela cadeira abaixo. Ele detestava cadeiras.

Elaine falou a seguir, lembrando-nos que a ilha dava abrigo a mulheres, crianças e aos maiores poetas do mundo.

- A segurança dos *fili* está nas suas mãos - disse-nos ela - e sabem o que lhes acontecerá se falharem.

Dei um pontapé em Culhwch para impedi-lo de fazer algum comentário. Ban levantou-se e apontou para a biblioteca.

- Aqui existem sete mil oitocentos e quarenta e três rolos de pergaminho -

disse solenemente. - São os tesouros acumulados do conhecimento humano e, se a cidade cair, a civilização também cairá. - Depois, contou-nos uma história antiga de um herói entrando num labirinto para matar um monstro, arrastando atrás de si um fio de lã com o qual pudesse voltar a encontrar a saída daquela escuridão. _ A minha biblioteca é esse fio - disse, explicando finalmente o sentido da longa história. - Se o perderem, ficaremos numa escuridão

eterna. Por isso peço, imploro, lutem! - Fez uma pausa e sorriu. - Já mandei pedir ajuda. Enviei cartas para *Broceliande* e para Artur e acho que não está longe o dia em que no nosso horizonte aparecerão velas amigas! E

lembrem-se de que Artur fez um juramento de nos ajudar.

- Artur - interveio Culhwch - está com as mãos cheias de saxões.

- Um juramento é um juramento! - disse Ban em tom reprovador.

Galaad perguntou se planejavamos fazer os nossos ataques aos acampamentos francos em terra.

- Poderíamos ir facilmente de barco, - disse ele, - atracar a este ou oeste das posições deles, - mas Lancelot rejeitou a idéia.

- Se abandonarmos as muralhas, morremos. É tão simples como isso.

- Então não atacamos? - perguntou Culhwch descontente.

- Se abandonarmos as muralhas - repetiu Lancelot - morreremos. As suas ordens são simples: fiquem atrás das muralhas.

Anunciou que os melhores guerreiros de *Benoic*, uma centena de veteranos da guerra no continente, guardariam o portão principal. A nós, os cinquenta dumnonianos sobreviventes, entregaram-nos as muralhas de oeste, enquanto os soldados recrutados da cidade, apoiados pelos fugitivos do continente, guardariam o resto da ilha. O próprio Lancelot, juntamente com a guarda do palácio, de capas brancas, formariam a reserva que observaria a luta do palácio e desceria sempre que a sua ajuda fosse necessária.

- Podiam também chamar os maricas - resmungou Culhwch, virando-se para mim.

- Outro arroto? - perguntou Lancelot.

- É do peixe que como, meu Senhor - disse Culhwch.

O rei Ban convidou-nos para visitar a sua biblioteca antes de partirmos, querendo talvez impressionar-nos com o valor do que defendíamos. A maioria dos homens que tinham estado no conselho de guerra entraram arrastando os pés e ficaram de boca aberta olhando para os rolos de pergaminho guardados nos pequenos compartimentos, mas logo desviaram o olhar para a harpista de seios descobertos que tocava na antecâmara da biblioteca. Galaad e eu ficamos mais tempo no meio dos livros onde o corcunda, o padre Celwin, continuava debruçado sobre a velha mesa onde tentava impedir o gato cinzento de brincar com a pena com que escrevia.

- Ainda estudando o tamanho das asas dos anjos, padre? - perguntei-lhe.

- Alguém tem de fazê-lo - retorquiu. Depois virou-se e olhou-me com o seu único olho e cara de poucos amigos. - Quem é você?

- Derfel, padre, venho de *Dumnónia*. Nos conhecemos há dois anos. Estou admirado que ainda esteja aqui.

- A sua admiração não me interessa, Derfel de *Dumnónia*. Além disso, eu estive fora durante algum tempo. Fui a Roma. Que lugar imundo. Pensei que os vândalos a tivessem limpado de vez, mas aquele lugar continua cheio de padres e dos seus rapazinhos rechonchudos, por isso voltei para cá. As harpistas de Ban são muito mais bonitas do que os catamitos de Roma. - Lançou-me um olhar pouco amável. -

Preocupa-se com a minha segurança, Derfel de *Dumnónia*?

Não podia responder que não, embora me sentisse tentado a fazê-lo.

- A minha missão é proteger vidas - disse, num tom bastante pretensioso -

incluindo a sua, padre.

- Então coloco a minha vida nas suas mãos, Derfel de *Dumnónia* - disse ele, voltando de novo o seu rosto hediondo para a mesa e empurrando o gato para longe da pena. - Coloco a minha vida na sua consciência, Derfel de *Dumnónia*, e agora volte para as suas lutas e deixe-me em paz.

Tentei fazer-lhe perguntas sobre Roma, mas ele afastava as minhas perguntas com acenos de mão e, por isso, desci para o armazém junto à muralha oeste, que seria a nossa Casa até ao fim do cerco. Galaad, que agora se considerava um dumnoniano honorário, estava conosco e ele e eu tentamos contar os francos que estavam se afastando da maré que subia, depois de mais uma tentativa para descobrirem o caminho através das areias. Os bardos, entoando cânticos sobre o cerco de *Ynys Trebes*, diziam que os inimigos eram mais do que os grãos de areia na baía. Não eram tantos, mas

mesmo assim eram muitos. Todos os grupos guerreiros da *Gália Ocidental* tinham se coligado para ajudar a capturar *Ynys Trebes*, a jóia da *Armórica* que, segundo constava, estava abarrotado de tesouros do Império Romano em declínio. Galaad calculava que tínhamos pela frente três mil francos, eu achava que eram dois mil, enquanto Lancelot nos assegurava que eram dez mil. Mas, fosse pelas contas de quem fosse, eram em número assustador.

Os primeiros ataques nada mais trouxeram aos Francos senão desastres.

Encontraram um caminho pela areia e atacaram o portão principal, mas foram barbaramente repelidos. No dia seguinte atacaram a nossa parte da muralha e receberam o mesmo tratamento, só que desta vez ficaram tempo demais e uma grande parte da sua força foi dizimada pela maré enchente. Alguns tentaram chegar ao continente e morreram afogados, outros recuaram para a cada vez mais estreita língua de areia junto às nossas muralhas e foram trucidados por um ataque de lanceiros que saíram do portão chefiados por Bleiddig, o chefe militar que me trouxera para *Benoic* e que era agora o comandante dos veteranos de *Benoic*. A sortida de Bleiddig pela areia desobedecia diretamente à ordem de Lancelot de que devíamos manter-nos dentro das muralhas da ilha, mas os mortos foram tantos que Lancelot fingiu ter ordenado o ataque e, mais tarde, depois da morte de Bleiddig, chegou a afirmar ter sido ele a comandar o ataque. Os *fili* fizeram uma canção contando como Lancelot tinha obstruído a baía com os francos mortos, mas na verdade o príncipe ficara no palácio enquanto Bleiddig conduzia o ataque. Durante os dias que se seguiram, os corpos dos guerreiros francos boiaram à volta da ilha, ao sabor da maré, servindo de pasto para as gaivotas.

Os francos começaram então a construir uma passagem apropriada.

Cortaram centenas de árvores e colocaram-nas na areia, segurando os troncos com pedras carregadas para a costa por escravos. As

ondas na vasta baía de *Ynys Trebes* eram violentas, chegando por vezes a atingir a altura de metro e meio, e a nova passagem foi dilacerada pelas correntes. Por isso, na maré baixa, os charcos ficavam cheios de toros boiando, mas os francos traziam mais troncos e mais pedras e tapavam os buracos. Tinham capturado milhares de escravos e não se preocupavam com quantos morriam na construção da nova estrada. A passagem ia aumentando enquanto o nosso abastecimento de comida ia diminuindo. Os poucos barcos que ainda nos sobravam iam à pesca e outros traziam cereais de *Broceliande*, mas os francos lançavam os seus próprios barcos em nossa perseguição e, depois de dois barcos de pesca terem sido capturados e as tripulações estripadas, os nossos capitães recusavam-se a abandonar a ilha. Os poetas, no alto do monte, a postos com as suas lanças, viviam dos bons fornecimentos do palácio, mas nós, os guerreiros, arrancávamos lapas das rochas, comíamos mexilhões e navalheiras ou estufávamos as ratazanas que apanhávamos nas ratoeiras do nosso armazém, que ainda estava cheio de peles, sal e barris de pregos. Não passávamos fome. Tínhamos armadilhas feitas de salgueiro, para os peixes, na base das rochas e quase todos os dias lá

encontrávamos alguns peixes pequenos, embora durante a maré baixa os francos enviassem grupos de ataque para destruir as armadilhas.

Durante a maré alta os barcos francos remavam em redor da ilha para puxarem as armadilhas para peixes colocadas longe da costa. A baía era pouco profunda, permitindo ao inimigo ver as armadilhas e arrebenhá-las com as lanças. Um desses barcos encalhou quando regressava ao continente e foi abandonado a um quarto de milha da cidade quando a maré baixou. Culhwch ordenou um ataque e trinta homens dos nossos desceram por redes de pesca presas no topo da muralha. Os doze homens da tripulação do barco fugiram quando nos aproximamos e dentro da embarcação abandonada encontramos um barril de peixe salgado e dois pães de sêmea que levamos como sinal do nosso triunfo. Quando a maré subiu

trouxemos o barco para a cidade e o amarramos em segurança por trás das muralhas. Lancelot assistiu à nossa desobediência, mas não mandou nenhuma reprimenda, apesar de ter vindo uma mensagem da rainha Elaine exigindo saber que mercadorias tínhamos trazido do barco. Mandamos algum peixe seco e, sem dúvida que o presente foi interpretado como um insulto, pois Lancelot nos acusou de capturar o barco para podermos desertar de *Ynys Trebes* e ordenou que o entregássemos no pequeno porto da ilha. Em resposta, subi o monte até ao palácio e exigi que ele retirasse a acusação de covardia com a espada. Gritei-lhe o desafio no pátio, mas o príncipe e os seus poetas ficaram do lado de dentro das portas fechadas. Cuspi na soleira e fui embora.

Galaad ia ficando mais contente à medida que o desespero aumentava. Uma parte da sua alegria provinha da presença de Leanor, a harpista que tinha me recebido há dois anos, a menina que Galaad, tal como tinha me confessado, tanto desejava, a mesma menina que Lancelot violara. Ela e Galaad viviam num canto do armazém.

Todos nós tínhamos mulheres. Havia algo naquela situação de desespero que adulterava o nosso comportamento normal e, por isso, tentávamos viver o mais que podíamos nessas horas que antecederiam as nossas esperadas mortes. As mulheres mantinham-se de guarda conosco e atiravam pedras sempre que os francos tentavam dismantelar as nossas frágeis armadilhas para peixes. Há muito que tínhamos ficado sem lanças, exceto as que tínhamos trazido de Benoic e estávamos guardando para o grande ataque. A nossa mão-cheia de arqueiros não tinha setas exceto as que tinham sido atiradas para a cidade pelos francos e esse número aumentou quando a passagem construída pelo inimigo já estava apenas à distância de um tiro de arco curto do portão principal da cidade. Os francos ergueram uma vedação de madeira ao fundo da passagem e os seus arqueiros punham-se atrás da vedação e atiravam setas aos guerreiros que defendiam o portão. Os francos não tentaram prolongar a passagem até à cidade, pois a nova estrada servia

apenas para lhes proporcionar uma passagem seca até um lugar onde o ataque pudesse começar. Sabíamos que o ataque devia começar em breve.

No princípio do Verão a passagem estava pronta. A Lua estava cheia e trouxe nuvens enormes. A maior parte do tempo a passagem estava submersa, mas na maré

baixa a areia estendia-se em volta de *Ynys Trebes* e os francos, que estavam aprendendo pouco a pouco os segredos das areias movediças, alinhavam-se à nossa volta. Os seus tambores eram a nossa música constante e as suas ameaças estavam sempre nos chegando aos ouvidos. Houve um dia que foi especial era um dia de festa das tribos e eles, em vez de nos atacarem, acenderam grandes fogueiras na praia e fizeram marchar uma coluna de escravos até o fim da passagem onde, um a um, os cativos foram decapitados. Os escravos eram bretões, alguns com parentes assistindo da muralha da cidade, e o barbarismo e tal carnificina incitou alguns dos defensores de *Ynys Trebes* a precipitar-se para fora do portão numa tentativa vã de socorrerem as mulheres e as crianças condenadas à morte. Os francos estavam à espera do ataque e formaram uma muralha de escudos na areia, mas os homens de *Ynys Trebes*, enlouquecidos pela raiva e pela fome, atacaram.

Bleiddig foi um dos que tomou parte no ataque. Morreu nesse dia, esquartejado por uma lança franca. Nós, os dumnonianos, vimos uma mão-cheia de sobreviventes voltar correndo para a cidade. Não havia nada que pudéssemos fazer senão acrescentar os nossos corpos à pilha. O corpo de Bleiddig foi esfolado, estripado e depois espetado numa cana no fim da passagem para que nós tivéssemos de olhar para ele até à próxima maré alta. No entanto o corpo aguentou-se na estaca mesmo depois de ter estado submerso, na manhã seguinte, à luz cinzenta da alvorada, as gaivotas dilaceravam o corpo cheio de sal.

- Devíamos ter atacado com Bleiddig - disse-me Galaad amargamente.

- Não.

- Era melhor ter morrido como um homem à frente da muralha de escudos do que morrer aqui de fome.

- A sua vez de enfrentar a muralha de escudos há de chegar - prometi-lhe.

Mas também fiz tudo o que estava ao meu alcance para ajudar o meu povo na hora da derrota. Barricamos as ruelas que levavam ao nosso setor para que, se os Francos entrassem na ilha-cidade, os pudéssemos manter afastados enquanto as nossas mulheres fossem levadas por um caminho que corria entre os rochedos serpenteando pela espalda do pico granítico até uma pequena fenda na costa norte da ilha onde tínhamos escondido o barco capturado. Esta fenda não era de forma alguma um ancoradouro, por isso protegemos o nosso barco enchendo-o com pedras, e a maré

cobria-o duas vezes por dia. Debaixo de água a frágil carcaça estava a salvo de ser atirada pelo vento e pelas vagas contra os bordos rochosos da fenda. Eu achava que o ataque inimigo seria desencadeado durante a maré baixa e dois dos nossos homens feridos tinham instruções para tirar as rochas do barco assim que o ataque comesse, para que a embarcação flutuasse na maré-cheia. A idéia de fugir no barco era muito perigosa, mas dava ânimo à nossa gente.

Nenhum barco veio em nosso socorro. Uma manhã viu-se uma grande vela a norte e correram rumores de que era o próprio Artur quem chegava, mas aos poucos a vela foi mudando de rota e desapareceu na neblina estival. Estávamos sozinhos. À

noite entoávamos canções e contávamos histórias, e de dia ficávamos vendo os grupos guerreiros a juntarem-se na costa.

Esses grupos guerreiros atacaram numa tarde de Verão, já tarde, quando a maré estava vazando. Era um elevado número de homens com armaduras de couro, elmos de ferro e os escudos de madeira bem levantados no ar. Atravessaram a passagem, saltaram para o areal e subiram a suave encosta de areia em direção ao portão da cidade. Os homens da frente traziam um tronco enorme para servir de ariete, com a ponta endurecida pelo fogo e revestida com couro, enquanto os homens que os seguiam transportavam longas escadas. A horda aproximou-se e atirou as escadas contra as muralhas.

- Deixem-nos subir - rugiu Culhwch para os nossos soldados.

Esperou até cinco homens subirem numa escada e, depois, lançou uma pedra enorme entre as guardas da escada. Os francos gritaram ao cair. Uma seta ricocheteou no elmo de Culhwch quando ele atirou outra pedra. Outras setas batiam na muralha ou sibilavam sobre as nossas cabeças enquanto uma chuva de lanças de arremesso chocou inutilmente contra a pedra. Os francos formavam uma massa escura que se agitava aos pés da muralha e para cima da qual atirávamos pedras e imundícies. Cavan conseguiu trazer uma escada vazia para dentro da muralha e nós a partimos em pedaços que atiramos sobre os nossos atacantes. Quatro das nossas mulheres conseguiram trazer para a muralha uma coluna de pedra estriada retirada de uma das entradas da cidade e nós a atiramos por cima da muralha, ouvindo regozijantes os gritos terríveis dos homens que ela esmagou.

- É assim que as trevas chegam! - gritou-me Galaad. Estava exultante, travando a última batalha e cuspindo na cara da morte. Esperou que um franco chegasse ao alto da escada e, depois, desferiu-lhe um golpe tão forte com a espada que a cabeça do homem, cortada, rolou na areia. O resto do corpo ficou colado à

escada, obstruindo a passagem dos francos que vinham atrás e que se tornaram, alvos fáceis para as nossas pedras. Estávamos

derrubando a parede do armazém para termos munições e também estávamos ganhando a luta, pois cada vez menos Francos se atreviam a tentar subir as escadas. Afastavam-se, pelo contrário, da base da muralha e nós escarnecíamos deles, dizendo-lhes que tinham sido vencidos por mulheres, mas que, se atacassem de novo, íamos acordar os nossos guerreiros para a luta. Se eles perceberam os nossos insultos, não sei dizer, mas o certo é que hesitaram, com medo da nossa defesa. O ataque principal ainda fervilhava no portão onde o som do aríete era como um tambor gigante fazendo vibrar toda a baía.

O Sol estendia as sombras do promontório do lado oeste da baía pela areia enquanto nuvens cor-de-rosa formavam barras que atravessavam o Céu. As gaivotas voavam para os seus poleiros. Os nossos dois feridos tinham ido despejar as pedras do nosso barco, eu esperava que nenhum franco tivesse chegado tão longe e descoberto a nossa embarcação no entanto, não pensei que fôssemos precisar dela.

A noite estava caindo e a maré subindo, em breve, obrigaria os francos a voltar à

passagem e aos acampamentos e nós celebraríamos uma vitória notável.

Foi então que ouvimos o clamor de vitória de homens que festejam para lá do portão da cidade e vimos os nossos francos vencidos correndo, afastando-se da nossa muralha para se juntarem ao ataque distante. Nesse momento percebemos que a cidade estava perdida. Mais tarde, falando com alguns sobreviventes, descobrimos que os francos tinham conseguido galgar o cais de pedra do porto e estavam agora espalhando-se por toda a cidade.

E, então, elevou-se o clamor.

Galaad e eu próprio levamos vinte homens até à nossa barricada mais próxima. Havia mulheres correndo na nossa direção, mas ao

nos verem entraram em pânico e tentaram subir o pico de granito. Culhwch ficou para guardar a nossa muralha e proteger a nossa retirada para o barco. E então os primeiros rolos de fumaça de uma cidade vencida começaram a subir em espiral naquele céu crepuscular.

Corremos atrás dos defensores do portão principal, descemos um lance de escadas de pedra e vimos os inimigos trepando como ratazanas em um celeiro.

Centenas de lanceiros inimigos transbordavam do cais. Os seus estandartes de chifres de touro avançavam por todo o lado, os tambores rufavam enquanto as mulheres presas nas casas da cidade guinchavam. À nossa esquerda, no lado mais distante do porto onde apenas alguns atacantes tinham conseguido uma posição, apareceu de repente uma vaga de lanceiros com capas brancas. Bors, primo de Lancelot e comandante da guarda do palácio, chefiava um contra-ataque e, por um momento, pensei que ele ia virar a sorte da contenda e cortar a retirada aos invasores, mas, em vez de atacar o cais, Bors levou os seus homens para os degraus junto ao mar onde uma frota de pequenos barcos esperava para levá-los para um lugar seguro. Vi o príncipe Lancelot caminhando depressa entre os guardas, trazendo a mãe pela mão e chefiando uma ninhada de cortesãos em pânico. Os *fili* fugiam da cidade condenada à

destruição.

Galaad abateu dois homens que tentavam subir os degraus e eu vi a rua atrás de nós cheia de francos de capas negras.

- Para trás! - gritei, tirando Galaad do caminho.

- Deixe-me lutar! - Ele tentou me afastar e encarar os dois homens seguintes que subiam os estreitos degraus de pedra.

- Não seja tolo, procure manter-se vivo!

E, dizendo isto, empurrei-o para trás de mim, lancei um ataque simulado com a minha lança e, depois, levantei-a e enterrei a lâmina no rosto de um franco. Larguei a haste e arranquei a lança do segundo homem que estava enterrada no meu escudo ao mesmo tempo que desembainhava a *Hywelbane* e, ato contínuo, apliquei um golpe baixo sob o rebordo do escudo que mandou o homem gritando para os degraus com o sangue saindo aos borbotões por entre as mãos que seguravam a virilha.

- Sabe como nos levar para um lugar seguro atravessando a cidade? - gritei para Galaad.

Abandonei a minha lança e arrastei-o para longe dos inimigos que, ensandecidos pela batalha, se precipitavam para os degraus. Havia uma loja de oleiro no alto das escadas e, apesar do cerco, os artigos manufaturados pelo artesão estavam ainda em exibição em cima de mesas assentes em cavaletes cobertas com um toldo de lona. Tombei uma mesa cheia de jarros e vasos atravessando-a no caminho dos atacantes e, em seguida, rasguei o toldo e atirei-o violentamente contra as caras deles.

- Mostre o caminho! - gritei.

Havia ruas estreitas e jardins que só os habitantes de *Ynys Trebes* conheciam e íamos precisar desses caminhos secretos se queríamos escapar.

Os invasores tinham arrombado o portão principal, afastando-nos de Culhwch e dos seus homens. Galaad nos levou pelo monte acima, virando primeiro à esquerda e entrando num pequeno túnel que corria por baixo de um templo, atravessando a seguir um jardim e correndo por fim para a parede de uma cisterna para a água das chuvas. Abaixo de nós a cidade contorcia-se com aquele horror. Os francos derrubaram as portas para vingarem os seus mortos. As crianças gritavam e eram silenciadas pelas espadas. Vi um

guerreiro franco, um homem enorme com chifres no elmo, abater à machadada quatro defensores que tinham ficado encurralados.

Via-se mais fumaça saindo das casas. A cidade podia ser construída em pedra, mas havia muita mobília, pez e telhados de ripas para alimentar o fogo assassino. Ao largo, onde a maré na enchente redemoinhava nos bancos de areia, vi o elmo cintilante e alado de Lancelot num dos três barcos que escapavam, enquanto acima de mim, o gracioso palácio, todo ele em tons róseos do por do Sol, esperava pelos seus últimos momentos. A brisa do entardecer, arrebatando a fumaça cinzenta da cidade, ia formando com ele uma cortina branca e ondulante que pairava escurecendo as janelas do palácio.

- Por aqui! - chamou Galaad, apontando para um caminho estreito.

Seguiremos o caminho até ao nosso barco! Os nossos homens correram para salvar a vida. Anda, Derfel!

Mas eu não me mexi. Estava parado olhando para o monte íngreme.

- Anda, Derfel! - insistiu Galaad.

Mas eu estava ouvindo uma voz na minha cabeça. Era a voz de um velho: uma voz seca, cínica e pouco amável e o som dessa voz não me deixava mexer.

- Anda, vamos lá, Derfel! - gritou Galaad.

"Coloco a minha vida nas suas mãos" dissera o velho e, de repente, ele falou de novo dentro da minha cabeça. *"Coloco a minha vida na sua consciência, Derfel de Dumnónia."*

- Como é que eu chego ao palácio? - perguntei a Galaad.

- Ao palácio?

- Como? - gritei furioso.

- Por aqui - disse ele - por aqui! Temos de subir.

Os bardos cantam o amor, celebram as carnificinas, exaltam os reis e lisonjeiam as rainhas, mas, se eu fosse poeta, escreveria em louvor da amizade.

Tenho tido sorte com os meus amigos. Artur foi um deles, mas de todos os meus amigos nunca houve nenhum como Galaad. Houve momentos em que nos compreendíamos um ao outro sem precisarmos de palavras e outras em que as palavras brotavam sem parar durante horas. Partilhávamos tudo menos mulheres.

Nem me lembro de quantas vezes ficamos ombro a ombro numa muralha de escudos ou partilhamos o nosso último pedaço de comida. As pessoas julgavam-nos irmãos e nós próprios nos víamos dessa maneira.

E naquele desalentado fim de tarde, enquanto a cidade queimava a fogo lento por baixo de nós, Galaad compreendeu que eu não podia ser levado para o barco que nos esperava. Ele sabia que eu estava sob o poder de alguma coisa imperiosa, alguma mensagem dos deuses, que me fazia subir desesperadamente em direção ao palácio sereno que coroava *Ynys Trebes*. À nossa volta o horror subia pelo monte acima, mas nós nos mantínhamos à frente dele, correndo desesperados por cima do telhado de uma igreja, saltando para uma ruela onde abríamos caminho por entre uma multidão de fugitivos que acreditavam que a igreja lhes serviria de santuário, depois subindo por um lance de degraus de pedra, chegando assim à rua principal que circundava *Ynys Trebes*. Havia francos correndo na nossa direção, competindo para serem os primeiros a entrar no palácio de Ban, mas nós levávamos-lhes a dianteira juntamente com uma mão-cheia de pessoas dignas de dó que tinham escapado à

carnificina na parte de baixo da cidade e que procuravam agora um refúgio sem esperança na residência real no alto do monte.

Os guardas tinham desaparecido do pátio. As portas do palácio estavam escancaradas e lá dentro, onde as mulheres se aninhavam e as crianças choravam, a linda mobília esperava pelos subjugadores. As cortinas agitavam-se ao vento.

Mergulhei nos elegantes salões, atravessei correndo a câmara dos espelhos, passando pela harpa abandonada de Leanor e entrando na grande sala onde Ban me recebera pela primeira vez. O rei ainda estava lá, ainda com a sua toga e ainda sentado à sua mesa de trabalho com uma pena na mão.

- Tarde demais - disse ele, quando entrei de rompante na sala de espada desembainhada. - Artur me abandonou.

Ouviram-se gritos nos corredores do palácio. A panorâmica da janela em arco aparecia esbatida pelo fumaça.

- Vennha conosco, meu pai! - disse Galaad.

- Tenho trabalho para fazer - disse Ban num tom lamentoso. Mergulhou a pena no tinteiro e começou a escrever. - Não vê que estou ocupado?

Passei pela porta que levava à biblioteca, atravessei a antecâmara vazia, empurrei a porta da biblioteca, abrindo-a de par em par, e vi o padre corcunda de pé

junto a uma das prateleiras de rolos de pergaminhos. O chão de madeira polido estava coberto de manuscritos.

- A sua vida é minha - gritei furioso, ressentindo-me de que um velho tão horrível me tivesse obrigado àquilo, quando havia tantas vidas para salvar na cidade. -

Por isso venha comigo! Já! - O padre me ignorou. Tirava freneticamente os rolos das prateleiras, rasgando as fitas e os selos e lendo as primeiras linhas antes de atirá-los para o chão e se

apressar a agarrar outro rolo de pergaminho. - Venha! - ordenei com rispidez.

- Espere! - insistiu Celwin, puxando mais um rolo, pondo-o depois de lado e abrindo outro. - Ainda não!

Ouviu-se um barulho de coisas quebradas no palácio. Soou uma gargalhada que foi abafada pelos gritos. Galaad estava entre a porta do lado de fora da biblioteca, implorando ao pai que viesse conosco, mas Ban limitava-se a acenar com a mão para o filho como se as palavras dele fossem um incômodo. Depois a porta se abriu com um estrondo e três guerreiros francos cobertos de suor entraram de roldão. Galaad correu para enfrentá-los, mas não teve tempo para salvar a vida do pai e Ban nem sequer tentou se defender. O franco que vinha à frente deu-lhe um violento golpe com a espada e eu acho que o rei de *Benoiç* já tinha morrido de um ataque de coração antes mesmo da lâmina o ter tocado. O franco tentou arrancar a cabeça do rei e esse homem morreu na lança de Galaad enquanto eu dava uma estocada no segundo homem com a *Hywelbane* e atravessava no chão o seu corpo ferido para obstruir a passagem do terceiro. O hálito do franco moribundo tresandava a cerveja como o hálito dos Saxões. Apareceu fumaça na porta. Galaad estava agora ao meu lado, desferindo cutiladas com a espada para matar o terceiro homem, mas mais francos corriam pelo corredor. Libertei a minha espada e voltei à antecâmara.

- Venha, velho tolo! - gritei por cima do ombro para o padre obstinado.

- Velho, sim, Derfel, mas tolo? Nunca.

O padre riu e alguma coisa naquele riso amargo me fez virar e então vi, como num sonho, que a corcunda desaparecia à medida que o padre esticava o seu longo corpo atingindo a sua altura completa. Afinal não era nada horrível, pensei eu, mas admirável, majestoso e tão cheio de sabedoria que, apesar de eu estar num lugar de morte

que tresandava a sangue e ecoava com os gritos dos moribundos, me senti mais seguro do que alguma vez me sentira em toda a minha vida. Ele continuava a rir para mim, satisfeito por ter me enganado durante tanto tempo.

- Merlim! - disse eu, e confesso que me vieram lágrimas aos olhos.

- De-me alguns minutos - disse ele. - Aguenta-os aí.

Ele continuava a arrancar os rolos das prateleiras, rasgando os selos e atirando-os para o chão depois de olhar apressadamente. Tinha tirado a venda do olho, que fora apenas uma parte do seu disfarce.

- Aguenta-os aí - disse ele outra vez, mudando para uma nova prateleira de rolos de pergaminho ainda por examinar. - Ouvi dizer que é bom nas matanças. Por isso seja muito bom agora.

Galaad colocou a harpa e o banco da harpista na entrada externa e, depois, ambos defendemos a passagem com lanças, espadas e escudos.

- Sabia que ele estava aqui? - perguntei a Galaad.

- Quem? - Galaad enterrou a sua lança no escudo redondo de um franco e puxou-a de novo bruscamente.

- Merlim.

- Ele está aqui? - Galaad estava espantado. - É claro que eu não sabia.

Um franco aos gritos de cabelo encaracolado e cheio de sangue na barba carregou com a lança na minha direção. Agarrei-a abaixo da cabeça e usei-a para puxá-lo para a minha espada. Outra lança foi atirada na minha direção, passou por mim e foi enterrar a sua cabeça de aço na padieira atrás das minhas costas. Um homem

emaranhou os pés nas cordas cacófonas da harpa e caiu para a frente sendo pontapeado no rosto por Galaad. Eu dei uma machadada com o rebordo do meu escudo na parte de trás do pescoço do homem, desviando-me em seguida do golpe de uma espada. O palácio ressoava com a gritaria e estava cheio de um fumaça acre, mas os homens que nos atacavam começavam a perder o interesse em qualquer saque que pudessem descobrir na biblioteca, preferindo alvos mais fáceis em outros lugares do edifício no alto do monte.

- Merlim está aqui? - perguntou Galaad incrédulo.

- Veja por si mesmo.

Galaad virou-se para olhar para a figura alta que procurava tão desesperadamente alguma coisa no meio da biblioteca de Ban condenada à

destruição

- Aquele é Merlim?

- É.

- Como soube que ele estava aqui?

- Eu não sabia - disse eu. - Venha cá, filho da puta!

Esta imprecação era dirigida a um enorme franco com uma capa de couro que trazia um machado de guerra com duas cabeças e queria mostrar que era um herói. Ele entoava o seu hino de guerra quando nos atacou e estava cantando ainda quando morreu. O machado enterrou-se no soalho aos pés de Galaad, quando ele puxou a lança, arrancando-a do peito do homem.

- Achei! Achei! - gritou de repente Merlim atrás de nós. - *Súms Italicus*, claro!

Ele nunca escreveu dezoito livros sobre a Segunda Guerra Púnica, mas apenas dezessete. Como pode ser tão estúpido? Tem razão, Derfel, sou mesmo um velho louco! Um louco perigoso! Dezoito livros sobre a Segunda Guerra Túngida? Até uma criança sabe que sempre houve apenas dezessete! Achei! Vamos, Derfel, não me faça perder tempo! Não podemos ficar aqui a noite toda!

Corremos de volta à biblioteca em desordem onde encostei a grande mesa de trabalho contra a porta, como barreira temporária, enquanto Galaad arrebatava a pontapé as persianas das janelas viradas para Oeste. Um novo enxame de francos entrou pela sala da harpista e Merlim arrancou a cruz de madeira do pescoço e atirou o débil míssil contra os invasores, que se encontravam momentaneamente em dificuldades por causa da pesada mesa. Quando a cruz caiu, uma grande explosão, seguida de labaredas, engoliu a antecâmara. Pensei que o fogo mortal era uma mera coincidência e que a parede da sala tinha sucumbido, provocando uma onda de fogo no preciso momento em que a cruz tinha caído, mas Merlim disse que aquele era um triunfo seu.

- Aquela coisa horrorosa tinha de servir para alguma coisa - disse ele, referindo-se à cruz, e depois riu dos inimigos, aos gritos, morrendo queimados. -

Assem, seus vermes, assem! - Entretanto, enfiava o rolo de pergaminho no peito da sua toga. - Já leu *Silius Italicus*?

- Nunca ouvi falar dele, Senhor - respondi, arrastando-o para a janela aberta.

- Escreveu epopéia em verso, meu querido Derfel, epopéia em verso. - Merlim resistiu à minha tentativa em pânico de arrastá-lo e colocou-me uma mão no ombro. -

Deixe-me lhe dar um conselho. - Falava com um ar muito sério. - Afaste-se da epopéia em verso. Falo por experiência própria.

De repente deu-me vontade de chorar como uma criança. Era um alívio tão grande olhar de novo nos seus olhos sábios e perversos. Era como se tivesse encontrado de novo o meu próprio pai.

- Tive tantas saudades, Senhor - disse eu abruptamente.

- Isto não é hora para pieguices! - disse Merlim com brusquidão, e correu para a janela, quando um guerreiro franco, passando por entre as chamas transpôs a porta e escorregou pelo tampo da mesa abaixo gritando que se ia vingar. O cabelo do homem fumegava, quando ele se atirou a nós com a lança em riste. Desviei a ponta com o meu escudo, dei-lhe uma estocada com a espada seguida de um pontapé e de mais outra estocada.

- Por aqui! - gritou Galaad do jardim por trás da janela. Dei uma última cutilada no franco moribundo e, então, vi que Merlim voltara à sua mesa de trabalho. -

Rápido, Senhor!

- O gato! - explicou Merlim. - Não posso abandonar o gato! Não seja absurdo.

- Pelo amor dos deuses, Senhor! - vociferei, mas Merlim estava de gatas debaixo da mesa, tentando agarrar o assustado gato cinzento que se aconchegou nos braços. E só então avançou para o peitoril e passou para um jardim de relva protegido por pequenas sebes de loureiro. O Sol pontificava esplêndido a Oeste, colorindo o Céu de um vermelho vibrante e espraiando-se em agitados reflexos ardentes pelas águas da baía. Saltamos a sebe e, guiados por Galaad, descemos um lance de escadas que levava a uma cabana de jardineiro, metendo depois por um caminho perigoso que contornava uma saliência do pico de granito. De um lado do caminho havia um penhasco de pedra e do outro havia o mar, mas Galaad conhecia estes caminhos desde a infância e guiou-nos com segurança pela trilha abaixo em direção à água.

Havia corpos boiando no mar. O nosso barco, repleto ao ponto ser preciso um milagre para fazê-lo flutuar, já estava a um quarto de milha da ilha com os remos laborando incansavelmente para arrastar os passageiros para um lugar seguro.

Coloquei as mãos em concha em redor da boca e gritei.

- Culhwch! - A minha voz ecoou nas rochas e foi enfraquecendo, perdendo-se na imensidão de gritos e clamores que marcavam o fim de *Ynys Trebes*.

- Deixe-os ir - disse Merlim, calmamente. Depois, procurou por baixo da túnica imunda que usara como padre Celwin. - Segure-o.

Atirou-me o gato para os braços e procurou às apalpadelas, de novo por debaixo da túnica, até encontrar um pequeno apito de prata que soprou uma única vez, dele saindo uma nota suave.

Quase imediatamente um pequeno bote preto apareceu vindo da costa norte de *Ynys Trebes*. Um único homem, envergando uma túnica, impelia o pequeno barco com um comprido remo preso a um tolete na popa. O bote tinha uma proa alta e aguçada e só tinha espaço no seu bojo para três passageiros. Lá dentro estava uma arca de madeira marcada com o selo de Merlim Cernunnos, o Deus Chifrudo.

- Tratei de preparar isto - disse Merlim alegremente - quando se tornou evidente que o pobre Ban não tinha uma idéia certa de quantos rolos possuía. Pensei que iria precisar de mais tempo, e assim foi. É claro que os rolos tinham etiquetas, mas os *fili* passavam a vida misturando-os, para não dizer tentando melhorá-los, quando não roubavam os versos e afirmavam que eram seus. Um patife passou seis meses plagiando Catulo e depois arquivou-o em Platão. Boa-noite, meu querido Caddwg! – disse, cumprimentando o barqueiro com bom humor. - Está tudo bem?

- Tirando que o mundo está morrendo, sim - resmungou Caddwg.

- Mas tem a arca. - Merlim fez um gesto na direção da caixa selada.
- Nada mais importa.

Aquele elegante bote fora outrora um barco de palácio usado para transportar passageiros do porto para embarcações maiores ancoradas ao largo da costa e Merlim tinha dado instruções para que esperasse o seu chamado. Entramos e afundamo-nos no convés enquanto o amargo Caddwg impelia a pequena embarcação para o mar noturno. Uma única lança precipitou-se do alto para ser engolida pela água ao nosso lado, mas, tirando isso, a nossa partida passou despercebida e sem problemas. Merlim tirou-me o gato e sentou-se com ar satisfeito na proa enquanto eu e Galaad olhávamos para trás, para a morte da ilha.

A fumaça espalhava-se pela água. O clamor dos condenados era um cântico lúgubre naquele fim de dia. Podíamos ver as formas escuras dos lanceiros francos ainda atravessando a passagem e chapinhando na água em direção à cidade em queda. O sol afundou-se, escurecendo a baía e tornando as chamas que consumiam o palácio ainda mais brilhantes. Uma cortina incendiou-se e flamejou durante um breve, mas fulgurante, momento antes de se desfazer em cinzas suaves. O fogo na biblioteca era feroz: pergaminho após pergaminho irrompia em chamas, transformando aquele recanto do palácio num autêntico inferno. Aquela era a pira funerária do rei Ban, ardendo pela noite dentro.

Galaad chorava. Ajoelhado no convés, agarrado à sua lança, via a sua casa transformar-se em pó. Fez o sinal da cruz e rezou em silêncio uma oração que mandava a alma de seu pai para um qualquer Outro Mundo no qual Ban tivesse acreditado. O mar estava misericordiosamente calmo. Estava vermelho e preto, sangue e morte, um espelho perfeito da cidade em chamas onde os nossos inimigos dançavam num triunfo macabro. *Ynys Trebes* nunca foi reconstruída no nosso tempo: as paredes caíram, as ervas daninhas cresceram, as aves marinhas arranjaram aí os seus poleiros. Os pescadores francos evitavam a ilha onde tantos deles tinham

morrido. Já não lhe chamavam *Ynys Trebes*, mas deram-lhe um novo nome na sua própria e grosseira língua: o Monte da Morte. E dizem os seus marinheiros que à noite, quando a ilha deserta se eleva negra acima do mar que a rodeia, ainda se ouvem os gritos das mulheres e o choro das crianças.

Atracamos numa praia vazia do lado oeste da baía. Abandonamos o barco e carregamos a arca selada de Merlim por entre o tojo e os espinheiros vergados pela ventania até ao alto espinhaço do promontório. A noite caiu cerrada, quando chegamos ao cume. Virei-me, para ver *Ynys Trebes* incandescente como uma brasa na escuridão, e depois continuei, para levar o meu fardo para casa, para a consciência de Artur. *Ynys Trebes* estava morta.

Apanhamos um barco para a Grã-Bretanha no mesmo rio onde eu tinha uma vez rezado a *Bei* e a *Manawydan* para que me levassem são e salvo para casa.

Encontramos Culhwch no rio, com o barco sobrecarregado encalhado na lama. Leanor estava viva, tal como a maior parte dos nossos homens. Estava ancorado no meio do rio um barco de pesca preparado para fazer a viagem de volta a casa e o seu mestre estava à espera de ganhar um bom dinheiro à custa dos sobreviventes desesperados, mas Culhwch apontou a espada à garganta do homem obrigando-o a levar-nos de graça. O resto das pessoas já tinha fugido dos Francos. Esperamos uma noite, uma noite profusamente iluminada devido às chamas de *Ynys Trebes* queimando e, de manhã, içamos a âncora e zarpamos rumo ao Norte.

Merlim via a costa perder-se de vista, e eu, mal me atrevendo a acreditar que o velho tinha mesmo voltado para nós, olhava-o fixamente. Era um homem alto e ossudo, talvez o homem mais alto que eu já conhecera, com um longo cabelo branco que crescia para trás da sua linha de tonsura e estava preso num rabicho com uma fita preta. Ele usara o cabelo solto e desgrenhado enquanto fingia

ser Celwin, mas agora, de novo com o rabicho, parecia-se com o antigo Merlim. A sua pele era cor de madeira velha e polida, os olhos eram verdes e o nariz uma aguçada proa ossuda. Usava a barba e os bigodes entrançados em finos cordões que ele gostava de torcer entre os dedos enquanto pensava. Ninguém sabia que idade tinha, mas decerto nunca conheci ninguém mais velho, exceto talvez o druida Balise, tal como também nunca conheci ninguém que parecesse sempre tão eternamente jovem como Merlim. Tinha todos os dentes e mantinha a agilidade de um jovem, embora gostasse de fingir que era velho, frágil e desamparado. Vestia-se de negro, sempre de negro, nunca de outra cor e empunhava habitualmente um grande bastão preto, se bem que agora, ao fugir de *Armórica*, lhe faltasse essa divisa da sua função.

Era um homem dominante, não só por causa da sua estatura, reputação e elegância, mas por toda a sua presença. Tal como Artur, tinha a capacidade de dominar uma sala e fazer um salão cheio de pessoas parecer vazio quando saía. Mas, enquanto a presença de Artur era generosa e entusiástica, a de Merlim era sempre perturbadora. Quando olhava para alguém parecia que conseguia ler a parte secreta do coração dessa pessoa e o pior era que ele se divertia com isso. Era malicioso, impaciente, impulsivo e totalmente, absolutamente sábio. Depreciava tudo, difamava todos e eram muito poucas as pessoas que amava completamente. Artur era uma delas, Nimue era outra e penso que eu seria uma terceira, embora nunca tivesse tido certeza absoluta, pois Merlim era um homem que adorava o fingimento e os disfarces.

- Está olhando para mim, Derfel! - Acusou-me da popa do barco, ainda de costas para mim.

- Espero nunca mais perde-lo de vista, Senhor.

- Que tolo piegas que você é, Derfel. - E, virando-se para mim, dirigiu-me um olhar mal-humorado. - Devia tê-lo atirado de novo para o poço da morte de Tanaburs.

Leve essa arca para a minha cabina.

Merlim requisitara a cabina do capitão onde eu agora acondicionava a arca de madeira. Merlim curvou-se para passar pela porta baixa e atarantou-se com as almofadas do capitão até arranjar um assento confortável, depois se afundou nelas com um suspiro de felicidade. O gato cinzento saltou-lhe para o colo enquanto ele desenrolava os primeiros centímetros do grosso rolo de pergaminho pelo qual tinha arriscado a vida em cima de uma tosca mesa que brilhava com escamas de peixe.

- O que é isso? - perguntei.

- É o único verdadeiro tesouro que Ban possuía - disse Merlim. - O resto era, na sua grande maioria, lixo grego e romano. Algumas coisas boas, acho, mas não muitas.

- Então, isso é o quê? - perguntei de novo.

- Um rolo de pergaminho, querido Derfel - disse ele, como se eu fosse maluco por ter perguntado. Olhou pela clarabóia aberta, vendo a vela enfunar com uma brisa ainda acre do fumaça de *Ynys Trebes*. - Um bom vento! Talvez cheguemos em casa ao cair da noite. Senti saudades da Grã-Bretanha. - Olhou de novo para o pergaminho.

- E Nimue? Como está a minha adorada menina? - perguntou, enquanto passava uma vista de olhos pelas primeiras linhas.

- Da última vez que a vi - disse eu amargamente - tinha sido violada e tinha perdido um olho.

- Essas coisas acontecem - disse Merlim descuidadamente.

A sua insensibilidade deixou-me sem fôlego. Esperei um pouco e, mais uma vez, perguntei-lhe o que é que o pergaminho tinha de tão importante. Ele suspirou.

- Você é uma criatura inoportuna, Derfel. Bem, vou fazer a sua vontade. -

Largou o manuscrito, que se enrolou sozinho, inclinou-se para trás e recostou-se nas almofadas úmidas da embarcação. – Você sabe, é claro, quem foi Caleddin?

- Não, meu Senhor - admiti.

Ele levantou os braços em sinal de desespero.

- Não tem vergonha da sua ignorância, Derfel. Caleddin era um druida dos *Ordovicii*. Uma tribo miserável e eu devia saber. Uma das minhas mulheres era ordoviciiana e uma dessas criaturas era suficiente para uma dúzia de vidas. Nunca mais. - Estremeceu com a lembrança e, depois, olhou-me com atenção. - Gundleus violou Nimue, certo?

- Sim. - Perguntei-me como é que ele soubera.

- Que tolo! Que tolo! - Parecia mais divertido do que zangado com o destino da sua amante. - Como ele vai sofrer. Nimue está zangada?

- Furiosa.

- Muito bem. A fúria é muito útil e a minha querida Nimue tem um talento especial para isso. Uma das coisas que não suporto nos cristãos é a admiração que têm pela resignação. Imagine, elevar a resignação a uma virtude! Resignação!

Consegue imaginar um céu só cheio de resignados? Que idéia assustadora. A comida ficaria gelada enquanto todos passavam os pratos para o vizinho do lado. A resignação não é uma coisa boa, Derfel. A fúria e o egoísmo são as qualidades que fazem andar o mundo. - Riu. - Agora, sobre Caleddin: era um druida razoável para um ordoviciiano, nem por sombra tão bom como eu, claro, mas teve os seus dias. A propósito, gostei da sua tentativa de matar Lancelot

e foi uma pena não ter terminado o trabalho. Suponho que ele escapou da cidade, não?

- Assim que se sentiu ameaçado, claro.

- Os marinheiros dizem que os ratos são sempre os primeiros a abandonar o navio em perigo. Pobre Ban. Era um tolo, mas um tolo de bom coração.

- Ele sabia quem você era? perguntei.

- Claro que sabia - disse Merlim. - Teria sido monstruosamente mal-educado da minha parte ter enganado o meu anfitrião. Mas é claro que ele não disse a mais ninguém, senão eu seria cercado por todos aqueles poetas terríveis pedindo-me que usasse a minha magia para lhes fazer desaparecer as rugas. Faz idéia, não faz Derfel, de como uma pequena magia pode ser enfadonha? Ban sabia quem eu era, tal como Caddwg, o meu servo. O pobre Hywel está morto, não está?

- Se já sabe - disse eu - porque pergunta?

- Estou só conversando! - protestou ele. - Conversar é uma das artes civilizadas, Derfel. Não podemos caminhar pesada e ruidosamente pela vida com uma espada e um escudo e sempre resmungando. Alguns de nós, poucos aliás, tentam preservar as dignidades. - Deu uma fungadela.

- Então como sabia que Hywel está morto? - perguntei.

- Porque Bedwin me escreveu contando, claro, seu idiota.

- Bedwin tem lhe escrito todos estes anos? - perguntei surpreso.

- Claro! Ele precisava dos meus conselhos. O que acha que fiz? Que desapareci?

- Desapareceu, sim - disse eu, ressentido.

- Que disparate. Você simplesmente não sabia onde procurar. Não que Bedwin tivesse alguma vez seguido os meus conselhos. Que confusão que o homem fez! Mordred vivo! Pura loucura. A criança devia ter sido estrangulada com o seu próprio cordão umbilical, mas suponho que nunca convenceriam Uther a fazer uma coisa dessas. Pobre Uther. Acreditava que as virtudes passavam pelos testículos de um homem. Que disparate! Uma criança é como um bezerro, se nasce aleijado dá-se uma pancada rápida na cabeça e cobre-se a vaca de novo. Foi por isso que os deuses fizeram com que gerar filhos desse tanto prazer, porque muitos desses seres inferiores têm de ser substituídos. É claro que não há muito prazer neste processo para as mulheres, mas alguém tem de sofrer e graças aos deuses são elas e não nós.

- Você teve algum filho? - perguntei, imaginando por que razão nunca tinha me lembrado de perguntar antes.

- Claro que tive! Que pergunta mais bizarra. - E olhou para mim como se duvidasse da minha sanidade. - Nunca gostei muito de nenhum deles e, felizmente, a maioria morreu e o resto eu reneguei. Um, penso eu, até é cristão. - Encolheu os ombros. - Prefiro os filhos dos outros, são muito mais agradecidos. Ora de que é que estávamos falando? Ah, sim, de Caledin. Um homem terrível. - E sacudiu a cabeça, melancólico.

- Ele escreveu o pergaminho? - perguntei.

- Não seja absurdo, Derfel - disse brusca e impacientemente. - Os druidas não podem escrever nada, é contra as regras. Você sabe isso! Quando se escreve alguma coisa, essa coisa passa a ser regra. Transforma-se num dogma. E depois as pessoas podem discuti-lo, tornam-se autoritárias, fazem referências aos textos, produzem novos manuscritos, discutem mais e não tarda nada estão matando-se uns aos outros. Se nunca escrever nada, então

ninguém sabe exatamente o que disse e, por isso, pode sempre mudar de opinião. Será que tenho de te explicar tudo?

- Podia me explicar o que está escrito no pergaminho - disse com humildade.

- Era precisamente o que eu estava fazendo! Mas você não para de me interromper e de mudar de assunto! Que comportamento mais bizarro! E pensar que cresceu no Tor. Eu devia ter lhe batido mais com o chicote. Isso devia ensinar-lhe boas maneiras. Soube que Gwlyddyn está reconstruindo a minha casa. É verdade?

- É.

- Um homem bom e honesto, esse Gwlyddyn. Provavelmente eu próprio vou ter de reconstruí-la depois, mas ele pelo menos tenta.

- O pergaminho - lembrei-o.

- Eu sei! Eu sei! Caleddin era um druida, já disse isso. E era também ordoviciano. Umas bestas hediondas, esses Ordovicianos. Seja como for, lembre-se do Ano Negro e pergunte-se como é que Suetônio sabia tudo o que sabia sobre a nossa religião. Suponho que saiba quem era Suetônio, não?

A pergunta era um insulto, pois todos os Bretões conhecem e insultam o nome de Suetônio Paulino, o Governador nomeado pelo Imperador Nero e que, no Ano Negro, cerca de quatrocentos anos antes da nossa era, praticamente destruiu a nossa antiga religião. Todos os Bretões cresceram ouvindo a terrível história de como as duas legiões de Suetônio destruíram o santuário druida de *Ynys Mon*. *Ynys Mon*, tal como *Ynys Trebes*, era uma ilha, o maior santuário dos nossos deuses, mas os Romanos conseguiram atravessar os estreitos e esquartejaram à espadeirada todos os druidas, os bardos e as sacerdotisas. Destruíram as matas sagradas e profanaram o lago sagrado. Tudo o que nos deixaram foi pouco mais do que uma sombra da antiga religião e os nossos druidas,

como Tanaburs e Iorweth, eram apenas débeis ecos de uma esplendorosa glória.

- Sei muito bem quem foi Suetônio - respondi.

- Houve outro Suetônio - disse ele, divertido. - Um escritor romano, e um bom escritor. Ban possuía a sua *De Viris Illustribus* que trata principalmente da vida dos poetas. Suetônio era particularmente escandaloso quanto a Virgílio. É extraordinário o tipo de coisas que os poetas levam para a cama; a maioria levam-se uns aos outros, é

claro. É uma pena que aquela obra tenha ardido, pois eu nunca vi outra. O

pergaminho de Ban devia ser a última cópia e agora não passa de cinzas. Virgílio ficará aliviado. Seja como for, a questão é que Suetônio Paulino queria saber tudo o que havia a saber sobre a nossa religião antes de atacar *Ynys Mon*. Ele queria ter certeza que não o transformaríamos num sapo ou num poeta. Por isso, encontrou um traidor, o druida Caleddin. E Caleddin ditou tudo o que sabia a um escriba romano que copiou tudo no que parece ser um latim execrável. Mas, execrável ou não, é o único registro da nossa antiga religião: todos os seus segredos, os rituais, os significados e todo o seu poder. E é isso que aqui está, rapaz. - Fez um gesto, apontando para o pergaminho e deixando-o cair da mesa.

Eu apanhei o manuscrito, que tinha rolado para debaixo do beliche do mestre.

- E eu que pensei - disse eu, amargamente - que era um cristão tentando descobrir o tamanho das asas dos anjos.

- Não seja sarcástico, Derfel! Todos sabem que o tamanho da asa deve variar conforme a altura e o peso do anjo. - Desenrolou o pergaminho de novo e olhou atentamente para o seu conteúdo. - Procurei este tesouro por todo o lado. Até em Roma. E durante todo este tempo aquele velho louco do Ban tinha-o catalogado como o

décimo oitavo volume de *Silius Italicus*. Isto prova que ele nunca o leu todo, apesar de afirmar que era maravilhoso. Por outro lado, acho que nunca ninguém o leu todo. E

como poderia?

Encolheu os ombros.

- Não admira que tenha levado mais de cinco anos para achá-lo - disse eu, pensando na quantidade de pessoas que sentiram a falta dele durante aquele tempo.

- Que disparate. Eu só soube da existência do pergaminho há um ano. Antes disso andava à procura de outras coisas: o Chifre de Bran Galed, a Faca de *Laufrodedd*, o Tabuleiro de *Gwenddolau*, o Anel de *Eluned*. Os Tesouros da Grã-Bretanha, Derfel... - Fez uma pausa, olhando para a arca selada e, depois, olhou de novo para mim. - Os Tesouros são as chaves do poder, Derfel, mas sem os segredos deste pergaminho são apenas outros objetos mortos.

Havia uma reverência fora do comum na sua voz, e não admira, pois os Treze Tesouros eram os mais sagrados e misteriosos talismãs da Grã-Bretanha.

Uma noite, em Benoic, quando tremíamos no escuro e tentávamos ouvir os francos escondidos entre as árvores, Galaad tinha desdenhado da existência dos Tesouros, duvidando que eles tivessem sobrevivido aos longos anos de domínio romano, mas Merlim sempre insistira que os antigos druidas, enfrentando a derrota, os tinham escondido tão bem que nenhum romano os encontraria. O trabalho da sua vida era colecionar os treze talismãs; a sua ambição era o pavoroso momento final em que eles seriam utilizados. Tudo levava a crer que essa utilização estava descrita no pergaminho perdido de Caleddin.

- Então o que é que o pergaminho nos diz? - perguntei avidamente.

- Como vou saber? Não me dá tempo para o ler. Por que não vai fazer alguma coisa útil? Vá consertar um remo ou seja lá o que for que os marinheiros fazem quando não estão se afogando. - Esperou até eu chegar à porta. - Oh, só mais uma coisa - acrescentou de modo absorto.

Virei-me e vi que estava olhando de novo para as linhas abertas do pesado pergaminho.

- Senhor? - incitei-o.

- Só queria lhe agradecer, Derfel - disse ele de modo descuidado. - Por isso, obrigado. Sempre tive esperanças de que algum dia me seria útil.

Pensei em Ynys Trebes a arder e em Ban morto.

- Falhei em relação a Artur - disse eu amargamente.

- Todos falham em relação a Artur. Ele espera demais das pessoas. E agora vá.

Eu estava convencido de que Lancelot e a mãe, Elaine, navegariam para oeste, para Broceliande, para aí se juntarem à massa de fugitivos empurrados do reino de Ban pelos francos, mas eles, pelo contrário, navegaram para norte, para a Grã-Bretanha. Para *Dumnónia*.

E, assim que chegaram a *Dumnónia*, viajaram para *Durnovária*, tendo chegado à cidade dois dias antes de Merlim, Galaad e eu próprio atracarmos, por isso não estávamos lá para assistir à sua entrada triunfal, se bem que tivéssemos ouvido como tudo se passou, pois a cidade ressoava com histórias admiráveis sobre os fugitivos.

O grupo real de *Benoiç* tinha viajado em três barcos velozes, tendo todos eles sido preparados antes da queda de *Ynys Trebes*,

trazendo os porões carregados com todo o ouro e prata que os francos tinham esperado encontrar no palácio de Ban. Na altura em que o grupo da rainha Elaine chegou a *Durnovária* o tesouro tinha sido escondido e os fugitivos vinham todos a pé, alguns até descalços, andrajosos e cobertos de pó, com o cabelo desgrenhado e coberto de salitre e com sangue manchando-lhes não só a roupa, mas também as armas amassadas que seguravam nas mãos nervosas. Elaine, rainha de *Benoic*, e Lancelot, agora rei de um Reino Perdido, subiram a rua principal da cidade para mendigar abrigo como indigentes no palácio de Guinevere. Atrás deles vinha uma variada mistura de guardas, poetas e cortesãos que, exclamou pesarosamente Elaine, eram os únicos sobreviventes do massacre.

- Se pelo menos Artur tivesse cumprido a sua palavra - lamentou-se ela a Guinevere - se, pelo menos, tivesse feito metade do que prometeu!

- Mãe! Mãe! - clamou Lancelot, agarrando-se a ela.

- Tudo o que quero é morrer, meu querido - declarou Elaine, - como quase aconteceu com você na luta.

Guinevere, claro, mostrou-se esplendidamente à altura das circunstâncias.

Arranjaram-se roupas, prepararam-se banhos, preparou-se comida, derramou-se vinho, curaram-se as feridas, ouviram-se histórias, ofereceram-se tesouros e convocou-se Artur.

As histórias eram maravilhosas. Corriam toda a cidade e, na hora em que chegamos a *Durnovária*, essas histórias já tinham se espalhado por toda a *Dumnónia* e voavam para além fronteiras para serem recontadas em inúmeros salões de festas britânicos e irlandeses. Era uma magnífica história de heróis: como Lancelot e Bors tinham defendido o Portão do Tritão e como tinham atapetado a areia com francos mortos e saciado as gaivotas com a sua carne putrefata. Os francos, diziam as histórias, gritavam por misericórdia,

temendo que a brilhante *Tanlladwyr* aparecesse de novo na mão de Lancelot, mas é então que outros defensores, longe da vista de Lancelot, os deixaram entrar. O inimigo estava dentro da cidade e se, antes a luta tinha sido terrível, agora tornara-se pavorosa. Inimigo atrás de inimigo ia tombando à

medida que rua após rua era defendida. No entanto nem todos os heróis da antiguidade juntos poderiam ter resistido àquela investida dos guerreiros com elmos de ferro que chegavam em número avassalador vindos do mar circundante, como se fossem demônios libertados dos pesadelos de *Manawydan*. Os heróis ultrapassados em número recuavam deixando as estradas estranguladas com inimigos mortos; mais inimigos chegavam e mais recuavam os heróis, acabando por recuar para o próprio palácio onde Ban, o bom rei Ban, se debruçava do seu terraço à procura dos barcos de Artur no horizonte.

- Eles virão! - insistia Ban. - Pois Artur prometeu.

O rei, dizia a história, não deixaria o terraço, pois se Artur chegasse e ele ali não estivesse, o que diriam as pessoas? Insistira em ficar para receber Artur, mas beijou a mulher e abraçou o seu herdeiro e, depois, desejou que bons ventos os levassem à Grã-Bretanha antes de se virar para procurar a salvação que não chegou.

Era uma história magnífica e, no dia seguinte, quando parecia que mais nenhum barco chegaria da distante *Armórica*, a história mudou sutilmente. Agora já

tinham sido os homens de *Dumnónia*, as forças chefiadas por Culhwch e Derfel, que tinham permitido a entrada do inimigo em *Ynys Trebes*.

- Eles lutaram - assegurou Lancelot a Guinevere, - mas não conseguiram aguentar-se.

Artur, que estivera em campanha contra os Saxões de Cerdic, cavalgou rapidamente para *Durnovária* para dar as boas-vindas aos seus convidados. Chegou algumas horas antes do nosso deplorável grupo se arrastar despercebido pela rua que vinha do mar e passar pelas grandes muralhas de *Mai Dun* cobertas de erva. Um dos guardas do portão do lado sul da cidade reconheceu-me e deixou-nos entrar.

- Chegou a tempo - disse ele.

- A tempo de quê? - perguntei.

- Artur está aqui. Eles vão contar a história de *Ynys Trebes*.

- Vão? Agora? - Lancei um olhar pela cidade na direção do palácio, alcandorado no monte do lado oeste. - Gostaria de assistir - disse eu, conduzindo os meus companheiros à cidade.

Apressei-me atravessando as ruas do centro, curioso por ver a capela que Sansum construía para Mordred, mas, para grande surpresa minha, não havia nenhuma capela nem nenhum templo naquele lugar, apenas um espaço onde cresciam tasneiras.

- Nimue - disse eu, admirado.

- O quê? - perguntou-me Merlim, que trazia a cabeça coberta com o capuz para não ser reconhecido.

- Um homenzinho que se acha muito importante - disse eu - ia construir uma igreja aqui e Guinevere mandou chamar Nimue para impedi-lo.

- Então Guinevere não é totalmente insensata, não é? - perguntou Merlim.

- E eu alguma vez disse que era?

- Não, querido Derfel, não disse. Podemos continuar? - Viramos para o monte em direção ao palácio. Começava a escurecer e os escravos do palácio estavam colocando tochas em redor do pátio onde, sem querer saber do mal que causava às rosas de Guinevere e aos canais de rega, uma multidão se juntara para ver Lancelot e Artur. Ninguém nos reconheceu quando passamos pelo portão. Merlim trazia o capuz enfiado enquanto Galaad e eu usávamos as peças do elmo com cauda de lobo que protegiam o rosto. Nós três, Culhwch e mais uma dúzia de homens ficamos entalados no meio da multidão que enchia a arcada.

E, aí, ao cair da noite, ouvimos a história da queda de *Ynys Trebes*.

Lancelot, Guinevere, Elaine, Artur, Bors e Bedwin estavam no lado oeste do pátio onde o pavimento era ligeiramente elevado em relação aos outros três lados, formando um estrado natural; uma impressão realçada pelas tochas brilhantes fixas na parede abaixo do terraço que tinha escadas que levavam ao pátio. Procurei Nimue, mas não a vi, como também não vi o jovem bispo Sansum.

O bispo Bedwin disse uma oração e os cristãos que se encontravam entre a multidão murmuraram a sua resposta, fizeram o sinal da cruz e, depois, calaram-se para ouvir mais uma vez a terrível história da queda de *Ynys Trebes*. Bors contou a história. Estava no alto das escadas e contou a luta terrível que *Benoiic* teve de travar, e a multidão que o ouvia sobressaltava-se quando o horror atingia o auge e aplaudia quando ele descrevia algum aspecto em particular do heroísmo de Lancelot. Uma vez, dominado pela emoção, Bors limitou-se a fazer um gesto na direção de Lancelot, que tentou acalmar os vivos e os aplausos levantando uma mão envolvida numa espessa camada de ligaduras, como se o aplauso da multidão fosse simplesmente estrondoso de mais para o suportar. Elaine, vestida de negro, chorava ao lado do filho. Bors não insistiu no insucesso de Artur em reforçar a guarnição militar condenada, preferindo explicar que, apesar de Lancelot saber que Artur estava lutando na Grã-Bretanha, o rei Ban tinha se agarrado às suas

esperanças irrealistas. Artur, também ferido, sacudiu a cabeça e parecia à beira das lágrimas, especialmente quando Bors contou a história comovente do momento em que o rei Ban se despediu da mulher e do filho. Eu também estava quase chorando, não por causa das mentiras que ouvia, mas pela alegria genuína que sentia ao ver de novo Artur. Ele não tinha mudado. O rosto ossudo continuava forte e os seus olhos ainda estavam cheios de alegria.

Bedwin perguntou o que acontecera aos homens de *Dumnónia* e Bors, com aparente relutância, contou a história das nossas sentidas mortes. A multidão lamentou-se, quando soube que tínhamos sido nós, os homens de *Dumnónia*, quem tinha soçobrado na defesa da muralha da cidade. Bors levantou uma mão enluvada e disse:

- Eles lutaram bem! - Mas a multidão não estava conformada. Merlim parecia alheio aos disparates de Bors. Em vez de prestar atenção, tinha estado falando em voz baixa com um homem atrás da multidão, mas agora arrastava-se para a frente, tocando-me no cotovelo.

- Preciso ir mijar, meu rapaz - disse com a voz do padre Celwin. - É a bexiga de um velho. Tome conta desses tolos que eu já volto.

- Os seus homens lutaram bem! - gritou Bors para a multidão. - E apesar de terem sido vencidos, morreram como homens!

- E agora, como fantasmas, eis que voltam do Outro Mundo - gritei eu, batendo com o escudo contra uma coluna, fazendo até saltar um pedaço de cal desfeito em pó. Avancei para um lugar iluminado pela luz de uma tocha. Você é um mentiroso, Bors!

Culhwch avançou e colocou-se a meu lado.

- Eu também digo que está mentindo - resmungou.

- E eu digo o mesmo. - Era Galaad.

Desembainhei a *Hywelbane*.

O raspar do aço na garganta de madeira da bainha fez a multidão recuar deixando livre uma passagem sobre as rosas pisadas que conduzia ao terraço. Nós três, cansados da batalha, cobertos de pó, com os elmos e as armas, avançamos.

Seguíamos em passo certo, vagaroso, e nem Bors nem Lancelot se atreveram a abrir a boca, quando viram as caudas de lobo penduradas no nosso elmo. Parei no meio do jardim e bati com a ponta da *Hywelbane* num canteiro de rosas.

- A minha espada diz que você mente - gritei. - Derfel, filho de uma escrava, diz que Lancelot Ban, rei de *Benoic*, mente!

- Culhwch Galeid diz o mesmo! - E Culhwch batia com a sua lâmina amassada ao lado da minha.

- E Galaad Ban, príncipe de *Benoic*, também.

Galaad juntou a sua espada às nossas.

- Nenhum franco passou pela nossa muralha - disse eu, tirando o elmo para que Lancelot pudesse ver a minha cara. - Nenhum franco se atreveu a escalar a nossa muralha pois havia muitos mortos aos pés dela.

- E eu, meu irmão - disse Galaad, tirando também o elmo - é que estava com o nosso pai no fim, não você.

- E você, Lancelot - gritei eu - não tinha nenhuma ligadura quando fugiu de *Ynys Trebes*. O que aconteceu? Picou o dedo em alguma ferpa da borda do navio?

Levantou-se uma grande algazarra. Alguns dos guardas de Bors estavam ao lado do pátio e, desembainhando as espadas, começaram a insultar-nos, mas Cavan e o resto dos nossos homens

entraram pelo portão aberto com as lanças em riste ameaçando um massacre.

- Nenhum de vocês, seus filhos da puta, lutou na cidade! - gritou Cavan -

Então, lutem agora!

Lanval, comandante da guarda de Guinevere, gritou, ordenando aos seus arqueiros que se alinhassem no terraço. Elaine estava lívida, Lancelot e Bors estavam ao lado dela e ambos pareciam tremer. O bispo Bedwin gritava, mas foi Artur quem restaurou a ordem. Desembainhou a Excalibur e bateu com ela no escudo. Lancelot e Bors tinham recuado para o fundo do terraço, mas Artur fez um gesto com a mão para que eles viessem para a frente. Depois olhou para nós, os três guerreiros. A multidão ficou em silêncio e os arqueiros prepararam as flechas.

- Numa batalha - disse Artur com suavidade, congregando a atenção de todo o pátio - as coisas são confusas. Os homens raramente vêem tudo o que acontece numa batalha, tal é o barulho, o caos e o horror. Os nossos amigos de *Ynys Trebes* - e, neste momento, colocou o braço da espada sobre os ombros de Lancelot - estão enganados, mas o engano deles foi honesto. Sem dúvida, algum pobre homem confuso disse que vocês tinham morrido e eles acreditaram, mas agora, felizmente, reconheceram que estavam enganados. Mas não humilhados! Houve glória suficiente em *Ynys Trebes* para ser dividida por todos. Estou ou não estou certo?

Artur dirigira a pergunta a Lancelot, mas foi Bors quem respondeu.

- Eu estava enganado - disse ele - e estou feliz por ter me enganado.

- Eu também - disse Lancelot num tom de voz claro e corajoso.

- Aqui está! - exclamou Artur, sorrindo para nós três. - Agora, meus amigos, recolham as suas armas. Não teremos inimizades aqui! Todos vocês são heróis! -

Esperou, mas nenhum de nós se moveu. As chamas da tocha ricochetearam nos nossos elmos e tocaram as lâminas das nossas espadas espetadas no chão num desafio à luta para repor a verdade. O sorriso de Artur foi desaparecendo à medida que ele se empertigava mostrando toda a sua altura. - Estou ordenando que recolham as armas. Esta é a minha casa. Você, Culhwch, e você, Derfel, têm juramentos para comigo. Pretendem quebrar os seus juramentos?

- Estou defendendo a minha honra, Senhor - respondeu Culhwch.

- A sua honra está ao meu serviço - disse Artur com brusquidão, e a dureza na sua voz foi suficiente para me fazer estremecer. Ele era um homem afável, mas era fácil esquecer que ele não tinha se tornado um senhor da guerra apenas por ser afável.

Falava muito de paz e reconciliação, mas numa batalha a sua alma libertava-se dessas preocupações e entregava-se às carnificinas. E agora ameaçava-nos com uma carnificina ao colocar a mão nos copos da Excalibur.

- Recolham as espadas - ordenou-nos. - A não ser que queiram que seja eu a recolhê-las.

Não podíamos lutar contra o nosso Senhor e, por isso, obedecemos. Galaad seguiu-nos o exemplo. A rendição deixou-nos taciturnos e frustrados, mas Artur, assim que restaurou a paz dentro de sua casa, sorriu de novo. Estendendo os braços em sinal de boas-vindas, desceu rapidamente os degraus e a sua alegria por nos ver era tão óbvia que o meu ressentimento desapareceu no mesmo instante. Abraçou o seu primo Culhwch e, depois, abraçou a mim e eu senti no meu rosto as lágrimas do meu Senhor.

- Derfel - disse ele - Derfel Cadarn. É mesmo você?
- E mais ninguém, meu Senhor.
- Parece mais velho - disse ele com um sorriso.
- O Senhor não. - Fez um esgar.
- Eu não estive em *Ynys Trebes*. Quem me dera ter estado. - Virou-se para Galaad. - Ouvi falar da sua coragem, Senhor, e eu o saúdo.
- Mas não me insulte, Senhor, acreditando no meu irmão - disse Galaad amargamente.
- Não! - disse Artur. - Não vou permitir disputas. Vamos ser amigos. Eu insisto.
- E, dando-me o braço, levou-nos pelas escadas do terraço onde decretou que devíamos abraçar Bors e Lancelot. - Já temos problemas suficientes mesmo sem este
- disse ele calmamente, quando eu resisti.

Dei um passo em frente e estendi os braços. Lancelot hesitou, mas depois avançou na minha direção. O seu cabelo oleado cheirava a violetas.

- Puto - cochichou ele ao meu ouvido depois de ter me beijado a face.
- Covarde - cochichei-lhe também e, depois, nos afastamos sorrindo.

O bispo Bedwin tinha lágrimas nos olhos quando me abraçou.

- Meu querido Derfel!

- Tenho notícias ainda melhores para o senhor - disse-lhe eu suavemente. -

Merlim está aqui.

- Merlim? - Bedwin olhou-me perplexo, não se atrevendo a acreditar na boa nova. - Merlim... aqui? Merlim?

A notícia espalhou-se pela multidão. Merlim estava de volta! O Grande Merlim tinha regressado. Os cristãos fizeram o sinal da cruz, mas até eles reconheciam a importância da notícia. Merlim chegara a *Dumnónia* e, de repente, os problemas do reino pareciam ter sido reduzidos a metade.

- Então onde é que ele está? - perguntou Artur.

- Saiu - disse eu debilmente, apontando para o portão.

- Merlim - gritou Artur. - Merlim!

Mas não houve resposta. Os guardas procuraram-no, mas nenhum o encontrou. Mais tarde as sentinelas do portão do lado ocidental disseram que um velho padre corcunda, com uma venda no olho, um gato cinzento e uma tosse infecta tinha deixado a cidade, mas não tinham visto nenhum sábio de barba branca.

- Você passou por uma batalha terrível, Derfel - disse-me Artur, quando estávamos no salão de festas do palácio onde foi servida uma refeição de carne de porco, pão e hidromel. - Os homens têm sonhos estranhos quando passam por privações.

- Não, meu Senhor insisti. Merlim estava aqui. Pergunte ao príncipe Galaad.

- Vou perguntar - disse ele - é claro que vou.

Virou-se para olhar para a mesa de honra, onde Guinevere estava inclinada para frente, apoiada sobre um cotovelo para melhor ouvir Lancelot.

- Você sofreu muito - disse ele.

- Mas falhei em relação ao Senhor - confessei - e peço perdão por isso.

- Não, Derfel, não! Eu é que falhei em relação a Ban. Mas que mais podia eu fazer? São tantos os inimigos. Ficou em silêncio e, depois, sorriu quando a gargalhada de Guinevere ressoou pelo salão. - Estou contente por ver que ela, pelo menos, está

feliz - disse, começando em seguida a falar com Culhwch que devorava um leitão.

Lunete estava na corte nessa noite. Tinha o cabelo entrançado e enrolado num aro ornamentado com flores. Usava colares, pregadores e braceletes de ouro, e o seu vestido de linho tingido de vermelho estava cingido com um cinto com uma fivela de prata. Sorriu-me, sacudiu o pó da minha manga e depois torceu o nariz por causa do cheiro da minha roupa.

- As cicatrizes te ficam bem, Derfel - disse ela, tocando-me de leve no rosto. -

Mas você corre riscos demais.

- Sou um guerreiro.

- Não é a esse tipo de riscos que me refiro, mas sim a inventar histórias sobre Merlim. Deixou-me envergonhada! E apresentar-se como o filho de uma escrava!

Nunca pensou como isso me faria sentir? Eu sei que já não estamos juntos, mas as pessoas sabem que já estivemos. Como acha que

me sinto quando diz que nasceu de uma escrava. Devia pensar nos outros, Derfel, devia mesmo. - Reparei que ela não usava o nosso anel do amor, mas eu também não esperava vê-lo, pois há muito que ela encontrara outros homens que tinham possibilidades de ser mais generosos do que eu alguma vez havia podido. - Acho que *Ynys Trebes* o deixou um pouco amalucado - continuou ela. - Senão porque iria desafiar Lancelot para um combate?

Eu sei que você é bom com uma espada, Derfel, mas trata-se de Lancelot, não de um guerreiro qualquer. - Ela se virou, olhando para onde o rei estava sentado ao lado de Guinevere. - Não o acha maravilhoso?

- Incomparavelmente - disse eu, amargo.

- E ouvi dizer que é solteiro - continuou Lunete, provocante. Inclinei-me, aproximando-me do ouvido dela.

- Ele prefere rapazes - murmurei.

Ela bateu-me no braço.

- Tolo. Qualquer um vê que não. Vê a forma como ele olha para Guinevere? -

Foi a vez de Lunete colar a boca ao meu ouvido. - Não diga a ninguém, mas ela está

grávida.

- Que bom - disse eu.

- Não é nada bom. Ela não está feliz. Não quer ficar gorda, entende? E não a culpo. Eu detestei estar grávida. Ah, ali está alguém com quem quero falar. Gosto de novos rostos na corte. Oh, só mais uma coisa, Derfel. - E sorriu docemente. - Tome um bom

banho, meu querido. - Depois atravessou a sala aproximando-se de um dos poetas da rainha Elaine.

- Fora o velho, e que venha o novo?

O bispo Bedwin apareceu ao meu lado.

- Estou tão velho que até me admira que Lunete ainda se lembre de mim -

respondi friamente.

Bedwin sorriu e levou-me para o pátio que agora estava vazio.

- Merlim estava com você - disse ele, não como uma pergunta, mas como uma afirmação.

- Estava, Senhor. - E contei-lhe como Merlim tinha dito que deixava o palácio apenas por um momento.

Bedwin sacudiu a cabeça.

- Ele gosta destes jogos - disse, - desesperadamente. Conte-me mais.

Disse-lhe tudo o que podia. Passeávamos para cima e para baixo no terraço superior, por entre a fumaça das tochas colocadas nas paredes. Falei-lhe do padre Celwin e da biblioteca de Ban, contei-lhe a verdadeira história do cerco e a verdade sobre Lancelot, e terminei descrevendo o pergaminho de Caleddin que Merlim salvara da cidade em queda.

- Ele diz que esse pergaminho contém toda a Sabedoria da Grã-Bretanha -

disse eu a Bedwin.

- Peço a Deus que sim, e que Deus me perdoe - disse Bedwin. - Alguém tem de nos ajudar.

- As coisas estão assim tão ruins?

Bedwin encolheu os ombros. Parecia velho e cansado. Agora tinha o cabelo e a barba muito ralos e o rosto mais fatigado do que eu me lembrava.

- Acho que podiam estar piores - admitiu por fim. - Mas, infelizmente, nunca melhoram. Na verdade, as coisas não estão muito diferentes do que quando você foi embora, exceto que Aelle está mais forte, tão forte que até se autodenomina de *Bretwalda*. - E Bedwin encolheu os ombros perante tão bárbara pretensão. *Bretwalda* era um título saxônico que significava Governador da Grã-Bretanha. - Ele capturou todo o território entre *Durocbrivis* e *Corinium* - disse Bedwin - e provavelmente teria capturado essas duas fortalezas se não tivéssemos comprado a paz com o último ouro que nos restava. Depois há Cerdic no Sul que está mostrando ser ainda mais vil do que Aelle.

- E Aelle não ataca *Powys*? - perguntei.

- Gorfyddyd paga-lhe em ouro tal como nós fizemos.

- Pensei que Gorfyddyd estivesse doente.

- A praga passou como passam todas as pragas. Ele se recuperou e, agora, chefia os homens de *Elmet* juntamente com as forças de *Powys*. Está se saindo melhor do que pensávamos - disse Bedwin tristemente - talvez por estar sendo impelido pelo ódio. Já não bebe como bebia e jura vingar o braço com a cabeça de Artur. Mas o pior de tudo, Derfel, é que Gorfyddyd está fazendo o que Artur esperava fazer: unir as tribos. Infelizmente, porém, está unindo-as contra nós e contra os Saxões. Ele paga aos Silurianos de Gundleus e aos Blackshields irlandeses para atacarem as nossas costas e suborna o rei Mark para ajudar Cadwy, e eu me atrevo a dizer que está agora

juntando dinheiro para pagar a Aelle, para que ele quebre a trégua que tem conosco. Gorfyddyd sobe e nós caímos. Em *Powys*, agora, já chamam a Gorfyddyd de Rei Supremo. E ele tem Cuneglas como herdeiro enquanto nós temos o pobre Mordred, um aleijado. Gorfyddyd está formando um exército, nós temos apenas grupos de guerra. E quando as colheitas deste ano estiverem terminadas, Derfel, Gorfyddyd virá então para o Sul com os homens de *Elmet* e *Powys*. Dizem que será o maior exército que a Grã-Bretanha já viu e não me admira que haja - baixou a voz - quem diga que devíamos selar a paz aceitando as suas condições.

- E quais são?

- Só há uma condição. A morte de Artur. Gorfyddyd nunca perdoará a Artur a desfeita que fez a Ceinwyn. E quem pode culpá-lo? - Bedwin encolheu os ombros e deu alguns passos em silêncio. - O verdadeiro perigo é se Gorfyddyd consegue o dinheiro para trazer Aelle de novo para a guerra. Nós não podemos pagar mais aos Saxões. Já não temos nada. O erário real está vazio. Quem pagará impostos a um regime em queda? E não podemos dispensar lanceiros para irem receber os impostos.

- Há muito ouro ali - disse eu indicando com a cabeça o salão onde soavam alto os sons do festim. - Lunete trazia bastante em cima dela - acrescentei irritado.

- Não se espera que as damas da princesa Guinevere contribuam para a guerra com as suas jóias - disse Bedwin amargamente. - Mesmo que assim fosse, duvido que houvesse o suficiente para subornar Aelle outra vez. E, se ele nos atacar no Outono, Derfel, então esses homens que querem a vida de Artur não vão murmurar a sua exigência, vão gritá-la do alto das muralhas. É claro que Artur podia simplesmente partir. Podia ir para *Broceliande*, penso eu. Gorfyddyd tomaria então o jovem Mordred aos seus cuidados e nós seríamos apenas um país pagando tributos e sendo governado por *Powys*.

Caminhei em silêncio. Não fazia idéia de que as coisas estivessem assim tão desesperadas.

Bedwin sorriu tristemente.

- Por isso, meu jovem amigo, parece-me que você saltou do pote fervendo para a fogueira. Não se preocupe, Derfel, que, muito em breve, vai haver muito trabalho para a sua espada.

- Eu queria tempo para visitar *Ynys Wydryn* - disse eu.

- Para encontrar Merlim de novo?

- Para encontrar Nimue - disse eu.

Ele parou.

- Você não soube?

Um arrepio gelado trespassou-me o coração.

- Não soube de nada. Pensei que ela estava aqui em *Durnovária*.

- Ela esteve - disse Bedwin. - A princesa Guinevere foi buscá-la. Fiquei surpreso por ela vir, mas veio. Deve saber, Derfel, que Guinevere e o bispo Sansum...

lembra-se dele? Como poderia esquecer?... ele e ela estão sempre em desacordo.

Nimue era a arma de Guinevere. Só Deus sabe o que ela pensava que Nimue podia fazer, mas Sansum não esperou para ver. Pregou contra Nimue, dizendo que ela era uma bruxa. Temo que alguns dos meus companheiros cristãos não sejam muito amáveis e Sansum pregou que ela devia ser apedrejada até à morte.

- Não! - protestei.

- Não, não! - Ele levantou uma mão para me acalmar. - Ela respondeu, trazendo pagãos das aldeias para a cidade. Eles saquearam a nova capela de Sansum, houve um motim e morreram algumas pessoas, embora nem ela nem Sansum tivessem sido feridos. Os guardas do rei entraram em pânico, julgando que se tratava de um ataque a Mordred. É claro que não era, mas isso não os impediu de usarem as lanças. Então Nimue foi presa por Nabur, o magistrado responsável pelo rei, que a considerou culpada por provocar a revolta. Sendo cristão, é claro que não seria de esperar outra coisa. O bispo Sansum exigia que ela fosse morta, a princesa Guinevere exigia que a libertassem e, no meio destas duas exigências, Nimue apodrecia nas celas de Nabur. - Bedwin fez uma pausa e eu pude ver no seu rosto que o pior ainda estava para vir. - Ela enlouqueceu, Derfel. Era como engaiolar um falcão, entende, e ela se revoltou contra as grades. Começou a gritar como uma louca.

Ninguém conseguia controlá-la.

Eu sabia o que estava para vir e sacudi a cabeça.

- Não - disse eu.

- A ilha dos Mortos. - Bedwin dava-me assim a terrível notícia. - Que mais podiam fazer?

- Não! - protestei de novo, percebendo que Nimue estava na ilha dos Mortos, perdida entre os loucos e eu não suportava que ela tivesse esse destino. - Ela já tem a sua Terceira Chaga - disse eu calmamente.

- O quê? - Bedwin pôs uma mão em concha no ouvido para ouvir melhor.

- Nada - disse eu. - Ela está viva?

- Quem sabe? Nenhuma pessoa viva vai lá ou, se vai, não consegue voltar.

- Mas então é para lá que Merlim deve ter ido! - gritei aliviado. Sem dúvida Merlim soube da notícia através do homem com quem estivera falando em voz baixa no fundo do pátio e Merlim podia fazer o que nenhum outro homem ou mulher se atrevia a fazer. A ilha dos Mortos não abrigava terrores para Merlim. Que mais poderia tê-lo feito desaparecer tão rapidamente? Dentro de um ou dois dias, pensei eu, ele regressaria a *Durnovária* com Nimue salva e recuperada. Tinha ser isso.

- Rezo a Deus para que assim seja - disse Bedwyn - pelo bem dela.

- O que aconteceu a Sansum? - perguntei por vingança.

- Ele não foi oficialmente castigado, mas Guinevere persuadiu Artur a tirar-lhe a capelania, depois o velhote que administrava o santuário do Espinheiro Sagrado em *Ynys Wydryn* morreu e eu consegui convencer o nosso jovem bispo a ir para lá. Não ficou muito contente, mas sabia que tinha feito muitos inimigos em *Durnovária* e, por isso, aceitou. - Bedwin estava claramente satisfeito com a queda em desgraça de Sansum. - Com certeza perdeu todo o seu poder aqui e não imagino que o recupere. A não ser que seja muito mais astuto do que eu penso. Ele, claro, é um dos que anda por aí dizendo à boca pequena que Artur devia ser sacrificado. Nabur é outro. Há uma facção a favor de Mordred no nosso reino, Derfel, que se pergunta por que razão devemos lutar para preservar a vida de Artur.

Passei ao lado do vomito de um soldado bêbado que tinha saído do salão. O

homem gemeu, olhou para mim e, depois, vomitou de novo.

- Quem mais poderia governar *Dumnónia*? - perguntei a Bedwin, quando estávamos seguramente afastados do raio de audição do bêbado.

- Ora aí está uma boa pergunta, Derfel. Quem? Gorfyddyd, claro, ou então o seu filho, Cuneglas. Alguns homens falam em segredo no nome de Gereint, mas ele não quer. Nabur até sugeriu que eu devia tomar conta do poder. Não disse nada de específico, só insinuações. - Bedwyn soltou um riso irônico. - Mas que utilidade teria eu contra os nossos inimigos? Nós precisamos de Artur. Ninguém teria conseguido aguentar este anel de inimigos durante tanto tempo, Derfel, mas as pessoas não percebem isso. Culpam-no pelo caos, mas, se outra pessoa qualquer estivesse no poder, o caos seria ainda maior. Somos um reino sem um rei, por isso qualquer tratante ambicioso tem os olhos postos no trono de Mordred.

Parei ao lado do busto de bronze que tanto se parecia com Gorfyddyd.

- Se pelo menos Artur tivesse casado com Ceinwyn... - comecei.

Bedwin interrompeu-me.

- Se, Derfel, se. Se o pai de Mordred não tivesse morrido ou se Artur tivesse matado Gorfyddyd em vez de só lhe arrancar o braço, tudo seria diferente. A História é

feita de "ses". E talvez tenha razão. Talvez se Artur tivesse casado com Ceinwyn estivéssemos agora em paz e talvez a cabeça de Aelle estivesse espetada na ponta de uma lança em *Caer Cadarn*, mas durante quanto tempo você acha, que Gorfyddyd teria suportado o sucesso de Artur? E lembre-se da principal razão pela qual ele concordou com o casamento.

- Pela paz? - sugeri.

- Valha-me Deus, não. Gorfyddyd só permitiu que Ceinwyn fosse prometida a Artur, porque acreditava que o filho dela, seu neto, governaria *Dumnónia* em vez de Mordred. Eu pensava que isso era mais do que evidente.

- Não para mim - disse eu, pois em *Caer Sws*, quando Artur ficara louco de amor, eu era um simples lanceiro da guarda, não um capitão que precisasse se aprofundar nos motivos dos reis e dos príncipes.

- Precisamos de Artur - disse Bedwin, olhando-me nos olhos. - E, se Artur precisa de Guinevere, então que assim seja. - Encolheu os ombros e continuou a andar. - Eu teria preferido Ceinwyn como mulher dele, mas a escolha e o leito conjugal não cabia a mim fazê-los. Agora, a pobrezinha vai casar com Gundleus.

- Gundleus! - disse eu alto demais, assustando o soldado maldisposto que gemia sobre o vomito. - Ceinwyn vai casar com Gundleus?

- A cerimônia dos esponsais é dentro de duas semanas - disse Bedwin calmamente - durante o *Lughnasa*. - O *Lughnasa* era o festival de Verão de *Lleullaw*, o Deus da Luz, e era dedicado à fertilidade. Assim, qualquer cerimônia de esponsais feita durante essa festa era considerada particularmente auspiciosa. - Vão casar no fim do Outono, depois da guerra. - Fez uma pausa, consciente de que as suas últimas três palavras sugeriam que Gorfyddyd e Gundleus ganhariam a guerra e que a cerimônia do casamento seria, assim, uma parte das celebrações da vitória. -

Gorfyddyd jurou até que lhes daria a cabeça de Artur como presente de casamento -

acrescentou Bedwin com tristeza.

- Mas Gundleus já é casado! - protestei, perguntando-me por que motivo eu estava tão indignado. Seria por me lembrar da frágil beleza de Ceinwyn? Eu ainda usava o pregador dela por dentro da minha couraça, mas disse a mim mesmo que a minha indignação não era por causa dela, mas simplesmente porque odiava Gundleus.

- Ser casado com Ladwys não impediu Gundleus de casar com Norwenna -

disse Bedwin com desdém. - Ele afastará Ladwys, dará três voltas à pedra sagrada e, depois, beijará o cogumelo venenoso mágico ou seja lá o que for que vocês, os pagãos, fazem para se divorciarem hoje em dia. A propósito, ele já não é cristão. Terá

um divórcio pagão, casará com Ceinwyn, fará um herdeiro e, depois, voltará correndo para a cama de Ladwys. Esta parece ser a maneira de se fazerem as coisas hoje em dia. - Fez uma pausa, arrebitando uma orelha na direção dos sons de gargalhadas que nos chegavam do salão. - No entanto, talvez nos anos que estão por vir nos lembremos destes dias como os últimos dias dos bons velhos tempos.

Alguma coisa na sua voz fez o meu espírito se afundar ainda mais.

- Estamos condenados à morte?

- Se Aelle mantiver a trégua, poderemos durar mais um ano, mas só se vencermos Gorfyddyd. E se não? Então rezemos para que Merlim tenha nos trazido uma nova vida. Encolheu os ombros, mas não parecia muito esperançoso.

O bispo Bedwin não era um bom cristão, mas era um homem muito bom.

Sansum me diz agora que a bondade de Bedwin não impediria que a sua alma ardesse no inferno. Mas nesse Verão, acabado de chegar de Benoic, todas as nossas almas me pareciam condenadas à perdição. As colheitas estavam começando, mas, assim que tivessem terminado, se desencadearia o terrível ataque de Gorfyddyd.

QUARTA PARTE

A Ilha da Morte

Igraine pediu para ver o pregador de Ceinwyn. Segurou-o junto à janela, virando-o e contemplando as espirais douradas. Pude ver a cobiça nos seus olhos.

- A senhora tem muitos outros que são bem mais bonitos - disse-lhe eu com suavidade.

- Mas nenhum tão cheio de história - disse, segurando o pregador junto ao peito.

- A minha história censurei-a, não a sua.

Ela sorriu.

- Mas o que foi que escreveu? Que, se eu fosse tão amável como sabia que eu era, deixaria que ficasse com ele.

- Eu escrevi isso?

- Porque sabia que isso faria que eu o devolvesse. Você é um velho matreiro, irmão Derfel. - Estendeu-me o pregador, mas antes que eu pudesse pega-lo, fechou os dedos sobre o ouro. - Será meu um dia?

- E de mais ninguém, adorada Senhora. Prometo.

Ela continuou a segurá-lo.

- E não vai deixar que o bispo Sansum fique com ele?

- Nunca - disse eu fervorosamente.

Deixou-o cair na minha mão.

- Usava-o mesmo por baixo da couraça?

- Sempre - disse eu, escondendo o pregador por baixo da batina.

- Pobre *Ynys Trebes*.

Igraine estava sentada no lugar habitual, no peitoril da minha janela, de onde podia ver o vale de *Dinnewrac* até ao rio distante que corria mais caudaloso agora devido às chuvas do início do Verão. Será que estava imaginando os invasores francos atravessando o forte e subindo as encostas em enxames?

- O que aconteceu a Leanor? - perguntou, surpreendendo-me com a pergunta.

- A harpista? Morreu.

- Não me diga! Pensei que tinha dito que escapara de *Ynys Trebes*?

Acenei com a cabeça, confirmando.

- E escapou, mas adoeceu durante o primeiro Inverno na Grã-Bretanha e morreu. Morreu, assim, sem mais nem menos.

- E a sua mulher?

- A minha...?

- Em *Ynys Trebes*. Disse que Galaad tinha Leanor, mas que todos vocês tinham mulher. Por isso, quem era a sua? E o que lhe aconteceu?

- Não sei.

- Oh, Derfel! Ela não pode ter significado assim tão pouco!

Suspirei.

- Era a filha de um pescador. Chamava-se Pellcyn, só que todos a tratavam por Puss. O marido dela tinha morrido afogado um ano antes de eu a ter conhecido.

Tinha uma filha pequenina e, quando Culhwch guiava os nossos sobreviventes para o barco, Puss caiu no caminho dos penhascos. Levava a filha no colo e não podia se segurar nas rochas. Reinava o caos e todos estavam em pânico e apressados. Não foi culpa de ninguém.

Porém, eu pensava muitas vezes que, se estivesse lá, Pellcyn não teria morrido. Era uma menina forte e de olhos brilhantes, com uma gargalhada fácil e uma inesgotável vontade de trabalhar. Uma boa mulher. Mas, se eu tivesse salvado a vida dela, Merlim teria morrido. O destino é inflexível.

Igraine devia ter pensado o mesmo.

- Quem me dera ter conhecido Merlim - disse ela melancolicamente.

- Ele teria gostado da senhora - disse eu. - Sempre gostou de mulheres bonitas.

- Mas Lancelot também? - perguntou ela rapidamente.

- Ah, sim.

- Não de rapazes?

- Não de rapazes.

Igraine riu. Trazia hoje um vestido de linho bordado tingido de azul que condizia com a sua pele clara e os seus cabelos negros. Trazia dois colares de ouro no pescoço e um emaranhado de pulseiras no pulso fino. Fedia a fezes, mas eu era suficientemente diplomático para ignorar esse fato, pois percebi que devia estar usando um pessário feito com as primeiras fezes de um recém-nascido, um antigo remédio para as mulheres estéreis. Pobre Igraine.

- Você odiava Lancelot - disse-me ela de repente, em tom acusatório.

- Completamente.

- Isso não é justo! - Saltou do peitoril da janela e começou a andar para trás e para a frente na pequena sala. - As histórias das pessoas não deviam ser contadas pelos seus inimigos. Imagine se Nwylle escrevesse a minha.

- Quem é Nwylle?

- Você não a conhece - disse ela, franzindo as sobrancelhas, e eu calculei que Nwylle seria a amante do marido dela. - Mas não é justo. Porque todos sabem que Lancelot era o melhor dos soldados de Artur. Todos sabem!

- Eu não.

- Mas ele devia ter sido corajoso!

Olhei pela janela, tentando ser justo nos meus pensamentos, tentando encontrar alguma coisa de bom para dizer do meu pior inimigo.

- Ele podia ser corajoso - disse eu, - mas preferiu não ser. Por vezes lutava, mas normalmente evitava as batalhas. Tinha medo de ficar com o rosto marcado pelas cicatrizes, entende? Era muito vaidoso com a sua aparência. Colecionava espelhos romanos. A sala dos espelhos no palácio de *Benoic* era a sala de Lancelot. Era capaz de se sentar e ficar admirando-se em todas as paredes.

- Eu não acredito que ele fosse tão mau como você o pinta - protestou.

- Pois eu acho que ele era pior - retorqui. - Não gosto de escrever sobre Lancelot... a sua lembrança surge como uma mancha na minha vida. Acima de tudo ele era desonesto. Dizia mentiras propositadamente, porque queria esconder a verdade sobre si

próprio, mas também, quando queria, sabia fazer as pessoas gostar dele. Sabia apanhar o peixe com os seus encantos, minha querida.

Ela fungou, nada satisfeita com o meu julgamento. Sem dúvida que, quando Dafydd Gruffud traduzir estas palavras, Lancelot sairá burilado tal como ele teria gostado. O ilustre Lancelot! O honesto Lancelot! O belo homem, o bom dançarino, o sempre sorridente, gracioso e elegante Lancelot! Ele era o Rei sem Terra e o Senhor das Mentiras, mas, se Igraine fizer as coisas à sua maneira, ele brilhará pelos anos afora como o modelo ideal dos guerreiros reais.

Igraine olhou com atenção para onde Sansum estava expulsando um grupo de leprosos do portão. O santo atirava-lhes torrões de terra, gritando-lhes que fossem para o inferno e chamando os outros irmãos para ajudá-lo. O noviço Tudwal, que de dia para dia é mais insolente para os outros, saltitava ao lado do seu mestre, animando-o. Os guardas de Igraine, recostados indolentemente à porta da cozinha, como de costume, apareceram finalmente e usaram as suas lanças para livrar o mosteiro dos pedintes doentes.

- Sansum queria mesmo sacrificar Artur? - perguntou Igraine.

- Foi o que Bedwin me disse.

Igraine lançou-me um olhar malicioso.

- Sansum gosta de rapazes, Derfel?

- O santo ama a todos, minha querida rainha, até mesmo jovens senhoras que fazem perguntas impertinentes.

Ela sorriu respeitosamente, depois, fez uma careta.

- Tenho certeza que não gosta de mulheres. Por que é que ele não deixa nenhum de vocês se casar? Os outros monges se casam, mas aqui não se casa nenhum.

- O devoto e amado Sansum - expliquei eu - acredita que as mulheres nos distraem do nosso dever de adorar a Deus. Tal como a senhora me distrai do meu trabalho.

Ela riu e, de repente, lembrou-se de um recado e ficou muito séria.

- Há duas palavras que Dafydd não entendeu nas últimas peles, Derfel. Ele quer que as explique. Catamito?

- Diga-lhe para perguntar a outra pessoa.

- Perguntarei a outra pessoa, com certeza - disse ela, indignada. - E camelo?

Ele diz que não é carvão.

- Um camelo é um animal mítico, Senhora, com chifres, asas, escamas, uma cauda bifurcada e que lança chamas quando sopra.

- Parece *Nwyll*e - disse Igraine.

- Ah! Os escritores do Evangelho estão trabalhando! Os meus dois evangelistas! - Era Sansum, com a mão suja por causa da terra que atirara nos leprosos, que entrava timidamente na sala, lançando ao atual pergaminho um olhar duvidoso antes de torcer o nariz. - Mas que cheiro desagradável.

Fiquei envergonhado.

- São os feijões do café da manhã, Senhor - disse eu. - Me desculpe.

- Me espanta que consigai suportar a companhia - dele disse Sansum a Igraine. - E a senhora não deveria estar na capela? Rezando para ter um filho? Não é

esse o assunto que a traz aqui?

- Não é com certeza da sua conta - disse Igraine mordazmente. - Se quer saber, Senhor, estávamos discutindo as parábolas do nosso Salvador. – O senhor não fez uma vez um sermão sobre o camelo e o rabo de uma agulha?

Sansum resmungou e olhou sobre o meu ombro.

- E qual é, meu tolo irmão Derfel, a palavra saxônica para camelo?

- Nwylle - disse eu.

Igraine soltou uma gargalhada e Sansum olhou-a, irado.

- A minha Senhora acha as palavras do nosso abençoado Senhor divertidas?

- Estou apenas feliz por estar aqui - disse Igraine humildemente, - mas gostaria de saber o que é um camelo.

- Todos sabem! - disse Sansum com ironia. - Um camelo é um peixe, um grande peixe! Nada parecido - acrescentou manhosamente - com o salmão que seu marido por vezes se lembra de nos mandar, a nós, os pobres monges.

- Vou lhe dizer que mande mais, juntamente com o próximo fardo de peles para Derfel, - disse Igraine. - Sei que ele vai mandar algumas em breve, pois este Evangelho saxão é muito importante para o rei.

- Ah é? - perguntou Sansum, desconfiado.

- Muito importante, meu Senhor - disse Igraine firmemente.

Ela é uma menina esperta, muito esperta e bonita também. O rei Brochvael é

louco se mantiver uma amante e a sua rainha, mas os homens sempre foram loucos por mulheres. Ou alguns, pelo menos, e o mais louco de todos, suponho, era Artur.

Querido Artur, o meu Senhor, aquele que me dava os presentes, o mais generoso dos homens, sobre quem fala esta história.

Era estranho estar em casa, especialmente porque eu não tinha casa.

Possuía alguns colares de ouro e algumas jóias, mas esses, exceto o pregador de Ceinwyn, vendi para que os meus homens, pelo menos, tivessem comida para os primeiros dias de volta à Grã-Bretanha. Tudo o resto que possuía ficara em *Ynys Trebes* e seria agora parte do tesouro de um franco qualquer. Eu estava pobre, sem casa, sem mais nada para dar aos meus homens, nem sequer uma sala para lhes fazer um festim, mas eles me perdoavam isso. Eram bons homens e juraram ficar a meu serviço. Tal como eu, deixaram para trás tudo o que não podiam trazer quando *Ynys Trebes* caiu. Tal como eu, estavam pobres, mas nenhum se queixava. Cavan limitou-se a dizer que um soldado deve levar as suas posses como leva o seu saque, ou seja, levemente. Issa, um rapaz do campo, que era um extraordinário lanceiro, tentou devolver um estreito colar de ouro que eu tinha lhe dado. Não era justo, dizia ele, que um lanceiro usasse um colar de ouro quando o seu capitão não usava, mas eu não aceitei, por isso Issa deu-o como lembrança à menina que trouxera de *Benoic* e, no dia seguinte, ela fugiu com um padre vagabundo e o seu bando de meretrizes.

As aldeias estavam cheias deste tipo de cristãos que viajavam de um lado para o outro, missionários era como eles chamavam a si próprios, e quase todos tinham um bando de mulheres crentes que supostamente deviam assistir aos rituais cristãos, mas que, corriam rumores, eram provavelmente mais usadas para seduzir os convertidos à nova religião.

Artur me deu uma casa ao norte de *Durnovária*: não era só para mim, visto que pertencia a uma herdeira chamada Gyllad, uma órfã, mas Artur me fez seu protetor, uma posição que normalmente acaba com a ruína da criança e o enriquecimento do tutor. Gyllad mal tinha

oito anos e eu podia ter casado com ela se quisesse e, depois, dispor dos seus bens, ou então podia ter vendido a sua mão em casamento a um homem que quisesse comprar a noiva e a fazenda. Mas, em vez disso, tal como Artur pretendia, eu vivia das rendas de Gyllad e permitia que a criança crescesse em paz. Mesmo assim os parentes dela protestaram com a minha nomeação. Nessa mesma semana em que eu regressara de *Ynys Trebes*, quando estava há menos de dois dias na casa de Gyllad, um tio dela, um cristão, recorreu da minha tutela a Nabur, o magistrado cristão em *Durnovária*, dizendo que, antes da sua morte, o pai de Gyllad prometera-lhe a tutela, e eu só consegui manter o presente de Artur colocando os meus lanceiros em redor do tribunal. Estavam com o equipamento de guerra e com as pontas das lanças bem afiadas e o certo é que a sua presença convenceu o tio e os seus comparsas a não levarem o processo adiante. Os guardas da cidade foram convocados, mas um olhar sobre os meus veteranos convenceu-os de que talvez tivessem alguma coisa melhor para fazer noutro lugar. Nabur queixou-se de soldados retornados cometendo atos de banditismo numa cidade tranquila, mas quando os meus oponentes não compareceram no tribunal ele me deu uma sentença leve. Mais tarde soube que o tio tinha já comprado o veredito oposto de Nabur e que nunca mais conseguiu recuperar o seu dinheiro. Nomeei administrador de Gyllad um dos meus homens, um tal Llystan que tinha perdido um pé numa batalha nos bosques de *Benoic*, e ele, tal como a herdeira e os seus bens, prosperaram na vida.

Na semana seguinte, Artur mandou me chamar. Encontrei-o no salão do palácio onde estava almoçando com Guinevere. Ele ordenou que me trouxessem um divã e mais comida. O pátio lá fora estava cheio de suplicantes.

- Pobre Artur - comentou Guinevere - uma visita a casa e, de repente, todos vêm se queixar do vizinho ou pedir uma redução na renda. Por que não vão aos magistrados?

- Porque não são suficientemente ricos para suborná-los - disse Artur.

- Ou suficientemente poderosos para cercarem o tribunal com homens de elmos de ferro - acrescentou Guinevere, sorrindo, para mostrar que não desaprovava a minha ação. Ela nunca a desaprovava, pois era uma oponente declarada de Nabur, o líder da facção cristã do reino.

- Um gesto espontâneo de apoio por parte dos meus homens - disse eu com suavidade e Artur riu.

Foi uma refeição agradável. Eu raramente estava sozinho com Artur e Guinevere, mas quando estava via sempre como ela o deixava contente. Tinha uma aguçada vivacidade de espírito que ele não tinha, mas que muito apreciava, e ela a usava com suavidade, como sabia que ele preferia que ela a usasse. Lisonjeava Artur, mas também lhe dava bons conselhos. Artur estava sempre pronto a acreditar no melhor sobre as pessoas e precisava do ceticismo de Guinevere para compensar esse otimismo. Ela não parecia mais velha do que a última vez que eu estivera perto dela, se bem que talvez houvesse uma maior sensatez naqueles olhos verdes de caçadora.

Não via nada que me mostrasse que estava grávida: o seu vestido verde-pálido caía direto sobre a barriga onde um cordão guarnecido de ouro caía como um cinto folgado.

À volta do pescoço trazia a sua divisa do veado com uma lua, por baixo dos pesados raios de sol do colar saxão que Artur lhe mandara de *Durocbrivis*. Ela escarnecera do colar, quando eu a presenteara com ele, mas agora usava-o com orgulho.

A conversa durante o almoço foi leve. Artur queria saber por que razão os melros e os tordos paravam de cantar no Verão, mas nenhum de nós sabia a resposta.

Tal como também não soubemos lhe dizer para onde os gaivões e as andorinhas iam no Inverno, apesar de Merlim uma vez ter dito que iam para uma grande gruta nas regiões selvagens do Norte onde dormiam em grandes matas de penas até à

Primavera. Guinevere pressionou-me sobre Merlim e jurei, pela minha vida, que o druida tinha mesmo regressado à Grã-Bretanha.

- Ele foi para a ilha dos Mortos - disse-lhe eu.

- Ele fez o quê? - perguntou Artur, aterrado.

Expliquei tudo quanto sabia sobre Nimue e lembrei-me de agradecer a Guinevere os seus esforços para salvar a minha amiga da vingança de Sansum.

- Pobre Nimue - disse Guinevere. - Mas ela é uma criatura feroz, não é? Eu gostava dela, mas acho que ela não gostou de nós. Somos todas muito frívolas! E não consegui fazê-la interessar-se por Ísis. Ela me disse que Ísis era uma deusa estrangeira e, depois, cuspiu como um gato e resmungou por entre dentes uma oração a *Manawydan*.

Artur não mostrou nenhuma reação à menção de Ísis, o que me levou a pensar que teria perdido os seus medos em relação à estranha Deusa.

- Quem me dera ter conhecido melhor Nimue - foi tudo o que ele disse.

- Vai conhecer - disse - quando Merlim a trazer de volta do meio dos mortos.

- Se ele conseguir - disse Artur duvidosamente. - Nunca ninguém voltou da ilha.

- Nimue voltará - insisti.

- Ela é extraordinária - disse Guinevere. - E, se há alguém que consiga sobreviver à ilha, é ela.

- Com a ajuda de Merlim - acrescentei.

Só no fim da refeição é que a nossa conversa se virou para *Ynys Trebes* e, mesmo nessa hora, Artur foi cuidadoso para não mencionar o nome de Lancelot. Em vez disso lamentou não ter nenhum presente com que pudesse me recompensar pelos meus esforços.

- Estar em casa já é recompensa suficiente, meu Senhor e Príncipe - disse eu lembrando-me de usar o título que Guinevere preferia.

- Posso pelo menos dar-lhe o título de Lorde - disse Artur e assim será

chamado doravante, Lorde Derfel.

Ri, não por ser ingrato, mas porque a recompensa de um título de senhor da guerra me parecia notável demais para os meus predicados. Estava também orgulhoso: um homem recebia o título de lorde por ser um rei, um príncipe, um chefe ou porque a sua espada o tornara famoso. Supersticiosamente toquei nos copos da *Hywelbane* para que a minha sorte não fosse estragada pelo orgulho.

Guinevere riu para mim, não com rancor, mas por estar satisfeita com a minha alegria, e Artur, que o que mais gostava era ver os outros felizes, ficou contente por nós dois. Ele próprio estava contente nesse dia, mas a alegria de Artur foi sempre mais serena do que a alegria dos outros homens. Até essa altura, desde que ele chegara à Grã-Bretanha, eu nunca o vira bêbado, nunca o vira ser violento e nunca o vira perder o autodomínio exceto num campo de batalha. Tinha uma tranquilidade que alguns homens consideravam desconcertante, pois temiam que ele pudesse ler-lhes a alma, mas eu acho que essa calma vinha do desejo de ser diferente. Queria

ser admirado e adorava recompensar a admiração com generosidade.

O clamor dos suplicantes que aguardavam aumentava cada vez mais e Artur suspirou quando pensou no trabalho que o esperava. Pôs de lado o vinho e lançou-me um olhar de desculpas.

- Você merece descansar, Lorde Derfel - disse ele, lisonjeando-me deliberadamente com o meu novo título, - mas, ai de mim, em breve vou pedir para que leve as suas lanças para Norte.

- As minhas lanças são suas, Senhor - disse eu respeitosamente. Desenhou um círculo no tampo da mesa de mármore com o dedo.

- Estamos rodeados de inimigos, mas o verdadeiro perigo é *Powys*.

Gorfyddyd está reunindo um exército como a Grã-Bretanha nunca viu. Esse exército virá muito em breve para Sul e temo que o rei Tewdric não tenha estômago para a luta.

Preciso pôr o maior número de lanças que puder em *Gwent* para aguentar a fidelidade de Tewdric. Cei consegue aguentar Cadwy, Melwas terá de fazer o seu melhor contra Cerdic e nós, iremos para *Gwent*.

- E Aelle? - perguntou Guinevere. Uma pergunta cheia de significado.

- Ele está em paz - insistiu Artur.

- Ele obedece a quem pagar o preço mais elevado - disse Guinevere
- e Gorfyddyd vai subir o preço muito em breve.

Artur encolheu os ombros.

- Eu não posso enfrentar Gorfyddyd e Aelle ao mesmo tempo - disse calmamente. - Seriam necessárias trezentas lanças para aguentar

os saxões de Aelle.

Não para vencê-los, repare bem, apenas para aguentarmos. A falta dessas trezentas lanças significará a derrota em *Gwent*.

- O que Gorfyddyd sabe muito bem - salientou Guinevere.

- Então, meu amor, o que devo fazer? - perguntou-lhe Artur. Mas Guinevere não tinha uma resposta melhor do que a de Artur, e a sua resposta foi apenas esperar e rezar para que se mantivesse a frágil paz com Aelle. O rei saxão fora comprado com ouro e mais nenhum tributo podia ser pago, pois não havia mais ouro no reino.

- Só nos resta esperar que Gereint consiga aguentar - disse Artur - enquanto nós destruímos Gorfyddyd. - Afastou o seu divã da mesa e sorriu-me. - Descanse até

acabar o *Lughnasa*, Lorde Derfel e, depois, assim que as colheitas estiverem feitas, pode marchar para o Norte comigo.

Bateu as palmas para chamar os servos para limparem os restos da refeição e deixar entrar os suplicantes que esperavam. Guinevere chamou-me com a mão enquanto os servos se apressavam a fazer o seu trabalho.

- Podemos falar? - perguntou ela.

- Com todo o prazer, Senhora.

Ela tirou o pesado colar, entregou-o a um escravo e conduziu-me por uma escadaria de pedra acima, que terminava numa porta que dava para um pomar onde dois dos seus grandes galgos esperavam para a cumprimentar. As vespas zumbiam em redor dos frutos caídos e Guinevere ordenou que os escravos limpassem a fruta podre para que pudéssemos falar sossegados. Deu aos galgos os restos de galinha que tinham sobrado do almoço enquanto uma dúzia de escravos apanhava os frutos moles e pisados para o

regaço das suas batinas, fugindo em seguida, já bem picados, deixando-nos sozinhos. Em redor de todo o muro do pomar tinham sido construídas barracas de verga que seriam decoradas com flores para a grande festa do *Lughnasa*.

Você está bonito - disse Guinevere, falando do pomar, - mas quem me dera estar em *Lindinis*.

- No próximo ano, Senhora - disse eu.

- Estará em ruínas - disse ela mordazmente. - Não soube? Gundleus atacou *Lindinis*. Não capturou *Caer Cadarn*, mas derrubou o meu palácio novo. Isso foi há um ano. - Fez um esgar. - Espero que Ceiwyn o faça completamente miserável, mas duvido que o faça. Ela é uma coisinha insípida. - O sol filtrado pelas folhas iluminava-lhe o cabelo vermelho e lançava-lhe sombras no rosto bem delineado. - Às vezes desejava ser um homem - disse ela, surpreendendo-me.

- Desejava?

- Sabe como é detestável esperar notícias? - perguntou-me cheia de cólera. -

Dentro de duas ou três semanas vão todos para o Norte e, então, a nós só resta esperar. Esperar e continuar a esperar. Esperar para saber se Aelle quebra a sua palavra, esperar para saber quão numeroso é realmente o exército de Gorfyddyd. -

Fez uma pausa. - Por que é que Gorfyddyd está à espera? Por que não nos ataca?

- Os soldados estão trabalhando nas colheitas - disse eu. - Tudo pára durante as colheitas. Os homens dele querem estar seguros das suas colheitas antes de virem roubar as nossas.

- Podemos impedi-los? - perguntou-me abruptamente.

- Na guerra, nem sempre é uma questão do que podemos fazer, mas sim do que temos de fazer. Nós temos de pará-los. - Ou morrer, pensei de modo sinistro.

Ela caminhou em silêncio durante algum tempo, empurrando os cães excitados para longe dos seus pés.

- Sabe o que as pessoas dizem de Artur? - perguntou ela, depois de um momento.

Eu assenti, com a cabeça.

- Que seria melhor se ele fugisse para *Broceliande* e entregasse o reino a Gorfyddyd. Dizem que a guerra está perdida.

Olhou para mim, dominando-me por completo com os seus olhos enormes.

Naquele momento, tão perto dela, sozinho com ela no jardim aquecido e submerso no seu sutil perfume, compreendi por que razão Artur tinha arriscado a paz de um reino por aquela mulher.

- Mas você lutará por Artur? - perguntou.

- Até o fim, Senhora - disse eu. - E pela senhora - acrescentei desajeitadamente.

Ela sorriu.

- Obrigada.

Dobramos uma esquina, caminhando em direção à pequena nascente que brotava de uma rocha no canto da muralha romana. O fio de água irrigava o pomar e alguém tinha metido fitas votivas em nichos da rocha cheia de musgo. Guinevere levantou a bainha dourada do seu vestido verde-maçã ao passar sobre o regato.

- Há no reino uma facção a favor de Mordred - disse ela, repetindo o que o bispo Bedwin tinha dito na noite do meu regresso. - São cristãos na sua maioria e estão todos rezando para que Artur seja derrotado. Se ele fosse derrotado, é claro que teriam de rastejar aos pés de Gorfyddyd, mas rastejar, eu já reparei, é uma coisa natural nos cristãos. Se eu fosse homem, Derfel Cadarn, três cabeças rolariam sob a minha espada: as de Sansum, Nabur e Mordred.

Não duvidei das suas palavras.

- Mas se Nabur e Sansum são os melhores homens que a facção consegue reunir, Senhora - disse - então Artur não precisa se preocupar com eles.

- O rei Melwas também, - penso eu disse Guinevere - e quem sabe quantos mais? Quase todos os padres errantes espalham a epidemia, perguntando por que razão os homens devem morrer por Artur. Eu cortaria-lhes a cabeça, mas os traidores não se revelam, Lorde Derfel. Esperam no escuro e atacam quando não estamos vendo. Mas, se Artur derrotar Gorfyddyd, eles cantarão em seu louvor e fingirão que sempre o apoiaram. - Ela cuspiu para afastar o mal e, depois, lançou-me um olhar perspicaz. - Fale-me do rei Lancelot - pediu de repente.

Tive a impressão de que estávamos finalmente chegando à verdadeira razão daquele passeio por entre macieiras e pereiras.

- Não o conheço muito bem - disse eu, evasivo.

- Ele falou bem de você ontem à noite.

- Falou? - perguntei, céptico.

Eu sabia que Lancelot e os seus companheiros ainda estavam morando na casa de Artur. Na verdade receara até encontrá-lo e ficara aliviado por ele não estar presente no almoço.

- Ele disse que você é um grande soldado - disse Guinevere.
- É bom saber que ele por vezes consegue dizer a verdade - respondi amargamente.

Supunha que Lancelot, preparando as velas para novo vento, tivesse procurado cair nas graças de Artur elogiando um homem que sabia ser seu amigo.

- Talvez os guerreiros que sofreram uma derrota tão terrível como a queda de *Ynys Trebes* acabem sempre por brigar - disse Guinevere.

- Sofrer? - disse eu asperamente. Eu o vi sair de *Benoic*, Senhora, mas não me lembro de o ver sofrer. E nem me lembro de ver aquela ligadura na mão dele, quando partiu.

- Ele não é um covarde - insistiu ela de modo caloroso. - Usa muitos anéis de guerreiro na mão esquerda, Lorde Derfel.

- Anéis de guerreiro! - disse eu com ironia e, enfiando a mão na bolsa do meu cinto, tirei um punhado deles. Eu agora tinha tantos que já nem me preocupava em fazê-los. Atirei os anéis para a relva do pomar, assustando os galgos que olharam para a sua dona para ganharem coragem. - Qualquer pessoa pode encontrar anéis de guerreiro, Senhora.

Guinevere olhou para os anéis caídos e, depois, deu um pontapé em um.

- Eu gosto do rei Lancelot - disse ela, em tom de desafio, avisando-me, deste modo, contra qualquer outro comentário depreciativo. - E temos de cuidar dele. Artur acha que falhamos em relação a *Benoic* e o mínimo que podemos fazer é tratar os seus sobreviventes com dignidade. Quero que seja simpático com Lancelot, por mim.

- Sim, minha Senhora - disse eu com resignação.

- Temos de lhe arranjar uma mulher rica - disse Guinevere. - Ele tem de ter homens e terras para comandar. Acho que *Dumnónia* tem sorte em ele ter vindo para a nossa costa. Precisamos de bons soldados.

- É verdade que precisamos, Senhora - concordei.

Ela percebeu o sarcasmo na minha voz e fez uma careta, mas, apesar da minha hostilidade, persistiu na verdadeira razão pela qual me convidara para aquele pomar privado e sombreado.

- O rei Lancelot - disse ela - quer ser um dos adoradores de Mitra, e Artur e eu não queremos contrariá-lo.

Senti um fulgor de raiva ao ver a minha religião ser levada tão pouco a sério.

- Mitra, Senhora - disse eu friamente - é uma religião para os corajosos.

- Até você, Derfel Cadarn, não precisa de mais inimigos - replicou Guinevere num tom tão frio como o meu, e percebi nesse momento que ela se tornaria minha inimiga se eu me opusesse aos desejos de Lancelot. E sem dúvida que Guinevere passaria a mesma mensagem a qualquer outro homem que se opusesse à iniciação de Lancelot nos mistérios de Mitra.

- Nada será feito até o Inverno - disse eu, fugindo de um compromisso firme.

- Mas assegure-se de que será feito - disse ela, empurrando a porta do salão.

- Obrigada, Lorde Derfel.

- Obrigado, Senhora - disse eu e senti outra onda de fúria invadir-me enquanto descia as escadas até o salão.

Dez dias, pensei, apenas dez dias e Lancelot tinha transformado Guinevere em sua aliada. Praguejei, jurando que me tornaria num cristão miserável antes de ver Lancelot festejando numa gruta por debaixo da cabeça ensanguentada de um touro.

Eu tinha quebrado três muralhas de escudos saxônicas e enterrado a *Hywelbane* até

os copos no país dos meus inimigos antes de ter sido eleito para o serviço de Mitra, mas tudo o que Lancelot fizera fora exhibir-se e vangloriar-se.

Entrei no salão encontrando Bedwin sentado ao lado de Artur. Estavam ouvindo os suplicantes, mas Bedwin deixou o estrado e levou-me para um lugar sossegado junto à porta exterior do salão.

- Soube que agora você é um lorde - disse ele. - Os meus parabéns.

- Um lorde sem terras - disse eu amargamente, ainda aborrecido com a exigência ultrajante de Guinevere.

- As terras seguem-se à vitória - disse Bedwin - e a vitória segue-se à batalha, e batalhas, Lorde Derfel, terá muitas este ano.

Deteve-se quando a porta do salão se abriu e Lancelot e os seus seguidores entraram de maneira pomposa. Bedwin fez-lhe uma vênha, e eu me limitei a dirigir-lhe um aceno de cabeça. O rei de *Benoic* pareceu surpreso ao me ver, mas nada disse, indo juntar-se a Artur, que ordenou que uma terceira cadeira fosse colocada no estrado.

- Agora Lancelot também já é membro do conselho? - perguntei a Bedwin, furioso.

- Ele é um rei - disse *Bedwin* cheio de paciência. - Não pode esperar que fique de pé enquanto nós estamos sentados.

Reparei que o rei de *Benoic* ainda tinha uma ligadura na mão direita.

- Acredito que a ferida do rei signifique que ele não vai poder vir conosco -

disse eu asperamente.

Quase confessei a Bedwin como Guinevere tinha exigido que elegêssemos Lancelot como membro de Mitra, mas decidi que a notícia podia esperar.

- Ele não vai conosco - confirmou Bedwin. - Vai ficar aqui como comandante da guarnição militar de *Durnovária*.

- Como o quê? - perguntei eu, tão alto e num tom tão furioso que Artur se virou na cadeira para ver do que se tratava.

- Se os homens do rei Lancelot guardarem Guinevere e Mordred - disse Bedwin com aborrecimento - os homens de Lanval e de Llywarch ficam livres para lutarem contra Gorfyddyd. - Hesitou e, depois, colocou uma mão frágil no meu braço. -

Há mais uma coisa que preciso te contar, Lorde Derfel. - O seu tom de voz era baixo e brando. - Merlim esteve em *Ynys Wydryn* na semana passada.

- Com Nimue? - perguntei avidamente.

Ele abanou a cabeça.

- Ele não foi buscá-la, Derfel. Em vez disso foi para Norte, mas porquê e para onde não sabemos.

A cicatriz na minha mão esquerda latejava.

- E Nimue? - perguntei, temendo ouvir a resposta.

- Ainda está na ilha, se é que ainda está viva. - Fez uma pausa e acrescentou:

- Sinto muito.

Olhei para o salão cheio de gente. Será que Merlim sabia o que acontecia com Nimue? Ou teria preferido deixá-la entre os mortos? Ao mesmo tempo que o amava às vezes também pensava que Merlim podia ser o homem mais cruel do mundo. Se ele visitara *Ynys Wydryn*, então devia ter sabido onde Nimue estava prisioneira. Contudo nada fizera. Deixara-a com os mortos e, de repente, os meus medos gritavam dentro de mim como os gritos das crianças morrendo em *Ynys Trebes*.

Durante alguns gélidos momentos não consegui me mexer nem falar. Depois olhei para Bedwin.

- Galaad levará meus homens para o Norte se eu não regressar - disse-lhe.

- Derfel! - Ele me agarrou o braço. - Ninguém regressa da ilha dos Mortos.

Ninguém!

- E isso importa? - perguntei.

Pois se toda a *Dumnónia* estava perdida, que diferença fazia? E Nimue não estava morta. Sabia-o, porque a cicatriz martelava na minha mão. E se Merlim não se importava com ela, eu importava-me. Eu me importava mais com Nimue do que com Gorfyddyd ou Aelle ou o miserável Lancelot com as suas ambições de se juntar aos eleitos de Mitra. Eu amava Nimue mesmo que ela nunca viesse a me amar e eu tinha jurado sobre a cicatriz que seria o seu protetor.

O que significava que eu tinha de ir onde Merlim não fora. Eu tinha de ir à ilha dos Mortos.

A ilha ficava apenas a cerca de quinze quilômetros a sul de *Durnovária*, não mais do que uma manhã caminhando devagar. Mas, pelo que eu sabia da ilha, até

podia ficar do lado mais longe da lua.

Eu sabia que não era propriamente uma ilha, mas sim uma península de pedra clara e sólida ao fim de uma longa, mas estreita passagem. Os Romanos tinham levado a pedra toda da ilha, mas nós tínhamos levado a pedra toda dos edifícios deles em vez de a tirarmos da terra e, por isso, as pedreiras fecharam e a ilha dos Mortos foi deixada vazia, transformando-se numa prisão. Foram construídas três muralhas que atravessavam a passagem, foram postos guardas de vigia e para a ilha mandavam-se aqueles que queríamos ver punidos. A certa altura começamos a mandar outros também: homens e mulheres que tinham perdido a capacidade mental e que não podiam viver em paz entre nós. Eram os loucos violentos, mandados para um reino dos loucos onde não vivia ninguém que fosse são de espírito e onde as suas almas possesas do demônio não podiam pôr em perigo os vivos. Os druidas afirmavam que a ilha era o domínio de *Crom Dubh*, o Deus Negro aleijado. Os cristãos diziam que era o plinto do Diabo na terra. Mas ambos concordavam que as mulheres e os homens para lá escoraçados através das muralhas da passagem eram almas perdidas. Estavam mortas embora os seus corpos ainda vivessem e, quando os seus corpos morressem, os demônios e os espíritos do mal que as possuíam ficariam presos na ilha e jamais conseguiriam regressar para assombrar os vivos. Havia famílias que traziam os seus loucos para a ilha e, chegando à terceira muralha, libertavam-nos aos horrores desconhecidos que os esperavam no fim da passagem. Depois, de volta ao continente, a família dava uma festa para celebrar a morte do seu ente perdido. Mas nem todos os loucos eram mandados para a ilha. Alguns eram tocados pelos

deuses e, por isso, eram sagrados, e algumas famílias mantinham os seus loucos fechados, tal como Merlim tinha encerrado o pobre Pellinore, mas quando os deuses que tocavam os loucos eram malevolentes, então a ilha era o local para onde a alma capturada devia ser mandada.

As ondas do mar rebentavam em redor da ilha, desfazendo-se em espuma branca. Na ponta virada para o mar, até mesmo com o tempo muito calmo, havia sempre redemoinhos em grande agitação sobre o local onde a Gruta de Cruachan conduzia ao Outro Mundo. Os salpicos de água explodiam do mar elevando-se acima da gruta e as ondas rebentavam incessantemente assinalando a sua terrível boca invisível. Nenhum pescador se aproximava do redemoinho, pois qualquer barco que passasse perto do medonho turbilhão estava de certo perdido. Afundaria e a tripulação seria sugada para se transformar em sombras no Outro Mundo.

O Sol brilhava no dia em que fui à ilha. Levava comigo a *Hywelbane*, mas mais nenhum outro equipamento de guerra, já que nenhum escudo ou couraça feitos pelo homem me protegeriam dos espíritos e das serpentes da ilha. Como mantimentos, levava um odre de pele cheio de água fresca e uma bolsa com bolos de farinha de aveia e, como talismãs contra os demônios da ilha, o pregador de Ceinwyn e um raminho de alho preso à minha capa verde.

Atravessei o salão onde se faziam as festas dos mortos. A estrada para lá do salão estava ladeada por caveiras, humanas e de animais, avisando os imprudentes de que estavam se aproximando do Reino das Almas Penadas.

Agora, à minha esquerda estava o mar e à minha direita um pântano escuro de água salobra onde nem sequer havia pássaros cantando. Depois do pântano havia um grande banco de areão que se encurvava, afastando-se da costa e transformando-se na passagem que ligava a ilha ao continente. Para se chegar à ilha pelo banco de areão fazia-se um desvio de muitos quilômetros, por isso

normalmente se optava pela rua ladeada por caveiras que levava a um cais de madeira desfazendo-se onde um barco fazia a travessia até à praia. Junto ao cais havia um conjunto de casas feitas de vimes que pertenciam aos guardas. Mais guardas patrulhavam o banco de areão.

Os guardas no cais eram homens velhos ou então veteranos feridos que viviam com as famílias nas cabanas. Os homens viram-me aproximar e, depois, barraram-me o caminho com as lanças enferrujadas.

- O meu nome é Lorde Derfel e exijo que me deixem passar.

O comandante da guarda, um homem já velho com uma antiga couraça de ferro e um elmo de couro bolorento, fez-me uma vênia.

- Não tenho poder para lhe impedir a passagem, Lorde Derfel - disse ele. -

Mas não posso deixá-lo regressar.

Os seus homens, espantados por alguém querer entrar voluntariamente na ilha, olhavam-me boquiabertos.

- Passarei assim mesmo - disse eu e os lanceiros afastaram-se quando o comandante da guarda lhes gritou para guarnecerem com tripulação o pequeno barco que fazia a travessia. - São muitos os que pedem para passar desta forma? -

perguntei ao comandante.

- Poucos - disse ele. - Alguns estão cansados de viver, outros pensam que conseguem governar uma ilha de pessoas loucas. Poucos até viveram tempo suficiente para me implorar que os deixasse sair outra vez.

- E os deixou sair? perguntei.

- Não - disse ele de forma concisa. Ficou parado vendo os remos serem trazidos de uma das cabanas e me olhou de sobrolho carregado. - Tem certeza, Senhor?

- Tenho.

Estava cheio de curiosidade, mas não se atreveu a perguntar o que ia fazer ali. Em vez disso, me ajudou a descer os íngremes degraus do cais e a entrar no barco pintado com piche.

- Os remadores vão deixá-lo passar pelo primeiro portão - disse-me ele, depois apontou para um local mais distante da passagem, que ficava do outro lado do estreito canal. - Depois disso chegará a uma segunda muralha e depois a uma terceira no fim da passagem. Não há portões nessas muralhas, apenas degraus para atravessá-las. Não é provável que encontre almas penadas entre as muralhas, mas...

e depois delas? Só os Deuses sabem. Quer mesmo ir?

- Nunca sentiu curiosidade? - perguntei-lhe.

- Somos autorizados a levar comida e almas penadas até à terceira muralha e eu não desejo ir mais além - disse ele de forma sinistra. - Chegarei à ponte de espadas que leva ao outro mundo, quando chegar a minha vez, Senhor. - E apontou com o queixo para a passagem. - A Gruta de Cruachan fica do outro lado da ilha, e só

os loucos e os homens desesperados procuram a morte antes de chegar a sua hora.

- Eu tenho as minhas razões - disse eu - e voltarei a vê-lo neste mundo dos vivos.

- Não se atravessar a água, Senhor.

Olhei para a encosta verde e branca da ilha que se elevava acima das muralhas da passagem.

- Eu já estive num poço da morte - disse ao comandante da guarda - e saí de lá rastejando como rastejarei daqui para fora. - Procurei na minha bolsa e encontrei uma moeda para lhe dar. - Discutiremos a minha partida quando chegar a hora.

- Será um homem morto, Senhor, a partir do momento em que atravessar esse canal - avisou-me ele pela última vez.

- A morte não sabe como me agarrar - respondi, numa fanfarronice de loucos e, depois, ordenei aos remadores que me levassem pelo canal em redemoinho.

Apenas algumas remadas depois o barco encalhou num banco inclinado de lama e subimos até à entrada em arco da primeira muralha onde os dois remadores levantaram a barra, abriram os portões e se afastaram para me deixar passar. Uma soleira negra marcava a divisão entre este mundo e o outro. Assim que passasse sobre aquela tábua de madeira enegrecida, seria contado como um homem morto.

Durante um momento os meus medos fizeram-me hesitar, mas depois atravessei-a.

Os portões se fecharam com barulho atrás de mim. Estremeci.

Virei-me para examinar o lado de dentro da muralha principal. Tinha três metros de altura e era uma barreira de pedra lisa tão perfeita como qualquer outro trabalho romano e tão bem feita que não se via na sua fachada branca nem um único buraco para apoiar a mão. Uma barreira-fantasma de caveiras encimava a muralha para afastar as almas penadas do mundo dos vivos.

Rezei aos Deuses. Rezei a *Bei*, o meu protetor especial, e a *Manawydan*, o Deus do Mar que salvara Ninme no passado. Depois desci a passagem até onde a segunda muralha barrava a estrada. Esta muralha era um tosco talude de pedras polidas pelo mar que, tal como a primeira muralha, estava encimada por uma fiada de

caveiras humanas. Desci os degraus que havia no lado mais afastado da muralha. À

minha direita, a oeste, as grandes vagas rebentavam no areão, enquanto à minha esquerda a baía pouco profunda jazia calma sob a luz do sol. Alguns barcos de pesca andavam na faina na baía, mas todos estavam bem afastados da ilha. À minha frente tinha a terceira muralha. Não via nenhum homem nem nenhuma mulher ali, à espera.

As gaivotas voavam por cima de mim, perdendo-se os seus gritos no vento vindo de oeste. Os lados da passagem estavam orlados de algas escuras.

Eu estava assustado. Durante os anos que se seguiram ao regresso de Artur à Grã-Bretanha enfrentara inúmeras muralhas de escudos e um sem-número de homens em combate. No entanto, em nenhuma dessas lutas, nem mesmo em *Benoic* a arder, sentira um medo assim, como este frio que agora me crispava o coração.

Parei e virei-me para olhar os suaves montes verdes de *Dumnónia* e para a pequena aldeia piscatória na baía de leste. *Volte para trás agora*, pensei, *volte para trás!* Nimue estivera ali durante um ano e eu duvidava que muitas almas sobrevivessem durante tanto tempo na ilha dos Mortos, a não ser que fossem ao mesmo tempo selvagens e poderosas. E, mesmo que eu a encontrasse, ela estaria louca. Não poderia sair dali.

Aquele era o seu reino, o domínio da morte. *Volte para trás*, insistia comigo próprio, *volte para trás*. Mas nisto a cicatriz da minha mão esquerda latejou e eu disse a mim próprio que Nimue estava viva.

Um grito vibrante me assustou. Virei-me e vi uma figura escura e andrajosa saltando em cima da terceira muralha, depois a figura desapareceu do outro lado da muralha e eu pedi aos Deuses que me dessem força. Nimue sempre soubera que sofreria as Três

Chagas e a cicatriz da minha mão esquerda era a sua certeza de que eu a ajudaria a sobreviver às provas. Continuei a andar.

Trepei a terceira muralha, que era outro monte de pedras cinzentas e polidas, e vi um lance de toscos degraus que levavam à ilha. Ao fundo das escadas estavam alguns cestos vazios. Era evidentemente o meio que os vivos usavam para entregar pão e carne salgada aos seus parentes mortos.

A figura andrajosa desaparecera, deixando apenas o monte altaneiro acima de mim e um emaranhado de espinheiros ladeando uma estrada de pedra que conduzia ao flanco oeste da ilha, onde podia ver um grupo de edifícios em ruínas na base do grande monte. A ilha era um local enorme. Um homem demoraria duas horas caminhando da terceira muralha até onde o mar se encapelava na ponta sul da ilha, e outro tanto tempo para subir até o espinhaço da grande rocha, para atravessar do lado oeste para a costa leste.

Segui a estrada. O vento sussurrava nos sargaços para lá dos espinheiros.

Um pássaro gritou e, depois, voou bem alto estendendo as asas brancas no céu. A estrada curvava, de forma que eu estava andando diretamente na direção da velha cidade. Era uma cidade romana, mas nada como *Glevum* ou *Durnovária*, apenas um sórdido amontoado de edifícios baixos de pedra onde tinham vivido os escravos que trabalhavam na pedreira. Os telhados dos edifícios eram toscas coberturas de colmo feitas de madeira flutuante ou algas secas. Eram abrigos pobres, mesmo para os mortos. O medo do que pudesse existir na cidade me fez hesitar, mas uma voz repentina me gritou um aviso e uma pedra saltou da vegetação da encosta do meu lado esquerdo e caiu na estrada ao meu lado. O aviso provocou um enxamear de criaturas andrajosas que saíam correndo das cabanas para ver o que se aproximava da sua povoação.

O enxame era composto por homens e mulheres, a maioria vestidos com roupas esfarrapadas. Mas alguns usavam os seus andrajos com grandeza e caminhavam na minha direção como se fossem os maiores monarcas da terra. O

cabelo deles estava coroados com grinaldas de algas. Alguns homens traziam lanças e quase todas as pessoas agarraram pedras. Alguns estavam nus. Havia crianças entre eles, crianças pequenas, ferozes e perigosas. Alguns dos adultos tremiam incontrolavelmente, outros contorciam-se e todos me olhavam com olhos brilhantes e famintos.

- Uma espada! - disse um homem enorme. - Eu fico com a espada! Uma espada! - Dirigiu-se a mim arrastando os pés e os seus seguidores avançaram atrás dele, descalços. Uma mulher atirou uma pedra e, de repente, estavam todos gritando de satisfação, porque tinham uma nova alma para saquear.

Desembainhei a *Hywelbane*, mas nenhum homem, mulher ou criança parou perante a visão da longa lâmina. Então fugi. Não podia haver vergonha para um guerreiro que fugia dos mortos. Corri de novo pela estrada acima e as pedras aterravam junto aos meus tornozelos,. Depois um cão saltou e agarrou a minha capa verde. Abati o animal com a espada e consegui chegar à curva da estrada onde me enfiei para o lado direito, abrindo caminho por entre os espinheiros e a vegetação para alcançar a encosta do monte. Alguma coisa se ergueu à minha frente, uma coisa nua com a cara de um homem e o corpo de um animal cheio de pêlo e todo sujo. Um dos olhos daquela coisa era uma chaga, a boca era uma cova com as gengivas todas podres e a coisa lançava-se a mim com as mãos transformadas em garras com unhas em forma de ganchos. A *Hywelbane*, resplandecente, fendeu o ar. Eu gritava de terror, certo de que enfrentava um dos demônios da ilha, mas os meus instintos ainda estavam tão afiados como a minha lâmina, que trespassou o braço peludo do animal e o golpeou na cabeça. Saltei por cima dele e subi o monte, consciente de que uma horda de almas famintas

subia atrás de mim. Uma pedra acertou-me nas costas, outra bateu na rocha ao meu lado, mas eu trepava rapidamente as colunas e as plataformas da pedreira até que encontrei um caminho estreito que serpenteava como os caminhos de *Ynys Trebes* em redor do abrupto flanco do monte.

Virei-me a meio do caminho para enfrentar os meus perseguidores. Pararam, finalmente, com medo da espada que os esperava no estreito caminho onde apenas um de cada vez se podia aproximar de mim. O gigante olhou-me lubricamente.

- Lindo menino - disse ele numa voz adulatora - desce daí, meu lindo menino.

- E ergueu no ar um ovo de gaivota para me tentar. - Venha comer!

Uma velha levantou a saia e mostrou-me o sexo.

- Venha para mim, meu amor! Venha para mim, meu querido. Eu sabia que você viria! - Começou a urinar. Uma criança riu e atirou-me uma pedra.

Deixei-os. Alguns seguiram-me pelo caminho acima, mas, passado algum tempo, aborreceram-se e voltaram para a sua povoação fantasma.

O estreito caminho seguia por entre o céu e o mar. De vez em quando era interrompido por uma antiga pedreira onde havia marcas de ferramentas romanas nas pedras, mas depois cada pedreira o caminho voltava a enrolar-se por entre canteiros de tomilho e pequenos bosques de espinheiros. Não vi ninguém até que, de repente, uma voz vinda de uma das pequenas pedreiras me chamou.

- Você não parece louco - disse a voz de modo dúbio.

Virei-me com a espada levantada e vi um homem de maneiras requintadas vestido com uma capa preta olhando-me solenemente da entrada de uma gruta.

Levantou uma mão.

- Por favor! Nada de armas. Me chamo Malldynn e te saúdo, forasteiro, se vem em paz, e se não vem, então imploro que passe e nos deixe.

Limpei o sangue da *Hywelbane* e enfiei-a de novo na bainha.

- Venho em paz - disse eu.

- Chegou há pouco tempo à ilha? - perguntou, aproximando-se de mim cautelosamente.

Tinha um rosto agradável, profundamente enrugado e triste, com uns modos que me faziam lembrar o bispo Bedwin.

- Acabei de chegar respondi eu.

- E, sem dúvida, foi perseguido pela multidão na entrada. Peço desculpa por eles, ainda que os deuses saibam que não sou responsável por aqueles vampiros.

Todas as semanas ficam com o pão e obrigam-nos a nós, os restantes, a pagar por ele. Não é fascinante como até num lugar povoado de almas penadas temos as nossas hierarquias? Aqui existem governantes. Há os fortes e os fracos. Alguns homens sonham formar paraísos nesta terra e o primeiro requisito para que isso aconteça, ou pelo menos segundo o que entendi, é que devemos estar libertos das leis. Mas suspeito, meu amigo, que qualquer lugar sem leis se parecerá mais com esta ilha do que com um paraíso. Não tenho ainda o prazer de saber o teu nome.

- Derfel.

- Derfel? - Franziu as sobrancelhas, pensativo. - Um servo dos druidas?

- Já fui. Agora sou um guerreiro.

- Não, não é - corrigiu-me ele - está morto. Veio para a ilha dos Mortos. Por favor, entre e sente-se. Não é muito, mas é a minha casa. - Fez um gesto na direção da gruta onde dois blocos de pedra semialinhados serviam de cadeira e mesa. Um velho pedaço de pano, talvez arrastado pelo mar, escondia em parte o seu quarto de dormir onde pude ver uma cama feita de erva seca. Ele insistiu para que eu usasse o pequeno bloco de pedra como cadeira.

- Posso oferecer-lhe água da chuva para beber - disse ele - e algum pão velho de cinco dias para comer.

Pus um bolo de farinha de aveia em cima da mesa. Malldynn estava claramente esfomeado, mas resistiu ao impulso de agarrar o biscoito. O que ele fez foi pegar uma faca com uma lâmina que tinha sido afiada tantas vezes que tinha a orla ondulada e dividir o bolo em duas partes.

- Correndo o risco de parecer ingrato - disse ele - a aveia nunca foi a minha comida preferida. Prefiro carne, carne fresca, mas, mesmo assim, agradeço, Derfel. -

Estava de joelhos em frente a mim, mas, assim que acabou de comer o bolo de aveia e limpou delicadamente as migalhas da boca, levantou-se e encostou-se à parede da gruta. - A minha mãe fazia bolos de aveia, mas os dela eram mais duros. Acho que a aveia não era descascada como devia ser. Este era delicioso e acho que vou reconsiderar a minha opinião sobre a aveia. Obrigado de novo. - E fez-me uma vênica.

- Você não parece louco - disse eu.

Ele sorriu. Era um homem de meia-idade, com um rosto distinto, olhos espertos e uma barba branca que tentava manter espontada. A sua gruta tinha sido varrida com um pequeno ramo de árvore que estava encostado à parede.

- Não são apenas os loucos que são mandados para cá, Derfel - disse ele num tom de reprovação. - Quem quer castigar os sãos também os manda. E, ai de mim, eu ofendi Uther. - Fez uma pausa lúgubre. - Eu era um dos conselheiros, um grande homem até, mas quando disse a Uther que o seu filho Mordred era um tolo, acabei por vir parar aqui. Mas eu estava certo. Mordred era um tolo, mesmo aos dez anos ele era um tolo.

- Está aqui há tanto tempo? - perguntei, espantado.

- Estou, ai de mim.

- Como sobreviveu?

Encolheu os ombros numa atitude de autodesaprovação.

- Os vampiros que guardam o portão acreditam que eu faço magia. Ameaço-os de lhes restabelecer a sanidade mental se me molestarem e, por isso, eles fazem tudo para me manterem contente. São mais felizes loucos, acredite-me. Qualquer homem na posse das suas faculdades mentais rezaria para ficar louco nesta ilha. E

você, amigo Derfel, posso perguntar o que o trouxe aqui?

- Procuro uma mulher.

- Ah! Temos muitas e a maioria está livre de todo o pudor. Mulheres dessas, acredito, são outro requisito para os paraísos na terra, mas, ai de mim, a realidade mostra o contrário. Elas não têm certamente nenhum pudor, mas também são porcas, a sua conversa é enfadonha e o prazer que se consegue delas é tão momentâneo

quanto vergonhoso. Se é uma mulher dessas que procura, Derfel, então vai encontrá-las aqui em abundância.

- Procuro uma mulher chamada Nimue.

- Nimue - disse ele, franzindo o sobrolho enquanto tentava lembrar-se do nome Nimue! - Sim, com efeito, agora lembro-me dela! Uma menina só com um olho e de cabelos negros. Ela foi morar com a gente do mar.

- Afogada? - perguntei aterrado.

- Não, não - e sacudiu a cabeça. – Você precisa entender que temos as nossas próprias comunidades na ilha. Já conheceu os vampiros do portão. Nós, os que moramos aqui nas pedreiras, somos os eremitas, um pequeno grupo que prefere a solidão e, por isso, habita as grutas deste lado da ilha. O lado mais longínquo é

habitado pelas feras. Pode imaginar como elas são. Na ponta sul está a gente do mar.

Pescam com linhas feitas de cabelo humano e usam espinhos como anzóis. São, devo dizer, a tribo mais bem comportada da ilha, se bem que nenhuma delas seja famosa pela sua hospitalidade. É claro que todas lutam entre si. Vê como aqui temos tudo o que a Terra dos Vivos tem para oferecer? Exceto, talvez, a religião, apesar de um ou dois dos nossos habitantes acreditarem que são deuses. E quem pode contradizê-los?

- Nunca tentou sair daqui?

- Tentei - disse ele tristemente. - Há muito tempo. Uma vez tentei atravessar a baía a nado, mas eles nos vigiam, e uma pancada com a haste da lança na cabeça é

uma forma eficiente de nos lembrarem que não devemos sair da ilha, por isso eu voltei para trás muito antes de poderem me dar um

golpe desses. Muitos afogam quem tenta fugir por aí. Uns poucos seguem a passagem e alguns talvez consigam voltar para os vivos, mas apenas se conseguirem passar primeiro pelos vampiros do portão. E, se sobreviverem a essa prova, têm de evitar os guardas que estão à espera na praia.

Lembra-se das caveiras que viu ao atravessar a passagem? São todas de homens e mulheres que tentaram escapar. Pobres almas! Ficou em silêncio e, por um momento, pensei que ele ia chorar. Depois desencostou-se com vivacidade da parede. - Mas onde estou com a cabeça? Será que não tenho boas maneiras? Devia oferecer-lhe água. Vê? A minha cisterna! - Fez um gesto orgulhoso na direção de um barril de madeira que estava à saída da boca da gruta, colocado de forma a apanhar a água que caía em cascata dos lados da pedreira durante as chuvas. Tinha uma concha funda com a qual encheu dois copos de madeira com água. - O barril e a colher vieram de um barco de pesca que naufragou aqui. Quando? Ora deixe ver... foi há dois anos.

Pobre gente! Três homens e dois rapazes. Um homem tentou fugir a nado e afogou-se, os outros dois morreram sob uma chuva de pedras e os dois rapazes foram levados.

Pode imaginar o que lhes aconteceu! Pode haver mulheres em grande quantidade, mas a carne fresca de um jovem pescador é um petisco raro nesta ilha. -Ele pôs o copo à minha frente e sacudiu a cabeça. - É um lugar terrível, meu amigo, e você foi tolo em vir para cá. Ou foi mandado?

- Vim, porque quis.

- Então, de certa forma este é o seu lugar, pois está nitidamente louco. -

Bebeu a sua água. - Dê-me notícias da Grã-Bretanha.

Assim fiz. Ele soubera da morte de Uther e da chegada de Artur, mas não muito mais. Carregou o sobrolho quando lhe disse que o rei Mordred era coxo, mas ficou contente quando soube que Bedwin ainda era vivo.

- Gosto de Bedwin - disse ele. - Ou melhor, gostava. Aqui temos de aprender a falar como se estivéssemos mortos. Ele deve estar velho, não?

- Não tão velho como Merlim.

- Merlim ainda está vivo? - perguntou, surpreso.

- Está.

- Meu Deus! Então Merlim está vivo! - Parecia satisfeito. - Uma vez dei-lhe uma pedra d'água e ele ficou tão agradecido. Tenho outra em algum lugar por aqui.

Mas onde? - Procurou por entre uma pilha de pedras e pedaços de madeira amontoados ao lado da porta da gruta. - Está ali? - Apontou na direção da cortina da cama. - Consegue vê-la?

Virei-me para procurar a pedra preciosa e no momento em que olhei para lá

Malldynn saltou para as minhas costas e tentou cortar-me a garganta com a orla imperfeita da sua pequena faca.

- Vou comê-lo! - gritou triunfante. Comê-lo!

Eu, ainda estou para saber como, consegui segurar-lhe a mão que segurava a faca com a minha mão esquerda e manter a lâmina afastada da minha traquéia. Ele atirou-me ao chão e tentou morder-me a orelha. Babava-se todo, com o apetite estimulado pelo pensamento de carne humana limpa e nova para comer. Bati-lhe uma vez, duas, consegui virar-me e levantar o joelho e, depois, bati-

lhe de novo, mas o desgraçado tinha uma força notável e o barulho da nossa luta trouxe mais homens correndo de outras grutas. Tinha apenas alguns segundos antes ser dominado pelos recém-chegados e, por isso, tentei um último e desesperado movimento para me levantar, dei-lhe uma cabeçada e, finalmente, atirei-o para o lado. Dei-lhe um pontapé

para afastá-lo, me arrastei desesperadamente para longe dos seus amigos e, por fim, me levantei na entrada do quarto onde, finalmente, tinha espaço para desembainhar a *Hywelbane*. Os eremitas encolheram-se perante a lâmina brilhante da espada.

Malldynn, com a boca sangrando, estava caído num dos lados da gruta.

- Nem sequer um pedaço de fígado fresco? - implorou ele. - Só um pedacinho?

Por favor?

Deixei-o. Os outros eremitas me puxaram a capa enquanto passava pela pedreira, mas nenhum tentou me fazer parar. Um deles deu uma gargalhada.

- Você terá de voltar! - disse. - E, então, estaremos mais esfomeados ainda!

- Comam Malldynn - disse-lhes amargamente.

Subi para o espinhaço da ilha onde o tojo crescia entre as rochas. Do alto pude ver que o grande monte de rocha não se estendia até à ponta sul, mas que descia íngreme até uma vasta planície coberta por um emaranhado de antigas paredes de pedra; uma prova de que homens e mulheres normais tinham vivido na ilha e cultivado o planalto rochoso cujas encostas desciam até ao mar. Ainda havia residências no planalto e supus que fossem as casas da gente do mar. Um grupo dessas almas penadas observava-me do seu

aglomerado de cabanas na base do monte e a presença deles me convenceu a ficar onde estava e esperar pela madrugada. A vida arrasta-se devagar de manhã cedo, razão pela qual os soldados gostam de atacar com a primeira luz do dia, e eu procuraria a minha Nimue perdida, quando os loucos habitantes daquela ilha estivessem ainda indolentes e estupidificados pelo sono.

Foi uma noite difícil. Uma má noite. As estrelas rodavam por cima de mim, lares brilhantes de onde os espíritos olhavam para baixo, para a terra frágil. Rezei a *Bei*, pedindo-lhe forças. Por vezes, adormecia, se bem que cada sussurro da erva ou a queda de alguma pedra me acordassem logo. Tinha me abrigado numa fenda estreita da rocha que impediria qualquer ataque, estava confiante de que podia me proteger, se bem que só Bei soubesse como é que eu iria sair da ilha. Ou se iria alguma vez encontrar a minha Nimue.

Arrastei-me para fora do meu nicho de rocha antes do amanhecer. Um nevoeiro denso espalhava-se sobre o mar, para lá da soturna agitação que marcava a entrada da Gruta de Cruachan, e havia uma luz débil e cinzenta que fazia a ilha parecer fria e plana. Não vi ninguém enquanto descia pela encosta abaixo. O Sol ainda não tinha levantado, quando entrei na primeira aldeola de toscas cabanas. Tinha chegado à conclusão de que no dia anterior fora acaanhado demais com os habitantes da ilha. Doravante iria tratar os mortos como coisas repugnantes que eles eram.

As cabanas eram feitas de vimes e lama, com telhados de ramos e erva. Dei um pontapé numa decrepita porta de madeira, inclinei-me para entrar e agarrei a primeira forma adormecida que encontrei. Atirei essa criatura com violência para fora, dei um pontapé numa outra, depois abri um buraco no telhado com a *Hywelbane*. As coisas que outrora tinham sido humanas desesemaranhavam-se e arrastavam-se para longe de mim. Dei um pontapé na cabeça de um homem, bati em outro com o lado da lâmina da *Hywelbane* e arrastei um terceiro para fora para a luz fraca. Atirei-o ao chão, pus-

lhe o pé em cima do peito e encostei-lhe a ponta da *Hywelbane* à garganta.

- Procuro uma mulher chamada Nimue - disse eu.

Ele gaguejou qualquer coisa sem nexo. Não sabia falar, ou melhor, só falava numa linguagem inventada por ele e, por isso, deixei-o e corri atrás de uma mulher que fugia coxeando em direção aos arbustos. Ela gritou, quando a apanhei, e gritou de novo quando lhe pus o aço na garganta.

- Conhece uma mulher chamada Nimue?

Estava aterrorizada demais para falar. Por isso, levantou a saia imunda e lançou-me um repugnante e desdentado sorriso. Não tive outro remédio senão bater-lhe na cara com o lado da espada.

- Nimue! - gritei. - Uma menina só com um olho chamada Nimue. Conhece-a?

A mulher continuava sem conseguir falar, mas apontou para Sul, indicando com a mão a ponta da ilha voltada para o mar, num esforço inquieto para me fazer abrandar a pressão. Tirei a espada e dei-lhe um pontapé na saia, fazendo-a cair sobre as ancas. A mulher fugiu, arrastando-se para um canteiro de espinheiros. As outras almas assustadas espiavam das suas cabanas enquanto eu seguia o caminho para sul em direção ao mar agitado.

Passei por outras duas aldeolas, mas agora ninguém tentava me impedir. Eu me tornara parte do pesadelo vivo da ilha dos Mortos, uma criatura saída da madrugada de aço desembainhado. Caminhei pelo meio de campos de erva mortiça ponteados com trevos, ervas leiteiras azuis e as pontas carmesim das orquídeas e disse a mim próprio que eu devia saber que Nimue, uma criatura de *Manawydan*, encontraria o seu refúgio o mais perto possível do mar.

A costa sul da ilha era um emaranhado de rochas orlado por penhascos baixos. Ondas enormes quebravam-se em espuma que era sugada pelas ravinas e se despedaçava em nuvens brancas, salpicando tudo em redor. O caldeirão rugia em turbilhões muito perto da costa. Era uma manhã de Verão, mas o mar estava cinzento como o ferro, o vento frio e as aves marinhas lamentavam-se em gritos estridentes.

Saltei de pedra em pedra, descendo em direção àquele mar de morte. A minha capa rasgada levantou-se com o vento, quando rodeei uma coluna de pedra descorada e vi uma gruta que ficava alguns centímetros acima da linha negra de algas e ervas que tinham dado à costa nas marés altas. Uma fieira de rochas levava à

entrada da gruta e nas rochas estavam amontoados ossos de aves e de animais de terra. Os montes tinham sido feitos por mãos humanas, pois tinham espaços regulares entre eles e cada monte estava cingido com um cuidadoso entrançado de ossos maiores cumeados por uma caveira. Parei e senti o medo começar a agitar-se dentro de mim como se agitava o mar, quando olhei para aquele refúgio mais perto do mar do que qualquer outro local podia estar naquela ilha de almas condenadas.

- Nimue? - chamei, quando consegui reunir a coragem necessária para me aproximar da fieira de rochas. - Nimue?

Subi para a estreita plataforma de rocha e caminhei devagar por entre os ossos amontoados. Tinha receio do que pudesse encontrar na gruta.

- Nimue? chamei.

Abaixo de mim uma onda rugiu atravessando um esporão de rocha e estendendo as suas garras brancas na direção da fieira de rochas. A água recuou, escoando-se em calhas escuras para o mar, antes de outra onda larga e alta ribombar nas pedras do cabo e galgar as rochas reluzentes. A gruta estava escura e silenciosa.

- Nimue? - disse eu outra vez com voz vacilante.

A boca da gruta estava guardada por duas caveiras humanas que tinham sido metidas à força em nichos, os seus dentes partidos se abriam num sorriso de desdém para os gemidos do vento dos dois lados da entrada.

- Nimue?

Não houve resposta exceto o uivar do vento, os lamentos dos pássaros e o sugar e palpitar do mar sinistro.

Entrei. Estava frio na caverna e a luz era débil. As paredes estavam úmidas.

O chão de cascalho elevava-se à minha frente, obrigando-me a dobrar-me sob o vulto pesado do teto enquanto avançava cautelosamente.

A gruta ia ficando cada vez mais estreita e virava bruscamente para a esquerda. Uma terceira caveira amarelada vigiava a esquina, onde parei, enquanto os meus olhos se habituavam à escuridão, passando depois pela caveira guardiã para ver que a gruta ia diminuindo até terminar num fundo negro, de morte.

E ali, no negrume do fundo da gruta, estava ela. A minha Nimue.

A princípio pensei que estivesse morta, pois estava nua e em desalinho, com os cabelos escuros imundos espalhados sobre o rosto, as pernas magras dobradas sobre os seios e os braços pálidos agarrando as canelas. Por vezes, nos montes verdejantes, nos aventurávamos cavando os taludes cobertos de erva que serviam de túmulos para procurarmos o ouro dos povos antigos, e encontrávamos os ossos deles assim amontoados, porque eles se inclinavam na terra para se defenderem dos espíritos por toda a eternidade.

- Nimue? Fui obrigado a percorrer de gatas os últimos centímetros até o lugar onde ela estava. - Nimue? disse de novo. Desta vez o nome dela ficou preso na garganta, pois eu tinha certeza que ela estava morta, mas nisto vi as costelas arquear.

Ela respirava. Porém, tirando isso, estava tão imóvel como se estivesse morta. Pus a *Hywelbane* no chão e estendi a mão para lhe tocar no ombro branco e frio. - Nimue?

Ela saltou para cima de mim, sibilando, de dentes arreganhados. Um dos olhos era um orifício vermelho lívido e o outro estava revirado, só se via o branco do globo ocular. Tentou me morder, me arranhou, entoou uma praga em voz chorosa, lançou-me pragas e, depois, atirou-se aos meus olhos com as suas longas unhas.

- Nimue! - gritei eu.

Ela cuspia, babava, lutava e tentava me morder o rosto com os dentes imundos.

- Nimue!

Ela gritou, lançando outra praga e crispou a mão direita na minha garganta.

Tinha a força dos loucos e soltou um grito de triunfo enquanto os seus dedos se fechavam sobre a minha traquéia. Então, de repente, eu soube exatamente o que tinha de fazer. Agarrei com firmeza a sua mão esquerda, ignorei a dor que sentia na garganta e coloquei a palma da minha mão esquerda com a cicatriz sobre a cicatriz dela. Encostei-a, deixei-a ficar e não me mexi.

E, então, devagar, muito devagar, a sua mão direita foi afrouxando na minha garganta. Muito devagar, o seu olho bom foi rolando e eu pude ver a alma brilhante do meu amor outra vez. Olhou para mim e, então, começou a chorar.

- Nimue - disse eu, e ela abraçou-se ao meu pescoço e agarrou-se a mim.

Soluçava convulsivamente e os soluços faziam-lhe estremecer as costelas magras enquanto eu a abraçava, a afagava e lhe dizia o seu nome.

Os soluços abrandaram e, por fim, pararam. Ficou agarrada ao meu pescoço durante longo tempo, até que senti a sua cabeça se mexer.

- Onde está Merlim? - perguntou, numa voz de criança pequena.

- Aqui, na Grã-Bretanha.

- Então temos de ir. - Tirou os braços do meu pescoço e sentou-se sobre os calcanhares para poder olhar bem para o meu rosto. - Sonhei que você viria.

- É mesmo amor o que sinto por você - respondi. Não tinha intenção de dizer, embora fosse verdade.

- Então, foi por isso que veio - disse ela como se isso fosse óbvio.

- Você tem roupas? - perguntei.

- Tenho a sua capa - disse ela. - Não preciso de mais nada além da sua mão.

Rastejei para fora da gruta, embainhei a *Hywelbane* e embrulhei a minha capa verde à volta do seu corpo pálido que tremia. Ela passou um braço por uma abertura na capa de lã rasgada e depois caminhamos de mãos dadas por entre os ossos e subimos o monte em direção ao local onde a gente do mar nos observava.

Fugiram assim que chegamos ao alto do penhasco e não nos seguiram quando descemos devagar pela vertente este da ilha. Nimue não falava. A loucura dela desaparecera no momento em

que a minha mão tocara a sua, mas deixara-a terrivelmente fraca. Ajudei-a nos pedaços mais íngremes do caminho. Passamos pelas grutas dos eremitas sem sermos incomodados. Talvez estivessem dormindo, ou então os deuses tinham posto a ilha sob feitiço enquanto nós continuávamos o nosso caminho para Norte, afastando-nos das almas penadas.

O Sol levantou-se. Agora, podia ver que o cabelo de Nimue estava todo emaranhado por causa do lixo e cheio de piolhos, a pele estava coberta de imundície e ela perdera o seu olho de ouro. Estava tão fraca que mal podia andar e, quando descíamos o monte em direção à passagem, peguei-a no colo e vi que pesava menos do que uma criança de dez anos.

- Você está fraca.

- Já nasci fraca, Derfel, e a minha vida é fingir que assim não é.

- Precisa de descansar.

- Eu sei. - Encostou a cabeça ao meu peito e por uma vez na vida estava muito satisfeita por alguém tomar conta dela.

Levei-a para a passagem, transpondo a primeira muralha. À nossa esquerda ouvia-se a rebentação, à nossa direita, na baía, brilhava o reflexo do sol nascente. Eu não sabia como passar pelos guardas. Tudo o que sabia era que tínhamos de deixar a ilha, porque era esse o destino de Nimue e eu era o instrumento desse destino, e, por isso continuei a caminhar satisfeito, pois os deuses resolveriam o problema quando chegássemos à barreira final.

Levei-a nos braços, passando pela muralha do meio com a sua fila de caveiras e caminhei em direção aos montes verdejantes de *Dumnónia*. Conseguia ver a silhueta de um único lanceiro acima da fachada de pedra macia da última muralha e imaginei que alguns dos guardas se tivessem posto em fila através do canal, quando me viram sair da ilha. Havia mais guardas no talude de cascalho,

colocados de forma a barrar-me a passagem para o continente. Se tivesse de matar, pensei, então mataria.

Era essa a vontade dos deuses, não minha, e a minha *Hywelbane* iria esquartejá-los com a habilidade e a força de um deus.

Mas, quando me aproximei da muralha final, com a minha carga leve nos braços, os portões da vida e da morte se abriram para me receber. Em parte estava à

espera que ali estivesse o comandante da guarda com a sua espada enferrujada, pronto para me mandar para trás. Mas, afinal, eram Galaad e Cavan que me aguardavam na soleira negra com as espadas desembainhadas e os escudos nos braços.

- Nós o seguimos - disse Galaad.

- Bedwin nos mandou - acrescentou Cavan.

Eu cobri o cabelo horrível de Nimue com o capuz da minha capa para que os meus amigos não vissem a sua degradação e ela se agarrou a mim, tentando esconder-se.

Galaad e Cavan tinham trazido os meus homens, que tinham trazido o pequeno barco que fazia a travessia e estavam agora sustendo os guardiães da ilha nas pontas das suas lanças no talude mais afastado do canal.

- Hoje teríamos ido à sua procura - disse Galaad e, depois, fez o sinal da cruz ao olhar até o fundo da passagem.

Lançou-me um olhar curioso, como se temesse que eu tivesse voltado diferente da ilha.

- Eu devia ter adivinhado que estaria aqui - disse-lhe eu.

- Pois devia. - Tinha lágrimas nos olhos, lágrimas de alegria. Caminhamos em fila pelo canal e eu levei Nimue pela estrada de caveiras acima até ao salão de festas ao fundo da estrada, onde encontrei um homem carregando uma carroça com sal para levar para *Durnovária*. Deitei Nimue em cima da sua carga e caminhei ao lado dela enquanto a carroça chiava rumo ao Norte, em direção à cidade. Resgatara Nimue da ilha dos Mortos, trazendo-a de volta para uma terra em guerra.

Levei Nimue para a casa de Gyllad. Não a instalei na casa principal, preferindo utilizar uma cabana de pastor abandonada onde podíamos estar sozinhos.

Alimentei-a com caldos de carne e leite, mas primeiro dei-lhe banho até ficar completamente limpa. Lavei-a duas vezes e depois lavei-lhe o cabelo negro. Em seguida usei um pente de osso para lhe pentear o cabelo emaranhado. Algumas madeixas estavam tão emaranhadas que tiveram que ser cortadas. Mas consegui desembaraçar a maior parte e, quando o cabelo já lhe caía molhado e liso pelas costas abaixo, usei o pente para catar e matar os piolhos antes de lhe dar mais outro banho. Ela suportou tudo como uma criancinha obediente e, quando já estava limpa, embrulhei-a num grande cobertor de lã. Tirei o caldo de carne do fogo e obriguei-a a comer enquanto eu próprio tomava banho e matava os piolhos que tinham passado do corpo dela para o meu.

Quando acabei, a noite caía e ela dormia profundamente numa cama feita de fetos acabados de cortar. Dormiu toda a noite e de manhã comeu seis ovos que eu tinha mexido numa panela sobre o fogo. Depois voltou a adormecer. Entretanto, peguei uma faca e um pedaço de couro e lhe fiz uma venda para o olho com uma fita que ela podia amarrar atrás da cabeça. Tinha mandado uma das escravas de Gyllad trazer-lhe roupas e mandei Issa à cidade para me trazer as notícias que pudesse. Era um rapaz esperto com uma maneira ser muito aberta, de forma que, até mesmo os estranhos lhe faziam de bom grado confidências à mesa de taberna.

- Metade da cidade diz que a guerra já está perdida, Senhor - disse-me ele, quando regressou.

Nimue estava dormindo e nós falávamos na margem do regato que corria perto da cabana.

- E a outra metade? - perguntei.

Ele sorriu de esguelha.

- Esperam ansiosamente a chegada do *Lughnasa*, Senhor. Não pensam em mais nada para além disso. Mas os que pensam nisso são todos cristãos. - Cuspiu para o regato. - Dizem que o *Lughnasa* é uma festa do mal e que o rei Gorfyddyd vem aí para castigar os nossos pecados.

- Nesse caso - disse eu - é melhor nos certificarmos que cometemos pecados suficientes para merecermos o castigo.

Ele riu.

- Há quem diga que Lorde Artur não se atreve a sair da cidade, pois tem medo que haja uma revolta assim que os seus soldados deixem a cidade Abanei a cabeça.

- Ele quer é estar perto de Guinevere no *Lughnasa*.

- Quem não quereria? - perguntou Issa.

- Foi falar com o ourives? - perguntei.

Ele acenou afirmativamente.

- Diz que não pode fazer um olho em menos de duas semanas, porque nunca fez nenhum antes, mas vai procurar um cadáver e arrancar-lhe o olho para ter o tamanho certo. Eu disse-lhe para arranjar antes o corpo de uma criança, pois a senhora não é muito grande, não é? - E apontou com a cabeça na direção da cabana.

- Disse-lhe que o olho tinha que ser oco?

- Disse, sim, meu Senhor.

- Você agiu muito bem. E agora suponho que está morto de vontade de agir muito mal e celebrar o *Lughnasa*, não é?

Ele sorriu de esguelha.

- Sim, meu Senhor.

O *Lughnasa* era supostamente uma celebração das colheitas que estavam prestes a chegar, mas os jovens sempre a tinham transformado numa festa da fertilidade e os festejos começariam nessa noite, a véspera da grande festa

- Então vai - disse-lhe. - Eu fico por aqui.

Nessa tarde fiz para Nimue a sua tenda para o *Lughnasa*. Duvidava no entanto que ela o apreciasse, mas eu queria muito fazê-lo e, por isso, construí uma pequena cabana ao lado do regato. Cortei os vimes e curvei-os, construindo um abrigo coberto onde entrancei centáureas azuis, papoulas, margaridas, dedaleiras e longos emaranhados de campainhas cor de rosa. Este tipo de tendas estava sendo feito por toda a Grã-Bretanha para a festa e, por toda a Grã-Bretanha, na próxima Primavera, nasceriam centenas de bebês do *Lughnasa*. A Primavera era considerada uma boa época para nascimentos, pois a criança viria a um mundo despertando para a fartura do Verão, se bem que saber se a plantação desse ano ia ou não levar a uma boa colheita dependesse das batalhas que iam ser travadas depois das colheitas.

Nimue saiu da cabana exatamente quando eu estava entrançando a última dedaleira no topo da tenda.

- Estamos no festival de *Lughnasa*? - perguntou ela, surpresa.

- É amanhã.

Ela riu, envergonhada.

- Nunca ninguém me fez uma tenda.

- Você nunca quis.

- Mas agora quero - disse ela, sentando-se debaixo da sombra florida com tanta satisfação no olhar que me fez saltar o coração. Ela encontrara a venda para o olho e vestira um dos vestidos que a criada de Gyllad trouxera para a cabana. Era um vestido de escrava de um tecido castanho grosseiro que, no entanto, lhe ficava muito bem, como sempre acontece com as coisas simples. Estava pálida e magra, mas estava limpa e com as faces ligeiramente rosadas. - Não sei o que aconteceu ao olho de ouro - disse ela, num lamento, tocando na nova venda.

- Mandei fazer outro olho - disse-lhe eu, mas não acrescentei que o dinheiro dado como sinal ao ourives tinha me levado as últimas moedas. Precisava desesperadamente do saque de uma batalha, pensei eu, para voltar a encher a bolsa.

- Estou faminta - disse ela com um toque da sua antiga traquinice.

Coloquei alguns galhos de vidoeiro no fundo da panela para o caldo de carne não grudar, verti o resto do caldo e coloquei-o no fogo. Ela comeu tudo e, no fim, estendeu-se na tenda do *Lughnasa* e ficou-se olhando o regato. Apareceram bolhas de ar no local onde uma lontra nadava debaixo de água. Já a tinha visto antes. Era uma velha lontra macho com a pele cheia de cicatrizes provocadas por muitas batalhas e falhanços das lanças dos caçadores. Nimue ficou olhando o rastro de bolhas desaparecer por baixo de um salgueiro caído e, depois, começou a falar.

Ela sempre tivera um grande apetite pela conversa, mas nessa noite estava insaciável. Queria saber notícias e eu as contei, mas depois

queria mais detalhes, sempre mais e encaixava obsessivamente cada pormenor num esquema que ela própria imaginava. Desse modo, a história do último ano tornou-se, pelo menos para ela, num grande painel de azulejos onde cada azulejo sozinho parecia insignificante, mas que, em conjunto com os outros, se tornava parte de um todo complexo e cheio de significado. Mostrava-se particularmente interessada em Merlim e no pergaminho que ele arrancara da biblioteca de Ban, condenada à destruição.

- Você não o leu? - perguntou.

- Não.

- Pois eu vou ler - disse fervorosamente.

Hesitei por um momento, mas depois disse-lhe francamente o que pensava.

- Achei que Merlim iria à ilha buscá-la.

Arriscava-me a ofendê-la duas vezes: primeiro, por implicitamente criticar Merlim e, segundo, por referir o único assunto de que ela ainda não falara a ilha dos Mortos. Mas ela pareceu não se importar.

Merlim acha que eu sei tomar conta de mim - disse ela, sorrindo. - E ele sabe que tenho você.

Já tinha escurecido e o regato formava pequenas ondas de prata sob a lua do *Lughnasa*. Havia muitas perguntas que eu queria lhe fazer, mas não me atrevia. E eis que, de repente, ela começou a responder a essas perguntas. Falou da ilha, ou melhor, falou de como uma pequena parte da sua alma sempre estivera consciente do horror da ilha, mesmo que o resto tivesse se entregado ao seu destino lúgubre.

- Pensei que a loucura fosse como a morte - disse ela - e que eu não iria saber que havia alternativa à loucura, mas soube sempre.

Como soube! É como se estivesse te vendo e não conseguisse ajudá-lo. Abandona-se a si próprio - disse ela.

Quando parou, vi lágrimas no seu olho bom.

- Não - disse eu. De repente, não queria saber de mais nada.

- Às vezes - continuou ela sentava-me no meu rochedo, punha-me a contemplar o mar e sabia que estava sã. Então, imaginava que a propósito eu estaria servindo e chegava à conclusão de que tinha de estar louca, porque, se não estivesse, nada daquilo teria o seu propósito.

- E não havia propósito nenhum - disse eu, irado.

- Oh, Derfel, meu querido Derfel! Essa sua cabeça é que nem uma pedra caindo de um penhasco. - Sorriu. - É o mesmo propósito que levou Merlim a encontrar o pergaminho de Caleddin. Não entende? Os seuses fazem jogos conosco, mas, se nos abrirmos, então podemos nos tornar parte do jogo em vez de vítimas dele. A loucura tem um propósito, sim! É uma oferta dos deuses que, como todas as suas ofertas, traz o seu preço, mas eu já o paguei. - Ela falava apaixonadamente, mas, de repente, senti que ia bocejar e, por mais que me esforçasse, não consegui evitar o bocejo. Tentei disfarçar, mas ela reparou. Você precisa dormir - disse ela.

- Não - protestei.

- Dormiu alguma coisa a noite passada?

- Um pouco. – Tinha me sentado à porta da cabana e cochilado um pouco enquanto ouvia os ratos correndo no telhado de colmo.

- Então vá para a cama - disse ela firmemente - e deixe-me aqui pensando.

Eu estava tão cansado que mal conseguia me despir. Finalmente, me deitei na cama de fetos onde dormi como se estivesse morto. Foi um sono longo e profundo, como o descanso que chega quando estamos em segurança depois de uma batalha, quando os sonos mal dormidos, interrompidos por pesadelos que lembram as estocadas próximas das lanças e os golpes de espada já desapareceram da alma. E

foi assim que eu dormi. Durante a noite Nimue veio deitar comigo. A princípio pensei que era um sonho, mas depois acordei sobressaltado e encontrei a sua pele nua e fria junto à minha.

- Está tudo bem, Derfel - sussurrou ela - durma. - E eu adormeci de novo com os meus braços à volta do seu corpo magro.

Acordamos numa madrugada perfeita de *Lughnasa*. Houve na minha vida momentos de pura alegria e aquele foi um deles. Há momentos, penso eu, em que o amor anda lado a lado com a vida ou talvez em que os deuses querem que sejamos tolos, e nada é tão doce como a tolice que nos assalta no *Lughnasa*. O sol brilhava, filtrando a sua luz pelas flores da nossa tenda, onde fizemos amor. Depois, brincamos como crianças no regato onde tentei fazer bolhas como a lontra debaixo de água, vindo acima quase sufocando e vendo Nimue rir. Um pica-peixe passou rapidamente por entre os salgueiros, com as cores brilhantes como uma capa de sonho. As únicas pessoas que vimos durante todo o dia foram um par de cavaleiros que subiram pela outra margem do regato com falcões nos pulsos. Eles não nos viram e nós ficamos quietos vendo como uma das aves abateu uma garça real: um bom presságio. Durante aquele dia perfeito Nimue e eu fomos amantes, apesar de nos ter sido negado o segundo prazer do amor, que é o conhecimento seguro de um futuro partilhado passado numa felicidade tão grande como o início do amor. Mas eu não tinha futuro com Nimue. O futuro dela estava nos caminhos dos deuses e eu não tinha talento para seguir essas estradas.

No entanto, até mesmo Nimue se sentia tentada a afastar-se desses caminhos. Ao fim da tarde do *Lughnasa*, quando a luz escurecia as árvores nas encostas ocidentais, ela estava enrolada nos meus braços debaixo da tenda e falou de como podia ser: Uma casa pequena, um pedaço de terra, crianças e rebanhos.

- Podíamos ir para *Kernow* - disse ela num tom sonhador. - Merlim diz sempre que *Kernow* é um lugar abençoado. E está muito afastado dos Saxões.

- A Irlanda - disse eu - fica ainda mais longe.

Senti-a sacudir a cabeça no meu peito.

- A Irlanda está amaldiçoada.

- Porquê? - perguntei.

- Eles tiveram os Tesouros da Grã-Bretanha e os deixaram desaparecer.

Eu não queria falar dos Tesouros da Grã-Bretanha nem dos deuses nem de nada que pudesse estragar aquele momento.

- Então vamos para *Kernow* - concordei.

- Uma casa pequena - disse ela e, depois, fez uma lista de tudo o que uma pequena casa precisava: jarros, panelas, assadores, joeiras, peneiras, baldes de teixo, foices, tosquiadores, uma roca, um bobinador de meadas, uma rede para salmões, um barril, uma lareira, uma cama. Será que ela sonhara com essas coisas na sua caverna fria e úmida por cima do caldeirão?

- E nada de saxões nem de cristãos - continuou. - Talvez devêssemos ir para as ilhas no mar Ocidental. Para as ilhas que ficam depois de *Kernow*. Para *Lyonesse*. -

Pronunciou aquele adorado nome com suavidade.

- Viver e amar em Lyonesse - acrescentou, rindo.

- Porque está rindo?

Ficou em silêncio por uns momentos e encolheu os ombros.

- *Lyonesse* é para uma outra vida - disse ela e com aquela frase gélida quebrou o encantamento. Pelo menos quebrou-o para mim, porque pensei ter ouvido a gargalhada de escárnio de Merlim cacarejando entre a folhagem e, assim, deixei o sonho desvanecer-se enquanto continuávamos ali, imóveis, sob aquela luz suave e extensa. Dois cisnes voaram para norte, vale acima, em direção à grande imagem fálica do deus *Sucellos* cravada na encosta de argila a norte das terras de Gyllad.

Sansum quisera destruir essa imagem arrojada, mas Guinevere impedira-o, apesar de não ter conseguido evitar que ele construísse um pequeno santuário no sopé do monte. Eu pensava comprar aquelas terras quando pudesse, não para cultivá-las, mas para impedir que os cristãos semeassem erva por cima da argila ou cavassem a imagem do deus.

- Onde está Sansum? - perguntou Nimue, que lera os meus pensamentos.

- Ele agora é o guardião do Espinheiro Sagrado.

- Espero que se pique todo - disse ela, vingativa. Desembaraçou-se dos meus braços e sentou-se, puxando o cobertor até ao pescoço. - E hoje é a cerimônia dos esponsais de Gundleus, não é?

- É.

- Ele não viverá para desfrutar da noiva - disse ela, mas temi que ela tivesse dito aquilo mais como uma esperança do que como uma

profecia.

- Ele desfrutará sim, se Artur não conseguir vencer o exército deles - disse eu.

E, no dia seguinte, as esperanças dessa vitória pareceram ter desaparecido para sempre. Estava eu preparando as coisas para a colheita de Gyllad afiando as foicinhas e preparando os maços de malhar os cereais, quando chegou um mensageiro a *Durnovária* vindo de *Durocibrivis*. Issa trouxe da cidade as notícias do mensageiro e essas notícias eram terríveis. Aelle rompera a trégua. Na véspera do *Lughnasa* um enxame de saxões atacara a fortaleza de Gereint e devastara as suas muralhas. O príncipe Gereint estava morto, *Durocibrivis* caíra, o príncipe Meriadac de *Stronggore*, que pagava tributo a *Dumnónia*, transformara-se num fugitivo e aquilo que restava do seu reino tornara-se parte de *Lloegyr*. Agora, além de enfrentar o exército de Gorfyddyd, Artur tinha de lutar contra a hoste guerreira saxônica. *Dumnónia* estava seguramente condenada à destruição.

Nimue desdenhou do meu pessimismo.

- Os deuses não vão acabar com o jogo assim tão cedo - afirmou.

- Então é melhor que os deuses encham o nosso erário depressa - disse eu rispidamente, - porque não podemos vencer Aelle e Gorfyddyd ao mesmo tempo, o que significa que só temos duas alternativas: comprar os Saxões ou morreremos todos.

- Só as mentes mesquinhas se preocupam com dinheiro - disse Nimue.

- Então agradeça aos deuses pelas mentes mesquinhas - repliquei. Eu me preocupava muito com o dinheiro.

- Há dinheiro em *Dumnónia*, se for preciso - disse Nimue descuidadamente.

- O de Guinevere? - disse eu, abanando a cabeça. - Artur nem vai tocar nele.

Nessa época nenhum de nós sabia como era grande o tesouro que Lancelot trouxera de *Ynys Trebes*; esse tesouro podia ter sido suficiente para comprar a paz de Aelle, mas o eLivros rei de *Benoic* mantinha-o bem escondido.

- Não me refiro ao ouro de Guinevere - disse Nimue e, depois, me contou onde se podia encontrar um valor de sangue para os Saxões e eu me amaldiçoei por não ter pensado nisso antes. Afinal ainda havia uma chance, pensei eu, apenas uma chance, desde que os deuses nos dessem tempo e o preço de Aelle não fosse inatingivelmente alto. Calculei que os homens de Aelle precisariam de uma semana para curar a ressaca depois do saque de *Durocobravis* e nós tínhamos apenas essa semana para fazer funcionar o nosso milagre.

Levei Nimue até Artur. Não haveria nenhum idílio em *Lyonesse* nem peneira nem joeira nem cama junto ao mar. Merlim fora para norte para salvar a Grã-Bretanha, e agora Nimue tinha de fazer a sua própria magia no sul. Fomos comprar uma paz saxônica enquanto atrás de nós, na margem do nosso regato de Verão, as flores do *Lughnasa* murchavam.

Artur e a sua guarda cavalgaram para norte pela Estrada Fosse. Sessenta cavaleiros aparelhados com couro e ferro iam para a guerra e, com eles, cinquenta lanceiros, seis meus e os restantes chefiados por Lanval, o antigo comandante da guarda de Guinevere, cujo cargo e propósito tinham sido usurpados por Lancelot, rei de *Benoic*, que, juntamente com os seus homens, era agora o protetor de todas as pessoas importantes que viviam em *Durnovária*. Galaad levava o resto dos meus homens para norte, para *Gwent*, e foi uma medida de urgência que nos levou a partir em campanha antes das colheitas, mas a traição de Aelle não nos deixara outra escolha.

Eu fui com Artur e Nimue. Ela insistira em me acompanhar, apesar de estar ainda muito fraca, mas nada a afastaria da guerra que estava para começar. Partimos dois dias depois do *Lughnasa* e, talvez como um mau presságio do que estava para acontecer, o céu enchera-se de nuvens ameaçando chuva forte.

Os cavaleiros, com os seus lacaios e as mulas de carga, juntamente com os lanceiros de Lanval, esperaram na Estrada Fosse enquanto Artur atravessou a ponte de terra que levava a *Ynys Wydryn*. Nimue e eu fomos com ele, levando apenas os meus seis lanceiros como escolta. Era estranho voltar ao sopé do cume pouco definido do Tor onde Gwlydddyn reconstruíra a casa de Merlim, o cume do Tor tinha quase o mesmo aspecto do dia em que Nimue e eu fugíramos da selvajaria de Gundleus. Até mesmo a torre tinha sido reconstruída e eu me perguntava se, tal como a primeira torre, esta também seria um quarto dos sonhos onde os murmúrios dos deuses ecoavam aos ouvidos do feiticeiro adormecido.

Mas o que vínhamos tratar não dizia respeito ao Tor, mas sim ao santuário do Espinheiro Sagrado. Cinco dos meus homens ficaram fora dos portões do santuário enquanto Artur, Nimue e eu entramos lá dentro. Nimue trazia a cabeça coberta com um capuz para que o seu rosto com a venda de couro não fosse visto. Sansum apressou-se a receber-nos. Tinha uma aparência excelente para um homem que estava aparentemente caído em desgraça por ter provocado um tumulto mortal em *Durnovária*. Estava mais gordo do que eu me lembrava e usava uma batina preta nova, meio coberta por uma capa de asperges suntuosamente bordada com cruces douradas e espinheiros prateados. No peito trazia uma pesada cruz de ouro presa a uma corrente também de ouro, enquanto no pescoço brilhava um grosso colar de ouro.

O seu rosto de rato com o cabelo hirtamente tonsurado ofereceu-nos um sorriso afetado que pretendia ser um sorriso afável.

- Muito nos honram! - exclamou ele, abrindo as mãos num gesto de boas-vindas. - Quanta honra! Atrevo-me, Lorde Artur, a supor que veio para adorar o nosso querido Senhor Deus? Ou seja, o Seu Espinheiro Sagrado! Uma lembrança dos espinhos que picaram a Sua cabeça enquanto Ele sofria pelos nossos pecados. - Fez um gesto na direção da árvore gotejando com as suas tristes e minúsculas folhas. Um grupo de peregrinos postados em torno da árvore tinha envolvido as suas pernas patéticas com oferendas votivas. Ao nos ver, os peregrinos afastaram-se arrastando os pés, não percebendo que o moço de lavoura pobremente vestido que com eles prestava culto era um dos nossos homens. Era Issa, que eu mandara à frente com uma pequena oferenda de moedas para o santuário.

- Talvez queiram tomar um copo de vinho? - ofereceu-nos Sansum. - E

comida? Temos salmão defumado, pão fresco, até alguns morangos.

- Você vive bem, Sansum - disse Artur, olhando em redor do santuário.

Tinha crescido desde a última vez em que eu estivera em *Ynys Wydryn*. A igreja de pedra tinha sido aumentada e tinham sido construídos dois novos edifícios: um era um dormitório para os monges, o outro uma casa para o próprio Sansum.

Ambos os edifícios eram de pedra e tinham telhados feitos de telhas retiradas de vivendas romanas.

Sansum levantou os olhos para as nuvens ameaçadoras.

- Somos apenas servos humildes do grande Deus, senhor, e a nossa vida na Terra deve-se à Sua graça e providência divina. Sua estimada esposa encontra-se bem, espero.

- Muito bem, obrigado.

- Essa notícia nos enche de alegria, Senhor - mentiu Sansum. - E o nosso rei, também está bem?

- O rapaz está crescendo, Sansum.

- E na verdadeira fé, acredito. - Sansum recuava à medida que nós avançávamos. - Então, Senhor, o que o traz à nossa pequena povoação?

Artur sorriu.

- A necessidade, bispo, a necessidade.

- De graça espiritual? - perguntou Sansum.

- De dinheiro.

Sansum levantou as mãos no ar.

- Será que um homem que procura peixe sobe ao alto de uma montanha? Ou que um homem desejoso de água vai para o deserto? Por que vem a nós, Lorde Artur?

Nós, os irmãos, fizemos voto de pobreza e todas as poucas migalhas que o nosso querido Senhor permite que nos caiam no regaço, nós damos aos pobres. - E juntou graciosamente as mãos.

- Então eu venho, querido Sansum - disse Artur - para ter certeza que está

mantendo os seus votos de pobreza. A guerra está endurecendo, exige dinheiro, o erário está vazio e você terá a honra de fazer um empréstimo ao seu rei.

Nimue, que estava agora humildemente encapuçada atrás de nós como uma serva, lembrara a Artur a riqueza da igreja. Como ela

devia estar divertindo-se com a inquietação de Sansum.

- A igreja tinha sido poupada a esses empréstimos forçados - disse Sansum de uma forma penetrante e com um tom de escárnio nas últimas palavras. - O Rei Supremo Uther, que a sua alma descanse em paz, isentou a igreja de todas essas extorsões, tal como os santuários pagãos - benzeu-se - estão vergonhosa e pecadoramente isentos.

- O conselho do rei Mordred - disse Artur - revogou essa isenção e o seu santuário, bispo, é conhecido como o mais rico de *Dumnónia*.

Sansum levantou de novo os olhos ao céu.

- Se tivéssemos nem que fosse uma moeda de ouro, Senhor, eu teria muito prazer em dá-la, e inteiramente como uma oferta. Mas nós somos pobres. Devia procurar o seu empréstimo no monte. - Fez um gesto na direção do Tor. - Os pagãos, Senhor, têm lá armazenado durante séculos bastante ouro infiel!

- O Tor - intervim friamente - foi atacado por Gundleus, quando Norwenna foi morta. O pouco ouro que havia, e era mesmo muito pouco, foi roubado.

Sansum fingiu ter reparado em mim apenas naquele momento.

- É Derfel, não é? Bem me parecia. Bem-vindo a casa, Derfel!

- Lorde Derfel - disse Artur, corrigindo Sansum.

Os olhos pequeninos de Sansum abriram-se desmedidamente.

- Louvado seja Deus! Louvado seja! Está subindo na vida, Lorde Derfel, e que satisfação isso me dá, um humilde eclesiástico que agora poderá se vangloriar de que o conheceu quando era um simples lanceiro. Então agora é um lorde? Que bênção! E

que grande honra que a sua presença nos dá! Mas até o senhor sabe, meu querido Lorde Derfel, que quando o rei Gundleus atacou o Tor, também atacou os pobres monges que lá viviam. Ai de mim, que devastação ele causou! O santuário sofreu por Cristo e nunca mais recuperou.

- Gundleus foi primeiro ao Tor - disse eu. - Eu sei, porque estava lá. E ao fazê-lo, deu tempo aos monges daqui para esconderem os seus tesouros.

- Que fantasias que vocês, os pagãos, alimentam sobre nós, os cristãos!

Ainda afirmam que nós comemos bebês nas nossas festas do amor?

E Sansum riu.

Artur suspirou.

- Meu querido bispo Sansum - disse ele - eu sei que o meu pedido é duro. Sei que é seu dever preservar a riqueza da sua igreja, para que ela possa crescer e refletir a glória de Deus. Tudo isso eu sei, mas também sei que, se não tivermos o dinheiro necessário para lutar contra os nossos inimigos, então o inimigo virá aqui e deixará de haver igreja, deixará de haver Espinheiro Sagrado e o bispo do santuário - espetou um dedo nas costelas de Sansum - nada mais será do que ossos secos, limpos pelos bicos dos corvos.

- Há outras formas de manter os inimigos afastados dos nossos portões -

disse Sansum, insinuando de forma imprudente que Artur era a causa da guerra e que, se Artur saísse simplesmente de *Dumnónia*, Gorfyddyd ficaria satisfeito.

Artur não ficou zangado. Limitou-se a sorrir.

- O seu tesouro é preciso para *Dumnónia*, bispo.

- Nós não temos tesouro nenhum. Ai de mim! - Sansum fez o sinal da cruz. -

Deus é testemunha, meu Senhor, de que não temos nada.

Me dirigi devagar para o espinheiro.

- Os monges de *Ivinium* - disse eu, referindo-me ao mosteiro que ficava alguns quilômetros para sul - são melhores jardineiros do que vocês, bispo. - Tirei a *Hywelbane* da bainha e com a ponta piquei o solo ao lado da deplorável árvore. -

Talvez devêssemos desenterrar o Espinheiro Sagrado e entregá-lo aos cuidados de *Ivinium*. Estou certo que os monges de lá pagariam um bom preço por esse privilégio.

- E o Espinheiro estaria mais longe dos Saxões! - disse Artur vivamente. -

Com certeza aprova nosso plano, não é verdade, bispo?

Sansum agitava desesperadamente as mãos.

- Os monges de *Ivinium* são uns tolos ignorantes, Senhor, que apenas resmungam orações. Se suas Senhorias esperarem na igreja, talvez eu encontre algumas moedas que sirvam o seu propósito.

- Faça isso - disse Artur.

Fizeram-nos entrar aos três na igreja. Era um edifício simples com chão de pedra, paredes de pedra e um telhado com vigas. Era um local escuro, pois pouca luz entrava pelas janelas altas e estreitas onde havia pardais fazendo barulho e onde cresciam goiveiros. Ao fundo da igreja estava uma mesa de pedra com um crucifixo em

cima. Nimue, com o capuz puxado para trás, cuspiu para o crucifixo enquanto Artur caminhou devagar até à mesa e, dando um pequeno salto, sentou-se nela.

- Não gosto nada de fazer isto, Derfel - disse ele.

- Porque haveria de gostar, senhor?

- Não queria ofender os deuses - disse Artur com melancolia.

- Dizem que este Deus - disse Nimue com desdém - é um Deus que perdoa.

É melhor ofender este tipo de deus do que outro qualquer.

Artur sorriu. Usava um colete simples, calças, botas, uma capa e a Excalibur.

Não trazia ouro nenhum, nenhuma armadura, mas não podia haver engano quanto à

sua autoridade nem, naquele momento, quanto ao seu constrangimento. Ficou sentado em silêncio durante algum tempo e, por fim, levantou os olhos para mim.

Nimue andava explorando as pequenas salas ao fundo da igreja e nós estávamos sozinhos.

- Talvez eu devesse sair da Grã-Bretanha - disse Artur.

- E entregar *Dumnónia* a Gorfyddyd?

- Quando chegar a hora, Gorfyddyd colocará Mordred no trono - disse Artur -

e isso é tudo o que importa.

- Ele diz isso? - perguntei.

- Diz.

- E que mais diria ele? - argumentei, aterrado por o meu senhor pensar no exílio. - Mas a verdade - acrescentei energicamente - é que Mordred pagará tributo a Gorfyddyd e por que razão devia Gorfyddyd colocar no trono alguém que lhe paga tributo? Porque não pôr um dos seus parentes no trono? Porque não pôr o seu filho Cuneglas no nosso trono?

- Cuneglas é um homem honesto - insistiu Artur.

- Cuneglas fará o que o pai mandar - disse eu desdenhosamente - e Gorfyddyd quer ser Rei Supremo, o que significa que certamente não quer que o herdeiro de outro Rei Supremo cresça para se tornar num rival. Além disso, acha que os druidas de Gorfyddyd vão deixar um rei aleijado viver? Se partir, senhor, os dias de Mordred estão contados.

Artur não respondeu. Continuou sentado, com as mãos na beira da mesa e a cabeça inclinada para baixo, olhando para o chão. Ele sabia que eu estava certo, tal como sabia que, de todos os senhores da guerra da Grã-Bretanha, só ele lutava por Mordred. O resto da Grã-Bretanha queria um homem dos seus no trono de *Dumnónia*, enquanto Guinevere queria que o próprio Artur lá se sentasse. Ele olhou para mim.

- Guinevere...? - começou ele.

- Sim - interrompi-o tristemente.

Eu pensava que ele se referia à ambição de Guinevere de colocá-lo no trono de *Dumnónia*, mas ele tinha pensado em outro assunto diferente.

Saltou da mesa e começou a andar para cima e para baixo.

- Compreendo seus sentimentos em relação a Lancelot - disse ele, surpreendendo-me, - mas pense nisto, Derfel. Imagine que *Benoic* era o seu reino e imagine que acreditava que eu o salvaria para o devolver, pois sabia que eu tinha feito um juramento de que o salvaria e, depois, eu não o salvava. É que *Benoic* foi destruído. Será que isso não te ia deixar amargo? Será que isso não te ia deixar desconfiado? O rei Lancelot sofreu muito e esse sofrimento foi-lhe infligido pelas minhas mãos! Pelas minhas mãos! E eu quero, se puder, compensar as suas perdas.

Não posso recapturar *Benoic*, mas talvez possa dar-lhe outro reino.

- Qual? - perguntei.

Ele sorriu manhosamente. Já preparara todo o esquema e sentia um enorme prazer em revelá-lo.

- *Silúria* - disse ele. - Suponhamos que conseguimos vencer Gorfyddyd e, com ele, Gundleus. Gundleus não tem herdeiro, Derfel, se conseguirmos matar Gundleus, fica um trono vago. Nós temos um rei sem trono, eles têm um trono sem rei.

Mais, nós temos um rei solteiro! Oferecemos Lancelot como marido a Ceinwyn e Gorfyddyd terá a filha como rainha e nós teremos o nosso amigo no trono siluriano. É

a paz, Derfel! - Falou com todo o seu antigo entusiasmo, construindo uma visão maravilhosa com as suas palavras. - Uma união. Uma união por casamento que eu nunca fiz, mas que agora podemos fazer de novo. Lancelot e Ceinwyn! E, para o conseguirmos, só temos de matar um homem. Apenas um.

Assim como muitos outros que teriam de morrer numa batalha, pensei eu, mas nada disse. Em algum lugar para norte soou o rumor longínquo de um trovão.

O deus *Taranis* estava ciente da nossa presença, pensei, e eu esperava que ele estivesse do nosso lado. O Céu que se via pelas janelas minúsculas estava escuro como a noite.

- Então? - pressionou Artur.

Eu nada dissera, porque a idéia de Lancelot casar com Ceinwyn me era tão dolorosa que eu não podia confiar no meu julgamento, mas me esforcei para soar cortês.

- Primeiro temos de comprar os Saxões e derrotar Gorfyddyd - disse eu amargamente.

- E se conseguirmos? - perguntou ele, impaciente, como se as minhas objeções fossem obstáculos banais.

Encolhi os ombros como se a idéia do casamento estivesse além da minha competência de julgar.

- Lancelot gosta da idéia - disse Artur - e a mãe dele também. Guinevere também aprova, mas também era inevitável que aprovasse, já que a idéia de casar Ceinwyn com Lancelot foi dela. É uma menina inteligente. Muito inteligente. - E sorriu, como sorria sempre que pensava na mulher.

- Mas nem mesmo sua inteligente mulher, senhor, pode escolher os aderentes a Mitra – me atrevi a dizer.

Ele levantou a cabeça bruscamente, como se eu lhe tivesse batido.

- Mitra! - disse ele, furioso. - Porque é que Lancelot não pode aderir?

- Porque é um covarde - rosnei, incapaz de esconder por mais tempo a minha amargura.

- Bors diz que não, assim como uma dúzia de outros homens - desafiou-me Artur.

- Pergunte a Galaad - disse eu - e ao seu primo Culhwch.

De repente, começou a ouvir-se a chuva no telhado e, logo depois, começou a pingar água dos peitoris das janelas. Nimue reaparecera na pequena porta em arco ao lado da mesa de pedra, puxando novamente o capuz para cima.

- Se Lancelot provar ser corajoso, promete ser menos severo? - perguntou-me Artur depois de um momento.

- Se Lancelot mostrar que é um lutador, Senhor, serei menos severo. Mas eu achava que ele era agora o guarda do seu palácio.

- O desejo dele é comandar em *Durnovária* apenas até a mão ferida sarar -

explicou Artur. - Mas, se ele lutar, Derfel, vai elegê-lo?

- Se ele lutar bem - prometi, relutante - sim. - Mas tinha certeza absoluta de que aquela era uma promessa que eu jamais teria de cumprir.

- Muito bem - disse Artur satisfeito como sempre que encontrava uma plataforma de entendimento. Depois virou-se, quando a porta da igreja se abriu com estrondo por causa de uma rajada de vento que empurrava a chuva, e Sansum entrou correndo seguido por dois monges. Os dois monges carregavam sacos de couro.

Sacos de couro muito pequenos.

Sansum sacudiu a água da batina enquanto subia a igreja apressado.

- Procuramos, Senhor - disse ele sem fôlego esquadrinhamos tudo, debicamos aqui e acolá e juntamos todos os pequenos tesouros que a nossa miserável casa possui, tesouros que agora colocamos diante de si, num dever humilde, mas relutante. - E sacudiu a cabeça tristemente. - Vamos passar fome esta estação como resultado da nossa generosidade, mas onde uma espada manda, nós, os simples servos de Deus, devemos obedecer.

Os monges despejaram o conteúdo dos dois sacos nas lajes do chão. Uma moeda rolou pelo chão até eu a fazer parar com o pé.

- Ouro do Imperador Adriano! - disse Sansum da moeda. Peguei-a. Era um sestércio de bronze com a cabeça do Imperador Adriano num lado e a imagem de Britânia com o seu tridente e o seu escudo no outro. Dobrei a moeda em duas entre os dedos e atirei-a para Sansum.

- Ouro de tolos, bispo - disse eu.

O resto do tesouro não era muito melhor. Havia algumas moedas usadas, a maioria de cobre e algumas de prata, algumas barras de ferro que eram normalmente usadas como moeda, um pregador de ouro fraco e alguns elos de ouro de uma corrente arrebitada. Tudo aquilo valia talvez uma dúzia de peças de ouro.

- É tudo? - perguntou Artur.

- Nós damos aos pobres, senhor! - disse Sansum. - Mas se as suas necessidades são muitas, então talvez eu possa acrescentar isto. Tirou a corrente de ouro do pescoço.

A pesada cruz e a sua grossa corrente valiam facilmente quarenta ou cinquenta peças de ouro e agora, relutante, o bispo entregava-a a Artur.

- O meu empréstimo pessoal para a sua guerra, senhor - sugeriu ele. Artur ia pegar a corrente, mas Sansum puxou-a imediatamente

para trás.

- Senhor - disse, baixando a voz, pelo que só Artur e eu o podíamos ouvir - eu fui injustamente tratado no ano passado. Pelo empréstimo desta corrente - sacudiu-a, fazendo os elos tilintar - exijo que a minha nomeação para capelão particular do rei Mordred seja honrada. O meu lugar é ao lado do rei, Senhor, não aqui, nesta terra pantanosa e pestilenta.

Antes de Artur poder responder, a porta da igreja abriu-se de novo e um Issa todo encharcado entrou trôpego por ali dentro. Sansum virou-se furioso para o recém-chegado.

- A igreja não está aberta a peregrinos! - disse o bispo com brusquidão. - Há

serviços regulares. Agora sai! Fora!

Issa afastou o cabelo molhado do rosto, sorriu de esguelha e dirigiu-se a mim.

- Eles escondem todos os seus bens ao lado do lago por trás da casa grande, senhor, está tudo debaixo de um monte de pedras. Eu os vi meterem lá o tributo de hoje.

Artur arrancou a pesada corrente da mão de Sansum.

- Pode ficar com os outros tesouros -indicou com um gesto a coleção já puída que jazia no chão - para alimentar a sua casa miserável durante o Inverno, bispo. E

fique também com o seu colar para se lembrar de que o seu pescoço é um presente meu. - E encaminhou-se a passos largos para a porta.

- Senhor! - gritou Sansum, em protesto. - Imploro...

- Então implore. - Interrompeu-o Nimue, afastando o capuz do rosto.
- Implore, cão. - Virou-se e cuspiu no crucifixo e, em seguida, no chão da igreja e, uma terceira vez, para Sansum. - Implore, monte de lixo.

- Meu Deus! - Sansum empalideceu ao ver a sua inimiga. Cambaleou para trás, fazendo no peito o sinal da cruz. Por um momento parecia tão aterrado que parecia nem conseguir falar. Devia ter pensado que Nimue estava perdida para sempre na ilha dos Mortos. No entanto, ali estava ela, cuspendo em tudo, triunfante.

Fez o sinal da cruz pela terceira vez, e rodou nos calcanhares, virando-se para Artur. -

Atreve-se a trazer uma bruxa para dentro da casa de Deus! Isto é sacrilégio! Oh, Cristo! - Deixou-se cair de joelhos e ergueu os olhos para as vigas do teto. - Mande o fogo do céu! Mande-o agora!

Artur ignorou-o, mergulhando na chuva pesada e persistente que esfarrapava as patéticas fitas votivas amarradas ao Espinheiro Sagrado.

- Chame os outros lanceiros para dentro - ordenou Artur a Issa. Os meus homens tinham esperado fora do santuário, não fosse Sansum ter tentado esconder os seus tesouros do lado de fora da muralha circundante, mas agora os lanceiros tinham entrado no recinto para ajudar a afastar os monges fanáticos da pilha de rochas que escondia o seu tesouro secreto. Alguns dos monges caíram de joelhos ao verem Nimue. Sabiam quem ela era. Sansum correu lá para fora e atirou-se para cima das pedras, decretando dramaticamente que sacrificaria a sua vida para preservar o dinheiro de Deus. Artur sacudiu a cabeça tristemente.

- Tem certeza que quer fazer mesmo esse sacrifício, Lorde bispo?

- Meu Deus adorado! - rugiu Sansum. - O teu servo está chegando, assassinado por homens malvados e pela sua bruxa imunda! Tudo

o que fiz foi obedecer à Tua palavra. Recebe-me, Senhor! Recebe este Teu humilde servo! - A isto seguiu-se um grito, quando ele antecipava já a sua morte, mas era apenas Issa levantando-o pelo cachaço e pelos fundilhos da batina, levando-o devagar da pilha de pedras para o lago onde deixou Sansum cair na água pouco funda e lamacenta. -

Estou me afogando, Senhor! - gritou Sansum. - Lançado para as águas poderosas como Jonas foi atirado para o oceano! Um mártir por Cristo! Assim como Paulo e Pedro foram martirizados, Senhor, também eu serei!

Fez algumas insistentes bolhas, mas ninguém além do seu Deus lhe prestava atenção, pelo que não teve outro remédio senão arrastar-se devagar para fora das águas peçadas de caparrosas lamacentas, lançando pragas aos meus homens que retiravam avidamente as pedras para o lado.

Por baixo da pilha de rochas havia uma cobertura de tábuas de madeira que se levantava, revelando uma cisterna de pedra abarrotada de sacos de couro e, nos sacos, havia ouro. Grossas moedas de ouro, correntes de ouro, estátuas de ouro, colares de ouro, pregadores de ouro, pulseiras de ouro, alfinetes de ouro. Todo o ouro trazido ali por centenas de peregrinos à procura da bênção do Espinheiro e que agora Artur fazia questão de que um monge contasse e pesasse para que uma receita apropriada fosse entregue ao mosteiro. Deixou os meus homens vigiando a contagem enquanto ele próprio levava um Sansum encharcado e protestando até ao Espinheiro.

- Primeiro tem de aprender a criar espinheiros antes de se intrometer nos negócios dos reis, Lorde bispo - disse Artur. Não vai ser restituído à capelania do rei, mas vai ficar aqui aprendendo agricultura.

- Quando plantar a próxima árvore espalhe em volta dela palha úmida e folhas - aconselhei-o. - Deixe que as raízes se mantenham úmidas enquanto se fixam à terra. E não transplante uma árvore em flor, bispo, elas não gostam. Foi esse o seu problema com os últimos espinheiros que plantou aqui, desenterrou-os do bosque na época errada. Traga-os no Inverno e cave-lhes um bom buraco com algum estrume, palha molhada e folhas e talvez consiga um verdadeiro milagre.

- Perdoe-lhes, Senhor! - disse Sansum, caindo de joelhos e olhando para o céu úmido.

Artur quis visitar o Tor, mas antes perfilou-se ao lado do túmulo de Norwenna, que se tornara um lugar de veneração para os cristãos.

- Ela foi uma mulher mal usada - disse-me ele.

- Todas as mulheres o são - disse Nimue. Ela tinha-nos seguido até o túmulo ao lado do Espinheiro Sagrado.

- Não - insistiu Artur. Talvez a maioria das pessoas seja, mas as mulheres não são mais do que os homens. Mas esta mulher foi e nós ainda temos de vingá-la.

- Teve a sua oportunidade de vingança uma vez - acusou-o bruscamente Nimue - e deixou que Gundleus vivesse.

- Porque eu tinha esperança de que houvesse paz - disse Artur. - Mas da próxima vez ele morre.

- A sua mulher - disse Nimue – o prometeu a mim.

Artur encolheu os ombros, sabendo quanta crueldade se ocultava por trás do desejo de Nimue, mas concordou com um aceno de cabeça.

- Ele é seu - disse ele - prometo.

Virou-se e conduziu-nos por entre a chuva torrencial até ao cume do Tor.

Nimue e eu regressávamos para casa, Artur ia ver Morgana.

Abraçou a irmã no salão. A máscara de ouro de Morgana refletia um brilho baço à luz tempestuosa. À volta do pescoço trazia o colar de garras de urso encaستoadas em ouro que Artur lhe trouxera de *Benoic* há muito, muito tempo.

Agarrou-se a ele, desesperada por afeto, e eu deixei-os sozinhos. Nimue, quase como se nunca tivesse estado afastada do Tor, curvou-se para entrar na pequena porta dos aposentos reconstruídos de Merlim enquanto eu corri debaixo de chuva até à cabana de Gudovan. Encontrei o velho escrivão sentado à sua mesa, mas não trabalhando, pois ficara cego devido à catarata, apesar de ter dito que conseguia ainda distinguir o claro do escuro.

- E agora está quase sempre escuro - disse ele tristemente e, depois, sorriu. -

Imagino que agora deve estar crescido demais para te bater, Derfel.

- Pode tentar, Gudovan, mas já não vai valer de muito.

- E alguma vez valeu? - Soltou um riso abafado. - Merlim me falou de você

quando aqui estive a semana passada. Não que tivesse ficado muito tempo. Chegou, falou conosco, deixou-nos outro gato, como se já não tivéssemos gatos de sobra, e foi embora. Nem sequer passou a noite. Estava com muita pressa.

- Sabe para onde foi? - perguntei.

- Ele não disse, mas onde acha que foi? - perguntou Gudovan com um toque da sua antiga rudeza. - Atrás de Nimue. Pelo menos

penso que é o que ele está

fazendo agora, ainda que não perceba porque há de ir atrás daquela menina tola. Ele devia ficar com uma escrava! - Fez uma pausa e, de repente, vieram-lhe as lágrimas aos olhos. - Sabe que Sebile morreu? Pobre mulher. Foi assassinada, Derfel!

Assassinada! Cortaram-lhe a garganta. Ninguém sabe quem fez isso. Algum viajante, acho. Em breve o mundo ficará entregue às feras, Derfel, às feras. - Por um momento pareceu perdido, mas logo reencontrou o fio dos seus pensamentos. - Merlim devia usar uma escrava. Não há nada de mal numa escrava solícita e há muitas na cidade que prestam o serviço por uma moeda. Eu uso a casa ao lado da antiga oficina de Gwlyddyn. Há lá uma mulher simpática, embora nestes últimos tempos costumemos falar mais do que pular na cama. Estou ficando velho, Derfel.

- Não me parece nada velho. E Merlim não está de Nimue. Ela está aqui.

Soou de novo um trovão e a mão de Gudovan apanhou um bocado de ferro que conservou apertado como proteção contra o mal.

- Nimue está aqui? - perguntou admirado. - Mas soubemos que ela estava na ilha. - Tocou de novo no ferro.

- Esteve, mas já não está - disse eu, sucinto.

- Nimue... - Articulou o nome sem querer acreditar. - Ela vai ficar?

- Não, vamos todos para Leste ainda hoje.

- Deixando-nos sozinhos? - perguntou ele irritado. - Sinto falta de Hywel.

- Eu também.

Ele suspirou.

- Os tempos mudam, Derfel. O Tor não é o que era. Estamos todos velhos e não há crianças. Sinto falta delas e o pobre Druidan não tem ninguém para perseguir.

Pellinore discursa para o vazio, enquanto Morgana está cada vez mais amarga.

- E não foi sempre? - perguntei casualmente.

- Ela perdeu o poder que tinha - explicou ele. - Não o poder de interpretar os sonhos ou curar os enfermos, mas o poder de que desfrutava, quando Merlim estava aqui e Uther estava no trono. E ela se ressentia disso, Derfel, tal como se ressentia da sua Nimue. - Fez uma pausa, pensativo. - Ficou sobretudo furiosa quando Guinevere mandou buscar Nimue para combater Sansum por causa daquela capela em *Durnovária*. Morgana acredita que ela é que devia ter sido convocada, mas ouvimos dizer que Lady Guinevere só quer à sua volta o que é bonito e, nesse caso, o que é

que resta a Morgana? - E soltou uma risada abafada, em resposta à sua própria pergunta. - Mas ela é ainda uma mulher forte, Derfel, e, como tem a ambição do irmão, não se contentará em ficar aqui ouvindo os sonhos dos camponeses e esfregando ervas para curar a febre do leite. Ela anda aborrecida! Tão aborrecida que até joga no tabuleiro com o miserável do bispo Sansum do santuário. Por que o mandaram para *Ynys Wydryn*?

- Porque não o queriam em *Durnovária*. Quer dizer que mesmo aqui ele faz jogos com Morgana?

Gudovan assentiu com um aceno.

- Ele diz que precisa de uma companhia inteligente e que ela tem a cabeça mais esperta de *Ynys Wydryn*, e eu me atrevo a dizer que ele está certo. Prega-lhe sermões, é claro, disparates intermináveis

sobre uma virgem que dá à luz um Deus que depois é pregado numa cruz, mas Morgana não deixa que nada lhe passe para dentro da máscara. Pelo menos, assim espero. - Fez uma pausa e beberricou de um copo de chifre com hidromel onde uma vespa se debatia enquanto se afogava.

Quando pousou o copo, tirei a vespa e esmaguei-a em cima da mesa. - O Cristianismo ganha convertidos, Derfel Até a mulher de Gwlyddyn, aquela mulher simpática, Ralla, se converteu, o que provavelmente significa que Gwlyddyn e os dois filhos vão segui-la. Eu não me importo, mas porque é que têm de cantar tanto?

- Você não gostas de cantar? - arreliei-o.

- Ninguém gosta mais de uma boa canção do que eu! - disse ele, resoluto. - A Canção da Batalha de Uther ou o Cântico da Chacina de Taranis, a isso é que eu chamo uma canção, não estes choros e lamentos sobre serem pecadores e precisarem de perdão. - Suspirou e sacudiu a cabeça. - Soube que estive em *Ynys Trebes*, não foi? - perguntou ele.

Contei-lhe a história da queda da cidade. Parecia uma história bem apropriada para quem ali estava sentado ouvindo a chuva cair nos campos lá fora, com as trevas descendo por toda a *Dumnónia*. Quando cheguei ao fim da história, Gudovan olhava pela porta, sem nada ver, e também não disse nada. Pensei que tivesse adormecido, mas, quando me levantei do banco, ele fez um gesto com a mão para que me sentasse de novo.

- As coisas estão tão mal como o bispo Sansum as pinta? - perguntou.

- Estão más, sim, meu amigo - admiti.

- Ora, conte-me.

Contei-lhe como os Irlandeses e os habitantes da *Cornualha* estavam atacando a Oeste, onde Cadwy ainda fingia governar um reino independente. Tristan fazia o que podia para deter os soldados de seu pai, mas o rei Mark não conseguia resistir à tentação de enriquecer o seu pobre reino roubando de uma *Dumnónia* enfraquecida. Contei-lhe como os Saxões de Aelle tinham quebrado a trégua, mas acrescentei que o exército de Gorfyddyd ainda era o que constituía a maior ameaça.

- Ele juntou os homens de *Elmet*, *Powys* e *Silúria* - disse eu a Gudovan - e, assim que terminarem as colheitas, vai trazê-los para o Sul.

- E Aelle não luta contra Gorfyddyd? - perguntou o velho escrivão.

- Gorfyddyd comprou a paz com Aelle.

- E Gorfyddyd vai ganhar? - perguntou Gudovan.

Fiz uma longa pausa.

- Não - disse eu, finalmente, não por ser essa a verdade, mas porque não queria que aquele velho amigo se preocupasse pensando que o último vislumbre que teria desta vida seria um clarão de luz, quando a espada de um guerreiro girasse em direção aos seus olhos cegos. - Artur vai combater contra eles e Artur tem ainda de ser vencido.

- Você também vai combatê-lo?

- É esse agora o meu trabalho, Gudovan.

- Você teria dado um bom escrivão - disse ele tristemente. - É uma profissão honrada e útil, apesar de ninguém nos fazer lordes por ela.

- Achava que ele não sabia do título que me tinha sido concedido e, de repente, me senti envergonhado por estar tão orgulhoso dele.

Gudovan tateou à procura do hidromel e bebeu mais um gole. - Se vir Merlim, diga-lhe para voltar. O Tor está morto sem ele.

- Direi, sim.

- Adeus, Lorde Derfel - disse Gudovan, e eu senti que ele sabia que não voltaríamos a nos encontrar neste mundo. Tentei abraçar o ancião, mas ele afastou-me com medo de trair as suas emoções.

Artur esperava no portão que dava para o mar, olhos postos no Oeste, além dos pântanos varridos por grandes e descoradas ondas de chuva.

- Isto será mau para as colheitas - disse ele tristemente. Um relâmpago tremeluziu por cima do mar Severn.

- Houve uma tempestade como esta depois da morte de Uther - disse eu.

Artur aconchegou a capa ao corpo.

- Se o filho de Uther não tivesse morrido... - disse ele, ficando em silêncio em vez de terminar o pensamento. A sua disposição estava tão sombria e gélida como o tempo.

- O filho de Uther não podia ter lutado contra Gorfyddyd, aenhor, nem contra Aelle.

- Nem contra Cadwy - acrescentou ele amargamente. - Nem contra Cerdic.

Tantos inimigos, Derfel.

- Então alegre-se por ter amigos, senhor.

Ele reconheceu essa verdade com um sorriso e virou-se para olhar para o Norte.

- Preocupo-me com um amigo - disse suavemente. - Estou com medo de que Tewdric não combata. Está cansado da guerra e não posso culpá-lo por isso. *Gwent* sofreu muito mais do que *Dumnónia*.
- Olhou para mim e havia lágrimas nos seus olhos, ou talvez fosse apenas a chuva. - Eu queria fazer coisas tão importantes, Derfel, coisas tão importantes. E, no fim, fui eu quem os traiu, não foi?

- Não, meu senhor - disse eu firmemente.

- Os amigos devem dizer a verdade - censurou-me ele suavemente.

- O senhor precisava de Guinevere - disse eu, embaraçado por estar falando assim - e estava destinado a ficar com ela, senão por que razão os deuses a teriam trazido para o salão de festas na noite dos seus esponsais? Não cabe a nós, senhor, ler as mentes dos deuses, apenas viver plenamente o nosso destino.

Ele fez um esgar ao me ouvir dizer isto, pois gostava de acreditar que era senhor do seu próprio destino.

- Acha que devemos descer como tolos os caminhos do destino?

- Acho, Senhor, que quando o destino nos agarra fazemos bem em pôr a razão de lado.

- E eu pus - disse ele calmamente, e sorriu. – Você amas alguém, Derfel?

- As únicas mulheres que amo, senhor, não são para mim - respondi com autocompaixão.

Ele franziu as sobrancelhas e abanou a cabeça com comiseração.

- Pobre Derfel - disse, com voz suave, e alguma coisa no seu tom de voz me fez olhar para ele. Será que julgava que eu quisera incluir Guinevere entre essas mulheres? Corei e pensei no que havia de dizer, mas Artur já tinha se voltado para ver Nimue saindo da casa. -

Um dia destes, quando tivermos tempo, tem de me contar o que aconteceu na ilha dos Mortos.

- Contarei, depois da nossa vitória - respondi. - Quando precisar de boas histórias para preencher as longas noites de Inverno.

- Sim, depois da nossa vitória. - No entanto, ele não me parecia muito esperançoso. O exército de Gorfyddyd era enorme e o nosso tão pequeno.

Mas antes de podermos lutar contra Gorfyddyd tínhamos de comprar a paz saxônica com o dinheiro de Deus. E, assim, viajamos em direção a *Lloegyr*.

Sentimos o cheiro de *Durocobravis* muito antes de chegarmos perto da cidade.

Esse cheiro surgiu no nosso segundo dia de viagem e estávamos ainda a um dia e meio da cidade capturada, mas o vento soprava de leste e trazia consigo o cheiro forte e azedo da morte e da fumaça que atravessava as terras de cultivo agora desertas. Os campos estavam prontos para as colheitas, mas as pessoas tinham fugido aterradas por causa dos Saxões. Em *Cunétio*, uma pequena cidade construída pelos Romanos, onde passamos a noite, os refugiados enchiam as ruas e o gado tinha sido amontoado em currais reerguidos à pressa para o Inverno. Ninguém tinha aplaudido Artur em *Cunétio* e não admira, pois o culpavam tanto pelo arrastar da guerra como pelos desastres por ela provocados. Os homens resmungavam que tinha havido paz sob o comando de Uther e nada mais do que guerra sob o comando de Artur.

Os cavaleiros de Artur iam à frente da nossa silenciosa coluna. Levavam a sua armadura, lanças e espadas, mas os escudos iam deitados e levavam ramos verdes amarrados nas pontas das lanças, sinal de que vínhamos em paz. Atrás da guarda avançada marchavam os lanceiros de Lanval e depois deles duas vintenas de mulas carregadas com o ouro de Sansum e com todos os pesados

escudos de couro que os cavalos de Artur usavam nas batalhas. Um segundo contingente menor de cavaleiros formava a retaguarda. O próprio Artur caminhava a pé com os meus lanceiros com caudas de lobo nos elmos atrás do portador do seu estandarte, que cavalgava com o grupo de cavaleiros da frente. A égua negra de Artur, *Llamrei*, era levada por Hygwydd, o seu servo, e com ele ia um estranho que imaginei ser outro servo. Nimue caminhava conosco e, tal como Artur, tentou aprender alguma coisa da língua saxônica comigo, mas nenhum deles se revelou bom aluno. Nimue depressa se cansou daquela língua rude enquanto Artur tinha muito mais em que pensar. Mesmo assim aprendeu devidamente algumas palavras: paz, terra, lança, comida, mãe, pai.

Eu ia ser o seu intérprete, na primeira de muitas vezes em que falei por Artur e reverti as palavras do seu inimigo.

Encontramos o inimigo ao meio-dia, quando descíamos uma longa, mas suave, encosta com bosques dos dois lados da estrada. De repente uma seta saiu de entre as árvores enterrando-se na erva à frente do nosso homem da vanguarda, Sagramor. Ele levantou uma mão e Artur gritou que todos os homens da coluna ficassem quietos.

- Nada de espadas! - ordenou ele. - Esperem apenas!

Os Saxões deviam ter nos observado durante toda a manhã, pois tinham reunido um pequeno grupo guerreiro para nos enfrentar. Esses homens, sessenta ou setenta bem fortes, saíram de entre as árvores atrás do seu chefe, um homem de peito largo que caminhava atrás de um estandarte de chefe militar feito de chifres de veado onde estavam pendurados pedaços de pele humana morena.

O chefe militar tinha o amor saxão pelas peles, um afeto sensato, pois poucas coisas evitam tão bem um golpe de espada como uma rica e espessa pele. O homem usava um colarinho de uma pesada pele preta em redor do pescoço e tiras de pele à

volta da parte de cima dos braços e das coxas. O resto da sua indumentária era de couro ou de lã: um colete, calças, botas e um elmo de couro com uma crista formada por um tufo de pele preta. À cinta trazia pendurada uma longa espada, enquanto na mão empunhava a arma favorita dos Saxões o machado de lâmina larga.

- Estão perdidos, *wealhas*? gritou ele. *Wealhas* era a palavra deles para nós, os Bretões. Significa estrangeiros e tem um som ridículo, tal como o nosso Sais tem para eles. - Ou estão apenas cansados de viver?

Manteve-se firme, no meio do caminho, pernas abertas, cabeça erguida e o machado descansando sobre o ombro. Tinha barba castanha e uma massa de cabelo castanho que saía nitidamente por baixo do rebordo do elmo. Os seus homens, alguns com elmos de ferro, outros com elmos de couro e quase todos trazendo machados, formaram uma muralha de escudos, cortando a estrada. Alguns tinham cães enormes presos com trela, feras do tamanho de lobos e sabíamos que, recentemente, os Sais andavam usando esses cães como armas, atirando-os contra as nossas muralhas de escudos apenas alguns segundos antes de atacarem com o machado e a lança. Os cães assustavam alguns dos nossos homens ainda mais do que os Saxões.

Caminhei ao lado de Artur, parando a poucos passos do saxão desafiador.

Nenhum de nós trazia lança ou escudo e as nossas espadas descansavam nas bainhas.

- O meu senhor - disse eu em saxão - é Artur, Protetor de *Dumnónia*, que vem em paz.

- Por agora - disse o homem - a paz é sua, mas só por agora. - Falava em tom de desafio, mas ficara impressionado com o nome de Artur e lançou um longo e curioso olhar ao meu senhor antes de voltar a olhar para mim. – Você é saxão?

- Nasci saxão. Mas agora sou britânico.

- Será que um lobo se pode transformar num sapo? - perguntou com o olhar carrancudo. - Porque não se torna outra vez saxão?

- Porque jurei prestar serviço a Artur - disse eu - e esse serviço é levar ao seu rei uma grande oferta em ouro.

- Você berra bem para um sapo - disse ele. Me chamo Therdig.

Nunca ouvira falar dele.

- A sua fama - disse eu - provoca pesadelos nas nossas crianças.

Ele deu uma gargalhada.

- Falou bem, sapo. Então quem é o nosso rei?

- Aelle - disse eu.

- Não te ouvi, sapo.

Suspirei.

- *Bretwalda* Aelle.

- Muito bem, sapo - disse Therdig.

- Nós, os Bretões, não reconhecíamos o título de *Bretwalda*, Governador da Grã-Bretanha, mas eu o usara para apaziguar o chefe saxônico. Artur, que não entendia nada da nossa conversa, esperava pacientemente que eu estivesse pronto para traduzir alguma coisa. Mas tinha confiança em quem nomeara seu intérprete e não me apressava nem intervinha.

- O *Bretwalda* - disse Therdig - está a algumas horas daqui. Pode me dar alguma razão, sapo, para eu perturbar o seu dia com a

notícia de que uma praga de ratazanas, ratos e vermes rastejou até às suas terras?

- Trazemos ao *Bretwalda* mais ouro do que aquele que consegue imaginar, Therdig. Ouro para os seus homens, para as suas mulheres, para as suas filhas e até

ouro suficiente para os seus escravos. Será esta razão suficiente?

- Mostre-me, sapo.

Era um risco, mas Artur correu esse risco de boa vontade, levando Therdig e seis dos seus homens até às mulas e revelando aí o grande tesouro guardado nos sacos. O risco era que Therdig pudesse decidir que por aquela fortuna valia a pena lutar ali mesmo, naquele momento, mas nós éramos mais do que eles e ver os homens de Artur nos seus cavalos enormes era um impedimento assustador, pelo que se limitou a pegar três moedas de ouro, dizendo que ia informar o *Bretwalda* da nossa presença.

- Esperarão nas Pedras - ordenou-nos. - Estejam lá ao fim da tarde e o meu rei virá vê-los de manhã. - Aquela ordem disse-nos que Aelle devia ter sido avisado de que estávamos nos aproximando e que devia também ter adivinhado porque vínhamos.

- Podem ficar nas Pedras em paz - disse-nos Therdig - até que o *Bretwalda* decida o seu destino.

Nessa noite, pois levou-nos toda a tarde a chegar às Pedras, foi a primeira vez que vi o grandioso anel. Merlim falara muitas vezes deles e Nimue ouvira falar do seu poder, mas ninguém sabia quem os tinha feito ou por que razão os grandes seixos ornamentados estavam enfileirados no seu círculo altaneiro. Nimue estava certa de que só os deuses poderiam ter construído um lugar daqueles e, por isso, começou a entoar rezas quando nos aproximamos dos solitários monólitos cinzentos cujas sombras da noite se estendiam longas e escuras pela terra coberta de erva mortiça.

Um fosso circundava as Pedras que estavam dispostas num grande círculo de pilares com outras pedras formando padieiras em cima, enquanto dentro dessa arcada tosca e maciça existiam rochas verticais mais vastas, muito juntas, em redor de um altar parecido com uma lage. Havia muitos outros círculos de pedras na Grã-Bretanha, alguns até com uma circunferência maior, mas nenhum com aquele mistério e aquela majestade, e todos nós ficamos em silêncio, temerosos, quando nos aproximamos.

Nimue lançou os seus feitiços e, depois, nos disse que era seguro atravessar o fosso, vagueamos maravilhados por entre aqueles seixos dos deuses. Líquenes cresciam espessos nas Pedras, algumas das quais tinham ficado inclinadas ou mesmo tombado ao longo dos anos, enquanto outras estavam profundamente gravadas com nomes e números romanos. Gereint fora o Senhor daquelas Pedras, um cargo legado por Uther para recompensar o homem responsável por defender a nossa fronteira leste contra os Saxões, se bem que agora um outro homem tivesse de ficar com o título e tentar empurrar Aelle para lá da incendiada *Durocobravis*. Nimue disse-me que era vergonhoso que Aelle exigisse encontrar-se conosco ali, tão dentro de *Dumnónia*.

Havia bosques num vale que ficava a um quilómetro e meio para Sul e nós usamos as mulas para ir buscar madeira suficiente para fazer uma fogueira que ardia brilhante naquela noite assombrada por fantasmas. Outras fogueiras ardiam também para lá do horizonte leste, prova de que os Saxões tinham nos seguido. Foi uma noite desassossegada. A nossa fogueira ardia como uma fogueira de Beltain, mas as sombras das chamas nas pedras ainda nos enervavam. Nimue lançou feitiçarias de segurança em redor do fosso e essa precaução acalmou os nossos homens, mas os cavalos presos às estacas relincharam e pisaram a erva durante toda a noite. Artur suspeitava que eles sentiam o cheiro dos cães de guerra dos Saxões, mas Nimue tinha certeza que os espíritos dos mortos rodopiavam à nossa volta. Os nossos vigias agarravam com força as hastes das lanças e desafiavam cada sopro de vento que

passava pelas elevações dos túmulos que circundavam as Pedras, mas não fomos incomodados por nenhum cão, nenhum espírito nem nenhum guerreiro, se bem que poucos de nós tivessem dormido.

Artur não pregou olho. A certa altura da noite me pediu para passear um pouco com ele e eu andei a seu lado em redor do círculo exterior das grandes pedras.

Durante algum tempo caminhou sem falar, com a cabeça descoberta sob as estrelas.

- Já aqui estive uma vez - disse, quebrando o silêncio abruptamente.

- Quando, senhor? - perguntei.

- Há dez anos. Talvez onze. - Encolheu os ombros como se o número de anos não fosse importante. - Merlim me trouxe aqui. - Ficou novamente em silêncio e eu nada disse, pois senti pelas suas últimas palavras que aquele lugar ocupava um lugar especial na sua memória. E ocupava mesmo, pois, finalmente, ele parou e apontou para a rocha cinzenta que parecia um altar, no coração das Pedras. - Foi ali, Derfel, que Merlim me deu a *Caledfwlch*.

Eu olhei para a bainha da espada, ornamentada com losangos.

- Um presente precioso, senhor - disse eu.

- Um presente pesado, Derfel. Ele veio com um fardo. - Puxou-me pelo braço para que continuássemos andando. - Ele a deu na condição de eu fazer o que ele me ordenasse e eu obedeci. Fui para *Benoic* e aprendi com Ban quais os deveres de um rei. Aprendi que um rei é tão bom como o homem mais pobre sob seu comando. Esta foi a lição de Ban.

- Mas foi uma lição que o próprio Ban não aprendeu - disse eu, amargamente, pensando em como Ban ignorara o seu povo para enriquecer *Ynys Trebes*.

Artur sorriu.

- Alguns homens são melhores na teoria do que na prática, Derfel. Ban era muito sensato, mas pouco prático. Eu tenho de ser ambas as coisas.

- Para ser rei? – me atrevi a perguntar, pois expor essa ambição era contra tudo o que Artur afirmava sobre o seu destino.

Mas Artur não se ofendeu com as minhas palavras.

- Para ser um governante - disse ele.

Parou de novo e olhou por cima das sombras de capas pretas dos seus homens adormecidos para a pedra no centro do círculo e, para mim, a laje de rocha parecia tremeluzir ao luar, ou talvez fosse apenas a minha fértil imaginação.

- Merlim me mandou ficar nu e permanecer em cima dessa pedra durante toda a noite - continuou Artur. - Havia chuva e vento e estava frio. Ele entoou feitiços e me mandou segurar a espada com o braço estendido e mantê-la assim. Lembro-me que o meu braço estava queimando como o fogo e, por fim, ficou entorpecido, mas mesmo assim ele não me deixou largar a *Caledfwlch*. "Segure-a" gritava-me ele "segure-a", e eu ali fiquei, tremendo enquanto ele convocava os mortos para testemunharem a sua oferta. E eles vieram, Derfel, filas e filas de mortos: guerreiros de olhos vazios e elmos enferrujados que ressuscitaram do Outro Mundo para verem a espada serme oferecida a mim. - Sacudiu a cabeça ante tal lembrança. - Ou talvez eu tenha apenas sonhado com esses homens comidos pelos bichos. Eu era muito novo, e muito impressionável e Merlim sabe como incutir o medo dos deuses nas mentes jovens. Uma vez me assustou com uma multidão de testemunhas mortas. No entanto me ensinou como chefiar homens, como encontrar guerreiros que precisassem de chefes e como combater nas batalhas. Disse-me qual era o meu destino, Derfel. -

Ficou novamente em silêncio. O seu rosto comprido estava ameaçador sob a luz do luar. Depois sorriu com pesar e acrescentou: - Só disparates.

As suas últimas palavras foram ditas tão baixinho que eu quase não as ouvi.

- Disparates? - perguntei, incapaz de esconder a minha desaprovação.

- Eu tenho de entregar a Grã-Bretanha aos seus deuses - disse Artur, vendo-se, pelo tom de voz que escarnecia desse dever.

- E entregarás, senhor - disse eu.

Ele encolheu os ombros.

- Merlim queria um braço forte para segurar uma boa espada - disse ele, -

mas o que os deuses querem, Derfel, isso eu não sei. Se querem a Grã-Bretanha, para que precisam de mim? Ou de Merlim? Será que os deuses precisam dos homens?

Ou somos cães ladrando para chamar os donos que não querem ouvir?

- Nós não somos cães - disse eu. - Somos criaturas dos deuses. Eles devem ter um desígnio bem definido para nós.

- Devem? Talvez servimos apenas para fazê-los rir.

- Merlim diz que perdemos o contato com os deuses - disse eu, teimoso.

- Tal como Merlim perdeu contato conosco - disse Artur firmemente.

- Viu como ele fugiu de *Durnovária* naquela noite em que regressaram de *Ynys Trebes*?

Merlim anda muito ocupado, Derfel. Merlim anda atrás dos seus Tesouros da Grã-Bretanha e o que fizemos em *Dumnónia* não tem qualquer consequência para ele. Eu podia construir um grande reino para Mordred, podia restabelecer a paz e a justiça, podia fazer que cristãos e pagãos dançassem juntos sob a luz do luar e nada disso interessaria a Merlim. Merlim apenas anseia pelo momento em que tudo será

restituído aos deuses e, quando esse momento chegar, ele exigirá que eu lhe devolva a *Caledfwlch*. Essa era a sua outra condição. Eu podia ficar com a espada dos deuses, desde que a devolvesse quando ele precisasse dela.

Havia na voz de Artur um indício de escárnio que me perturbava.

- Não acredita no sonho de Merlim? - perguntei.

Acredito que Merlim é o homem mais sábio da Grã-Bretanha - disse Artur muito sério - e que ele sabe mais do que eu tenho esperança de alguma vez vir a saber. Sei também que o meu destino está ligado ao dele, tal como o seu, está ligado ao de Nimue, mas também acho que Merlim se sente aborrecido desde o momento em que nasceu, por isso está fazendo o que os deuses fazem. Está se divertindo à

nossa custa. O que significa, Derfel, que, quando chegar o momento de devolver a *Caledfwlch*, será o momento em que mais precisarei da espada.

- E então o que vai fazer?

- Não faço idéia. Não faço a mínima idéia. - Pareceu achar esse pensamento divertido, pois sorriu e pôs-me uma mão no ombro. - Vá dormir, Derfel. Amanhã

preciso da sua língua e não a quero mal articulada por causa do cansaço.

Deixei-o, e consegui dormir um pouco encostado a uma pedra pouco distinta batida pela sombra da lua, mas antes de adormecer fiquei pensando na distante noite em que Merlim deixara em brasa o braço de Artur devido ao peso da espada e a sua alma pesada devido ao fardo do destino. Tentava imaginar por que razão Merlim escolhera Artur, pois agora me parecia que Artur e Merlim eram como dois opostos.

Merlim acreditava que o caos só podia ser vencido aproveitando os poderes do mistério enquanto Artur acreditava nos poderes dos homens. Pensei na possibilidade de Merlim ter treinado Artur para governar os homens, para que ele próprio ficasse livre para governar os poderes ocultos, mas também percebi, apesar de obscuramente, que chegaria o momento em que todos nós teríamos de escolher entre eles e temia esse momento. Rezei para que ele nunca chegasse. Depois adormeci até que o sol se levantou, lançando a sombra de uma única coluna de pedra que estava isolada da parte de fora do círculo sobre o coração das Pedras onde nós, os guerreiros cansados, guardávamos o resgate de um reino.

Bebemos água, comemos pão duro e afivelamos as nossas espadas antes de espalharmos o ouro pela erva orvalhada ao lado do altar de pedra.

- O que vai impedir Aelle de ficar com o ouro e continuar a fazer a guerra? -

perguntei a Artur enquanto ele esperava a chegada do saxão. Afinal, Aelle já tinha ficado com ouro nosso antes e isso não o impedira de incendiar *Durocbrivis*.

Artur encolheu os ombros. Usava a sua armadura de reserva, uma cota de malha romana já amassada e cheia de cicatrizes infligidas em muitas batalhas. Usava a pesada cota de malha por baixo de uma das suas capas brancas.

- Nada - respondeu ele - exceto a pouca honra que possa ter. E é por isso que devemos ter de lhe oferecer mais do que ouro.

- Mais? - perguntei eu, mas Artur não respondeu, porque na linha do horizonte, a oriente, embelezada pela luz da madrugada, apareceram os Saxões.

Formavam uma interminável linha ao longo do horizonte com os tambores de guerra rufando e os lanceiros em posição de batalha, embora as suas armas trouxessem folhas nas pontas para mostrar que não nos iriam fazer mal por enquanto.

Aelle vinha à frente. Foi o primeiro de dois homens que conheci que reclamavam o título de *Bretwalda*. O outro veio mais tarde e veio nos dar mais problemas, mas Aelle já era problema suficiente. Era um homem alto, com rosto duro e desinteressante e olhos negros que não revelavam seus pensamentos. Tinha barba negra, as bochechas com cicatrizes de batalhas e faltavam-lhe dois dedos na mão direita. Usava uma cota de tecido preto com um cinto de couro, botas de couro, um elmo de ferro com chifres de touro em cima e sobre tudo isto trazia uma capa de pele de urso que largou quando o calor do dia se tornou demais para vestuário tão flamejante. O seu estandarte era uma cabeça de touro coberta de sangue presa no bastão de uma lança.

O seu grupo guerreiro era de duzentos homens, talvez um pouco mais, e mais de metade desses homens traziam grandes cães de guerra presos com cordas de couro. Atrás dos guerreiros vinha uma horda de mulheres, crianças e escravos.

Agora havia saxões mais do que suficientes para nos dominarem por completo, mas Aelle dera a sua palavra de que estávamos em paz, pelo menos até ele decidir o nosso destino, e os seus homens não se mostraram hostis. A formação deles parou do lado de fora do fosso circundante enquanto Aelle, o seu conselho, um intérprete e um par de feiticeiros vieram encontrar-se com Artur. Os feiticeiros

tinham o cabelo espetado com excrementos de animal e usavam capas grosseiras de pele de lobo.

Quando eles rodopiaram para dizer as suas feitiçarias, as pernas, as caudas e os focinhos dos lobos afastaram-se dos corpos pintados dos bruxos. Gritavam essas feitiçarias à medida que se aproximavam, anulando qualquer magia que pudéssemos ter feito contra o seu chefe. Nimue agachou-se atrás de nós e entoou as suas contra feitiçarias.

Os dois chefes observaram-se mutuamente. Artur era mais alto e Aelle mais encorpado. O rosto de Artur era impressionante, o de Aelle assustador. Era implacável, o rosto de um homem que viera de além mar para fixar um reino numa terra estranha, e ele construía esse reino com uma brutalidade direta e selvagem.

- Devia matá-lo agora mesmo, Artur - disse ele. Ficaria com um inimigo a menos para destruir.

Os seus feiticeiros, nus por baixo das peles comidas pelas traças, agacharam-se atrás dele. Um mastigava um pouco de terra e o outro rolava os olhos enquanto Nimue, com o orifício do olho vazio, sibilava na direção deles. A luta entre Nimue e os feiticeiros era uma guerra privada que os dois chefes ignoraram.

- Chegará a hora, Aelle - disse Artur - em que talvez venhamos a encontrar-nos numa batalha. Mas por agora ofereço-lhe a paz.

Eu estava quase à espera de que Artur se inclinasse perante Aelle que, ao contrário dele próprio, era um rei, mas Artur tratou o *Bretwalda* de igual para igual e Aelle aceitou o tratamento sem protestar.

- Porquê? - perguntou Aelle rudemente.

Aelle não usou rodeios como nós, os Britânicos, costumávamos fazer.

Reparei nessa diferença entre nós e os Saxões. Os pensamentos dos Britânicos seguiam curvas e meandros, como as intrincadas espirais da sua joalheria, enquanto os Saxões eram brutos e diretos, tão rudes como os pesados pregadores de ouro e as correntes para o pescoço que mais pareciam cepos. Os Britânicos raramente abordavam um assunto precipitadamente, perdendo-se em rodeios, envolvendo-o em alusões e sugestões, sempre à procura de manobras, mas os Saxões dão a estocada deixando a sutileza de lado. Uma vez Artur afirmou que eu tinha essa mesma franqueza saxônica e eu penso que ele o disse como um elogio.

Artur ignorou a pergunta de Aelle.

- Pensei que já tínhamos paz. Nós tínhamos um acordo selado com ouro.

O rosto de Aelle não traiu nenhuma vergonha por ter quebrado a trégua.

Limitou-se a encolher os ombros, como se uma paz quebrada fosse coisa sem importância.

- Então, se uma trégua falhou, porquê comprar outra? - perguntou.

- Porque eu tenho uma disputa com Gorfyddyd - replicou Artur, adotando a forma rude dos Saxões - e procuro sua ajuda nessa disputa.

Aelle acenou com a cabeça assentindo.

- Mas se eu o ajudar a destruir Gorfyddyd, você fica mais forte. Porque eu deveria fazer isso?

- Porque, se não o fizer, então Gorfyddyd vai me destruir e, se o fizer, será ele mais forte.

Aelle riu, mostrando os dentes apodrecidos.

- Acaso um cão se importa com qual de dois ratos ele mata? - perguntou Aelle.

Eu traduzi esta frase por se um cão se importava com qual de dois veados ele derruba. Pareceu-me mais diplomático e reparei que o intérprete de Aelle, um escravo britânico, não disse ao seu senhor.

- Não - admitiu Artur, - mas os veados não são todos iguais. - O intérprete de Artur disse que os ratos não eram iguais e eu não disse a Artur. - No máximo, Lorde Aelle preservou *Dumnónia* e faço *Powys* e *Silúria* meus aliados. Mas, se Gorfyddyd ganhar, ele unirá *Elmet*, *Rheged*, *Powys*, *Silúria* e *Dumnónia* contra você.

- Mas também terá *Gwent* do seu lado - disse Aelle.

Era um homem perspicaz e rápido.

- É verdade, mas também o terá Gorfyddyd, se se chegar a uma guerra entre Britânicos e Saxões.

Aelle grunhiu. A situação atual, com os Britânicos lutando entre si, lhe era favorável, mas sabia que as guerras britânicas acabariam por cessar. Uma vez que tudo indicava que Gorfyddyd iria ganhar essas guerras em breve, a presença de Artur proporcionava-lhe uma forma de prolongar o conflito dos seus inimigos.

- Então o que quer de mim? - perguntou.

Os feiticeiros estavam agora saltando de gatas como gafanhotos humanos enquanto Nimue dispunha pedrinhas no chão. O desenho das pedrinhas deve ter perturbado os feiticeiros, pois começaram a soltar ganidos de aflição. Aelle ignorou-os.

- Quero que dê a *Dumnónia* e a *Gwent* três meses de paz - disse Artur

- Está apenas comprando a paz? - Aelle vociferou essas palavras e até

Nimue se sobressaltou. O saxão apontou com uma mão enluvada na direção do seu grupo de guerreiros acocorados com as mulheres, os cães e os escravos do outro lado fosso pouco profundo. - O que é que um exército faz em tempo de paz? Diga-me! Eu lhe prometi mais do que ouro. Eu lhes prometi terra! Prometi escravos! Prometi o sangue dos *wealhas* e você quer dar-me paz? - Cuspiu. - Em nome de Thor, Artur, vou dar-lhe paz, mas a paz será feita atravessando os seus ossos e os meus homens vão revezar-se para possuírem a sua mulher. É essa a minha paz! - Cuspiu para a erva e olhou para mim. - Diga ao teu senhor, cão que metade dos meus homens acabaram de chegar de barco. Não têm as colheitas feitas e nem meios para alimentar a família durante o Inverno. Não podemos comer ouro. Se não tomarmos terras e cereais, vamos ficar esfomeados. De que serve a paz para um homem esfomeado?

Traduzi para Artur, deixando de lado os insultos maiores. Um olhar de dor perpassou o rosto de Artur. Aelle viu esse olhar e interpretou-o como fraqueza, e se virou desdenhosamente para ir embora

- Dou-lhes duas horas de avanço, ralé - atirou ele, por cima do ombro - depois vou persegui-los.

- *Ratae* - disse Artur, sem esperar que eu traduzisse a ameaça de Aelle.

O saxão virou-se. Não disse nada, limitando-se a olhar para o rosto de Artur.

O fedor do seu manto de pele de urso era terrível: uma mistura de suor, excrementos e gordura. Ele esperou.

- *Ratae* - disse Artur de novo. - Diga-lhe que pode ser tomada. Diga-lhe que está cheia das coisas que ele deseja. Diga-lhe que a terra protegida por ela será dele.

Ratae era a fortaleza que protegia a fronteira com os Saxões mais a leste que Gorfyddyd detinha e, se Gorfyddyd perdesse essa fronteira, os Saxões ficariam cerca de trinta quilômetros mais perto do coração de *Powys*.

Traduzi. Levou-me algum tempo identificando *Ratae* a Aelle, mas, por fim, ele entendeu. Não ficou contente, pois parecia que *Ratae* era uma formidável fortaleza romana que Gorfyddyd fortalecera com uma maciça muralha de terra.

Artur explicou que Gorfyddyd levava os melhores lanceiros da guarnição militar para se juntarem ao exército que formara para a invasão de *Gwent* e *Dumnónia*.

Não precisou explicar que Gorfyddyd só tinha arriscado esse movimento, porque acreditava na paz que comprara de Aelle, uma paz que Artur estava agora sabotando.

Artur revelou que uma comunidade cristã em *Ratae* construía um mosteiro do lado de fora da muralha de terra e as entradas e saídas de monges ganharam o direito de passagem pelas muralhas. O comandante da fortaleza, explicou ele, era um dos raros cristãos de Gorfyddyd e dera a sua bênção ao mosteiro.

- Como é que ele sabe? - perguntou-me Aelle.

- Diga-lhe que tenho um homem comigo, um homem de *Ratae*, que sabe como se pode chegar ao mosteiro e que, de boa vontade, lhe servirá de guia. Diga-lhe que peço apenas que o homem seja recompensado com a vida. - Entendi então quem devia ser o estranho que caminhara ao lado de Hygwydd. Percebi também que Artur sabia que teria de sacrificar *Ratae* antes mesmo de deixar *Durnovária*.

Aelle exigiu saber mais sobre o traidor e Artur contou-lhe como o homem tinha desertado de *Powys* e tinha vindo para *Dumnónia* à

procura de vingança, porque a sua mulher o tinha abandonado por um dos chefes militares de Gorfyddyd.

Aelle conferenciou com o seu conselho enquanto os dois feiticeiros balbuciavam rezas contra Nimue. Um deles apontou-lhe um fémur humano, mas Nimue limitou-se a cuspir. O gesto pareceu concluir a guerra de feitiçarias, pois os dois bruxos cambalearam para trás enquanto Nimue se levantava e esfregava as mãos. O

conselho de Aelle regateou conosco. A certa altura insistiram que lhes entregássemos todos os grandes cavalos de guerra, mas Artur exigiu todos os cães de guerra em troca e, finalmente, a tarde ia alta, os Saxões aceitaram a oferta de *Ratae* e o ouro de Artur. Aquele foi talvez o maior tesouro em ouro alguma vez pago por um bretão a um saxão, mas Aelle também insistiu em ficar com dois reféns que, prometeu ele, seriam libertados se o ataque a *Ratae* não se revelasse uma armadilha preparada em conjunto por Gorfyddyd e Artur. Escolheu ao acaso, separando dois dos guerreiros de Artur: Balin e Lanval.

Nessa noite comemos com os saxões. Eu estava cheio de curiosidade de conhecer aqueles homens que eram meus irmãos por nascimento e até temia sentir algum laço de parentesco com eles, mas na verdade achei a sua companhia repelente.

O seu humor era grosseiro, os modos rudes e o cheiro da carne embrulhada em peles causava náuseas. Alguns deles troçavam de mim dizendo que eu me parecia com o rei Aelle, mas eu não via nenhuma semelhança entre os seus traços duros e nada interessantes e o meu rosto. Finalmente Aelle rosnou para que aqueles que me escarneciam se calassem e, depois, lançou-me um olhar gelado antes de me ordenar que convidasse os homens de Artur a partilhar a refeição da noite composta por grandes fatias de carne assada que comemos com as mãos enluvadas, roendo a carne fervendo até o suco ensanguentado pingar das nossas barbas. Demos-lhes hidromel, eles nos deram cerveja. Seguiram-se

algumas escaramuças entre bêbados, mas ninguém foi morto. Aelle, tal como Artur, permaneceu sóbrio, apesar dos dois feiticeiros do *Bretwalda* terem ficado abominavelmente embriagados. Depois de terem adormecido ao lado do seu próprio vomito, Aelle explicou que aqueles eram loucos em contato com os deuses. Tinha outros padres, disse ele, que eram sãos, mas considerava-se que os lunáticos possuíam um poder especial que os Saxões podiam precisar.

- Tememos que pudesse trazer Merlim - explicou.

- Merlim é senhor de si mesmo - respondeu Artur, mas esta é a sua sacerdotisa.

E fez um gesto na direção de Nimue, que olhava para o saxão com um olho só.

Aelle fez um gesto que devia ser a sua forma de afastar o mal. Temia Nimue por causa de Merlim e era bom saber disso.

- Mas Merlim está na Grã-Bretanha? - perguntou Aelle, medroso.

- Há quem diga que sim - respondi eu por Artur - e há quem diga que não.

Quem sabe? Talvez esteja lá fora na escuridão. - E fiz um gesto com a cabeça na direção da escuridão além das pedras iluminadas pelo fogo.

Aelle usou o bastão de uma lança para picar e acordar um dos seus feiticeiros loucos. O homem latiu lastimavelmente e Aelle pareceu satisfeito, pois acreditava que aquele som afastaria qualquer mal. O *Bretwalda* tinha a cruz de Sansum no pescoço, enquanto outros dos seus homens usavam os pesados colares de ouro de *Ynys Wydryn*. Mais tarde, nessa noite, quando a maior parte dos saxões já ressonavam, alguns dos escravos contaram-nos a história da queda de *Durocobrivis* e de como o príncipe Gereint tinha sido apanhado

com vida e depois torturado até à morte. A história fez Artur chorar. Nenhum de nós tinha conhecido Gereint muito bem, mas ele fora um homem modesto e sem ambições que tentara fazer o seu melhor para reprimir as forças saxônicas em crescimento. Alguns dos escravos imploraram-nos que os levássemos conosco, mas não nos atrevemos a ofender os nossos anfitriões acedendo a tais pedidos.

- Viremos buscá-los um dia- prometeu-lhes Artur. - Viremos.

Os saxões foram embora na tarde do dia seguinte. Aelle insistiu que esperássemos mais uma noite antes de deixarmos as Pedras, para ter certeza que não o seguiríamos. Levou Balin, Lanval e o homem de Powys com o seu grupo guerreiro. Artur consultou Nimue para saber se Aelle cumpriria a sua palavra e ela assentiu com um aceno e disse que sonhara com a condescendência do saxão e com o regresso a salvo dos nossos reféns.

- Mas o sangue de *Ratae* mancha as suas mãos - disse num tom agoirento.

Arrumamos tudo e nos preparamos para a nossa viagem, que só começaria na madrugada do dia seguinte. Artur nunca ficava satisfeito quando era obrigado à

inatividade e, quando a tarde começava a dar lugar à noite, pediu que Sagramor e eu fôssemos com ele até os bosques do sul. Durante algum tempo parecia que vagueávamos sem destino, mas por fim Artur parou por baixo de um grande carvalho que tinha penduradas longas barbas de líquenes cinzentos.

- Sinto-me sujo - disse ele. - Não cumpri o meu juramento com *Benoic* e agora estou comprando a morte de centenas de bretões.

- Não podia ter salvo *Benoic* - insisti.

- Uma terra que compra poetas em vez de lanceiros não merece sobreviver -

acrescentou Sagramor.

- Quer eu pudesse ter salvado ou não - disse Artur - não interessa. Eu tinha um juramento para com Ban e não o cumpri.

- Um homem cuja casa está queimando não leva água para apagar o fogo do vizinho - disse Sagramor.

O seu rosto negro, tão impenetravelmente duro como o de Aelle, deixara os saxões fascinados. Muitos tinham lutado contra ele nos últimos anos e acreditavam que ele era algum tipo de demônio chamado por Merlim, e Artur brincara com esses medos dando a entender que deixaria Sagramor defendendo a nova fronteira. Na verdade Artur levaria Sagramor para *Gwent*, pois precisava de todos os seus melhores homens para combater Gorfyddyd.

- Você não podia ter mantido o juramento para com *Benoic* - continuou Sagramor – por isso os deuses o perdoarão. - Sagramor tinha uma visão firme e pragmática dos deuses e dos homens. Esse era um dos seus pontos fortes.

- Os Deuses podem me perdoar - disse Artur, - mas eu não. E agora pago aos saxões para matarem os bretões. - Estremeceu perante semelhante pensamento.

- Ontem à noite dei por mim querendo Merlim, para saber se aprovaria o que estamos fazendo.

- Aprovaria, sim - garanti eu.

Nimue não aprovara que se sacrificasse *Ratae*, mas Nimue era sempre mais pura do que Merlim. Ela entendia a necessidade de pagar aos saxões, mas revoltava-se contra a idéia de pagar com sangue britânico, mesmo que esse sangue pertencesse aos nossos inimigos.

- Mas não interessa o que Merlim pensa - disse Artur, furioso. - Não teria importância se todos os padres, os druidas e os bardos da Grã-Bretanha concordassem comigo. Pedir a bênção de outro homem serve simplesmente para evitar tomar a responsabilidade. Nimue tem razão. Serei responsável por todas as mortes em *Ratae*.

- Que mais poderia ter feito? - perguntei.

- Você não entende, Derfel - acusou-me Artur, amargo, se bem que, na verdade, estivesse acusando a si próprio. - Eu sempre soube que Aelle queria mais do que ouro. São Saxões! Não querem paz, querem terra! Eu sabia disso, senão, por que outra razão teria trazido aquele pobre homem de *Ratae*. Mesmo antes de Aelle pedir, eu estava pronto para dar e quantos homens irão morrer por essa previsão?

Trezentos? E quantas mulheres serão levadas para a escravidão? Duzentas? E

quantas crianças? Quantas famílias serão separadas? E para quê? Para provar que sou um chefe melhor do que Gorfyddyd? Será que a minha vida vale tantas almas?

- Essas almas - disse eu - manterão Mordred no trono.

- Outro juramento! - disse Artur amargamente. - Todos estes juramentos que nos obrigam moralmente a fazer alguma coisa! Estou obrigado por juramento feito a Uther a pôr o seu neto no trono, obrigado por juramento a Leodegan a reconquistar *Henis Wyren*. - Parou abruptamente e Sagramor olhou para mim alarmado, pois era a primeira vez que algum de nós ouvia falar de um juramento para lutar contra Diwrnach, o terrível rei irlandês de *Lleyn* que roubara o território de Leodegan. - No entanto, de entre todos os homens - disse Artur num lamento - só eu quebro os juramentos tão facilmente. Quebrei o juramento que tinha feito a Ban e quebrei o juramento que tinha feito a Ceinwyn. Pobre Ceinwyn. - Foi a primeira vez que algum de nós o ouviu lamentar tão abertamente o compromisso rompido. Eu pensara que Guinevere era um sol tão brilhante no firmamento de Artur que tivesse ofuscado o brilho pálido de Ceinwyn, tornando-o até invisível, mas parecia que a lembrança da princesa de *Powys* ainda feria a consciência de Artur como uma espada. Tal como o pensamento do destino lúgubre de *Ratae* o feria agora. - Talvez eu devesse mandarlhes um aviso.

- E perder os reféns? - perguntou Sagramor.

Artur abanou a cabeça.

- Eu troco a minha vida por Balin e Lanval.

Ele estava pensando em fazer isso mesmo. Eu sabia. A agonia do remorso o corroía e ele procurava uma saída daquele emaranhado de consciência e dever, mesmo ao preço da sua própria vida.

- Se Merlim me visse agora, ia rir de mim - disse ele.

- Sim - concordei - ia rir mesmo.

A consciência de Merlim, se é que ele tinha alguma, era apenas um guia para a forma como pensavam os homens pequenos e assim servia de incentivo a Merlim para agir de forma contrária. A consciência de Merlim era apenas uma brincadeira para divertir os deuses. Para Artur era um fardo.

Ele olhava agora para o chão musgoso por baixo da sombra do carvalho. O

dia dava lugar ao crepúsculo enquanto a mente de Artur se afundava nas trevas. Será

que ele estava mesmo tentado a abandonar tudo? Cavalgar até à praça forte de Aelle e trocar a sua existência pelas vidas das almas de *Ratae*? Acho que estava mesmo, mas então a lógica insidiosa da sua ambição cresceu, sobrepondo-se ao seu desespero, como uma onda a inundar as areias ermas de *Ynys Trebes*.

- Há cem anos - disse ele devagar - esta terra vivia em paz. Havia justiça. Um homem podia limpar a terra na alegre convicção de que os seus netos viveriam para cultivá-la. Mas esses netos estão mortos, assassinados pelos Saxões ou pelos da sua própria raça. Se não fizermos alguma coisa, então o caos vai espalhar-se até nada mais haver senão Saxões arrogantes e os seus feiticeiros loucos. Se Gorfyddyd ganhar, vai despojar *Dumnónia* da sua riqueza, mas, se eu ganhar, abraçarei *Powys* como um irmão. Detesto o que estamos fazendo, mas se o fizermos, então podemos endireitar as coisas. - Olhou para nós dois. - Pertencemos todos a Mitra, por isso vocês dois podem testemunhar este juramento feito a ele. - Fez uma pausa. Estava aprendendo a detestar juramentos e os deveres que eles impunham, mas era tal o seu estado depois do encontro com Aelle que queria sobrecarregar-se com mais um.

- Procure uma pedra, Derfel - ordenou.

Dei um pontapé numa pedra tirando-a do solo e sacudi a terra que a cobria.

Depois, por ordem de Artur, arranhei o nome de Aelle na pedra com a ponta da minha faca. Artur usou a sua própria faca para escavar um buraco fundo no chão junto ao carvalho. Depois levantou-se.

- O meu juramento é o seguinte: se eu sobreviver a esta batalha com Gorfyddyd, vingarei as almas inocentes que condenei em Ratae. Vou matar Aelle. Vou destruí-lo e aos seus homens. Vou servi-los como pasto para os corvos e dar a riqueza que tiverem às crianças de *Ratae*. Vocês dois são as minhas testemunhas e, se eu faltar a este juramento, ficam os dois livres de todos os laços que os ligam a mim. - Deixou cair a pedra no buraco e os três juntos atiramos terra para cima dela. -

Que os Deuses me perdoem pelas mortes que acabei de causar.

Depois, partimos para causar mais algumas.

Viajamos para *Gwent* por *Corinium*. Ailleann ainda vivia ali e, apesar de Artur ter visto os filhos, não recebeu a mãe deles para que nenhuma palavra sobre esse encontro pudesse magoar a sua Guinevere, se bem que me tivesse feito portador de um presente para Ailleann. Ela me recebeu com bondade, mas encolheu os ombros quando viu o presente de Artur. Era um pequeno pregador de prata esmaltada com uma pintura de um animal muito parecido com uma lebre, mas com pernas e orelhas mais curtas. Viera do tesouro do santuário de Sansum, se bem que Artur tivesse meticulosamente substituído o preço do pregador por moedas da sua própria bolsa.

- Ele desejava ter alguma coisa melhor para lhe mandar - disse eu, entregando a mensagem de Artur, - mas, enfim, agora os Saxões devem ter as nossas melhores jóias.

- Houve uma época - disse ela amargamente - em que os seus presentes vinham do amor, não do remorso.

Ailleann era ainda uma mulher atraente, apesar do seu cabelo ter já algumas madeixas grisalhas e os seus olhos estarem embaciados pela resignação. Usava um longo vestido de lã azul e o cabelo preso em dois caracóis iguais acima das orelhas.

Olhou com atenção para o estranho animal esmaltado.

- O que você acha que é? perguntou-me. - Não é uma lebre. Será um gato?

- Sagramor diz que se chama coelho. Ele os viu em *Cappadocia*, seja lá isso onde for.

- Não deve acreditar em tudo o que Sagramor diz - censurou-me Ailleann enquanto prendia o pequeno pregador ao vestido. - Tenho jóias que chegam para uma rainha - acrescentou ela conduzindo-me para o pequeno pátio da sua casa romana, -

mas continuo sendo uma escrava.

- Artur não a libertou? - perguntei, chocado.

- Tem medo que eu volte para *Armórica*. Ou para a Irlanda e leve os gêmeos para longe dele. - Encolheu os ombros. - No dia em que os rapazes atingirem a maioridade, Artur me dará a liberdade e sabe o que vou fazer? Vou ficar aqui mesmo.

- Fez um gesto, indicando-me uma cadeira à sombra de uma vinha. - Você parece mais velho - disse ela enquanto deitava no meu copo um vinho cor de palha de uma garrafa embrulhada em verga. - Soube que Lunete o deixou - acrescentou, entregando-me uma taça feita de chifre.

- Acho que nos deixamos um ao outro.

- Ouvi dizer que ela agora é uma sacerdotisa de Isis - disse Ailleann trocista. -

Ouço muita coisa sobre *Durnovária* e não me atrevo a acreditar em metade.

- Tal como? - perguntei.

- Se não sabe, Derfel, então é melhor continuar na ignorância. - Bebeu um gole e fez uma careta. - Artur é assim. Nunca quer ouvir as más notícias, só as boas.

Ele até acredita que há alguma coisa de bom nos gêmeos.

Chocou-me ouvir uma mãe falar assim dos seus filhos.

- Tenho certeza que há.

Ela me lançou um olhar suave e divertido.

- Os rapazes não estão melhor do que antes e nunca foram bons.

Ressentem-se do pai. Acham que deviam ser príncipes e, por isso, comportam-se como príncipes. Não há mal nenhum nesta cidade que não tenha sido começado ou incentivado por eles e se eu os tento controlar, eles me chamam de puta. - Esmigalhou um pedaço de bolo e atirou as migalhas para alguns pardais.

Um servo varria o outro lado do pátio com um feixe de galhos de árvore até

que Ailleann lhe ordenou que nos deixasse sozinhos. Depois perguntou-me pela guerra e eu tentei esconder o meu pessimismo sobre o enorme exército de Gorfyddyd.

- Não pode levar Amhar e Loholt contigo? - perguntou Ailleann algum tempo depois. - Eles poderiam dar bons soldados.

- Duvido que o pai deles pense que já têm idade suficiente - disse eu.

- Se é que ele pensa neles. Manda-lhes dinheiro. Quem me dera que não mandasse. - Passou os dedos pelo novo pregador. - Todos os cristãos da cidade dizem que Artur está condenado à destruição.

Ainda não, Senhora.

Ela sorriu.

- Não durante muito tempo, Derfel. As pessoas subestimam Artur. Vêem a sua bondade, ouvem a sua simpatia, escutam a sua conversa sobre justiça e nenhum deles, nem sequer você, sabe o que arde dentro dele.

- E o que é?

- Ambição - disse ela peremptória e, depois, pensou por uns instantes. - A sua alma é uma carruagem puxada por dois cavalos: ambição e consciência. Mas te digo, Derfel, o cavalo da ambição está no arreio da mão direita e irá sempre à frente do outro. E ele é esperto, muito esperto. - Sorriu tristemente. - Observe-o, Derfel, quando ele parecer condenado, quando tudo parecer estar perdido e, nessa hora, ele vai deixá-lo atônito. Eu já vi isso antes. Ele ganhará, mas depois o cavalo da consciência puxará as rédeas e Artur cometerá o seu erro do costume, que é perdoar aos seus inimigos.

- E isso é ruim?

- Não é uma questão de ser bom ou ruim, Derfel, mas sim uma questão de aspecto prático. Nós, os Irlandeses, sabemos uma coisa acima de todas as outras: um inimigo perdoado é um inimigo que terá que ser constantemente combatido. Artur confunde moralidade com poder e piora essa mistura ao acreditar sempre que as pessoas são inerentemente boas, por piores que sejam, e é por isso, preste atenção ao que te digo, que ele nunca terá paz. Ele anseia pela paz, fala da paz, mas a sua própria alma confiante é a razão pela qual ele sempre terá inimigos. A não ser que Guinevere consiga meter

alguma dureza na alma dele. Pode ser que consiga. Sabe quem é que ela me faz lembrar?

- Não sabia que a conhecia - disse eu.

- Também nunca conheci a pessoa que ela me faz lembrar, mas ouço coisas e conheço Artur muito bem. Ela se parece com a mãe dele: muito atraente e muito forte e acho que ele fará qualquer coisa para lhe agradar.

- Mesmo ao preço da sua consciência?

Ailleann sorriu com a pergunta.

- Devia saber, Derfel, que algumas mulheres querem sempre que os seus homens paguem um preço exorbitante. Quanto mais o homem pagar, maior é o valor da mulher, e eu suspeito que Guinevere é uma senhora que se dá um grande valor. E

assim é que ela deve ser. Assim é que todas devíamos ser. - Disse estas últimas palavras com tristeza e, em seguida, levantou-se da cadeira. - Diga-lhe que lhe mando saudades - disse-me ela enquanto caminhávamos de novo pela casa - e diga-lhe que, por favor, leve os filhos para a guerra.

Mas Artur não os levou.

- Deixe passar mais um ano - disse ele, quando partimos na manhã seguinte.

Tinha jantado com os gêmeos e tinha lhes dado pequenos presentes, mas todos nós tínhamos notado o mau humor com que Æmhar e Loholt tinham recebido o afeto do pai.

Artur também notara e era por isso que estava, ao contrário do que era normal, muito severo enquanto marchávamos para Oeste.

- Às crianças nascidas de mães solteiras - disse ele depois de um longo silêncio - falta-lhes uma parte da alma.

- E a sua alma, Senhor? - perguntei eu.

- Remendo-a todas as manhãs, Derfel, pedacinho por pedacinho. - Suspirou. -

Eu devia ter tempo para dar a Amhar e Loholt e só os deuses sabem onde vou encontrar tempo, porque dentro de quatro ou cinco meses serei pai outra vez. Se ainda viver - acrescentou tristemente.

Então Lunete estava certa e Guinevere estava grávida.

- Fico feliz, senhor - disse eu, apesar de estar pensando no comentário de Lunete de como Guinevere estava infeliz com essa gravidez.

- Fico feliz por mim! - Ele riu e, de repente, o seu mau humor foi superado. - E

feliz por Guinevere. Será bom para ela e, daqui a dez anos, Derfel, Mordred assumirá

o trono e Guinevere e eu podemos arranjar um lugar feliz para criar o nosso gado, as crianças e os porcos. Nesse momento serei feliz. Vou treinar a *Llamrei* para puxar uma carroça e usar a Excalibur como agulhão para os bois que puxarem o arado.

Tentei imaginar Guinevere como lavradora numa fazenda, mesmo que fosse uma fazenda muito rica, mas não consegui evocar essa imagem. Porém, nada disse.

De *Corinium* fomos para *Glevum*, depois atravessamos o *Severn* e marchamos pelo interior de *Gwent*. Constituíamos um grande espectáculo, pois Artur cavalgava deliberadamente com os estandartes esvoaçando e os homens com as armaduras de

combate. Marchávamos em grande estilo, pois queríamos dar às pessoas uma nova confiança. Naquele momento eles não tinham nenhuma. Todos supunham que Gorfyddyd sairia vitorioso e, mesmo sendo tempo de colheitas, os campos estavam taciturnos. Passamos por uma eira e a flauta tocava o Lamento de *Essyllt* em vez da alegre canção que se costumava tocar e que dava ritmo aos malhos.

Notamos também como todas as vivendas, casas e cabanas estavam estranhamente vazias de tudo o que fosse valioso. Os bens possuídos estavam sendo escondidos, provavelmente enterrados, para que os invasores de Gorfyddyd não deixassem o povo sem nada.

- As toupeiras estão ficando ricas outra - vez disse Artur amargamente. - Só

Artur é que não cavalgava com a sua melhor armadura.

- Morfans está com a armadura de escamas - disse-me ele, quando lhe perguntei por que usava a cota de malha de reserva. Morfans era aquele guerreiro horrível com quem eu conversara na festa que se seguira à chegada de Artur a *Caer Cadarn* tantos anos antes.

- Morfans? - perguntei, atônito. - Como que ele ganhou tal presente?

- Não é um presente, Derfel. Morfans apenas a levou emprestada e durante toda a semana tem cavalgado perto dos homens de Gorfyddyd. Eles pensam que eu estou lá e talvez isso os tenha levado a fazer uma pausa. Pelo menos até agora não tivemos notícias de nenhum ataque.

Não pude deixar de rir só de pensar no rosto horrível de Morfans oculto por trás dos protetores das faces do elmo de Artur e talvez o engodo tivesse funcionado, pois, quando nos juntamos ao rei Tewdric no forte romano de Magnis, o inimigo ainda não tinha saído das fortalezas dos montes de *Powys*.

Tewdric, vestido com a sua elegante armadura romana, já parecia um velho.

O cabelo estava grisalho e havia uma inclinação no seu porte que não existia na última vez que o vira. Recebeu as notícias sobre Aelle com um grunhido, mas fez um esforço para ser mais amável.

- Boas notícias - disse ele cortesmente e, depois, esfregou os olhos
- se bem que Gorfyddyd nunca precisasse da ajuda dos Saxões para nos vencer. Tem homens que cheguem.

O forte romano estava em ebulição. Os armeiros faziam pontas para as lanças e deitaram-se abaixo quilômetros de troncos de freixo para fazer as hastes.

Carroças cheias de cereais acabados ser colhidos chegavam de hora a hora e os fornos dos padeiros ardiam com a mesma intensidade das fornalhas dos ferreiros, havia uma constante pira de fumaça sobre as muralhas protegidas por paliçadas. No entanto, e apesar da nova colheita, o exército que se reunira estava esfomeado. A maioria dos lanceiros estavam acampados do lado de fora das muralhas, alguns estavam a quilômetros de distância e havia constantes discussões sobre a distribuição de pão duro e feijões secos. Outros contingentes queixavam-se da água poluída pelas latrinas despejadas pelos homens acampados a montante. Havia doenças, fome e deserção, prova de que Tewdric e Artur nunca tinham enfrentado o problema de comandar um exército tão grande.

- Mas se nós temos dificuldades - disse Artur com otimismo - imagine os problemas de Gorfyddyd.

- Eu preferia ter os problemas dele aos meus - disse Tewdric, melancólico.

Os meus lanceiros, ainda sob o comando de Galaad, estavam acampados a treze quilômetros a norte de *Magnis*, onde Agrícola, o

comandante de Tewdric, vigiava atentamente os montes que marcavam a fronteira entre *Gwent* e *Powys*. Senti uma súbita alegria ao ver de novo os seus elmos com caudas de lobo. Depois do derrotismo sentido no campo, de repente, era bom pensar que, pelo menos ali, estavam homens que nunca seriam derrotados. Nimue veio comigo e os meus homens juntaram-se em volta dela para que ela pudesse tocar as pontas das lanças e as lâminas das espadas para lhes dar poder. Reparei que até os cristãos queriam o seu toque pagão. Ela estava fazendo o que competia a Merlim e, como sabiam que ela tinha saído da ilha dos Mortos, julgavam que ela era quase tão poderosa como ele.

Agrícola me recebeu dentro de uma tenda, a primeira que eu vi. Era um lugar espantoso com um mastro alto central e tinha quatro cantos onde umas varas seguravam uma capota de linho que filtrava o Sol, pelo que o cabelo curto e grisalho de Agrícola parecia estranhamente amarelo. Envergava a sua armadura romana e estava sentado a uma mesa cheia de pergaminhos. Era um homem austero e o seu cumprimento foi superficial, se bem que tivesse elogiado os meus homens.

- Eles estão confiantes. Mas o inimigo também está e eles são muitos mais do que nós.

O seu tom era cruel.

- Quantos? perguntei.

Agrícola pareceu ofendido com a minha rudeza, mas eu já não era o rapaz de outros tempos, quando conhecera o senhor da guerra de *Gwent*. Eu próprio era agora um senhor da guerra, um comandante de homens e tinha o direito de saber as probabilidades que aqueles homens tinham de enfrentar. Ou talvez não fosse a minha franqueza que irritara Agrícola, mas talvez o fato de não querer ser lembrado da preponderância do inimigo. No entanto acabou por me dar os números.

- De acordo com os nossos espiões - disse ele - *Powys* reuniu seiscentos lanceiros só da sua terra. *Gundleus* trouxe mais duzentos e cinquenta homens da *Silúria*, ou talvez mais. *Ganval de Elmet* mandou duzentos homens e só os deuses sabem quantos homens sem senhor procuraram o estandarte de *Gorfyddyd* só por uma parte dos saques.

Homens sem senhor eram vagabundos, desterrados, assassinos e selvagens que eram arrastados para um exército pelas pilhagens que podiam ganhar nas batalhas. Esses homens eram temidos, porque não tinham nada a perder e tinham tudo a ganhar. Duvidava que tivéssemos muitos desses do nosso lado, não só porque todos achavam que íamos perder, mas também porque tanto *Tewdric* como *Artur* tinham má impressão em relação a essas criaturas sem senhor. No entanto, curiosamente, muitos dos melhores cavaleiros de *Artur* tinham outrora sido homens desse gênero. Guerreiros como *Sagramor* tinham lutado nos exércitos romanos que tinham sido despedaçados pelos invasores pagãos da Itália e fora o espírito tutelar e jovem de *Artur* que juntara esses mercenários sem senhor num grupo guerreiro.

- E há mais - continuou *Agrícola*, agourento. - O reino de *Comovia* doou homens e ainda ontem ouvimos dizer que *Oengus Mac Airem* de *Demétia* chegara com um grupo guerreiro dos seus blackshields, talvez uns cem homens bem fortes. E

outro relatório diz que os homens de *Gwynedd* se juntaram a *Gorfyddyd*.

- Soldados recrutados? - perguntei.

Agrícola encolheu os ombros.

- Quinhentos ou seiscentos. Talvez mil. Mas eles não virão enquanto as colheitas não tiverem terminado.

Comecei a desejar não ter perguntado.

- E os nossos números, Senhor?

- Agora que Artur chegou - fez uma pausa, - setecentas lanças. - Eu não disse nada. Não admirava, pensei eu, que as pessoas de *Gwent* e de *Dumnónia* andassem enterrando os seus tesouros e sussurrando que Artur devia deixar a Grã-Bretanha. Tínhamos uma horda para enfrentar.

- Agradeceria - disse Artur num tom acre, como se a idéia da gratidão fosse completamente alheia ao seu pensamento - que não divulgasse os números. Já

tivemos deserções demais. E temos também de cavar os nossos próprios túmulos.

- Nenhum dos meus homens desertou - insisti.

- Não, - admitiu ele - ainda não. - Levantou-se e pegou a sua curta espada romana que estava pendurada numa das vigas da tenda e, depois, parando à porta, lançou um olhar sinistro na direção dos montes inimigos. - Os homens dizem que você

é amigo de Merlim.

- Sou sim, meu senhor.

- Ele virá?

- Não sei, Senhor.

Agrícola grunhiu.

- Rezo para que venha. Alguém precisa dizer coisas acertadas a este exército.

Todos os comandantes estão convocados esta noite para Magnis. Um conselho de guerra - disse ele num tom amargo, como se

soubesse que tais conselhos levavam a mais disputas do que camaradagem. - Esteja lá ao pôr do Sol.

Galaad foi comigo. Nimue ficou com os meus homens, pois a presença dela inculcava-lhes confiança e eu fiquei contente por ela não ir, pois o conselho foi aberto com uma oração do bispo Conrad de *Gwent* que parecia impregnado de derrotismo implorando ao seu Deus que nos desse força para enfrentar um adversário tão poderoso. Galaad com os braços abertos, a posição dos cristãos em oração, murmurava juntamente com o bispo enquanto os pagãos resmungavam que não devíamos pedir força, mas sim a vitória. Eu desejei que tivéssemos alguns druidas entre nós, mas Tewdric, um cristão, não tinha nenhum e Balise, o velho que assistira à

aclamação de Mordred, morrera durante o primeiro Inverno que eu passei em *Benoiic*.

Agrícola estava certo ao esperar que Merlim viesse, pois um exército sem druidas dava já uma vantagem ao inimigo.

Havia cerca de quarenta ou cinquenta homens no conselho, todos chefes militares ou comandantes. Encontramo-nos na sala de pedra vazia das termas de *Magnis*, que me fazia lembrar a igreja de *Ynys Wydryn*. O rei Tewdric, Artur, Agrícola e o filho de Tewdric, o príncipe herdeiro Meurig, estavam sentados numa mesa sobre um estrado de pedra. Meurig crescera tornando-se numa criatura magra e pálida, parecendo extremamente infeliz dentro da armadura romana que não lhe assentava bem. Já tinha idade suficiente para lutar, mas com aquele seu ar nervoso não parecia muito adequado para a batalha. Piscava constantemente os olhos, como se tivesse acabado de sair de uma sala muito escura para a luz do sol, e não parava de mexer numa pesada cruz de ouro que trazia no pescoço. De todos os comandantes, só Artur não usava o seu equipamento de guerra, parecendo descontraído com as suas roupas de homem do campo.

Os guerreiros irromperam em vivas e bateram com as pontas das lanças, quando o rei Tewdric anunciou que se pensava que os Saxões tinham se afastado da fronteira leste, mas esses foram os últimos vivas durante um longo período nessa noite, porque depois Agrícola levantou-se e apresentou bruscamente o seu cálculo dos dois exércitos. Não se referiu a todos os pequenos contingentes do inimigo, mas mesmo sem essas adições era claro que o exército de Gorfyddyd ultrapassaria em dobro o nosso.

- Só teremos de matar duas vezes mais rápido! - gritou Morfans lá de trás. Ele devolvera a armadura de escamas a Artur, jurando que só um herói conseguia usar aquele monte de metal e ainda ter forças para lutar. Agrícola ignorou a interrupção, acrescentando que as colheitas deviam acabar no prazo de uma semana e que os mercenários de *Gwent* viriam, então, aumentar o nosso contingente. Ninguém pareceu ficar contente com tais notícias.

- O rei Tewdric propôs que devíamos lutar contra Gorfyddyd sob a proteção das muralhas de *Magnis*. Deem-me uma semana e eu encherei tanto esta fortaleza com as novas colheitas que Gorfyddyd nunca mais nos fará tombar. Lutem aqui, - fez um gesto na direção da escuridão por trás das portas do salão e, se a batalha começar a correr mal, nos metemos dentro dos portões e deixamos que eles gastem as lanças nas paliçadas. - Era a forma de guerra que Tewdric preferia e tinha há muito aperfeiçoado: guerra por cerco, em que podia usar o trabalho de engenheiros romanos mortos há muito tempo para frustrar lanças e espadas. Um murmúrio de concordância ecoou por toda a sala, murmúrio esse que aumentou ainda mais quando Tewdric disse ao conselho que Aelle poderia estar planejando atacar *Ratae*.

- Segurem Gorfyddyd aqui - disse um homem - e ele voltará correndo para o norte, quando souber da entrada de Aelle pela porta dos fundos.

- Aelle não vai fazer a minha batalha.

Artur falava pela primeira vez e a sala ficou em silêncio.

Artur parecia embaraçado por ter falado com tanta firmeza. Sorriu como se pedindo desculpas ao rei Tewdric e quis saber o local exato onde o inimigo estava reunido. É claro que Artur já sabia, mas estava perguntando para que nós ouvíssemos a resposta.

Agrícola respondeu por Tewdric.

- Os homens deles mais avançados estão dispostos em fila entre o Monte de *Coei* e *Caer Lud* enquanto o exército principal está reunido em *Branogenium*. E há

mais homens chegando de *Caer Sws*.

Os nomes pouco significavam para nós, mas Artur parecia entender a geografia.

- Então eles guardam os montes entre nós e *Branogenium*?

- Todas as passagens - confirmou Agrícola - e todos os cumes dos montes.

- Quantos estão no Vale do *Lugg*? - perguntou Artur.

- Pelo menos duzentos dos seus melhores lanceiros. Eles não são loucos, senhor - acrescentou Agrícola amargamente.

Artur levantou-se. Ele saía-se bem nestes conselhos, dominando facilmente multidões de homens intratáveis. Sorriu-nos.

- Os cristãos vão compreender isto melhor - disse ele, lisonjeando sutilmente os homens que mais provavelmente poderiam se opor a ele. - Imaginem uma cruz cristã. Aqui em *Magnis* estamos na base da cruz. O mastro da cruz é a estrada romana que vai de *Magnus* para *Branogenium* e os braços da cruz são constituídos pelos montes que barram essa estrada. O Monte de *Coei* fica no braço

esquerdo, *Caer Lud* no direito e o Vale do *Lugg* no centro da cruz. O vale é por onde a estrada e o rio atravessam os montes. - Saiu de trás da mesa e sentou-se na parte da frente do tampo para estar mais próximo da audiência. - Quero que pensem em qualquer coisa.

- A luz das chamas das tochas presas nas paredes lançava sombras nas suas faces esguias, mas os seus olhos brilhavam e o seu tom era enérgico. - Todos sabem que devemos perder esta batalha. Eles são muito mais do que nós. Ficamos aqui à espera que Gorfyddyd nos ataque. Esperamos, alguns de nós ficam desanimados e arrumamos as lanças. Outros adoecem. Todos nós matutamos naquele grande exército reunido na bacia formada pelos montes em redor de *Branogenium* e tentamos não imaginar a nossa muralha de escudos cercada e o inimigo se aproximando de nós vindo de três lados ao mesmo tempo. Mas pensem no inimigo! Eles também esperam, mas enquanto esperam ficam mais fortes! Vêm homens da *Comovia*, de *Elmet*, de *Demétia*, de *Gwynedd*. Homens sem terra que vêm para ganhar terras e homens sem senhor que vêm para conseguir pilhagens. Sabem que vão ganhar e sabem que esperamos como ratos encurralados por um bando de gatos.

Sorriu de novo e levantou-se.

- Mas nós não somos ratos. Temos alguns dos melhores guerreiros que alguma vez levantaram uma lança. Temos campeões! - Os vivas começaram. - Nós podemos matar gatos! Sabemos esfolá-los também! Mas... - A última palavra fez parar o aplauso seguinte assim que este começou. - Mas, não se ficarmos aqui à espera de sermos atacados. Ficamos aqui à espera, atrás das muralhas de *Magnis*, e o que é

que acontece? O inimigo marchará à nossa volta. As nossas casas, as nossas mulheres, os nossos filhos, as nossas terras, os nossos rebanhos e as nossas colheitas passam a ser deles e tudo o que nós passamos a ser é ratos apanhados numa ratoeira. Temos de atacar e atacar em breve.

Agrícola esperou que os vivas dumnonianos acabassem.

- Atacar onde? - perguntou, amargo.

- Onde eles menos esperam, senhor, no seu lugar mais forte. O Vale do *Lugg*.

No topo da cruz! No coração! - Levantou a mão para impedir os vivas. - O Vale é um lugar estreito onde nenhuma muralha de escudos pode ser cercada. A estrada atravessa o rio num vau a norte do vale. - Falava de sobrolho carregado, tentando lembrar-se de um lugar que só tinha visto uma vez na vida, mas Artur tinha a memória de um soldado para os terrenos e só precisava ver o lugar uma vez. - Precisaríamos pôr homens no monte a oeste para impedir os seus arqueiros de atirarem flechas lá

para baixo, mas depois de entrarmos no vale, juro que não podem nos tirar de lá.

Agrícola protestou.

- Podemos aguentar, mas como fazemos para entrar? Eles têm lá duzentos lanceiros, talvez mais, mas até mesmo cem homens podem aguentar aquele vale durante todo o dia. Quando tivermos conseguido chegar a lutar ao outro lado do vale, Gorfyddyd já terá descido com a sua horda de *Branogenium*. Pior, os Blackshields irlandeses que guarnecem o Monte de *Coei* podem marchar para sul dos montes e atacar-nos pela retaguarda. Podemos não sair de lá, Senhor, mas seremos mortos onde estivermos.

- Os Irlandeses no Monte de *Coei* não interessam - disse Artur. Estava agitado e não conseguia ficar quieto. Começou a andar no estrado para um lado e para o outro, explicando e adulando. - Pense, peço-lhe, senhor - disse para Tewdric -

no que acontecerá se ficarmos aqui. O inimigo virá, nos retiramos para trás de paredes inconquistáveis e eles vão atacar as nossas

terras. Lá para meados do Inverno estaremos vivos, mas será que mais alguém em *Gwent* e *Dumnónia* estará vivo? Não.

Aqueles montes a sul de *Branogenium* são as muralhas de Gorfyddyd. Se abrirmos brechas nessas muralhas ele tem de nos combater e, se ele combater no Vale do Lugg, é um homem derrotado.

- Os duzentos homens que ele tem no Vale do Lugg vão nos impedir
- insistiu Agrícola.

- Esses homens vão esfumar-se como a bruma! - proclamou Artur, confiante.

- São duzentos homens que nunca enfrentaram cavalos com armaduras em batalha.

Agrícola abanou a cabeça.

- O vale está cortado por uma barreira de árvores cortadas. O cavalo com armadura será detido - fez uma pausa para bater com o punho na palma da mão - e morto. - Proferiu a palavra de forma retumbante e o carácter definitivo do seu tom fez Artur sentar-se.

Pairava no ar um cheiro de derrota. Vindo de fora das termas, onde os ferreiros trabalhavam noite e dia, ouvi o sibilar de uma lâmina recém-forjada sendo mergulhada na água.

- Talvez me deem permissão para falar - quem disse isto foi Meurig, o filho de Tewdric. Tinha uma voz estranhamente alta, quase petulante e ele era, evidentemente, míope, pois semicerrava os olhos e erguia a cabeça sempre que queria olhar para um homem que estivesse na parte principal do salão. - O que eu gostaria de perguntar -

disse ele depois do pai lhe ter dado permissão para se dirigir ao conselho - é o seguinte: afinal porque é que lutamos? - E piscou

rapidamente os olhos depois de fazer a pergunta.

Ninguém respondeu. Talvez estivéssemos todos admirados demais com a pergunta.

- Deixem-me... permitam-me... consintam-me que explique - disse Meurig num tom pedante. Ele podia ser novo, mas possuía a confiança de um príncipe, se bem que eu achasse falsa a modéstia com que encobria as suas declarações irritantes.

- Combatemos Gorfyddyd, corrijam-me se eu estiver errado, devido à nossa longa aliança com *Dumnónia*. Essa aliança foi importante para nós, não duvido, mas Gorfyddyd, se bem entendi, não tem planos para o trono de *Dumnónia*.

Soaram protestos pelo salão, vindos do nosso lado, dos dumnonianos, mas Artur levantou a mão, pedindo silêncio e fez um gesto para que Meurig continuasse.

Meurig piscou os olhos e mexeu mais uma vez na cruz.

- Pergunto-me por que será que lutamos. Qual é, se é que posso exprimir-me assim, o nosso *casus belli*?

- O caos *belo*, pode dizê-lo! - gritou Culhwch. Culhwch tinha me visto quando eu entrei e atravessara o salão para me dar as boas-vindas. Agora, dizia com a boca colada ao meu ouvido: - Estes filhos da puta têm é os escudos finos demais, Derfel, e estão vendo se escapam.

Artur levantou-se de novo e disse cortesmente a Meurig.

- A causa da guerra, meu príncipe, é o juramento feito por seu pai de preservar o trono do rei Mordred e é evidente o desejo do rei Gorfyddyd de usurpar esse trono ao meu rei.

Meurig encolheu os ombros.

- Corrija-me, por favor, peço-lhe... mas... se bem entendo estas coisas..

Gorfyddyd não procura destronar o rei Mordred.

- Tem certeza disso? - gritou Culhwch.

- Há indícios - disse Meurig, irritado.

- Os filhos da puta andaram falando com o inimigo - segredou-me Culhwch ao ouvido. - Alguma vez já teve uma faca encostada às costas, Derfel? Artur tem uma agora.

Artur permaneceu calmo.

- Que indícios? - perguntou suavemente.

O rei Tewdric manteve-se em silêncio enquanto o filho falava, prova de que lhe tinha dado permissão para ele sugerir, apesar de delicadamente, que Gorfyddyd devia ser apaziguado em vez de confrontado, mas agora, com um aspecto envelhecido e cansado, o rei assumiu o controle da sessão.

- Não há indícios, senhor, dos quais eu queira fazer depender a minha estratégia. - Contudo e quando Tewdric pronunciou esta palavra com tanta ênfase todos percebemos que Artur perdera o debate, - contudo, senhor, estou convencido de que não precisamos provocar *Powys* desnecessariamente.

- Deixe-nos ver se podemos ou não ter paz. - Fez uma pausa, como se temesse que a palavra enfurecesse Artur, mas Artur nada disse. Tewdric suspirou. -

Gorfyddyd luta - disse ele calma e cuidadosamente - por causa de um insulto que fizeram à sua família. - Fez nova pausa, temendo que a sua franqueza tivesse ofendido Artur, mas Artur nunca foi homem para fugir à responsabilidade e acenou afirmativamente,

concordando relutante com a sinceridade de Tewdric. - Ao passo que nós, lutamos para manter o juramento que fizemos a Uther, o Rei Supremo. Um juramento pelo qual prometemos preservar o trono de Mordred. Eu, pela minha parte, não vou quebrar esse juramento.

- Nem eu! - disse Artur bem alto.

- Mas, e se, Lorde Artur, o rei Gorfyddyd não tiver planos para esse trono? -

perguntou o rei Tewdric. - E se ele pretender manter Mordred como rei? Nesse caso, porque combatemos?

O reboiço espalhou-se pela sala. Nós, os Dumnonianos, sentíamos o cheiro da traição, os homens de *Gwent* sentiam o cheiro de uma fuga da guerra e durante algum tempo gritamos uns com os outros até que, por fim, Artur conseguiu restabelecer a ordem batendo com a mão na mesa.

- Do último mensageiro que mandei para Gorfyddyd - disse Artur - recebi a cabeça metida num saco. Está sugerindo, Senhor, que mandemos outro?

Tewdric abanou a cabeça.

- Gorfyddyd tem recusado a receber os meus mensageiros. São obrigados a voltar para trás na fronteira. Mas, se esperarmos aqui e deixarmos o seu exército esgotar as suas forças contra as nossas muralhas, então acredito que se sentirá

desencorajado e negociará.

Os homens dele murmuraram, concordando.

Artur tentou mais uma vez dissuadir Tewdric. Evocou a imagem do nosso exército enraizado por trás das muralhas enquanto a horda

de Gorfyddyd devastava as fazendas onde tinham acabado de fazer as colheitas, mas os homens de *Gwent* não seriam dissuadidos nem pela sua oratória nem pela sua paixão. Só viam muralhas de escudos cercadas e campos cheios de homens mortos e, por isso, agarravam-se à

crença do seu rei de que a paz viria se eles se limitassem a recolher-se em *Magnis* e deixassem Gorfyddyd cansar os seus homens batendo com as lanças contra as fortes muralhas de *Magnis*. Começaram a exigir a concordância de Artur para a sua estratégia e eu vi a dor estampada no seu rosto. Tinha perdido. Se ficasse ali à espera, Gorfyddyd exigiria a sua cabeça. Se fugisse para a *Armórica* viveria, mas estaria abandonando Mordred e o seu sonho de uma Grã-Bretanha justa e unida. O clamor no salão aumentou e foi então que Galaad se levantou e gritou, pedindo uma oportunidade para ser ouvido.

Tewdric apontou para Galaad, que primeiro se apresentou.

- Sou Galaad, Senhor - disse ele - um príncipe de *Benoic*. Se o rei Gorfyddyd não recebe mensageiros de *Gwent* nem de *Dumnónia*, certamente que não recusará

um da *Armórica*. Deixem-me ir, senhor, a *Caer Sws* perguntar o que Gorfyddyd pretende fazer com Mordred. E, se eu for, senhor, aceitam a minha palavra como sendo o veredito dele?

Tewdric aceitou com manifesta satisfação. Ficava contente com qualquer coisa que pudesse afastar o perigo da guerra, mas ainda estava ansioso pela concordância de Artur.

- Imaginemos que Gorfyddyd decreta que Mordred está seguro - sugeriu ele a Artur. - O que vai fazer então?

Artur olhou para a mesa. Via o seu sonho desvanecer-se, mas não podia mentir para salvar esse sonho, ergueu os olhos com um sorriso triste.

- Nesse caso, Senhor, deixo a Grã-Bretanha e confio Mordred à sua guarda.

Mais uma vez, nós, os dumnonianos, gritamos em protesto, mas desta vez Tewdric nos silenciou.

- Não sabemos que resposta o príncipe Galaad vai nos trazer - disse ele, -

mas prometo-lhes: se o trono de Mordred estiver ameaçado então eu, o rei Tewdric, lutarei. Se não estiver, não vejo razão para lutar.

E tivemos de nos contentar com essa promessa. Tudo indicava que a guerra dependia da resposta de Gorfyddyd. Para conhecê-la, Galaad partiu a cavalo rumo ao norte na manhã seguinte.

Eu fui com Galaad. Ele não queria que eu o acompanhasse, alegando que a minha vida estaria em perigo, mas eu discuti com ele como nunca tinha discutido antes. Também pedi a Artur, dizendo que pelo menos um dumnoniano devia ouvir Gorfyddyd declarar as suas intenções em relação ao nosso rei, e Artur defendeu o meu caso junto de Galaad, que finalmente cedeu. Afinal de contas éramos amigos, se bem que, para minha própria segurança, Galaad tivesse insistido que eu viajasse como seu servo e levasse o seu símbolo no meu escudo.

- Você não tem símbolo - disse-lhe eu.

- Agora tenho - disse ele e ordenou que os nossos escudos fossem pintados com cruzes. - Porque não? Afinal, sou cristão.

- Não me parece certo - disse eu. Eu estava acostumado a escudos de guerreiros com brasões de touros, águias, dragões e veados, não com um pedaço descarnado de geometria religiosa.

- Eu gosto - disse ele - e, além disso, você é agora o meu humilde servo, Derfel, por isso a sua opinião não tem nenhum interesse para

mim. Absolutamente nenhum. - Riu e escapou de um murro que lhe dei no braço.

Fui obrigado a ir a cavalo para *Caer Sws*. Em todos os anos que passei com Artur nunca me acostumei a sentar-me no dorso de um cavalo. A mim sempre pareceu uma coisa natural sentar bem atrás na garupa do cavalo, mas assim era impossível prender os flancos do animal com os joelhos, para isso tinha de escorregar para a frente até ficar inclinado logo atrás do pescoço, com os pés balançando no ar atrás das patas da frente do cavalo. Acabei por meter um pé na cilha da sela para ter um ponto de apoio, recurso este que ofendeu Galaad, que se orgulhava de ser um bom cavaleiro.

- Monte corretamente! - disse ele.

- Mas não há lugar para pôr os pés!

- O cavalo tem quatro. Quantos mais você quer?

Cavalgamos em direção a *Caer Lud*, a maior fortaleza de Gorfyddyd nos montes fronteiriços. A cidade ficava num monte, numa curva do rio, e nós calculávamos que as sentinelas estariam menos atentas do que as que guardavam a estrada romana no Vale do *Lugg*. Mesmo assim não dissemos o que vínhamos realmente fazer em *Powys*, limitando-nos a dizer que éramos homens sem terra, vindos da *Armórica*, tentando entrar no país de Gorfyddyd. Os guardas, ao descobrirem que Galaad era um príncipe, insistiram em escoltá-lo até o comandante da cidade e assim nos levaram pela cidade que estava cheia de homens armados cujas lanças estavam amontoadas em cada porta e cujos elmos estavam empilhados sob todos os bancos das tavernas. O comandante da cidade era um homem perturbado que nitidamente detestava as responsabilidades de comandar uma guarnição avassalada pela iminência da guerra.

- Soube que vocês deviam ser de *Armórica* quando vi seus escudos, senhor -

disse ele a Galaad. - Um símbolo estranho aos nossos olhos provincianos.

- Um símbolo honrado aos meus - disse Galaad em tom solene, sem me encarar.

- Com certeza, com certeza - concordou o comandante. Chamava-se Halsyd.

- É claro que é bem-vindo, senhor. O nosso Rei Supremo recebe a todos... - Fez uma pausa, embaraçado. Esteve quase dizendo que Gorfyddyd recebia todos os guerreiros sem terra, mas essa expressão era quase um insulto, quando dirigida a um príncipe privado de terras de um reino da *Armórica*. - ... todos os homens corajosos - disse o comandante, emendando-se a tempo. - Não estaria pensando em ficar aqui, por acaso?

- Estava preocupado que fôssemos mais duas bocas esfomeadas numa cidade com dificuldades em alimentar a guarnição existente.

- Vou para *Caer Sws* - anunciou Galaad. - Com meu servo.

Fez um gesto na minha direção.

- Que os Deuses favoreçam sua viagem, senhor.

E, assim, entramos no país inimigo. Cavalgamos por vales tranquilos onde as medas de milho decoravam os campos e os pomares se apresentavam carregados com as maçãs amadurecidas. No dia seguinte estávamos entre os montes, seguindo uma estrada de terra que rasgava grandes extensões de bosques úmidos até que, por fim, subimos para lá das árvores e atravessamos o desfiladeiro que descia até à

capital de Gorfyddyd. Senti um arrepio nervoso, quando vi as toscas muralhas de terra de *Caer Sws*. O exército de Gorfyddyd podia estar reunido em *Branogenium*, a cerca de sessenta quilômetros dali,

mas, mesmo assim, a terra em redor de *Caer Sws* estava carregada de soldados. As tropas tinham levantado abrigos toscos com paredes de pedra e telhados de erva e esses abrigos rodeavam o forte onde esvoaçavam oito estandartes mostrando que homens de oito reinos serviam nas fileiras cada vez mais numerosas de Gorfyddyd.

- Oito? - perguntou Galaad. - *Powys, Silúria, Elmet* e quem mais?

- *Comovia, Demétia, Gwynedd, Rheged* e os Blackshields de *Demétia* - disse eu, terminando a lúgubre lista.

- Não admira que Tewdric queira a paz - disse Galaad serenamente, surpreso com a hoste de homens acampados nas duas margens do rio que corria ao lado da capital do inimigo.

Descemos em direção à colmeia de ferro. Vieram crianças atrás de nós, curiosas por causa dos nossos estranhos escudos, enquanto as mães delas nos olhavam desconfiadas pelas aberturas dos abrigos. Os homens lançavam-nos olhares breves, compreendendo a nossa estranha insígnia e reparando na qualidade das nossas armas, mas nenhum nos desafiou até chegarmos aos portões de *Caer Sws* onde a guarda real de Gorfyddyd nos barrou a entrada com pontas de lança polidas.

- Sou Galaad, príncipe de *Benoic* - anunciou Galaad num tom imponente - e venho ver o meu primo, o Rei Supremo.

- Ele é seu primo? - perguntei, sussurrando.

- É como nós, da realeza, falamos - sussurrou ele.

O cenário dentro do forte explicava, de alguma forma, o porquê de tantos soldados reunidos em *Caer Sws*. Três grandes estacas tinham sido enterradas na terra e esperavam agora as cerimônias formais que precediam a guerra. *Powys* era um dos reinos com menos cristãos e os antigos rituais eram ali cuidadosamente

executados e eu suspeitava que muitos dos soldados acampados do lado de fora das muralhas tinham regressado de *Branogenium* especificamente para assistirem aos ritos e, assim, informarem os seus companheiros de que os deuses tinham sido apaziguados. Não devia haver nada de precipitado na invasão de Gorfyddyd, tudo seria feito com método, e Artur, pensei eu, devia estar certo ao pensar que aquela diligência pedestre podia ser desequilibrada por um ataque surpresa.

Os nossos cavalos foram levados por servos e, então, depois de um conselheiro ter questionado Galaad e determinado que ele era realmente quem dizia ser, fomos introduzidos no grande salão de festas. O porteiro pegou as nossas espadas, as lanças e os escudos e juntou-os aos montes de armas idênticas que pertenciam aos homens já reunidos no salão de Gorfyddyd.

Mais de cem homens estavam reunidos entre as colunas baixas de carvalho, onde havia caveiras humanas penduradas para mostrar que o reino estava em guerra.

Os homens por trás dos ossos de dentes à mostra eram os reis, príncipes, lordes, chefes e campeões dos exércitos reunidos. O único mobiliário do salão era a fila de tronos colocada num estrado, no fundo escuro do salão, onde Gorfyddyd estava sentado sob o seu símbolo da águia, enquanto ao lado dele, mas num trono mais baixo, se sentava Gundleus. Só o ver o rei siluriano fez a cicatriz da minha mão esquerda pulsar. Tanaburs estava sentado ao lado de Gundleus, enquanto Gorfyddyd tinha Iorweth, o seu próprio druida, ao seu lado direito. Cuneglas, o príncipe herdeiro de Powys, estava sentado num terceiro trono ladeado por reis que eu não reconheci.

Não havia nenhuma mulher presente. Era sem dúvida um conselho de guerra ou, pelo menos, uma oportunidade para os homens se regozijarem com a vitória que era quase sua. Os homens envergavam cotas de malha e armaduras de couro.

Paramos ao fundo da sala e vi Galaad rezar uma oração silenciosa ao seu Deus. Um cão-lobo, com uma orelha mordida e os quadris cheios de cicatrizes, farejou as nossas botas e, depois, correu aos saltos para o seu dono, que estava com os outros guerreiros no chão de terra coberto de juncos. Num canto distante do salão um bardo cantava suavemente um cântico de guerra, se bem que a sua recitação *staccata* fosse ignorada pelos homens que escutavam Gundleus a descrever as forças que esperava virem de *Demétia*. Um chefe, evidentemente um homem que, no passado, sofrera com os Irlandeses, protestou que *Powys* não precisava da ajuda dos Blackchields para vencer Artur e Tewdric, mas o seu protesto foi acalmado por um gesto abrupto de Gorfyddyd. Eu estava à espera de que fôssemos obrigados a permanecer ali enquanto o conselho terminava o seu outro assunto, mas não esperamos mais de um minuto para sermos conduzidos pelo centro do salão até o espaço aberto à frente de Gorfyddyd. Olhei para Gundleus e para Tanaburs, mas nenhum deles me reconheceu.

Nos ajoelhamos e esperamos.

- Levantem-se - disse Gorfyddyd. Obedecemos e mais uma vez olhei para o seu rosto frio. Não tinha mudado muito desde a última vez que o vira. O seu rosto continuava tão arrogante e desconfiado como quando Artur viera pedir a mão de Ceinwyn, se bem que a sua doença dos últimos anos lhe tivesse deixado o cabelo e a barba brancos. A barba era pouca e não conseguia esconder a papeira que agora lhe desfigurava a garganta. Olhou para nós circunspecto.

- Galaad - disse numa voz enrouquecida - príncipe de Benoic. Ouvimos falar de seu irmão, Lancelot, mas não de você. É, tal como seu irmão, um dos ursinhos de Artur?

- Não tenho juramento nenhum para com homem nenhum, senhor - disse Galaad - exceto para com o meu pai, cujos ossos foram esmagados pelos seus inimigos. Eu não tenho terra.

Gorfyddyd mexeu-se no seu trono. A sua manga esquerda vazia caía ao lado do braço do trono, uma lembrança sempre presente do seu odiado inimigo: Artur.

- Então veio me ver à procura de terra, Galaad de Benoic? - perguntou ele. -

Muitos outros vieram com o mesmo propósito - avisou ele. fazendo um gesto pela sala repleta. - Apesar de me atrever a dizer que há terra suficiente para todos em *Dumnónia*.

- Eu vim ao senhor, com saudações, espontaneamente trazidas, do rei Tewdric de *Gwent*.

Esta frase causou um reboiço no salão. Alguns homens no fundo da sala que não tinham ouvido o anúncio de Galaad pediram para que fosse repetido e o murmúrio das conversas continuou durante alguns segundos. Cuneglas, o filho de Gorfyddyd, ergueu os olhos e olhou-o de maneira penetrante. O seu rosto redondo com longos bigodes negros parecia preocupado e não admirava, pensei eu, pois Cuneglas era como Artur, um homem que suspirava pela paz, mas quando Artur desprezou Ceinwyn tinha também destruído as esperanças de Cuneglas e, agora, o Príncipe Herdeiro de *Powys* nada podia fazer senão seguir o seu pai numa guerra que ameaçava devastar os reinos do Sul.

- Parece que nossos inimigos estão perdendo a sua sede de batalha - disse Gorfyddyd. - Por que outra razão Tewdric manda saudações?

- O rei Tewdric, Rei Supremo, não teme nenhum homem, mas ama mais a paz - disse Galaad, cautelosamente, usando o título que Gorfyddyd tinha concedido a si próprio em antecipação à sua vitória.

O corpo de Gorfyddyd agitou-se e, por um momento, pensei que ele estava prestes a vomitar, mas depois percebi que estava rindo.

- Nós, os reis, só amamos a paz quando a guerra se torna inconveniente para nós. Esta multidão, Galaad de *Benoic* - fez um gesto na direção do ajuntamento de chefes e príncipes - explicará o novo amor pela paz de Tewdric. - Fez uma pausa para respirar. - Até agora, Galaad de *Benoic*, me recusei a receber os mensageiros de Tewdric. Por que razão devia recebê-los? Será que uma águia escuta um cordeiro balindo por misericórdia? Dentro de alguns dias pretendo escutar todos os homens de *Gwent* balindo pela paz, mas, agora, já que chegou tão longe, pode divertir-me. O que é que Tewdric tem para me oferecer?

- Paz, Senhor, só paz.

Gorfyddyd cuspiu.

- Você não tem terra, Galaad, e anda de mãos abanando. Tewdric pensa que basta pedir para se ter paz? Tewdric pensa que eu gastei o dinheiro do meu reino num exército para nada? Ele pensa que sou maluco?

- Ele pensa, senhor, que o sangue derramado entre Bretões é sangue desperdiçado.

- Você fala como uma mulher, Galaad de *Benoic*. - Gorfyddyd lançou o insulto numa voz deliberadamente alta, por isso o salão com teto de vigas ecoaram as zombarias e as risadas. - No entanto - continuou, quando as gargalhadas se dissiparam – você tem de levar alguma resposta para o rei de *Gwent*. Então deixe que seja esta. - Fez uma pausa para ordenar os pensamentos. - Diga a Tewdric que ele é

um cordeiro sugando na teta seca de *Dumnónia*. Diga-lhe que a minha disputa não é

com ele, mas sim com Artur. Por isso, diga a Tewdric que pode ter a sua paz nestas duas condições: primeiro, que deixe o meu exército passar pelo seu território sem pôr obstáculos e, segundo, que me dê

cereais suficientes para alimentar mil homens durante dez dias. - Os guerreiros presentes no salão sobressaltaram-se, pois aqueles eram termos generosos, mas também inteligentes. Se Tewdric os aceitasse, então evitaria o saque do seu país e tornaria mais fácil a invasão de *Dumnónia* por Gorfyddyd. – Você tem poder, Galaad de *Benoic* - perguntou Gorfyddyd - para aceitar estes termos?

- Não, meu Senhor, apenas para perguntar que termos oferecidos e perguntar o que pretende fazer com Mordred, rei de *Dumnónia*, a quem Tewdric jurou proteger.

Gorfyddyd adotou um olhar ferido.

- Tenho ar de quem faz guerra com crianças? - perguntou e, depois, levantou-se e avançou até à borda do estrado dos tronos. - A minha disputa é com Artur -

repetiu, não só para nós, mas para todo o salão - que preferiu casar com uma puta de *Henis Wyren* a casar com a minha filha. Será que algum homem deixaria este insulto por vingar? - Pelo salão troou a resposta. - Artur é um arrogante parido por uma puta e para uma puta ele voltou! Enquanto *Gwent* proteger o amante da puta, *Gwent* é nosso inimigo. Enquanto *Dumnónia* lutar pelo amante da puta, *Dumnónia* é nossa inimiga. E

o nosso inimigo será o generoso fornecedor do nosso ouro, dos nossos escravos, da nossa comida, da nossa terra, das nossas mulheres e da nossa glória! Vamos matar Artur e poremos a sua puta para trabalhar nas nossas casernas. - Esperou até os vivas desaparecerem, olhando em seguida autoritariamente para Galaad. - Diga isto a Tewdric, Galaad de *Benoic*, e depois diga-o a Artur.

- Derfel pode dizer isso a Artur - disse uma voz vinda do salão e eu me virei para ver Ligessac, o manhoso Ligessac, outrora comandante da guarda de Norwenna e agora um traidor ao serviço de Gundleus. Apontou para mim e prosseguiu: - Esse homem tem um juramento para com Artur, Rei Supremo. Juro pela minha vida.

O salão agitou-se em alvoroço. Conseguia ouvir homens gritando que eu era um espião e outros exigindo a minha morte. Tanaburs olhava para mim atentamente, tentando ver através da minha barba loura e comprida e do meu espesso bigode até

que, de repente, me reconheceu e gritou:

- Matem-no! Matem-no!

Os guardas de Gorfyddyd, os únicos homens armados no salão, correram na minha direção. Gorfyddyd mandou parar os seus lanceiros com a mão erguida e, aos poucos, silenciou a multidão barulhenta.

- Está ligado por juramento ao amante da puta? - perguntou-me o rei numa voz assustadora.

- Derfel está a meu serviço, Rei Supremo - insistiu Galaad.

Gorfyddyd apontou para mim.

- Ele responderá. Está ligado por juramento a Artur?

Eu não podia mentir sobre um juramento.

- Sim, meu senhor - admiti.

Gorfyddyd saiu com passos pesados da plataforma e esticou o seu único braço para um guarda, se bem que continuasse olhando para mim.

- Sabe, cão, o que fizemos ao último mensageiro de Artur?

- Mataram-no, senhor - disse eu.

- Mandeí a cabeça dele cheia de larvas ao seu amante da puta, foi isso o que eu fiz. Ande, rápido! - disse ele, num tom brusco, ao guarda mais próximo que não sabia o que pôr na mão estendida do

seu rei. - A sua espada, idiota! - disse Gorfyddyd, e o guarda desembainhou apressadamente a espada e entregou-a pelo lado dos copos ao rei.

- Senhor. - Galaad avançou, mas Gorfyddyd moveu a lâmina, fazendo-a vacilar muito perto dos olhos de Galaad.

- Cuidado com o que diz no meu salão, Galaad de *Benoic* - resmungou Gorfyddyd.

- Eu suplico-lhe pela vida de Derfel - disse Galaad. - Ele não veio como espião, mas como um emissário da paz.

- Eu não quero a paz! - gritou Gorfyddyd para Galaad. - A paz não me traz prazer! Quero ver Artur chorando como a minha filha chorou. Entendeu? Quero ver as lágrimas dele! Quero vê-lo suplicar como ela me suplicou. Quero vê-lo rastejar, quero vê-lo morto e a sua puta dando prazer aos meus homens. Nenhum mensageiro de Artur é aqui bem recebido e Artur sabe disso! E você sabia disso! - Gritou estas últimas quatro palavras para mim, virando a espada na direção da minha cara.

- Mate-o! Mate-o! - Tanaburs, com a sua andrajosa túnica bordada, saltava para cima e para baixo, os ossos que trazia no cabelo chocalhavam como feijões secos numa panela.

- Toque-lhe, Gorfyddyd - disse uma nova voz na sala - e a sua vida será

minha. Vou enterrá-la num monte de estrume em *Caer Idion* e chamar os cães para mijar nela. Darei sua alma aos espíritos de crianças com falta de brinquedos. Vou mantê-lo na escuridão até ao último dia e, depois, vou cuspir-te em cima até a nova era começar e, mesmo então, senhor, os seus tormentos terão apenas começado.

Senti a tensão desaparecer de mim como um fluxo de água. Apenas um homem se atreveria a falar assim com um Rei Supremo. Era Merlim. Merlim! Merlim, que agora caminhava em passo lento e altaneiro até à nave central do salão, Merlim, que passou por mim e, com um gesto mais real do que algum que Gorfyddyd já fizera, usou o seu bastão negro para atirar para o lado a espada do rei. Merlim, que agora caminhava para Tanaburs e lhe sussurrava algo ao ouvido, fazendo o druida menos poderoso gritar e fugir do salão.

Era Merlim, que conseguia mudar como nenhum outro homem. Ele adorava fingir, confundir e enganar. Sabia ser brusco, maldoso, paciente ou altivo, mas nesse dia escolhera aparecer com uma majestade fria e decidida. Não havia sorriso no seu rosto moreno nem um pingo que fosse de alegria nos seus olhos profundos, apenas um olhar de tal autoridade e arrogância que os homens mais próximos dele se deixaram cair instintivamente de joelhos e até mesmo o rei Gorfyddyd, que segundos antes estava pronto para enterrar a espada na minha garganta, baixou a lâmina.

- Fala por este homem, Lorde Merlim? - perguntou Gorfyddyd.

- Está surdo, Gorfyddyd? - perguntou Merlim bruscamente. - Derfel Cadarn deve viver. Deve ser seu hóspede de honra. Deve comer da sua comida e beber do seu vinho. Deve dormir nas suas camas e ficar com as suas escravas, se assim o desejar. Derfel Cadarn e Galaad de *Benoic* estão sob a minha proteção. - Virou-se para abranger com o olhar todo o salão, desafiando qualquer homem a opor-se a ele. -

Derfel Cadarn e Galaad de *Benoic* estão sob a minha proteção - repetiu ele e, desta vez, levantou o bastão negro e até se sentiam os guerreiros tremendo ante a ameaça.

- Sem Derfel Cadarn e Galaad de *Benoic* não haveria Sabedoria da Grã-Bretanha. Eu teria morrido em *Benoic* e todos vocês estariam condenados à escravidão sob o governo saxão. - Virou-se de novo

para Gorfyddyd. - Eles precisam de comida. E pare de olhar para mim, Derfel - acrescentou, mesmo sem estar virado para mim.

Eu estivera olhando para ele, num misto de espanto e de alívio, mas também tentava imaginar o que estaria Merlim fazendo naquela cidadela do inimigo. É claro que os druidas eram livres para viajar para onde quisessem, mesmo para território inimigo, mas a sua presença em *Caer Sws* precisamente nesta altura parecia-me estranha e até perigosa, pois apesar de os homens de Gorfyddyd estarem intimidados com a presença do druida, não deixavam de estar também ressentidos com a sua interferência e alguns, a salvo ao fundo do salão, resmungavam que se metesse na sua própria vida.

Merlim virou-se para eles.

- A minha vida - disse numa voz subjugada que, no entanto, acabou com os pequenos protestos - é tomar conta das suas almas e, se eu tratar de afogar essas almas na miséria, então vocês desejarão que as suas mães nunca os tivessem parido.

Cambada de tolos! - Esta última palavra foi dita alto e bruscamente e acompanhada por um gesto do bastão que fez cair de joelhos os homens vestidos com armaduras apesar da dificuldade que tinham em fazê-lo assim vestidos. Nenhum dos reis se atreveu a intervir, quando Merlim desferiu um golpe com o bastão dando uma forte pancada numa das caveiras penduradas numa coluna. - Vocês rezam pela vitória! Mas a troco de quê? Da sua própria família e não do seu inimigo! Os seus inimigos são os Saxões. Durante anos sofremos sob o jugo romano, mas, por fim, aprouve aos deuses livrar-nos dos vermes romanos e o que é que nós fazemos? Lutamos entre nós e deixamos um novo inimigo tomar conta da nossa terra, violar as nossas mulheres e ceifar as nossas searas. Por isso, façam a sua guerra, cambada de tolos, façam-na e ganhem-na e, ainda assim, não conseguirão a vitória.

- Mas a minha filha será vingada - disse Gorfiddyd por trás de Merlim.

- A tua filha, Gorfyddydd - disse Merlim, virando-se para ele - vingará a sua própria dor. Quer saber qual o destino dela? - Fez a pergunta em tom zombeteiro, mas respondeu-lhe sobriamente e numa voz que tinha a entoação de uma profecia. - Ela nunca chegará muito alto nem nunca descera muito baixo, mas será feliz. A alma dela, Gorfyddydd, é abençoada e se você tivesse pelo menos o bom senso de uma pulga ficaria contente com isso.

- Ficarei contente com a cabeça de Artur - disse Gorfyddydd num tom de desafio.

- Então vá buscá-la - disse Merlim com escárnio e, depois, puxou-me pelo cotovelo. - Ande, Derfel, vem desfrutar da hospitalidade do seu inimigo.

Conduziu-nos para fora do salão, avançando sem preocupação por entre as fileiras de ferro e couro do inimigo. Os guerreiros olhavam-nos ressentidos, mas não havia nada que pudessem fazer para nos impedir de sair do salão e ocupar um dos quartos de hóspedes de Gorfyddydd que, evidentemente, o próprio Merlim estivera usando.

- Então Tewdric quer a paz? - perguntou-nos ele.

- Quer, senhor - respondi.

- Tewdric tinha de querer. Ele é cristão e, por isso, pensa que sabe mais do que os seus.

- E o senhor conhece as mentes dos deuses, Senhor? - perguntou Galaad.

- Sei que os deuses detestam que os aborreçam, por isso faço o possível para diverti-los. Assim, eles sorriem para mim. O teu Deus - disse Merlim amargo, -

despreza a diversão, exigindo em seu lugar uma veneração abjecta. Deve ser uma criatura muito triste. Deve ser mais ou menos como Gorfyddyd, desconfiado demais e abominavelmente zeloso da sua reputação. Já viram a sorte que vocês tiveram de eu estar aqui? - Sorriu-nos de esguelha, súbita e manhosamente, e vi o quanto ele tinha saboreado a humilhação pública de Gorfyddyd. Uma parte da reputação de Merlim devia-se às suas ações. Alguns druidas, como Iorweth, trabalhavam calmamente; outros, como Tanaburs, apoiavam-se na sua astúcia sinistra, mas Merlim gostava de dominar e confundir, e humilhar um rei ambicioso era nele algo de instintivo e que lhe dava muito prazer.

- Ceinwyn é mesmo abençoada? - perguntei-lhe.

Ele ficou atônito perante uma pergunta tão inesperada.

- O que é que isso te interessa? Mas ela é uma menina bonita e confesso que meninas bonitas são o meu fraco, por isso lhe vou tecer um encanto de felicidade.

Uma vez fiz o mesmo com você, Derfel, apesar de não ter sido por você ser bonito. -

Riu e olhou pela janela para avaliar o comprimento das sombras do Sol. - Tenho de partir em breve.

- O que o trouxe aqui, senhor? - perguntou Galaad.

- Precisava falar com Iorweth - disse Merlim, olhando em redor para ter certeza que tinha arrumado todos os seus pertences. - Ele pode ser um idiota chapado, mas possui aquele fragmento ímpar do conhecimento que eu devo ter esquecido momentaneamente. Mostrou ter conhecimentos acerca do Anel de Eluned. Tenho-o em algum lugar por aqui. - Bateu de leve nos bolsos cozidos no forro da túnica. - Bem, tinha-o - disse ele, descuidado, apesar de eu suspeitar que a indiferença era apenas fingimento.

- O que é o Anel de Eluned? - perguntou Galaad.

Merlim lançou um olhar carrancudo ao meu amigo pela sua ignorância, mas resolveu satisfazer-lhe a curiosidade.

- O Anel de Eluned - anunciou de modo imponente - é um dos Treze Tesouros da Grã-Bretanha. É claro que sempre soubemos que os Tesouros existiam, pelo menos aqueles de nós que reconhecem os verdadeiros deuses - acrescentou, mordaz, olhando de soslaio para Galaad. - Mas nenhum de nós tinha certeza do seu verdadeiro poder.

- E o pergaminho disse-lhe qual era? - perguntei.

Merlim esboçou um sorriso sinistro. O seu longo cabelo branco estava irrepreensivelmente amarrado na nuca com uma fita preta enquanto a barba estava entrançada em rabichos apertados.

- O pergaminho - disse ele - confirmou tudo o que eu suspeitava ou sabia e até sugeriu um ou dois pedaços novos de conhecimento. Ah, aqui está. - Tinha vasculhado os bolsos à procura do anel que agora nos mostrava. - A mim o tesouro parecia um anel de guerreiro comum, feito de ferro, mas Merlim segurava-o na palma da mão como se fosse a mais preciosa jóia da Grã-Bretanha. - Aqui está o Anel de Eluned - disse Merlim - forjado no Outro Mundo no início dos tempos. Na verdade é

apenas um pedaço de metal, nada de especial. Atirou-o e eu o agarrei apressadamente. - Por si só o Anel não tem qualquer poder.

- Nenhum dos Tesouros tem poder por si só. O Manto da Invisibilidade não vai se tornar visível, nem a Corneta de Bran Galed soa melhor do que qualquer outra corneta de caça. Por falar nisso, Derfel, você foi buscar Nimue?

- Fui.

- Muito bem. Calculei que fizesse isso. É um lugar interessante, a ilha dos Mortos, não acha? Eu vou lá, quando preciso de companhia estimulante. Onde é que eu ia? Ah, sim, os Tesouros. Tralha sem valor, na verdade. Não daria o Casaco de Padarn a um pedinte, se fosse simpático, claro. No entanto também é um dos Tesouros.

- Então para que servem? - perguntou Galaad. Tinha me tirado o Anel da mão, e agora entregava-o de novo ao druida.

- Comandam os deuses, claro - disse Merlim com brusquidão, como se a resposta tivesse sido óbvia. - Por si só são aparatos que nada valem, mas junte-os e consegue pôr os deuses a saltar como rãs. É claro que não é suficiente juntar os Tesouros - acrescentou rapidamente - há mais um ou dois rituais que são necessários.

E quem sabe se tudo isso funcionará? Que eu saiba nunca ninguém experimentou.

Nimue está bem? - perguntou-me, muito sério.

- Agora está.

- Você parece ressentido! Acha que eu devia ter ido buscá-la? Meu querido Derfel, já ando suficientemente ocupado sem ter de andar correndo a Grã-Bretanha atrás de Nimue! Se a menina não consegue fazer frente à ilha dos Mortos, então para que é que serve?

- Ela podia ter morrido - acusei-o, pensando nos vampiros e nos canibais.

- Claro que podia! Para que serve uma prova física se não houver perigo?

Você parece criança, Derfel. - E Merlim abanou a cabeça cheio de compaixão, ao mesmo tempo que enfiava o Anel num dos seus dedos longos e ossudos. Olhou-nos solenemente e cada um de nós

esperou aterrado por alguma manifestação de poder sobrenatural, mas depois de alguns segundos ameaçadores Merlim limitou-se a rir da expressão dos nossos rostos. - Eu bem lhes disse! Os Tesouros não são nada de especial.

- Quantos Tesouros o senhor já tem? - perguntou Galaad.

- Vários - respondeu Merlim, evasivo. - Mas, mesmo que tivesse doze dos treze, ainda assim estaria com problemas, a não ser que encontrasse o décimo terceiro. E esse, Derfel, é o Tesouro que falta. O Caldeirão de Clyddno Eiddyn. Sem o Caldeirão estamos perdidos.

- Estamos perdidos de qualquer maneira - disse eu, amargamente. Merlim olhou para mim como se eu estivesse sendo particularmente obtuso.

- A guerra? - disse ele depois de alguns segundos. - Foi por isso que vieram?

Suplicar pela paz! Que tolos que vocês são! Gorfyddyd não quer paz. O homem é um animal. Tem os miolos de um boi e nem sequer de um boi muito inteligente. Quer ser Rei Supremo, o que significa que tem de governar *Dumnónia*.

- Ele diz que deixará Mordred no trono - disse Galaad.

- É claro que diz! - disse Merlim com desdém. - O que mais poderia dizer?

Mas no minuto em que puser as mãos no pescoço da infeliz criança vai torcê-lo como se torce o pescoço de uma galinha, e isso é bom.

- Quer que Gorfyddyd ganhe? - perguntei aterrado.

Ele suspirou.

- Derfel, Derfel, você é tão parecido com Artur. Acha que o mundo é simples, que o bom é bom e o mau é mau, que em cima é em cima e em baixo é em baixo.

Pergunta-me o que é que eu quero? Eu digo o que quero. Quero os Treze Tesouros e os usarei para trazer os deuses de volta para a Grã-Bretanha e, depois, ordenarei que renovem a Grã-Bretanha e a elevem à abençoada condição que desfrutava antes da vinda dos Romanos. Nada de adoradores de Cristo - apontou um dedo a Galaad - nem de adoradores de Mitra - apontou para mim - apenas o povo dos deuses no país dos deuses. Isso, Derfel, é o que eu quero.

- E Artur? - perguntei eu.

- O que tem Artur? É um homem, tem uma espada, pode tomar conta de si próprio. O destino é inflexível, Derfel. Se o destino quiser que Artur ganhe esta guerra, então não importa que Gorfyddyd junte todos os exércitos do mundo contra ele. Se eu não tivesse nada mais importante para fazer, confesso que ajudaria Artur, porque gosto dele, mas o destino decretou que sou um velho, cada vez mais fraco e com uma bexiga que nem um odre esburacado, e que, por isso, devo poupar as minhas energias em declínio. - Proclamou esta condição patética num tom vigoroso. - Nem mesmo eu posso vencer as guerras de Artur, curar a mente de Nimue e descobrir os Tesouros, tudo ao mesmo tempo. É claro que se descobrir que salvar a vida de Artur me ajuda a encontrar os Tesouros, então, ter certeza que participarei na batalha. Mas, e se não for assim? - Encolheu os ombros como se a guerra não tivesse qualquer importância para ele. E suponho que não tinha mesmo. Virou-se para a pequena janela e olhou para as três estacas que tinham sido erguidas na fortaleza. - Vão ficar para assistir às formalidades, espero.

- Devemos ficar? - perguntei eu.

- Claro que devem, se Gorfyddyd permitir. Toda a experiência é útil, embora horrível. Eu já realizei os ritos vezes suficientes, por isso não ficarei para me divertir, mas tenham certeza que vão estar em segurança aqui. Transformarei Gorfyddyd numa lesma se ele tocar num só cabelo das suas cabeças loucas, mas agora tenho de ir.

Iorweth pensa que há uma velhota na fronteira com *Demétia* que deve se lembrar de alguma coisa útil. Se estiver viva, claro, e ainda se lembrar. Detesto falar com velhotas; ficam tão agradecidas pela companhia que nunca mais se calam e afastam-se sempre do assunto. Que perspectiva. Diga a Nimue que estou ansioso por vê-la!

E com estas palavras saiu pela porta e atravessou o interior do forte.

Nessa tarde o céu ficou cheio de nuvens e uns chuviscos horríveis ensoparam o forte antes do anoitecer. O druida Iorweth veio nos encontrar e garantiu-nos que estávamos a salvo, mas diplomaticamente sugeriu que iríamos afrontar a relutante hospitalidade de Gorfyddyd se participássemos no festim dessa noite, que marcava a última reunião dos aliados e dos chefes de Gorfyddyd antes dos homens reunidos em *Caer Sws* marcharem para o Sul para se juntarem ao resto do exército em *Branogenium*. Garantimos a Gorfyddyd que não pretendíamos ir à festa. O druida sorriu, agradeceu e sentou-se num banco ao lado da porta.

- São amigos de Merlim? - perguntou.

- Lorde Derfel é - disse Galaad.

Iorweth esfregou os olhos, cansado. Era velho, com um rosto sereno e afável e uma cabeça calva onde o fantasma de uma tonsura aparecia acima de cada orelha.

- Não consigo deixar de pensar que o meu irmão Merlim espera muito dos deuses. Acredita que o mundo pode ser feito de novo e que a história pode ser apagada como uma linha desenhada na

lama. Mas não é assim. - Catou um piolho na barba e olhou para Galaad, que usava uma cruz ao pescoço. Abanou a cabeça. -

Invejo o seu Deus cristão. É três e é um, está morto e está vivo, está em todo o lado e não está em lado nenhum e exige que vocês O adorem, mas afirma que nada mais merece ser adorado. Há espaços nestas contradições para um homem acreditar em alguma coisa e em nada, mas isso não acontece com os nossos deuses. Eles são como reis, inconstantes e poderosos, e se quiserem nos esquecer, esquecem-nos.

Não interessa o que acreditamos, apenas o que eles querem. Os nossos feitiços só

funcionam quando os deuses permitem. É claro que Merlim não concorda. Ele acha que se gritarmos suficientemente alto, conseguiremos a atenção deles, mas o que se faz com uma criança que grita?

- Dá-lhe atenção? - sugeri.

- Bate-se, Lorde Derfel - disse Iorweth. - Bate-se até ficar sossegada. Temo que Lorde Merlim possa gritar muito alto por muito tempo. - Levantou-se e apanhou o bastão. - Peço desculpas por não poderem comer com os guerreiros esta noite, mas a princesa Helledd diz que são bem-vindos para comer com a sua família.

Helledd de Elmet era a mulher de Cuneglas e o convite dela não era necessariamente um elogio. Na realidade o convite poderia ser um insulto medido e inventado por Gorfyddyd para implicar que nós só servíamos para comer com as mulheres e as crianças, mas Galaad disse que ficaríamos honrados por aceitar.

E ali, no pequeno salão de Helledd, estava Ceinwyn. Eu quisera vê-la de novo, quisera-o desde o momento em que Galaad se aventurou a sugerir que se enviasse uma embaixada a Powys, e fora por isso que eu fizera tamanhos esforços para acompanhá-lo.

Eu não tinha vindo a *Caer Sws* para fazer a paz, mas sim para ver o rosto de Ceinwyn de novo e agora, à luz tremeluzente das velas do salão de Helledd, eu a vi.

Os anos não a tinham mudado. O seu rosto continuava tão doce, os seus modos tão reservados, o seu cabelo tão brilhante e o seu sorriso tão encantador como antes. Quando entramos no salão ela estava ocupada com uma criança, tentando dar-lhe pequenos pedaços de maçã. A criança era Perddel, filho de Cuneglas.

- Disse-lhe que se ele não comesse a maçã os horríveis dumnonianos o levariam embora - disse ela com um sorriso. - Acho que ele deve querer ir com os senhores, pois não come nada.

Helledd de Elmet, a mãe de Perddel, era uma mulher alta com os maxilares quadrados e uns olhos pálidos. Deu-nos as boas-vindas, ordenando a uma serva que nos servisse hidromel e, depois, apresentou-nos às suas duas tias, Tonwyn e Elsel, que nos olhavam com ressentimento. Tínhamos evidentemente interrompido uma conversa que estava lhes agradando e os olhares azedos das tias sugeriam que devíamos ir embora, mas Helledd foi mais amável.

- Conhecem a princesa Ceinwyn? - perguntou.

Galaad fez-lhe uma vênia, depois acocorou-se ao lado de Perddel. Ele sempre gostara de crianças que, por sua vez, confiavam nele desde o primeiro momento. Momentos depois os dois príncipes brincavam com os pedaços de maçã

como se fossem raposas, sendo a boca de Perddel a caverna das raposas e os dedos de Galaad os galgos atrás da raposa. E os pedaços de maçã desapareceram.

- Porque não pensei nisso? - perguntou Ceinwyn.

- Porque não foi criada pela mãe de Galaad, senhora - disse eu - que sem dúvida lhe dava de comer da mesma forma. Ainda agora

ele só come se alguém tocar uma corneta de caça.

Ela riu e, então, reparou no pregador que eu usava. Perdeu a respiração, corou e, por um momento, pensei que tinha cometido um tremendo erro. Mas ela sorriu.

- Devia lembrar-me do senhor, Lorde Derfel?

- Não, senhora minha. Eu era muito novo.

- E guardou-o? - perguntou ela, aparentemente atônita por alguém ter transformado num tesouro um dos seus presentes.

- Guardei-o, Senhora, mesmo quando perdi todo o resto.

A princesa Helledd nos interrompeu, perguntando o que nos trouxera a *Caer Sws*. Tenho certeza que ela já sabia, mas era diplomático uma princesa fingir que estava por fora do conselho dos homens. Respondi dizendo que tínhamos sido enviados para averiguar se a guerra era inevitável ou não.

- E é? - perguntou a princesa com uma preocupação compreensível, pois no dia seguinte o marido partiria para Sul, em direção ao inimigo.

- Infelizmente, Senhora, parece que sim - respondi.

- É tudo culpa de Artur - disse firmemente a princesa Helledd, e as tias concordaram vigorosamente com a cabeça.

- Acho que Artur concorda com a senhora - disse eu - e lamenta que assim tenha de ser.

- Então porque luta contra nós? - quis saber Helledd.

- Porque jurou manter Mordred no trono, senhora.

- O meu sogro nunca afastaria o herdeiro de Uther - disse Helledd, furiosa.

- Lorde Derfel quase ficou sem a cabeça ao ter essa conversa esta manhã -

disse Ceinwyn num tom travesso.

- Lorde Derfel - interveio Galaad, erguendo os olhos e desviando os pensamentos da última caçada à raposa - continua a ter a cabeça no lugar, porque é

amado pelos seus deuses.

- E não pelo seu, senhor? - perguntou Helledd rispidamente.

- O meu Deus ama todos, senhora.

- Quer dizer que o faz indiscriminadamente? - E riu.

Comemos ganso, galinha, lebre e carne de veado e nos foi servido um mau vinho que devia ter estado guardado durante muito tempo. Depois da refeição fomos nos sentar em divãs com almofadas e uma harpista tocou para nós. Os divãs eram mobília indispensável nos salões das damas, e tanto Galaad como eu nos sentíamos desconfortáveis naquelas camas baixas e macias, mas eu estava muito contente, pois conseguira ocupar o divã ao lado de Ceinwyn. Durante algum tempo fiquei sentado muito reto, mas depois inclinei-me sobre um cotovelo para poder falar suavemente com ela, e felicitei-a pelos seus esponsais com Gundleus.

Ela me lançou um olhar divertido.

- Você parece um cortesão falando - disse ela.

- Às vezes sou obrigado a ser um cortesão, Senhora. Prefere que seja o guerreiro?

Ela também se apoiou no cotovelo para podermos falar sem perturbar a música e com a proximidade do seu corpo era como se os meus sentidos pairassem em fumaça.

- O preço que o meu Senhor, Gundleus pediu pela minha mão foi o seu exército participar nesta guerra - disse ela suavemente.

- Então, o exército dele, Senhora - disse - é o mais valioso da Grã-Bretanha.

Ela não sorriu com o elogio, mas manteve os olhos fixos nos meus.

- É verdade - perguntou muito calmamente - que ele matou Norwenna?

A franqueza da pergunta abalou-me.

- O que disse ele, Senhora? - perguntei em vez de responder diretamente.

- Diga - e a sua voz ficou ainda mais baixa, eu mal conseguia ouvir o que dizia - que os seus homens foram atacados e que na confusão ela morreu. Diga que foi um acidente.

Olhei de relance para a jovem que tocava harpa. As tias olhavam iradamente para nós, mas Helledd não parecia preocupada com a nossa conversa. Galaad ouvia a música, com um braço em redor de Perddel, que dormia.

- Eu estava no Tor nesse dia, senhora - disse, virando-me de novo para Ceinwyn.

- E?

Decidi que a franqueza dela merecia uma resposta franca.

- Ela ajoelhou-se perante ele como sinal de boas-vindas, senhora - disse eu -

e ele enfiou-lhe a espada pela garganta abaixo. Eu vi.

O rosto dela tornou-se mais duro por um momento. A luz tremeluzente das velas dava brilho à sua tez pálida e lançava sombras suaves nas suas faces e por baixo do lábio inferior. Usava um vestido magnífico de linho azul pálido ornamentado com a pele prateada e manchada de negro de um furão. Um colar de prata rodeava-lhe o pescoço, os brincos eram de prata e reparei como a prata condizia com o seu cabelo brilhante. Solto um leve suspiro.

- Temia ouvir essa verdade - disse ela, - mas, sendo princesa, significa que devo casar com quem me for mais útil fazê-lo e não com quem eu possa querer. -

Virou a cabeça para a música, por um momento, e voltou a reclinar-se, aproximando-se de mim. - O meu pai diz que esta é uma guerra para lavar a minha honra. É mesmo?

- Para ele é, Senhora. Mas posso dizer-lhe que Artur está arrependido do mal que fez.

Ela esboçou um leve esgar. O assunto era claramente doloroso, mas ela não podia deixar de falar nele, pois a rejeição de Artur mudara a vida de Ceinwyn de forma muito mais sutil e triste do que alguma vez mudara a dele. Artur partira para a felicidade e para o casamento enquanto ela fora deixada sofrendo os arrependimentos e procurando respostas dolorosas que, evidentemente, não tinham sido encontradas.

- O senhor entende Artur? - perguntou ela, momentos depois.

- Nessa época eu não o entendia, senhora - disse eu. - Pensava que ele era um tolo. Era o que todos pensávamos.

- E agora? - perguntou ela com os olhos azuis presos aos meus.

Pensei durante alguns segundos.

- Agora, penso, senhora, que por uma vez na vida, Artur foi atingido por uma loucura que ele não conseguiu controlar.

- O amor?

Olhei para ela e disse a mim mesmo que eu não estava apaixonado por ela e que o pregador dela era um talismã conseguido por acaso. Disse a mim mesmo que ela era uma princesa e eu o filho de uma escrava.

- Sim - disse eu.

- Entende essa loucura? - perguntou-me ela.

Eu não tinha consciência de mais nada naquele salão senão de Ceinwyn A princesa Helledd, o príncipe adormecido, Galaad, as tias, a harpista, nenhum deles existia para mim, tal como não existiam as tapeçarias nas paredes nem os suportes de bronze das velas. Só tinha consciência dos olhos grandes e tristes de Ceinwyn e do bater do meu próprio coração.

- Eu entendo que se possa olhar dentro dos olhos de alguém - ouvi-me dizer

- e, de repente, perceber que a vida seria impossível sem essa pessoa. Saber que a voz dela pode fazer o coração bater mais depressa e que a companhia dela é tudo o que a nossa felicidade deseja, e que a ausência dela deixará a nossa alma só, perdida e despojada.

Durante algum tempo ela não disse nada, limitando-se a olhar-me com uma expressão confusa.

- Isso lhe aconteceu alguma vez, Lorde Derfel? - perguntou por fim.

Hesitei. Sabia as palavras que a minha alma queria dizer e sabia as palavras que a minha posição me devia fazer dizer, mas depois

disse a mim mesmo que um guerreiro não prosperava com a timidez e deixei que a minha alma tomasse conta da minha língua.

- Nunca me aconteceu até este momento, senhora - disse eu. Precisei de mais coragem para fazer aquela declaração do que alguma vez precisara para quebrar uma muralha de escudos.

Ela desviou imediatamente o olhar e sentou-se muito reta e eu me amaldiçoei por tê-la ofendido com a minha estúpida falta de jeito. Permaneci reclinado no divã, com o rosto vermelho e a alma doendo de embaraço enquanto Ceinwyn aplaudia a harpista atirando algumas moedas de prata para o tapete ao lado do instrumento.

Depois pediu-lhe que tocasse a Canção de Rhiannom.

- Pensei que não estava ouvindo, Ceinwyn - disse uma das tias num tom desagradável.

- Estou, Tonwyn, estou e sinto um grande prazer em tudo o que ouço - disse Ceinwyn e, de repente, senti-me como um homem se sente, quando a muralha de escudos do inimigo se desmorona. Só que não me atrevia a acreditar nas palavras dela. Eu queria, mas não me atrevia. Era a loucura do amor, oscilando entre o êxtase e o desespero, num único e selvagem segundo.

A música recomeçou, tendo como fundo os vivos roufenhos que vinham do salão principal onde os guerreiros antecipavam a batalha. Reclinei-me completamente sobre as almofadas, com o rosto ainda ruborizado tentando descobrir se as últimas palavras de Ceinwyn se referiam à nossa conversa ou à música e, nisto, Ceinwyn recosta-se também e inclina-se de novo para mim.

- Eu não quero uma guerra por minha causa - disse ela.

- Parece inevitável, senhora.

- O meu irmão concorda comigo.

- Mas é o seu pai quem governa *Powys*, Senhora.

É verdade - disse ela, sem rodeios. Fez uma pausa, franzindo as sobrancelhas, e levantou os olhos para mim. - Se Artur ganhar, com quem é que ele quer que eu me case?

Mais uma vez a franqueza da sua pergunta me surpreendeu, mas dei-lhe a resposta verdadeira.

- Ele quer que seja rainha da Silúria, senhora - disse eu.

Ela me olhou, subitamente alarmada.

- Casada com Gundleus?

- Casada com o rei Lancelot de Benoic, Senhora - disse eu, revelando a esperança secreta de Artur. Observei a sua reação.

Ela olhou-me nos olhos, aparentemente tentando aferir se eu falara verdade.

- Dizem que Lancelot é um grande guerreiro - disse ela passado um momento e com uma falta de entusiasmo que me aqueceu o coração.

- Dizem isso, senhora, é verdade - disse eu.

Ela quedou-se novamente em silêncio. Reclinou-se sobre o cotovelo e observou as mãos da harpista tremendo sobre as cordas, e eu observei-a.

- Diga a Artur - disse alguns momentos depois e sem olhar para mim - que eu não guardo nenhum rancor. E diga-lhe mais uma coisa. - Parou de repente.

- Sim, minha Senhora? - encorajei-a.

- Diga-lhe que, se ele ganhar - disse e, depois, olhou para mim e estendeu um dedo delicado sobre o buraco que separava os nossos divãs, tocando nas costas da minha mão para mostrar como eram importantes as suas palavras - ... se ele ganhar pedirei a sua proteção.

- Eu direi, Senhora - disse eu, fazendo uma pausa, sentindo o coração pleno de felicidade. - E prometo-lhe a minha proteção também, com toda a honra.

Ela manteve o dedo sobre a minha mão, e o seu toque era tão leve como a respiração do príncipe adormecido.

- Eu devia prendê-lo a esse juramento, Lorde Derfel - disse ela com os olhos nos meus.

- Até o fim dos tempos e para sempre, este juramento será verdadeiro, senhora.

Ela sorriu, retirou a mão e sentou-se muito reta.

Nessa noite fui para a cama num entorpecimento causado pela confusão, pela esperança, pela patetice, pela apreensão, pelo medo e pela alegria. Pois, tal como Artur, eu viera a *Caer Sws* e fora atingido pelo amor.

QUINTA PARTE

A Muralha de Escudos

- Então era ela! - disse Igraine, acusadora. - Era a princesa Ceinwyn quem transformava o seu sangue em fumaça, irmão Derfel.

- Sim, minha senhora, era ela confessei, - e confesso agora que tinha lágrimas nos olhos ao lembrar-me de Ceinwyn. Ou talvez seja o tempo que me faz os olhos lacrimejar, pois o Outono tinha chegado a *Dinnewrac* e um vento frio entrava sorrateiramente pela

janela. Em breve terei de fazer uma pausa nesta escrita, pois devemos andar ocupados armazenando alimentos para o Inverno e a fazer a pilha de toros de madeira que o abençoado Santo Sansum terá prazer em não deixar arder para que possamos partilhar o sofrimento do nosso Salvador.

- Não admira que odiasses tanto Lancelot! - disse Igraine. - Vocês eram rivais.

Ele sabia o que você sentia por Ceinwyn?

- Em determinado momento soube.

- E o que aconteceu? - perguntou ela avidamente.

- Porque não deixamos a história decorrer na sua devida ordem, senhora?

- Porque eu não quero, claro.

- Mas quero eu - repliquei - e o contador da histórias sou eu, não a senhora.

- Se eu não gostasse tanto de você, irmão Derfel, mandava cortar-lhe a cabeça e alimentava os meus cães com o seu corpo - disse, franzindo as sobrancelhas, pensativa. Ela está hoje muito bonita com uma capa de lã cinzenta orlada com pele de lontra. Mas não está grávida, então ou o pessário de fezes de recém-nascido não funcionou ou então Brochvael está passando tempo demais com Nwylle. - Sempre se falou na família do meu marido da tia avó Ceinwyn - disse ela, -

mas nunca ninguém explicou realmente qual foi o escândalo.

- Nunca conheci ninguém, senhora - disse eu com dureza - sobre quem houvesse menos escândalos.

- Ceinwyn nunca casou - disse Igraine. - Isso eu sei.

- E isso é assim tão escandaloso? - perguntei.

- É, se ela se comportava como se fosse casada - disse Igraine, indignada. -

É o que prega a sua igreja. A nossa igreja - apressou-se a corrigir. - Então o que foi que aconteceu? Vamos, diga!

Puxei a minha manga de monge sobre o coto da mão, sempre a primeira parte do meu corpo a enregelar com o frio.

- A história de Ceinwyn é longa demais para contar agora - disse, recusando-me a acrescentar mais alguma coisa, apesar das exigências inoportunas da minha rainha.

- E Merlim chegou a encontrar o Caldeirão?

- Chegaremos lá no devido momento - insisti.

Ela levantou os braços ao ar.

- Você me enfurece, Derfel. Se eu fosse uma rainha de verdade exigiria mesmo a sua cabeça.

- E se eu fosse mais do que um monge velho e fraco, senhora, eu a daria.

Ela riu e, depois, virou-se à janela. As folhas dos pequenos carvalhos que o irmão Maelgwyn plantara para servirem de paravento amarelaram mais cedo e os bosques dos vales abaixo de nós estão carregados de bagas. São dois sinais seguros de que um Inverno rigoroso se aproxima. Sagamor disse-me uma vez que havia locais onde o Inverno nunca chega e onde o Sol brilha quente durante todo o ano, mas talvez, tal como a existência dos coelhos, aquela fosse mais uma das suas histórias fantásticas. Uma vez

desejei que o Céu cristão fosse um lugar quente, mas o santo Sansum garante que o Céu deve ser um lugar frio, porque o inferno é quente, e acho que o santo tem razão. Há tanto para a nossa alma ambicionar. Igraine estremeceu e virou-se de novo para mim.

- Nunca ninguém me fez uma tenda do *Lughnasa* - disse ela tristemente.

- É claro que já fizeram! - disse eu. - Todos os anos tem uma!

- Mas essa é a tenda do *Caer*. Os escravos a fazem, porque têm de fazê-la e, naturalmente que me sento lá, mas não é o mesmo que ter o nosso próprio apaixonado fazendo uma tenda com dedaleiras e salgueiros. Merlim ficou zangado por você e Nimue terem feito amor?

- Eu nunca devia ter confessado isso - disse eu. - Se ele sabia, nunca disse nada. Isso não importava para ele. Não era ciumento. Não era como nós. Não era como Artur, não era como eu. Quanta da nossa terra ficou manchada de sangue devido ao ciúme! E, no fim da vida, o que é que tudo isso interessa? Envelhecemos, os novos olham para nós e não vêem que já fizemos um reino vibrar de amor.

Igraine adotou o seu olhar malicioso.

- Você disse que Gorfyddyd chamou Guinevere de puta. Ela era?

- Não devia usar essa palavra.

- Muito bem, Guinevere era o que Gorfyddyd dizia que ela era e que eu não estou autorizada a dizer por temer ofender os seus inocentes ouvidos?

- Não, - disse eu - não era.

- Mas era fiel a Artur?

- Espere - disse eu.

Mostrou-me a língua.

- Lancelot tornou-se um adorador de Mitra? - perguntou.

- Espere e verá - insisti.

- Eu te odeio!

- E eu sou o servo que mais a venera, querida senhora - disse eu. - Mas também estou cansado e este tempo gelado torna a tinta pegajosa. Escreverei o resto da história, prometo.

- Se Sansum deixar - disse Igraine.

- Deixará - respondi.

O santo tem andado mais feliz graças ao nosso noviço sobrevivente, que já

não é noviço, mas sim consagrado padre e monge e acreditando em Sansum, santo como ele próprio. Santo Tudwal é como devemos chamá-lo. Os dois santos partilham a cela e glorificam Deus em conjunto. A única coisa que acho mal nesta abençoada associação é que o sagrado santo Tudwal, agora com doze anos, continue a fazer esforços para aprender a ler. É claro que não sabe a língua saxônica, mas mesmo assim temo que ele decifre alguma coisa da minha escrita. Mas esse medo pode esperar até ao momento em que o santo Tudwal dominar as letras, se é que algum dia vai conseguir. Por ora, se Deus o desejar e para satisfazer a curiosidade impaciente da minha querida rainha Igraine, continuarei a história de Artur, o meu querido e perdido senhor, meu amigo, meu senhor da guerra.

No dia seguinte não prestei atenção a nada. Fiquei ali de pé com Galaad, como hóspede indesejável do meu inimigo Gorfyddyd,

enquanto Iorweth apaziguava os seus e, pela atenção que prestei durante as cerimônias, ele até podia estar lançando ao vento sementes de dentes-de-leão. Mataram um touro, amarraram três prisioneiros às três estacas, estrangularam-nos e, depois, registraram os augúrios da guerra apunhalando um quarto prisioneiro no diafragma. Cantaram a Canção da Guerra de Maponos enquanto dançavam à volta dos mortos e, depois, os reis, os príncipes e os chefes militares mergulharam as cabeças das suas lanças no sangue dos homens mortos antes de lamberem o sangue das lâminas e besuntarem a cara com ele. Galaad fez o sinal da cruz enquanto eu sonhava com Ceinwyn. Ela não compareceu às cerimônias. Nenhuma mulher o fez. "Os augúrios", disse-me Galaad, "eram favoráveis à causa de Gorfyddyd", mas eu não me importei com isso.

Estava perdido na lembrança daquele leve toque de prata do dedo de Ceinwyn na minha mão.

Trouxeram-nos os nossos cavalos, as armas e os escudos e o próprio Gorfyddyd acompanhou-nos até aos portões de *Caer Sws*. Cuneglas, o seu filho, também veio. Devia pretender nos fazer uma cortesia ao nos acompanhar, mas Gorfyddyd não tinha essas delicadezas em mente.

- Diga ao teu amante da puta - disse o rei, com as faces ainda besuntadas de sangue - que só uma coisa pode evitar a guerra. Diga a Artur que, se ele se apresentar no Vale do *Lugg* perante o meu julgamento e veredito, considerarei limpa a mancha na honra da minha filha.

- Direi, senhor - respondeu Galaad.

- Artur continua sem usar barba? - perguntou Gorfyddyd, fazendo a pergunta soar como um insulto.

- Continua, Senhor - disse Galaad.

- Então não posso prender a trela de prisioneiro à sua barba - resmungou Gorfyddyd. - Por isso, diga-lhe para cortar o cabelo ruivo da sua puta antes de vir e entranchá-lo para lhe servir de trela. - Gorfyddyd sentia um evidente prazer em exigir essa humilhação aos seus inimigos, se bem que o rosto do príncipe Cuneglas tivesse traído um grande embaraço ante a rudeza de seu pai. - Diga-lhe isso, Galaad de *Benoic* e diga-lhe que, se ele me obedecer, então a sua puta de cabelo rapado poderá

ir em liberdade desde que abandone a Grã-Bretanha.

- A princesa Guinevere poderá ir em liberdade - disse Galaad repetindo a oferta.

- A puta! - gritou Gorfyddyd. - Deitei-me com ela vezes sem conta, por isso sei.

Diga isso a Artur! - E atirou estas frases à cara de Galaad. - Diga-lhe que ela veio para a minha cama por vontade própria e para outras camas também!

- Direi, senhor - mentiu Galaad para conter as palavras amargas. - E, Senhor no que diz respeito a Mordred...

- Sem Artur, Mordred precisará de um novo protetor - disse Gorfyddyd. - Eu tomarei a responsabilidade do futuro de Mordred. Agora vão.

Fizemos uma vênia, montamos e partimos, e eu olhei para trás uma vez, na esperança de ver Ceinwyn, mas só se viam homens nas muralhas de *Caer Sws*. Em redor da fortaleza, os abrigos estavam sendo desmontados enquanto os homens se preparavam para marchar pela estrada que levava diretamente a *Branogenium*.

Tínhamos concordado em não utilizar essa estrada, mas sim voltar para casa pelo caminho mais longo, atravessando *Caer Lud* para não irmos espiar o contingente reunido por Gorfyddyd.

Galaad estava com um ar sisudo enquanto cavalgávamos para Leste, mas eu não conseguia reprimir a minha alegria e, quando nos afastamos dos acampamentos em reboleira, comecei a cantar a Canção de Rhiannon.

- O que está acontecendo com você? - perguntou Galaad, irritado.

- Nada. Nada! Nada! Nada! - gritei de alegria e bati com os calcanhares fazendo o cavalo desatar a correr pela vereda verdejante e acabei por cair em cima de um canteiro de urtigas. – Nada mesmo - disse, quando Galaad me trouxe de novo o cavalo. - Absolutamente nada.

- Você está louco, meu amigo.

- Tem razão - disse eu enquanto tentava desajeitadamente montar de novo o cavalo. Eu estava mesmo louco, mas não ia dizer a razão da minha loucura, por isso me comportei sobriamente durante algum tempo. - O que vamos dizer a Artur?

- Nada sobre Guinevere - disse Galaad firmemente. - Além disso, Gorfyddyd estava mentindo. Meu Deus! Como ele pode dizer tais mentiras sobre Guinevere?

- Para nos provocar, é claro - disse eu. - Mas o que nós vamos dizer a Artur sobre Mordred?

- A verdade. Que Mordred está salvo.

- Mas se Gorfyddyd mente sobre Guinevere - disse eu - por que não mentiria sobre Mordred? E Merlim não acreditou nele.

- Não fomos mandados à procura da resposta de Merlim - disse Galaad.

- Fomos enviados para descobrir a verdade, meu amigo, e eu digo que Merlim falou a verdade.

- Mas Tewdric acreditará em Gorfyddyd - respondeu Galaad firmemente.

- O que significa que Artur perdeu - disse eu tristemente, mas eu não queria falar de derrotas, em vez disso, perguntei a Galaad o que achava de Ceinwyn. Estava deixando a loucura tomar conta de mim outra vez e queria ouvir Galaad elogiá-la e dizer que era a mais bela criatura que existia entre os mares e as montanhas, mas ele limitou-se a encolher os ombros.

- Uma coisinha engraçada - disse descuidadamente - e bastante bonitinha para quem gosta destas meninas de aspecto frágil. - Fez uma pausa, para pensar. -

Lancelot vai gostar dela. Sabe que Artur quer que eles se casem? Se bem que eu pense que isso não vai acontecer agora. Suspeito que o trono de Gundleus está

seguro e Lancelot terá de procurar mulher em outro lugar.

Eu não disse mais nada sobre Ceinwyn. Voltamos pelo mesmo caminho e na segunda noite chegamos a *Magnis* onde, tal como Galaad tinha previsto, Tewdric pôs toda a sua fé na promessa de Gorfyddyd enquanto Artur preferiu acreditar em Merlim.

Percebi que Gorfyddyd nos usara para separar Artur de Tewdric e me pareceu que tinha conseguido, pois ao ouvirmos os dois homens discutindo nos aposentos de Tewdric ficou claro que o rei de *Gwent* não tinha estômago para a guerra que se aproximava. Galaad e eu deixamos os dois discutindo enquanto caminhávamos pelos baluartes formados pela grande muralha de terra flanqueada por um fosso com água e encimada por uma paliçada resistente.

- Tewdric ganhará a discussão - disse Galaad tristemente. - Ele não confia em Artur?

- É claro que confia - protestei.

Galaad abanou a cabeça.

- Ele sabe que Artur é um homem honesto - admitiu, - mas Artur é também um aventureiro. É um homem sem terra, já pensou nisso? Defende uma reputação, não uma propriedade. Mantém a sua posição por causa da idade de Mordred, não pelo seu próprio nascimento. Para que Artur vença, tem que ser mais corajoso do que qualquer outro homem, mas Tewdric, agora, não quer coragem. Quer segurança. Ele aceitará a oferta de Gorfyddyd. - Ficou em silêncio por um momento. - Talvez o nosso destino seja sermos guerreiros errantes - continuou, em tom sombrio, - desprovidos de terra e sempre empurrados em direção ao mar Ocidental por novos inimigos.

Estremeci e apertei mais a minha capa. A noite estava cobrindo-se de nuvens, trazendo uma fria promessa de chuva no vento oeste.

- Você quer dizer que Tewdric vai nos abandonar?

- Já abandonou - disse Galaad sem cerimônia. - Agora o seu único problema é livrar-se de Artur com elegância. Tewdric tem muito a perder e não vai correr mais riscos, mas Artur não tem nada a perder a não ser as esperanças.

- Vocês dois! - Chamou-nos bem alto uma voz atrás de nós e, quando nos viramos, vimos Culhwch correndo pela muralha. - Artur quer falar com você.

- Para quê? - perguntou Galaad.

- O que acha, senhor? Que está com falta de jogadores para jogar no tabuleiro? - Culhwch sorriu ironicamente. - Estes filhos da puta poderão não ter estômago para uma batalha - e fez um gesto na direção do forte apinhado de homens impecavelmente uniformizados, - mas nós temos. Suspeito que vamos atacar sozinhos.

- Viu a nossa surpresa e riu. - Vocês ouviram Lorde Agrícola na outra noite. Duzentos homens conseguem aguentar o Vale do *Lugg* contra um exército. Bem! Nós temos duzentos lanceiros e Gorfyddyd possui um exército, então por que é que precisamos de alguém de Gwent? É hora de dar de comer aos corvos!

A primeira chuva caiu, sibilando nas fogueiras das oficinas dos ferreiros e tudo indicava que íamos para a guerra.

As vezes penso que esta foi a decisão mais corajosa de Artur. Deus sabe que ele tomou outras decisões em circunstâncias tão desesperadas como esta, mas Artur nunca tinha estado tão fraco como naquela noite chuvosa de *Magnis*, em que Tewdric dava

ordens pacientes para recolher seus homens mais avançados para dentro das muralhas romanas, primeiro passo para uma trégua entre *Gwent* e o inimigo.

Artur reuniu cinco de nós numa guarita junto a essas muralhas. A chuva restolhava no telhado enquanto sob o colmo uma fogueira de toros esfumaçava, iluminando-nos com um lampejo pálido. Sagramor, o comandante em que Artur mais confiava, estava sentado ao lado de Morfans no pequeno banco da cabana, e Culhwch, Galaad e eu próprio nos acoramos no chão enquanto Artur falava.

Artur admitiu que o príncipe Meurig dissera uma incômoda verdade, pois a guerra era realmente obra de Artur. Se ele não tivesse rejeitado Ceinwyn não haveria inimizade entre *Powys* e *Dumnónia*. *Gwent* estava envolvido por ser o inimigo mais antigo de *Powys* e o amigo tradicional de *Dumnónia*, mas não era do interesse de *Gwent* continuar a guerra.

- Se eu não tivesse vindo para a Grã-Bretanha - disse Artur - então o rei Tewdric não estaria ameaçado com a devastação do seu território. Esta guerra é

minha e, tal como a comecei, tenho de acabá-la. - Fez uma pausa. Era um homem que se emocionava facilmente e, naquele momento, estava dominado pelo sentimento.

- Vou ao Vale do *Lugg* amanhã - disse ele, por fim, e por um momento terrível pensei que ele queria dizer que ia se entregar à vingança medonha de Gorfyddyd, mas depois Artur ofereceu-nos o seu sorriso aberto e generoso - e gostaria que viessem comigo, mas não tenho o direito de exigí-lo.

Fez-se silêncio na sala. Suponho que todos estávamos pensando que a luta no vale já era uma perspectiva perigosa, quando se pensava empregar os exércitos de *Gwent* e *Dumnónia* combinados, mas como iríamos nós ganhar só com os homens de *Dumnónia*.

- O senhor tem o direito de nos exigir que vamos - disse Culhwch quebrando o silêncio, - pois fizemos juramentos de servi-lo.

- Eu os liberto desses juramentos - disse Artur. - Peço apenas que, se sobreviverem, mantenham a minha promessa de ver Mordred crescer e tornar-se nosso rei.

Fez-se de novo silêncio. Acho que nenhum de nós vacilou na sua lealdade, mas também não sabíamos como expressar-lhe isso até que Galaad falou.

- Eu nunca vos fiz nenhum juramento - disse ele a Artur, - mas o faço agora.

Onde combater, senhor, eu vou combater. Quem for seu inimigo será meu inimigo e quem for seu amigo meu amigo será. Juro pelo precioso sangue do Cristo vivo. -

Inclinou-se para frente, pegou a mão de Artur e beijou-a. - Que eu perca o direito à

vida se quebrar a minha palavra.

- São necessárias duas pessoas para fazer um juramento - disse Culhwch.

Pode até libertar-me, senhor, mas eu não me liberto.

- Nem eu, senhor - acrescentei.

Sagramor parecia aborrecido.

- Eu sou um homem a seu serviço - disse ele a Artur - e de mais ninguém.

- Que se lixe o juramento - disse o horrível Morfans. - Eu quero é lutar.

Artur tinha lágrimas nos olhos. Durante algum tempo não conseguiu falar, por isso se atarefou remexendo na fogueira com uma acha até ter conseguido reduzir para metade o seu calor e feito o dobro do fumaça.

- Os seus homens não estão ligados a mim por juramento - disse ele com a voz embargada - e amanhã eu só quero voluntários no Vale do *Lugg*.

- Porquê amanhã? - perguntou Culhwch. - Porque não no dia seguinte?

Quanto mais tempo tivermos para nos prepararmos tanto melhor; não será assim?

Artur abanou a cabeça.

- Não estaremos mais bem preparados se esperarmos um ano inteiro. Além disso, a estas horas os espiões de Gorfyddyd já estão a caminho do Norte com a notícia de que Tewdric aceita os termos de Gorfyddyd e, por isso, temos de atacar antes que esses mesmos espiões descubram que nós, os dumnonianos, não nos retiramos. - Atacamos amanhã de madrugada. - Olhou para mim. - Você será o primeiro a atacar, Lorde Derfel, por isso esta noite deve ver os seus homens e falar com eles. Se mostrarem que não querem, então assim será. Mas, se quiserem, então Morfans pode dizer o que eles têm de fazer.

Morfans cavalaria por toda a linha inimiga, exibindo-se com a armadura de Artur, mas fazendo também o reconhecimento das posições inimigas. Agora, tirava mãos cheias de grãos de um pote e amontoava-as sobre a sua capa, espalhada no chão, para representar o Vale do *Lugg*.

- Não é um vale longo - disse ele, - mas os lados são íngremes. A barricada está aqui no fundo, a sul. - Apontou para um ponto no interior do vale em maquete. -

Eles derrubaram árvores e construíram uma barreira. Tem altura suficiente para parar um cavalo, mas não é preciso muito tempo para que alguns homens consigam afastar essas árvores para o lado. O ponto fraco deles está aqui. - E indicou o monte do lado oeste. - É íngreme na extremidade norte do vale, mas onde eles construíram a barricada podemos descer facilmente pela encosta. Subimos o monte à noite e de madrugada atacamos pelo monte abaixo e desmantelamos a barreira de árvores enquanto eles estão acordando ainda. Depois os cavalos podem passar. - Sorriu ironicamente, saboreando o pensamento de surpreender o inimigo.

- Os seus homens marcharão durante a noite - disse-me Artur - e amanhã de madrugada destroem a barricada e depois aguentam-se no vale tempo suficiente para os nossos cavalos chegarem. Depois dos cavalos virão os nossos lanceiros. Sagramor comandará os lanceiros no vale enquanto eu e cinquenta cavaleiros atacamos *Branogenium*.

Sagramor não reagiu à proclamação que lhe dava o comando da maior parte do exército de Artur. Nós, os restantes, não conseguíamos esconder o nosso espanto, não pela nomeação de Sagramor, mas pela tática de Artur.

- Cinquenta cavaleiros atacando todo o exército de Gorfyddyd? - perguntou Galaad, duvidoso.

- Não vamos capturar *Branogenium* - admitiu Artur - talvez nem vamos chegar perto, mas vamos incitá-los a nos perseguir e essa perseguição os levará para o vale.

Sagramor enfrentará essa perseguição na extremidade norte do vale, onde a estrada atravessa o rio num vau e, quando eles atacarem, vocês recuam. - Olhou também para nós, para ter certeza que tínhamos entendido as instruções. - Recuam de novo, recuam sempre. Deixem-nos pensar que ganharam! E, quando os tiverem atraído bem para dentro do vale, eu ataco.

- De onde? - perguntei.

- Por trás, claro! - Artur, estimulado pela perspectiva da batalha, recuperara todo o seu entusiasmo. - Quando os meus cavaleiros retirarem se de *Branogenium* não vamos voltar ao vale, vamos sim nos esconder fora da sua extremidade a norte. O

local está completamente coberto de árvores. E assim que tiverem atraído o inimigo para dentro do vale, nós apareceremos pela retaguarda.

Sagramor olhava para as pilhas de grãos.

- Os Blackshields Irlandeses no Monte de *Coei* - disse ele no seu sotaque execrável - podem marchar para sul dos montes e atacar a nossa retaguarda. -

Empurrou um dedo pelos grãos espalhados na extremidade sul do vale para demonstrar o que queria dizer. Todos sabíamos que aqueles irlandeses eram os temidos guerreiros de Oengus Mac Airem, rei de *Demétia*, que fora nosso aliado até

Gorfyddydd ter mudado a sua lealdade a troco de ouro. - Quer que aguentemos um exército à nossa frente com os Blackshields atrás de nós? - perguntou Sagramor.

- Entendem - disse Artur com um sorriso - porque é que propus libertá-los do juramento? Mas assim que Tewdric souber que estamos em batalha, ele virá. À

medida que o dia passa, Sagramor, verá que a sua linha de escudos vai aumentando minuto a minuto. Os homens de Tewdric tratarão do inimigo do Monte de *Coei*.

- E se não o fizerem? - perguntou Sagramor.

- Então provavelmente perderemos - admitiu Artur calmamente. - Mas com a minha morte virá a vitória de Gorfyddyd e a paz de Tewdric. A minha cabeça será

entregue a Ceinwyn como presente de casamento e vocês, meus amigos, estarão festejando no Outro Mundo onde, acredito, terão um lugar na mesa para mim.

Fez-se de novo silêncio. Artur parecia estar seguro de que Tewdric lutaria, se bem que nenhum de nós estivesse tão certo disso. Parecia-me que Tewdric preferia deixar Artur e os seus homens morrerem no Vale do *Lugg*, livrando-se assim de uma aliança inconveniente, mas também disse a mim próprio que essas altas políticas não eram parte das minhas preocupações. A minha preocupação era sobreviver ao dia seguinte e, olhando para o tosco modelo do campo de batalha de Morfans, o que me preocupava era o monte de oeste, onde íamos atacar de madrugada. E, se conseguíssemos atacar por ali, então o inimigo também conseguiria.

- Eles vão flanquear a nossa linha de escudos - disse eu, descrevendo a minha preocupação.

Artur discordou.

- O cume do monte é íngreme demais para um homem com armadura subir a extremidade norte do vale. O máximo que eles poderão fazer é mandar os mercenários para lá, o que significa arqueiros. Se puder dispensar alguns homens, Derfel, ponha lá uma mão-cheia deles, mas, se não puder, reze para Tewdric vir rapidamente. Para conseguir - isso disse, virando-se para Galaad - e apesar de me doer pedir-lhe que fique afastado da muralha de escudos, senhor, será de mais valor para mim amanhã se for como meu mensageiro até ao rei Tewdric. Como príncipe, pode falar com autoridade, e acima de todos os homens, poderá convencê-lo a tirar vantagem da vitória que pretendo dar-lhe com a minha desobediência.

Galaad ficou preocupado.

- Eu preferia lutar, senhor.

- Estamos equilibrados. - Artur sorriu. - Eu preferia ganhar a perder. Para isso, preciso que os homens de Tewdric venham antes do fim do dia e o senhor, é o único e certo mensageiro que posso enviar a um rei ofendido. Tem de persuadi-lo, adulá-lo, suplicar-lhe, mas acima de tudo, Senhor, convencê-lo de que ou ganhamos a guerra amanhã ou então lutaremos até ao fim dos nossos dias.

Galaad aceitou a proposta.

- Conquanto que tenha a sua permissão para regressar e lutar ao lado de Derfel quando a mensagem for entregue - acrescentou.

- Será bem-vindo - disse Artur. Fez uma pausa, olhando para as pilhas de grãos. - Nós somos poucos e eles formam uma hoste. No entanto os sonhos não se tornam realidade usando de precaução, mas apenas desafiando o perigo. Amanhã

podemos trazer a paz aos Bretões. - Parou abruptamente, atingido talvez pelo pensamento de que a sua ambição pela paz era também o sonho de Tewdric. Talvez Artur estivesse decidindo se, apesar de tudo, deveria lutar. Lembrei-me de como, depois da nossa reunião com Aelle, quando fizemos o juramento por baixo do carvalho, Artur tinha pensado em desistir da luta, e eu estava quase à espera de que ele esvaziasse a sua alma de novo, mas nessa noite chuvosa o cavalo da ambição puxava com força a sua alma e ele não podia contar com uma paz cujo preço era a sua própria vida ou o exílio. Ele queria paz, mas, mais ainda, queria ditar essa paz. -

Sejam quais forem os deuses aos quais rezam, que eles os acompanhem amanhã.

Tive de montar um cavalo para voltar para junto dos meus homens. Ia apressado e caí três vezes. Como presságios, as quedas eram

terríveis, mas a estrada estava macia devido à lama e não fiquei machucado exceto no meu orgulho.

Artur cavalgou comigo, mas fez parar o meu cavalo quando estávamos muito perto de onde as fogueiras do acampamento dos meus homens ardiam baixas sob a chuva insistente.

- Faça isto por mim amanhã, Derfel - disse ele - e poderá exhibir o seu próprio estandarte e pintar os seus próprios escudos.

Neste mundo ou no próximo, pensei, mas não expus o meu pensamento com receio de tentar os deuses. Porque no dia seguinte, numa madrugada gelada e cinzenta, iríamos lutar contra o mundo.

Nenhum dos meus homens tentou fugir aos juramentos. Alguns, poucos, poderiam ter querido evitar a batalha, mas nenhum quis mostrar fraqueza frente aos seus companheiros e, por isso, marchamos todos, partindo no meio da noite para atravessar os campos encharcados pela chuva. Artur despediu-se de nós, partindo em seguida para onde os seus cavaleiros estavam acampados.

Nimue insistiu em nos acompanhar. Prometera-nos um feitiço de encobrimento e, depois disso, nada persuadiria os meus homens a deixá-la para trás.

Realizou o feitiço antes de partirmos, executando-o à luz das chamas sobre a caveira de um cordeiro que encontrara numa vala perto do acampamento. Arrastou a carcaça para fora do matagal onde um lobo tinha se regalado, cortou-lhe a cabeça, esfolou o resto da pele bichenta e, depois, agachou-se com a capa cobrindo a ela e à caveira fedorenta. Ficou ali agachada durante muito tempo, respirando o horrível fedor da cabeça em decomposição, depois se levantou e deu um pontapé desdenhoso na caveira. Observou onde ia parar e, depois de um momento de deliberação, declarou que o inimigo olharia para o outro lado enquanto marchássemos durante a

noite. Artur, fascinado com a intensidade de Nimue, estremeceu quando ela fez a declaração.

Depois abraçou-me.

- Devo-lhe um favor, Derfel.

- Não me deve nada, senhor.

- Se não for por mais nada - disse ele, - agradeço por ter me trazido a mensagem de Ceinwyn. - Ele ficara muito contente com o perdão dela e, depois, encolhera os ombros quando eu acrescentara as outras palavras sobre ser-lhe garantida a proteção dele. - Ela nada tem a temer de nenhum homem de *Dumnónia* -

dissera ele. Deu-me agora umas palmadinhas nas costas e prometeu: Eu o verei de madrugada. E ficou nos observando sair em fila da luz das fogueiras para a escuridão.

Atravessamos prados cobertos de erva e campos onde as colheitas tinham acabado de ser feitas, não encontrando outro obstáculo que não fosse o chão empapado, a escuridão e a chuva. A chuva vinha do nosso lado esquerdo, de Oeste, e parecia implacável, uma chuva pesada e persistente, fria e mordaz, que pingava para dentro dos nossos coletes e nos gelava os corpos. A princípio íamos todos em grupo para que nenhum homem se perdesse no escuro, se bem que, ao atravessarmos terrenos menos difíceis, estivéssemos constantemente chamando-nos uns aos outros em voz baixa para ver onde estariam nossos companheiros. Alguns homens tentavam agarrar-se à capa de um amigo, mas as lanças batiam umas nas outras e os homens davam passos em falso até que, finalmente, mandei todos pararem e formei duas filas.

Ordenei aos homens que prendessem os escudos atrás das costas e que, depois, segurassem a lança do homem à sua frente. Cavan ia na retaguarda, para se assegurar de que ninguém desistia, enquanto Nimue e eu íamos à frente. Ela segurava a minha mão,

não por afeto, mas simplesmente para não nos afastarmos um do outro na noite escura. Agora o *Lughnasa* parecia um sonho, afastado não pelo tempo, mas pela cruel recusa de Nimue de que o nosso encontro na tenda tinha realmente acontecido. Aquelas horas, tal como os meses que passou na ilha dos Mortos, tinham servido o seu propósito e eram agora irrelevantes.

Chegamos a uma zona de árvores. Hesitei e, depois, desci uma rampa íngreme e lamacenta, mergulhando numa escuridão tão profunda que fiquei desesperado por levar cinquenta homens por aquele horrível negrume, mas Nimue começou a cantarolar em voz baixa e o som funcionou como um farol, guiando os homens em segurança através da escuridão que os fazia hesitar. Ambas as correntes de lanças se quebraram, mas, seguindo a voz de Nimue, todos conseguimos avançar às cegas sem saber como por entre as árvores, saindo em um prado que ficava além do arvoredor. Aí chegados paramos enquanto Cavan e eu contávamos os homens e Nimue andava à nossa volta sibilando feitiços na escuridão.

O meu ânimo, abatido pela chuva e pelas trevas, estava muito embaixo.

Tinha tido uma idéia daquele campo que ficava ao norte do acampamento dos meus homens, mas o nosso avanço vacilante tinha feito desaparecer essa imagem. Não fazia idéia de onde estava, nem para onde devia ir. Pensava que tínhamos ido para o Norte, mas sem uma estrela para me guiar nem a Lua para iluminar o meu caminho, deixei que os meus medos dominassem o meu poder de decisão.

- O que está esperando? Nimue colocou-se a meu lado, sussurrando estas palavras.

Eu não disse nada, não querendo admitir que estava perdido. Ou não querendo talvez admitir que estava assustado. Nimue sentiu a minha incapacidade de tomar decisões e tomou conta do comando.

- Temos uma longa extensão de pastagem aberta à nossa frente - disse ela aos meus homens. - Costumava servir para apascentar ovelhas, mas retiraram o rebanho, então não há pastores nem cães para nos verem. É uma subida, mas fácil de percorrer se ficarmos juntos. Ao fim da pastagem chegaremos a um bosque e aí

esperamos pela madrugada. Não é longe nem é difícil. Sei que estamos gelados e encharcados, mas amanhã vamos nos aquecer nas fogueiras dos nossos inimigos. A confiança com que disse isso era total.

Acho que eu não conseguia chefiar aqueles homens por entre aquela noite de chuva, mas Nimue conseguiu. Dizia que o seu único olho via no escuro o que os nossos dois olhos não viam, e talvez isso fosse verdade, ou talvez ela simplesmente tivesse uma idéia melhor daquela área do que eu tinha. Mas seja como for que ela o tivesse feito, fez bem. Durante a última hora caminhamos ao longo da borda de um monte e, de repente, a caminhada tornou-se mais fácil, pois estávamos agora no monte de oeste acima do Vale do *Lugg* e os fogos de bivaque dos nossos inimigos ardiam no escuro abaixo de nós. Eu conseguia até ver a barricada de pinheiros cortados e o rio *Lugg* reluzindo depois da barricada. No vale, homens atiravam grandes toros de madeira para as fogueiras para iluminarem a estrada por onde podiam vir inimigos do Sul.

Chegamos ao bosque e nos afundamos no chão molhado. Alguns quase cochilaram num torpor leve, cheio de sonhos e ilusório, um sono que não é sono e deixa um homem frio, cansado e dolorido, mas Nimue manteve-se acordada, murmurando encantamentos e falando com os homens que não conseguiam dormir.

Não eram conversas banais, pois Nimue não tinha tempo para tagarelices fúteis, mas explicações intensas da razão pela qual lutávamos. "Não por Mordred", dizia ela, "mas por uma Grã-Bretanha desprovida de estranhos e de idéias estranhas." Até os cristãos das minhas fileiras a escutavam.

Não esperei pela madrugada para levar a cabo o meu ataque. Antes disso, quando a este, no céu encharcado pela chuva, despontou o primeiro reflexo pálido da aurora, acordei os adormecidos e conduzi os meus cinquenta lanceiros pelo monte abaixo até o limiar do bosque. Aí, ficamos à espera, acima de uma encosta coberta de erva que descia até o leito do vale de forma tão íngreme como os flancos do Tor de *Ynys Wydryn*. O meu braço esquerdo estava preso às correias do escudo, a *Hywelbane* pendia da ilharga e a pesada lança estava bem firme na minha mão direita.

Havia algum nevoeiro onde o rio corria para fora do vale. Uma coruja branca voou baixo ao lado das nossas árvores e os meus homens julgaram o animal um mau presságio, mas depois um gato selvagem rosnou atrás de nós e Nimue disse que o aparecimento carregado de má sorte da coruja tinha sido anulado. Rezei a Mitra, oferecendo as próximas horas à sua glória. Depois disse aos meus homens que os francos tinham sido inimigos muito mais ferozes do que aqueles powysianos embriagados pela noite no vale abaixo de nós. Duvidava que isso fosse totalmente verdade, mas os homens no limiar da batalha não precisam da verdade, mas sim de confiança. Eu tinha ordenado em particular a Issa e a outro homem que ficassem sempre junto de Nimue, pois se ela morresse a confiança dos meus homens se dissiparia como um nevoeiro de Verão.

A chuva batia por trás, tornando a ladeira coberta de erva muito escorregadia.

O céu acima da outra extremidade do vale tinha mais luz, mostrando as primeiras sombras entre as nuvens desaparecendo. O mundo estava vestido de preto e cinzento, escuro como a noite no próprio vale, mas mais claro no limiar do bosque, num contraste que me fazia temer que o inimigo nos pudesse ver enquanto nós não os víssemos. As fogueiras deles ainda ardiam, mas muito mais baixo do que tinham ardido durante as escuras profundezas da noite

assombradas pelos espíritos. Não via sentinelas. Estava na hora de avançar.

- Avancem devagar - ordenei aos meus homens.

Eu imaginara uma louca investida pelo monte abaixo, mas agora tinha mudado de idéia. A erva molhada seria traiçoeira e achara que seria melhor se rastejássemos vagarosa e silenciosamente pela encosta abaixo como fantasmas na madrugada. Eu ia à frente, caminhando cada vez com mais cuidado à medida que o monte ia ficando mais íngreme. Mesmo as botas ferradas ofereciam uma fixação traiçoeira no chão molhado, avançávamos devagar como um gato perseguindo um rato e o maior ruído que se ouvia na meia escuridão era o som da nossa respiração.

Usávamos as lanças como apoio. Por duas vezes dois homens caíram pesadamente, tendo os escudos batido contra as bainhas das espadas ou contra as lanças, e das duas vezes ficamos muito quietos à espera de um desafio. Mas não veio nenhum.

A última parte da encosta era a mais íngreme, mas da borda podíamos, pelo menos, ver todo o leito do vale. O rio corria como uma sombra escura do outro lado, enquanto abaixo de nós a estrada romana passava entre um grupo de cabanas com telhados de colmo onde o inimigo tinha de estar abrigado. Só via quatro homens. Dois estavam agachados junto às fogueiras, um terceiro estava sentado sob o beiral e o quarto andava para cima e para baixo por trás da barreira de árvores. O Céu de leste começava a empalidecer adquirindo o brilho da madrugada e era tempo de libertar os meus lanceiros com caudas de lobo nos elmos para a matança.

- Os deuses serão a sua muralha de escudos - disse-lhes - e matem bem.

Nos lançamos com violência pelos últimos metros da íngreme encosta.

Alguns homens escorregavam de costas em vez de tentarem aguentar-se em pé, outros corriam impetuosamente e eu, porque era o seu chefe, corria com eles. O medo nos dava asas e nos fazia gritar em desafio. Éramos os lobos de *Benoiç* que vínhamos trazer a morte aos montes fronteiriços de *Powys* e, de repente, como sempre acontece nas batalhas, o júbilo tomou conta de nós. Um júbilo insustentável flamejava dentro das nossas almas enquanto toda e qualquer sobriedade, pensamento e decência eram completamente eliminados deixando apenas o brilho selvagem da luta. Saltei os últimos centímetros, caindo no meio de arbustos de framboesas, dei um pontapé num balde vazio e, depois, vi o primeiro homem sair assustado de uma cabana próxima.

Estava de calças e colete, com uma lança na mão e piscando os olhos por causa da chuva matinal, e assim morreu quando lhe espetei a lança na barriga. Eu uivava com o uivo do lobo, desafiando os meus inimigos a aparecerem para serem mortos.

A minha lança ficou presa nas entranhas do moribundo. Deixei-a ficar e desembainhei a *Hywelbane*. Outro homem espiou da cabana para ver o que estava acontecendo e eu dei-lhe uma estocada nos olhos, atirando-o para trás. Os meus homens passaram correndo por mim, uivando e gritando. As sentinelas fugiram. Um deles correu para o rio, hesitou, virou-se para trás e morreu sob dois golpes de espada.

Um dos meus homens agarrou um tição da fogueira e atirou-o para cima do colmo molhado. Seguiram-se mais tições até que, por fim, as cabanas pegaram fogo, obrigando os ocupantes a sair para fora, para onde os meus lanceiros os aguardavam.

Uma mulher gritou quando o colmo em chamas lhe caiu em cima. Nimue arrancara a espada de um inimigo morto e estava enterrando-a no pescoço de um homem caído ao mesmo tempo que entoava um som estridente e sobrenatural que conferia um novo terror à gélida madrugada.

Cavan bramiu aos homens para começarem a afastar a barreira de árvores.

Deixei os poucos inimigos que ainda viviam à mercê dos meus homens e fui ajudá-lo.

A barreira era uma barricada feita de cerca de vinte pinheiros cortados e cada árvore precisava de outros tantos homens para ser afastada. Tínhamos feito um buraco de cerca de um metro e meio de largura onde a estrada passava através da barricada, quando Issa gritou, avisando-me.

Os homens que tínhamos assassinado não constituíam toda a força de guarda acampada no vale, sendo antes o piquete que guardava a barreira e agora, a principal guarnição, acordada pelo reboliço, começava a surgir na parte norte, mais escura, do vale.

- Muralha de escudos! - gritei. - Muralha de escudos! Formamos a linha a norte das cabanas queimadas. Dois dos meus homens tinham quebrado os tornozelos ao descer a íngreme encosta e um terceiro tinha sido morto nos primeiros momentos da refrega, mas, nós, os restantes, caminhamos arrastando os pés para a linha e encostamos as bordas dos escudos umas às outras para termos certeza que a linha estava firme. Tinha recuperado a minha lança, por isso embainhei agora a Hywelbane e empurrei a ponta da lança para juntá-la às outras pontas de aço que se eriçavam a aproximadamente metro e meio à frente da muralha de escudos. Ordenei que meia dúzia de homens ficassem atrás com Nimue, para o caso de algum inimigo ainda estar escondido entre as sombras e, depois, tivemos de esperar enquanto Cavan substituíra o seu escudo. As correias do escudo tinham arrebentado, ele arranjou um escudo powysiano e rapidamente cortou a cobertura de couro com o símbolo da águia, apressando-se a ocupar o seu lugar na ponta do lado direito da muralha. Este era o local mais vulnerável, porque o homem da direita numa linha de escudos deve segurar o seu escudo de forma a proteger o homem ao seu lado esquerdo,

expondo assim aos golpes do inimigo o lado direito do seu próprio corpo.

- Pronto, Senhor! - gritou ele.

- Em frente! - gritei. Pensei que seria melhor avançar do que esperar que o inimigo formasse e nos atacasse.

Os flancos do vale tornavam-se mais altos e íngremes à medida que avançávamos para norte. A encosta à nossa direita, para lá do rio, era um espesso emaranhado de árvores, enquanto à nossa esquerda, o monte era, a princípio, coberto de erva e, depois, de pequenos arbustos. O vale ia ficando mais estreito à medida que avançávamos, mas não o suficiente para poder ser considerado um desfiladeiro. Havia espaço para um bando guerreiro manobrar no Vale do *Lugg*, se bem que a margem pantanosa do rio ajudasse a diminuir a parte seca do terreno necessária para a batalha. A primeira luz que aparecia por entre as nuvens iluminava os montes de oeste, mas essa luz tinha ainda de se espalhar até às profundezas do vale, onde a chuva tinha, finalmente, parado, apesar das rajadas de vento serem frias e úmidas e fazerem bruxulear as chamas das fogueiras dos acampamentos que ardiam vale acima. Essas fogueiras dos acampamentos revelaram uma aldeia com telhados de colmo em redor de um edifício romano. As sombras de homens apressados tremeluziam em frente às fogueiras, um cavalo relinchava e, de repente, quando, por fim, a luz da madrugada iluminou a estrada, vi formar-se uma muralha de escudos.

Também vi que a muralha de escudos tinha, pelo menos, uns cem homens e havia mais juntando-se às fileiras.

- Alto! - gritei para os meus homens. Depois olhei para a luz fraca e supus que a muralha inimiga era formada por perto de duzentos homens. A luz cinzenta reluzia nas cabeças das lanças. Aquela era a guarda de elite que Gorfyddyd preparara para guardar o vale.

O vale era com certeza amplo demais para os meus cinquenta homens suportarem o embate. A estrada corria junto à encosta de oeste e deixava à nossa direita espaço suficiente para o inimigo nos flanquear facilmente e, por isso, dei aos meus homens ordem para recuarem.

- Recuar devagar! - gritei. - Devagar e confiantes! Recuar para a barreira! -

Podíamos guardar o buraco que tínhamos aberto na barreira de árvores, apesar ser apenas uma questão de segundos para o inimigo avançar por cima das árvores restantes e nos cercar.

- Recuar devagar! - gritei de novo e, depois, fiquei quieto enquanto os meus homens retiravam. Esperei, porque um cavaleiro isolado saía das fileiras do inimigo e esporeava o cavalo na nossa direção.

O emissário do inimigo era um homem alto que cavalgava muito bem. Trazia um elmo de ferro encimado por penas de cisne, uma lança e uma espada, mas não trazia escudo. Usava couraça e a sua sela era de pele de carneiro. Era um homem de aspecto impressionante, de olhos negros e barba escura e havia alguma coisa de familiar no seu rosto. Mas foi só quando ele parou o cavalo à minha frente que eu o reconheci. Era Valerin, o chefe militar que era noivo de Guinevere quando ela conhecera Artur. Olhou para mim e levantou devagar a cabeça da lança apontando-a à minha garganta.

- Esperava que você fosse Artur - disse.

- O meu Senhor lhe manda saudações, Lorde Valerin - respondi.

Valerin cuspiu para o meu escudo que ostentava de novo o símbolo do urso de Artur.

- Retribua-lhe as minhas saudações e à puta com quem ele casou. - Fez uma pausa, levantando a ponta da lança e colocando-a rente

aos meus olhos. - Está muito longe de casa, garoto - disse ele. - Sua mãe sabe que não está na caminha?

- A minha mãe - respondi - está preparando um caldeirão para os seus ossos, Lorde Valerin. Precisamos de cola e ouvimos dizer que os ossos de carneiro são os que dão a melhor cola.

Ele pareceu satisfeito por eu o ter reconhecido, achando que o reconheceria pela sua fama e não percebendo que eu fora um dos guardas que viera a *Caer Sws* com Artur muitos anos antes. Levantou a ponta da lança, afastando-a do meu rosto e olhou para os meus homens.

- Vocês não são muitos - disse, - mas nós somos. Querem render-se agora?

- Vocês são muitos - disse eu, - mas os meus homens anseiam pela batalha e, por isso, vão receber bem uma grande quantidade de inimigos.

Esperava-se que um chefe fosse bom neste ritual de insultos que antecedia a batalha e eu sempre me diverti com ele. Artur nunca foi bom nesta troca de palavras, pois até o último momento, antes da matança começar, esforçava-se por fazer os inimigos gostarem dele. Valerin deu meia volta ao cavalo.

- Como você se chama? - perguntou antes de se afastar.

- Lorde Derfel Cadarn - respondi, orgulhoso, e pensei ver, ou talvez julgasse ver, um movimento vacilante de reconhecimento antes de bater com os calcanhares, conduzindo o cavalo para norte.

Se Artur não viesse, pensei, seríamos todos homens mortos, mas quando me juntei aos meus lanceiros ao lado da barricada encontrei Culhwch, que mais uma vez cavalgava com Artur, à minha espera. O seu grande cavalo pastava ruidosamente ali perto.

- Não estamos longe, Derfel - assegurou-me ele - e quando aqueles vermes atacarem vocês têm de fugir. Entendido? Façam-nos ir atrás de vocês. Isso vai obrigá-los a espalharem-se e, quando vocês nos virem chegar, saiam do caminho. - Apertou-me a mão com vigor e envolveu-me num forte abraço muito apertado. - Isto é melhor do que falar da paz, não é? - disse, dirigindo-se para o cavalo e, com um impulso, subindo para a sela. - Sejam covardes por alguns minutos! - gritou para os meus homens e, depois, levantou a mão e partiu batendo com as esporas em direção ao sul.

Expliquei aos meus homens o que significavam as palavras que Culhwch proferira antes de partir e ocupei o meu lugar no centro da muralha de escudos que se esticava pelo buraco que tínhamos feito nas árvores caídas. Nimue estava atrás de mim, segurando ainda a espada ensanguentada.

- Vamos fingir que entramos em pânico, quando eles atacarem a primeira vez

- gritei para a muralha de escudos. - Não tropecem quando forem correndo e assegurem-se de que saem do caminho dos cavalos. - Ordenei que quatro dos meus homens ajudassem os outros dois que tinham os tornozelos quebrados a irem para um matagal por trás da barreira, onde podiam se esconder.

Esperamos. Olhei para trás uma vez, mas não vi os homens de Artur que imaginei estarem escondidos onde a estrada entrava numa mata a cerca de meio quilômetro para sul. À minha direita o rio corria em redemoinhos escuros, mas reluzentes, onde dois cisnes eram arrastados pela corrente. Uma garça-real alcançou a margem do rio, mas depois estendeu preguiçosamente as asas e voou para norte, uma direção que Nimue tomou como sendo um bom augúrio, porque o pássaro estava levando a sua má sorte na direção do inimigo.

Os lanceiros de Valerin vinham devagar. Tinham sido acordados para a batalha e estavam ainda muito lentos. Alguns não traziam os elmos e calculei que os chefes os tinham arrancado das enxergas de palha com tanta pressa que nem todos teriam tido tempo de pôr a armadura completa. Não tinham nenhum druida com eles, o que significava que, pelo menos, estávamos livres de pragas, se bem que, tal como os meus homens, eu murmurasse orações rápidas. As minhas eram dirigidas a *Mitra* e a *Bei*. Nimue rezava a *Andraste*, a Deusa da Matança, enquanto Cavan rezava aos seus deuses irlandeses para que proporcionassem à sua lança um bom dia de matanças. Vi que Valerin tinha desmontado e chefiava os seus homens a partir da linha do centro, apesar de reparar que um servo levava o cavalo do chefe atrás da linha que avançava.

Uma forte rajada de vento úmido espalhou a fumaça das cabanas incendiadas pela estrada, escondendo uma parte da linha inimiga. Perguntava-me se os corpos dos seus companheiros mortos não iriam acordar os lanceiros que avançavam e ouvi os gritos de raiva à medida que iam encontrando os corpos recém-chacinados e, quando uma lufada de vento afastou o fumaça, a linha de ataque avançava mais rápida e lançando insultos. Esperamos em silêncio enquanto a luz cinzenta da manhã se infiltrava no chão molhado do vale.

Os lanceiros inimigos pararam a cinquenta passos de nós. Todos eles traziam a águia de *Powys* nos escudos, nenhum era nem da *Silúria* nem dos outros contingentes reunidos por Gorfyddyd. Supus que aqueles lanceiros deviam estar entre os melhores de *Powys* e, por isso, cada um que matássemos agora seria uma ajuda mais tarde, e só os deuses sabiam como precisávamos de ajuda. Até agora estávamos com o melhor do dia e eu tinha de estar constantemente me lembrando de que aqueles momentos fáceis tinham como único objetivo trazer toda a força de Gorfyddyd e dos seus aliados até aos poucos, mas leais, homens de Artur.

Dois homens saíram correndo da linha de Valerin e lançaram lanças que passaram muito acima das nossas cabeças indo enterrar-se na erva atrás de nós. Os seus homens começaram a provocar-nos com zombarias e alguns tiraram deliberadamente os escudos da frente dos corpos, como se convidando o inimigo a tentar de novo. Agradei a Mitra por Valerin não ter arqueiros. Poucos guerreiros traziam arco, pois nenhuma flecha consegue furar um escudo ou uma couraça de couro. O arco era uma arma de caçador, de melhor efeito contra aves selvagens ou numa escaramuça, mas um conjunto de homens do campo recrutados com arcos leves podiam mesmo tornar-se um incômodo, obrigando os guerreiros a agacharem-se por trás da muralha de escudos.

Mais dois homens atiraram lanças. Uma delas enterrou-se num escudo, a outra voou outra vez por alto. Valerin nos observava, avaliando o nosso poder de decisão e, talvez por não termos atirado também lanças, terá pensado que éramos homens batidos. Levantou os braços, bateu com a lança no escudo e gritou aos seus homens para atacarem

Os homens rugiram em uníssono o seu grito de guerra e nós, tal como Artur tinha ordenado, desfizemos a muralha de escudos e fugimos. Durante alguns segundos houve uma grande confusão enquanto os homens na linha de escudos se atropelavam uns aos outros, mas depois separamo-nos e corremos pesadamente pela estrada abaixo. Nimue, com a capa negra esvoaçando, corria à nossa frente, mas sempre olhando para trás para ver o que estava acontecendo. O inimigo regozijava-se com a sua vitória e corria para nos apanhar enquanto Valerin, vendo uma oportunidade de meter o cavalo por entre uma multidão rendida, gritou para que o servo lhe trouxesse o animal.

Nós corríamos desajeitadamente, nos atrapalhando com as capas, os escudos e as lanças. Eu estava cansado e tinha dificuldade em respirar seguindo os meus homens para o sul. Conseguia ouvir o inimigo atrás de nós e por duas vezes olhei por cima do ombro e vi

um homem alto, de cabelo ruivo, fazendo esgares esforçando-se por me apanhar. Era um corredor mais rápido do que eu e eu começava a pensar que teria de parar, virar-me e lutar com ele, quando ouvi o doce e abençoado som da corneta de Artur. Soou duas vezes e, depois, Artur saiu do meio das árvores ainda entorpecidas pela madrugada à nossa frente.

À frente vinha o próprio Artur com uma pluma branca, usando uma armadura cintilante, trazendo o seu escudo que brilhava como um espelho e a capa branca aberta para trás, como asas. A cabeça da sua lança inclinou-se quando os seus cinquenta homens apareceram a cavalo com as armaduras, os rostos envolvidos em ferro e as pontas das lanças brilhando. Os estandartes do dragão e do urso esvoaçavam resplandecentes e a terra tremia sob os pesados cascos que atiravam água e lama para o ar à medida que os grandes cavalos ganhavam velocidade. Os meus homens correram para o lado, formando dois grupos que rapidamente se juntaram em círculos de defesa com os escudos e as lanças virados para fora. Eu fui para a esquerda e virei-me a tempo de ver os homens de Valerin desesperados tentando formar uma muralha de escudos. Valerin, montado no seu cavalo, gritou-lhes que se retirassem para a barricada, mas era tarde demais. A nossa armadilha fora lançada e os defensores do Vale do *Lugg* estavam condenados.

Artur passou pesadamente por mim montado na *Llamrei*, a sua égua favorita.

As fraldas do cobertor do cavalo e as pontas da sua capa estavam empapadas em lama. Um homem atirou uma lança que ricocheteou na armadura que cobria o peito de *Llamerei* e Artur enterrou a sua lança no primeiro soldado inimigo, abandonando a arma e desembainhando a *Excalibur* em plena madrugada. O resto dos cavalos passavam ruidosamente numa confusão de água e barulho. Os homens de Valerin gritavam enquanto os grandes animais se precipitavam sobre as fileiras desfeitas. As espadas golpeavam

deixando homens cambaleando e sangrando enquanto os cavalos abriam caminho por entre eles, alguns pisando homens em pânico sob os seus pesados cascos de ferro. Lanceiros rendidos não tinham como se defender dos cavalos e aqueles guerreiros de *Powys* não tinham a mínima chance de formarem um arremedo que fosse de uma muralha de escudos.

A única coisa que podiam fazer era correr e Valerin, vendo que não tinha salvação, virou o seu pequeno cavalo e galopou para o Norte.

Alguns dos seus homens seguiram-no, mas qualquer homem a pé estava condenado a ser derrubado e pisado pelos cavalos. Outros viraram para os lados e correram em direção ao rio ou ao monte, mas esses caçamos com grupos de lanceiros.

Só muito poucos atiraram ao chão as lanças e os escudos e levantaram os braços.

Esses deixamos viver, mas qualquer homem que oferecesse resistência era rodeado como um javali apanhado numa armadilha no meio de um matagal e espetado com as lanças até à morte. O cavalo de Artur tinha desaparecido no vale, deixando para trás um horrível rastro de homens com as cabeças cortadas até o cérebro por golpes de espada. Outros inimigos coxeavam e caíam e Nimue, perante aquela destruição, soltava arrepiantes gritos de triunfo.

Fizemos cerca de cinquenta prisioneiros. Pelo menos outros tantos estavam mortos ou moribundos. Poucos escaparam fugindo pelo monte que nós tínhamos descido à luz cinzenta da madrugada e alguns afogaram-se ao tentar atravessar o *Lugg*, mas o resto estava sangrando, cambaleando, e vomitando. Era a derrota. Os homens de Sagramor, cento e cinquenta lanceiros de primeira água, apareceram quando acabávamos de capturar os últimos sobreviventes de Valerin.

- Não podemos dispensar homens para guardar prisioneiros - disse Sagramor, saudando-me.

- Eu sei.

- Então mate-os ordenou-me, - e Nimue ecoou a sua aprovação.

- Não - insisti eu.

Sagramor era meu comandante pelo resto daquele dia e eu não gostava de discordar dele, mas Artur queria trazer paz aos Bretões e matar prisioneiros indefesos não era a forma correta de ligar *Powys* à sua paz. Além disso, tinham sido os meus homens a fazê-los prisioneiros, por isso o destino deles me pertencia. Em vez de os matar, ordenei que se despissem e, depois, foram levados um a um para onde Cavan esperava com uma pedra pesada que lhe ia servir de martelo e um seixo que lhe ia servir de bigorna. Colocamos a mão que segura a lança de cada homem em cima do seixo, seguramos e depois esmagamos os dois dedos menores com a pedra. Um homem com dois dedos despedaçados viveria e até podia voltar a agarrar uma lança, mas não nesse dia. Nem por muitos dias. Depois os mandamos para Sul, nus e sangrando e dissemos que se os víssemos de novo antes da noite cair, iam morrer com certeza. Sagramor escarneceu de mim por mostrar tanta clemência, mas não anulou as minhas ordens. Os meus homens ficaram com as melhores roupas e as botas do inimigo e procuraram moedas nas que não quiseram, atirando-as para as cabanas ainda queimando. Amontoamos as armas capturadas ao lado da estrada.

Depois marchamos para Norte e verificamos que Artur tinha terminado a sua perseguição no vau e rumara para a aldeia em redor do enorme edifício romano que Artur afirmava ter sido uma casa de repouso para viajantes que se dirigiam aos montes do Norte. Uma multidão de mulheres estava aninhada sob vigilância ao lado da casa, agarradas aos filhos e aos seus miseráveis pertences.

- O seu inimigo - disse eu a Artur - era Valerin.

Artur levou alguns segundos para situar o nome e depois sorriu. Tinha tirado o elmo e desmontado para nos saudar.

- Pobre Valerin - disse ele - duas vezes perdedor.

Depois abraçou-me e agradeceu aos meus homens.

- A noite estava tão escura - disse ele. - Duvidei que chegassem a encontrar o vale.

- Não fui eu quem o encontrou. Foi Nimue.

- Então devo-lhe um agradecimento - disse ele a Nimue.

- Agradeça-me - disse ela, - conseguindo hoje a vitória.

- Com a ajuda dos deuses, assim farei. - Virou-se e olhou para Galaad que cavalgara no ataque. Vá para o Sul, senhor, e leve a Tewdric as minhas saudações e implore-lhe que envie as lanças dos seus homens para o nosso lado. E que Deus dê à

sua língua o dom da eloquência.

Galaad picou o cavalo e cavalgou de novo para Sul ao longo do vale tresandando sangue.

Artur virou-se e olhou para o alto de um monte a cerca de quilômetro e meio para norte do vau. Havia lá um velho forte de terra, uma herança do Povo Antigo, mas que parecia estar deserto.

- Seria muito ruim para nós - disse com um sorriso - se alguém visse onde nos escondemos. - Ele queria encontrar um esconderijo e deixar lá a pesada armadura do cavalo antes de cavalgar para norte para empurrar os homens de Gorfyddyd para fora dos acampamentos de *Branogenium*.

- Nimue executará um feitiço de encobrimento - disse eu.

- Fará isso, Senhora? - perguntou ele avidamente.

Ela foi procurar uma caveira. Artur abraçou-me de novo e chamou o servo Hygwydd para ajudá-lo a tirar a pesada armadura de escamas. Saiu-lhe pela cabeça, deixando-lhe o cabelo curto despenteado.

- Você usaria esta armadura? - perguntou-me ele.

- Eu? - Fiquei atônito.

- Quando o inimigo atacar - disse ele - esperará me encontrar aqui e, se eu não estiver vai suspeitar de uma armadilha. - Sorriu. - Eu pediria a Sagramor, mas o rosto dele é um pouco mais difícil de confundir do que o seu, Lorde Derfel. No entanto vai ter de cortar um pouco desse longo cabelo. O meu cabelo loiro aparecendo por debaixo do rebordo do elmo seria um sinal seguro de que eu não era Artur. E talvez aparar um pouco a barba acrescentou ainda.

Tirei a armadura das mãos de Hygwydd e fiquei chocado com o seu peso.

- Será uma honra - disse eu.

- É pesada - avisou-me ele. - Vai ficar com calor e não consegue enxegar para os lados quando usar o elmo, precisará de dois bons homens para flanqueá-lo. -

Ele sentia a minha hesitação. - Quer que peça a outra pessoa para usá-la?

- Não, não, meu senhor - disse eu. - Eu a usarei.

- Significará perigo - avisou-me ele.

- Eu não estava à espera de um dia seguro, senhor - respondi.

- Vou deixar-lhes os estandartes - disse ele. - Quando Gorfyddyd chegar tem de ficar convencido de que todos os seus inimigos estão

num lugar só. Será uma luta muito dura, Derfel.

- Galaad trará ajuda - assegurei-lhe.

Ele me tirou a minha couraça e o escudo e me deu o seu próprio escudo brilhante e a capa branca e, depois, virou-se e agarrou firmemente o freio da *Llamrei*.

- Isto - disse ele, depois de o terem ajudado a subir para a sela - foi a parte mais fácil do dia. - Chamou Sagramor com um aceno de cabeça e nos disse: - O

inimigo estará aqui ao meio-dia. Façam tudo o que puderem para se prepararem e, depois, lutem como nunca lutaram antes. Se voltar a vê-los, então é porque saímos vitoriosos. Se não, então agradeço-lhes, os saúdo e espero festejar com vocês no Outro Mundo. - Gritou para os seus homens montarem e cavalgou para Norte.

E nós ficamos à espera de que a verdadeira batalha começasse.

A armadura de escamas era terrivelmente pesada, sobrecarregando os meus ombros como a água que as mulheres carregam para casa todas as manhãs. Até

levantar o braço que segura a espada era difícil, se bem que se tivesse tornado mais fácil quando apertei a cilha do cinto da espada em redor das escamas de ferro, aliviando assim dos ombros o peso da parte de baixo da armadura.

Nimue, depois de ter terminado o seu feitiço de encobrimento, cortou-me o cabelo com uma faca. Queimou todo o cabelo que cortou para evitar que algum inimigo o encontrasse e fizesse algum feitiço. Depois usei o escudo de Artur como espelho para cortar a minha longa barba o suficiente para ficar escondida atrás das peças do elmo que cobrem as faces. Em seguida coloquei o elmo, aconchegando o estofamento de couro sobre o crânio até me rodear a cabeça como uma concha, A minha voz parecia abafada apesar

das perfurações feitas no metal brilhante sobre os ouvidos. Tomei o peso do escudo, deixei Nimue apertar a capa branca salpicada de lama em redor dos meus ombros e tentei habituar-me ao incômodo peso da armadura.

Pedi a Issa para lutar comigo com a haste da lança como se fosse um bastão e vi que estava muito mais lento do que o habitual.

- O medo vai obrigá-lo a ser mais rápido, senhor - disse-me Issa depois de ter vencido a minha guarda pela décima vez e ter dado um golpe sonoro que me ecoou na cabeça.

- Não derrube a pluma com os golpes - disse-lhe. Secretamente, desejava nunca ter aceito a pesada armadura. Era equipamento de cavaleiros, destinado a acrescentar peso e temor a um homem montado que tinha de abrir caminho por entre as fileiras do inimigo, mas nós, os lanceiros, dependíamos da agilidade e da rapidez, quando não estávamos entalados ombro com ombro numa muralha de escudos.

- Mas está muito elegante, senhor - disse-me Issa com admiração.

- Serei um cadáver muito elegante se não guardar o meu flanco - disse-lhe eu.

- É como lutar dentro de um balde. - Arranquei o elmo, e fiquei aliviado por aquela pressão desaparecer do meu crânio. - Quando vi esta armadura pela primeira vez queria-a mais do que qualquer outra coisa no mundo. Agora a trocava por qualquer decente couraça de couro.

- Correrá tudo bem, senhor - disse ele sorrindo de esquelha.

Tínhamos trabalho para fazer. As mulheres e as crianças abandonadas pelos homens vencidos de Valerin tiveram ser afastadas do vale e levadas para sul e preparamos defesas junto aos restos da barreira de árvores. Sagramor temia que o peso

esmagador do inimigo nos pudesse empurrar para fora do vale, antes de os cavaleiros de Artur chegarem em nosso auxílio e, por isso, preparou o terreno o melhor que pôde. Os meus homens queriam dormir, mas tivemos de cavar um fosso baixo que atravessava o vale. O fosso estava longe ser suficientemente fundo para parar um homem, mas obrigaria os lanceiros que atacassem a diminuir a marcha e talvez tropeçarem ao se aproximarem da nossa linha de lanças. A barreira de árvores ficava atrás do fosso e marcava o limite sul até onde podíamos recuar e o lugar que devíamos defender até à morte. Sagramor fixou as árvores tombadas com algumas das lanças abandonadas de Valerin que ele ordenou que fossem enterradas bem fundo na terra para fazer uma paliçada de cabeças de lança assestadas entre os ramos dos pinheiros. Deixamos o buraco por onde a estrada passava pelo centro da barreira para podermos recuar para trás da frágil barricada antes de a defendermos.

A minha preocupação era a encosta ampla e íngreme pela qual os meus homens tinham atacado de madrugada. Os guerreiros de Gorfyddyd atacariam sem dúvida pelo vale, mas os mercenários seriam provavelmente mandados para o monte para ameaçarem o nosso flanco esquerdo. Todavia, Nimue garantia que não havia razões para me preocupar. Ela pegou em dez das lanças capturadas e, com a ajuda de meia dúzia dos meus homens, cortou a cabeça a dez dos lanceiros mortos de Valerin e levou as lanças e as cabeças ensanguentadas pelo monte acima. Chegados ao alto, mandou enterrar as hastes das lanças na terra, enterrou as cabeças ensanguentadas nas pontas de ferro das lanças e envolveu-as com horríveis perucas de erva cheias de nós, cada nó representando um feitiço, antes de espalhar ramos de teixos entre os postes que estavam bastante afastados uns dos outros. Construía assim uma barreira-fantasma: uma linha de espantalhos humanos impregnados de encantamentos e feitiços que nenhum homem se atreveria a passar sem a ajuda de um druida. Sagramor queria que ela fizesse outra barreira dessas no terreno a norte do vau, mas Nimue se recusou.

- Os guerreiros deles virão com druidas - explicou - e uma barreira-fantasma é

ridícula para um druida. Mas os mercenários não terão um druida. - Ela tinha trazido do monte uma braçada de verbena e agora distribuiu as pequenas flores vermelhas entre os lanceiros que sabiam que a verbena dava proteção durante as batalhas.

Meteu um raminho inteiro por dentro da minha armadura.

Os cristãos juntaram-se para dizer as suas orações enquanto nós, os pagãos, procurávamos a ajuda dos deuses. Os homens atiraram moedas no rio e, depois, trouxeram os seus talismãs para Nimue lhes tocar. A maioria trazia uma pata de lebre, mas alguns trouxeram-lhe dardos de duende ou amotites. Dardos de duende eram pequenas cabeças de setas feitas de sílex atiradas pelos espíritos e muito valorizadas pelos soldados, enquanto amotites eram pedras com cores brilhantes que Nimue enriquecia mergulhando as pedras no rio antes de encostá-las ao seu olho bom. Eu fiz pressão sobre a armadura de escamas até sentir o pregador de Ceinwyn picar-me o peito, depois me ajoelhei e beijei a terra. Mantive a testa no chão úmido enquanto suplicava a Mitra que me desse força, coragem e, se fosse da sua vontade, uma morte digna. Alguns dos nossos homens bebiam o hidromel que tínhamos encontrado na aldeia, mas eu nada bebi a não ser água. Comemos a comida que os homens de Valerin pensavam que ia ser o seu café da manhã e, depois disso, um grupo de lanceiros ajudou Nimue a apanhar sapos e musaranhos que ela matou e colocou na estrada depois do vau para dar ao inimigo que se aproximava maus agouros. Em seguida afiamos as nossas armas de novo e esperamos. Sagramor encontrara um homem escondido no bosque atrás da aldeia. O homem era um pastor e Sagramor fez-lhe perguntas sobre os campos em redor e ficou sabendo que havia um segundo vau, a montante, onde o inimigo podia nos flanquear se tentássemos defender a margem do rio no extremo norte do vale. A existência do segundo vau não nos preocupava, mas tínhamos de

nos lembrar que ele existia, pois proporcionava ao inimigo uma forma de flanquear a nossa linha de defesa mais ao norte.

Eu estava nervoso com a luta que se aproximava, mas Nimue parecia não sentir medo.

- Não tenho nada a temer - disse ela. - Já sofri as Três Chagas. Por isso, o que mais pode me machucar? - Estava sentada ao meu lado, perto do vau, no extremo norte do vale. Esta seria a nossa primeira linha de defesa, o local onde iríamos iniciar a lenta retirada que sugaria o inimigo para dentro do vale e para a armadilha de Artur. - Além disso, estou sob a proteção de Merlim.

- Ele sabe que estamos aqui? - perguntei-lhe.

Ela fez uma pausa e, depois, acenou afirmativamente.

- Sabe.

- E virá?

Franziu as sobrancelhas como se a minha pergunta fosse estúpida.

- Ele fará - disse muito devagar - o que tiver de fazer.

- Então virá - disse eu com uma esperança fervorosa.

Nimue sacudiu a cabeça com impaciência.

- Merlim só se preocupa com a Grã-Bretanha. Ele acredita que Artur pode ajudar a restaurar a Sabedoria da Grã-Bretanha, mas se chegar à conclusão de que Gorfyddyd o fará melhor, então, Derfel, Merlim passará para o lado de Gorfyddyd.

Merlim insinuara o mesmo em *Caer Sws*, mas eu ainda custava a acreditar que as suas ambições estivessem tão longe das minhas próprias fidelidades e esperanças.

- E você? - perguntei a Nimue.

- Eu tenho um destino que me liga a este exército - disse ela - e depois disso ficarei livre para ajudar Merlim.

- Gundleus - disse eu.

Ela assentiu, com um aceno.

- Capture Gundleus vivo, Derfel - disse ela, olhando-me nos olhos - dê-me-o vivo, eu suplico. - Tocou na venda de couro e ficou em silêncio enquanto concentrava toda a sua energia na vingança pela qual ansiava. O seu rosto ainda tinha uma palidez de osso e o cabelo negro caía-lhe liso sobre o rosto. A suavidade que revelara no *Lughnasa* fora substituída por uma tristeza fria que me fez pensar que nunca a entenderia. Eu a amava, não como eu acreditava amar Ceinwyn, mas como um homem pode amar uma bela criatura selvagem, uma águia ou um gato selvagem, pois sabia que nunca entenderia a sua vida ou os seus sonhos. Fez um esgar, repentino. -

Vou fazer a alma de Gundleus gritar por toda a eternidade - disse ela suavemente. -

Vou mandá-la pelo meio do abismo que leva ao nada, mas ele nunca chegará ao nada, Derfel, sofrerá para sempre no limiar do nada, aos gritos.

Estremeci por Gundleus.

Um grito me fez olhar para o rio. Seis cavaleiros galopavam na nossa direção.

Os soldados da nossa muralha de escudos levantaram-se e enfiaram as armas nos ganchos dos escudos, mas depois vi que o homem da frente era Morfans. Cavalgava desesperado, dando pontapés no cavalo cansado e rebrilhando com o suor, e temi que

aqueles seis cavaleiros fossem tudo o que restasse das tropas de Artur.

Os cavalos passaram chapinhando pelo vau enquanto Sagramor e eu corríamos ao seu encontro. Morfans puxou as rédeas na margem do rio.

- A cerca de três quilômetros daqui - disse ele arquejando. - Artur nos mandou para ajudá-los. Meus deuses, aqueles filhos da puta são às centenas! - Limpou o suor da testa, depois sorriu de esquelha. - Há pilhagem suficiente para mil de nós! -

Escorregou pesadamente do cavalo e vi que trazia a corneta de prata, o que me levava a supor que a usaria para chamar Artur quando fosse a hora certa.

- Onde está Artur? - perguntou Sagramor.

- Escondido em lugar seguro - assegurou-nos Morfans que, depois, olhou para a minha armadura, abrindo a sua cara horrível num esgar. Parece que vai desabar com esse peso, essa armadura, não é?

- Como é que ele consegue lutar com isto? - perguntei.

- Luta muito bem, Derfel, muito bem. E você também lutará. - Agarrou-me o ombro. - Alguma notícia de Galaad?

- Nenhuma.

- Agrícola não nos deixará lutar sozinhos, seja o que for que queiram aquele rei cristão e aquele filho medricas que ele tem - disse Morfans. Depois conduziu os seus cinco cavaleiros para trás da muralha de escudos. – Nos dê só alguns minutos para descansar os cavalos.

Sagramor enfiou o elmo na cabeça. O Númida usava uma cota de malha, uma capa preta e botas altas. O seu elmo de ferro estava pintado de preto com piche e acabava numa ponta aguçada que lhe dava um aspecto exótico. Normalmente lutava a cavalo, mas não mostrava nenhum pesar por ser um soldado de infantaria naquele dia. Nem nenhum nervosismo ao caminhar com passadas largas para cima e para baixo em frente à nossa linha de escudos, resmungando encorajamentos para os seus homens.

Coloquei o sufocante elmo de Artur na cabeça e afivelei a correia por baixo do queixo. Depois, preparado como o meu senhor, também andei ao longo da linha de lanças e avisei os meus homens de que a luta seria dura, mas que a vitória estava certa desde que a muralha de escudos se aguentasse. Era uma muralha perigosamente fina, em alguns lugares tinha apenas três homens de profundidade, mas todos os homens da muralha eram homens bons. Um deles saiu da linha, quando me aproximei do lugar onde os lanceiros de Sagramor faziam fronteira com os meus.

- Lembra-se de mim, senhor? - perguntou.

Por um momento pensei que tivesse me confundido com Artur e puxei para o lado as peças articuladas que me protegiam as faces para que ele me visse o rosto.

Finalmente, reconheci-o. Era Griffid, o capitão de Owain e o homem que tentara me matar em *Lindinis* antes de Nimue ter intervido para me salvar a vida.

- Griffid Annan - saudei-o.

- Tem havido mau sangue entre nós, senhor - disse ele e caiu de joelhos. -

Perdoe-me.

Puxei-o para que se levantasse e abracei-o. A sua barba tornara-se grisalha, mas continuava a ser o mesmo homem de rosto comprido e triste.

- A minha alma está à sua guarda – eu disse - e estou contente por ela aí

estar.

- E a minha está à sua guarda, senhor - disse ele.

- Minac! Reconheci outro dos meus velhos companheiros Estou perdoado?

- Havia alguma coisa a perdoar, senhor? - perguntou ele, embaraçado com a pergunta.

- Não havia nada a perdoar assegurei-lhes. Juro que nenhum juramento foi quebrado.

Minac avançou e abraçou-me. Ao longo de toda a muralha de escudos outras questões daquele gênero estavam sendo resolvidas.

- Como tem andado? - perguntei a Griffid.

- Lutando bastante, senhor. A maior parte das vezes contra os saxões de Cerdic. Hoje a luta será fácil comparada com a luta contra aqueles filhos da puta, exceto por uma coisa.

Hesitou.

- Então? - incitei-o.

- Ela vai nos devolver as nossas almas, senhor? - perguntou Griffid, lançando um olhar a Nimue. Ele recordava a terrível maldição que ela lançara sobre ele e os seus homens.

- É claro que sim - disse eu e chamei Nimue que tocou na testa de Griffid e nas testas de todos os outros homens ainda vivos que tinham ameaçado a minha vida naquele dia distante em *Lindinis*. Desta forma a maldição lançada sobre eles foi levantada e eles agradeceram-lhe beijando-lhe a mão. Abracei Griffid de novo e levantei a voz para que todos os meus homens pudessem ouvir. - Hoje disse eu daremos aos bardos canções suficientes para mil anos! E hoje nos tornamos de novo homens ricos!

Eles se regozijaram. A emoção naquela linha de escudos era tão grande que alguns homens choravam de alegria. Agora sei que não há alegria tão grande como a alegria de servir Jesus Cristo, mas sinto falta da companhia dos guerreiros. Naquela manhã, não havia barreiras entre nós, não havia nada senão um grande e orgulhoso amor pelos outros enquanto esperávamos pelo inimigo. Éramos irmãos, éramos invencíveis e até o lacônico Sagramor tinha lágrimas nos olhos. Um lanceiro começou a cantar o Cântico de Guerra de *Beli Mawr*, o maior cântico guerreiro da Grã-Bretanha e as fortes vozes masculinas aumentaram de volume numa harmonia instintiva ao longo de toda a linha. Outros homens dançavam com as espadas, saltando desajeitadamente com as armaduras de couro enquanto davam os intrincados passos de dança de cada lado da lâmina. Os nossos cristãos tinham os braços bem abertos, quase como se o cântico fosse uma oração pagã ao seu próprio Deus, enquanto outros batiam com as lanças contra os escudos ao compasso da música.

Cantávamos sobre o derramar do sangue dos nossos inimigos na nossa terra, quando esse inimigo apareceu. Continuamos a cantar desafiadoramente à medida que surgiam grupos de lanceiros atrás de grupos de lanceiros que iam se espalhando pelos campos distantes sob estandartes reais que brilhavam na semiobscuridade provocada pelas nuvens. E continuamos a cantar, uma torrente interminável de canções, para desafiar o exército de Gorfyddyd, o exército do pai da mulher que eu estava convencido que amava. Era por isso que eu lutava, não apenas por Artur, mas também porque

só através da vitória podia ir de novo a *Caer Sws* e, assim, ver Ceinwyn outra vez. Não tinha nenhuma pretensão sobre ela nem nenhuma esperança, pois nascera escravo e ela princesa. No entanto, de alguma forma, naquele dia me sentia como se tivesse mais a perder do que o que tivera em toda vida.

Demorou mais de uma hora para aquela pesada horda erguer uma linha de batalha na outra margem do rio. O rio só podia ser atravessado no vau, o que significava que teríamos tempo para recuar, quando chegasse o momento, mas por hora o inimigo devia imaginar que planejávamos defender o vau durante todo o dia, pois juntaram os seus melhores homens no centro da linha. Estava lá o próprio Gorfyddyd, com o estandarte da águia manchado da tinta que tinha escorrido com a chuva, parecendo que a bandeira já tinha sido mergulhada no nosso sangue. Os estandartes de Artur, o urso preto e o dragão vermelho, esvoaçavam no centro da nossa linha, onde eu estava colocado de frente para o vau. Sagramor estava ao meu lado, contando os estandartes do inimigo. Estava lá a raposa de Gundleus, o cavalo vermelho de Elmet e muitos outros que não reconhecemos.

- Seiscentos homens? - tentou adivinhar Sagramor.

- E mais ainda chegando - acrescentei.

- Quase com certeza. - Cuspiu na direção do vau. E todos viram que falta o touro de Tewdric. Deu um dos seus raros sorrisos. - Será uma luta que valerá a pena lembrar, Lorde Derfel.

- Fico satisfeito por partilhá-la, senhor - disse eu, fervorosamente, e estava mesmo satisfeito por isso.

Não havia melhor guerreiro do que Sagramor, nenhum homem mais temido pelos seus inimigos. Nem sequer a presença de Artur despertava tanto pavor como o rosto impassível do Númida e a sua horrível espada. Era uma espada curva, de aspecto estranho e estrangeiro e Sagramor manejava-a com uma terrível rapidez.

Uma vez perguntei a Sagramor por que tinha jurado fidelidade a Artur.

- Porque quando eu não tinha nada - explicou de forma concisa, - Artur me deu tudo.

Finalmente os nossos lanceiros pararam de cantar quando os dois druidas avançaram, saindo do meio do exército de Gorfyddyd. Nós só tínhamos Nimue para contra-atacar os feitiços deles e, agora, ela passava com dificuldade pelo vau para ir encontrar com os homens avançados que saltavam pela estrada abaixo com um braço levantado e um olho fechado. Os druidas eram Iorweth, o feiticeiro de Gorfyddyd, e Tanaburs, com a sua longa túnica bordada com luas e lebres. Os dois homens trocaram beijos com Nimue, falaram com ela durante algum tempo e depois ela voltou para o nosso lado do vau.

- Eles queriam que nos rendêssemos - disse ela com desdém - e eu os convidei a fazerem o mesmo.

- Muito bem - resmungou Sagramor.

Iorweth saltava desajeitadamente em direção ao lado de lá do vau.

- Os deuses os saúdam! - gritou ele na nossa direção, se bem que nenhum de nós lhe respondesse. Eu fechara os protetores das faces para não poder ser reconhecido. Tanaburs saltava mais a montante, usando o bastão para manter o equilíbrio. Iorweth levantou o seu próprio bastão acima da cabeça para mostrar que desejava falar mais. - O meu rei, o rei de *Powys* e Rei Supremo da Grã-Bretanha, o rei Gorfyddyd Cadell Brychan Laganis Coei Beli Mawr poupará às suas almas corajosas uma viagem para o Outro Mundo. Tudo o que precisam fazer, bravos guerreiros, é

entregar-nos Artur! - Ergueu o bastão na minha direção e imediatamente Nimue sibilou uma reza de proteção e atirou duas mãos cheias de terra para o ar.

Eu não disse nada e o silêncio expressou a minha recusa. Iorweth fez rodopiar o bastão e cuspiu três vezes na nossa direção. Depois começou a descer aos saltos a margem do rio para juntar as suas pragas aos feitiços de Tanaburs. O rei Gorfyddyd, acompanhado pelo seu filho Cuneglas e pelo seu aliado Gundleus, tinham cavalgado até meio caminho do rio para observarem os seus druidas trabalhando e eles trabalharam mesmo. Amaldiçoaram as nossas vidas de dia e as nossas almas de noite. Deram o nosso sangue aos vermes, a nossa carne aos animais e os nossos ossos à agonia. Amaldiçoaram as nossas mulheres, as nossas crianças, os nossos campos e o nosso gado. Nimue contra-atacou os feitiços, mas, ainda assim, os nossos homens tremiam. Os cristãos gritavam que nada havia a temer, mas até eles faziam o sinal da cruz à medida que as pragas atravessavam o rio nas asas da escuridão.

Os druidas lançaram pragas durante uma hora e deixaram-nos tremendo.

Nimue andava pela linha de escudos tocando nas cabeças das lanças assegurando aos homens que as maldições não tinham funcionado, mas os nossos homens estavam nervosos com a ira dos seus, quando, finalmente, a linha de lanças inimigas avançou.

- Escudos para cima! - gritou Sagramor bruscamente. - Lanças para cima!

O inimigo parou a cinquenta passos do rio enquanto um homem sozinho avançou a pé. Era Valerin, o chefe que afugentáramos do vale nessa madrugada e que agora avançava para a borda norte do vau com escudo e lança. Ele sofrera uma derrota de madrugada e o seu orgulho levava-o a este momento em que podia recuperar a sua reputação.

- Artur - gritou ele para mim. – Você casou com uma puta.

- Mantenha-se em silêncio, Derfel - avisou-me Sagramor.

- Uma puta! - gritou Valerin. - Ela já estava usada, quando veio para mim.

Quer a lista dos amantes dela? Uma hora, Artur, não seria tempo suficiente para te dar essa lista! E com quem estará ela agora, enquanto você está à espera da morte?

Pensa que ela está à sua espera? Eu conheço aquela puta! Está enrolando-se na cama com um ou dois homens! - Estendeu os braços e sacudiu as ancas num gesto obsceno e os meus lanceiros também lançaram insultos, mas Valerin ignorou os gritos deles. - Uma puta, uma puta gasta e rançosa! Lutaria pela sua puta, Artur? Ou perdeu o apetite para a luta? Defenda a sua puta, verme! - Atravessou o vau onde a água lhe chegava às coxas e parou na nossa margem, com a capa escorrendo, a apenas uma dúzia de passos de mim. Olhou para a sombra escura do buraco para os olhos do meu elmo. - Uma puta, Artur, a sua mulher é uma puta. - E cuspiu. Não trazia elmo e usava raminhos de azevinho protetor entrançados na longa cabeleira negra. Envergava uma couraça, mas mais nenhuma armadura lhe protegia o corpo, e o escudo estava pintado com a águia de asas abertas de Gorfyddyd. Riu de mim e, depois, levantou a voz para gritar para todos os nossos homens: - O seu chefe não lutará pela puta dele.

Por isso, por que é que vocês devem lutar por ele?

Sagramor resmungou-me que ignorasse os insultos, mas a provocação de Valerin estava perturbando os nossos homens, já gelados até aos ossos pelas pragas dos druidas. Esperei que Valerin chamasse Guinevere de puta mais uma vez e, quando o fez, atirei-lhe a minha lança com violência. Foi um lançamento desastrado, por causa da compressão provocada pela armadura de escamas, e a lança passou por ele para ir cair no rio.

- Uma puta - gritou ele e correu para mim com a lança de guerra na horizontal enquanto eu tirava a *Hywelbane* da bainha. Avancei para

ele e só tive tempo de dar dois passos antes de ele me atirar a lança soltando um grito de raiva.

Caí sobre um joelho e levantei o escudo bem polido, desviando assim a ponta da lança da minha cabeça. Conseguia ver os pés de Valerin e ouvir o seu rugido de raiva, quando o trespassei com a *Hywelbane* por baixo do rebordo do meu escudo. Dei uma estocada para cima com a lâmina, sentindo-a penetrar antes mesmo do seu corpo em posição de ataque cair em cima do meu escudo e me empurrar para o chão.

Agora ele gritava em vez de rugir, pois aquela espada enterrada por baixo do escudo constituía um corte cruel que saía do chão para perfurar as entranhas de um homem e percebi que a *Hywelbane* tinha se enterrado fundo no corpo de Valerin, pois, quando ele caiu sobre o escudo, conseguia sentir o peso do corpo empurrando a lâmina da espada. Levantei-me e chamei todas as minhas forças para tirá-lo de cima do escudo.

Ele deu um grunhido, quando dei um sacão para tirar a espada do aperto da sua carne.

O sangue derramava-se imundo ao lado da lança tombada no chão onde ele agora também jazia sangrando e a contorcendo-se com dores terríveis. Mesmo assim, tentou desembainhar a espada enquanto eu me erguia com dificuldades e lhe colocava o pé

em cima do peito. O seu rosto estava ficando amarelo, todo ele tremia e os olhos estavam turvos pela morte.

- Guinevere é uma dama - disse-lhe - e a sua alma me pertence se o negar.

- Ela é uma puta - conseguiu dizer entre os dentes cerrados e, depois, sufocou e sacudiu debilmente a cabeça. - Que o touro me guarde - teve ainda forças para acrescentar. Fiquei assim sabendo que ele pertencia a Mitra e, por isso, enterrei com força a

Hywelbane. A lâmina encontrou a resistência da sua garganta por um segundo, mas acabou rapidamente com a vida dele. O sangue jorrou em borbotões pela espada acima e acho que Valerin nunca chegou a perceber que não foi Artur quem mandou a sua alma para a ponte de espadas da Gruta de *Cruachan*.

Os nossos homens aplaudiram. Os seus espíritos, tão corroídos pelos druidas e gelados pelos insultos obscenos de Valerin, foram instantaneamente recuperados, pois tínhamos derramado o primeiro sangue. Caminhei até à beira do rio onde ensaiei alguns passos de vitória enquanto mostrava ao inimigo desalentado a lâmina da *Hywelbane* manchada de sangue. Gorfyddyd, Cuneglas e Gundleus, depois de verem o seu campeão vencido, viraram os cavalos e os meus homens insultaram-nos de covardes e de fracos.

Sagramor acenou com a cabeça quando regressei à muralha de escudos. O

aceno era evidentemente a sua forma de me elogiar por uma luta bem travada.

- O que quer que lhe faça? - Fez um gesto na direção do corpo caído de Valerin.

Mandei Issa aliviar o corpo das jóias que o adornavam e disse, depois, a outros dois homens que carregassem o corpo para o rio, rezando para que os espíritos da água levassem o meu irmão de Mitra até à sua recompensa. Issa trouxe-me as armas de Valerin, o seu colar de ouro, dois pregadores e um anel.

- São seus, Senhor - disse-me ele, oferecendo-me o saque. Também recuperara a minha lança do rio.

Peguei a lança e as armas de Valerin, mas em mais nada.

- O ouro é seu, Issa disse-lhe, lembrando-me de como ele tentara me dar o seu próprio colar, quando tínhamos regressado de *Ynys*

Trebes.

- Isto não, senhor - disse ele mostrando-me o anel de Valerin. Era uma peça de ouro maciço, de grande beleza, gravada com a figura de um veado correndo sob o quarto crescente. Era o símbolo de Guinevere. E, na parte de trás do anel, tosca, mas profundamente marcada no ouro grosso, estava uma cruz. Era um anel dos amantes e Issa, penso eu, fora esperto ao reconhecê-lo.

Peguei o anel e pensei em Valerin usando-o durante todos aqueles sofridos anos. Ou talvez, me atrevi a esperar, ele tivesse tentado vingar o golpe desferido na sua reputação gravando uma falsa cruz no anel para as pessoas pensarem que fora amante dela.

- Artur nunca poderá saber disto - avisei Issa e, depois, atirei o pesado anel para o rio.

- O que era aquilo? - perguntou Sagramor quando me juntei de novo a ele.

- Nada - respondi - nada. Apenas um feitiço que podia ter trazido má sorte.

Foi então que soou uma corneta de chifre de carneiro do outro lado do rio e me foi poupada a necessidade de pensar na mensagem do anel. O inimigo atacava.

Os bardos ainda cantam a batalha, apesar de só os deuses saberem como é

que eles inventaram os detalhes com que bordaram a história, porque ao ouvir as canções deles se pensaria que nenhum de nós poderia ter sobrevivido no Vale do *Lugg* e talvez nenhum de nós devesse ter sobrevivido. Foi também, se bem que os bardos não o admitissem, uma derrota para Artur.

O primeiro ataque de Gorfyddyd foi uma investida barulhenta de lanceiros enlouquecidos que atacaram pelo vau. Sagramor ordenou-nos que avançássemos e enfrentamo-los no rio onde o barulho dos escudos quando bateram era como trovoadas na boca do vale. O inimigo tinha a vantagem do número, mas o ataque deles era ladeado pelas margens do vau e nós pudemos trazer homens dos nossos flancos para reforçar o centro.

Nós, da linha da frente, tivemos tempo para dar estocadas uma vez e, depois, nos baixamos por trás dos nossos escudos e os empurrámos violentamente contra a linha inimiga enquanto os homens na nossa segunda fila lutavam por cima das nossas cabeças. O som das lâminas das espadas, o barulho dos escudos e o embater das hastes das lanças era ensurdecedor, mas poucos homens morreram, pois é difícil matar na colisão, quando duas muralhas de escudos impenetráveis se esmagam uma contra a outra. É mais como um jogo do empurra. O inimigo nos agarra a lança e não podemos puxá-la para trás, quase não há espaço para desembainhar a espada e durante todo o tempo a segunda fila do inimigo ataca a golpes de espada, machado e lança os elmos e os rebordos dos escudos. As piores feridas são causadas por homens enterrando lâminas por baixo dos escudos e gradualmente forma-se, à frente, uma barreira de homens aleijados, tornando a matança ainda mais difícil. Só quando um dos lados recua é que o outro pode matar os inimigos aleijados encalhados na linha de batalha. Triunfamos nesse primeiro ataque, não tanto por valentia, mas porque Morfans levou os seus seis cavaleiros por entre o aperto dos nossos homens e usou as longas lanças dos cavalos para atacar a linha da frente inimiga.

- Escudos! Escudos! - Ouvi Morfans gritando enquanto o grande peso dos cavalos afivelava a nossa linha de escudos. Os homens da nossa fila da retaguarda levantaram os escudos bem alto para proteger os grandes cavalos de guerra da chuva de lanças inimigas, enquanto nós, na linha da frente nos abaixávamos no rio, tentando acabar com os homens que recuavam perante os ataques dos

cavaleiros. Abriguei-me por trás do polido escudo de Artur e ia dando estocadas com a *Hywelbane* sempre que aparecia uma abertura na linha do inimigo. Recebi dois poderosos golpes na cabeça, mas o elmo amorteceu-os, mesmo que o meu cérebro tenha ficado ressoando durante uma hora. Uma lança atingiu a minha armadura de escamas, mas não conseguiu penetrá-la. O homem que lançou esse golpe foi morto por Morfans e depois da sua morte o inimigo perdeu a coragem e passou de novo a chapinhar para a margem norte do rio. Levaram os seus feridos, todos menos uma mão-cheia deles que estavam muito próximos da nossa linha e esses nós matamos antes de recuarmos para a nossa margem. Seis homens tinham sido perdidos para o Outro Mundo e o dobro tinha sofrido ferimentos.

- Você não devia estar na linha da frente - disse-me Sagramor enquanto via os nossos feridos sendo levados. - Eles vão ver que você não é Artur.

- Eles vêem que Artur luta - disse eu - ao contrário de Gorfyddyd e de Gundleus.

Os reis inimigos tinham estado perto da luta, mas nunca o suficiente para usarem as armas.

Iorweth e Tanaburs gritavam aos homens de Gorfyddyd, encorajando-os à

matança e prometendo-lhes a recompensa dos deuses, mas enquanto Gorfyddyd reorganizava os seus lanceiros um grupo de homens sem senhor atravessaram com dificuldade o rio para atacar por sua conta. Tais guerreiros contavam com uma exibição de coragem para lhes proporcionar riquezas e posição social e esses trinta homens desesperados atacaram com raiva e aos berros depois de terem passado pela parte mais funda do rio. Ou estavam bêbados ou enlouquecidos pela batalha, pois eram apenas trinta a atacarem toda a nossa força. A recompensa pelo seu sucesso teria

sido terras, ouro, o perdão dos seus pecados e o estatuto de senhor na corte de Gorfyddyd, mas trinta homens não eram suficientes. Eles nos atingiram, mas morreram ao fazê-lo. Eram todos bons lanceiros com as mãos que seguravam os escudos cheias de anéis de guerreiro, mas cada um tinha agora de enfrentar três ou quatro inimigos. Um grupo inteiro precipitou-se sobre mim, vendo na minha armadura e na pluma branca o caminho mais rápido para a glória. Porém, Sagramor e os meus lanceiros com caudas de lobo nos elmos enfrentaram-nos e puseram-nos à prova. Um homem enorme manejava um machado saxão. Sagramor matou-o com a sua lâmina curva e negra e, depois, arrancou o machado da mão moribunda e atirou-o violentamente contra outro lanceiro, enquanto, durante todo esse tempo, entoava um misterioso cântico de guerra na sua língua nativa. Um último espadachim atacou-me e eu desviei o seu ataque com a saliência de ferro do escudo de Artur, afastando o escudo dele com a *Hywelbane* e dando-lhe, depois, um pontapé na virilha.

Ele dobrou-se, ferido demais para gritar, e Issa enterrou-lhe uma lança no pescoço. Despojamos os atacantes mortos das armaduras, das armas e das jóias e deixamos os seus corpos à beira do vau à guisa de barreira contra o próximo ataque.

Esse ataque surgiu rápido e fulgurante. Tal como o primeiro, este terceiro assalto foi feito por um grupo de lanceiros, só que, desta vez, os enfrentamos na margem do rio mais próxima onde a pressão dos homens por trás da linha da frente do inimigo obrigou os lanceiros da frente a tropeçarem nos corpos amontoados. Este contratempo abriu-os para o nosso contra-ataque e era ver-nos gritando de triunfo enquanto desferíamos cutiladas com as nossas lanças vermelhas. Depois os escudos voltaram a provocar estrondo, os moribundos gritavam e chamavam pelos seus deuses e as espadas soavam alto como as bigornas em *Magnis*. Eu estava outra vez na linha da frente, apertado tão próximo da linha inimiga que podia sentir o cheiro de hidromel do bafo deles. Um homem tentou arrancar-me o elmo da cabeça e perdeu a mão num golpe de espada. O jogo do empurra começou de novo e, de novo, parecia

que o inimigo nos empurraria para trás só com o seu peso, mas mais uma vez os homens de Morfans atacaram com as suas longas lanças de cavalo pelo meio da formação, e de novo o inimigo atirou violentamente lanças que chocaram contra os nossos escudos, e mais uma vez os homens de Morfans atacaram com as longas lanças de cavalos e mais uma vez o inimigo recuou. Os bardos dizem que o rio corria vermelho, o que não é verdade, se bem que eu tivesse visto veios de sangue desvanecendo-se rio abaixo, dos feridos que tentavam e não conseguiam voltar para trás através do vau.

- Podíamos enfrentar aqui os filhos da puta todo o dia - disse Morfans. O seu cavalo sangrava e ele desmontara para tratar da ferida do animal.

Abanei a cabeça.

- Há outro vau mais acima - e apontei para Oeste. - Terão lanceiros deste lado rapidamente.

Esse inimigo que vinha pelos flancos chegou mais cedo do que eu imaginava, passados dez minutos um grito vindo da nossa esquerda avisou-nos que um grupo de inimigos tinha atravessado o rio a oeste e avançava agora pela nossa margem.

- É hora de regressar - disse-me Sagramor.

O seu rosto negro e sem barba estava manchado de sangue e suor, mas havia alegria nos seus olhos, pois aquela estava revelando-se uma batalha que faria os poetas lutar por novas palavras para descreverem uma batalha, uma luta que as pessoas lembrariam em salões cheios de fumaça durante os Invernos seguintes.

Uma luta que, mesmo perdida, mandaria um homem de honra lavada para os salões dos guerreiros do Outro Mundo.

- É hora de atraí-los - disse Sagramor e, depois, gritou a ordem para retirar e, assim, vagarosa e desastradamente, toda a nossa força recuou, passando pela aldeia com o seu edifício romano e parando cem passos atrás. O nosso flanco esquerdo estava agora fixado com firmeza na íngreme vertente oeste do vale, enquanto a nossa direita estava protegida pelo terreno pantanoso que se estendia até o rio. Mesmo assim estávamos muito mais vulneráveis do que estivéramos no vau, pois a nossa muralha de escudos era agora desesperadamente fina e o inimigo podia atacar em todo o seu comprimento. Gorfyddyd demorou uma hora inteira fazendo os seus homens atravessarem o rio e ordenando-os numa nova muralha de escudos. Calculei que fosse de tarde e lancei um olhar para trás de mim à procura de algum sinal de Galaad ou dos homens de Tewdric, mas não vi ninguém aproximando-se. Mas fiquei satisfeito por ver que não havia nenhum homem no monte do lado oeste, onde a barreira-fantasma de Nimue guardava o nosso flanco. A verdade, porém, era que Gorfyddyd quase nem precisava de homens desse lado, pois o seu exército era agora maior do que nunca. Tinham chegado novos contingentes de *Branogenium* e os comandantes de Gorfyddyd empurravam e puxavam os recém-chegados para a muralha de escudos. Vimos os capitães inimigos usarem as longas lanças para endireitarem a linha da frente e todos nós, apesar dos desafios que lhes gritávamos, sabíamos que por cada homem que tínhamos matado no rio tinham atravessado dez pelo vau.

- Nunca vamos conseguir contê-los aqui - disse Sagramor enquanto víamos crescer a força inimiga. - Temos de recuar até à barreira de árvores.

Mas, então, antes de Sagramor poder dar a ordem de retirada, o próprio Gorfyddyd cavalgou mais para a frente para nos desafiar. Vinha sozinho, nem mesmo o filho o acompanhava, trazendo apenas uma espada embainhada e uma lança, pois não tinha braço para segurar o escudo. O elmo guarnecido em ouro de Gorfyddyd, que Artur tinha devolvido na semana dos seus esponsais com Ceinwyn, estava coroadado com as asas abertas de uma águia

dourada e a sua capa negra estava espalhada sobre a garupa do cavalo. Sagramor resmungou que eu ficasse onde estava e avançou em passada larga ao encontro do rei.

Gorfyddyd não usava rédeas, mas falou com o cavalo que, obediente, parou a dois passos de Sagramor. Gorfyddyd pousou a ponta da lança no chão e abriu os protetores das faces para o lado, mostrando a cara irascível.

- Você é o demônio negro de Artur - acusou, cuspiendo para afastar qualquer mal - e o seu senhor amante da puta se esconde por trás da tua espada. - Gorfyddyd cuspiu de novo, desta vez na minha direção. - Por que não fala comigo, Artur? Perdeu a língua?

- O meu senhor, Lorde Artur - respondeu Sagramor no seu pesado sotaque britânico - está poupando o fôlego para cantar a canção da vitória.

Gorfyddyd sopesou a sua longa lança.

- Eu só tenho uma mão - gritou-me ele, - mas vou lutar contigo!

Eu não disse nada e também não me mexi. Sabia que Artur nunca lutaria em combate singular contra um homem aleijado, se bem que Artur também nunca tivesse ficado em silêncio. Neste momento estaria suplicando pela paz a Gorfyddyd.

Gorfyddyd não queria paz. Queria matança. Cavalgou para cima e para baixo diante da nossa linha, controlando o cavalo com os joelhos, sempre gritando para os nossos homens.

- Vocês estão morrendo, porque o seu senhor não consegue se manter afastado de uma puta! Estão morrendo por uma égua de garupa molhada! Por uma égua sempre no cio! As suas almas serão amaldiçoadas. Os meus mortos estão já

festejando no Outro Mundo, mas as suas almas vão servir-lhes de peças no jogo do tabuleiro. Em nome de quê vão morrer? Da sua puta de cabelo ruivo? - Depois apontou-me a lança e conduziu o cavalo direito a mim. Saltei para trás para que ele não visse pela ranhura dos olhos do elmo que eu não era Artur e os meus lanceiros agruparam-se em meu redor numa atitude protetora. Gorfyddyd riu da minha aparente covardia. O seu cavalo estava ao alcance dos meus homens, mas Gorfyddyd não mostrou medo das suas lanças quando cuspiu na minha direção. - Mulher! gritou ele.

Era o seu pior insulto. Depois tocou no cavalo com o pé esquerdo e o animal virou-se, galopando em direção ao seu exército.

Sagramor virou-se para nós e levantou os braços.

- Para trás! - gritou. - Para trás até à barreira! Depressa! Agora! Para trás!

Viramos as costas ao inimigo e nos apressamos a bater em retirada.

Levantou-se uma grande algazarra, quando viram os nossos estandartes gêmeos se retirando. Pensaram que estivéssemos fugindo e quebraram as fileiras para nos perseguirem, mas tínhamos um grande avanço sobre eles e passamos pelo buraco da barricada muito antes de algum dos homens de Gorfyddyd ter podido nos alcançar. A nossa linha espalhou-se por trás da barreira enquanto eu ocupava o lugar apropriado de Artur no centro da linha onde a rua passava pelo buraco vazio entre as árvores derrubadas. Deixamos deliberadamente o buraco sem nenhum obstáculo na esperança que pudesse atrair os ataques de Gorfyddyd e, assim, dar aos nossos flancos tempo para descansarem. Levantei os dois estandartes de Artur nesse lugar e esperei pelo ataque.

Gorfyddyd berrou para que os seus lanceiros desordenados fizessem uma nova muralha de escudos. O rei Gundleus comandava o flanco direito do inimigo e o príncipe Cuneglas o

esquerdo. Esta organização sugeria que Gorfyddyd não ia morder nossa isca, mas sim que pretendia atacar ao longo de toda a linha.

- Vocês ficam aqui - gritou Sagramor para os nossos lanceiros. - Vocês são guerreiros! Vão prová-lo agora! Ficam aqui, matam aqui e ganham aqui!

Morfans obrigara o seu cavalo ferido a subir um pouco o monte do lado oeste, de onde olhou para norte do vale, avaliando se seria o melhor momento para fazer soar a corneta e chamar Artur, mas reforços do inimigo estavam ainda atravessando o vau e voltou para trás sem chegar a prata aos lábios.

Em vez da nossa, foi a corneta de Gorfyddyd que soou. Era um corno de carneiro rouco mandando, não avançar a muralha de escudos, mas incitando uma dúzia de loucos nus a irromperem da linha do inimigo e a correrem na nossa direção.

Estes homens tinham colocado as suas almas à guarda dos deuses e, depois, tinham embriagado os sentidos com uma mistura de hidromel, sumo de pilrito, mandrágora e beladona, uma beberagem que pode provocar num homem pesadelos mesmo quando lhe tira o medo. Estes homens podiam estar loucos, bêbados e nus, mas também eram perigosos, pois tinham só um objetivo e esse objetivo era abater os comandantes inimigos. Lançaram-se na minha direção, com as bocas espumando, por causa das ervas mágicas que tinham mastigado, e com as lanças levantadas acima da cabeça, prontas para atacar.

Os meus lanceiros com caudas de lobo avançaram para enfrentá-los. Os homens nus não se importavam com a morte, atirando-se aos meus lanceiros como se acolhessem com prazer as pontas das lanças. Um dos meus homens foi empurrado para trás por um desses animais nu que lhe arranhava os olhos e lhe cuspiam na cara.

Issa matou esse demônio, mas um outro conseguiu matar um dos meus melhores homens e, depois, gritou a sua vitória, de pernas

abertas, braços levantados e com a lança ensanguentada na mão ensanguentada. Todos os meus homens pensaram que os deuses tinham nos abandonado, mas Sagramor rasgou a barriga do homem nu e quase lhe cortou a cabeça antes do corpo cair no chão. Sagramor cuspiu sobre o cadáver nu e eviscerado e, depois, cuspiu de novo na direção da muralha de escudos inimiga. Essa muralha, vendo que o centro da nossa linha estava desorganizada, atacou.

O nosso centro, realinhado depressa, afivelou-se quando a massa de lanceiros se lançou sobre nós. A fina linha de homens estendida através da estrada inclinou-se como uma árvore muito nova, mas, de alguma forma, conseguimos aguentar. Animávamo-nos uns aos outros, gritávamos pelos deuses e dávamos estocadas e golpes enquanto Morfans e os seus cavaleiros cavalgavam ao longo de toda a muralha de escudos e entravam na luta sempre que o inimigo parecia prestes a perfurá-la. Os flancos da nossa linha de escudos estavam protegidos pela barricada e, o que lhes tornava mais fácil a resistência, mas no centro a luta era desesperada. Por esta altura eu já estava enlouquecido, perdido na agitada alegria da batalha. Perdi a minha lança, que fora agarrada por um inimigo, e desembainhei a *Hywelbane*, mas contive o primeiro golpe para deixar um escudo inimigo, malhar contra a prata polida de Artur. Os escudos bateram um no outro e o rosto do inimigo apareceu por um instante, que eu aproveitei para lançar a *Hywelbane* para a frente até sentir a pressão desaparecer do escudo. O homem caiu, formando o seu corpo uma barreira sobre a qual os seus companheiros tinham de passar. Issa matou um homem, depois sofreu um golpe de lança no braço do escudo que lhe ensopou a manga em sangue. Mas continuou a lutar. Eu acutilava como um louco no espaço deixado pelos meus inimigos vencidos para abrir um buraco na muralha de escudos de Gorfyddyd. Vi o rei inimigo uma vez, olhando do seu cavalo para onde eu estava gritando, golpeando e desafiando os seus homens a virem roubar a minha alma. Alguns aceitaram o desafio, pensando tornar-se matéria para canções, mas, em vez disso, tornaram-se cadáveres.

A *Hywelbane* estava encharcada em sangue, a minha mão direita estava viscosa por causa do sangue e a manga da pesada malha de escamas tresandava a sangue, mas nenhum era meu.

O centro da nossa linha, sem a proteção do emaranhado de árvores, esteve uma vez muito perto de quebrar, mas dois dos cavaleiros de Morfans usaram os seus animais para tapar o buraco. Um dos cavalos morreu relinchando e batendo os cascos enquanto se esvaía em sangue na estrada. Depois a nossa muralha de escudos se restabeleceu e nós empurrámos outra vez para trás o inimigo que, muito lentamente, estava ficando sufocado com a pressão dos mortos e dos moribundos que jaziam entre as duas filas da frente. Nimue estava atrás de nós, guinchando pragas.

O inimigo se retirou e, finalmente, pudemos descansar. Todos nós estávamos ensanguentados e enlameados e o nosso fôlego saía em grandes arfadas. As nossas espadas e lanças estavam cansadas. Notícias sobre companheiros passavam de fila em fila. Minac estava morto, fulano estava ferido, beltrano estava morrendo. Os homens ligavam as feridas dos vizinhos e, depois, faziam juramentos para se defenderem um ao outro até à morte. Tentei aliviar a pressão, que até feria, da armadura de Artur e que abria grandes chagas nos meus ombros.

Agora o inimigo estava mais cauteloso. Os homens exaustos que estavam de frente para nós tinham sentido as nossas espadas e aprendido a nos temer. No entanto, atacaram-nos de novo. Desta vez foi a guarda real de Gundleus que atacou o nosso centro e nós os enfrentamos junto ao amontoado de mortos e moribundos que tinham sido deixados no último ataque. E esse espinhaço sangrento nos salvou, pois os lanceiros inimigos não conseguiam passar por cima dos corpos e protegerem-se ao mesmo tempo. Quebramos os seus tornozelos, cortamos-lhes as pernas e, depois, os espetamos com as lanças tornando mais alto o espinhaço sangrento. Corvos negros esvoaçavam em redor do vau, com as asas rasgadas contra o céu sombrio. Vi Ligessac, o traidor que entregara Norwenna à

espada de Gundleus, e tentei abrir caminho até ele, mas a maré da batalha afastou-o da *Hywelbane*. Depois o inimigo recuou de novo e eu, com a voz já rouca, ordenei que alguns dos meus homens fossem buscar odres de água no rio. Estávamos todos com sede, pois o suor tinha-se decantado de nós e misturado com o sangue. Eu tinha um arranhão na mão da espada, mas nada mais. Tendo estado no poço da morte, sempre supus que era por isso que tinha tanta sorte nas batalhas.

O inimigo começou a colocar novas tropas na linha da frente. Alguns traziam a águia de Cuneglas, outros a raposa de Gundleus e muito poucos os seus próprios emblemas. É então que, atrás de mim, soam gritos de alegria. Virei-me, à espera de ver chegar os homens de Tewdric com os seus uniformes romanos, mas, em vez deles, era Galaad que vinha sozinho e num cavalo suado. Parou atrás da nossa linha e quase caiu do cavalo tal era a pressa de nos alcançar.

- Pensei que seria tarde demais - disse ele.

- Eles vêm? - perguntei.

Fez uma pausa e, mesmo antes de ele falar, soube que tínhamos sido abandonados.

- Não disse ele, - por fim.

Praguejei e olhei de novo para o inimigo. Tinham sido os deuses quem nos salvara no último ataque, mas só os deuses sabiam quanto tempo podíamos aguentar.

- Não vem ninguém? - perguntei, amargo.

- Alguns, talvez. - Galaad deu a má notícia em voz baixa. - Tewdric acredita que estamos condenados, Agrícola diz que deviam nos ajudar, mas Meurig diz que devem nos deixar morrer. Fartaram-se de discutir, e Tewdric acabou por dizer que os homens que

quisessem morrer aqui podiam vir. Talvez alguns estejam a caminho.

Rezei para que estivessem, pois alguns dos mercenários de Gorfyddyd tinham chegado agora ao monte de oeste, se bem que nenhum elemento daquela horda andrajosa tivesse passado a barreira-fantasma de Nimue. Podíamos aguentar por mais umas duas horas, pensei, e, depois, estaríamos condenados, apesar de Artur chegar com certeza primeiro.

- Não há sinal dos Blackshields irlandeses? - perguntei a Galaad.

- Não, graças a Deus - disse ele, e aquela era uma pequena bênção num dia quase desprovido de bênçãos. Apesar disso, meia hora depois de Galaad ter chegado, recebemos finalmente alguns reforços. Sete homens caminhavam para norte, na direção da nossa muralha de escudos já tão batida, sete homens com equipamento de guerra, lanças, escudos e espadas e o símbolo dos seus escudos era o falcão de Kernow, nosso inimigo. No entanto, aqueles homens não eram inimigos. Eram seis lutadores duros e cheios de cicatrizes chefiados pelo seu príncipe herdeiro, o príncipe Tristan.

Ele explicou a sua presença, terminada que foi a excitação das saudações.

- Artur lutou por mim uma vez e há muito que eu queria pagar a dívida.

- Com a sua vida? - perguntou Sagramor de modo sinistro.

- Ele arriscou a dele - limitou-se Tristan a responder. Eu me lembrava dele como um homem alto e atraente, e ainda o era, se bem que os anos tivessem acrescentado ao seu rosto um olhar abatido e cansado como se tivesse sofrido muitas desilusões. - O meu pai - acrescentou num tom lamentoso - nunca deve perdoar a minha vinda, mas eu nunca perdoaria a minha ausência.

- Como está Sarlinna? - perguntei.

- Sarlinna? - Levou alguns segundos lembrando-se da garotinha que tinha ido a *Caer Cadarn* acusar Owain. - Ah, Sarlinna! Já está casada. Com um pescador. -

Sorriu. - Você lhe deu o gatinho, não foi?

Colocamos Tristan e os seus homens no centro da nossa formação, o lugar de honra deste campo de batalha. No entanto, quando o ataque seguinte do inimigo surgiu, não foi desencadeado contra o centro, mas sim contra a barreira de árvores que protegia os nossos flancos. Durante algum tempo o fosso pouco profundo e os ramos emaranhados causaram-lhes grandes prejuízos, mas rapidamente aprenderam a usar as árvores caídas para se protegerem e, em alguns lugares, passaram sem nenhuma dificuldade e, mais uma vez, vergaram a nossa linha para trás. Mas, mais uma vez, os aguentamos e Griffid, o meu antigo inimigo, tornou-se conhecido ao esquartejar Nasiens, o campeão de Gundleus. Os escudos batiam uns nos outros sem parar. As lanças partiam-se, as espadas despedaçavam-se e os escudos rachavam enquanto os completamente exaustos lutavam contra os fatigados. No alto do monte os mercenários inimigos juntaram-se para ver por trás da barreira-fantasma de Nimue, enquanto Morfans obrigou mais uma vez o seu cavalo esgotado a subir a encosta perigosamente íngreme. Olhou para norte e nós o observávamos e rezávamos para que ele tocasse a corneta. Ele olhou durante muito tempo, mas deve ter ficado satisfeito, todas as forças inimigas estavam agora presas no vale, pois levou a corneta de prata aos lábios e soprou o abençoado chamado através do ruído da batalha.

Nunca um chamamento de corneta foi tão bem-vindo. Toda a nossa linha se encapelou para a frente e as espadas cheias de cicatrizes atacavam o inimigo com uma nova energia. A corneta de prata, com um som tão claro e cristalino, continuava a chamar, um chamamento de caça para a matança, e cada vez que soava os nossos homens

pressionavam para a frente até aos ramos das árvores caídas, para esquarterarem, apunhalarem e gritarem insultos ao inimigo que, suspeitando de algum truque, olhava nervosamente em redor do vale enquanto se defendia. Gorfyddyd gritava aos seus homens para acabarem conosco agora e a sua guarda real chefiava o ataque ao nosso centro. Ouvi os homens de *Kernow* darem o seu grito de guerra enquanto pagavam a dívida do seu príncipe herdeiro. Nimue estava entre os nossos lanceiros empunhando uma espada com ambas as mãos. Gritei-lhe que se afastasse, mas a ânsia de sangue tinha-lhe atolado a alma e lutava como um demônio. O inimigo tinha medo dela, sabendo que ela pertencia aos deuses, e os homens tentavam fugir em vez de lutar contra ela, mas, mesmo assim, fiquei contente quando Galaad a afastou da luta. Galaad podia ter vindo tarde para a batalha, mas lutava com uma satisfação selvagem que empurrava o inimigo para trás da pilha de mortos e moribundos que se contorciam.

A corneta soou uma última vez. E, finalmente, Artur atacou.

Os seus lanceiros com armaduras tinham saído do seu esconderijo a norte do rio e, agora, os seus cavalos espumavam ao atravessarem o vau como uma onda trovejante. Abriam ruidosamente caminho por entre os corpos deixados pela primeira refrega e atacavam com as suas brilhantes lanças ao entrarem de rompante pelas unidades da retaguarda do inimigo. Os homens dispersavam como palha à medida que os cavalos com cascos de ferro penetravam no exército de Gorfyddyd. Os homens de Gorfyddyd dividiram-se em dois grupos que cortaram profundos canais por entre aquele apinhamento de lanceiros. Eles atacaram, deixaram as lanças presas nos mortos e fizeram mais mortos com as espadas.

E, por um momento, por um glorioso momento, pensei que o inimigo fosse quebrar, mas eis que Gorfyddyd viu o mesmo perigo e gritou para que os seus homens formassem uma nova muralha de escudos virada para norte. Sacrificaria os seus homens da

retaguarda e faria uma nova linha de lanças com as fileiras mais recuadas das tropas mais avançadas. E essa nova linha aguentou-se. Há muito tempo Owain tivera razão, quando me disse que nem mesmo os cavalos de Artur conseguiriam desbaratar uma linha de escudos bem feita. E não desbaratariam. Artur espalhara o pânico e a morte por um terço do exército de Cuneglas, mas o resto estava agora formado como devia ser e desafiava a sua mão-cheia de cavaleiros.

E, ainda assim, o inimigo era superior a nós em número.

Por trás da barreira de árvores, a nossa linha não tinha mais de dois homens de profundidade e, em alguns lugares, tinha apenas um. Artur não conseguira cortar todo o exército e chegar até nós e Gorfyddyd sabia que Artur nunca iria abrir caminho enquanto tivesse uma linha de escudos em frente dos cavalos. Firmou essa linha de escudos, abandonando o terço perdido do seu exército à mercê de Artur e, depois, virou o resto dos seus homens para enfrentarem de novo a linha de escudos de Sagramor. Gorfyddyd conhecia a tática de Artur e a tinha contrariado, podia lançar de novo os seus lanceiros para a batalha com confiança renovada, se bem que agora, em vez de atacar ao longo de toda a nossa linha, ele tivesse concentrado o seu ataque ao longo da orla oeste do vale, numa tentativa de virar o nosso flanco esquerdo.

Os homens desse flanco lutaram, mataram e morreram, mas aqueles poucos homens tinham conseguido aguentar a linha por muito tempo e nenhum a poderia ter aguentado depois dos silurianos de Gundleus terem flanqueado subindo as encostas mais baixas do monte, abaixo da terrível barreira-fantasma. O ataque foi brutal e a defesa também foi horrível. Os cavaleiros sobreviventes de Morfans atiraram-se aos silurianos, Nimue lançava-lhes pragas e os homens de Tristan, ainda frescos, lutaram contra eles como campeões, mas mesmo que possuíssemos o dobro dos homens não teríamos podido evitar que o inimigo nos flanqueasse e, assim, a nossa muralha de escudos, tal como uma cobra recuando,

desabou na margem do rio onde fizemos um meio círculo defensivo em redor dos dois estandartes e dos poucos feridos que conseguíamos trazer conosco. Foi um momento terrível. Eu vi a nossa muralha de escudos quebrar, vi o inimigo começar a matança de homens espalhados por todos os lados e, depois, corri com os restantes num amontoado desesperado de sobreviventes.

Só tivemos tempo de erguer uma tosca muralha de escudos e só pudemos limitar-nos a ver as forças triunfantes de Gorfyddyd perseguirem e matarem os nossos fugitivos.

Tristan sobreviveu, assim como Galaad e Sagramor, mas esse era bem pequeno consolo, pois tínhamos perdido a batalha e tudo o que nos restava era morrer como heróis. Na parte norte do vale, Artur estava ainda impedido de avançar pela muralha de escudos, enquanto a sul, a nossa muralha, que resistira aos seus inimigos durante todo aquele longo dia, tinha sido quebrada e o que dela restava tinha sido cercado.

Éramos duzentos homens fortes, quando fomos para a batalha, e agora éramos pouco mais de cem.

O príncipe Cuneglas cavalgou para frente para pedir a nossa rendição. O seu pai comandava os homens que enfrentavam Artur e o rei de *Powys* estava satisfeito por deixar a destruição dos lanceiros de Sagramor nas mãos do seu filho e do rei Gundleus. Pelo menos Cuneglas não insultou os meus homens. Parou o cavalo a uma dúzia de passos da nossa linha e levantou a mão direita vazia em sinal de trégua.

- Homens de *Dumnónia*! - gritou Cuneglas. - Lutaram bem, mas lutar mais é

morrer. Ofereço-lhes a vida.

- Use uma vez a sua espada antes de pedir a homens corajosos para se renderem - gritei-lhe eu.

- Medo de lutar, não é? - escarneceu Sagramor, pois, até então, nenhum de nós vira Gorfyddydd, Cuneglas ou Gundleus à frente da muralha de escudos inimiga. O

rei Gundleus estava sentado no seu cavalo alguns passos atrás do príncipe Cuneglas.

Nimue amaldiçoava-o, mas se ele estava ou não consciente da presença dela, eu não sabia. Se estava, não precisava se preocupar, pois estávamos todos apanhados e condenados, com certeza.

- Ou então lute comigo agora - gritei a Cuneglas. - De homem para homem, se é que se atreve.

Cuneglas olhou para mim com ar triste. Eu estava sujo de suor, coberto de lama, transpirando e ferido, enquanto ele estava elegante com uma cota de malha de escamas curta e um elmo coroadado com penas de águia. Esboçou um sorriso.

- Sei que você não é Artur - disse ele - pois já o vi montar, mas seja quem for lutou nobremente. Ofereço-lhe a vida.

Tirei o elmo suado e apertado da cabeça e atirei-o para o centro do nosso semi-círculo.

- O senhor me conhece - disse eu.

- Lorde Derfel. - Ele me tratou pelo nome, honrando-me. - Lorde Derfel Cadarn - disse - se eu garantir a sua vida e a vida de seu homens, o senhor se rende?

- Senhor - disse eu - não sou eu quem está no comando. Deve falar com Lorde Sagramor.

Sagramor veio colocar-se a meu lado e tirou o seu elmo preto em espiral que tinha sido perfurado por uma lança, por isso seu cabelo

negro e encaracolado estava desgrenhado e empapado de sangue.

- Senhor - disse ele, circunspecto. - Ofereço-lhe a vida - disse Cuneglas -

desde que se renda.

Sagramor apontou a sua espada curva para onde os cavaleiros de Artur dominavam a parte norte do vale.

- O meu senhor não se rendeu - disse ele a Cuneglas. - Por isso, também não posso me render. Mas liberto os meus homens dos seus juramentos - disse, levantando a voz.

- Eu também - gritei eu para os meus homens.

Tenho certeza que alguns ficaram tentados a abandonar as fileiras, mas os companheiros resmungavam que ficassem ou talvez esse resmungar fosse apenas o som do desafio de homens cansados. O príncipe Cuneglas esperou alguns segundos e, depois, tirou dois colares finos de ouro de uma bolsa do cinto e nos sorriu.

- Saúdo a sua coragem, Lorde Sagramor. Saúdo também ao senhor, Lorde Derfel. - E atirou o ouro que caiu aos nossos pés. Peguei o meu e separei as pontas para que coubesse no meu pescoço. - Mais uma coisa, Derfel Cadarn? - chamou Cuneglas. O seu rosto redondo e amigável sorria.

- Senhor?

- Minha irmã me pediu para saudá-lo. E, por isso, eu o saúdo.

A minha alma, tão perto da morte, pareceu saltar de alegria com aquela saudação.

- Mande-lhe as minhas saudações, senhor - respondi - e diga-lhe que esperarei ansioso pela companhia dela no Outro Mundo.

Depois, o pensamento de nunca mais voltar a ver Ceinwyn neste mundo sobrepôs-se à minha alegria e, de repente, senti vontade de chorar.

Cuneglas viu a minha tristeza.

- Não precisa morrer, Lorde Derfel - disse ele. Ofereço-lhe a vida e ofereço-lhe a segurança. Ofereço-lhe também a minha amizade, se a quiser.

- Eu a honraria, senhor, mas enquanto o meu senhor lutar, eu lutarei. -

Sagramor colocou o elmo, retraindo-se quando o metal roçou na ferida de lança aberta no seu couro cabeludo.

- Agradeço-lhe, senhor - disse ele a Cuneglas, - mas escolho lutar.

Cuneglas virou o cavalo. Olhei para a minha espada, tão batida e pegajosa e, depois, olhei para os meus homens que tinham sobrevivido.

- Se mais não conseguimos - disse-lhes eu - impedimos pelo menos o exército de Gorfyddyd de marchar sobre *Dumnónia* durante um dia. E talvez nunca marche! Quem quererá lutar contra homens como nós duas vezes?

- Os *Blackshields* irlandeses lutariam - resmungou Sagramor e apontou com a cabeça na direção da encosta onde a barreira-fantasma tinha aguentado o nosso flanco durante todo o dia. E ali, depois dos postes dominados pela magia, estava um grupo guerreiro com escudos redondos e pretos e as longas e cruéis lanças da Irlanda.

Era a guarnição do Monte de *Coei*, os *Blackshields* irlandeses de Oengus Mac Airem, que tinham vindo juntar-se à matança.

Artur ainda lutava. Desbaratara um terço do exército do seu inimigo transformando-o numa ruína escarlate, mas o restante aguentava-o agora ali reprimido.

Ele atacava sem parar, num esforço de quebrar aquela linha de escudos, mas nenhum cavalo do mundo cavalgaria por entre um matagal de homens, escudos e lanças. Até

Llamrei o deixou ficar mal e tudo o que lhe restava fazer, pensei eu, era enterrar a *Excalibur* no solo vermelho de sangue e esperar que o deus *Gofannon* viesse do abismo mais escuro do Outro Mundo para salvá-lo.

Mas não veio nenhum deus nem veio nenhum homem de *Magnis*. Mais tarde soubemos que alguns voluntários tinham vindo, mas tinham chegado tarde demais.

Os mercenários de *Powys* estavam no monte, assustados demais para atravessarem a barreira-fantasma, enquanto ao lado deles se juntavam mais de cem guerreiros irlandeses. Esses homens começaram a andar para sul, tendo como objetivo contornar os fantasmas vingativos da barreira. Pensei que dentro de meia hora os *Blackshields* irlandeses se juntariam ao ataque final de Cuneglas e, por isso, fui falar com Nimue.

- Atravesse o rio a nado - insisti com ela. - Sabe nadar, não sabe?

Ela levantou a mão esquerda com a cicatriz.

- Você morre aqui, Derfel - disse ela. - Então eu morro aqui também.

- Você tem de...

- Fazê-lo ficar calado - disse ela - é o que você tem de fazer. Ficou nas pontas dos pés e beijou-me na boca. - Mate Gundleus por mim antes de morrer -

implorou ela.

Um dos nossos lanceiros começou a cantar o Cântico da Morte de *Werlinna* e os outros começaram a seguir a melodia calma e triste. Cavan, com a capa enegrecida pelo sangue, martelava no bocal da cabeça da lança com uma pedra, tentando apertar o ajuste da haste.

- Nunca pensei que chegasse a isto - disse-lhe eu.

- Nem eu, senhor - disse ele, desviando o olhar do trabalho. A pluma de cauda de lobo estava também ensopada de sangue, o elmo estava amassado e tinha um farrapo amarrado à volta da coxa esquerda.

- Eu pensava que tinha sorte - disse eu. - Sempre pensei isso, mas talvez todos os homens pensem.

- Todos os homens não, senhor, mas os melhores chefes sim.

Sorri, agradecendo-lhe.

- Gostaria de ter visto o sonho de Artur tornar-se realidade - disse eu.

- Se isso acontecesse, não haveria trabalho para os guerreiros - disse Cavan friamente. - Seríamos todos escrivães ou agricultores. Talvez seja melhor assim. Uma última luta e, depois, descer até ao Outro Mundo, para o serviço de Mitra. Passaremos lá uns bons tempos, senhor. Mulheres roliças, boas lutas, hidromel bem forte e ouro para sempre.

- Ficarei contente por ter lá a sua companhia - disse eu, mas na verdade estava completamente desprovido de alegria. Ainda não queria partir para o Outro Mundo, não enquanto Ceinwyn vivesse neste. Pressionei a armadura sobre o peito para sentir o pequeno pregador que ela me dera e pensei na loucura que, agora, nunca

seguiria o seu curso. Disse alto o nome dela, confundindo Cavan. Eu estava apaixonado, mas morreria sem nunca ter segurado a mão do meu amor e sem ter visto o seu rosto uma vez mais.

Depois fui obrigado a esquecer Ceinwyn, pois os *Blackshields* irlandeses de *Demétia*, em vez de contornarem a barreira, tinham decidido desafiar os fantasmas e atravessá-la. Só depois percebi porquê. Um druida aparecera no monte para conduzi-los e ajudar a atravessar a linha dos espíritos. Nimue veio colocar-se ao meu lado e olhou monte acima para onde a figura alta, de túnica e capuz brancos caminhava a passos largos pela encosta íngreme. Os irlandeses seguiam-no e, por trás dos seus escudos pretos, e das longas espadas vinham os mercenários de *Powys* com a sua mistura de armas, arcos, picaretas, machados, lanças, bastões e forcados.

A canção dos meus homens esmoreceu. Levantaram as lanças e encostaram os rebordos dos escudos uns aos outros para ter certeza que a muralha estava bem firme. O inimigo, que estivera preparando a sua própria muralha de escudos para atacar a nossa, virava-se agora para olhar o druida que trazia os irlandeses para o vale. Iorweth e Tanaburs correram ao seu encontro, mas o druida que tinha acabado de chegar brandiu o seu longo bastão para lhes ordenar que saíssem do caminho e, depois, puxou o capuz para trás e nós vimos a longa e entrançada barba e o rabicho balançante preso com uma fita preta.

Era Merlim.

Nimue gritou quando viu Merlim e, depois, correu para ele. O inimigo desviou-se para deixá-la passar, tal como se afastaram para deixar Merlim passar em direção a ela. Mesmo num campo de batalha, um druida podia andar por onde tivesse vontade e aquele druida era o mais famoso e o mais poderoso de toda a terra. Nimue corria e Merlim abriu os braços para recebê-la. Ela ainda soluçava quando

finalmente se deu o reencontro e ela o abraçou com os seus braços magros e pálidos. De repente, fiquei contente por ela.

Merlim mantinha um braço em redor de Nimue enquanto avançava para nós a passos largos. Gorfyddyd vira a chegada do druida e galopava agora na direção da nossa parte do campo de batalha. Merlim levantou o bastão saudando o rei, mas ignorou as suas perguntas. O grupo guerreiro irlandês parara no sopé do monte onde os homens formaram a sua ameaçadora muralha de escudos pretos.

Merlim caminhou na minha direção e, tal como no dia em que salvara a minha vida em *Caer Sws*, ostentava aquele seu ar majestoso, frio e resoluto. Não havia sorriso no seu rosto moreno, apenas um olhar de fúria atroz que me fez afundar, caindo de joelhos e inclinando a cabeça, quando ele se aproximou. Sagramor fez o mesmo e, subitamente, todo o nosso grupo de lanceiros se ajoelhava perante o druida.

Ele esticou o bastão preto e tocou primeiro em Sagramor e, depois, nos meus ombros.

- Levantem-se - disse ele num tom de voz baixo e duro, antes de se virar para encarar o inimigo. Tirou o braço dos ombros de Nimue e segurou o bastão preto na horizontal com as duas mãos, acima da cabeça tonsurada. Olhou para o exército de Gorfyddyd, baixou o bastão devagar e era tal a autoridade que emanava daquele rosto velho, esguio e zangado e daquele gesto lento e seguro que todo o exército inimigo se ajoelhou perante ele. Apenas os dois druidas ficaram de pé e os poucos cavaleiros permaneceram nas suas selas.

- Durante sete anos - disse Merlim numa voz que alcançou todo o vale e chegou até ao seu âmago mais profundo, até Artur e os seus homens o ouvirem -

procurei a Sabedoria da Grã-Bretanha. Procurei o poder dos nossos antepassados, o poder que abandonamos quando os Romanos chegaram. Procurei essas coisas que restituirão esta terra aos seus verdadeiros deuses, aos seus próprios deuses, aos nossos deuses, aos deuses que nos fizeram e que podem ser persuadidos a voltar para nos ajudarem. - Falou devagar e de forma simples para que todos os homens pudessem ouvir e entender. - Agora, preciso de ajuda. Preciso de homens com espadas, homens com lanças, homens com corações sem medo para irem comigo a um lugar inimigo em busca do último Tesouro da Grã-Bretanha. Procuro o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn*. O Caldeirão é o nosso poder, o nosso poder perdido, a nossa última esperança de transformar a Grã-Bretanha de novo numa ilha dos deuses. Nada prometo senão provas. Não darei nenhuma recompensa senão a morte. Nada darei de comer senão o amargor, e daei apenas o fel para beber. Mas, em troca, peço as suas espadas e as suas vidas. Quem virá comigo procurar o Caldeirão?

Fez a pergunta de forma abrupta. Esperávamos que ele falasse daquele sangue espalhado por todo o lado, que deixara vermelho um vale que era verde, mas, em vez disso, ele ignorava a luta como se esta fosse irrelevante, quase como se nem tivesse notado que tinha atravessado um campo de batalha.

- Quem? - perguntou de novo.

- Lorde Merlim! - gritou Gorfyddyd antes que qualquer homem pudesse responder. O rei inimigo empurrou o cavalo por entre as filas dos seus lanceiros ajoelhados. - Lorde Merlim! - O seu tom de voz era furioso e o rosto frio.

- Gorfyddyd - reconheceu-o Merlim.

- A sua busca pelo Caldeirão não pode esperar uma hora? - Gorfyddyd fez a pergunta em tom sarcástico.

- Pode esperar um ano, Gorfyddyd Cadell. Pode esperar cinco anos. Pode esperar para sempre, mas não deve.

Gorfyddyd levou o cavalo para o espaço aberto entre as muralhas de escudos.

Estava vendo a sua grande vitória posta em perigo e a sua reivindicação para ser Rei Supremo ameaçada por um druida, e, assim, virou o cavalo para os seus homens, abriu os protetores das faces do seu elmo alado e elevou o tom de voz.

- Haverá tempo para empenhar lanças na busca do Caldeirão - gritou ele para os seus homens, - mas só quando tiverem punido o devasso e enterrado as suas lanças nos homens dele. Eu tenho um juramento a cumprir e não deixarei que nenhum homem, nem mesmo Lorde Merlim, me desvie desse juramento. Não poderá haver paz nem Caldeirão enquanto o amante da puta viver. - Virou-se e olhou para o feiticeiro. - Com este apelo você salvaria o amante da puta!

- Não me preocuparia, Gorfyddyd Cadell, que a terra se abrisse e engolissem Artur e todo o seu exército - disse Merlim. - Nem que também engolissem o teu.

- Então lutemos! - gritou Gorfyddyd, usando o seu único braço para desembainhar a sua espada. - Estes homens, - falou para o seu exército, mas apontou com a espada para os nossos estandartes - são seus. As mulheres e as filhas deles são agora as vossas putas. Vocês, que lutaram contra eles até aqui, vão agora deixá-los escapar? O Caldeirão não desaparecerá com as vidas deles, mas sua vitória desaparecerá se não acabarmos o que viemos fazer aqui. Lutemos!

Fez-se um segundo de silêncio e, depois, os homens de Gorfyddyd levantaram-se e começaram a bater com as hastes das lanças nos escudos.

Gorfyddyd lançou a Merlim um olhar de triunfo e, pontapeando o cavalo, dirigiu-se de novo para as suas fileiras clamorosas.

Merlim virou-se para Sagramor e para mim.

- Os *Blackshields* irlandeses - disse num tom casual - estão do seu lado. Falei com eles. Atacarão os homens de Gorfyddyd e vocês terão uma grande vitória. Que os deuses lhes dêem força. - Virou-se de novo, colocou um braço sobre os ombros de Nimue e caminhou por entre as fileiras de inimigos que se abriram para o deixarem passar.

- Foi uma boa tentativa! - gritou Gundleus para Merlim. O rei de *Powys* estava no limiar da sua grande vitória e essa tonta perspectiva enchera-o de confiança para desafiar o druida, mas Merlim ignorou o insulto de vanglória e limitou-se a afastar-se com Tanaburs e Iorweth.

Issa trouxe-me o elmo de Artur. Enfiei-o de novo na cabeça, satisfeito com a sua proteção nestes últimos minutos da batalha.

O inimigo reorganizou a sua muralha de escudos. Foram lançados poucos insultos, pois poucos eram os homens que tinham energia para outra coisa que não a ameaçadora matança que se agigantava na margem do rio. Pela primeira vez, durante todo o dia, Gorfyddyd desmontou e ocupou o seu lugar na muralha. Não tinha escudo, mas ia chefiar este último ataque que esmagaria o poder do seu odiado inimigo.

Levantou a espada, segurou-a no ar durante alguns segundos e baixou o braço.

O inimigo atacou.

Empurramos as lanças e os escudos para a frente para enfrentá-los e as duas muralhas bateram uma na outra com um som terrível. Gorfyddyd tentou fazer a sua espada trespassar o escudo de Artur,

mas eu a desviei e desferi-lhe um golpe com a *Hywelbane*. A espada ricocheteou no seu elmo, cortando uma asa da águia e, depois, ficamos cerrados um contra o outro por causa da pressão dos homens que empurravam de trás.

- Empurrem-nos! - gritou Gorfyddyd para os seus homens e cuspiu-me por cima do escudo. - O seu amante da puta se esconde enquanto você luta - disse, sobrepondo a voz ao ruído da batalha.

- Ela não é nenhuma puta, senhor - disse eu e tentei soltar a *Hywelbane* do aperto que a prendia para desferir outro golpe, mas a espada estava bem presa pela pressão de escudos e homens.

- Ela levou muito ouro - disse Gorfyddyd - e eu não pago a mulheres que não abrem as pernas para mim.

Soltei a *Hywelbane* e levantei-a, tentando enterrá-la nos pés de Gorfyddyd, mas a espada ricocheteou no saíote da sua armadura. Ele riu da minha tentativa, cuspiu-me de novo e levantou a cabeça ao ouvir um medonho grito de batalha.

Era o ataque dos Irlandeses. Os *Blackshields* de Oengus Mac Airem atacavam sempre com um grito ululante; um grito de guerra terrível que parecia sugerir um prazer não humano na matança. Gorfyddyd gritou aos seus homens que se lançassem e abrissem caminho, para quebrarem a nossa minúscula muralha de escudos e, durante alguns segundos, os homens de *Powys* e da *Silúria* nos atacaram com um furor renovado, acreditando que os *Blackshields* vinham ajudá-los. Mas, então, novos gritos que vinham das fileiras da retaguarda fizeram-nos perceber que a traição mudara a fidelidade dos *Blackshields*. Os irlandeses retalhavam as fileiras de Gorfyddyd, as suas longas lanças encontravam alvos fáceis e, de repente, num ápice, os homens de Gorfyddyd tombavam como odres furados.

Vi a raiva e o pânico perpassarem o rosto de Gorfyddyd.

- Renda-se, senhor! - gritei-lhe, mas a sua guarda pessoal encontrou espaço para acutillar com as espadas e durante alguns segundos de desespero tive de me defender conforme pude, sem prestar atenção ao que acontecia ao rei, se bem que Issa tivesse gritado que vira Gorfyddyd ferido. Galaad estava ao meu lado, dando estocadas e desviando golpes e, então, como se por magia, o inimigo fugiu. Os nossos homens perseguiram-nos, juntando-se aos *Blackshields* para empurrarem os homens de *Powys* e da *Silúria* como um rebanho para onde os cavaleiros de Artur os esperavam para matá-los. Procurei Gundleus e o vi entre um grupo de homens cobertos de lama e sangue em desenfreada correria, mas depois o perdi de vista.

O vale já assistira a muitas mortes naquele dia, mas assistia agora a um massacre absoluto, pois nada torna uma matança mais fácil do que uma muralha de escudos quebrada. Artur tentou parar a matança, mas nada podia impedir a libertação daquela selvajaria reprimida, e os seus cavaleiros carregavam como deuses vingadores por entre a multidão em pânico enquanto nós perseguíamos e esquartejávamos os fugitivos numa orgia de sangue. Muitos dos inimigos conseguiram fugir, passando pelos cavaleiros e atravessando o vau para a segurança da outra margem, mas muitos outros foram obrigados a procurar refúgio na aldeia onde, por fim, arranjaram tempo e espaço para formarem uma nova muralha de escudos. Agora era a sua vez de se renderem. A luz do fim da tarde espraiava-se pelo vale, tocando as árvores com a primeira luz débil e amarela do sol daquele longo e sangrento dia, quando paramos em redor da aldeia. Estávamos ofegantes e as nossas espadas e lanças estavam cobertas de sangue.

Artur, com a sua espada tão escarlate como a minha, escorregou pesadamente do dorso de *Llamrei*. A égua preta estava esbranquiçada do suor, e tremia com os olhos pálidos muito abertos enquanto o próprio Artur se apresentava completamente esgotado depois da desesperada batalha. Ele tentara vezes sem conta

atravessar a linha até nós, os seus homens nos disseram que lutara como um homem possuído pelos deuses, apesar de parecer que, durante toda aquela longa tarde, os deuses o tinham abandonado. Agora, apesar ser o vencedor do dia, estava angustiado quando nos abraçou, a Sagramor e a mim.

- Falhei ao que tinha prometido, Derfel - disse ele. - Falhei ao que tinha prometido.

- Não, meu senhor - disse eu - nós ganhamos.

E aponte com a minha espada batida e avermelhada para os sobreviventes de Gorfyddyd que tinham se reunido em redor do estandarte da águia do seu rei apanhado na armadilha. O estandarte da raposa de Gundleus também estava lá, se bem que não se visse nenhum dos reis inimigos.

- Falhei - disse Artur. - Não consegui atravessar. Eram muitos. - Aquela falha exasperava-o, pois sabia muito bem como estivéramos à beira da derrota total. Na realidade, sentia que tinha sido vencido, pois os seus cavaleiros tinham sido sustidos e tudo o que ele pudera fazer fora ficar olhando enquanto nós éramos esquartejados.

Mas estava enganado. A vitória era dele, só dele, pois Artur fora o único de todos os homens de *Dumnónia* e de *Gwent* que tivera a confiança suficiente para iniciar a batalha. Essa batalha não tinha se desenrolado como Artur planejava, Tewdric não viera para nos ajudar e os cavalos de Artur tinham sido reprimidos pela muralha de escudos de Gundleus, mas era uma vitória, uma vitória tornada apenas possível por uma coisa: a coragem de Artur para a luta. É claro que Merlim tinha intervindo, mas Merlim nunca reclamava a vitória para si. Essa vitória era de Artur e apesar de, nessa altura, Artur estar cheio de auto-recriminação, foi o Vale do *Lugg*, a única vitória que Artur desprezou, que o tornou no eventual governador da Grã-Bretanha. O Artur dos poetas, o Artur que cansa as línguas dos bardos, o Artur por cujo regresso todos os homens rezam nestes

dias de trevas, tornou-se grande por aquele caminhar arrastado e hesitante de uma luta. É claro que hoje os bardos não cantam a verdade sobre o Vale do *Lugg*. Fazem-no parecer uma vitória tão completa como as batalhas posteriores e talvez tenham razão em moldarem assim a sua história, pois nestes tempos duros bem precisamos que Artur tenha sido um grande herói desde o princípio, mas a verdade é que nesses primeiros anos Artur era vulnerável. Ele governava *Dumnónia* em virtude da morte de Owain e do apoio de Bedwin, mas à medida que os anos de guerra aumentavam houve muitos que desejaram que ele partisse. Gorfyddyd tinha aliados em *Dumnónia* e, que Deus me perdoe, muitos cristãos rezavam pela derrota de Artur. E foi por isso que ele lutou, porque sabia que era fraco demais para não lutar. Artur tinha de conseguir uma vitória ou perder tudo e, no fim, ele venceu, mas só depois de ter estado às portas de um desastre total.

Artur foi abraçar Tristan e, depois, saudou Oengus Mac Airem, o rei irlandês de *Demétia*, cujo contingente salvara a batalha. Artur, como sempre, ajoelhou-se perante um rei, mas Oengus levantou-o e deu-lhe um abraço muito apertado. Eu virei-me e olhei para o vale enquanto os dois homens conversavam. Estava encravado de homens rendidos, deplorável, repleto de cavalos moribundos e abarrotado de cadáveres e restos de armas. O sangue tresandava e os feridos choravam. Eu sentia-me, tal como os meus homens, mais cansado do que alguma vez me sentira em toda a minha vida, mas vi que os mercenários de Gorfyddyd tinham descido do monte para começarem a saquear os mortos e os feridos e, por isso, mandei Cavan e uma vintena de lanceiros afastá-los dali. Os corvos agitaram as asas negras e atravessaram o rio para dilacerar as entranhas dos mortos. Vi que as cabanas que incendiáramos nessa manhã ainda fumegavam. Depois pensei em Ceinwyn e, de repente, por entre todo aquele bestial horror, a minha alma elevou-se como se tivesse grandes asas brancas.

Virei-me a tempo de ver Merlim e Artur abraçando-se. Artur parecia prestes a sucumbir nos braços do druida, mas Merlim levantou-o e

abraçou-o. Depois caminharam os dois na direção dos escudos do inimigo.

O príncipe Cuneglas e o Druida Iorweth saíram da muralha de escudos em círculo. Cuneglas trazia uma lança, mas não trazia escudo, enquanto Artur tinha a Excalibur embainhada e mais nenhuma arma. Caminhava à frente de Merlim e, quando se aproximou de Cuneglas, levou um joelho ao chão e inclinou a cabeça.

- Senhor - disse ele.

- O meu pai está morrendo - disse Cuneglas. - Um golpe de lança atingiu-o nas costas. - Disse-o num tom de acusação, se bem que todos soubessem que, quando uma muralha de escudos se quebra, muitos homens morrem com feridas nas costas.

Artur manteve o joelho em terra. Por um momento pareceu não saber o que dizer, mas depois olhou para Cuneglas e perguntou:

- Posso vê-lo? Ofendi a sua casa, senhor, e insultei a sua honra e, apesar de não ter tido a intenção de insultá-la, pedirei, ainda assim, o perdão de seu pai.

Foi a vez de Cuneglas parecer estupidificado, encolhendo os ombros como se não estivesse certo de que tomara a decisão acertada, mas, finalmente, fez um gesto na direção da muralha de escudos. Artur levantou-se e, lado a lado com o príncipe, foi ao encontro do moribundo rei Gorfyddyd.

A minha vontade foi gritar a Artur para não ir, mas ele foi engolido pelas fileiras do inimigo antes dos meus confusos sentidos se restabelecerem. Encolhi-me ao pensar no que Gorfyddyd diria a Artur e eu sabia que Gorfyddyd ia dizer todas aquelas coisas obscenas que me lançara na cara por trás do rebordo do seu escudo marcado pelas lanças. O rei Gorfyddyd não era homem de perdoar aos seus inimigos e também não era homem de poupar

sofrimento a um inimigo, mesmo estando a morte. Principalmente estando a morte. Seria o seu derradeiro prazer neste mundo saber que tinha ferido os sentimentos do seu adversário. Sagramor partilhava os meus receios e ambos olhávamos angustiados, quando, passados alguns momentos, Artur emergiu das fileiras vencidas com um rosto mais sombrio do que a Gruta de *Cruachan*.

Sagramor avançou na sua direção.

- Ele mentiu, senhor - disse Sagramor suavemente. - Ele sempre mentiu.

- Eu sei que ele - mentiu disse Artur, estremecendo. - Mas algumas mentiras são duras de ouvir e impossíveis de perdoar. - De repente a fúria explodiu dentro dele e, desembainhando a Excalibur, virou-se com um ar feroz para o inimigo apanhado na armadilha. - Algum de vocês quer lutar pelas mentiras do seu rei? - gritou ele enquanto percorria para cima e para baixo a linha inimiga. - Há por aí algum? Um homem, apenas, que queira lutar por aquele mal que morre conosco? Só um? Senão vou amaldiçoar a alma do seu rei, condenando-a à escuridão eterna! Vamos, lutem!

Bateu com a Excalibur nos escudos levantados.

- Lutem! Escumalha! - A sua fúria era tão terrível como tudo o que o vale presenciara durante o dia inteiro. - Em nome dos deuses, declaro o seu rei um mentiroso, um filho da puta, uma coisa sem honra, uma nulidade! - Cuspiu para cima deles e, depois, mexeu desajeitadamente e só com uma mão nas fivelas da minha couraça de couro que ainda vestia, conseguindo desapertar as correias do ombro, mas não as da cinta, a couraça ficou pendurada à frente dele como se fosse o avental de um ferreiro. - Torno as coisas mais fáceis! Nada de armaduras. Nada de escudos.

Venham lutar contra mim! Provem-me que o filho da puta e o devasso do seu rei fala a verdade! Nem um só? - A sua fúria tinha-o fora de controle, estava nas mãos dos deuses e espalhava a sua ira

por um mundo que se acovardava perante a sua temível força. Cuspiu de novo. - Suas putas rançosas! - Rodopiava sobre si mesmo, quando Cuneglas reapareceu na muralha de escudos. - Você, por exemplo, cachorro - e apontou a Excalibur a Cuneglas - lutaria por aquele pedaço moribundo de imundície?

Cuneglas, como qualquer dos presentes estava chocado com a fúria de Artur, mas saiu sem armas da muralha de escudos e, a alguns centímetros de Artur, caiu de joelhos.

- Estamos à sua mercê, Lorde Artur - disse, e Artur olhou para ele. O seu corpo estava tenso, pois toda a raiva e frustração de um dia de luta ferviam dentro dele. Por um segundo, pensei que a Excalibur sibilaria no crepúsculo para decepar dos seus ombros a cabeça de Cuneglas, mas depois Cuneglas ergueu os olhos. -

Agora sou rei de *Powys*, Lorde Artur, mas à sua mercê.

Artur fechou os olhos. Depois, ainda de olhos fechados, procurou a bainha da Excalibur e embainhou a longa espada. Afastou-se de Cuneglas, abriu os olhos e olhou para nós, e eu e os lanceiros vimos a loucura que o possuía desaparecer.

Estava ainda agitado pela fúria, mas a raiva incontável passara e a sua voz era calma quando pediu a Cuneglas que se levantasse. Depois Artur chamou os porta-estandartes para que os estandartes gêmeos do dragão e do urso acrescentassem dignidade às suas palavras.

- Os meus termos são os seguintes - disse ele, de forma que todas as pessoas pudessem ouvi-lo. - Exijo a cabeça do rei Gundleus. Já a mantive durante muito tempo e o assassinato da mãe do meu rei deve ser levado à justiça. Estando isso garantido, só peço que haja paz entre o rei Cuneglas e o meu rei e entre o rei Cuneglas e o rei Tewdric. Peço que haja paz entre todos os Bretões.

Fez-se um silêncio de espanto. Artur era o vencedor. As suas forças tinham matado o rei do inimigo e capturado o herdeiro de *Powys* e todos os homens no vale esperavam que Artur exigisse um resgate real pela vida de Cuneglas. Mas, afinal, ele nada mais pedia senão paz.

Cuneglas franziu o sobrolho.

- E o meu trono? - Conseguiu perguntar.

- O seu trono é seu, Senhor - disse Artur. - De quem mais poderia ser? Aceite os meus termos, senhor, e é livre para regressar para o seu trono.

- E o trono de Gundleus? - perguntou Cuneglas, suspeitando talvez que Artur queria a *Silúria* para si próprio.

- Não será seu - replicou Artur firmemente, - nem meu. Juntos encontraremos alguém que o ocupe. Quando Gundleus estiver morto - acrescentou ameaçadoramente. - Onde está ele?

Cuneglas fez um gesto na direção da aldeia.

- Em um dos edifícios, senhor.

Artur virou-se para os lanceiros vencidos de *Powys* e subiu o tom de voz para que todos o ouvissem.

- Esta guerra nunca devia ter sido travada! Foi travada por minha culpa, eu aceito essa culpa e pagarei por ela com outra qualquer moeda que não a minha vida.

À princesa Ceinwyn devo mais do que um pedido de desculpas e pagarei o que ela me pedir, mas tudo o que peço agora é que sejamos aliados. Todos os dias chegam novas hordas de saxões para roubar a nossa terra e escravizar as nossas mulheres.

Devemos lutar contra eles, não entre nós. Peço a sua amizade e, como prova desse meu desejo, deixo-lhes a sua terra, as suas armas e o seu ouro. Isto não é uma vitória nem uma derrota - fez um gesto abrangendo o vale ensanguentado e coberto de fumaça - é uma paz. Tudo o que peço é paz e uma vida. A de Gundleus. - Olhou de novo para Cuneglas e baixou a voz. - Espero a sua decisão, Senhor.

O druida Iorweth correu para o lado de Cuneglas e puseram-se os dois a conferenciar. Nenhum deles parecia acreditar na oferta de Artur, pois os senhores da guerra não costumavam ser generosos na vitória. Os vencedores das batalhas exigiam resgates, ouro, escravos e terra; Artur só queria amizade.

- E *Gwent*? - perguntou Cuneglas a Artur. - O que Tewdric vai querer?

Artur percorreu teatralmente o olhar por todo o vale que pouco e pouco ia mergulhando na penumbra.

- Não vejo nenhum homem de *Gwent*, Senhor. Se um homem não toma parte numa luta, então não pode tomar parte nas decisões posteriores. Mas posso dizer-lhe, senhor, que *Gwent* anseia pela paz. O rei Tewdric não pedirá nada exceto a sua amizade e a amizade do meu rei. Uma amizade que devemos nos comprometer mutuamente a nunca quebrar.

- E fico livre para partir se lhe der essa garantia? - perguntou Cuneglas, desconfiado.

- Para onde quiser, senhor, mas peço-lhe autorização para ir a *Caer Sws* para continuarmos a nossa conversa.

- E os meus homens são livres para partir? - perguntou Cuneglas.

- Com as armas, o ouro, as vidas e a minha amizade - respondeu Artur. Este era um Artur no auge da honestidade, desesperado por

garantir que aquela fora a última batalha travada entre Bretões, se bem que eu tivesse reparado que ele tinha tido o cuidado de não dizer nada sobre *Ratae*. Essa surpresa podia esperar.

Cuneglas ainda parecia achar a oferta boa demais para ser verdade, mas, depois, lembrando-se talvez da antiga amizade que o unia a Artur, sorriu.

- Terá a sua paz, Lorde Artur.

- Com uma última condição - disse Artur brusca e inesperadamente, mas não muito alto, para que apenas alguns de nós pudessemos ouvir as suas palavras.

Cuneglas pareceu desconfiado, mas esperou. - Assegure-me, senhor - disse Artur -

por juramento e pela sua honra, que o seu pai mentiu ao morrer.

A paz estava suspensa da resposta de Cuneglas. Ele fechou os olhos durante alguns momentos como se sentisse ofendido e, depois, falou.

- O meu pai nunca se importou com a verdade, Lorde Artur, mas apenas com as palavras que podiam concretizar as suas ambições. Afirmo sob juramento que o meu pai era um mentiroso.

- Então temos paz! - exclamou Artur.

Eu só o tinha visto mais feliz uma vez, e foi quando se casou com Guinevere, mas agora, por entre a fumaça e o cheiro nauseabundo de uma batalha ganha, parecia quase tão contente como naquela clareira florida na margem do rio. Na verdade, mal conseguia falar, tanta era a alegria, pois tinha ganho o que mais queria no mundo.

Fizera a paz.

Partiram mensageiros para Norte e para Sul, para *Caer Sws* e para *Durnovária*. O Vale do *Lugg* tresandava a fumaça e a sangue. Muitos dos feridos estavam morrendo onde tinham caído e os seus gritos na noite eram terríveis e cortavam o coração enquanto os vivos se amontoavam em redor das fogueiras e falavam dos lobos que desciam dos montes para se regalarem com os mortos da batalha.

Artur parecia quase desorientado com o tamanho da vitória. Ele era agora, se bem que ainda não tivesse percebido isso completamente, o governante efetivo da Grã-Bretanha do Sul, pois não havia mais nenhum homem que se atrevesse a enfrentar o seu exército, mesmo no estado deplorável em que se encontrava.

Precisava falar com Tewdric, precisava mandar lanceiros de volta para a fronteira saxônica, queria desesperadamente que as boas notícias chegassem a Guinevere e os homens não cessavam de lhe pedir favores e terras, ouro e posição social. Merlim falava-lhe do Caldeirão e Cuneglas queria falar sobre os Saxões de Aelle, enquanto Artur queria falar de Lancelot e Ceinwyn, e Oengus Mac Airem exigia terras, mulheres, ouro e escravos da *Silúria*.

Nessa noite eu só lhe pedi uma coisa e Artur concedeu-me essa única coisa.

Deu-me Gundleus.

O rei da Silúria refugiara-se num pequeno templo de construção romana que estava ligado à casa romana maior da pequena aldeia. O templo era feito de pedra e não tinha janelas além de um tosco buraco deixado na alta empena para a fumaça sair, e tinha apenas uma porta que dava para o pátio da cavalaria da casa. Gundleus tentara escapar do vale, mas o seu cavalo fora abatido por um dos cavaleiros de Artur e agora, como um rato escondido no seu último buraco, o rei esperava que se cumprisse o seu lúgubre destino. Uma mão-cheia de lanceiros silurianos leais guardava a porta do

templo, mas desertaram, quando viram os meus guerreiros avançando na noite.

Tanaburs ficou sozinho guardando o templo iluminado pelo fogo, onde tinha feito uma pequena barreira-fantasma colocando duas cabeças recém-cortadas aos pés das colunas gêmeas da entrada. Viu as cabeças das nossas lanças brilharem no portão do pátio da cavalaria e levantou o seu bastão com a ponta em lua enquanto nos lançava pragas. Gritava aos deuses para que engelhassem as nossas almas, quando, de repente, os seus guinchos pararam.

Pararam quando ouviu a *Hywelbane* ser desembainhada. Ao ouvir esse som, olhou com atenção para o pátio escuro enquanto eu e Nimue avançávamos lado a lado e, ao reconhecer-me, deu um curto, mas assustado grito como o grito de uma lebre apanhada por um gato selvagem. Ele sabia que eu possuía a sua alma, por isso, aterrorizado, fugiu correndo pela porta do templo. Desdenhosamente, Nimue afastou as cabeças dando um pontapé em cada uma e entrou atrás de mim. Ela levava uma espada. Os meus homens esperavam lá fora.

O templo fora outrora dedicado a algum deus romano, se bem que agora fosse em honra dos deuses britânicos que as pilhas de caveiras cresciam tão altas nas paredes de pedra vazias. Os escuros orifícios dos olhos das caveiras olhavam sem expressão na direção das fogueiras gêmeas que iluminavam o alto e estreito aposento onde Tanaburs fizera para si próprio um círculo de poder com um aro de caveiras amareladas. Estava agora nesse círculo cantarolando feitiços, enquanto atrás dele, encostado à parede mais distante, onde se erguia um baixo altar de pedra manchado de negro do sangue dos sacrifícios, Gundleus esperava de espada desembainhada.

Tanaburs, com a túnica bordada salpicada de lama e sangue, levantou o bastão e lançou-me maldições imundas. Amaldiçoou-me pela água e pelo fogo, pela terra e pelo ar, pela pedra e pela carne,

pelo orvalho e pelo luar, pela vida e pela morte, mas nenhuma das maldições me impedia de avançar devagar em direção a ele, com Nimue a meu lado, vestida com uma túnica branca manchada. Tanaburs lançou uma última praga e, depois, apontou o bastão para a minha cara.

- A sua mãe está viva, saxão! - gritou ele. - A sua mãe está viva e a sua vida me pertence. Está me ouvindo, saxão? - Olhava-me lubricamente de dentro do círculo e no seu rosto decrépito as duas fogueiras do templo projectavam sombras que faziam dos seus olhos ameaças vermelhas e selvagens. - Está me ouvindo? A alma da sua mãe é minha! Copulei com ela para que assim fosse! Formei com ela a besta dos dois costados e derramei o seu sangue para fazer minha a sua alma. Toque-me, saxão, e a alma da sua mãe vai para os dragões do fogo. Será esmagada pela terra, queimada pelo ar, sufocada pela água e atirada para o sofrimento para sempre. E não apenas a sua alma, saxão, mas também a alma de qualquer coisa viva que tenha saído de dentro dela. Espalhei o sangue dela pelo chão, saxão, e esfreguei o meu poder na barriga dela. - Riu e levantou bem alto o bastão em direção ao teto com vigas do templo. - Toque-me, saxão, e a minha maldição lhe roubará a vida e, através da vida dela, roubará a sua. - Baixou o bastão, apontando de novo para mim. - Mas deixe-me partir, e você e ela viverão.

Parei no limiar do círculo. As caveiras não formavam uma barreira-fantasma, mas havia ainda assim um poder medonho na forma como estavam ordenadas. Eu conseguia sentir esse poder como asas invisíveis que batiam com força para me confundirem. Se atravessasse o círculo de caveiras, pensei eu, ia entrar no pátio de recreio dos deuses para competir com coisas que nem sequer imaginava e muito menos compreendia. Tanaburs percebeu a minha incerteza e sorriu triunfante.

- A sua mãe é minha, saxão, tornei-a minha, toda minha. O seu sangue, a sua alma e o seu corpo são meus e isso o faz meu também, pois nasceu do meu corpo no meio do sangue e da dor. -

Brandiu o bastão, fazendo a ponta em forma de lua tocar no meu peito. - Quer que te leve até ela, saxão? Ela sabe que você está vivo e uma viagem de dois dias o levaria de novo para junto dela. - Sorriu maldosamente. – Você

é meu, todo meu! Sou sua mãe e seu pai, a sua alma e a sua vida. Fiz o feitiço da unidade no ventre da sua mãe e agora você é meu filho! Pergunte-lhe! - E apontou com o bastão para Nimue. - Ela conhece esse feitiço.

Nimue não disse nada, limitava-se a olhar sinistramente para Gundleus enquanto eu olhava para os horríveis olhos do druida. Eu tinha medo de atravessar o círculo, estava aterrorizado pelas ameaças dele, mas eis que, quase como uma torrente, os acontecimentos daquela noite tão distante voltaram à minha cabeça como se tivessem acontecido no dia anterior. Lembrava-me dos gritos da minha mãe, lembrava-me de vê-la implorando aos soldados que me deixassem junto dela, lembrava-me dos lanceiros rindo e batendo-lhe na cabeça com as hastes das lanças, lembrava-me daquele druida cacarejante com as lebres e as luas na túnica e os ossos no cabelo, e lembrava-me de como ele me pegara no colo, me acariciara e dissera que boa oferenda para os deuses eu seria. De tudo isso eu me lembrava, assim como me lembrava de ter sido levado por entre as duas linhas de fogo onde os guerreiros dançavam e as mulheres gemiam e de Tanaburs levantar-me bem acima da sua cabeça tonsurada enquanto se dirigia para a beira de um poço que era um círculo escuro no chão, rodeado por fogueiras cujas chamas ardiam com brilho suficiente para iluminar a ponta manchada de sangue de uma estaca aguçada que se projetava para fora do interior do poço escuro e redondo. As memórias eram como serpentes do sofrimento picando-me a alma à medida que me lembrava dos pedaços ensanguentados de carne e de pele pendurados na estaca iluminada pelo fogo e do horror que eu não entendia inteiramente, dos corpos aleijados que se contorciam numa agonia lenta e deplorável enquanto morriam na escuridão sangrenta do poço da morte daquele druida. E lembrava-me como ainda gritei

pela minha mãe, quando Tanaburs me ergueu para as estrelas, preparando-se para me oferecer aos seus deuses.

- Para *Gofannon*, - bradara ele, e a minha mãe gritava enquanto era violada e eu gritava porque sabia que ia morrer. - Para *Lleullaw*, - gritou Tanaburs - para *Cernunnos*, para *Taranis*, para *Sucellos*, para *Bei!*

E, depois deste grande e último nome, ele me atirara para a estaca assassina.

E falhara.

A minha mãe gritava tanto que eu ainda ouvia os seus gritos quando entrei aos pontapés no círculo de caveiras de Tanaburs e os gritos dela se misturaram com os guinchos de Tanaburs quando eu ecoei o seu grito de morte de tantos anos atrás.

- Para *Bei!* - gritei.

A *Hywelbane* cortou. E eu não errei. A *Hywelbane* esquartejou Tanaburs pelo ombro, desceu-lhe pelas costelas e era tal a cólera pura e impregnada de sangue da minha alma que a *Hywelbane* continuou a descer pela sua barriga descarnada, entrando nas suas pestilentas entranhas e fazendo o seu corpo abrir-se em dois como um cadáver apodrecido. E, durante todo esse tempo, eu soltei o terrível grito de uma criança sendo oferecida ao poço da morte.

O círculo de caveiras encheu-se de sangue e os meus olhos encheram-se de lágrimas, quando olhei para o rei que chacinara o filho de Ralla e a mãe de Mordred. O

rei que violara Nimue e lhe arrancara o olho e, lembrando-me dessa dor, agarrei nos copos da *Hywelbane* com as duas mãos e puxei violentamente, soltando a lâmina do refugio imundo tombado a meus pés e passei por cima do corpo do druida para levar a morte a Gundleus.

- Ele é meu - gritou-me Nimue. Tirara a venda dos olhos para que o orifício vazio aparecesse líbrico e vermelho à luz do fogo. Nimue passou por mim, sorrindo. –

Você é meu - trauteou ela - todo meu.

E Gundleus gritou.

E talvez no Outro Mundo Norwenna tenha ouvido esse grito e tenha ficado sabendo que o seu filho, o seu menino nascido no Inverno, ainda era o rei.

A história de Artur continua no segundo volume de

As Crônicas do Senhor da Guerra

O Inimigo de Deus

Em *Caer Sws* as folhas estavam pesadas com os últimos frutos do Verão.

Eu estava entre os primeiros homens de Artur a chegar à capital de Cuneglas.

Estava lá quando o corpo do rei Gorfyddyd foi cremado em *Caer Dolforwyn* e vi as chamas da sua pira funerária lufarem bem altas na noite enquanto a sua alma seguia para o seu corpo-sombra no Outro Mundo. A fogueira estava rodeada por um anel duplo de lanceiros de *Powys* que carregavam tochas acesas e caminhavam lado a lado enquanto cantavam o Lamento da Morte de *Beli Mawr*. Cantaram durante muito tempo e as suas vozes ecoavam nos montes distantes como um coro de fantasmas.

Havia muita dor em *Caer Sws*. Eram muitas as viúvas e os órfãos e, na manhã

seguinte ao rei ter sido cremado e quando a sua pira funerária ainda enviava uma coluna de fumaça na direção das montanhas a norte, a dor aumentou ainda mais com as notícias da queda de *Ratae*.

Ceinwyn estava de luto pelo pai. Vestiu-se de lã preta e fechou-se nos aposentos das mulheres, de onde nos chegaram aos ouvidos os prantos e as lamentações durante os três dias de velório.

E, ao fim dos três dias, Artur chegou. Chegou com vinte cavaleiros, cem criados e o dobro de lanceiros. Trouxe bardos e meninos de coro. Trouxe Merlim e presentes de ouro retirados dos mortos do Vale do *Lugg*.

Também trouxe Lancelot e Guinevere.

Resmunguei quando vi Guinevere. Tínhamos conseguido uma vitória e feito a paz, mas mesmo assim achei cruel da parte de Artur trazer a mulher pela qual tinha deixado Ceinwyn. Porém, Guinevere tinha feito questão de acompanhar o marido, por isso chegou a *Caer Sws* numa grande carroça puxada por bois, guarnecida de peles e de tapeçarias de linho, e adornada com ramos verdes, que significavam paz. A rainha Elaine, a mãe de Lancelot, também vinha na carroça, mas foi Guinevere, e não a rainha, quem atraiu as atenções. Ela levantou-se quando a carroça atravessou devagar o portão de *Caer Sws* e manteve-se de pé enquanto os bois a conduziam até

à porta do grande salão de Cuneclas. Parecia um conquistador chegando a um lugar onde outrora tivesse sido um eLivros inconveniente. Usava uma túnica de linho tingido de dourado, trazia ouro no pescoço e nos braços e a farta cabeleira ruiva vinha presa num aro de ouro. Parecia uma deusa.

E, se Guinevere parecia uma deusa, Lancelot entrou cavalgando em *Caer Sws* como um deus. Muitos homens pensaram que se tratava de Artur, pois estava magnífico num cavalo branco ornamentado com um tecido de linho pálido guarnecido com estrelas douradas.

Usava a sua armadura de escamas esmaltada de branco, a espada vinha numa bainha branca e o elmo era agora encimado por uma asa de cisne toda aberta em vez das asas da águia pesqueira que usava em *Ynys Trebes*. Uma capa branca, forrada de vermelho, caía-lhe dos ombros e o seu rosto moreno e atraente estava emoldurado pelo elmo dourado. As pessoas viam-no passar boquiabertas e, depois, ouvi correr rumores pela multidão de que afinal não era Artur, mas sim o rei Lancelot, o herói trágico do reino perdido de *Benoiic* e o homem que casaria com a princesa Ceinwyn. A multidão ficou deslumbrada com Lancelot e quase nem reparou em Artur, que trazia um colete de couro e parecia embaraçado por estar em *Caer Sws*.

Nota do Autor

Não causa surpresa que o período Arturiano da História da Grã-Bretanha seja conhecido como a Idade das Trevas, pois quase nada sabemos sobre os acontecimentos e as personalidades desses anos. Nem podemos tão-pouco ter certeza que Artur existiu, apesar de tudo levar a crer que um grande herói britânico chamado Artur (ou Arthur ou Artorius) terá reprimido temporariamente as invasões dos Saxões durante os primeiros anos do século VI D.C. Durante a década de 540, Gildas escreveu uma história desse conflito: o *De Excidio et Conquestu Britanniae* e poderia se esperar que tal obra fosse uma fonte autorizada das proezas de Artur, mas Gildas não menciona sequer o nome de Artur, fato a que invariavelmente se apegam aqueles que põem em causa a sua existência.

No entanto, há provas anteriores de que Artur existiu. Por volta dos meados do século VI, exatamente quando Gildas estava escrevendo a sua história, os registros dos sobreviventes apresentam um número incomum e surpreendente de homens chamados Artur, o que sugere uma moda repentina de ter filhos com o mesmo nome de um homem famoso e poderoso. Tal prova está longe ser conclusiva, assim como o não é a primeira referência literária a Artur, uma breve referência no grande poema épico *Y Gododdin*,

escrito por volta do ano 600 D.C. para celebrar uma batalha entre os Britânicos do Norte (uma hoste mantida a hidromel) e os Saxões, mas muitos especialistas acreditam que a referência a Artur é uma interpolação mais tardia.

Depois desta referência duvidosa em *Y Gododdin* temos de esperar mais duzentos anos para a existência de Artur ser registrada numa crônica por um historiador, intervalo este que enfraquece a autoridade da prova. No entanto, e apesar disso, Nennius, que compilou a sua história dos Bretões durante os últimos anos do século VIII, faz muito por Artur. Significativamente, Nennius nunca o chama de rei, descrevendo antes Artur como o *Dux Bellorum*, o Chefe das Batalhas, título que eu traduzi por o Senhor da Guerra. Nennius estava certamente valendo-se dos antigos contos populares, que eram uma fonte fértil alimentando os cada vez mais frequentes recontos da história de Artur e que atingiram o auge no século VIII, quando dois escritores de países diferentes transformaram Artur num herói para todos os tempos.

Na Grã-Bretanha, Geoffrey of Monmouth escreveu a sua mítica e maravilhosa *História Regum Britanniae* enquanto em França o poeta *Chrétien de Troyes* acrescentou, entre outras coisas, Lancelot e Camelote à mistura real. O nome *Camelot* podia ter sido pura invenção (ou então arbitrariamente adaptado do nome romano de *Colchester Camulodunum*), mas, tirando isso, *Chrétien de Troyes* valia-se certamente dos mitos bretões que deviam ter preservado, tal como os contos populares galeses que alimentavam a história de Geoffrey, memórias genuínas de um antigo herói. Depois, no século XV, Sir Thomas Malory escreveu *Lê Morte d'Arthur*, que constitui a proto-versão da nossa flamejante Lenda de Artur com o seu Santo Graal, a tábola redonda, graciosas donzelas, animais de caça, feiticeiros poderosos e espadas encantadas.

É provavelmente impossível deslindar esta tradição tão rica e conseguir encontrar a verdade sobre Artur, se bem que muitos o tivessem tentado e muitos mais sem dúvida vão tentar de novo.

Artur tanto é apresentado como um homem do norte da Grã-Bretanha, como do *Essex* ou do *West Country*. Um estudo recente identifica categoricamente Artur como sendo um governante galês do século VI chamado *Owain Ddantgwyn*, mas, como os autores dizem depois que "não há nada registrado sobre *Owain Ddantgwyn*", este estudo não se revela de grande utilidade. *Camelot* tem sido diversamente situado em *Carlisle*, *Winchester*, *Cadbury* do Sul, *Colchester* e uma dúzia de outros lugares. A minha escolha nesta questão é no mínimo inconstante e fortalecida pela certeza de que não existe nenhuma resposta verdadeira. Dei a *Camelot* o nome inventado de *Caer Cadarn* e situei-a em *Cadbury* do Sul, no *Somerset*, não porque ache que seja este o lugar mais provável (se bem que também não pense que seja o menos provável), mas porque conheço e amo essa parte da Grã-Bretanha. Podemos escavar o quanto quisermos, mas o que podemos seguramente deduzir da história é que um homem chamado Artur viveu provavelmente nos séculos V e VI, que era um grande Senhor da Guerra mesmo que nunca tenha sido rei, e que as suas maiores batalhas foram travadas contra os invasores saxões.

Podemos saber muito pouco sobre Artur, mas podemos concluir muitas coisas sobre os tempos em que ele provavelmente viveu. A Grã-Bretanha dos séculos V e VI deve ter sido um lugar terrível. Os protetores romanos partiram no início do século V e os Bretões romanizados foram assim abandonados a um círculo de temíveis inimigos. De Oeste vinham os Irlandeses, que se dedicavam à pilhagem e que eram parentes celtas próximos dos Britânicos, mas, não obstante, invasores, colonizadores e escravizadores. A Norte situava-se o estranho povo das Terras Altas escocesas, sempre pronto a vir para Sul com os seus ataques destrutivos. Mas nenhum destes inimigos era tão temido como os odiados Saxões, que primeiro atacaram, depois colonizaram e, mais tarde, capturaram o leste da Grã-Bretanha e, no devido momento, o coração da Grã-Bretanha e lhe deram um novo nome Inglaterra.

Os Bretões que enfrentaram estes inimigos estavam longe de estarem unidos.

Os seus reinos pareciam gastar tanta energia lutando uns contra os outros como opondo-se aos invasores, e estavam também, sem sombra de dúvida, divididos no campo ideológico.

Os Romanos deixaram um legado de leis, indústria, erudição e religião, mas a esse legado devem ter-se oposto muitas tradições nativas que tinham sido violentamente reprimidas durante a longa ocupação romana, mas que nunca desapareceram por completo, sendo o Druidismo a maior dessas tradições. Os Romanos esmagaram o Druidismo por causa das suas associações com o nacionalismo britânico (portanto anti-romano) e substituíram-no por uma confusão de outras religiões incluindo, como é claro, o Cristianismo. Uma opinião erudita sugere que o Cristianismo se espalhou na Grã-Bretanha pós-romana (se bem que fosse um Cristianismo irreconhecível para as mentes modernas), mas sem dúvida que o paganismo também existia, principalmente no campo (pagão vem da palavra latina para gente do campo), e quando o Estado romano se desfez, os homens e as mulheres devem ter se agarrado a tudo o que fosse sobrenatural. Pelo menos um especialista moderno sugeriu que o Cristianismo se mostrava compreensivo em relação aos restos do Druidismo britânico e que os dois credos existiam numa cooperação pacífica, mas a tolerância nunca foi a maior virtude da igreja e duvido das suas conclusões. Em minha opinião, a Grã-Bretanha de Artur era um lugar tão atormentado pelas divergências religiosas como o era pelas invasões e pela política.

Em certo momento, as histórias de Artur tornam-se bastante cristianizadas, principalmente no tocante à sua obsessão pelo Santo Graal, se bem que possamos duvidar de Artur saber ou não da existência de tal cálice. No entanto, as lendas sobre o Santo Graal podem não se limitar a invenções posteriores, pois têm semelhanças notáveis com contos populares célticos de guerreiros

à procura de caldeirões mágicos; contos pagãos aos quais, tal como aconteceu na mitologia arturiana, os autores cristãos deram, mais tarde, o seu brilho piedoso, enterrando assim uma tradição arturiana muito mais inicial que agora existe apenas nas vidas muito antigas e obscuras de alguns santos celtas.

Surpreendentemente, essa tradição descreve Artur como um vilão e um inimigo da Cristandade. Parece que a igreja céltica não gostava de Artur e as vidas dos santos sugerem que era por causa de ele sequestrar o dinheiro da igreja para custear as suas guerras, o que podia explicar o porquê de Gildas, um homem da igreja e o historiador contemporâneo mais próximo de Artur, se recusar a dar-lhe crédito pelas vitórias britânicas que impediram temporariamente o avanço dos Saxões.

É claro que o Espinheiro Sagrado poderia ter existido em *Ynys Wydryn* (*Glastonbury*), se acreditarmos na lenda segundo a qual José de Arimatéia trouxe o Santo Graal para *Glastonbury* em 63 D.C., se bem que essa história só tivesse realmente sido conhecida no século XIII, suspeito que a minha inclusão do Espinheiro em *O Rei do Inverno* seja um dos meus deliberados anacronismos. Quando comecei a escrever o livro estava determinado a excluir todo e qualquer anacronismo, incluindo os enfeites de *Chrétien de Troyes*, mas tais puritanismos teriam excluído Lancelot, Galaad, a Excalibur e *Camelot*, e muito outras figuras, tais como Merlim, Morgana e Nimue. Terá Merlim existido? As provas da sua vida são ainda menos convincentes do que as de Artur e é muito pouco provável que os dois tenham coexistido. Todavia são personagens inseparáveis e me pareceu impossível deixar Merlim de fora. Felizmente, muitos anacronismos puderam, no entanto, ter sido abandonados e, como tal, o Artur do século V não usa armadura nem uma lança medieval. Não tem nenhuma mesa redonda, se bem que os seus guerreiros (e não cavaleiros) tivessem, à maneira céltica, festejado muitas vezes formando um círculo no chão. Os seus castelos teriam sido feitos de terra e madeira e não de pedra atorreada e altaneira e, infelizmente, duvido que algum braço

vestido com samito branco, místico e maravilhoso, tenha surgido do nevoeiro para agarrar a sua espada para toda a eternidade, apesar ser quase certo que os tesouros pessoais de um grande chefe fossem, por ocasião da sua morte, lançados ao lago como uma oferenda aos deuses.

A maior parte dos nomes das personagens do livro são retirados de registros dos séculos V e VI, mas sobre as pessoas ligadas a esses nomes não sabemos quase nada, tal como também sabemos muito pouco sobre os reinos da Grã-Bretanha pós-romanos na realidade as histórias até discordam do número e do nome desses reinos.





Dumnónia existiu, tal como existiu *Powys*, e o narrador do romance, Derfel (pronunciado à maneira galesa, Dervel?) é identificado em alguns dos primeiros romances como um dos guerreiros de Artur e é referido que mais tarde se tornou monge; mas nada mais sabemos sobre ele. Outros, como o bispo Sansum, existiram sem dúvida e continuam hoje sendo conhecidos como santos, embora pareça que poucas preciosas virtudes eram exigidas a esses primeiros homens sagrados.

O Rei do Inverno é, então, um romance sobre a Idade das Trevas, no qual a lenda e a imaginação devem compensar a escassez de registros históricos. Uma coisa de que podemos estar completamente certos é do amplo fundo histórico: uma Grã-Bretanha na qual estão ainda presentes as cidades romanas, as estradas romanas, as vivendas romanas e algumas maneiras de ser romanas, mas também uma Grã-Bretanha sendo rapidamente destruída pelas invasões e pelos conflitos sociais. Alguns dos Bretões já tinham abandonado a luta e tinham se estabelecido na *Armórica*, na Bretanha, o que explica a persistência das histórias arturianas nessa parte da França.

Mas, para os Bretões que continuaram na sua amada ilha, esta foi uma época em que procuraram desesperadamente a salvação, tanto espiritual como militar, e nesse lugar conturbado apareceu um

homem que, pelo menos durante algum tempo, repeliu o inimigo. Esse homem é o meu Artur, um grande senhor da guerra e um herói que lutou contra probabilidades impossíveis com tal resultado que, mesmo passados mil e quinhentos anos, os seus inimigos ainda amam e veneram a sua memória.

Document Outline

-  
-  
 - 